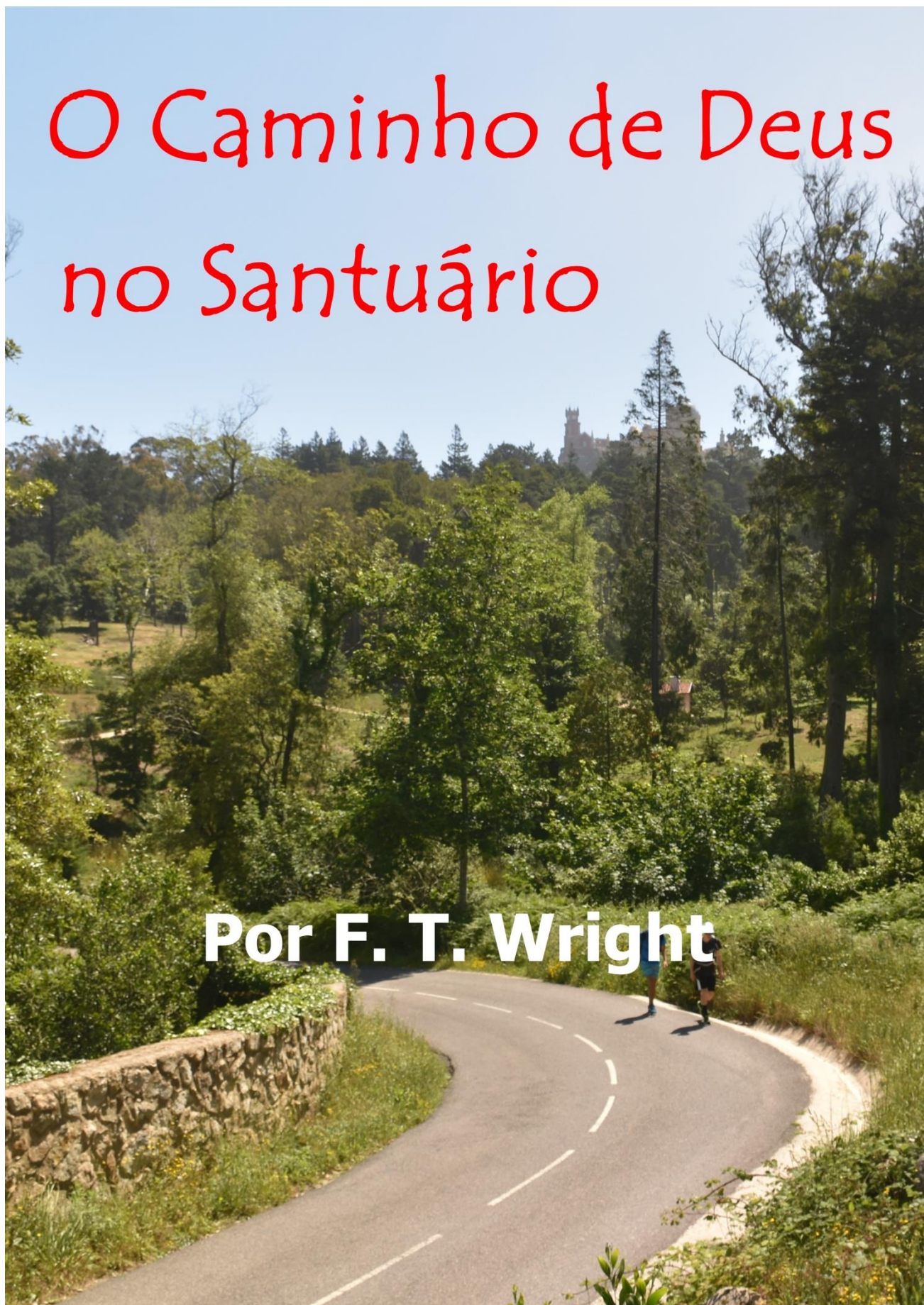


O Caminho de Deus no Santuário

Por F. T. Wright



O Caminho de Deus

no Santuário

Por F.T. Wright

Nota do Autor:

Há apenas um único caminho de salvação. O único que foi formado na mente de Deus e no qual não há um só traço de invenção humana. Cabe aos homens procurarem diligentemente até encontrarem esse caminho. Porque em nenhum outro há salvação. Em vez de fazerem isto, os religiosos têm procurado obter libertação do pecado e da morte nos seus próprios termos até o mundo hoje estar cheio de uma infindável lista de propostas de salvação. O pesquisador da verdade é confrontado com todas estas confusões até olhar para o santuário onde os caminhos de Deus são revelados tão claramente que ninguém precisa errar.

O CAMINHO DE DEUS NO SANTUÁRIO não é uma apresentação fria e técnica como tem sido tantos livros acerca do santuário. Ele é uma viva incursão espiritual em todos os aspectos do edifício e seus serviços e foi escrito para dar a todos os crentes uma experiência mais rica e mais positiva.

Nota do tradutor:

Esta publicação é a tradução da série de estudos com o título original "God's Way in the Sanctuary", para a língua portuguesa como "O Caminho de Deus no Santuário".

A série começou a ser publicada pelo autor em Abril de 1980 na revista "The Messenger and News Review". O último capítulo da série foi publicado em Novembro de 1983.

Durante este período, a versão (1985) da tradução publicada neste volume foi a base de estudo do grupo de crentes em Portugal e mantém o mesmo conteúdo à data da tradução e tem por finalidade, como naquela altura, apoiar o estudo em curso da mensagem proclamada por F. T. Wright sobre o tema do santuário pelo grupo de crentes em Portugal.

Esta edição, em fase de revisão a fim de corrigir algumas imperfeições ortográficas, será em breve publicada na versão revista.

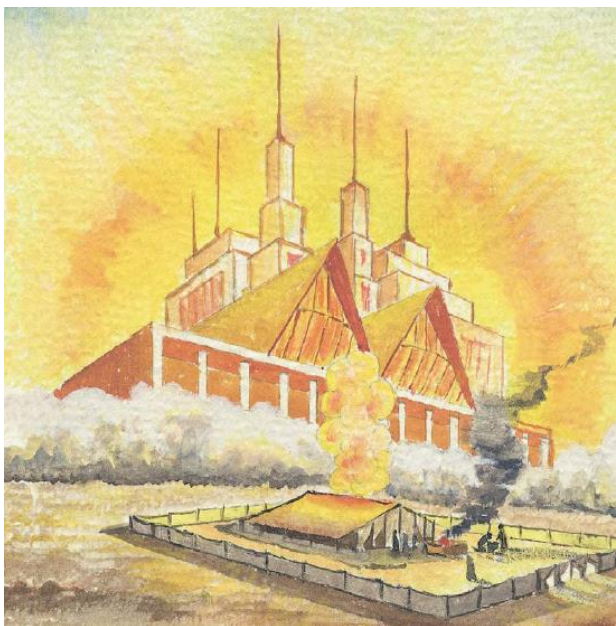


Índice

Os Marcos Permanecem	9
Um Papel Indispensável	11
Três coisas fundamentais	12
A Revelação dos Caminhos de Deus	16
Para que Eu Possa Habitar Neles	24
Dadores de Semente	30
Uma Linhagem Superior	36
Sementes e Sementes	43
Os Dois Maridos	50
Uma Mente Propriamente Sua	55
A Contrapartida Espiritual	58
A Expição	62
Na Cruz	65
No Lugar Santo	66
No Lugar Santíssimo	67
Com o Bode Emissário	68
O Alcance Total.....	68
O Sacrifício Expiatório	69
A Páscoa.....	71
O Filho Pródigo	72
Um Salvador Ressuscitado.....	73
A Oferta Queimada	75
A Oferta Queimada.....	76
Como uma Expição	80
A oferta de Libação.....	80
A Expição Pelos Pecados de Ignorância – I	82
A Expição Pelos Pecados de Ignorância – II	88
A Expição Pelos Pecados de Ignorância – III	93
A Expição pela Culpa – I	99
A Expição Pela Culpa – II	105

A Bezerra Ruiva.....	110
O Edifício	116
Cristo em Vós.....	117
Pó Amaldiçoado pelo Pecado	118
Assim era!.....	118
Porquê Carne Pecaminosa?	122
Não Necessário para Comunicação.....	123
Mostrando que a Lei Podia ser Guardada	123
Contrastando os caracteres de Deus e de Satanás	124
O Seu Casamento com a Humanidade	126
A Sua Morte Sacrificial.....	128
Em Resumo	128
O Adorno Interior – I	129
O Adorno Interior – II	135
O Lugar Santíssimo	141
A Presença	142
A Arca e o Seu Conteúdo	146
A Expição no Lugar Santíssimo – I.....	152
A Expição no Lugar Santíssimo – II.....	158
A Expição no Lugar Santíssimo – III.....	164
A Expição no Lugar Santíssimo – IV.....	170
A Expição no Lugar Santíssimo – V.....	177
A Expição no Lugar Santíssimo – VI.....	183
A Expição no Lugar Santíssimo – VII.....	189
A Expição no Lugar Santíssimo – VIII.....	195
A Expição no Lugar Santíssimo – IX.....	201
A Expição no Lugar Santíssimo – X.....	206
A Expição no Lugar Santíssimo – XI.....	212
A Expição no Lugar Santíssimo – XII.....	219
Uma Luta Agonizante.....	225
A Expição com o Bode Emissário.....	232
A Presença Interior do Espírito Santo.....	238
A Advertência da Vinda do Julgamento	245
Os Tempos Proféticos – I	251

<i>Os Tempos Proféticos – II</i>	257
<i>Os Tempos Proféticos – III</i>	263
<i>A Contrafacção</i>	270



A Mensagem para o nosso Tempo
(Publicado na revista “The Messenger and News Review”, Abril 1980)

Capítulo 1

Os Marcos Permanecem

“A passagem que, acima de todas as outras, havia sido tanto a base como a coluna central da fé do advento, foi: “Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado.” *O Conflito dos Séculos*, 408.

A doutrina do santuário coloca os adventistas separadamente como um povo peculiar. Distingue-os como um movimento diferente e separado de todas as outras igrejas e foi um ponto de intensa controvérsia entre elas. Sem estas poderosas verdades nunca teria havido um segundo movimento adventista nem a proclamação da terceira mensagem angélica. Uma obra mundial teria sido deixada por fazer e a causa de Deus estaria longe de ser daquilo que é hoje.

Os primeiros adventistas reconheceram o papel fundamental desempenhado por estas verdades e representaram-nas com grande amor e tenacidade, de tal maneira que era inconcebível pensar que a igreja pudesse chegar ao lugar em que não mais as representava. É verdade que um adventista sem santuário, muito simplesmente, deixa de ser adventista.

Mas chegou a altura em que ministros em particular estão divulgando certas dúvidas acerca dos antigos marcos do adventismo. Aqui estão alguns pensamentos que tenho ouvido expressar num passado muito recente, não por jovens ministros que nada sabem do adventismo do passado, mas por homens que aprenderam a fé do advento antes dela começar a ser poluída com o modernismo que a tem arrastado ao longo dos últimos trinta anos. Quando estes homens treinados para o ministério em Avondale, Carmel ou Longburn, o ensino do santuário, das duas mil e trezentas tardes e manhãs, o juízo investigativo, e a expiação final eram fortemente salientados nas aulas.

Se um estudante não fosse capaz de compreender esta parte da mensagem, certamente não era considerado apto para se tornar um ministro na igreja. Naqueles dias, de qualquer maneira, enfraquecer ou pôr de parte o santuário como uma questão, era quase inconcebível. Portanto, ouvir homens com este tipo de passado e experiência sugerindo dúvidas a respeito das verdades adventistas

fundamentais, é o que uma pessoa menos espera. Se fossem apenas os homens novos a dizê-lo, não seria surpresa.

Os homens de mais idade estão a exprimir estes pensamentos actualmente.

Eles dizem que a mensagem do santuário não pode ser aprovada somente pela Bíblia. Por conseguinte, na realidade, é um ensinamento do Espírito de Profecia, que não devia ser aceite se não pudesse em primeiro lugar ser encontrado nas Escrituras. Eles declaram que *Hebreus* 9-10 nega a existência de dois compartimentos no Céu; não ensina que Cristo entrou no lugar Santíssimo e repudia a ideia de dois ministérios diferentes, dizem que não é possível provar que os dois mil e trezentos dias terminaram em 1844, que Antiochus Epiphanes cumpriu a profecia como um tipo, e que por isso, deve ser cumprido outra vez no antítipo.#

Com efeito eles estão declarando, se bem que protestem verbalmente de maneira diferente, que o adventismo é um completo engano e que o movimento não tem justificação para existir. Este tem que ser verdadeiro porque se as verdades que deram existência# ao movimento são demonstradas falsas, então esse movimento certamente não tem o direito de existir. É necessário dissolve-lo e dizer-se aos membros que se a liguem à igreja em existência que tem o direito de existir pelo mérito do que possui e por ensinar a pura verdade de Deus.

Realmente não devia ser sentida surpresa por estes acontecimentos. Ele é o inevitável resultado das decisões tomadas pelos membros e dirigentes da igreja durante os últimos cem ou mais anos. O santuário é a revelação do Evangelho como se encontra em Cristo Jesus. Ele revela mais completamente do que qualquer outra revelação bíblica, a importância e o alcance dos serviços cumpridos por Cristo a fim de efectuar a completa purificação de todo o pecado e a administração dessa perfeição necessária para a re-admissão no céu. Portanto, se há uma rejeição do Evangelho, a vida e significação saem do santuário deixando apenas uma morte, formalismo sem significado. Isto coloca a verdade defendida pelo santuário numa posição onde não mais podem adequadamente defender os seus próprios ensinamentos. À medida que verificam que são batidos consecutivamente pela derrota, eventualmente chegam à dúvida, e por fim ao abandono da sua própria mensagem.

Quando pouco tempo depois de 1844, apesar das claras e sérias advertências dadas ao povo adventista, permitiram deixar-se ir para a condição de Laodicéia, perderam, a sua compreensão do evangelho. Isto continuou até que veio em verdade a mensagem do terceiro anjo em 1880, em que a rejeitaram e repetiram este cumprimento na década de 1950. Colocaram-se a si mesmos numa posição em que se tornou impossível para eles defender a verdade do santuário. Estes afastamentos actuais da mensagem original é portanto aquilo que deve ser esperado sob as circunstâncias. Todavia nem por um momento estes factos indicam que a mensagem em si mesma é inválida ou tem erros.

Será o propósito desta série de estudos estabelecer a veracidade e oportunidade da terceira mensagem angélica. O grande segundo movimento adventista não foi um erro. Deus foi o Autor e o Director dele e finalizá-lo-á na devida altura. A mensagem do santuário foi dada para preparar um povo para a vinda do Salvador e realizá-la-á. Há dois compartimentos no santuário celestial tal como era na terra e Jesus procedeu à sua entrada no lugar Santíssimo com o ministério no primeiro compartimento. Os 2300 dias começaram em 457 A.C. e terminaram em 1844 D.C. .

Em nenhum sentido da palavra foi Antiochus Epiphanes um cumprimento da profecia de *Daniel* 8. Ele foi apenas um rei selêucida, cujo papel na história tem sido ampliado pelos sacerdotes jesuítas, determinado para desacreditar a Reforma Protestante.

Além disso, será mostrado que tudo isto pode ser provado pela Bíblia. Afinal, quando William Miller foi chamado pessoalmente por Deus para pregar estas verdades, o Espírito de Profecia escritos pela pena de Ellen G. White não existiam. Mesmo as correcções à mensagem apresentada por O.R.L. Croiser e Hiram Edson não foram tiradas de outro lado senão da Bíblia. Por conseguinte, se eles descobrissem estas verdades apenas na Bíblia, então isso com certeza ainda pode ser feito hoje. O Espírito de Profecia é portanto uma maravilhosa confirmação do que a Bíblia já contém.

Neste estudo o procedimento será apresentar a verdade como ela se encontra na Bíblia e apenas na Bíblia. Quando a questão for convenientemente provada desta fonte, então o Espírito de Profecia será

introduzido para confirmar que a Bíblia ensina e para demonstrar a perfeita harmonia entre os dois. Desta forma a confiança e a veracidade do Espírito de Profecia será estabelecido. Isto está em harmonia com a forma como a luz do Espírito de Profecia foi dada no desenvolvimento da tríplice mensagem angélica. Primeiramente Deus abriu as mentes dos pioneiros para verem a verdade nas Escrituras depois do que, enviou a confirmação através do Espírito de Profecia. O resultado deste sistema foi o estabelecimento de uma fé muito forte nos Testemunhos dados através do profeta. O mesmo sistema produzirá igual resultado hoje.

Um Papel Indispensável

O santuário é tão importante que a obra de Deus neste mundo não pode ser terminada sem ele. Este facto deve ser mantido fortemente em mente enquanto estudamos *Daniel* 8, porque isto é uma chave para o entendimento desta profecia.

Depois do dilúvio, a iniquidade que fez com que a terra fosse devastada muito rapidamente ganhou de novo raiz e cresceu com vigoroso crescimento. Deus não interfere enquanto a iniquidade se desenvolve, mas opera para contrariar estas forças destrutivas. De acordo com isto, chamou Abraão, planeando através dele para levantar uma nação composta de povo justo a quem Ele pudesse equipar e usar para encher toda a terra com justiça.

“Em ti”, informou Deus a Abraão, “serão benditas todas as famílias da terra”. Gén. 12:3

Para que eles cumprissem a sua missão, precisavam de certas facilidades, uma das quais era uma base de operações. Igualmente deviam ser uma nação distinta e separada, precisavam de uma terra a que chamassem propriamente sua e isto o Senhor prometeu que lhes daria.

“E estabelecerei o Meu concerto entre Mim e ti e a tua semente depois de ti em suas gerações, por concerto perpétuo, para ser a ti por Deus, e à tua semente depois de ti.

“E te darei a ti, e à tua semente depois de ti, a terra de tuas peregrinações toda a terra de Canaã em perpetua possessão, e ser-lhes-ei o seu Deus”. Gén. 17:7,8

Aqui Deus estava apenas repetindo a promessa já feita a Abraão em Gén. 12:6,7; 13:14-18

A terra indicada era chamada de Canaã, que hoje é conhecida por Palestina. Era estrategicamente situada onde era nesse tempo o cruzamento dos caminhos da terra. Com o Egipto situado ao Sul e poderosas nações ao Norte, Este e Oeste, Canaã era a estrada natural dos comerciantes ligando estes mercados atractivos. Por isso todo o mundo tinha a oportunidade de ver a prosperidade e caracteres elevados que Deus pretendia mostrar através do Seu povo.

“Vedes aqui vos tenho ensinado estatuto e juízos, como me mandou o Senhor meu Deus, para que assim façais no meio da terra a qual ides a herdar”.

“Guardai-vos pois, e fazei-os, porque esta será a vossa sabedoria e o vosso entendimento perante os olhos dos povos, que ouvirão todos estes estatutos, e dirão: Este grande povo só é gente sábia e entendida”.

“Porque, que gente há tão grande, que tenha deuses tão chegados como o Senhor nosso Deus, todas as vezes que o chamamos?”

“E que gente há tão grande, que tenha estatutos e juízos tão justos como toda esta lei que hoje dou perante vós?” Deut. 4:5-8

Confrontados com essas evidências convincentes dos frutos dos caminhos de Deus, as nações da terra seriam levadas a investigar esses ensinamentos e em contrapartida a aceitá-los. Era a intenção de Deus que o templo de Jerusalém se tornasse uma casa de oração para todos os povos da terra.

“E os filhos dos estrangeiros, que se chegarem ao Senhor, para O servirem, e para amarem o nome do Senhor, sendo deste modo servos Seus, todos os que guardarem o Sábado, não o profanando, e os que abraçarem o Meu concerto;

“Também os levarei ao Meu santo monte, e os festejarei na casa de oração; os seus holocaustos e os seus sacrifícios serão aceites no Meu altar; porque a Minha casa será chamada casa de oração para todos os povos.

Assim diz o Senhor Jeová, que ajunta os dispersos de Israel; ainda ajuntarei outros aos que já se lhe juntaram”. Is. 56: 6-8

O Senhor tem um grande plano para Israel.

Eles não foram trazidos para o Seu favor e lhes foi dada uma terra separada apenas para estabelecer a sua própria prosperidade, segurança e conforto. Foram comissionados a render um serviço a Deus e à humanidade que se designava a mudar a face da história. A incomparável tragédia da história humana é o seu fracasso em atingir o destino que lhe foi dado por Deus.

Cumprir a sua obra requeria sacrifício numa situação onde era muito mais confortável usar os tesouros confiados para sua própria vantagem. É preciso fé para ver e aceitar os princípios em que o seu próprio futuro depende de uma estrita concordância com o procedimento de Deus e planos para eles. Precisavam reconhecer que aquilo que para eles parecia ser o caminho para o completo cumprimento; era de facto a verdade do desastre.

Três coisas fundamentais

Não havia absolutamente a necessidade de falharem, porque Deus deu-lhes todas as facilidades necessárias com as quais cumpririam a sua tarefa. Eles tinham a luz da Sua verdade, a certeza da Sua proteção, preparação pessoal física e boa saúde, e a terra. Mas havia entre estas facilidades, três que são consideradas tão elevadas em importância que receberam menção especial em *Daniel* 8. Elas eram os serviços do santuário, libertação da escravidão, e o ministério diário no templo. Enquanto o povo tivesse isto, a obra de Deus podia avançar até alcançar o sucesso, mas fossem eles privados destas coisas e a causa de Deus seria desmoronada até elas serem restauradas. Isto é um facto e princípio que é crítico na compreensão e operação da obra de Deus.

Satanás compreendeu isto completamente. Portanto, tem sido o seu objectivo constante escravizar o povo de Deus, destruir o santuário, e acabar o ministério diário. Um exame da triste história de Israel revela que todas as vezes que Satanás ganhou influência, assegurou que isto fosse realizado.

Os serviços diários foram estabelecidos às portas do Éden quando o homem foi expulso do Jardim por causa do seu pecado. Adão e Eva, e Abel, trouxeram o cordeiro sacrificado a Deus todos os dias como um sinal da sua fé e aceitação da expiação pessoal de Cristo pela iniquidade.

Depois do dilúvio, Abraão continuou esta prática. Ele e a sua casa eram livres, e os serviços diários foram continuados por toda a sua vida. Assim a obra de Deus podia e realmente avançou, uma vez que a sua fé alcançou o poder de Deus para colocar vida onde havia morte. Mas quando Israel foi levado para o Egipto e colocado sob o seu domínio, o sistema sacrificial cessou.

Houve um forte desejo no coração de Moisés de o recomeçar. De acordo com isso, pediu ao Faraó que os deixasse ir de caminho três dias ao deserto para oferecer sacrifícios a Deus.

“E eles disseram: O Deus dos *Hebreus* nos encontrou, portanto deixa-nos agora ir caminho de três dias ao deserto, para que ofereçamos sacrifícios ao Senhor e Ele não venha sobre nós com pestilência ou com espada.” *Êxodo* 5:3.

É óbvio que durante o cativeiro no Egipto, Israel certamente não estava a construir o reino de Deus. Deus libertou-os desta opressão de modo que pudessem ser novamente um povo livre, pudessem reinstaurar os serviços diários, construir o santuário, e estabelecerem-se na terra prometida. Tudo isto foi alcançado e a plataforma estabelecida para a bem sucedida conversão do mundo para a justiça. Isto não devia ter apresentado problemas reais porque o poder e riquezas do lado recto eram imensamente maiores do que do outro. Não teria sido de admirar se Israel tivesse rapidamente realizado a sua missão. A admiração é que eles não o fizeram.

Olhai desta forma. Duas nações iniciam uma luta pela supremacia. Uma delas tem dez milhões de soldados, o armamento mais moderno, e a liderança mais experiente e capaz do mundo. Do outro lado estão apenas alguns soldados pobremente equipados, e um chefe que não se compara com os generais opositores. Todos creram na conclusão antecipada que o pequeno exército não tinha hipótese de vitória. Que coisa atônita se ele obtivesse a vitória sobre a força maior!

Do lado de Israel estavam os recursos de todo o universo enquanto que o seu general era Jesus Cristo, o mais especializado e experiente general que existe. Satanás tem apenas os seus anjos e os homens ímpios e ele não se iguala a Cristo com líder. Pareceria uma conclusão lógica que as forças de Deus rapidamente resolveriam o problema e restabeleceriam a justiça na terra. Porém a maravilha das maravilhas, foi que veio ser o contrário.

Com tanta dificuldade foi o povo estabelecido em Canaã, que o diabo os persuadiu a seguir os seus próprios planos em vez dos planos de Deus, com o resultado que depressa perderiam a sua liberdade em favor das várias nações que viviam em seu redor. Todas as vezes que isto aconteceu, o santuário foi destruído e o ministério também foi retirado. Assim foram privados da sua liberdade, do ministério diário, da terra, e do santuário. Durante qualquer desses períodos a obra de Deus parou completamente. De facto, pior do que isso, perdeu terreno enquanto as forças inimigas ganhavam consideravelmente.

Nos dias de Gideão por exemplo, os midianitas, os amalequitas, e os filhos do oriente vieram sobre a terra para a destruir, de tal maneira que Israel foi grandemente empobrecido.

“Porém os filhos de Israel fizeram o que parecia mal aos olhos do Senhor; e o Senhor os deu nas mãos dos midianitas por sete anos.”

“E, prevalecendo a mão dos midianitas sobre Israel, fizeram os filhos de Israel para si, por causa dos midianitas, as covas que estão nos montes, e as cavernas e as fortificações.”

“Porque sucedia que, semeando Israel, subiram os midianitas e os amalequitas, e também os do oriente contra eles subiam.”

“E punham-se contra eles em campo, e destruíam a novidade da terra, até chegarem a Gaza: e não deixavam mantimento em Israel, nem ovelhas, nem bois, nem jumentos.”

“Porque subiam com os seus gados e tendas, vinham como gafanhotos, em tanta multidão que não se podiam contar, nem a eles nem aos seus camelos; e entravam na terra, para a destruir.”

“Assim Israel empobreceu muito pela presença dos midianitas: então os filhos de Israel clamaram ao Senhor.” *Juízes* 6:1-6.

O altar de Baal foi erguido em lugar do altar de Deus. O primeiro passo dado por Deus para a libertação de Israel disto, foi instruir Gideão para destruir o altar de Baal juntamente com o bosque que estava ao pé deles e, depois reconstruir o altar de Deus, para nele oferecer o sacrifício.

“E aconteceu naquela mesma noite, que o Senhor lhe disse: toma o boi de teu pai, a saber, o segundo boi de sete anos: e derriba o altar a Baal, que é de teu; e corta o bosque que está ao pé dele.”

“E edifica ao Senhor teu Deus um altar no cume deste lugar forte, num lugar conveniente: e toma o segundo boi, e o oferecerás em holocausto com a lenha que cortares do bosque.”

“Então Gideão tomou dez homens dentre os seus servos, e fez como o Senhor lhe dissera: e sucedeu que, temendo ele a casa de seu pai, e os homens daquela cidade, não o fez de dia, mas fê-lo de noite.” *Juízes* 6:26-37

Deus através de Gideão deu outra vez a liberdade ao povo, a sua terra, o ministério e os serviços diários do santuário, e assim restabeleceu as condições para a obra de Deus ser continuada. Lamentavelmente, depressa voltaram aos seus próprios planos com os seus consequentes desastres. Contudo nos dias de Davi, a obra chegou perto da finalização se bem que ainda estivesse longe do objetivo total. A exterminação das nações adoradoras de ídolos que os rodeava foi levada à maior extensão do que já havia sido, durante o reinado do segundo rei de Israel, e foram estabelecidos planos para a construção de um edifício para o templo permanente em substituição da estrutura desmontável que servia desde os dias de Moisés, mas infelizmente, Salomão não podia desfrutar grande riqueza e poder, e estabeleceu os pés de Israel nas veredas da apostasia que cresceu sem controlo até caírem sob o domínio de Babilónia.

Uma vez mais Satanás viu que eles foram privados da sua terra, da sua liberdade, do ministério diário, e do santuário, pois ele sabia muito bem que a perda destas coisas lhe assegurava que eles não podiam avançar com a obra de destruir o reino. Durante aqueles setenta anos, em que estas coisas lhe foram tiradas, o povo de Deus podia marcar tempo e esperar até serem restaurados. Depois de setenta

anos, Deus ungiu Ciro, para os libertar, e decretou a permissão para que eles voltassem para Jerusalém. À sua chegada ali, a tarefa prioritária era reconstruir a cidade e o templo enquanto que ao mesmo tempo reinstaurar os serviços diários.

Daniel, que compreendeu com grande clareza o propósito de Deus para Israel e o papel chave a ser desempenhado pelo contínuo e o santuário, sem dúvida que acariciou a esperança que, ao ter lugar a restauração do cativo, Israel não mais falharia. Ele ansiava ver o estabelecimento permanente da sua liberdade, sua terra, santuário, e serviço diário, através de tudo o que começaria a libertação do povo de todo o pecado, o estabelecimento da justiça eterna, e a exaltação de Cristo como vencedor sobre o diabo.

Todavia isto não devia acontecer através do nacional Israel. Em visão, Deus abriu os angustiados olhos de *Daniel* e dura ilustração do futuro envolvendo o crescimento e queda da Média e Pérsia, Grécia, e Roma, primeiro pagã e depois papal. No futuro distante, ele viu que o povo perderia outra vez a sua liberdade, o santuário seria derribado, tirado o contínuo, e o Príncipe do Concerto substituído nos corações dos homens pelo homem do pecado, o filho da perdição.

“E de uma delas saiu uma ponta mui pequena, a qual cresceu muito para o meio-dia, e para o oriente, e para a terra formosa.”

“E se engrateceu até ao exercito do céu; e a alguns do exercito, e das estrelas, deitou por terra, e as pisou.”

“E se engrateceu até ao Príncipe do exercito; e por ele foi tirado o contínuo, e o lugar do seu santuário foi lançado por terra.”

“E o exército lhe foi entregue, com o contínuo, por causa das transgressões; e lançou a verdade por terra; fez isso, e prosperou.” *Daniel* 8:9-12.

Daniel sabia que não havia possibilidade para o reino de Deus ser estabelecido nestas condições. Era uma triste ilustração daquilo que parecia ser uma interminável continuação do passado. A pergunta natural era se isto iria de facto continuar para sempre ou se haveria um tempo em que o modelo seria quebrado, o pecado terminado, e a justiça eterna introduzida. Chegariam os filhos de Deus alguma vez ao tempo em que nunca mais fossem privados da sua liberdade, contínuo e santuário? Esta era a questão, e ela foi posta e respondida em *Daniel*. 8:13,14.

“Depois ouvi um santo que falava; e disse outro santo àquele que falava: Até quanto durará a visão do contínuo, e da transgressão assoladora, para que seja entregue o santuário, e o exército, a fim de serem pisados?”

“E ele me disse: Até duas mil e trezentas tardes e manhãs e o santuário será purificado.” *Daniel* 8:13.14

Por muito tempo antes desta visão ser dada, o santuário e o exército tinham sido pisados com a conseqüente perda do contínuo e a privação da terra. Isto devia continuar por muito tempo no futuro mas não para sempre. Estava para vir um tempo em que nunca mais o santuário e o exército seriam pisados e o contínuo tirado. Esse tempo seria no fim dos dois mil e trezentos dias.

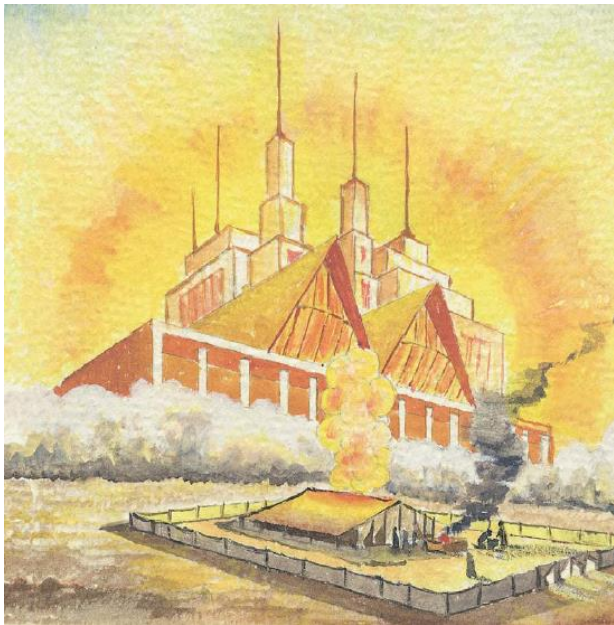
Com a vinda dessa data seria assegurado que, uma vez que o verdadeiro povo de Deus nunca mais seria levado à escravidão babilónica, e nunca mais seria privado do santuário e do contínuo, a obra seria finalizada, e posto um fim ao pecado e pecadores, introduzida a justiça eterna, e Cristo exaltado para sempre como Rei dos reis e Príncipe da Paz.

Nunca deve ser esquecido que *Daniel* 8:14 é a resposta à pergunta feita no versículo anterior. Portanto a determinação da data em que o período de tempo termina é a declaração para o exército de Deus que terão perante si a oportunidade para completar a sua missão, porque sabem que nunca mais serão levados em cativo, perderão o santuário e o seu maravilhoso Sumo-sacerdote, ou o ministério diário do sumo sacerdócio.

Assim a escritura. “Até dois mil e trezentos dias; e o santuário será purificado, (“...restaurado ao seu legítimo estado.” Versão standerizada revista), é de valor incalculável para o verdadeiro povo de Deus. Não admira que ela seja olhada de lado pelos inimigos da verdade. Deixai que o seja. A verdadeira ovelha rejubilará na possessão de tão maravilhosa gema de verdade viva. Inspirados pela

sua promessa, armados pelo poder de Deus que o disse, eles seguirão em frente como o mais poderoso exército da história humana, cheio de amor, sabedoria, carácter, e poder do Altíssimo para vencer as forças das trevas – para sempre.

Então “... os entendidos, resplandecerão, como o resplendor do firmamento; e os que a muitos ensinam justiça, refulgirão como as estrelas sempre e eternamente.” *Daniel*12:3.



A Mensagem para o nosso Tempo
(Publicado na revista "The Messenger and News Review", Maio 1980)

Capítulo 2

A Revelação dos Caminhos de Deus

O santuário no céu é o serviço específico através do qual Deus dá a salvação do pecado e a solução definitiva para os problemas que a transgressão introduziu no universo. Esta é a provisão pela qual o salvador é capaz de administrar os benefícios da expiação feita no calvário. Portanto é a revelação do evangelho, o vivo poder de Deus para salvar do pecado.

“Portanto, pode também salvar perfeitamente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles.” *Hebreus. 7:25*

Esta intercessão é feita no santuário no céu do qual Cristo é o Sumo Sacerdote.

“Ora a suma do que temos dito é: que temos um Sumo Sacerdote tal, que está assentado nos céus à destra do trono da Majestade;

“Ministro do santuário, verdadeiro tabernáculo, o qual o Senhor fundou e não o homem.” *Hebreus 8:1 e 2.*

É pela virtude desse ministério no santuário celestial, que Cristo é capaz de salvar perfeitamente aquele que vem a Deus através d’Ele. Isto não quer dizer que o sacrifício na cruz não tem parte na salvação do homem porque indubitavelmente tem. Sem o sacrifício supremo e sem mancha de Cristo, ninguém teria salvação, mas ao mesmo tempo tem que ser reconhecido que se Cristo não tivesse feito mais do que oferecer a Sua vida, continuaria a não haver salvação.

A intercessão de Cristo no santuário celestial é tão essencial no plano de Deus para a libertação do pecado como foi o sacrifício de Cristo na cruz. É o meio pelo qual os benefícios desse sacrifício são trazidos ao alcance do suplicante.

Por outras palavras, aquilo que Cristo obteve pela Sua crucificação, deve ser administrado por Aquele que tem o poder para trazer esses elementos vitais da vida ao que perece.

Paulo compreendeu claramente este princípio, declarando-o nestas palavras:

“Porque se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de Seu filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela Sua vida.” *Romanos 5:10*.

O princípio aqui envolvido pode ser ilustrado até certo ponto da seguinte maneira. Imaginemos que um homem está preso à espera da execução da sua sentença de morte. Entretanto, o seu pai que tem grande influência junto do governador da terra, está pedindo o perdão. Ele assegura-o com sucesso, mas isto não quer dizer que o filho que está a mil quilómetros, está realmente livre nesse momento. O perdão, na forma de autoridade escrita para libertar o prisioneiro, tem que lhe ser trazido onde ele está, e tem de ser aceite por ele antes de ser liberto. Se, no caminho da viagem do governador até a prisão, o pai é morto e o perdão destruído, o filho perece tão segura e completamente como se o perdão não tivesse sido obtido.

Semelhantemente a redenção assegurada por Cristo no Calvário, não fará qualquer bem a uma pessoa a menos que seja trazida e aceite onde ela está. Jesus somente, através do ministério do Espírito, pode realizar esta obra vital. Portanto, se Cristo tivesse permanecido no túmulo em vez de ressuscitar e subir ao céu como Sumo Sacerdote do santuário celestial, a raça humana estaria tão perdida como se Cristo não tivesse morrido. O calvário teria sido um desperdício sem valor.

“E, se Cristo não ressuscitou, logo é vã a nossa pregação, e também é vã a nossa fé.

“E assim somos também considerados como falsas testemunhas de Deus, pois testificamos de Deus, que ressuscitou a Cristo, ao qual, porém, não ressuscitou, se, na verdade, os mortos não ressuscitam.

“Porque, se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou.

“E se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados.

“E também os que dormiram em Cristo estão perdidos.” *1 Coríntios 15:14-18*.

O que Cristo ganhou no calvário, foi com Ele para o túmulo. Satanás desejou e esperou poder fechar as portas daquela prisão ao Salvador para sempre, mas como um vencedor sobre a morte e a sepultura, o Senhor ressuscitou para levar o precioso dom da salvação consigo para o santuário celestial de onde o administra àqueles que o recebem.

A ilustração dada acima é inadequada num ponto, porque Cristo ganhou muito mais para a humanidade do que perdão. O prisioneiro na parábola acima saiu da prisão com a mesma vida com que entrou. A sua mente e atitude podem ter sido mudadas mas a natureza interior certamente não foi. É preciso muito mais do que uma sentença de prisão e ameaça de morte para mudar o carácter do homem. Ninguém pode assegurar, que o assassino uma vez liberto, não volte a cometer os mesmos crimes outra vez. Na maioria dos casos esses fazem-no. Muitos saem dos seus aprisionamentos mais endurecidos e perigosos do que quando entraram.

Porém Cristo trás mais do que o perdão. Ele tira essa velha natureza má e coloca uma nova em seu lugar. Então dia a dia Ele opera com o homem no interior e exterior a fim de o prepara para o juízo investigativo do julgamento. No terrível dia de investigação, o Sumo-sacerdote celestial apresenta ao exame do Pai a Sua obra humana acabada, confiante que aquilo que Ele fez terá a medida dos mais exactos padrões de justiça e assim será.

Esta obra abrange uma vasta série de actividades e requer a aplicação de todo o poder e alcance do Evangelho. Para que isto seja possível, tem que haver um santuário no céu e Cristo, Sumo Sacerdote, ministro desse edifício.

Portanto, não importa quão gloriosa e gratamente uma pessoa possa exaltar as maravilhas do sacrifício do Calvário, se há um fracasso em ver e pregar a igual importância da obra a ser feita no santuário, será a perda de um ministério essencial para salvação. Pregam somente o evangelho o evangelho de Cristo a cruz, como parte apenas dos completos serviços pelo pecado que se estende além do Calvário para as cortes da glória onde Cristo é o ministro do verdadeiro santuário que o Senhor fundou e não o homem.

A obra feita por Cristo no santuário é tão invisível aos olhos humanos como a obra feita no coração do homem. Contudo ela é tão real e importante, e se bem que a obra feita no santuário esteja tão distante e invisível, tem de ser compreendida por todas as pessoas nesta terra que sejam salvas.

Isto é assim porque há uma parte para o ser humano desempenhar como um cooperador de Cristo. Isto não está a provar que os homens fazem qualquer porção da presente obra de salvação, porque só Cristo o pode fazer, mas isso é dizer que a redenção não é automaticamente dada àqueles que compreendem o que Cristo está fazendo e oferecendo, e que dá os passos descritos por Deus na Escritura pelos quais aquelas bênçãos se tornam sua possessão.

O povo não é salvo na ignorância. É nesta condição que eles estão perdidos tal como disse Jesus: “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.” *João 8: 32*.

O Senhor através do profeta do passado avisa que “O Meu povo foi destruído porque lhe faltou o conhecimento:” *Oseias 4:6*.

Por isso conclui-se que aqueles que seriam participantes da rica corrente de bênçãos de salvação, devem compreender para si mesmos a posição e obra do seu grande Sumo Sacerdote no santuário celestial. Sem isto, ser-lhe-á impossível exercitar a fé que é essencial nesta altura, ou ocupar o lugar designado por Deus para eles ocuparem.

Deus reconheceu completamente esta necessidade e de acordo com isto deu os meios pelos quais toda a alma pode ver e compreender exactamente o que está acontecendo no céu e a construir um modelo exacto do santuário no céu e a instituir nesse edifício um ritual de serviços que reproduziam numa forma simbólica o verdadeiro ministério de Cristo em cima. Portanto, o que devotou tempo e energia para que em oração estudando o ministério terrestre pudesse compreender o celestial. De facto, não há outra forma de compreender verdadeiramente o ministério de cima senão através da parábola divinamente designada e provida, estabelecida em baixo.

É importante compreender que não havia mérito nos serviços do santuário terrestre. Eles não podiam e não remiram o pecado. Portanto, não tomaram o lugar do ministério de Cristo no céu mas serviu apenas para apontá-lo, revelá-lo, ensiná-lo aos que participavam nos seus serviços. A verdade acerca disto é fortemente salientada na Escritura.

“Porque tendo a lei a sombra dos bens futuros, e não a imagem exacta das coisas, nunca pelos mesmos sacrifícios que continuamente se oferecem cada ano, pode aperfeiçoar os que a Ele se chegam.

“Doutra maneira, teriam deixado de se oferecer, porque purificados uma vez os ministrantes, nunca mais teriam consciência de pecado.

“Nesse sacrifício, porem, cada ano se faz comemoração dos pecados.

“Porque é impossível que o sangue dos touros e dos bodes tire os pecados.

“Pelo que, entrando no mundo, diz: Sacrifício e oferta não quiseste, mas corpo me preparaste;

“Holocaustos e oblações pelo pecado não te agradaram.

“Então disse: Eis a que venho (no princípio do livro está escrito de Mim), para fazer, ó Deus, a Tua vontade.

“Como acima diz: Sacrifício e oferta e holocaustos e oblação pelo pecado não quiseste, nem te agradaram; os quais se oferecem segundo a lei;

“Então disse: Eis aqui venho, para fazer, ó Deus, a Tua vontade. Tira o primeiro, para estabelecer o segundo.

“Na qual temos sido santificados pela oblação do corpo de Jesus Cristo, feito uma vez.

“E assim todo o sacerdote aparece cada dia, ministrando e oferecendo muitas vezes os mesmos sacrifícios, que nunca podem tirar os pecados;

“Mas este havendo oferecido um único sacrifício pelos pecados, está assentado para sempre à dextra de Deus,

“Daqui em diante esperando até que Seus inimigos sejam postos por escabelo de Seus pés.

“Porque uma só oblação aperfeiçoou para sempre os que são santificados.” *Hebreus 10:1-14*.

Estes versículos tornam clara a distinção entre os multiplicados serviços e as ofertas sacrificais repetidas do santuário do Velho Testamento e a única expiação definitiva executada por Cristo. A última, depois de remover o pecado, estabelece a justiça enquanto a primeira não tinha poder para atingir estes resultados. Se tivesse, teriam cessado de ser oferecidos porque os crentes, uma vez

purificados, não tinham mais pecado nas suas vidas. Mas não é possível ao sangue de um novilho ou de um bode expiar o pecado.

Somente Cristo tinha vida que se media com a vida e lei de Deus e portanto só Ele podia providenciar a expiação do pecado. “E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos.” *Actos 4:12*. Além disso, apenas Ele tem a posição e poder para administrar os benefícios dessa expiação, de maneira que Ele e nenhum outro pode ser o verdadeiro ministro do verdadeiro santuário no céu.

É muito importante estabelecer que o serviço do santuário terrestre não foi dado para remir o pecado. Não há o mínimo de verdade em qualquer ideia que o Senhor o deu para este propósito. Foi para outro propósito que ele foi colocado no acampamento e o povo foi chamado a participar nos seus serviços. A menos que os intentos reais de Deus sejam vistos, será impossível compreender completamente e com exactidão o seu poder experimentado. Portanto, é vital que todo o estudante da Palavra passe tempo contemplando o propósito de Deus ao dar o santuário até a divina intenção ser claramente compreendida e firmemente fixado ao dar o santuário até a divina intenção ser claramente compreendida e firmemente fixado nas convicções.

O santuário do Velho Testamento foi erigido e os seus serviços instituídos para revelar aos filhos de Deus as operações no santuário celestial pelo qual e onde o Sumo Sacerdote é capaz; “Portanto, pode também salvar perfeitamente os que por Ele se chegam a Deus.” *Hebreus 7:25*. Que era “...uma alegoria para o tempo presente...”; “...que as figuras das coisas que estão no céu ...”; “a sombra dos bens futuros...” *Hebreus 9: 9,23; 10:1*.

Dois factos vitais são estabelecidos por estas Escrituras.

Um é que não houve elementos de invenção humana no planeamento do edifício e seus serviços. Apenas Deus formou estes planos e Moisés foi levado a construir todas as coisas segundo modelo que lhe foi mostrado no monte. Nem desvio ou modificação de qualquer natureza era permitida. Por conseguinte, não havia defeito nessa parábola perfeita e nenhuma falta pode ser descoberta nela. Se o estudante da Bíblia encontrasse nela elementos que não concordassem com a sua compreensão acerca do plano do evangelho, a falta estaria na sua compreensão, não na parábola dada por um Deus perfeito que não comete erros.

“Quando Moisés estava para construir o santuário como lugar de habitação de Deus, recebeu instruções para fazer tudo segundo o modelo que lhe fora mostrado no monte. Moisés era todo zeloso para fazer a obra de Deus; os homens mais talentosos e hábeis lhe estavam ao lado para realizar suas sugestões. No entanto não devia fazer uma campainha, uma romã, uma borla, uma franja, uma cortina ou qualquer vaso do santuário, que não fosse segundo o modelo mostrado.” *O Desejado de Todas as Nações*, 187.

O segundo ponto é que havia um único propósito possível para o estabelecimento do tabernáculo e seus serviços. Não era para proporcionar o perdão dos pecados nem simplesmente para embelezar o acampamento. Era para o propósito específico de providenciar uma exacta e compreensiva ilustração da obra a ser executada por Cristo como verdadeiro Sumo Sacerdote com o poder para remover para sempre todo o pecado da vida e do local de habitação dos Seus filhos.

Uma única conclusão possível poder ser tirada destes factos Escriturísticos. É que o tabernáculo e seus serviços na terra eram verdadeiramente ilustrações do templo Celestial e seus serviços. Têm que ser. Seria totalmente ilógico concluir outra coisa, e nada dizer a cerca das terríveis acusações que seriam igualadas ao carácter de Deus no momento em que fosse declarado que o terrestre não é uma verdadeira representação do celestial.

Não há ser que conheça a estrutura e serviços do celestial melhor do que Deus e ninguém está mais capazmente preparado para dar um modelo dele do que o Supremo Mestre. Ele tem declarado claramente que o santuário em baixo é modelado segundo o que está no céu. Portanto, se de qualquer maneira o modelo se desviasse do celestial até certo ponto Deus estava a enganar-nos. Ele era um mentiroso e não o Pai da verdade.

Deus certamente não nos tem enganado, todavia há aqueles que O têm acusado de o ter feito. Com certeza não o dizem abertamente, “Deus é um mentiroso”, mas fazem-no exactamente da mesma maneira realmente quando põe de parte o santuário como sendo uma revelação incerta do templo celestial, do seu sacerdócio, e ministério. Estão declarando, em directa contradição com a Sua declaração de intenções, que Deus proveu um santuário no Velho Testamento e seus serviços não revelam verdadeiramente o que Ele prometeu que revelaria. Isto é feito pelas igrejas Protestantes e Católica, onde a grandiosa mensagem do evangelho como revelada nos serviços do templo, não está sendo ensinada. Alguns vão mesmo mais longe para declarar que as Escrituras do Velho Testamento não são para os cristãos de hoje. Foram dados somente para os judeus e perdeu a sua vitalidade com o aparecimento dos escritos do Novo Testamento. Isto, certamente, é um falso raciocínio, pois a primeira dispensação foi uma grandiosa revelação da verdade e lançou os fundamentos sobre os quais a última dispensação foi construída. De facto o Evangelho do Novo Testamento não pode ser verdadeiramente compreendido excepto se o Velho for estudado em conjunto com ele.

Em termos práticos então, isto quer dizer que, assim como havia dois compartimentos no tabernáculo terrestre, também há dois no celestial. Assim como havia dois ministérios diferentes no terrestre, no primeiro e segundo compartimentos respectivamente, assim é no celestial. Assim como havia um pátio associado ao terrestre, assim há um relacionado com o santuário celestial.

A lista podia ser alargada até incluir todos os aspectos de um como uma ilustração verdadeira do outro, exacta, e digna de confiança.

Quão gratos podemos estar ao amado Pai que tem providenciado uma revelação de verdade que é a verdade. Há um maravilhoso sentido de segurança numa mensagem. É nesta categoria que a mensagem do santuário está.

Tem que ser reconhecido que certos textos apareceram a contradizer o testemunho do tabernáculo do Velho Testamento. Há alguns deste tipo em *Hebreus* que serão objecto de exame pormenorizado mais adiante neste estudo, e que tem sido a causa de muitos rejeitarem o princípio dos dois compartimentos no santuário do Céu com dois ministérios apropriados a cada um. Quão lamentável que preciosas almas tomem tal posição. Tivesse a sua fé sido ancorada na convicção que Deus é um Deus de verdade, teriam repousado no conhecimento que quando Ele falou, deu uma verdadeira e exacta ilustração do santuário no céu, fê-lo exactamente como prometeu. Eles nunca deveriam admitir então qualquer posição negando que há dois compartimentos e dois ministérios no santuário celestial. Em vez disso, pacientemente esperariam até que esta dificuldade fosse resolvida e os textos em *Hebreus* compreendidos como Deus pretendia que fosse.

A conclusão que deve haver dois compartimentos e dois ministérios é baseada na asserção de Deus, que no terrestre proveu uma verdadeira ilustração celestial. Seria de esperar que os escritos do Novo Testamento ensinassem em harmonia com este princípio. Paulo fá-lo determinadamente, como se verifica na seguinte passagem.

“Ora também o primeiro tinha ordenanças de culto divino, e um santuário terrestre.

“Porque um tabernáculo estava preparado, o primeiro em que havia o candelero, e a mesa, e os pães da proposição, ao que se chama o santuário.

“Mas depois do segundo véu estava o tabernáculo que se chama o santo dos santos.

“Que tinha o incensário de ouro, e a arca do concerto, coberta de ouro toda em redor; em que estava um vaso, que continha o maná, e a vara de Arão, que tinha florescido e as tábuas do concerto;

“E sobre a arca os querubins da glória, que faziam sombra no propiciatório; das quais coisas não falaremos agora particularmente.

“Ora, estando estas coisas assim preparadas, a todo tempo entravam os sacerdotes no primeiro tabernáculo, cumprindo os serviços;

“Mas no segundo só o sumo sacerdote, uma vez no ano, não sem sangue, que oferecia por si mesmo e pelas culpas do povo;

“Dando nisto a entender o Espírito Santo que ainda o caminho do santuário não estava descoberto enquanto se conservava em pé o primeiro tabernáculo,

“Que é uma alegoria para o tempo presente, em que se oferecem dons e sacrifícios que, quanto à consciência, não podem aperfeiçoar aquele que faz o serviço;

“Consistindo somente em manjares, e bebidas, e várias abluções e justificações da carne, impostas até ao tempo da correcção!

“Mas, vindo Cristo, o Sumo Sacerdote dos bens futuros, por um maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, isto é, não desta criação,

“Nem por sangue de bodes e bezerras, mas por Seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário, havendo efectuado uma eterna redenção.” *Hebreus 9:1-12*

Paulo aqui dá mais concisa descrição que deve encontrar-se acerca do santuário terrestre seus aprestos, e seus serviços. Estão na sua linguagem mais simples e clara que pode ser escrita declara que ele era uma “alegoria para o tempo presente...” Uma alegoria é uma representação exacta da coisa simbolizada. Portanto, Paulo positivamente transmite o pensamento que tão seguramente como o tabernáculo original, como na alegoria, contém dois compartimentos e dois ministérios diferentes, assim é no céu.

Para reforçar isto, uma pessoa tem apenas que considerar o seu uso da expressão “lugares santos”, usadas por Paulo na descrição do santuário celestial. Isto não é prontamente aparente na versão autorizada onde as palavras, “caminho do santuário”, são usadas para traduzir τὰ ἅγια (ta hagia). *Hebreus 9:8*. Literalmente a expressão TA HAGIA significa “lugares santos” no plural. Sendo aplicadas ao santuário celestial indica que Paulo sabia que havia mais do que um compartimento ou lugar santo no santuário celestial, exactamente como havia no terrestre.

Semelhantemente *João* descreve em Apocalipse a visão que lhe foi dada acerca do ministério de Cristo à direita de Deus no primeiro compartimento do santuário celestial. Ele viu o Pai sentado no Seu trono e perante Ele sete lâmpadas de fogo, que plenamente indica que essa cena se localiza no primeiro compartimento no céu.

“Depois destas coisas, olhei, e eis que estava uma porta aberta no céu: e a primeira voz, que como de trombeta ouvira falar comigo, disse: sobe aqui, e mostrar-te-ei coisas que depois destas devem acontecer.

“E logo fui arrebatado em espírito, e eis que um trono estava posto no céu, e um sentado sobre o trono.

“E o que estava assentado era na aparência, semelhante à pedra de jaspe e sardônica; e o arco celeste estava ao redor do trono, e parecia semelhante à esmeralda.

“E ao redor do trono havia vinte e quatro tronos; e vi assentados sobre os tronos vinte e quatro anciãos vestidos de vestidos brancos; e tinham sobre suas cabeças coroas de ouro.

“E do trono saíram relâmpagos, e trovões, e vozes; e diante do trono ardiam sete lâmpadas de fogo, as quais são os sete Espíritos de Deus.

“E haviam diante do trono um como mar de vidro, semelhante ao cristal. E no meio do trono, e ao redor do trono, quatro animais cheios de olhos, por diante e por detrás.” *Apocalipse 4:1-6*.

À medida que o Senhor continuou a desvendar perante *João* o desenrolar dos acontecimentos dos séculos futuros, a sua mente foi levada ao tempo em que os mortos eram julgados, e os santos recompensados, e os ímpios destruídos. Nessa altura, o templo de Deus estava aberto para o segundo compartimento, permitindo-lhe assim ver a arca do testemunho de Deus.

“E iraram-se as nações, e veio a Tua ira, e o tempo dos mortos, para que sejam julgados, e o tempo de dares o galardão aos profetas, Teus servos, e aos santos, e aos que temem o Teu nome, a pequenos e a grandes e o tempo de destruíres os que destroem a terra.

“E abriu-se no céu o templo de Deus, e a arca do Seu concerto foi vista no Seu templo: e houve relâmpagos, e vozes, e trovões, e terramotos e grande saraiva.” *Apocalipse. 11:18, 19*

A confirmação que estas eram visões do primeiro e segundo compartimentos é dada na passagem seguinte:

“Como foi declarado, o santuário terrestre fora construído por Moisés, conforme o modelo a ele mostrado no monte. Era uma figura para o tempo presente, no qual se ofereciam tanto dons como

sacrifícios; seus dois lugares santos eram ‘figuras das coisas que estão no céu;’ Cristo, nosso grande Sumo Sacerdote, é ‘ministro do santuário, e do verdadeiro tabernáculo, o qual o Senhor fundou, e não o homem.’ Sendo a visão concedida a *João* uma vista do templo de Deus no céu, contemplou ele ali ‘sete lâmpadas de fogo’ que ardiam diante do trono. Viu um anjo ‘tendo um incensário de ouro; e foi-lhe dado muito incenso, para o pôr com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro, que esta diante do trono.’ Com isto permitiu-se ao profeta ver o primeiro compartimento do santuário celestial; e viu ali as ‘sete lâmpadas de fogo’ e o ‘altar de ouro’ representados pelo castiçal de ouro e o altar de incenso no santuário terrestre. Novamente, ‘abriu-se no céu o templo de Deus’, e ele olhou para dentro do véu interno, no santo dos santos; ali viu a ‘arca do Seu concerto’, representada pelo escrínio sagrado construído por Moisés a fim de conter a lei de Deus.

“Moisés fizera o santuário terrestre ‘segundo o modelo que tinha visto’. Paulo declara que ‘o tabernáculo e todos os vasos do ministério, ‘quando se acharam completos, eram ‘figuras das coisas que estão no céu.’ E *João* diz que viu o santuário no céu. Aquele santuário em que Jesus ministra em nosso favor, é o grande original, de que o santuário construído por Moisés era uma cópia.” *Patriarca e Profetas*, 369, 370.

Mais atenção deve ser dada a estas particulares referências à medida que o estudo prossiga. De momento, o pensamento que deve ser estabelecido é que, a fim de encontrar a necessidade de cada crente conhecer e compreender a obra de Cristo em seu favor, o Senhor deu o santuário terrestre como uma representação exacta do templo celestial e seu santo ministério salvador. Deve ser acentuado que se não fosse uma representação perfeita do celestial, então não havia razão para ter sido dada. Isto é tão importante que toda a mensagem do santuário se mantém firme ou cai neste facto.

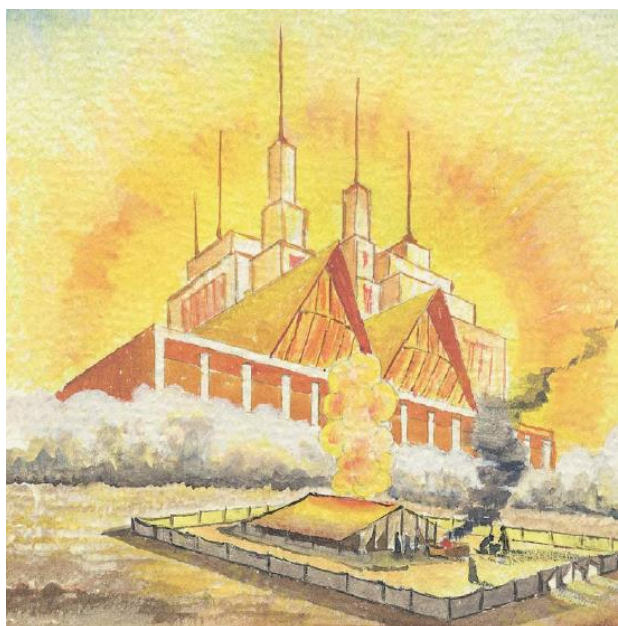
Então conclui-se que todo o que ganhasse a vida eterna precisava, especialmente nestes últimos dias em que uma obra especial de purificação e preparação é requerida a fim de se encontrar com Cristo sem ter passado pela sepultura, de ter um conhecimento raramente claro, compreensivo e preciso, acerca da obra mediadora de Cristo no céu. Isto não é possível excepto através dos meios dados por Deus para compreender isto, nomeadamente o tabernáculo terrestre torna-se o assunto de sincera meditação. Esta é uma provisão feita para assegurar-nos a vida eterna. Portanto, a redenção depende de muitas horas devotadas ao estudo deste tema tão importante.

“Satanás concebe inumeráveis planos para nos ocupar a mente, para que ela não se detenha no próprio trabalho com que deveremos estar mais bem familiarizados. O arquienganador odeia as grandes verdades que apresentam um sacrifício expiatório e um todo-poderoso Mediador. Sabe que para ele tudo depende de desviar a mente, de Jesus e Sua vontade.

“Os que desejam participar dos benefícios da mediação do Salvador, não devem permitir que coisa alguma interfira com seu dever de aperfeiçoar a santidade no temor de Deus. As preciosas horas, em vez de serem entregues ao prazer, à ostentação ou ambição de ganho, devem ser dedicadas ao estudo da Palavra da verdade, com fervor e oração. O assunto do santuário e do juízo de investigação deve ser claramente compreendido pelo povo de Deus. Todos necessitam para si mesmos de conhecimento sobre posição e obra de seu grande Sumo Sacerdote. Aliás, ser-lhes-á impossível exercerem a fé que é essencial neste tempo, ou ocupar a posição que Deus lhes deseja confiar. Cada individuo tem uma alma a salvar ou perder. Cada qual tem um caso pendente no tribunal de Deus. Cada um há-de defrontar face a face o grande Juiz. Quão importante é, pois, que todos contemplem muitas vezes a cena solene em que o juízo se assentará e os livros se abrirão, e em que, juntamente com Daniel, cada pessoa deve estar na sua sorte, no fim dos dias!

“Todos os que receberam luz sobre estes assuntos devem dar testemunho das grandes verdades que Deus lhes confiou. O santuário no céu é o próprio centro da obra de Cristo em favor dos homens. Diz respeito a toda a alma que vive sobre a terra. Patenteia-nos o plano da redenção, transportando-nos mesmo até ao final do tempo, e revelando o desfecho triunfante da controvérsia entre a justiça e o pecado. É da máxima importância que todos investiguem acuradamente estes assuntos, e possam dar resposta a qualquer que lhes peça a razão da esperança que neles há.

“A interceção de Cristo no santuário celestial, em prol do homem, é tão essencial ao plano da redenção, como o foi Sua morte sobre a cruz. Pela Sua morte iniciou essa obra, para cuja terminação ascendeu ao céu, depois de ressurgir. Pela fé devemos penetrar até o interior do véu, onde nosso Precursor entrou por nós.” (*Hebreus 6:20*) Ali se reflete a luz da cruz do Calvário. Ali podemos obter intuição mais clara dos mistérios da redenção. A salvação do homem se efectua a preço infinito para o céu; o sacrifício feito é igual aos mais amplos requisitos da violada lei de Deus. Jesus abriu o caminho para o trono do Pai, e por meio de Sua mediação pode ser apresentado a Deus o desejo sincero de todos os que a Ele se chegam pela fé.” *Conflito dos Séculos*, 487-489.



A Mensagem para o nosso Tempo
(Publicado na revista "The Messenger and News Review", Junho 1980)

Capítulo 3

Para que Eu Possa Habitar Neles

É através do santuário que a completa salvação é dada porque "...pode também salvar perfeitamente os que por Ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles." *Hebreus 7:25*.

É no santuário celestial que aquele ministério é levado avante de fase para fase até a obra da restauração estar completa e os santos estarem preparados para reentrar no Paraíso. Portanto, o tabernáculo terrestre deve e realmente revela compreensivamente, a natureza e progresso da obra em cima. Ele diz ao povo de Deus, como nenhuma outra coisa pode, exactamente quais as posições que devem ocupar e que passos devem dar para manter a paz com a obra de Cristo.

Ele faz mais do que simplesmente revelar o que deve ser feito a fim de ser admitido num lugar no mundo eterno. Também mostra na forma típica exactamente o que um cristão deve ser no mundo. Deus habitaria no templo do corpo tal como fez na estrutura material naquele tempo passado. Assim está estabelecido com grande clareza o princípio que a esperança da glória é "Cristo em vós." *Col. 1:27*

O tabernáculo terrestre e os seus serviços satisfaziam uma variedade de necessidades. Eleva perante o crente uma clara ilustração da forma como a divindade e humanidade devem ser combinadas nele, capacitando-o para ver que não precisa recluir-se por causa de estar revestido da caída carne pecaminosa, não pode guardar os mandamentos de Deus e fazer preparo para a sociedade dos anjos. Isto demonstra, como os serviços no edifício efectuaram as obras progressivas de justificação e santificação, e plenamente revela o desígnio do santuário celestial e o ministério lá realizado que torna efectivo aquilo que o tabernáculo terrestre prefigurava.

Um começo natural do estudo destes vários aspectos é o tabernáculo como a revelação do que Deus designou que o cristão fosse na vida e serviço. A partir desse ponto, o estudo prosseguira

através da revelação de como este modelo deve ser alcançado e continuado até à completa extensão da obra de Cristo no céu.

Quando Deus ordenou a Moisés que construísse o tabernáculo no deserto, indicou o Seu propósito ao dar esta comissão. Ele disse “E Me farão um santuário, e habitarei no meio deles” *Êxodo 25:8*

Mais tarde, disse: “ E porei o Meu tabernáculo no meio de vós, e a Minha alma de vós não se enfadará.”

“E andarei no meio de vós, e Eu vos serei por Deus e vós Me sereis por povo.” *Levítico 26:11,12*

Deus nunca pretendeu que eles deduzissem destas palavras que só a Sua presença entre eles devia ser na tenda no meio do seu acampamento físico. Ele planeou que eles devessem ver naquele edifício e seu divino ocupante uma ilustração das suas próprias vidas, pelo que deviam dar os passos necessários para trazer Deus dentro deles. Assim ao habitar na vida real de cada pessoa, Deus estaria no mais completo e verdadeiro sentido, habitando entre eles.

Paulo, cujo profundo discernimento espiritual o capacitou para compreender aquilo que Deus estava realmente a dizer, compreendeu o que Deus desejou que os israelitas vissem e fizessem. Isto é tornado claro pela forma como Paulo cita *Levítico 26:11,12*.

“E que consenso tem o templo de Deus com os ídolos? Porque vós sois o templo do Deus vivente, como Deus disse: “Neles habitarei e neles andarei; e Eu serei o seu Deus e eles serão o Meu povo”. 2 Cor. 6:16

Paulo declara que quando Deus disse no Velho Testamento que habitaria no meio deles, estava realmente a dizer que habitaria dentro deles. Bem pode perguntar-se porque motivo Deus não usou a palavra, “dentro”, em vez de “entre”, uma vez que a primeira é uma descrição mais precisa daquilo que Ele pretendia atingir. Mas isto não é realmente problema porque o facto é que Deus não pode habitar entre o povo a menos que habite dentro deles. Esse é um princípio fundamental do evangelho, que eles, através das facilidades educacionais do santuário e seus serviços, eram bem capazes de compreender. Por isso a palavra “entre”, era tudo o que precisavam para lhes transmitir a mensagem. Nos dias de Paulo, as trevas do erro tinham-se estabelecido tão fortemente nos professos cristãos que não eram capazes de ver tão claramente como deviam, que Deus só podia morar entre eles quando habitasse dentro deles. O mesmo se aplica ao nosso tempo.

No seu próprio tempo, Paulo teve que trabalhar arduamente, e muitas vezes sem sucesso para ensinar ao povo o princípio de Deus habitar dentro deles como a única esperança de glória. O Senhor reconheceu a profundidade do problema e, para o enfrentar, deu ao apóstolo as grandiosas revelações especiais acerca desta verdade juntamente com uma comissão pessoal de tornar este mistério conhecido de todos.

Acerca da Igreja Paulo escreveu: Da qual eu estou feito ministro segundo a dispensação de Deus, que me foi concedida para convosco, para cumprir a palavra de Deus;

“O mistério que esteve oculto desde todos os seculos, e em todas as gerações, e que agora foi manifesto aos Seus santos;

“Aos quais Deus quis fazer conhecer quais são as riquezas da glória deste mistério entre os gentios, que é Cristo em vós, esperança da glória.”

“A quem anunciamos, admoestando a todo o homem, e ensinando a todo o homem em toda a sabedoria; para que apresentemos todo o homem perfeito em Jesus Cristo:

“E para isso também trabalho, combatendo segundo a sua eficácia que obra em mim poderosamente”. *Col. 1:25-29*

Cristo em vós é um mistério. Não pode ser totalmente explicado mas pode ser experimentado; de facto deve ser, se a salvação tem que ser obtida, e pode ser compreendido num nível prático. Quando alcançado, é uma verdade maravilhosa e eficaz. É o método de Deus e o único meio dentro da lei, para trazer de novo o homem para a família celestial.

Portanto, tem que ser compreendido por toda a pessoa que aspira à libertação do pecado e do mundo pecaminoso.

Há uma teologia popular contemporânea que oferece a todos um lugar no céu desde que o crente esteja em Cristo, embora negue o princípio de Cristo em vós. Este ensinamento contém apenas uma promessa vazia, porque ninguém irá para o céu a não ser que Cristo esteja formado dentro dele, porque esta é a esperança da glória. Há um lugar para a mensagem que o crente tem que estar em Cristo, porém isto não pode ser toda a verdade, pois é só uma parte e não é suficiente por si mesma para dar completa libertação.

Cristo em vós é o mistério de Deus. Os mistérios não podem ser compreendidos facilmente e alguns nunca serão decifrados pela humanidade. Todavia este é um, que nenhum ser criado pode compreender a menos que a sua mente seja iluminada pelo Espírito Santo. Dificuldades são experimentadas em compreender como Cristo pode ser uma pessoa vivente activa no céu e simultaneamente estar nos múltiplos seres humanos nesta terra.

O problema torna-se ainda mais difícil que se recorda que Cristo é ainda um ser humano: Quando Deus Lhe deu a humanidade, foi na verdade um dom que não podia ser e jamais seria tirado. Eternamente, Cristo permanecerá Deus na carne. Se bem que a Sua carne seja imortal e santa, ser um humano coloca certas limitações sobre Ele como parte do infinito e eterno sacrifício que Ele fez para salvar o universo das intenções destruidoras do pecado.

Confundidos pela aparente impossibilidade que o homem Jesus Cristo estando no céu, a milhões de anos luz, e em milhares de pessoas nesta terra ao mesmo tempo, muitos têm abandonado a crença, que Cristo literal e pessoalmente habita em cada cristão verdadeiramente renascido, e têm confiado nesta verdade como sendo não mais do que uma figura de retórica. Isto é o mais lamentável, porque, quando a Bíblia fala de Cristo em vós, a esperança da glória, esta a dizer a verdade. Num sentido literal, Cristo tem que estar na pessoa se ela tiver qualquer esperança de entrar nos domínios da glória. O santuário ensina e confirma esta grande luz.

Antes disto ser investigado a partir das evidências dadas no santuário, seria melhor compreender a mesma luz sob o princípio da semente. Quando isso é compreendido, a mensagem do santuário brota muito mais enérgica e distintamente. Há uma boa razão para isto. Situa-se na verdade que o princípio da semente foi dado por Deus para ensinar aos homens e anjos o mistério de Deus, antes do santuário ser dados com o mesmo propósito.

Foi na criação original que o princípio da semente foi estabelecido. Deus instituiu a lei que toda a vida nesta terra excepto para algumas formas monocelulares muito simples tal como a ameba, começa com a semente. Um momento de reflexão acerca das diversas formas de vida demonstrará rapidamente que todas elas começam com uma semente. Olhai a erva, árvores, pássaros, peixes, borboletas, animais, répteis e seres humanos. Alguns podem argumentar que certas árvores começam por mergulhia ou enxerto, por conseguinte nestes casos a semente não estava envolvida. Contudo, o material usado para a mergulhia ou enxerto teve a sua origem numa semente.

O estabelecimento desta lei inviolável na terra era algo novo no que diz respeito à reprodução do homem. Os habitantes do céu criados não se reproduzem pela implantação de semente. Cristo declarou isto muito claramente quando estava em debate com os incrédulos judeus. Ele disse, “vós errais, não conhecendo as Escrituras, nem o poder de Deus;

“Porque na ressurreição não casam nem são dados em casamento, mas serão como os anjos de Deus no céu”. Mateus 22:29,30

Isto é confirmado pelo Espírito Santo de Profecia.

“Há homens hoje que exprimem a sua crença que haverão casamentos e nascimentos na nova terra, mas os que crêem nas Escrituras não podem acreditar em tais doutrinas. A doutrina que nascerão crianças na nova terra não é uma parte da “segura palavra de profecia”. As palavras de Cristo são demasiado claras para serem mal interpretadas. Elas devem estabelecer para sempre a questão dos casamentos e nascimentos na nova terra. Nem os que serão ressuscitados da morte, nem os que serão trasladados sem ver a morte, casarão ou serão dados em casamento. Serão como os anjos de Deus, membros da família real.” *Medical Ministry* 99,100 .

Portanto, a informação fornecida pela inspiração certifica que os anjos não têm poderes reprodutivos. Eles foram criados como Adão e Eva – seres perfeitos desde o princípio sem experiência do crescimento até à maturidade. Cada um foi a obra directa das mãos do Criador. Com que intenso interesse devem os anjos ter observado a introdução deste novo elemento.

“Todo o céu tomou um profundo e alegre interesse na criação do mundo e do homem. Os seres humanos eram uma ordem nova e distinta. Foram feitos “à imagem de Deus”, e era o desígnio do Criador que eles devessem encher a terra”. Review and Herald, 11 de Setembro de 1902

Não podemos estar completamente certos em toda a extensão de o homem ser uma nova e distinta ordem, à parte da certeza que ele foi dotado de poderes reprodutivos. Saber que é suficiente compreender o propósito especial a ser atingido pela criação do homem, e porquê quando esses propósitos tiverem sido atingidos, o processo reprodutivo será interrompido. Como se verifica no testemunho acima, não haverá nascimentos de crianças na nova terra. Para a família humana ocupar o mundo eterno terá que estar completamente preparada antes desse tempo, não admitindo adições depois disso.

A introdução de algo novo ainda que temporário no universo, indica que uma necessidade surgiu, que não havia aparecido anteriormente. A rebelião de Satanás chocou com o coração do sistema governamental, ao lançar uma sombra suspeita sobre a incomparável posição e autoridade de Cristo. A segurança do universo, e a tranquila e eficaz operação do governo divino, dependia duma clara compreensão por todos os habitantes celeste acerca do ministério de Deus, como estava escondido em Cristo. Chegou a altura, em que Lúcifer, cego pelo orgulho, perdeu de vista o que Deus tinha feito em e através de Cristo. O único resultado possível foi aberta e determinada rebelião contra Deus no que chegou a um ponto sem regresso. No seu firme propósito de alistar toda a população do universo do seu lado da luta, dirigiu o seu ataque contra o mistério de Deus em Cristo. Por conseguinte, tornou-se necessário que Deus provasse adicional clarificação acerca desta verdade fundamental, de modo que os anjos teriam uma melhor oportunidade para compreender por que motivo Cristo ocupava a posição que ocupava, e porque ninguém mais havia que pudesse partilhá-la com Ele.

Qual era, então a singular posição de Cristo e como servia a criação do homem, para dar uma revelação do Seu lugar e obra para além do que tinha sido dado antes?

Como supremo governador do universo, Deus tinha, por causa do Seu carácter de infinito amor, estabelecido uma forma de governo destinado a dar total liberdade, ilimitado campo de desenvolvimento, e perfeita felicidade e paz a todas as Suas criaturas. Como seres criados, nem são originados por si mesmos, nem se sustentam a si mesmos. Não podem, à parte de Deus, ter qualquer destas coisas. Deus é a fonte de tudo, e homens, juntamente com os outros habitantes do universo, são criaturas dependentes. A sua contínua existência está directamente dependente de um inquebrável e inesgotável reabastecimento de sustento vital por uma fonte capaz de suprir isto. Só o Trio Celestial – o Pai, Filho, e Espírito Santo – sendo Eles próprios totalmente auto-suficientes, são capazes de infundir fresca vitalidade em todos os seres criados.

É impossível para qualquer mente criada avaliar completamente as capacidades de Deus. Todavia, uma leve ideia pode ser ganha ao estudar a imensidão do universo e ao tentar medir o poder necessário para o manter correndo do mais alto ao mais baixo nível de atividade. Que imenso fluxo de energia deve proceder de Deus a cada momento a fim de realizar isto. Contemplai o Sol que arde continuamente com intensidade inalterável, século após século. Os homens podem computar a energia solar diária. A quantidade de energia produzida é prodigiosa, embora seja apenas um dos sóis mais pequenos. Cada um dos literais biliões de sóis estão simultânea e continuamente a ser alimentados com energia, por Deus a fonte de toda a vida e energia. Quão infinito em poder Deus tem que ser para fazer isto sem Ele próprio ser diminuído um pouco.

Quanto mais claramente a imensidão do poder de Deus é compreendida, mais plenamente será vista a diferença entre o poder ilimitado de Deus e limitado do homem. Mesmo o anjo mais brilhante, tal como foi Lúcifer, não pode começar a comparar-se com a fonte Omnipotente.

Esta quase infinita disparidade entre o Criador e as Suas criaturas criou um problema que tinha que ser resolvido, se o último tivesse que substituir e encontrar cumprimento nos vivos. Nem os anjos nem os homens podiam ir directamente à presença de Deus, porque eram incapazes de suportar o terrível poder que O rodeia. Contudo, tinha que haver uma ligação entre Deus e eles se tivesse que viver. Uma ilustração muito simples disto se bem que muito limitada é encontrada no fornecimento de electricidade que chega às casas modernas. Dentro a casa há diversos utensílios tal como máquinas de lavar, secadores e fogões. A corrente da estação geradora flui à tensão de 110.000 volts ou mais. Se isto estivesse ligado directamente aos utensílios domésticos, seriam destruídos. Para resolver este problema, são colocados transformadores na instalação para reduzir a corrente a um nível que as máquinas possam usá-la sem perigo. Não há outra solução possível.

Deus usou o mesmo princípio para ligar o golfo entre Si mesmo e os Seus seres. Ele providenciou em Jesus Cristo uma perfeita ligação de modo que o poder que chega ao Seu povo pode ser recebido em completa segurança. Esta é a única forma, pois Deus não podia reduzir o fluxo a fim de remover o obstáculo ao Seu direto acesso, pois todo o universo depende da conservação da saída de energia a um nível muito elevado.

Na toda-sabedoria, beneficência, e justo governo de Deus, cada pessoa está segundo a posição para a qual está qualificada. O próprio Deus está totalmente qualificado para ser a Fonte, mas não está preparado para ser o dispositivo de ligação. Nem Cristo estava originalmente. O Salvador é tão eternamente pré-existente como o Pai. Assim houve um tempo em que ele era Deus. O mesmo que o Altíssimo sempre tem sido, ainda é, e sempre será. Tivesse Cristo permanecido como originalmente era, nunca poderia ter desempenhado o papel de ligação, porque essa posição requeria a possessão não de uma vida, mas de duas – a vida do Criador e da criatura.

O tempo veio em que, ao serem realizadas as primeiras obras da criação, surgiu a necessidade de quem estabelecesse a ligação. Deus não foi apanhado de surpresa pois Ele sabia antes de começar a Sua obra criadora que haveria tal necessidade. Anteriormente à formação do primeiro mundo e seus habitantes, os Altíssimos Deuses entraram num eterno propósito em Cristo, que Ele, ao tomar sobre Si mesmo a forma e a vida de um anjo sem perder a Sua eterna divindade, qualificar-se-ia para desempenhar o papel de ligação eternamente.

Este acto de vestir um Deus Criador com o corpo e consequentes limitações de um ser criado é na verdade um mistério de Deus. Está fora do alcance da explicação e no entanto é um facto que deve ser aceite como tal pela fé. Esta verdade é vital para a salvação, porque a esperança da glória é Cristo em vós. Por esta razão, Deus o tem revelado muitas vezes na escritura tanto pela declaração como pela demonstração, sendo o santuário um forte testemunho para esse efeito.

Portanto o ministério de Deus não começou quando Cristo veio a esta terra revestido de carne e sangue humanos. Isso foi somente a continuação por extensão a um novo campo, do que Deus tinha proposto em Cristo Jesus. Antes desta manifestação do ministério de Deus o mesmo ministério foi estabelecido no céu onde Cristo nalgum ponto de tempo extremamente distante na eternidade, adoptou a forma dos anjos a fim de ser a perfeita ligação entre o Criador e a criatura.

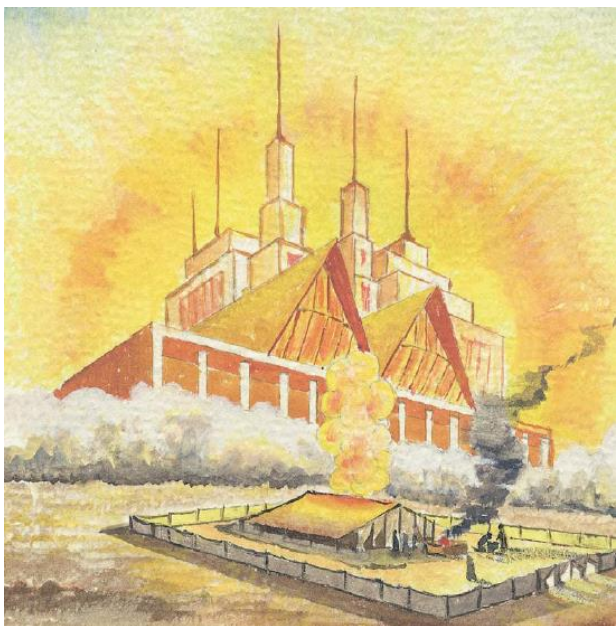
Foi este mistério que causou tal dificuldade a Lúcifer depois do seu orgulho o ter cegado para a recepção da verdade espiritual. Foi por causa das avançadas dúvidas e interrogações de Lúcifer acerca da maravilhosa provisão de Deus para os Seus seres, que Deus criou o homem e a mulher como uma parábola para revelar o princípio pelo qual duas vidas unidas produzem uma terceira, possuindo a vida de ambos os seres participante do casamento. Para que duas vidas produzam uma terceira que estava em ambos, estabeleceu-se o princípio da semente como a lei pela qual neste mundo, toda a vida devia encontrar o seu início. É desta forma que Cristo é capaz de estar em cada verdadeiro filho de Deus e no céu ao mesmo tempo.

Em cada filho concebido, este milagre é repetido. É lamentável que tão poucos tenham os seus olhos dirigidos desse modo para o maravilhoso mistério de que isto é a parábola divinamente instituída. Os que vêm para além da parábola, as verdades que Deus pretendeu que fosse aprendida dela, não terão dificuldade em compreender como Cristo pode estar em cada crente enquanto que Ele

mesmo está muito longe no céu. Quando um pai terrestre implanta a sua semente e nascem crianças, é verdadeiramente dito que ele está nessas crianças. Ninguém deve compreender por isto, que ele está fisicamente metido dentro das suas peles mas em vez disso, que ele está neles pelo processo da implantação da semente, germinação e crescimento. Está neles embora geograficamente possa estar largamente separado deles tanto quanto esta terra prometida.

Deste modo, Cristo habita nos Seus filhos. Por isso Ele é capaz de estar em milhões deles simultaneamente enquanto que geograficamente está num lugar muito distante. Toda a vida do dador da semente está na semente, portanto ter a semente de Cristo é ter a sua vida. Esta é a esperança da glória.

Ao construir Israel o santuário, foi o propósito de Deus habitar não apenas entre eles mas dentro deles. Isto pode ser cumprido somente pelo casamento da humanidade com a divindade de maneira que a semente divina é implantada dentro do recipiente humano e a vida de Cristo nasce outra vez no crente.



A Mensagem para o nosso Tempo
(Publicado na revista “The Messenger and News Review”, Julho 1980)

Capítulo 4

Dadores de Semente

O mistério de Deus é Cristo em vós, Deus na carne, ou a divindade habitando na humanidade. Estas são as três formas de exprimir a mesma verdade. Este mistério não tem fim, tendo sido estabelecido há muito tempo na eternidade do passado que está além do entendimento ou compreensão humana. Continuará eternamente no futuro, nunca vindo o tempo em que cessará de servir o glorioso propósito de Deus designou.

Por conseguinte, antes do pecado ter entrado no universo, havia três espécies de seres. Primeiramente, havia os Criadores, em segundo lugar as criaturas, e finalmente Cristo que tinha a vida de ambos.

Originalmente, Ele tinha apenas uma vida, a de Deus Criador, mas chegou o tempo em que, ao tornar-se o Filho unigénito de Deus, adquiriu a segunda vida adicional. A palavra “gerado” significa um processo em que duas vidas existentes são fundidas a fim de produzir uma terceira. Vários métodos são usados na natureza para juntar os elementos a ser fundidos, mas isto não altera o próprio processo em que duas forças vivas, derivadas de dois pais diferentes são unidas.

Extremamente distante na eternidade do passado está o primeiro acto de gerar que alguma vez teve lugar. Foi quando Cristo se tornou o Filho unigénito de Deus. Por causa da grande controvérsia se centrar à volta desse maravilhoso acontecimento e a posição em que ela projectou Cristo, é essencial que tanto quanto possível, seja compreendido acerca dela. Reconhecendo isto, Deus especialmente dotou a terra com a Sua inviolável lei, que nenhuma vida podia começar senão pelo processo de ser gerado. Ele pretende que leiamos nos reprodutivos processos da terra, alguma coisa da maravilhosa verdade contida no ministério de Deus.

A confirmação que o processo de ser gerado encontrado em tudo à nossa volta é uma verdadeira revelação do grande acto de geração original, é verificado na segunda experiência de Cristo ao ser gerado. Isto foi quando entrou na terra como Deus e homem. Isso foi um verdadeiro acto de geração

no sentido do processo que o homem conhece e compreende. Estas duas vidas estavam fundidas numa só – as vidas de Deus e do homem. Foi dito a Maria antes do nascimento de Cristo, “Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a Sua sombra; pelo que também o Santo que de ti há-de nascer será chamado filho de Deus.” Lucas 1:35. Não podia, de facto ter sido doutra maneira, porque Deus não podia dar uma parábola que fosse diferente daquilo que o antítipo representa e apesar disso continuasse a ser Deus verdadeiro. Como Deus não pode mentir, então pode ser conhecido com confiança que o processo reprodutivo na terra é uma verdadeira e exacta revelação de Cristo como Filho de Deus e anjo gerado.

Pode ser argumentado que havia outras formas pelas quais Cristo podia ter sido revestido com a natureza e corpo dos anjos, mas foi a sabedoria e o poder de Deus fazê-lo através do acto de gerar Cristo. Não há motivo para especular acerca de que outra maneira podia ter sido realizada, porque a única coisa é a forma como Deus o fez realmente. Cristianismo é uma religião revelada, portanto só aquilo que Deus revelou pode ser conhecido. Aquilo que Ele nunca desvendou não deve ser objecto de vã especulação.

Há a tendência para pensar que Cristo se tornou o Filho unigénito de Deus quando entrou no domínio terrestre por altura do Seu nascimento em Belém. Ele foi realmente gerado aqui, mas não foi então que se tornou o unigénito de Deus, pois já o tinha sido nos confins do tempo. Foi o filho unigénito de Deus que foi dado à família humana, não um Deus que se fez um Filho gerado.

“Porque Deus amou o mundo de tal maneira, que deu o Seu filho unigénito, para que todo aquele que n’Ele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.

“Porque Deus enviou o Seu Filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por Ele.” *João 3:16,17.*

Assim Cristo deu uma nova dimensão ao Seu papel como Filho unigénito de Deus, tornando o mistério de Deus mais compreensível tanto aos homens como aos anjos. A confirmação que Cristo já era o filho unigénito de Deus muito tempo antes de ter nascido em Belém, é dada em *Patriarcas e Profetas*, 36, onde está descrita uma reunião marcada por Deus para salvar tanto Lúcifer como os anjos do terrível engano que os ameaçava. Esta terra ainda não tinha sido criada, contudo, nessa altura, muito tempo antes da encarnação de Cristo em Belém, Ele era o Filho de Deus. Isto não era meramente um título que lhe fora dado. Era a descrição daquilo que Ele era de facto.

Notai neste testemunho o número de vezes que Cristo é referido como o Filho de Deus, enquanto o altíssimo é designado como Pai.

“O Rei do universo convocou os exércitos celestiais perante Ele, para, em Sua presença apresentar a verdadeira posição de Seu Filho, e mostrar a relação que Este mantinha para com todos os seres criados. O Filho de Deus partilhava do trono do Pai, e a glória do Ser eterno, existente por si mesmo, rodeava ambos. Em redor do trono reuniam-se os santos anjos, em uma multidão vasta, inumerável – ‘milhões de milhões, e milhares de milhares’ (Apocalipse 5:11), estando os mais exaltados anjos, como ministros e súbditos, a regozijar-se na luz que, da presença da Divindade, caía sobre eles. Perante os habitantes do céu, reunidos, o Rei declarou que ninguém, a não ser Cristo, o unigénito de Deus, poderia penetrar inteiramente em Seus propósitos, e a Ele foi confinado executar a vontade do pai na criação de todos os exércitos do céu; e a Ele, bem como a Deus, eram devidas as homenagens e fidelidades daqueles. Cristo ia ainda exercer o poder divino na criação da terra e de seus habitantes. Em tudo isto, porém, não procuraria poder ou exaltação para Si mesmo, contrários ao plano de Deus, mas exaltaria a glória de Seu Pai, e executaria Seus propósitos de beneficência e amor.” *Patriarcas e Profetas*, 16, 17.

Portanto as Escrituras revelam que Cristo era o Filho unigénito de Deus muito tempo antes de este mundo ter sido criado. A Sua posição peculiar, preparando-O para ocupar uma posição que nenhum outro ser podia preencher. Essa obra só podia possivelmente ser a de ligação entre o Altíssimo e Seus Filhos. Aqueles que não podem apreciar a necessidade de uma ligação por acreditarem que os seres sem pecado podem ir directamente a Deus por si mesmos, devem compreender que Deus reconheceu tanto a necessidade de uma pessoa, como deu Cristo para satisfazer essa necessidade. Uma vez que

não é difícil ver que seres pecadores precisam de um mediador, é também verdade que os seres sem pecado não podem ir directamente a Deus. Também têm que ter um mediador.

Isto é confirmado estudando dois factos a respeito do Salvador.

O primeiro é que Jesus Cristo era tão eternamente pré-existente como o Pai. Ele é um Deus completamente auto-suficiente sem princípio nem fim. “Em Cristo há vida original, não emprestada, não derivada”. O Desejado Todas as Nações, 507. Por conseguinte, Ele não encontrou a Sua origem no Pai, porque na realidade Ele não teve origem. Por isso, houve um tempo antes de qualquer anjo ou mundo ser criado, em que Jesus não era o filho unigénito do Pai.

A segunda grande verdade é que Ele se tornou o unigénito de Deus antes de esta terra ser criada.

“Houve um tempo em que Cristo saiu e veio de Deus, do seio do Pai. (*João* 8:42; 1;18). Mas isso foi há tanto tempo nos dias da eternidade que para a compreensão finita praticamente não tem princípio.” *Cristo e Sua Justiça*, 21,22, E.J. Waggoner.

Considerai agora estas verdades como elas se relacionam uma com a outra. Deus nada faz sem intenção. Portanto, tal como o segundo, o acto de gerar Cristo foi designado e executado para satisfazer uma necessidade específica. Doutro modo isso nunca teria acontecido. Nem teria havido qualquer motivo para isso, se Cristo tivesse sido o mesmo depois como antes disso – continuasse Deus e Deus apenas. Isto é o que Cristo teria permanecido se a procriação tivesse sido o resultado de um casamento entre Deus e Deus. Mas Cristo era diferente depois de ter sido gerado a partir daquilo que Ele era antes. Isto é provado pela visão de Lucifer, de uma grande diferença entre o Pai que nunca mudou em qualquer aspecto, e Cristo que mudou. Se bem que Ele não mudasse em carácter ou fosse privado do poder divino, contudo, quando revestido do corpo de um anjo e cercado pelas limitações que isto impôs, certamente pareceu ser diferente do Seu Pai. Isto foi como Lucifer O viu.

Tudo isto significa que Cristo ao ser gerado foi o resultado de um casamento entre Deus e as criaturas. Nenhuma informação é dada acerca de como isto aconteceu nem é necessário. O facto é que aconteceu e o resultado foi que Cristo tinha duas vidas – a vida do Criador e das criaturas.

O casamento entre Deus e a criatura não foi nos mesmos termos como um homem e uma mulher. Aqui requer-se um elevado conceito do casamento, ou a mente será confinada a um conceito terrestre. Enquanto é dada pouca informação na Escritura acerca da primeira vez em que Cristo incarnou, o que é revelado sobre a fusão do divino e humano que colocou Cristo no mundo, derramou grande luz sobre a procriação original de Cristo. As mesmas leis de reprodução sustentadas ali em ambas as situações, de modo que tão seguramente como Cristo saiu da última com a vida de Deus e homem, assim saíram da primeira com as vidas de Deus e anjo.

Consistente com os resultados da Sua encarnação na forma humana, Ele é correctamente chamado Deus e homem. Seria portanto de esperar que subsequentemente à Sua encarnação no céu há muito tempo no obscuro retrocesso da eternidade, seria chamado Deus e anjo. Em todo o Velho Testamento, Ele é chamado Anjo uma e outra vez. Ele é o Anjo que lutou com Jacó até ao romper do dia, que apareceu a Gideão, aos pais de Sansão, e a muitos outros. Vede *Génesis* 32:24-30; *Oseias* 12:3,4; *Patriarcas e Profetas*, 197-202; *O Conflito dos Séculos*, 616, 617; *Juízes* 6:11-24; 13:1-23; *S.D.A. Bible Comentary*; 2: 1006; *Patriarcas e Profetas*, 54.

Estas são apenas algumas das muitas referências que podiam ser citadas declarando que Cristo era o Anjo. Vede a anotação no fundo da página para uma lista mais compreensiva.

Deus é a verdade. Ele nunca mentiu. Quando portanto Deus se refere a Cristo como Homem, é um verdadeiro ser humano. Não é uma aparência, mas uma realidade. Semelhantemente quando Cristo é chamado um Anjo, Ele é um Anjo. Se não, então Deus não é um Ser verdadeiro, e isso é impossível. Podemos saber com grande certeza que antes da encarnação na família humana, Cristo era verdadeiramente Deus e verdadeiramente Anjo ao mesmo tempo. Tinha duas vidas pelo que era Ele o único qualificado para permanecer como ligação entre Deus e os Seus seres criados. Todas as comunicações entre as duas classes de seres passavam através de Jesus Cristo.

Ninguém podia partilhar a posição e obra de Cristo simplesmente porque não havia outros filhos de Deus gerados o que significa que nenhum outro estava qualificado para o posto. Mas havia um

que não compreendia estes princípios, crendo que podia ocupar a posição de Cristo tão bem como o próprio Miguel. Contudo tendo apenas a vida de um anjo nunca podia ser uma ligação eficaz entre Deus e os anjos. Se ele tivesse tomado o lugar de Cristo, a corrente de vida que vem de Deus teria cessado de fluir para o universo, tendo apenas um resultado - a morte de tudo. O Altíssimo no Seu infinito amor e sabedoria não tomaria parte num plano que privava da vida, não só do planeador, Lúcifer, mas também de todos os seres. Portanto, recusou dar ao não qualificado Lúcifer a posição que teria trazido o desastre sobre si mesmo e o resto dos anjos.

Satanás acusou Deus de arbitrariamente excluí-lo do lugar favorito, e empreendeu numa cerrada campanha para obter pelo engano e força o que não podia adquirir com justiça. Assim caiu ainda mais, privando-se a si mesmo e aos seus seguidores de um lugar no céu. Deixou atrás algumas questões profundas acerca do governo e carácter de Deus. O ataque era apontado directamente contra o mistério de Deus; a natureza peculiar, posição, e obra de Jesus Cristo.

Se Lúcifer tivesse sido dotado com as necessárias qualificações isto é, se, por ser o Filho unigénito de Deus, tivesse sido possuidor da vida de Deus como da vida dos anjos, teria sido bem acolhido para participar na obra e posição de Cristo. Deus não reservou arbitrariamente a posição de Arcanjo para o Seu Filho, enquanto que excluiu todos os outros. Era uma questão de qualificação.

A rebelião de Satanás criou a necessidade de dar uma revelação mais explícita do mistério de Deus. Por esta razão, o homem foi feito como uma classe nova e distinta com o poder de se reproduzir pela união de duas pessoas diferentes, um homem e uma mulher. O filho que era gerado desta união, tinha a vida de ambos os pais. Isto não era uma reprodução do mistério de Deus, mas era e ainda é, uma excelente parábola disso. Por isso os anjos eram capazes de compreender muito mais claramente o princípio de duas vidas para produzir uma terceira que tem a vida de ambos os pais. Assim eles podiam ver como Cristo veio a ser a única pessoa que é.

Com feroz intensidade, Satanás odiou esta provisão, porque ela expôs a falsidade das suas acusações contra a Fonte. Portanto, ele estava determinado a destruir a unidade da família de modo que a parábola fosse removida. Ele ainda estava triunfantemente ocupado nesta campanha como é evidenciado pela separação de lares, contendas familiares, divórcios, e assassinatos de esposos. Se o povo compreendesse o real propósito de Deus no casamento e que cada membro da família tem a sagrada obrigação de prever uma clara parábola do mistério de Deus perante os homens e anjos, quão mais cuidadosos seriam nas suas relações filiais.

Tivesse o homem resistido aos argumentos do diabo, teriam não só maravilhosamente revelado o mistério de Deus, mas teria sido levado para o céu para preencher os lugares deixados vagos por Satanás e seus seguidores. Essas faltas precisavam ser preenchidas, porque o céu é uma maravilha de ordem equilibrada.

“Deus criou o homem para glória de Si mesmo, para que depois de provada e julgada a família humana pudesse tornar-se uma com a família celestial. Era o propósito de Deus repovoar o céu com a família humana, se eles se tivessem mostrado obedientes a todas as Suas palavras.” *S.D.A. Bible Comentary*, 1:1082.

Satanás esta totalmente desperto acerca das intenções de Deus. Durante o julgamento dos vivos, encolerizadamente acusará Deus de dar seu lugar aos pobres, pecadores humanos que não têm comparação com a glória que era sua quando ocupava o lugar que eles deverão preencher.

“‘São estas, ’diz ele, ’as pessoas que hão de tomar o meu lugar no céu e o lugar dos anjos que se uniram a mim?’” *Testimonies*, 5:473; (*Testemunhos Selectos*, 2:176).

Adão e Eva, sendo apenas duas pessoas, não eram suficientes para suprimir a deficiência. Um vasto número da hoste angélica caiu com o diabo, requerendo uma reposição de igual número. No plano de Deus, o primeiro par devia reproduzir-se até este numero ser completamente atingido.

O preenchimento destas faltas exigia a possessão de uma só vida – a da criatura.

Foi dada a Adão a função de dador de semente pela qual podiam nascer por ele muitos filhos, cada um possuindo a mesma vida que ele tinha. Esta era a vida de uma criatura inteligente, isto era

tudo o que era necessário para os preparar para a ocupação das posições deixadas vagas pelo diabo e suas hostes.

Mas Satanás quebrou este plano seduzindo Adão e Eva para as suas fileiras, com o resultado que Adão não mais podia cumprir a responsabilidade de ser o dador da semente para a vida. Portanto, todo o filho nascido dele ou seu, nasce para morrer. Por causa de todos nós termos nascido de Adão através de suas de sua sucessivas gerações, é criticamente importante que a mudança de estado de Adão seja claramente compreendida. Quando for, haverá uma cura total do conceito que cristianismo é a modificação ou melhoria daquilo que foi recebido de Adão.

Dentro de uma semente está a vida completa do dador da semente. Tudo o que o dador da semente tem em si mesmo, estará na sua semente. Esta é a lei da reprodução e não pode ser alterada sob quaisquer circunstâncias. Por conseguinte, quando Adão perdeu a vida eterna e ficou sob o domínio da morte, essa morte que estava nele estava também na sua mente.

Consequentemente, todo o filho descendente de Adão herda a morte. Só por causa da mediação de Cristo, é ele capaz de continuar a existência por um curto período, mas o facto real é que nada tem da pureza imaculada da vida possuída pelos anjos e por isso pode tomar o seu lugar entre os habitantes do céu não caídos.

“Pelo que, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens por isso que todos pecaram.” *Romanos 5:12*.

Uma vez que a qualificação para entrar no céu para preencher os lugares dos anjos caídos é a vida sem pecado dos seres criados de Deus, a desesperada necessidade do homem é a aquisição da vida. Ele não pode obter isto de Adão, pois desta fonte ele herda apenas a semente da morte. De onde então virá isso?

Quando se faz esta pergunta, deve ser recordada a verdade que neste mundo a lei é, que a vida não pode ser obtida a não ser de uma semente. Portanto, a fim de receber a vida, deve ser dada em primeiro lugar ao homem a semente na qual esteja viva. Isto por seu lado requer entrar em conexão com o dador de semente que, tendo vida em si mesmo, imputa essa vida através da sua semente.

Os anjos não podem dar tal semente, porque nunca lhes foi dado o poder de transmitir as suas vidas através do processo de reprodução. Há apenas um dador de semente com este poder e que é Cristo que, nas Escrituras, é especificamente chamado a Semente.

“Ora as promessas foram feitas a Abraão e à sua posteridade. Não diz: E às posteridades, como falando de muitas, mas como de uma só: E à tua posteridade, que é Cristo.” *Gálatas 3:16*.

No ensino religioso, o acento principal tem sido colocado sobre o perdão como a solução para o problema do pecado. O perdão é um elemento decididamente vital na salvação, desde que seja correctamente compreendido como sendo uma purificação da pecaminosidade também como perdão pelas obras más. Porém, não importa quão completamente um homem possa ser perdoado, e não estar ainda qualificado para entrar no céu a menos que lhe seja dada a vida. Isto é Cristo em vós, que é a esperança da glória.

Jesus procurou penetrar as trevas da mente de Nicodemos com esta gloriosa verdade. Ele disse: “Ora ninguém subiu ao céu, senão o que desceu do céu, o Filho do homem, que está no céu.” *João 3:13*

Há os que insistem que Cristo aqui ensinou que nenhum ser humano foi para o céu anteriormente ao primeiro advento de Cristo, mas isto não foi o que Ele estava dizendo. A Sua mensagem foi que a única vida que pode ter acesso ao céu é a Sua própria vida. Portanto, somente nos que dentro de si, está reproduzida essa vida, podem e ascenderão ao paraíso de cima. Era outra maneira de dizer que cristo em vós é a esperança da glória.

Reconhecendo a necessidade do homem ter vida para ter salvação. Cristo veio a esta terra como dador de semente para dar a semente pela qual essa vida podia tornar-se possessão de todo aquele que a receberia. Ele disse: “...Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância.” *João 10:10*

A vida que Ele veio dar está em Si mesmo, e é de dentro d'Ele mesmo pela implantação de Sua semente que é transmitida para o recebedor. Esta verdade é tão vital que todos os esforços deviam ser despendidos em tornar-se totalmente conhecedor dela.

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.”

“Ele estava no princípio com Deus.”

“Todas as coisas foram feitas por Ele, e sem Ele nada do que foi feito se fez.”

“N'Ele estava a vida, e a vida era a luz dos homens.” *João* 1:1-4.

“E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está em Seu Filho.” *1 João* 5:11.

Jesus Cristo, o grande dador de semente para a eterna imortalidade, é a inesgotável fonte de vida. É a natureza de um dador de semente impulsionado por um desejo inextinguível de transmitir a Sua semente. Assim é com Cristo. Ele deseja intensamente dar a Sua semente a todo o necessitado recipiente nesta terra, mas estranhamente, tão poucos estão interessados, por isso sai d'Ele o triste lamento. “E não quereis vir a Mim para terdes vida.” *João* 5:40.

Quando alguém vislumbra o indiscritível tesouro da vida encorporada na semente de Cristo, comparada como a miserável pobreza daqueles que não têm este dom, uma pessoa pode apenas admirar-se pelo homem estar tão desinteressado. A vida eterna depende do recebimento desta vida imortal, cápsula de vida perfeita, porque sem ela, Cristo não pode ser formado no interior.

Em vez disso, os homens estão satisfeitos com uma mensagem que nada mais lhes oferece que o perdão. Eles crêem que desde que as contas sejam mantidas em dia diariamente, serão presenteadas com o dom da vida eterna quando o Salvador voltar. Por conseguinte Satanás trabalha para afastar a mente da real necessidade, enquanto Cristo se esforça para convencer a alma necessitada de que o dom da vida deve ser recebido agora. Nenhuma experiência cristã começa até que a semente de Cristo tenha sido implantada dentro e brote num novo e robusto crescimento assim reproduzindo a vida e carácter de Cristo. É assim que o crente entra na posse da vida eterna. Deve ser recebida agora, não num ponto de tempo futuro quando Cristo voltar. Os que esperam até essa altura verificarão que não aproveitaram a única oportunidade de a obter, com o triste resultado de eterna separação do céu.

João lutou para mostrar esta verdade claramente aos seus ouvintes. Ele ensinou-lhes que, “Quem tem o Filho tem a vida; quem não tem o Filho de Deus não tem a vida.”

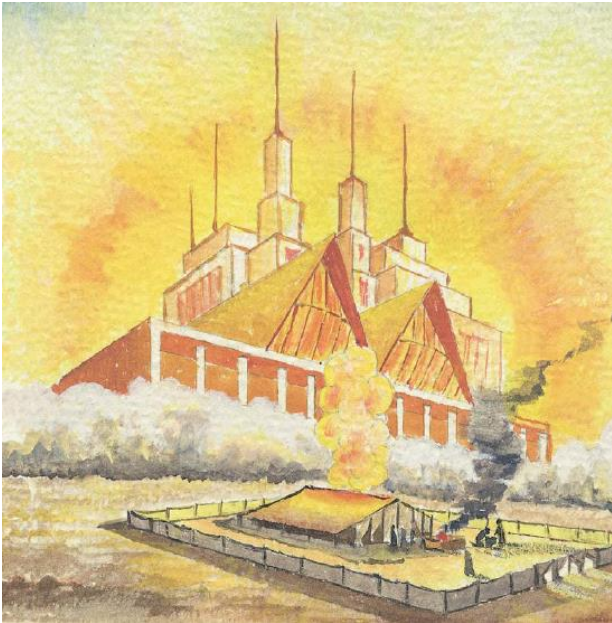
“Estas coisas vos escrevi, para que saibais que tendes a vida eterna, e para que creiais no nome do Filho de Deus.” *1 João* 5:12, 13.

Depois de alimentar os cinco mil, Jesus lutou por dirigir as suas mentes acima do pão temporal para que a vida que, se fosse aceite, lhes daria a vida eterna ali e nessa altura.

Ele deu ênfase à verdade que não era uma possessão a ser recebida só no paraíso, mas devia estar dentro deles antes. Ele disse, “Na verdade na verdade vos digo que aquele que crê em Mim tem a vida eterna.

“Quem come a Minha carne e bebe o Meu sangue tem a vida eterna, e Eu o ressuscitarei no último dia.” *João* 6:47,54.

Para o crente, a vida eterna começa no momento em que, tendo recebido a semente de Cristo – o dador da semente que tomou o lugar de Adão – a vida de Cristo brota dentro e a pessoa torna-se literalmente um filho de Deus. Isto é Cristo em vós, e que é a esperança da glória. Se tivermos o Filho temos a vida eterna, mas se não O temos, então temos somente aquilo que está na semente de Adão – morte.



A Mensagem para o nosso Tempo
(Publicado na revista “The Messenger and News Review”, Agosto 1980)

Capítulo 5

Uma Linhagem Superior

Há diferenças entre os dadores de semente. Alguns produzem semente com maior vitalidade e uma classificação mais ampla de aptidões que outras. O que está no dador da semente está na sua semente, nem mais nem menos. Criadores de animais domésticos também têm conhecimento disto, prestando acurada atenção às qualidades, força, e características gerais do seu gado, cavalos, ovelhas, cães, etc. Esses animais que têm estabelecido uma linhagem superior são altamente avaliados, cuidadosamente alimentados, e dedicados ao único propósito de produzir e implantar semente.

Cristo é o Dador de semente que tomou o lugar de Adão e é a verdade que como dador de semente, Cristo é muito superior a Adão. Conseqüentemente, os remidos são colocados numa posição de muito maior riqueza e vantagem acima do que estariam se Adão tivesse permanecido o seu dador de semente. Tão grande é esta exaltação que estarão muito mais elevados que os anjos que nunca caíram. O facto que isto é assim, é clara prova que o crente, na realidade recebe a semente de Cristo. Não é um plano ilusório. É verdadeiro.

Na semente de Adão estava contida a vida que ele tinha – a vida duma criatura. Essa era uma maravilhosa vida carregada de tremenda energia comparada com a que é deixada hoje. Quando o homem saiu da mão beneficente do seu Criador, possuía pelo menos vinte vezes a vitalidade que agora resta. Que poderosa mente ele devia ter! Quão longe a degeneração chegou como um resultado do pecado!

“Deus dotou o homem com tão grande força vital que ele tem resistido à acumulação de doenças lançadas sobre a raça em consequência dos hábitos pervertidos, e tem prosseguido durante seis mil anos. Este facto, por si mesmo, é suficiente para nos evidenciar a força e energia eléctrica que Deus deu ao homem na criação. Levou mais de dois mil anos de crime e condescendência com as paixões inferiores para trazer enfermidade física sobre a raça humana em qualquer aspecto. Se Adão, ao ser criado, não tivesse sido dotado de vinte vezes maior força vital do que a possuía pelos homens hoje,

a humanidade, com os seus hábitos actuais de vida que constituem uma violação da lei natural, já estaria extinta. Por ocasião do primeiro advento de Cristo, o género humano tinha-se degenerado tão rapidamente que uma acumulação de doença pesava sobre aquela geração, suscitando um torrente de aflição e uma carga de miséria indescritível.” *Testimonies* 3:138,139 (F.E.C. 22, 23)

Apesar desta rica doação os filhos de Adão teriam tido só uma vida e teriam portanto pertencido ao reino dos anjos cuja companhia lhes estava designado partilhar. O ponto mais elevado a que eles podiam chegar, era à posição vaga por Lúcifer. Cristo teria permanecido como o unigénito do Pai, incomparavelmente o único da Sua espécie.

Desde que Cristo se tornou o Filho unigénito de Deus, não tem estado limitado a uma vida, mas a duas. Segundo a lei da produção de semente, que põe na semente tudo o que está no dador, dentro da semente de Cristo há duas vidas, a de Deus e a da criatura. Portanto, quem quer que receba a semente de Cristo, torna-se possuidor destas inestimáveis riquezas. No sentido mais verdadeiro da palavra, ele torna-se um filho de Deus gerado. Deve ser compreendido que não é o Filho de Deus, o Pai, mas o Filho de Deus o Filho. Por conseguinte, enquanto o Pai agora tem muitos filhos gerados através de Cristo, o próprio Salvador permanece ainda o Filho unigénito do Pai. Assim por Cristo, Deus adquire filhos gerados aos quais adoptou como Seus, e que possuem as qualificações para partilharem com Cristo o papel de canal entre o Altíssimo e os seres criados. Assim o homem será exaltado até ao lugar que Satanás aspirava, mas para cuja posição não estava qualificado. Para alguns isto pode parecer uma afirmação sensacional, mas subsiste o facto que é plenamente certificado nas Escrituras.

Nenhum anjo, por exemplo, alguma vez se sentou com Cristo no Seu trono, embora Lúcifer aspirasse a isso e exigisse este privilégio. Todavia aos que vencerem está prometida esta posição.

“Ao que vencer, lhe concederei que se assente comigo, no Meu trono, assim como Eu venci, e Me assentei com Meu Pai, no Seu trono.” *Apocalipse* 3:21

Jesus Cristo deve ser o eterno Sumo Sacerdote segundo a ordem de Melquizedeque que combina os dois ofícios de sacerdote e rei. Todos os remidos serão membros desta ordem, partilhando com Cristo estes dois ofícios. Paulo compreendeu perfeitamente isto e assegurou aos seus ouvintes que eles eram um sacerdócio real, ou, por outras palavras, reis e sacerdotes. Ele escreveu, “Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes d’Aquele que vos chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz.” *1 Pedro* 2:9

João confirma isto em *Apocalipse*. 1:6, “E nos fez reis e sacerdotes para Deus e Seu Pai; a Ele glória e poder, para todo o sempre! *Ámen.*”

Mais tarde foi-lhe mostrado um vasto grupo de remidos servindo perante Deus no Seu santuário. Estes testificam que foram salvos “E cantavam um novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro, e de abrir os seus selos; porque foste morto, e com Teu sangue compraste para Deus homens de toda a tribo, e língua, e povo, e nação;

“E para o nosso Deus os fizeste reis e sacerdotes; e eles reinarão sobre a terra.” *Apocalipse* 5: 9.

Também foi dada ao profeta *Daniel* uma visão dos filhos de Deus ocupando posições reais no tempo em que Babilónia for realmente vencida.

“Mas os santos do Altíssimo receberão o reino, e possuirão o reino, para todo o sempre, e de eternidade em eternidade.”

“E o reino, e o domínio, e a majestade dos reinos, debaixo de todo o céu, serão dados ao povo dos santos do Altíssimo: o Seu reino será um reino eterno, e todos os domínios O servirão, e Lhe obedecerão.” *Daniel* 7:18,27

Os anjos nunca atingirão este estado. Isto não será porque Deus está mostrando favoritismo para com os remidos, pois Ele será culpado de tal comportamento. Se fosse, então as acusações de Satanás contra Ele eram verdadeiras e justificadas. Os salvos ocuparão esta posição só por causa da sua dupla herança – humana e divina. Paulo claramente ensina isto.

“Porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus.”

“Porque não recebestes o espírito de escravidão, para outra vez estardes em temor, mas recebestes o espírito de adopção de filhos, pelo qual clamamos; Abba, Pai.”

“O mesmo espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus.”

“E, se somos filhos, somos logo herdeiros, também herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo; se é certo que com Ele padecemos, para que também com Ele sejamos glorificados.” *Romanos 8:14,17*

Os remidos com Cristo são herdeiros de Deus mas somente por causa de serem filhos. A Escritura é muito clara acerca disto. “E se filhos, então herdeiros...” pelo que deve ser concluído que se não fossem filhos certamente não seriam co-herdeiros com Cristo. Um co-herdeiro é aquele que partilha a herança igualmente. Portanto, tudo o que Cristo herda em virtude da Sua filiação com Deus é partilhado pelos remidos em virtude da sua filiação com Jesus. Com Ele, serão sacerdotes e reis para Deus e servirão no papel de intermediários entre o Altíssimo e os Seus seres criados.

Por causa dos anjos nunca terem sido ou alguma vez serão, no sentido em que as suas vidas foram geradas pela implantação de semente, nunca podem ser co-herdeiros com Cristo, nunca podem sentar-se com Ele no Seu trono, e nunca podem ser mais do que recebedores. É um comentário abençoado acerca do Seu maravilhoso carácter, que eles não invejarão ou rebelarão contra este plano. Pelo contrário, eles rejubilarão porque por este meio, Deus é capaz de lhes dar revelações mais completas do Seu carácter e governo, que doutro modo não era possível dar. O céu será enriquecido pelo vitorioso resultado do plano da salvação.

Alguns podem apontar três referências que mostram que as criaturas de Deus, outros além daqueles que receberam a semente de Cristo, são também chamados filhos de Deus. Lucas, ao traçar a geneologia de Cristo no passado através da Sua linhagem humana termina com “... e Adão de Deus.” *Lucas 3:38*

De novo quando Deus fez este mundo, “...e todos os filhos de Deus rejubilavam?” *Jó 38:7*.

Quando o Senhor convocou uma reunião algures no universo a que o diabo assistiu, todos os que foram, excepto Satanás, eram “os filhos de Deus” *Jó 1:6*.

É verdade que outros além daqueles que receberam a semente de Cristo são chamados filhos de Deus, mas não pode ser argumentado a partir disto, que eles têm a vida de Deus em si como Jesus Cristo e os remidos têm. Eles são os filhos de Deus criados, não os Seus filhos gerados. Portanto eles não têm duas vidas e não podem qualificar-se para serem co-herdeiros com Cristo. Nunca se sentarão sobre o Seu trono com Ele ou serão reis e sacerdotes para Deus eternamente. A menos que estas simples distinções sejam mantidas na mente, a mensagem, Cristo em vós esperança da glória, nunca será seguramente discernida.

A diferença entre Cristo como Filho de Deus gerado e os anjos como seus filhos criados está cuidadosamente estabelecida por Paulo em *Hebreus 1*. Esta mensagem foi dirigida aos *Hebreus* que tinham visto Cristo durante a Sua jornada na terra, quando a Sua filiação como homem era a mais óbvia. A vida de Deus estava escondida do olho físico e podia ser discernida apenas com o olho espiritual. Os *Hebreus* não tinham dificuldades em ver a vida humana, mas considerável dificuldade foi experimentada em reconhecer a vida de Deus n’Ele. Assim nos primeiros três versículos, Paulo verifica ser necessário testemunhar que Cristo possuía uma vida idêntica em poder, glória e imortalidade com o Seu Pai.

“Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho.

“ A quem constituiu herdeiro de tudo, por quem fez também o mundo.

“ O qual, sendo o resplendor da Sua glória, e a expressa imagem da Sua Pessoa, e sustentando todas as coisas pela palavra do Seu poder, havendo feito por Si mesmo a purificação dos nossos pecados, assentou-se à dextra da majestade nas alturas.” *Hebreus 1:1-3*.

Havendo estabelecido esta transcendente verdade, Paulo então testifica que Cristo apesar de ser homem, é superior aos anjos em virtude da Sua herança divina.

“Feito tanto mais excelente do que os anjos, quanto herdou mais excelente nome do que eles.

“Porque, a qual dos anjos disse jamais: Tu és meu filho, hoje Te gerei? E outra vez: Eu lhe serei por Pai, e Ele me será por filho?

“E quanto outra vez introduz no mundo o primogénito, diz: E todos os anjos de Deus O adorem.” *Hebreus 1:4-6*

Eles são brilhantes, voluntários e servos da vontade de Deus, contudo Ele é um rei eterno cujo trono é para todo sempre. Por outras palavras, a relação de Cristo com os anjos é de governante para súbditos, mas não acontece nos reinos terrestres onde o rei é o próprio centro opressor exigindo a lealdade dos seus cidadãos. É a preciosa comunhão de um serviço de trabalho em cooperação em que cada um faz o seu papel para qual está classificado.

“E, quanto aos anjos, diz: O que de Seus anjos faz ventos, e de Seus ministros labareda de fogo.

“Mas, do Filho, diz: Ó Deus, o Teu trono subsiste pelos séculos dos séculos; ceptro de equidade é o ceptro do Teu reino.

“Amas-te a justiça e aborreceste a iniquidade; por isso Deus, o teu Deus te ungiu com óleo de alegria mais do que a teus companheiros.” *Hebreus 1:7-9*.

No princípio Cristo foi o poderoso Criador que chamou os mundos à existência: Sendo a fonte da vida, é-lhe impossível perecer. As obras de Deus criadas não têm em si mesmas a auto-suficiente capacidade para sobreviver eternamente. Se totalmente separadas d’Ele como será o caso desta terra e seus habitantes, no fim do milénio, seguramente morrerão.

“E: Tu, Senhor, no princípio fundaste a terra, e os céus são obra de tuas mãos:

“Eles perecerão, mas Tu permanecerás; e todos eles, como roupa, envelhecerão,

“E como um manto os enrolarás, e como um vestido se mudarão, mas Tu és o mesmo, e os Teus anos não acabarão.” *Hebreus 1:10-12*.

A nenhum dos anjos Deus alguma vez disse, “Assenta-te à Minha dextra até que ponha a Teus inimigos por escabeço de Teus pés?” Versículo 13.

Eles são espíritos ministradores cuja responsabilidade é ministrar àqueles que serão herdeiros de salvação. É um ministério totalmente altruísta pelo qual eles realmente ajudarão, a elevar o justo até uma posição muito mais elevada do que aquela que eles jamais podem ocupar.

“Os anjos da glória acham seu prazer em dar – dar amor e infatigável cuidado a almas caídas e contaminadas, seres celestiais buscam conquistar o coração dos homens; trazem a este mundo obscurecido a luz das cortes em cima; mediante um ministério amável e paciente operam no espírito humano, para levar os perdidos a uma união com Cristo, mais íntima do que eles próprios podem avaliar.” *O Desejado de Todas as Nações*, 21.

Nenhum verdadeiro filho de Deus se tornará orgulhoso no conhecimento, que Deus tem algo muito melhor para ele do que aquilo que os anjos jamais tiveram. Pelo contrário, participará do seu espírito altruísta de serviço de amor e respeitá-los-á pela sua longa experiência que tiveram no céu e pelo facto de terem triunfantemente resistido à tentação de ceder ao pecado. No céu, posição como essa não é o objetivo. O propósito de mostrar que os remidos ocuparão uma posição elevada acima dos anjos, é para demonstrar a superioridade da semente de Cristo acima de Adão, e provar que o Filho de Deus na realidade recebe essa semente.

A verdade que os salvos terão este alto estado no céu é confirmado no Espírito de Profecia.

“Grande como seja a vergonha e degeneração pelo pecado, ainda maior será a honra e exaltação pelo amor redentor. Aos seres humanos que lutam por conformidade com a imagem divina, será concedido um suprimento do tesouro celeste, uma excelência de poder que os colocarão acima dos próprios anjos que jamais caíram.” *Parábolas de Jesus*, 163.

“Irmãos, com o amado João, rogo-vos: ‘Vede quão grande caridade nos tem concedido o Pai: que fossemos chamados filhos de Deus’. *1 João 3:1*. Que amor, que incomparável amor, que, pecadores e estranhos como somos, possamos ser levados novamente a Deus e adotados em Sua Família! A Ele nos podemos dirigir chamando-O pelo terno nome de ‘Pai Nosso’, o que é um sinal de nossa afeição por Ele, e um penhor de Sua terna consideração e parentesco para connosco. E o Filho de Deus, olhando os herdeiros da graça, ‘não Se envergonha de lhes chamar irmãos’. Têm para com Deus uma relação ainda mais sagrada do que os anjos que não caíram nunca.” *Testemunhos Selectos*. 2:336,337.

“Aqueles que pelo poder de Cristo vencem o grande inimigo de Deus e do homem, ocuparão uma posição nas cortes acima dos anjos que nunca caíram.” *S.D.A. Bible Commentary.*, 6:1113.

Cristo em vós, é a forma de Deus prover a esperança da glória. Todos os caminhos de Deus estão prefigurados no santuário como está escrito: “O Teu caminho, ó Deus, está no Santuário. Que Deus é tão grande como o nosso Deus?” *Salmos 77:13*. Portanto, todas as maravilhosas verdades acerca da obra de Cristo no templo celestial incluindo aquelas que já apresentámos aqui, estão claramente reveladas no tabernáculo terrestre e seus serviços.

Por isso também é respondida a importante questão acerca de como os homens obtiveram o perdão quando Cristo, durante a Sua jornada terrestre, esteve ausente do templo do céu. Revestido pela caída carne e sangue humanos, não era omnipresente e não podia por isso estar no céu e nesta terra simultaneamente. Além disso, não podia ministrar na presença de Deus enquanto estava vestido com a pecaminosa carne humana, mortal. Conclui-se então que os homens não receberam a remissão dos pecados durante este período do ministério de Cristo. Isto não quer dizer, contudo, que não houve perdão dos pecados por todo este tempo, porque houve outros no templo que estavam aptos a realizar este ofício durante a ausência do Sumo Sacerdote.

Nunca houve um momento de tempo desde o início do pecado em que não tivesse havido um sacerdote permanecendo entre o pecador e Deus. Os serviços foram dados numa base contínua. Se fomos a Deus nas horas mais tardias da noite, ao meio-dia, ou a qualquer outra hora, nenhum de nós necessita reear, pois encontraremos alguém no templo para tomar conta das nossas confissões.

Assim como é no celestial assim é no terrestre. Ali, os sacerdotes ministravam continuamente, nunca começou um tempo, dia ou noite, em que uma pessoa pudesse vir e encontrar o tabernáculo vazio. Estava para além da capacidade de qualquer um dos sacerdotes, manter um tal serviço, pois havia alturas em que ele tinha que se ausentar por negócios, dormir, cuidar da sua família, e outras obrigações. Portanto, Deus designou mais do que um sacerdote para realizar estes serviços vitais.

“Ora estando estas coisas assim preparadas, a todo o tempo entravam os sacerdotes no primeiro tabernáculo, cumprindo os serviços;

“Mas no segundo só o sumo sacerdote, uma vez no ano, não sem sangue, que oferecia por si mesmo e pela culpas do povo.” *Hebreus 9:6,7*.

Aqueles outros sacerdotes, além do sumo sacerdote, eram os seus filhos, um facto que é muito significativo. A sua especial consagração para o ofício está escrita em *Êxodo 29*. Tanto Arão como os seus filhos serviam no lugar santo do santuário terrestre, significando assim que Cristo e seus filhos servem no lugar santo só santuário celestial. Se não fosse assim então Deus tinha-nos enganado por ter dado uma falsa representação do santuário onde Cristo e Seus filhos continuamente ministram em nosso favor.

À parte do sumo sacerdote e seus filhos, havia outra classe de sacerdotes que serviam apenas no pátio. Esses eram o resto dos levitas.

“Por determinação divina a tribo de Levi foi separada para o serviço do santuário. Nos tempos primitivos cada homem era o sacerdote de sua própria casa. Nos dias de Abraão o sacerdócio era considerado direito de primogenitura do filho mais velho. Agora, em lugar de todos os primogénitos de todo o Israel, o Senhor aceitou a tribo de Levi para a obra do santuário. Por meio desta honra distinta manifestou Ele Sua aprovação à fidelidade da mesma, tanto por aderir ao Seu serviço como, por executar Seus juízos quando Israel apostatou com o culto ao bezerro de ouro. O sacerdócio, todavia, ficou restrito à família de Arão. A este e seus filhos somente, permitia-se ministrar perante o Senhor; o resto da tribo estava encarregada do cuidado do tabernáculo e de seu aparelhamento, e deveria auxiliar os sacerdotes em seu ministério, mas não deveria sacrificar, queimar incenso, ou ver as coisas sagradas antes que estivessem cobertas.” *Patriarcas e Profetas*, 361,362.

Deve ser feita mais uma distinção entre dois símbolos do cordeiro e os sacerdotes. Ambos apontavam para obras de Cristo separadas, se bem que relacionadas, mas só a obra dos sacerdotes prefigurava o ministério dos filhos de Cristo no santuário celestial. Os últimos não podiam ministrar

sem o sangue de Cristo. Portanto, Ele tinha que servir como sacrifício e como sacerdote para o oferecer. Na cruz, Ele foi ambos.

“Assim como sumo sacerdote deixava de lado as suas vestes sacerdotais magníficas, e oficiava vestido de linho branco de um sacerdote comum, assim Cristo esvaziou-se a Si mesmo, e tomou a forma de um servo, e ofereceu o sacrifício, Ele mesmo o sacerdote, Ele mesmo a vítima.” *The Southern Watchman*, 6 de Agosto de 1903.

Era impossível para um sacerdote terrestre manter um serviço contínuo sem auxílio. Por causa de Cristo ter que se ausentar do templo a fim de visitar a terra, para testemunhar a glória do carácter de Deus, e morrer pelos pecados, Ele também precisou de auxiliares para cuidar da obra durante a Sua ausência.

Os únicos que podiam qualificar-se eram aqueles que, tendo a semente de Cristo neles, tinham a vida de Deus e da criatura. Quando Enoque, Moisés e Elias foram levados para o céu, tinham a preparação necessária. Enquanto Cristo esteve na terra, eles, os Seus filhos, ministravam no santuário, recebendo as orações ou confissões do povo e apresentavam-nas perante o Pai para expiação dos seus pecados. Durante a ausência de Cristo, pelo menos um deles tinha que estar no santuário em qualquer momento. É por este motivo que Enoque não acompanhou Moisés e Elias quando vieram comunicar com Cristo no monte da transfiguração. Não podiam estar os três ausentes ao mesmo tempo enquanto Cristo estivesse também ausente.

Esta ilustração dos filhos de Cristo ministrando no lugar santo é revelada por *João* em Apocalipse. Foi-lhe dada uma visão da actividade concentrada no lugar santo, onde viu Deus sobre o Seu trono rodeado de vinte e quatro anciãos e quatro criaturas viventes. Perante Ele estavam sete lâmpadas de fogo e o Cordeiro ministrava na Sua presença.

“Depois destas coisas, olhei, e eis que estava uma porta aberta no céu; e a primeira voz, que como trombeta ouvira falar comigo, disse: Sobe aqui, e mostrar-te-ei as coisas que depois destas devem acontecer.

“E logo fui arrebatado em espírito, e eis que um trono estava posto no céu, e um assentado sobre o trono.

“E o que estava assentado era, na aparência, semelhante à pedra jaspe e sardônica; e o arco celeste estava ao redor do trono, e parecia semelhante à esmeralda.

“E ao redor do trono havia vinte e quatro tronos; e vi assentados sobre os tronos vinte e quatro anciãos vestidos de vestidos brancos; e tinham sobre as suas cabeças coroas de ouro.

“E do trono saíam relâmpagos, e trovões, e vozes; e diante do trono ardiavam sete lâmpadas de fogo, as quais são os sete Espíritos de Deus.

“E havia diante do trono um como mar de vidro, semelhante ao cristal. E no meio do trono, e ao redor do trono, quatro animais cheios de olhos, por diante e por de trás.

“E o primeiro animal era semelhante a um leão, e o segundo animal semelhante a um bezerro, e tinha o terceiro animal o rosto como de homem, e o quarto animal era semelhante a uma águia voando.

“E os quatro animais tinham, cada um de per si, seis asas, e ao redor, e por dentro estavam cheios de olhos; e não descansam nem de dia nem de noite, dizendo: Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, o Todo-Poderoso, que era, e que é, e que há-de vir.

“E, quando os animais davam glória, e honra, e acções de graças ao que estava sentado sobre o trono, ao que vive para todo o sempre;

“Os vinte e quatro anciãos prostravam-se diante do que estava assentado sobre o trono, e adoravam o que vive para todo o sempre; e lançavam as suas coroas diante do trono, dizendo;

“Digno és, Senhor, de receber glória, e honra, e poder; porque Tu criaste todas as coisas, e por Tua vontade são e foram criadas.” *Apocalipse* 4:1-11.

No capítulo seguinte é introduzido o problema do livro selado que só o Cordeiro tem poder para abrir, quando Ele o faz, os vinte e quatro anciãos adoram-no com intensa gratidão pela Sua eficiência. Nesta altura, a sua função no santuário é plenamente revelada. Eles são mostrados tendo

incensários de ouro nas suas mãos do qual sai o incenso, corretamente descrito como sendo as orações dos santos. No seu cântico de louvor, revelam que são os remidos desta terra e portanto os filhos dentro dos quais a vida de Cristo foi formada pela implantação da Sua semente.

“E havendo tomado o livro, os quatro animais e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro, tendo eles harpas e salvas de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos.

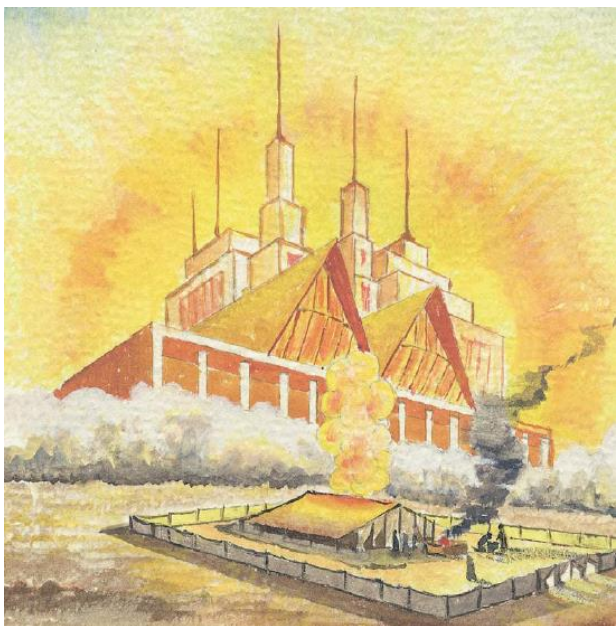
“E cantavam um novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro, e de abrir os seus selos; porque foste morto, e com o Teu sangue compraste para Deus homens de toda a tribo, e língua, e povo, e nação.” Apocalipse 5:8,9.

Não é precisa evidência mais clara, para certificar que as almas remidas desta terra, estão oficiando como sacerdotes no lugar santo em cima. Eles levam incensários nas suas mãos, o incenso que daí procede são as orações dos santos. Assim são claramente mostrados como sendo uma ligação entre os crentes ainda na terra e a grande Fonte. As orações sobem, a estes sacerdotes que depois as levam ao Pai, assim participando na obra de Cristo tal como os filhos de Adão faziam no Velho Testamento. Os anjos nunca podem ocupar este lugar, porque não são possuidores de duas vidas como aqueles que têm a semente de Cristo.

O segmento de tempo a que esta cena pertence, é durante o período em que o Pai e Filho estavam juntos no primeiro compartimento no céu. Isso sucedeu desde a ascensão de Cristo até ao final da profecia dos dois mil e trezentos dias: Muitos têm tomado por engano, que Eles estiveram separados antes deste período, o Pai estando no compartimento interior, enquanto Cristo estava afastado d’Ele no compartimento exterior. Ampla evidência será dada mais tarde para mostrar que Eles estavam juntos no primeiro compartimento até os dois mil e trezentos dias terem terminado. O Espírito de Profecia confirma definitivamente que foi mostrado a João, o Pai e o Filho juntos no primeiro compartimento.

“Os lugares santos do santuário celeste são representados pelos dois compartimentos do santuário terrestre. Sendo, em visão, concedido ao apóstolo *João* vislumbrar o templo de Deus nos céus, contemplou ele, ali, ‘sete lâmpadas de fogo’ que ‘diante do trono ardiam’. Apocalipse 4:5. Viu um anjo, ‘tendo um incensário de ouro; e foi-lhe dado muito incenso, para pôr com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro, que está diante do trono.’ Apocalipse 8:3. Foi permitido ao profeta contemplar o primeiro compartimento do santuário celestial; e viu ali as ‘sete lâmpadas de fogo’ e o ‘altar de ouro’, representados pelo castiçal de ouro e altar de incenso, do santuário terrestre. De novo, ‘abriu-se no céu o templo de Deus’ (Apocalipse 11:19), e ele olhou para dentro do véu interior, ao lugar santíssimo. Ali viu ‘a arca do Seu concerto’, representada pelo receptáculo sagrado, construído por Moisés, para guardar a lei de Deus.” *O Conflito dos Séculos*, 414, 415.

A exaltação dos remidos a posições acima dos anjos que nunca caíram, prova para além de toda a dúvida a superioridade da semente de Cristo sobre a de Adão. Isso também mostra que um filho de Deus criado não possui as qualificações de um filho gerado. O último tem a semente de Deus e por conseguinte a própria vida de Deus nele, como tal, está preparado para partilhar com Cristo a obra de ligação entre a criatura e o seu Criador. Demonstra também que Deus não mantém Lúcifer afastado desta posição a fim de reservá-la arbitrariamente para Cristo apenas, porque assim que houve outros com as qualificações necessárias foram admitidos para essa posição. Lúcifer também o teria sido se tivesse sido qualificado.



A Mensagem para o nosso Tempo
(Publicado na revista “The Messenger and News Review”, Setembro 1980)

Capítulo 6

Sementes e Sementes

Ao estudar os papéis de Adão e Cristo como dadores de semente, uma distinção importante deve ser reconhecida. Tão grande tem sido o fracasso geral em compreender isto, que a mensagem de Cristo em nós a esperança da glória tem sido inteiramente perdida. Os fariseus nos dias de Cristo mostraram ignorância total destes princípios, com o resultado que procuraram vida onde ela não podia ser encontrada.

Ao estudar qualquer tópico da Bíblia deve ser mantida em mente a regra que há muitas duas coisas na escritura que não são chamadas pelo mesmo nome e contudo são diferentes. O estudante da bíblia deve obter um conhecimento destas distinções ou perderão tão completamente a verdade de Deus como perderão o direito à vida eterna.

Os judeus perderam-no quando foram incapazes de distinguir a diferença entre as Escrituras que descreviam a primeira vinda de Cristo daqueles que prediziam a segunda. Eles viram apenas uma vinda onde deviam ter visto duas. Ao fazê-lo, deram ênfase aos textos que falavam da aparição de Cristo em glória e ignoraram aqueles que falavam de um paciente ministério de sofrimento. Quando o Salvador não apareceu como esperavam, naturalmente rejeitaram-No, a única consequência possível disso era a perda da vida eterna. Fracassar em fazer distinções nas Escrituras é uma deficiência tão grave que privará uma pessoa do Paraíso.

O mesmo princípio e consequências mantêm-se verdadeiros em relação ao princípio da semente. Há duas sementes diferentes na palavra de Deus, ambas são chamadas pelo mesmo nome – a semente. Até aqui a atenção tem sido centralizada na semente de Cristo, mas também há outra semente de verdade. Esta é a semente espalhada pelo semeador na parábola onde alguma caiu no bom solo, enquanto a restante caiu entre espinhos, no solo pedregoso, e à beira do caminho. Jesus especificamente explica que esta semente “é a Palavra de Deus.” *Lucas 8.*

“Pela parábola do semeador, ilustra Cristo as coisas do reino dos Céus e a obra do grande Lavrador para o Seu povo. Como um semeador no campo, assim veio Ele também para espalhar a semente celestial da verdade. E Seu ensino por parábolas era a semente, como a qual as mais preciosas verdades de Sua graça foram disseminadas. Devido à sua simplicidade, a parábola do semeador não tem sido apreciada como devia. Da semente natural que é lançada na terra, Cristo deseja dirigir-nos o espírito para semente do evangelho, cuja semeadura resulta em reconduzir o homem à lealdade para com Deus. Ele, que deu a parábola da pequena semente, é o Soberano do Céu, e as mesmas leis que regem o semear da semente terrena, regem o semear das sementes da verdade.” *Parábolas de Jesus*, 33.

Com grande clareza este testemunho confirma que a semente espalhada pelo semeador é a semente da verdade. Como tal, é distinta da semente de Cristo que é a cápsula da vida, que o Espírito Santo implanta dentro de cada pessoa que a aceita. Contudo, ao mesmo tempo, por Cristo ser a Verdade e portanto a Palavra de Deus, a semente do evangelho é também a semente de Cristo. Todavia, ela desempenha um papel diferente da outra semente de Cristo. Antes de considerar estas diferenças em maior detalhe, estudai o parágrafo seguinte com especial atenção para as referências à semente como sendo a Palavra da verdade ou de Deus.

“O semeador semeia a Palavra. Cristo veio semear o mundo com a verdade. Durante todo o tempo, desde a queda do homem, tem Satanás lançado a semente do erro. Por uma mentira ganhou o domínio sobre os homens, e da mesma maneira trabalha ainda para subverter o reino de Deus na Terra e submeter os homens a seu poderio. Como semeador de um mundo mais elevado, veio Cristo para lançar as sementes da verdade. Ele, que tomou parte no concelho de Deus e morou no mais íntimo santuário do Eterno, podia dar aos homens os puros princípios da verdade. Desde a queda do homem, Cristo tem sido o revelador, da verdade ao mundo. Por Ele foi transmitida ao homem a semente incorruptível, a “palavra de Deus, viva, e que permanece para sempre”. I Pedro 2:3. Naquela primeira promessa dada no Éden à raça decaída Cristo lançava a semente do evangelho. Mas a parábola do semeador aplica-se especialmente a Seu ministério pessoal com os homens, e a obra que Ele assim estabeleceu.

“A palavra de Deus é a semente. Toda a semente tem em si um princípio germinativo. Nela está contida a vida da planta. Do mesmo modo há vida na Palavra de Deus. Cristo diz: ‘as palavras que Eu vos disse são espírito e vida.’ ‘Quem ouve a Minha Palavra, e crê n’Aquele que Me enviou, tem a vida eterna.’ *João* 6:63; 5:24. Em cada mandamento, cada promessa da palavra de Deus está o poder, sim, a vida de Deus pelo qual o mandamento pode ser cumprido e realizada a promessa. Aquele que pela fé aceita a Palavra, recebe a própria vida e carácter de Deus.

“Cada semente produz fruto segundo a sua espécie. Lançai a semente sobre condições adequadas, e desenvolverá sua própria vida na planta. Recebei na alma, pela fé, a incorruptível semente da Palavra, e ela produzirá carácter e vida de Deus”.

“Os mestres de Israel disseminavam a semente da Palavra de Deus. A obra de Cristo como Mestre da verdade estava em notável contraste com a dos rabinos do Seu tempo. Eles se firmavam sobre tradições, teorias humanas e especulações. Muitas vezes aquilo que homens tinham ensinado ou escrito sobre a Palavra, colocavam no lugar da própria Palavra. Seus ensinamentos não tinham poder para refrigerar a alma. O tema das pregações e ensinamentos de Cristo era a Palavra de Deus. Respondia a interlocutores com um simples: ‘Esta escrito!’ ‘Que diz a escritura?’ ‘Como lêis?’ Em cada oportunidade, quando era despertado interesse por um amigo ou adversário, lançava a semente da Palavra. Ele, que é o caminho, a Verdade e a Vida, Ele que é o próprio Verbo Vivo, aponta à Escrituras e diz: ‘São elas que de Mim testificam.’ ‘E começando por Moisés, e por todos os profetas, explicava-lhes o que d’Ele se achava em todas as escrituras.’ *João* 5:39; *Lucas* 24:27; *Parábolas de Jesus*, 37-39.

A implantação da semente da verdade é exactamente tão importante como a implantação da semente pessoal de Cristo, porque uma não pode obter sucesso sem a outra. É pela fecundação da semente de Cristo que a Sua vida é estabelecida no interior, a esperança da glória é atingida, e um

carácter pode ser formado apto para a morada eterna. É pela recepção e assimilação da semente do evangelho, que Cristo no interior é alimentado. Permite que esta distinção seja ilustrada pelo dia a dia da vida humana.

Há duas espécies de semente com que o homem está preocupado. Há a sua própria semente e há as sementes para alimento. Na última inclui-se os grãos de cereais, trigo, arroz, milho, cevada, e centeio, legumes, assim como feijões, ervilhas, e a família das oleaginosas em geral. Ele também consome alimentos dos quais deita fora as sementes. Ninguém come semente de pera, uva, citrinos, melão, como regra geral, mas estes alimentos não têm aplicação na ilustração a ser usada aqui.

Há vida em ambas as espécies de sementes, mas o objectivo de cada uma não é o mesmo. Da semente humana nós adquirimos o invólucro da vida dos pais enquanto que, das outras sementes é obtida a vitalidade necessária para desenvolver e sustentar a vida gerada. Segundo a necessidade, os homens têm de recorrer a uma ou a outra.

Por exemplo, se uma mulher desejasse ter um filho por si mesma, ser-lhe-ia inútil comer cereais, oleaginosas, e legumes a fim de iniciar uma gravidez. Ela podia comer aqueles alimentos toda a sua vida, porém nunca daria à luz um filho. Contudo, se ela adquirisse um marido e obtivesse semente dele, então geraria um filho.

Ninguém tem dificuldade em compreender e praticar estes princípios na vida física, mas o ponto parece ter sido inteiramente perdido na espiritual. Os homens realmente alimentam-se da Palavra esperando por esse meio ganhar a semente de Cristo. Todavia isto não deve ser encontrado ou obtido desta fonte. É apenas de Cristo que a Sua semente deve ser adquirida. Os fariseus nos dias de Cristo não compreenderam estas coisas, por esse motivo Cristo disse-lhes muito directamente qual era o problema deles. Ele disse: “Examinai as Escrituras, porque pensais que tendes nelas a vida eterna; e são elas que testificam de Mim; Contudo recusais vir a Mim para que possais ter vida.” *João 5: 39, 40.*

Eles estavam procurando exactamente aquilo que Deus desejava dar-lhes e que Cristo tinha vindo comunicar. Ele disse: “Eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância.” *João 10:10.* Mas eles procuravam-na no lugar errado. Pensavam que encontrariam a vida eterna procurando nas Escrituras, todavia ela não deve ser encontrada ali. É em Cristo que a vida eterna está depositada e somente d'Ele, ela deve ser adquirida. Só pela implantação da Sua semente pode a Sua vida ser transmitida ao crente.

Nesta declaração que lhes fez, Cristo analisou claramente a diferença entre os ensinamentos dos líderes religiosos e a verdade que está em Si. Ele não disse que a vida eterna estava nas Escrituras, mas que eles pensavam que ela estava. Os Fariseus demonstraram convincentemente que não conheciam a verdade. Portanto o que pensavam ser a verdade era de facto o erro, pelo que, temos a certeza que a vida eterna não está nas Escrituras. Ela está em Cristo, que confirmou isto dizendo aos Fariseus que eles não vinham a Ele para que tivessem vida.

“E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está em Seu Filho.

Quem tem o Filho tem a vida: quem não tem o Filho de Deus não tem a vida.” *1 João 5:1.*

Não há erro na força do argumento de Cristo. Ele é o Dador da vida, o Dador da semente de quem apenas, o dom da vida eterna pode ser obtido. Os judeus queriam esta vida mas recusaram-se a ir ao lugar certo em busca dela, indo em vez disso às Escrituras.

Os ensinamentos religiosos populares de hoje permanecem na mesma. Os homens continuam a recusar-se a ir a Cristo para que tenham vida. Em vez disso, procuram-na no estudo intenso da Bíblia, e frequentemente referem-se com segurança aos muitos anos que têm devotado a este exercício. Ao fazê-lo acreditam que têm o apoio da autoridade Escriturística, porque Jesus disse, “O Espírito é o que vivifica; a carne para nada aproveita; as palavras que Eu vos disse são espírito e vida.” *João 6:63.* Naturalmente, eles concluem que alimentando-se da Palavra diariamente receberão a vida que está nessa Palavra. Isto é verdade, desde que tenham recebido primeiramente a vida eterna de Cristo.

Considerai isto no mundo natural. Até que uma vida exista através da germinação da semente, não há vida para alimentar. Portanto, a vida que está na semente alimentar não tem ainda lugar na vida

para que venha a existir. Se uma pessoa não nasceu de novo, de modo que a vida de Cristo esteja presente no interior, não há vida para ser alimentada pela Palavra de Deus. É Cristo em vós, não a verdade em vós, que é a esperança da glória.

Tem havido um desequilíbrio na compreensão teológica do passado. Fracasso em procurar e encontrar vida eterna na semente de Cristo, os homens a têm procurado exclusivamente na palavra. A correcção deste erro não deve levar a um desequilíbrio na direcção oposta em que a alimentação na Palavra não tenha lugar. Qualquer criança que não seja alimentada, muito rapidamente morrerá. Semelhantemente, embora a vida dada por Cristo seja a vida eterna, morrerá se não for fiel e adequadamente alimentada.

A necessidade de vida é bastante poderosa, pois ninguém deseja morrer. A coisa maravilhosa é que uma vez adquirida a vida, nunca mais precisamos de a procurar. Isto é verdadeiro tanto no mundo espiritual com no mundo natural. É dado a cada um de nós o dom da vida física apenas uma vez. Quando perdida ou gasta não há forma de a recolocar nesta vida, tal como Nicodemos discordou quando Cristo o colocou na necessidade de um nascimento espiritual.

“Disse-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? Porventura pode tornar a entrar no ventre de sua mãe, e nascer?” *João 3:4*.

Depois de receber o dom da vida, toda a concentração deve estar no sustento, alimento, e desenvolvimento dela. Por isso quando a vida eterna foi implantada no crente, a necessidade dela está terminada. Ele nunca mais precisa de se preocupar com isso outra vez. O foco das suas energias deve a partir daí concentrar-se em acalantar, alimentar, e desenvolver o maravilhoso dom. Há perigo de que a vida possa ser perdida, e, se o é, não pode ser ganha outra vez. Isto não é assim tão simplesmente feito que possa ser temido, pela feliz razão que a nossa posição não é a mesma como a de Adão no Jardim. Nesta altura, foi dada a Adão a possessão do reino, e Satanás tinha que vencê-lo apenas uma vez para lhe tirar tudo. Contudo, hoje Cristo guarda-o para nós, impedindo assim Satanás de readquirir o controlo dos Seus filhos renascidos.

É por esta razão que Cristo nos exorta a orar cada dia por esse pão de cada dia. Nenhum pensamento deve ser dado as necessidades de amanhã, porque suficiente é o mal para esse dia.

“Se renunciastes ao próprio eu, entregando-vos a Cristo, sois um membro da família de Deus, e tudo quanto há na casa de vosso Pai, vos pertence. Todos os tesouros de Deus vos estão franqueados – tanto no mundo que agora existe, como o porvir. O ministério dos anjos, o dom de Seu Espírito, os labores de Seus servos – tudo é para vós. O mundo com tudo o que nele há, pertence-vos até onde isto seja para vosso benefício. A própria inimizade do maligno se demonstrará uma bênção, na disciplina que vos proporciona para o Céu. Se vós sois de Cristo, ‘tudo é vosso.’ I Coríntios 3:21, 23.

“Sois, porém, como uma criança a quem não se confia ainda a direcção de sua herança. Deus não vos entrega vossa preciosa possessão, para que Satanás por seus astutos ardis, não vos engane, como fez com o primeiro par no Éden. Cristo a mantém para vós fora do alcance do espoliador. Como a criança, recebereis dia a dia o necessário para a necessidade diária. Cada dia deveis orar: ‘O pão nosso de cada dia nos dá hoje’. Não desanimeis se não tendes o suficiente para amanhã. Tendes a garantia de Sua promessa: ‘Habitarás na Terra, e verdadeiramente serás alimentado.’ Diz Davi: ‘Fui moço, e agora sou velho; mas nunca vi desamparado o justo, nem a sua descendência a mendigar o pão.’ Salmo 37: 3, 25.” *O Maior Discurso de Cristo*, 110, 111.

Estas palavras quando devidamente compreendidas provarão ser um conforto muito grande para o filho de Deus. Ele sabe que não enfrenta os poderes enganadores de Satanás, senão quando está seguro que Cristo guarda todos os Seus tesouros em segurança nas Suas poderosas mãos, então ele sabe que pode ser guardado seguramente. O máximo que prende a atenção de um filho de Deus num tempo determinado é o suprimento de um dia. Sucumbisse ele à tentação, tudo o que perdia era essa quantidade, não mais.

Suponhamos que um jovem herdou do seu pai uma enorme quantia de dinheiro, tal como, dez milhões de dólares. Quando o dinheiro lhe é entregue, ele apressa-se a ir ao banco, retira toda a importância, carrega-o num carro e afasta-se. Mais adiante na estrada é interceptado por um ladrão

que lhe leva tudo o que tem. Agora ele está sem nada como Adão ficou quando Satanás lhe roubou o reino.

Por outro lado, imaginai que um pai prudente, conhecendo a loucura dos caminhos de seu filho, ordenou no testamento que ele apenas podia levantar cem dólares por dia. O jovem sente-se de alguma maneira zangada por isto, mas tem grande motivo para gratidão por causa dessa precaução quando é interceptado pelo ladrão e perde tudo o que tem com ele – a mera quantia de cem dólares.

Assim é tornada clara a diferença entre a posição de Adão e a dos filhos de Deus remidos que ainda estão na terra. Quão profundamente gratos deveríamos estar porque temos um campeão que não pode ser vencido pelo diabo. Ele nunca nos forçará. Qualquer separação que tenha lugar será feita por nós, não por Ele.

Desde que a diferença entre a força da vida contida na semente de Cristo e a vitalidade na semente alimentar da Palavra esteja claramente compreendida, cada pessoa pode dirigir o seu pedido inteligentemente. Usará as Escrituras como um livro de instrução testificando de Cristo o Dador da Semente e Dador da Vida. Aprenderá a maneira pela qual um casamento entre si mesmo e Cristo deve ser formado, de modo que pode receber e receberá a semente de Cristo.

Quando isto tiver acontecido, a vontade voltará toda a atenção para o alimento na Palavra de Deus, a fim de sustentar a preciosa vida que lhe foi dada. Com alegria e satisfação observá-la-á crescendo desde a infância através da adolescência até à completa maturidade. Com inexplicável gratidão, louvará a Deus continuamente pelas maravilhosas provisões de Sua graça e poder.

Há a grande necessidade que todo o crente compreenda o poder dador de vida que está na Palavra de Deus. A tendência é olhar para ela como um livro de instrução, em vez de uma fonte que derrama vida para aqueles que vêm receber o seu potencial vitalizador. Só os que se alimentam no alimento com a compreensão que isso é alimento, são alimentados e fortalecidos por ele. Portanto só aqueles que no conhecimento consciente e fé definida, se alimentam na Palavra de Deus, experimentarão o poder refrescante ali contido.

“Não sabes, não ouviste que o eterno Deus, o Senhor, o Criador dos fins da terra, nem se cansa nem se fatiga? Não, há esquadrinhação no Seu entendimento.

“Dá esforço ao cansado, e multiplica as forças ao que não tem nenhum vigor.

“Os jovens se cansarão e se fatigarão, e os mancebos certamente cairão.

“Mas os que esperam no Senhor renovarão as suas forças, subirão com asas como águias; correrão, e não se cansarão; e não se fatigarão.” *Isaías* 40:28 – 31.

Estes versículos não contêm a promessa da semente de Cristo, mas a promessa de renovação das forças àqueles que já receberam a vida de Deus. Deus está ansioso para derramar a Sua força sobre os crentes, sendo uma e outra vez ofendido quando vão a Ele para que possam ter esta vitalidade.

“Se bem que por séculos tenha o pecado estado a robustecer seu domínio sobre a raça humana, não obstante por meio de mentiras e artifícios Satanás haver lançado a negra sombra de sua interpretação sobre a Palavra de Deus, e feito os homens duvidarem de Sua bondade, todavia a misericórdia e amor do Pai não têm cessado de fluir em abundantes torrentes para a terra. Se os seres humanos abrissem as janelas da alma em direcção ao céu, apreciando as divinas dádivas, por ela penetraria uma onda de restauradora virtude.” *A Ciência do Bom Viver*, 116.

“Quando o evangelho é recebido em sua pureza e poder, é uma cura para as moléstias originadas pelo pecado. O Sol da justiça ergue-se, trazendo ‘cura nas suas asas.’ *Malaquias* 4:2.

Todos os recursos do mundo não podem curar um coração quebrantado, nem banir a enfermidade. A fama, o engenho, o talento – são importantes para alegrar um coração dolorido ou restaurar uma vida arruinada. A vida de Deus na alma, eis a única esperança do homem.

O amor difundido por Cristo por todo o ser é um poder vitalizante. Todo órgão vital – o cérebro, o coração e os nervos – esse amor toca, transmitindo cura. Por ele são despertadas as mais altas energias do ser para a actividade. Liberta a alma da culpa e da dor, da ansiedade e do cuidado que consomem as forças vitais. Vêm com ele serenidade e compostura. Implanta na alma uma alegria que coisa alguma terrestre pode destruir – a alegria que comunica saúde e vida.” *Idem*, 115.

Quando Cristo, como homem sobre a terra, experimentou os efeitos esgotantes do Seu labor pelas almas, conheceu a certeza das provisões contidas em promessas como as que foram citadas acima. Ele ia perante o Senhor e abria a Sua alma em direcção ao céu até que todo o Seu ser estivesse cheio de vigor renovado.

“Muitas vezes o incessante trabalho e a luta com a inimizade e os falsos ensinamentos dos rabis deixavam-n’O tão fatigado, que Sua mãe e irmãos e mesmo os discípulos, receavam que Sua vida fosse sacrificada. Mas ao voltar das horas de oração que encerravam o atarefado dia, notavam-lhe o aspecto sereno do rosto, o vigor, a vida e o poder de que todo o Seu ser parecia possuído. Das horas passadas a sós com Deus, Ele saía, manhã após manhã, para levar aos homens a luz do céu.” *Idem*, 55.

“Não foi somente na cruz que Cristo Se sacrificou pela humanidade. À medida andava fazendo o bem; (Actos 10:38) a experiência de cada dia era um transvazar de Sua vida. De uma maneira apenas poderia Ele manter uma vida como essa. Jesus vivia na dependência de Deus e em comunhão com ele. Ao lugar secreto do Altíssimo, à sombra do Todo-Poderoso, os homens de quando em quando se refugiam; habitam ali por algum tempo, e o resultado se patenteia nas boas acções; então a sua fé falta, interrompe-se a comunhão, e se desmerece a obra daquela vida. A vida de Jesus, porém, foi de constante confiança mantida por uma comunhão contínua; e Seu serviço em prol do céu e da terra foi sem falha ou defeitos.

“Como um homem, implorava o trono de Deus, de maneira que a Sua humanidade veio a saturar-se da corrente celeste que ligava a humanidade com a divindade. Recebendo vida de Deus, comunicava-a aos homens.” *Educação*, 80, 81.

Uma pessoa não pode alcançar a importância destas palavras sem compreender que os cristãos têm fracassado em servir-se das grandiosas provisões disponíveis para eles em cima. “O Salvador estava profundamente ansioso por que Seus discípulos compreendessem para que fim Sua divindade estava unida à humanidade. Ele veio ao mundo para manifestar a glória de Deus, a fim de que o homem fosse erguido por Seu poder restaurador. Deus se revelou n’Ele, para que Se pudesse manifestar neles. Jesus não revelou qualidades, nem exerceu poderes que os homens não possam possuir mediante a fé n’Ele. Sua perfeita humanidade é a que todos os Seus seguidores podem possuir, se forem sujeitos a Deus como Ele o foi.” *O Desejado de Todas as Nações*, 640.

As Escrituras devem ser vistas como sendo mais do que um livro de instrução. Há vida na Palavra, vida que é alimento e revitalização para aqueles que obtiveram a semente de Cristo no interior. Há a necessidade de aprender a abrir as janelas da alma em direcção ao céu até o corpo, cérebro e espírito fatigados, terem sido carregados com novas energias.

As escrituras devem ser recebidas como a Palavra de Deus a nós, não meramente escrita, falada também. Quando os aflitos iam ter com Cristo, Ele os via não somente a eles que pediam auxílio, mas a todos quantos, através dos séculos, haviam de buscá-Lo com igual necessidade e idêntica fé. Quando disse ao paralisado: ‘Filho, tem bom ânimo; perdoados te são os teus pecados;’ quando disse a mulher de Capernaum: ‘Tem bom ânimo, filha, a tua fé te salvou; vai em paz;’ dirigia-se a todos sofrendores, oprimidos do pecado, que haviam de ir ter com Ele em busca de auxílio.

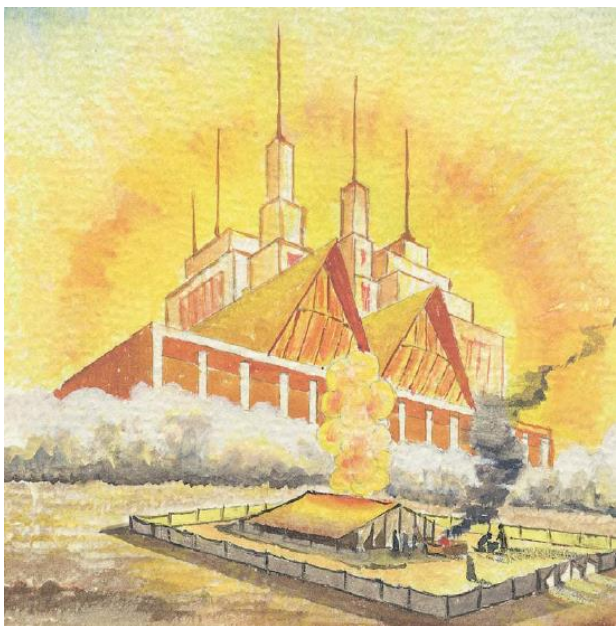
“O mesmo se dá quando a todas as promessas da Palavra de Deus. Por meio delas, Ele nos está falando a nós, individualmente; falando tão directamente, como se Lhe pudéssemos ouvir a voz. É por intermédio dessas promessas que Cristo nos comunica Sua graça e poder. Elas são folhas daquela árvore que é ‘para saúde das nações. Recebidas assimiladas, elas serão a fortaleza do carácter, a inspiração e o sustentáculo da vida. Nenhuma outra coisa pode possuir tal poder restaurador. Nada além delas pode comunicar a ânimo, e a fé que dá energia vital a todo ser.” *A Ciência do Bom Viver*, 112.

Quando estas grandes verdades são compreendidas e aprendidas como devem ser, o filho de Deus não mais irá às Escrituras meramente para aprender os factos da verdade. Ele literalmente se alimentará na Palavra, ganhando força e energia revitalizante à medida que o faz. Longe de ser relutante em fazê-lo, Deus está ansioso por dar a Sua vitalidade aos Seus filhos gerados. Ele não

deseja vê-los cansados e exaustos; quere-os abundantemente abençoados com energia. Portanto, alegremente dá as Suas forças de vida àqueles que vêm a Ele numa fé viva e segundo os procedimentos correctos.

Que todos os dias sejam dias de festa. Todos precisam alimentar-se abundantemente na vida de Deus, como ela se encontra n'Ele e na Sua Palavra. Os crentes que assim fazem saberão o que é a verdade, desenvolverão um carácter em harmonia com o carácter de Deus, e serão carregados com um poder celestial que os torna aptos para enfrentar com êxito todas as tarefas que Deus tem para eles. Em nada falharão. Não há desculpas para o pecado ou para constante cansaço.

O sucesso nesta questão depende da compreensão das diferenças entre a semente de Cristo e a semente da Palavra. O crente saberá então o que tem que vir primeiro e o que receberá de cada uma. Tem que saber que precisa e de facto pode receber a semente de Cristo apenas uma vez. Tendo sido assim abençoado com o dom da vida eterna, ele tem que vir continuamente à Palavra e a Cristo para receber o alimento a fim de sustentar e desenvolver a vida já dada. Aqueles que fazem isto consistentemente e mantêm a prática até ao fim, podem estar certos da vida eterna.



A Mensagem para o nosso Tempo
(Publicado na revista “The Messenger and News Review”, Outubro 1980)

Capítulo 7

Os Dois Maridos

Desde que o princípio da semente seja compreendido, toda a força do evangelho como apresentada por Paulo em *Romanos 7:1-4*, pode ser melhor vista e apreciada. Nestes versículos, ele dirige a atenção para o casamento entre dois seres humanos como a ilustração divinamente dada da união formada primeiramente entre Satanás e o homem, e depois entre Cristo e o cristão. As mesmas leis e propósitos governando o primeiro, aplicam-se no último. Isto deve ser separado pela simples razão que Deus designou que o casamento é contratado e vivido nesta terra, fosse uma ilustração da união espiritual entre Deus e as Suas criaturas.

As relações do casamento entre dois seres diferentes, homem e mulher, é algo que é claramente peculiar a esta terra, sendo introduzido no Éden para satisfazer uma necessidade específica que surgiu em consequência da rebelião de satanás. Esta era ainda e ainda é dirigida contra o mistério de Deus, a maravilhosa união entre Deus e os Seus seres que resultou em Cristo fazendo em Si mesmo de dois, um novo homem.

Portanto, a escolha do casamento por Paulo para ilustrar a verdade do evangelho é muito apropriada. À medida que estes versículos são lidos, deve ser compreendido que Paulo não está fazendo um discurso sobre as regras do divórcio e do voltar a casar, mas está usando a união de duas vidas terrestres para ensinar o evangelho. Por conseguinte, ele não está preocupado com a exceção a regra de que só a morte pode libertar uma pessoa para voltar a casar. Por outro lado, quando o adultério se torna a prática de um dos cônjuges, ele ou ela torna-se morto para o outro, de modo que a condição de Cristo não é, na realidade, uma exceção à regra. Continua a significar que a morte é a última base para o divórcio e casar de novo da parte do inocente.

Neste artigo debruçar-nos-emos sobre o aspecto do casamento que ensina o princípio da semente no evangelho. Consideremos agora as palavras de Paulo.

“Não sabeis vós, irmãos (pois que falo aos que sabem a lei), que a lei tem domínio sobre o homem por todo o tempo que vive?”

“Porque a mulher que está sujeita ao marido enquanto ele viver, está-lhe ligada pela lei; mas, morto o marido, está livre da lei do marido.

“De sorte que, vivendo o marido, será chamada adúltera se for de outro marido; mas morto o marido, livre está da lei, e assim não será adúltera, se for de outro marido.” *Romanos 7:1-3*.

Aqui está uma situação muito comum. Uma mulher encontra-se a si mesma sujeita pelas leis do casamento a um velho marido que não é de modo algum um verdadeiro companheiro para ela. Ele é severo, egoísta, insensível, abusivo, e cruel de modo que todos os dias da vida dela com ele está literalmente a destruí-la. Toda a alegria desapareceu dela e deseja ardentemente a libertação desta terrível situação. Então encontra outro homem que é o oposto em todos os aspectos. É gentil, cortês, amável, bom e atencioso. Ela sabe que se pudesse viver com ele, a sua vida seria abençoada e prolongada.

Todavia a lei não permite qualquer união com outro homem enquanto o velho marido ainda estiver vivo. Esta exigência da morte é enfrentada por uma vasta série de circunstâncias não apenas pela morte. Isto tem de ser assim porque a contrapartida espiritual que deve ser uma fiel reprodução da parábola física, o velho marido, Satanás, não é literalmente morto quando casamos com Cristo. É noutra sentido que ele é morto. Se o crente tivesse que esperar até que Satanás estivesse literalmente morto, então não podia casar com Cristo até ao final do milénio em que Satanás encontrará o seu fim no lago de fogo. Isto quereria dizer que não poderia haver renascimento até essa altura, que por sua vez decretaria que também não poderia haver desenvolvimento da preparação para o céu até essa altura. Os que argumentam tão fortemente que só a morte física pode libertar um cônjuge para voltar a casar, não observam estes princípios. Se eles pudessem ser verdadeiramente vistos então os problemas associados ao divórcio e o voltar a casar desapareceriam.

Não até que estas condições da morte sejam enfrentadas pela mulher, não importa quão ardentemente ela possa desejar, viver com o novo homem. Então com a mesma lei que anteriormente condenava qualquer relação com o novo homem perdoá-la-á agora. Deve ser visto que há mudança na lei. A mudança teve lugar na situação da mulher. A alteração da lei não podia resolver o problema de modo algum. Muitos religiosos de hoje supõem ser essa a solução mas isto é diferente do homem que procurou aliviar o seu desconforto num dia quente quebrando o termómetro. Isto de nenhum modo alterou o calor opressivo.

Nada é mais claramente ensinado nesta ilustração do que a mulher não pode ter dois maridos ao mesmo tempo. O velho tem que desaparecer antes do novo tomar o seu lugar. Assim é na experiência cristã. Nenhum homem pode ter Cristo ou a Sua semente até que o velho marido e a sua semente tenha sido removido. Só então Cristo entrará em relações de casamento com o crente. Isto é correcto e de acordo com a lei. Portanto é justo.

Havendo centrado a atenção na situação familiar encontrada nos casamentos terrestres e nas leis que governam estas relações, Paulo tenta desenhar um paralelo entre isto e a contrapartida espiritual.

“Assim, meus irmãos, também vós estais mortos para a lei pelo corpo de Cristo, para que sejais doutro, d’Aquele que ressuscitou de entre os mortos, a fim de que demos fruto para Deus”. *Romanos 7:4*.

Não pode haver dúvida acerca de como o novo marido é, porque Aquele que ressuscitou da morte não pode ser outro senão Cristo. O propósito deste casamento é que tragamos muito fruto. Sem este casamento isto é impossível, porque Cristo nunca dará a Sua semente fora do casamento. Ele é o Senhor nossa justiça, o perfeito guardador da lei.

Depois do casamento com Ele ter sido estabelecido, uma série de acontecimentos se seguem. Uma vez unidos a Ele, o passo seguinte, é a recepção da Sua semente que é implantada em nós pelo ministério do Espírito Santo, o Implantador da semente. Semente, que uma vez unida com o solo, que é neste caso o corpo humano, germina. A nova vida começa e segue-se robusto crescimento. A qualidade e rapidez do crescimento dependem do tipo de cuidado e alimentação provida. O marido,

Jesus Cristo, deseja que os Seus filhos sejam robustos, vigorosos e saudáveis. Portanto, Ele provê apenas o melhor do alimento na forma da viva Palavra de Deus escrita, enquanto o brilho do Seu amor, combinado com os refrescantes derramamentos do Espírito Santo, brilha sobre a alma todos os dias.

Mas, embora o Divino Marido ofereça tais provisões perfeitas e adequadas, a mulher pode escolher outras coisas para a sua descendência. Satanás oferece estas alternativas em abundância, a escolha é deixada com a mãe assim como o tipo de cuidado que será dado.

Uma pessoa naturalmente pensa que o crente estaria tão ansioso como Cristo que só o muito bom é dado à nova vida, contudo é triste dizer, que muitos são descuidados a este respeito. Eles verificam que o alimento do diabo é mais agradável que o de Cristo. Por isso são levados a escolher o inferior quando podiam estar a prosperar no melhor.

A semente de Cristo implantada dentro do corpo humano, naturalmente reproduz o carácter do Pai, Jesus Cristo.

“Jesus disse, sede perfeitos como é perfeito vosso Pai. Se sois filhos de Deus, sois participantes de Sua natureza, e não podeis deixar de ser semelhantes a Ele. Todo o filho vive pela vida de seu pai. Se sois filhos de Deus - gerados por Seu Espírito – viveis pela vida de Deus. Em Cristo habita ‘corporalmente toda a plenitude da divindade’ (*Colossenses 2:9*) e a vida de Jesus manifesta-se na ‘nossa carne mortal’ (*Coríntios 4:11*) essa vida em vós produzirá o mesmo carácter e manifestará as mesmas obras que produziu n’Ele. Assim estareis em harmonia com todo o preceito de Sua lei; pois ‘A lei do Senhor é perfeita, e refrigera a alma,’ *Salmos 19:7*. Mediante o amor, ‘a justiça da lei’ será cumprida em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito. *Romanos 8:4*. (*O Maior Discurso de Cristo, 77, 78*).

Por isso os filhos desenvolvidos da semente de Cristo produzem nomes maravilhosos como amor, alegria, paz e humildade. Eles são mencionados em *Gálatas 5:22 - 23* como frutos do Espírito Santo. Não há contradição nisto porque eles são o fruto do Espírito Santo no sentido em que Ele implantou a semente de Cristo em nome d’Ele e é Aquele que a alimenta.

“Mas o fruto do Espírito é amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança: contra estas coisas não há lei.” *Gálatas 5:22-23*.

Os filhos, por seu lado, são criaturas muito activas. Eles gostam de estar ocupados a fazer alguma coisa. É uma lei da natureza que eles farão as coisas que são o reflexo dos seus caracteres. Assim o amor produzirá obras de amor, gozo, acção rejubilante, humildade, e acções humildes.

Todo filho de Deus deseja encher a sua vida com obras de amor, gozo, paz, humildade, etc. todavia isto não é alcançado pela concentração nessa produção. Pelo contrário, estas obras são o resultado final de uma serie de desenvolvimentos. Exactamente no início está o casamento. Isto necessariamente deve ser estabelecido primeiro, porque, sem casamento, nunca pode haver qualquer implantação de semente divina. Por outro lado, isto quer dizer que não pode haver filhos de amor e humildade e, onde não há filhos, certamente haverá silêncio e inactividade. Portanto, casar com Cristo é o primeiro passo fundamental neste processo. Uma vez que tenha sido executado, o resto seguir-se-á. Desde que a mulher faça a sua parte pela aceitação e aplicação da abençoada provisão para robusto crescimento e desenvolvimento, não haverá problema em encher a vida com boas obras.

O casamento com Cristo pareceria um passo simples de dar. Sabemos que Ele se oferece a Si mesmo em casamento e estará de facto muito desejoso para que esta relação seja formada. Assim, se o crente partilhasse do mesmo desejo sincero, não haveria problema. Quando dois jovens desejam casar um com o outro, então o resultado habitual é que eles avançam com o plano e unem as suas vidas para sempre.

Mas pode haver grandes dificuldades que se levantam no caminho de um casamento mesmo quando ambas as partes estão ansiosas por concluir o contrato.

No caso da mulher na ilustração, o obstáculo é que ela já tem um marido. O novo homem nem sequer pode considerar o casamento com ela até que a antiga união seja destruída pela morte. Assim no campo espiritual, já temos um marido e Satanás é o seu nome. Quando o diabo persuadiu Adão e

Eva a unir as forças com ele ficou contente por ganhar a família humana para sua noiva, porque então ele tinha meios de multiplicarem-se a si mesmos pela implantação da sua semente dentro dos corpos humanos.

Satanás é um anjo e como não possui o tipo de semente pela qual a vida física é germinada e desse modo multiplicada. Mas ele é um dador de semente mesmo assim tal como é plenamente ensinado nas Escrituras.

Quando Deus anunciou o plano da salvação a Adão e a Satanás no Éden depois da primeira transgressão humana, falou da semente da serpente nessa altura.

“E o Senhor disse à serpente: Portanto fizeste isto, maldita serás mais que toda a besta, e mais que todos os animais do campo; sobre o teu ventre andarás e pó comerás todos os dias da tua vida.

“E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua (a da serpente) semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar.” *Génesis* 3:14, 15.

Isto confirma que Satanás é um dador de semente se bem que não seja semente física mas espiritual que ele transmite e implanta. Tudo o que esta nele na qualidade de um mau carácter está na sua semente de modo que todo aquele que tem essa semente implantada em si receberá os mesmos maus característicos que estão em Satanás. Cristo reconheceu que este era o problema dos judeus que lutavam com Ele. Ele viu que Satanás era o pai deles de maneira que os males que estavam neles eram apenas a descendência do diabo. Ele disse-lhes: “Vós tendes por pai o diabo, e quereis satisfazer os desejos de vosso pai; ele foi homicida desde o princípio, e nunca se firmou na verdade, porque, não há verdade nele; quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso, e pai da mentira.” *João* 8:44.

Quando Cristo lhes declarou serem filhos de Satanás, Ele quis dizer isto num sentido muito literal embora só do lado espiritual. Neles, Satanás tinha implantado a sua semente em virtude do seu casamento com a família humana na queda de Adão no Éden. Essa semente tinha germinado para produzir uma vigorosa planta má, produzindo todos os maus frutos do engano e homicídio. Cristo identificou-os como filhos de Satanás porque viu que aquilo que estava no pai tinha-se reproduzido nos filhos pelas leis da implantação da semente. Ele não fez comparação física entre eles. A semelhança era apenas espiritual.

De novo, Jesus se referiu aos filhos do maligno na parábola do trigo e do joio.

“O campo é o mundo; e a boa semente são os filhos do reino; e o joio são os filhos do maligno.” *Mateus* 13:38.

É pelo princípio da semente que Satanás se reproduz na humanidade. Não há outro meio pelo qual ele possa fazê-lo, porque é a lei que neste mundo toda a vida, boa ou má, apenas pode começar por uma semente. Quando Deus estabeleceu este princípio na terra, Satanás apressou-se a ver como podia ele beneficiar a sua causa se ao menos pudesse ter sucesso em estabelecer um casamento entre si e a família humana. Era uma situação de “tudo ganhar ou tudo perder”. Se pudesse persuadir os nossos primeiros pais a afastarem-se de Jesus o seu verdadeiro marido, então para sempre seria capaz de se multiplicar, mas quando o fizesse, então podia ter tantos filhos quantos nascessem fisicamente. Cada um seria, até ser liberto do seu poder pelo evangelho, uma noiva na qual ele implantava a sua semente e através de quem o seu mau carácter era multiplicado.

Tal como é no casamento com Cristo, assim é com Satanás, o casamento tinha que preceder a implantação da semente e o brotar da vida. As mesmas leis operavam em ambas uniões. A única diferença é que não temos escolha no que diz respeito ao laço com Satanás. Essa escolha foi feita por Adão no Éden e cada um de nós é nascido na família de Satanás. Quer gostemos ou não, somos introduzidos neste mundo já unidos ao diabo. Contudo misericordiosamente, é-nos dada a oportunidade para escolher ser libertos dessa escravidão e admitidos pelo casamento e renascidos na família de Cristo e Seu Pai.

Naturalmente, os filhos de Satanás não são chamados pelos maravilhosos nomes de amor e humildade. Em vez disso produzem nomes como ódio, orgulho, miséria, crueldade, etc. Eles também são filhos muito activos. De facto deve admitir-se que os filhos maus são mais activos do que os

bons. Entre os filhos terrestres há grandes diferenças no comportamento e é um facto lamentável que quanto mais mal comportados os filhos são, mais activos são nesse comportamento. Eles não têm disposição para obedecer a qualquer autoridade e por isso fazem como que lhes agrada. Quanto mais desesperadamente a mãe procura controlá-los, mais rebeldes se tornam.

Ninguém que tenha qualquer desejo de servir a Deus deseja manifestar os maus característicos destes filhos satânicos. Mas é óbvio que não há possibilidade de sucesso em obter libertação deste comportamento simplesmente tentando controlar os seus filhos. A observação dos esforços inúteis das mães terrestres para controlar os seus filhos turbulentos é uma excelente ilustração disto, suficiente em valor para dissuadir qualquer um de tentar isso no mundo espiritual. Simplesmente isso não pode ser feito. A raiz do problema é o casamento. Este deve ser completamente dissolvido antes que o casamento com Cristo possa ser contratado a fim de receber a Sua semente, produzir filhos, e ter a vida cheia dos bons frutos da fé e justiça.

Mas deixai que se saliente que não há possibilidade de um casamento com Cristo ser contratado a menos que tanto o antigo marido como os seus filhos sejam afastados primeiro. Cristo nunca dará a Sua semente fora do casamento e nunca casará com uma mulher que já tenha um marido. Portanto, o problema principal é a libertação do velho marido. A questão natural que se levanta e como pode isso ser feito.

Certamente nenhuma cooperação será obtida da parte de Satanás porque a ultima coisa que ele quer é ser privado dos meios para multiplicar e desenvolver o seu mau carácter.

Portanto, ele agarrar-se-á firmemente a nós tão perto quanto possível e não nos deixará por perdidos. Além disso não podemos pô-lo fora pela força porque ele tem muito mais poder do que nós alguma vez possamos ter. Nem podemos esperar pacientemente viver mais tempo que ele porque é um triste facto que ele continuará a viver por muito tempo depois de termos morrido. Por exemplo, o diabo já viveu depois de Adão cinco mil anos.

Pareceria que não havia solução possível para o problema. Mas há. Satanás é um criminoso condenado. A sentença de morte foi passada sobre ele e seus filhos. A lei transgredida exige a sua vida e essa lei está batendo à porta dos nossos corações exigindo a prisão do vilão. Nós tornámo-nos instrumentos dos seus crimes dando-lhe protecção da lei vingadora. Quanto mais adiamos a abertura da porta e a entrega do inimigo às mãos da justiça, mais culpados nos tornamos. Entretanto, temos procurado diligentemente conquistar os filhos para uma tal condição de obediência, que Deus, imaginamos nós esperançosamente, podia aceitar. Isto é um esforço inútil e mal dirigido que deve parar imediatamente.

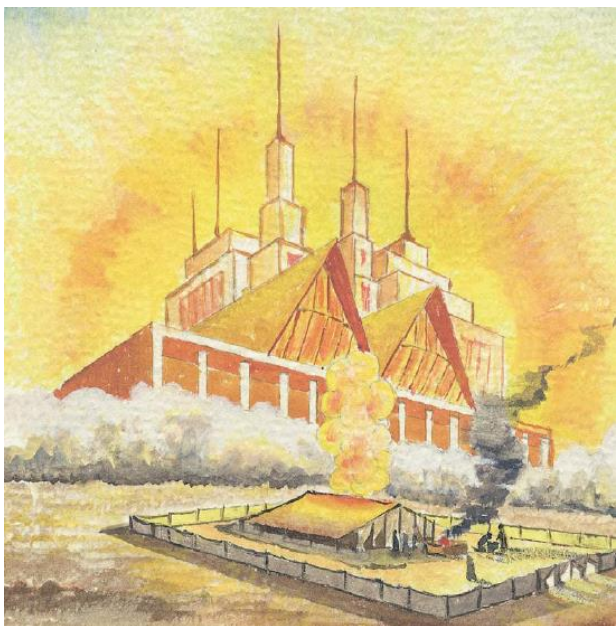
Em vez disso, deixai a porta do coração ser aberta de modo a que a lei possa levar o mau fruto de Satanás e fazer um completo divorcio do marido. Pelo grandioso poder de Deus, aquilo que entregámos à lei transgredida será colocado em segurança no santuário até ao dia da expiação final. Então isso também nos será dado ou entregue à lei transgredida para a execução final.

Como o velho marido e seus filhos se foram, todos os obstáculos para o casamento com Cristo estão removidos. A sua semente pode ser implantada no coração pelo maravilhoso ministério do Espírito Santo seguido imediatamente do aparecimento duma nova vida que por seu lado encherá os dias de boas obras.

É somente assim que Cristo é formado no interior. A sua semente pessoal deve ser implantada pelo Espírito Santo subsequentemente à extirpação do primogénito – o descendente de Satanás. Continuamente a partir daí, o crente deve alimentar-se da semente contida na Palavra de Deus, a fim de alimentar, fortalecer e desenvolver a nova vida.

Enquanto o corpo no qual a nova vida está impregnada é pecaminoso, mortal e impuro, a semente de Cristo é imaculada, pura, e sem pecado. Esta verdade simples e maravilhosa é ilustrada no santuário onde a presença sem pecado de Deus habitou dentro das paredes de um edifício construído com materiais terrestres sobre os quais a maldição do pecado e morte repousavam.

Quando esta coisa maravilhosa estiver realizada dentro do crente, ele literalmente tem Cristo em si – a esperança da glória. Sem o que, não há qualquer esperança de vida eterna.



A Mensagem para o nosso Tempo
(Publicado na revista “The Messenger and News Review”, Novembro 1980)

Capítulo 8

Uma Mente Propriamente Sua

A verdade predominante tão inescapavelmente apresentada na ilustração dos dois maridos é que não pode haver casamento com o novo marido enquanto o velho e seus filhos estão vivos e na posse da mulher.

É a mesma mensagem vital transmitida em muitas outras ilustrações bíblicas como a boa e a má árvore, a cura da doença, a fuga da escravidão egípcia, o despir as vestes manchadas na parábola de Josué e o anjo, e outras. Este é o ensino da extração e reposição sem o que não pode haver a libertação da escravidão do pecado e casamento com Cristo.

Deus não formulou vários planos para salvar a raça humana. Os homens, por outro lado, têm apenas que assegurar que qualquer e todo o plano inventado pelo homem falhará em trazer a libertação. O caminho de Deus é o único que deve ser encontrado e seguido por todos os que sinceramente desejam entrar no Céu. Ninguém tem qualquer desculpa para não compreender este caminho, porque está escrito com grande clareza e poder nas Escrituras. Aqui estão alguns exemplos:

“E vos darei um coração novo, e porei dentro de vós um espírito novo; e tirarei o coração de pedra da vossa carne e vos darei um coração de carne.” *Ezequiel 36:26*

Apesar da própria palavra, extrair, não ser usada neste versículo o significado é o mesmo. Deus tem pessoalmente prometido tirar, remover, extrair, desfazer, o velho coração - o símbolo da velha vida que brotou da implantação da semente de Satanás - e substituída pelo novo coração - o símbolo da vida que brota da impregnação da semente de Cristo.

Outra vez está escrito:

“Os preconceitos e opiniões que prevaleciam em Mineápolis de modo algum estão mortos; as sementes ali semeadas em alguns corações estão prestes a saltar para a vida e a dar idêntica colheita. A copa foi cortada, mas as raízes nunca foram desarraigadas, e elas ainda dão o seu fruto profano para envenenar o juízo, perverter a percepção, e cegar o entendimento daqueles com quem vos

relacionais, com relação à mensagem e aos mensageiros. Quando pela confissão completa, destruídes as raízes da amargura, vereis a luz à luz de Deus. Sem este trabalho completo nunca purificareis a vossa alma.” *Testemunhos para Ministros e Obreiros Evangélicos*, 467.

O grande erro cometido em Mineápolis foi aplicar uma solução humana ao seu problema. Em vez de irem ao Senhor e terem desarraigado a sua pecaminosidade, escolheram remover, as manifestações disso. Este era, de facto, o único caminho que eles podiam prosseguir uma vez que tinham rejeitado a mensagem que lhes foi enviada por Deus através dos pastores Waggoner e Jones. Essa mensagem – a mesma que anteriormente havia sido pregada por João Baptista – proclamava que o machado devia ser colocado à raiz da árvore, não apenas para cortar a sua parte visível. Eles tinham trabalhado meramente para produzir uma melhoria modificada do antigo.

A única possibilidade para “...verem a luz à luz de Deus”, e para purificarem as suas almas, era ter esta profunda obra de desarraigamento e substituição cumprida. Isto requeria que eles aceitassem a mensagem vinda pelos homens que eles desprezaram e odiaram. Testemunhos históricos da sua recusa de acordo com estas condições aparte de algumas excepções, a consequência disso é que a mensagem acerca do desarraigamento é ainda desprezada e rejeitada, e almas que pensam que são ricas e de nada tendo falta estão fechadas em trevas e morte.

O rei Nabucodonozor, que “...foi finalmente convertido, e aprendeu a louvar e exaltar e honrar o rei do céu” (*Review and Herald*, 11 de Janeiro de 1906), teve alguma dificuldade na sua vida até o seu orgulho e ambição serem desarraigados dele. Na ocasião em que lhe foi dada a visão da grande árvore, está escrito dele, “A auto-indulgência e ambição não haviam ainda sido erradicadas do coração do rei, e esses traços mais tarde reapareceram”. *Profetas e Reis*, 519.

Para o rei, esta obra foi finalmente cumprida com o resultado que entrou num verdadeiro casamento com Cristo e, se permanecesse fiel ao casamento, estaria no lar preparado pelo noivo para o seu povo.

“A alma deve ser purificada da vaidade e do orgulho, esvaziada de tudo quanto a tem dominado, e Cristo entronizado no interior”. *O Desejado de Todas as Nações*, 477.

“A religião de Cristo significa mais que o perdão dos pecados; significa remover nossos pecados e encher o vácuo com as graças do Espírito Santo.” *Parábolas de Jesus*, 419, 420.

Estes são algumas das muitas referências que podiam ser citadas para estabelecer este ponto. Apesar da clareza e objetividade destas expressões, é difícil levar o povo a ver e aplicar esta grande e essencial verdade. Aqueles que não o fazem, e contudo desejam a salvação, gastam as suas vidas trabalhando constantemente para manter a manifestação da natureza maligna sob controlo. Este esforço realmente traz algum sucesso de modo que as boas aparências podem ser mantidas, mas o machado não foi colocado à raiz da árvore, nenhum casamento com Cristo foi efectuado, e por conseguinte não há real esperança de salvação.

É agora o tempo de desenvolver o próximo passo vital na relação do casamento. Este é um factor não notado em ambos os casamentos, tanto físico como espiritual, e contudo é essencial para o desenvolvimento de uma relação verdadeiramente harmoniosa e bem sucedida entre ambos os participantes do casamento.

Toda a pessoa que pensa no casamento devia tornar-se conhecedora que, apesar do amor profundo e duradouro ser um elemento critico numa união bem sucedida, não é suficiente para assegurar que essa relação durará. O casamento é mais do que amar. É também viver conjuntamente. Portanto, o mesmo método de vida deve ser compatível a ambos, a fim de ambos participarem e construir um emparceiramento duradouro e satisfatório.

É por esta razão que ninguém devia entrar em casamento com religiões diferentes, não importa quão gentil possa ser cada uma das pessoas propostas. Imaginai o homem que é duma religião mundana, cujo curso de vida envolve a transgressão do sábado, dançar, ir ao teatro, etc. A mulher não pode juntar-se-lhe por causa da sua principal obrigação para com as verdades eternas. Ele sai para participar nestas actividades e naturalmente procura companhia. Tanto o marido como a esposa são infelizes com a separação imposta entre eles enquanto estas actividades estiverem a decorrer e

ele for tentado a render-se ao oferecimento de outras mulheres para participar nos prazeres que tanto elas como ele concordam.

O amor com que o casamento começou corromper-se-á até um, ou o outro, os ambos verificarem que a afeição esfriou e morreu. Isto tem acontecido frequentemente e sempre acontecerá pela simples razão que isso é inevitável resultado da operação das leis naturais. Essas leis requerem uma unidade de vida a fim de manter e fortalecer o amor que se tinha formado antes e no casamento. A fim de salvar o Seu povo da vida maçadora e dos anos obscuros Deus deu um conselho muito explícito.

“Não vos prendais a um jugo desigual com infieis; porque, que sociedade tem a justiça com a injustiça? E que comunhão tem a luz com as trevas?” 2 *Coríntios* 6:14.

Este testemunho não nega a possibilidade de haver amor entre um crente e um descrente. Isso é muito possível, especialmente no namoro e nas primeiras fases da relação do casamento. Aquilo que o texto nega é a possibilidade de associação e comunhão entre as duas partes. Essa é a impossibilidade. Onde não há comunhão nem associação o amor morrerá e o casamento eventualmente será dissolvido.

“Centenas de pessoas têm sacrificado a Cristo e ao Céu em consequência de haverem desposado um inconverso. Acaso pode ser que o amor e o companheirismo com Cristo seja de tão pouco valor para eles, que prefiram a companhia de pobres mortais? É o Céu tão pouco estimado, que estejam dispostos a arriscar seu gozo por alguém que não sente amor algum para com o precioso Salvador?”

“A felicidade e a prosperidade da vida de casados depende da união dos conjugues. Como pode a mente carnal se harmonizar com o espírito semelhante ao de Cristo? Um semeia na carne, pensando e agindo em harmonia com os impulsos do próprio coração; o outro semeia no espírito, busca reprimir o egoísmo, vencer as inclinações e desígnios, e viver em obediência ao Mestre, a quem professa servir. Existe, portanto, eterna diferença de gostos, inclinações e desígnios. A menos que o crente, mediante sua firme adesão aos princípios, conquiste o impenitente, há-de, como é o mais comum, ficar desanimado, e vender seus princípios religiosos pela desvaliosa companhia de um ente que não tem ligação com o Céu.

“Deus proibiu rigorosamente o entrelaçamento, por alianças matrimoniais, de Seu povo com as outras nações. Alega-se agora que essa proibição foi feita a fim de impedir os *Hebreus* de casarem com idólatras, e formarem ligações com famílias pagãs. Os pagãos, no entanto, achavam-se em condições mais favoráveis do que os impenitentes desta geração, os quais, tendo a luz da verdade, ainda se recusam persistentemente a aceitá-la. O pecador de hoje é incomparavelmente mais culpado que os gentios, pois a luz do evangelho brilha clara ao seu redor. Ele viola a consciência, e é um inimigo deliberado do Senhor. O motivo indicado por Deus para proibir esses casamentos, foi; ‘Pois fariam desviar teus filhos de Mim.’ Deut. 7:4. Aqueles, dentre o antigo Israel, que se arriscaram a desprezar a proibição divina, fizeram-no com sacrifício dos princípios religiosos. Tomai o caso de Salomão como exemplo. Suas mulheres lhe desviaram o coração de Deus.” *Testemunhos Selectos*, 577, 578.

Aqueles que rejeitam ou ignoram estes conselhos pagam um preço medonho nos seus casamentos. Os que realmente lhes prestam atenção, desse modo recusando contrair casamento com descrentes, precisam reconhecer que os mesmos princípios devem ser considerados quando contemplamos um casamento cristão. Muitos têm raciocinado em face de incompatibilidades evidentes, que por causa de se amarem um ao outro e ambos estarem nesta mensagem salvadora, nada mais precisa ser considerado.

Isto é um erro muito sério. Amor não é suficiente para assegurar um casamento bem sucedido e feliz. Cuidadosa consideração deve ser feita para assegurar que as mentes de ambos estão em concordância uma com a outra. Isto não é sugerir que um tem que ser uma exacta reprodução do outro, mas é de realçar que eles devem ter harmonia de interesses. Devem pensar da mesma maneira.

É por este motivo que as pessoas de ambiente básico social e educacional amplamente diferentes não devem casar. Eles estão a ligar-se a pessoas fora das suas classes. Semelhantemente, uniões maritais inter-raciais são desaconselhadas, não porque uma cor seja pior ou melhor do que a outra,

mas por causa das grandes diferenças em valores, pensamento, interesse e procedimentos. Evidentemente, uma pessoa pode apontar exemplos onde tais casamentos têm sido bem sucedidos, mas isto é uma exceção em vez de regra.

Portanto, todos os casais que projectam envolvimentos emocionais que conduzem no fim de contas ao partilhar das suas vidas em conjunto, precisam sentar-se antes da ligação se tornarem fortes e considerarem muito cuidadosamente quanto têm em comum. Perguntem se os necessários ajustamentos podem ser feitos para trazer total compatibilidade. Especialmente a mulher deve pensar todas estas coisas, porque ela terá que ir onde o seu marido a levar e viver a vida que ele lhe der.

Em vez de fazer isto, a aproximação usual é raciocinar como segue: “Há certas coisas acerca dessa pessoa que eu nunca podia suportar, mas simplesmente esperarei até estar casado com ele ou ela conforme seja o caso, e tudo isso modificarei.” O namoro então torna-se a tomada de uma posição de possessão e autoridade do qual a vontade de um ou dos dois participantes é usada para reflectir o método e vontade do outro. Essa é uma manifestação do espírito de Babilónia. É tomar a função de Deus, porque não é dado a qualquer homem ou mulher determinar exactamente como o outro deve viver ou agir.

Os que têm o verdadeiro espírito de Cristo em si, nunca casarão com uma pessoa com ideia de moldar essa pessoa ao seu próprio gosto. Pelo contrário, casarão com essa pessoa por aquilo que ela é, tanto para o melhor como para o pior, depois de ter decidido que essa pessoa pode ser amada pelo que ela é.

Depois de casados, todo o esforço deve ser feito por ambos para desenvolver esses interesses que têm em comum, enquanto as linhas de comunicação e compreensão se mantiverem abertas. Ambos precisarão de fazer modificações para alcançar isto, mudanças que vão da menor à quase drástica.

Quão frequentemente tem sido feita a triste observação por esposas dominadas, “quando ele me cortejava, era tão bondoso, ajudador e cortês. Numa tentou dizer-me o que fazer. Mas assim que casámos, tudo isso mudou. Agora ele impõe as suas regras e espera que eu faça as coisas exactamente como ele as quer. Quanto desejo ser amada por aquilo que sou e não baseado no julgamento de outra pessoa daquilo que eu deveria ser.”

Não há necessidade disto nem tais problemas existiriam se uma adequada consideração fosse dada por ambas as partes antes de entrarem em compromisso. Mas infelizmente, poucos foram libertos completamente de Babilónia. Todos os que não foram estão possuídos dum determinação para dominar e moldar as vidas, em especial daqueles que são colocados sob o seu poder.

A mensagem vital é que ninguém devia entrar em casamento com a ideia que estar apaixonado e na mesma mensagem é suficiente. Há os que têm feito isto e, quando lêem estas palavras, dão um forte testemunho pessoal confirmando a sua veracidade.

A Contrapartida Espiritual

Tudo o que é verdade acerca do casamento físico é também aplicável à união espiritual com Cristo. Quando o namoro estiver terminado e o casamento tenha sido contratado, a obra da entrada em completa comunhão com Cristo e um verdadeiro caminhar com Ele começou abertamente. É verdade que grandes modificações têm que ser feitas. A família de Satanás foi deixada para trás, uma grande quantidade de afeições existentes anteriormente para com ele foi destruída, a sua descendência foi eliminada da vida, um forte amor por Cristo foi desenvolvido, a união com Ele foi efectuada, e a Sua semente foi implantada e germinada.

É vulgarmente pensado que isto é tudo o que podia ser necessário para assegurar um casamento, unido, bem sucedido e livre de problemas: Mas não é. O problema está na área da mente do lado humano no contrato. Apesar do coração ter sido mudado, o corpo de carne e sangue não foi. A mulher ainda tem uma mente propriamente sua e lhe é necessário concentrar-se, sob a tutela de Cristo, no trazer essa mente à perfeita harmonia com a mente de Cristo. Ele, ao contrário dos maridos terrestres, não tem modificações a fazer, porque o Seu pensamento já é perfeito. Ela é que tem que

fazer todos os ajustamentos. Quando isto é compreendido e essa obra abraçada de coração, haverá um ritmo de crescimento espiritual muito mais rápido, e maior sucesso na vida cristã.

Este problema é bem ilustrado nas vidas de muitos cristãos renascidos cujas batalhas, fracasso e vitórias estão relatadas na Escritura. Um cuidadoso estudo destes relatos mostra que entre outras coisas, a razão para as dificuldades nos seus casamentos com Cristo é falharem em ter as suas mentes em total conformidade com a mente de Cristo. Não compreenderam a pensar em todas as coisas como Ele pensa. Ainda têm as suas formas perversas de pensar.

Todavia a maior parte mostra-se disposta a aprender de modo que à medida que os anos passam, as suas mentes realmente chegam mais e mais à harmonia com a mente de Cristo, o Seu marido. A consequência foi que o resultado final do casamento deles, enquanto nesta vida, foi melhor do que o primeiro. Nem todos estavam preparados para fazer estas modificações, e agarraram-se firmemente às suas próprias ideias e teorias. Assim foram Judas e o rei Saul - O resultado final foi a separação total e divórcio de Cristo e a perda da vida eterna.

Dos muitos que de facto aprenderam a pensar como Cristo, os Seus apóstolos são o melhor exemplo do efeito que isto teve no casamento. Eles estavam envolvidos com Cristo numa relação muito directa e pessoal. Todos os dias eles viveram, trabalharam, falaram e andaram com Ele exactamente como as esposas fazem com os seus maridos. Esta relação entre Cristo e eles provou ser muito agitada por vezes. Contudo, os problemas nunca residem em Cristo mas com os Seus seguidores. Frequentemente discordavam das Suas decisões e às vezes protestavam vigorosamente contra elas. Quando Ele não se conformava com o pensamento deles, ficavam angustiados, descontentes, ou duvidosos acerca d'Ele, dando muitas vezes enfáticas expressões a estes sentimentos.

Contudo, não pode haver dúvidas que eles estavam verdadeiramente renascidos e portanto numa estabelecida relação de casamento com Cristo. Há muitas evidências para apoiar este facto. Alguns deles haviam sido convertidos pelo ministério de *João* que compreendeu o verdadeiro evangelho. Ele insistia que o machado devia ser colocado à raiz da árvore, e não aceitaria um mero corte dos ramos visíveis como sendo uma confissão aceitável. Quando baptizava um crente, certificava-se que a pessoa realmente tinha esta experiência. A sua mensagem constante era: "É também já está posto o machado à raiz das árvores; toda a árvore, pois, que não dá bom fruto, corta-se e lança-se no fogo." *Lucas 3:9*.

Aqueles com que ele seria mais exigente em ver que esta qualificação era satisfeita, eram os que o seguiam como discípulos mais próximos. Estes foram homens que o deixaram para se tornarem os primeiros coobreiros de Cristo. Por isto podemos estar certos que quando se juntaram a Cristo já eram cristãos renascidos, e por conseguinte numa relação de casamento com Ele.

Não o fossem, Cristo nunca os teria escolhido e ordenado para o ministério. Pode ser objectado que Judas foi um traidor desde o princípio e não era um cristão renascido. A verdade é que ele nunca foi chamado ou escolhido por Cristo. Ele pressionou a sua própria entrada, com o apoio de outros apóstolos. Portanto, ele está numa categoria diferente dos outros.

Um terceiro testemunho quanto a eles serem renascidos encontra-se em que estando reunidos para a ceia do Senhor, "...Pedro e seus irmãos tinham sido lavados na grande fonte aberta para o pecado e a impureza." *O Desejado de Todas as Nações*, 624.

Essa lavagem desarraigou dos templos dos seus corpos os filhos de Satanás que ali habitavam. E libertou-os para serem impregnados com a semente de Cristo. Foi por causa da Sua vida estar neles de modo que Ele era tanto um pai como um marido para eles, pelo que podia e realmente reconhecia-os como Seus. Todos os que estão ainda casados com Satanás, são dele, não de Cristo.

Assim, a única conclusão deixada é que eles eram verdadeiramente cristãos renascidos. A humanidade deles estava casada com a divindade de Cristo. Ele era o pai da vida divina que estava neles e amavam-No profunda e duradouramente. Tinham deixado o mundo e a vida do seu primeiro marido, Satanás, e eram agora uma parte da família e do modo de vida de Cristo. Eles eram tão devotados a Ele como uma esposa jamais possa ser.

Uma pessoa pensaria que, com tudo isto, o casamento seria um maravilhoso sucesso com esses homens vivendo as suas vidas em perfeita harmonia com Cristo e de completa ausência de pecado. Mas isto não se provou ser assim.

Muitas vezes discordaram d'Ele. Por exemplo, quando Lázaro estava doente para morrer e era imperativo que Jesus permanecesse afastado de Betânia, eles insistiram que Ele devia ir. Quando Ele não o fez, ficaram muito descontentes com Ele e duvidosos da Sua missão. Pouco depois, quando Lázaro morreu, era vital que Jesus fosse então a Betânia, protestaram que Ele devia manter-se afastado. Foi apenas o respeito pela Sua autoridade como seu marido e o seu profundo amor por Ele, que evitou que se separassem d'Ele e o deixassem ir sozinho.

Anteriormente, quando a multidão planeou levar Cristo pela força e faze-Lo rei, os discípulos colocaram-se ao lado da multidão. Eles viam no levantamento popular uma perfeita oportunidade para exaltar Cristo ao lugar que tinham escolhido para Ele. Ao fazerem isso estavam actuando exactamente ao contrário das mentes de Cristo e Seu Pai. Outra vez, foi apenas a autoridade de Cristo como marido que os salvou de executarem o seu propósito contrário. Mas enquanto remavam através do lago, encheram-se de dúvidas, queixosos e insatisfeitos com o seu Salvador. Isto separou-os d'Ele até a experiencia da tempestade lhes ter ensinado o seu total desamparo e a necessidade da Sua protecção e os trouxe de volta a Ele novamente.

Então houve uma ocasião em que Cristo lhes declarou a vereda que estava perante Ele, o trilho que levava através do sofrimento, humilhação, tortura e finalmente crucifixão. Ele não podia caminhar outro caminho. Tivesse Ele escolhido qualquer outro, então a Sua missão seria um completo fracasso. Os apóstolos não viram qualquer luz nisto. Pedro tomando o seu Mestre aparte protestou com Ele que aquela não seria a Sua sorte. Uma multidão, dominação do mundo, e grandezas terrestres eram os seus sonhos para Ele e para si mesmos.

Exemplos atrás de exemplos podem ser citados em que o Marido e a esposa, neste caso Cristo e os seus apóstolos, estavam em completo desacordo acerca do caminho a ser seguido. Durante aqueles dias o casamento foi assediado com muitas dificuldades. Muitas vezes a esposa estava muito infeliz enquanto o Marido estava entristecido pela incapacidade da Sua esposa para compreender a verdadeira natureza da Sua obra.

O problema não se encontra na continuação da presença da semente de Satanás. Essa foi eliminada. Eles eram renascidos e verdadeiramente casados com Cristo. O que ainda não tinha sido completamente trazido à harmonia com Ele era a sua forma de pensar. Foi apenas quando isto mudou através de um paciente processo de educação da Sua parte, que eles foram trazidos à completa harmonia com Ele, e entraram numa exemplificação da vida cristã muito mais bem sucedida e um estado de existência mais feliz.

Os mesmos problemas enfrentados por aqueles homens, são enfrentados por cada um de nós hoje. O novo nascimento está passado. Cristo é o nosso Marido, mas atrás de nós estão anos passados na escola de Satanás onde ideias e teorias contrárias ao pensamento e princípios de Cristo foram inculcados nas nossas mentes.

Se bem que estas diferenças não conduzem ao divórcio, a menos que sejam obstinadamente acariciadas, também não edificam o casamento. Portanto, é de primeira importância que cada um de nós reconheça que a grande obra a ser feita depois do casamento é trazer a mente à conformidade com a mente de Cristo. Fazer isto requer que percamos a confiança na nossa forma de pensar há muito estabelecida e o cultivo de uma atitude receptiva aos ensinamentos de Cristo. Sempre que verificarmos que estamos em desacordo com as orientações oportunas de Deus, e com dificuldades e tribulações que nos são impostas, apressemo-nos a investigar e ver onde pensamos de modo diferente daquela que Cristo pensaria sob as mesmas circunstâncias.

Isto é uma coisa para a qual todos devíamos trabalhar diligentemente se desejamos desenvolver uma relação de casamento feliz e bem sucedida com o Salvador.

Naturalmente, a fonte mais saudável onde a mente de Cristo é revelada, é a Palavra de Deus escrita e criada - A Bíblia - e a natureza. Quanto mais frequente e profunda comunhão com Cristo

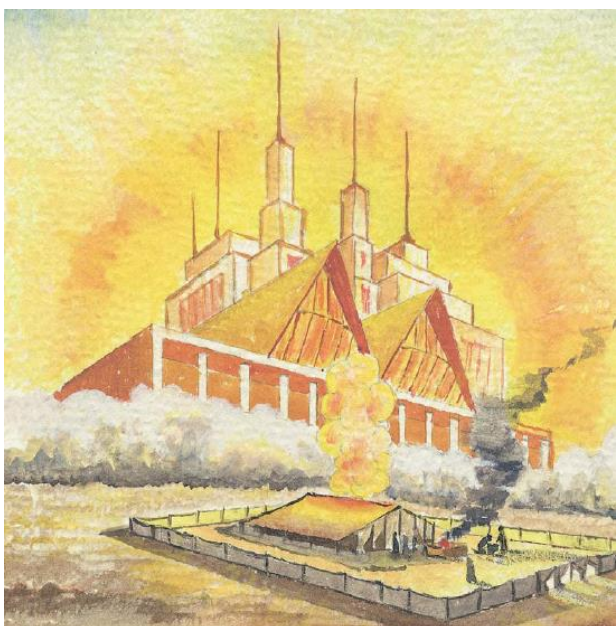
for mantida através destes canais, mais a mente será moldada à harmonia com a de Cristo. Do modo oposto, quanto mais o produto do pensamento humano é estudado, mais a mente será treinada nas linhas contrárias à mente divina. Há uma obra muito real a ser feita nesta área. De facto, é a obra mais importante a ser encetada depois da experiência do novo nascimento ter sido alcançada.

“Destruindo os conselhos, e toda a altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo o entendimento à obediência de Cristo;” *2 Coríntios* 10:5.

“Devíeis manter-vos afastados do encantado terreno de Satanás e não permitir que as vossas mentes fossem desviadas da fidelidade a Deus. Através de Cristo podeis e deveis ser felizes e adquirir hábitos de domínio próprio. Mesmo os vossos pensamentos devem ser colocados em sujeição à vontade de Deus e os vossos sentimentos sob o controlo da razão e religião. A vossa imaginação não vos foi dada para lhe ser permitido descontrolar-se e ter o seu próprio caminho sem qualquer esforço para restringir ou disciplinar. Se os pensamentos são errados os sentimentos serão errados, e os pensamentos e os sentimentos combinados formam o carácter moral. Quando decidiste que como cristãos não vos é exigido restringir os vossos pensamentos e sentimentos, ficais sujeitos à influência dos anjos maus e convidais a sua presença e o seu controlo. Se vos renderdes às vossas impressões e permitirdes que os vossos pensamentos se prendem num canal de suspeita, dúvida e descontentamento, estareis entre os mais infelizes dos mortais, e a vossa vida será um fracasso.” *Testemunhos*, 5:310.

“Faça a juventude da Palavra de Deus o alimento do espírito e da alma. Torne-se a cruz de Cristo e a ciência de toda a educação, o centro de todo o ensino e estudo. Seja ela introduzida na experiência diária da vida prática. Assim se tornará o Salvador para os jovens o companheiro e amigo de cada dia. Todo o pensamento será levado cativo à obediência de Cristo.” *A Ciência do Bom Viver*, 460.

“Necessitamos de ter um constante sentimento do poder enobrecedor dos pensamentos puros. É nos bons pensamentos que reside a única segurança para cada alma. O homem 'como imaginou na sua alma, assim é' Prov. 23:7. A faculdade de se dominar, desenvolvesse pelo exercício. O que parecia a princípio difícil, torna-se fácil pela repetição constante, até que os rectos pensamentos e acções acabam por ser habituais. Se quisermos podemos afastar-nos de tudo o que é baixo e inferior, e elevar-nos para uma alta norma; podemos ser respeitados pelos homens e amados por Deus.” *Idem*, 491.



A Mensagem para o nosso Tempo
(Publicado na revista “The Messenger and News Review”, Dezembro 1980)

Capítulo 9

A Expição

Deus ordenou a construção do santuário para que pudesse habitar dentro do Seu povo. Estas mesmas verdades são ensinadas no princípio da semente que envolve o duplo processo de afastamento dos frutos do velho marido e a implantação da vida do novo marido para preencher o vácuo assim criado. Esta é a obra da expiação ou o trazer o pecado a um estado de reconciliação com Deus.

“Tanto no Velho Testamento como no Novo são usadas palavras diferentes para exprimir a mesma ideia de re-conciliado.

“Exemplos – As palavras sublinhadas são, no texto, sinónimas de expiar ou expiação. *Êxodo* 26:36; ‘E purificarás o altar, fazendo expiação por ele’. *Levítico* 12:8; ‘O sacerdote por ele fará propiciação, e será limpa’. *Levítico* 14:2; ‘Esta será a lei do leproso no dia da sua purificação’. Vers. 21; ‘O sacerdote fará expiação por ele, e será limpo’. A expiação não podia ser feita por ele até que estivesse curado da lepra,- *Levítico* 13:45,46; Até que estivesse curado, tinha que abitar sozinho fora do acampamento. Então, *Levítico* 14:3,4; ‘O sacerdote sairá para fora do arraial, e o sacerdote examinado, eis que, se a praga da lepra do leproso for sarada, então o sacerdote ordenará que por aquele que se houver de purificar se tomem duas aves vivas e limpas.’ Etc. A lei era a mesma para a purificação de uma casa da lepra. Versículos 35-37. As pedras afectadas com a praga eram removidas e a casa ‘raspada por dentro ao redor’ e depois reparada com novo material.

“A imundícia física está agora totalmente removida e poderia chamar-se-lhe limpa; mas não é assim; ela está apenas preparada para ser limpa segundo a lei. Vers. 48; ‘Depois tornará para expiar a casa duas aves’ etc. Vers. 49; ‘Assim expiará a casa com o sangue da avezinha’ etc. Vers. 52,53; ‘Assim fará a expiação pela casa, e será limpa.’ *Levítico* 16:18,19; ‘Então chegará ao altar, que está perante o Senhor, e fará expiação por ele.’ ‘E daquele sangue espargirá sobre ele com o seu dedo sete vezes, e o purificará das imundícias dos filhos de Israel.’ *Levítico* 8:15; ‘E Moisés tomou o sangue, e

pôs dele com o seu dedo sobre as pontas do altar em redor, e expiou o altar; e depois derramou o resto do sangue à base do altar, e o santificou, para fazer reconciliação sobre ele.’ 2 Cró. 29:29, vidé 2 Cró. 29:24; ‘E fizeram expiação do pecado sobre o altar, para reconciliar a todo o Israel’, Jeremias 33:8; ‘E os purificarei de toda a sua maldade,’ ‘E perdoarei todas as suas iniquidades,’ 2 Cor. 5:17-19; ‘sendo justificados pelo Seu sangue,’ ‘Pelo qual alcançámos a reconciliação,’ 2 Cor. 5:17-19; ‘Que nos reconciliou consigo mesmo por Jesus Cristo.’ Efésios 2:16; ‘Para que pudesse reconciliar-nos com Deus,’ Heb. 9:13,14; ‘Porque, se o sangue dos touros e bodes, os santifica quanto à purificação da carne; quanto mais o sangue de Cristo, purificará as vossas consciências das obras mortas.’ Ele é o Mediador para a ‘remissão das transgressões,’ e para ‘aperfeiçoar para sempre os que são santificados,’ Heb. 10:14; Efésios 1:7; ‘Em que temos a redenção pelo Seu sangue, a remissão dos nossos pecados,’ Atos 3:19; ‘ Convertet-vos para que sejam apagados os vosso pecados.’

“Destes textos aprendemos que as palavras expiar, limpar, reconciliar, purificar, purgar, perdão, santificar, consagrar, perdoar, justificar, remir, apagar e tantas outras são usadas para significar a mesma obra, isto é, fazer entrar em reconciliação com Deus; e em todos os casos, o sangue é o processo, e algumas vezes sangue e água. A expiação é a grande ideia da Lei, assim como também do Evangelho; e assim como o desígnio da Lei era ensinar-nos que é muito importante compreender o Evangelho.” O.R.L. 10,11. (Edição da Destiny Press.)

Porque a tendência persistente é ver uma parte da totalidade como sendo a provisão completa, conceitos limitados da expiação têm sido defendidos por vários grupos. As igrejas protestantes por exemplo, que não defendem ensinamentos significativos acerca do santuário, vêm a expiação como tendo sido completada na cruz. Eles não compreendem nem acreditam na expiação levada a cabo no lugar santíssimo no céu.

Por outro lado, a intensa experiência pela qual os primeiros adventistas passaram, centrou a sua atenção na expiação final a ser efetuada no lugar santíssimo do santuário celestial. O seu engano acerca dos acontecimentos previstos para a finalização do período dos 2300 anos, lançou-os num desapontamento igualado na história da igreja apenas por aquele que foi experimentado pelos apóstolos de Cristo por altura da crucifixão. O mundo, suficientemente pronto a ridicularizar a sua firme posição anterior ao dia esperado para o regresso de Cristo, não se refreou no seu escárnio, quando o acontecimento profetizado não teve lugar. Deste dia em diante, muitas daquelas igrejas protestantes que rejeitaram a mensagem do terceiro anjo, consideraram o fracasso das predições dos adventistas como prova clara que o movimento não é de Deus.

Esta pressão proveniente do escarnecedor povo das igrejas mundanas juntamente com a sua própria necessidade de saber realmente e que ficar, colocou sobre os primeiros adventistas a necessidade de admitirem que eram um falso movimento, ou explicarem em que ponto vital tinham errado. Muitos deles escolheram o primeiro caminho, resultando em dezenas de milhar daqueles que tinham ardentemente esperado o regresso de Cristo, abandonando toda a fé no movimento adventista.

Mas houve os que não podiam negar a rica comunhão com Cristo à qual foram guiados, e que portanto escolheram esperar até que fosse dada luz mais clara em vez de voltar para as organizações das igrejas apostatadas. Eles foram galardoados com a luz que apontava o caminho do ministério do lugar santíssimo que em breve aprenderam a referir-se-lhe como “expiação final”.

Por causa do adventismo ficar firme ou cair no acontecimento da expiação final tornou-se uma característica dominante a sua apresentação da mensagem. Todo o novo converso era cuidadosamente instruído neste ensinamento de modo a firmá-lo na verdade. Consequentemente, as outras fases da expiação receberam desproporcionada, pouca ou nenhuma atenção.

Entretanto, as igrejas Protestantes rejeitaram totalmente a expiação final e continuaram a salientar que foi feita uma expiação completa na cruz e nenhuma outra era necessária. Acusaram os adventistas de repudiarem o ministério da cruz que era mais do que suficiente para os relegar para a posição de hereges ou cultistas.

Com a rejeição da mensagem que Deus enviou por Waggoner e Jones em 1888, o povo adventista perdeu o poder para defender a expiação final. Isto não deixou opção senão voltar atrás para a posição protestante que proporcionou uma expiação apenas – a qual foi feita através do Calvário. Esta tomada de posição elimina qualquer necessidade para um ministério em cada um dos lugares santos por sua vez, e nega qualquer necessidade de um julgamento investigativo. A mensagem do terceiro anjo é tornada sem valor e inválida. Tudo o que é adventismo fundamental desaparece daqueles que dão estes passos.

Felizmente, esta apostasia não pode mudar o facto que a mensagem do terceiro anjo é a verdade dada por Deus através da proclamação da qual a obra deve ser finalizada nestes últimos dias. Os que rejeitam esta mensagem não terão parte no ministério final de Cristo.

Contudo, esta mensagem não procura a rejeição do ensinamento que Cristo realizou uma perfeita expiação na cruz. Rejeita somente a ideia que não há outra expiação. A salvadora verdade de Deus dá completo reconhecimento e lugar próprio à completa e perfeita expiação executada por Cristo no Calvário, exactamente como faz a todas as outras expiações que se seguem. Que Jesus efetuou uma obra na cruz é tornado claro nestes testemunhos:

“O tipo encontrou o antítipo na morte de Cristo, o Cordeiro morto pelos pecados do mundo. O nosso grande Sumo Sacerdote fez o único sacrifício que é de algum valor na nossa salvação. Quando Ele se ofereceu a Si mesmo na cruz, foi feita uma perfeita expiação pelos pecados do povo. Estamos agora no pátio exterior, esperando e olhando para a abençoada esperança, do glorioso aparecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.” Os Sinais dos Tempos, 28 de Junho de 1899.

“O nosso grande Sumo Sacerdote completou a oferta sacrificial de Si mesmo quando sofreu fora da porta. Então uma perfeita expiação foi feita pelos pecados do povo. Jesus é o nosso Advogado, e nosso Sumo Sacerdote, o nosso Intercessor. A nossa presente posição portanto é semelhante à dos israelitas, permanecendo no pátio exterior, esperando e olhando para essa abençoada esperança, o glorioso aparecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.” Manuscritos 128, 1987.

“O tempo chegou para o universo do céu aceitar o seu Rei. Anjos, querubins e serafins, estariam agora à vista da cruz.... O Pai aceita o Filho. Nenhuma linguagem podia transmitir a alegria do céu ou a expressão de satisfação e deleite de Deus no Seu Filho Unigénito quando viu a realização da expiação.” Os Sinais dos Tempos, 16/8/1899.

“O Pai demonstrou o Seu infinito amor por Cristo, que pagou o nosso resgate com o Seu Sangue, recebendo e acolhendo bem os amigos de Cristo como Seus amigos. Ele está satisfeito com a expiação feita. É glorificado pela encarnação, vida, morte e mediação do Seu Filho.” Testemunhos, 6:364.

“O Pai deu toda a honra ao Filho, sentando-O à Sua dextra, muito acima de todos os principados e poder. Ele exprimiu a sua grande alegria e deleite em receber o Crucificado e Coroando-O com glória e honra. E todas as Suas honras que mostrou ao Seu Filho na aceitação da grande expiação são mostradas ao Seu povo. Deus ama-os como ama o Seu Filho.... O selo do céu foi afixado à expiação de Cristo. O Seu sacrifício é em todas as formas satisfatório.” Os Sinais dos Tempos, 16 de Agosto de 1899.

“O sacrifício de Cristo é suficiente; Ele fez uma oferta total e eficaz a Deus; o esforço humano sem o mérito de Cristo é inútil.” The Review and Herald, 19 de Agosto de 1890, (Março 24, 1896).

“Como foi completo o sacrifício feito em nosso favor, assim deve ser a nossa restauração do aviltamento do pecado.” A Ciência do Bom viver, 451.

“A Sua morte na cruz do Calvário foi o clímax da Sua humilhação. A Sua obra como Redentor está para além da finita concepção. Somente aqueles que morreram para o eu, cujas vidas estão escondidas com Cristo em Deus, podem ter qualquer ideia da perfeição da oferta feita para salvar a raça caída.” Carta 196, 1901.

Por estas palavras é dada a certeza que Cristo fez no Calvário uma expiação perfeita, completa, total e eficaz que satisfaz completamente o Pai. Contudo, na Palavra de Deus é feita referência a mais expiações efetuadas depois desta “... perfeita expiação,” na cruz. Isto naturalmente parece ser uma

contradição, porque, se a expiação foi completa na cruz, que necessidade há para mais expiações depois desta? O problema é resolvido rapidamente quando é compreendido que a expiação realizada na cruz foi essa expiação em particular, não a obra da expiação como um todo. O facto geralmente ignorado é que a obra da salvação não é completada por uma expiação. Uma pessoa não está finalmente preparada para o céu no momento em que renasce. Os homens desejam que seja assim mas não é.

Depois da experiência inicial da regeneração que dá ao crente a filiação na família de Cristo, há ainda uma grande obra a ser feita em favor e dentro dele. Apesar da sua natureza ter sido mudada, em muitas coisas a sua mente não foi. Depois de anos de educação na escola de Satanás há muito para desaprender, e também muito para aprender. Uma vasta obra de reforma deve ser adicionada à do reavivamento a fim de levar o individuo à completa harmonia com o caracter e mente de Cristo. Assim o crente é eventualmente imunizado contra todas as tentações não importa quão subtil ou forte. Esta obra particular também é a realização de uma expiação.

Quando essa for completada, resta ainda a expiação no santuário pela qual os pecados do verdadeiro penitente são removidos dele para sempre. Isto também

Quando uma destas obras sucessivas têm que ser completadas em si mesmas precisamente como foi a expiação na cruz, contudo nenhuma delas por si só pode completar a obra. Assim há pelo menos quatro expiações separadas entre a primeira e a última:

Essas quatro expiações são feitas:

1. Na cruz;
2. No lugar santo do santuário celestial;
3. No lugar santíssimo;
4. Sobre o bode expiatório.

Isto não é necessariamente uma lista completa de todas as expiações feitas, mas certamente cobre as que se sucedem directamente na obra progressiva da libertação do pecado. Agora será dada consideração às referências da escritura que comprovam a existência de cada uma destas no tipo e antítipo.

Na Cruz

Testemunhos já citados provam que Cristo realizou a obra antitípica de fazer na cruz uma expiação completa e satisfatória. Este serviço foi tipificado no Velho Testamento quando o sacerdote fazia uma expiação pelo povo oferecendo um sacrifício no altar da oferta queimada fora do tabernáculo. Qualquer serviço realizado neste lugar apontava directamente para o Calvário e o que teria lugar ali.

“E o senhor chamou Moisés, e falou com ele da tenda da congregação, dizendo:

“Fala aos filhos de Israel, e diz-lhes: Quando algum de vós oferecer oferta ao Senhor, oferecereis as vossas ofertas de gado, de vacas e de ovelhas.

“Se a sua oferta for holocausto de gado, oferecerá macho sem mancha; à porta da tenda da congregação a oferecerá, de sua própria vontade, perante o Senhor.

“E porá a sua mão sobre a cabeça do holocausto, para que seja aceite por ele, para a sua expiação.

“Depois degolará o bezerro perante o Senhor; e os filhos de Arão, os sacerdotes oferecerão o sangue, e espargirão o sangue à roda sobre o altar que está diante da porta da tenda da congregação.

“Então esfolará o holocausto, e o partirá nos seus pedaços.

“E os filhos de Arão, os sacerdotes, porão fogo sobre o altar, pondo em ordem a lenha sobre o fogo.

“Também os filhos de Arão, os sacerdotes, porão em ordem os pedaços, a cabeça e op redenho sobre a lenha que está no fogo em cima do altar;

“Porém a sua fressura e as suas pernas lavar-se-ão com água; e o sacerdote tudo isto queimará sobre o altar; holocausto é, oferta queimada, de cheiro suave ao Senhor.” Levítico 1:1-9.

Um estudo cuidadoso destes versículos mostra que nenhum sangue era levado para o santuário. Todo o serviço da expiação era realizado no altar do sacrifício no pátio. Como o pátio é o símbolo desta terra, este rito apontava para aquela parte da obra sacrificial de Cristo que seria efetuada fora do céu.

Como já foi provado pelos muitos testemunhos citados, essa obra foi uma expiação completa e satisfatória. Não podia ser doutro modo porque Cristo nunca falhou em cumprir tudo o que lhe foi comissionado para fazer. Na cruz, o débito do homem foi totalmente pago, o seu pecado inteiramente remido. Deus ficou inteiramente satisfeito porque as exigências da lei tinham sido satisfeitas, a Sua justiça demonstrada, e o fundamento do Seu reino tornado eternamente seguro. Tão completamente eficaz foi essa expiação que por ela a salvação foi dada a cada pessoa que alguma vez tenha vivido sobre esta terra. Portanto, cada homem está salvo em Cristo. Mas, embora esta maravilhosa provisão tenha sido feita, nem todos os homens serão salvos da morte e destruição eterna. Apesar da cruz dar esta completa salvação, ela não a torna válida para o homem. Outras expiações são necessárias para alcançar isto. Por conseguinte, aqueles que não vierem receber os benefícios destas outras expiações nunca chegarão à posse real das bênçãos providas pelo sacrifício expiador de Cristo na cruz.

No Lugar Santo

Em adição à expiação feita fora do tabernáculo no altar do sacrifício, houve uma expiação contínua ou diária feita no lugar santo. O relato disto é encontrado em *Levítico 4*.

Quando o sacerdote, toda a congregação, ou um príncipe pecava, eles tinham que trazer uma oferta na forma de novilho ou de um cabrito dos bodes à porta do santuário onde o pecado era confessado pelo pecador sobre a cabeça da vítima. O sacerdote então recolhia o sangue que levava para o lugar santo, espargia-o sete vezes sobre o véu que separava o primeiro do segundo compartimento, e colocava algum sobre as pontas do altar do incenso.

O que restava do sangue era então derramado à base do altar do sacrifício, enquanto a gordura era queimada no mesmo altar e o resto do animal era queimado até às cinzas fora do acampamento.

Com uma pessoa comum o ritual era ligeiramente diferente contudo a lição era a mesma. Em vez do sangue ser levado para dentro, os sacerdotes comiam a carne do sacrifício de modo que ao entrarem no lugar santo, a vida do sacrifício entrava dentro deles. Embora não seja dada estipulação para este efeito em *Levítico 4*, em *Levítico 6:24-30* a lei da oferta pelo pecado é estabelecida muito claramente.

“Falou mais o senhor a Moisés, dizendo:

“Fala a Arão e a seus filhos, dizendo: Esta é a lei da expiação do pecado: no lugar onde se degola o holocausto se degolará a expiação do pecado perante o Senhor, coisa santíssima é.

“O sacerdote que a oferece pelo pecado a comerá; no lugar santo se comerá, no pátio da tenda da congregação.

“Tudo o que tocar a sua carne será santo: se espargir alguém do seu sangue sobre o seu vestido, lavarás aquilo, sobre que caiu, no lugar santo.

“E o vaso de barro em que for cozida será quebrado; porém, se for cozida num vaso de cobre, esfregar-se-á e lavar-se-á na água.

“Todo o varão entre os sacerdotes a comerá; coisa santíssima é.

“Porém nenhuma expiação de pecado, cujo sangue se trás à tenda da congregação, para expiar no santuário, se comerá; no fogo será queimada.”

Sobre este assunto é tornado claro que havia ocasiões em que o sangue era levado para dentro e outras em que não. Os sacerdotes estavam proibidos de comer a carne de qualquer animal quando o sangue fosse levado para dentro, mas era requerido comer dela, quando o sangue não era levado para dentro do lugar santo. Em qualquer das formas em que a transferência fosse feita, simbolizava a remoção da vida pecaminosa do pecador confessante, e o seu ser depositado dentro do santuário celestial. Este testemunho de *O Conflito dos Séculos*, 418 confirma que:

“Em alguns casos o sangue não era levado para o lugar santo; mas a carne deveria então ser comida pelo sacerdote, conforme Moisés determinou aos filhos de Arão, dizendo: ‘O Senhor a deu a vós, para que levásseis a iniquidade da congregação.’ *Levítico* 10:17. Ambas as cerimónias simbolizavam, de igual modo, a transferência do pecado do penitente para o santuário.”

Deus informa-nos isto em *Levítico* 4, ao realizar-se uma expiação pelos que vieram fazendo as suas confissões e recebendo em contrapartida a transferência dos seus pecados para o santuário. Esta obra exigia mais do que a parte do sacrifício. A obra do sacerdote estava também envolvida. Ia além do símbolo da cruz até ao símbolo do templo no céu.

“E fará a este novilho como fez ao novilho da expiação; assim Lhe fará, e o sacerdote por eles fará propiciação, e lhes será perdoado o pecado.” *Levítico* 4:20. Vede também os versículos 31 e 35.

Nesta fase o propósito é demonstrar que há pelo menos quatro expiações feitas, cada uma completa e cada uma perfeita, contudo se bem que por sua vez cumpra mais uma fase na obra global da expiação pelo povo de Deus. As considerações detalhadas de cada uma destas virão à medida que este estudo avance.

No Lugar Santíssimo

No grande dia da expiação final que tinha lugar no décimo dia do sétimo mês, era feita uma expiação no lugar santíssimo do tabernáculo da congregação e pelo altar que estava do lado de fora, o altar do sacrifício ou holocausto. Na terminologia adventista esta chama-se a expiação final.

Neste dia quando o povo se reunia no santuário, o sumo sacerdote tomava primeiramente um novilho e um cordeiro por si mesmo e pela sua casa. Com estes fazia expiação por si mesmo e pela sua casa, uma expiação feita onde as outras não tinham chegado – o lugar santíssimo. Portanto, era diferente das outras e realizava uma obra que elas não tinham alcançado.

Então do mesmo modo ele tomava dois bodes, um para o Senhor, e outro para o emissário. Com o sangue do bode que era para o Senhor entrava no lugar santíssimo onde espargia o sangue sobre o propiciatório e perante a sua face. Então saía para fazer uma expiação nesse dia e nesse lugar pelo lugar santo, pelo altar do sacrifício e pelo povo. Tudo isto está claramente escrito em *Levítico* 16:15-19; 29-34.

“Depois degolará o bode da expiação, que será para o povo, e trará o seu sangue para dentro do véu; e fará com o seu sangue como fez com o sangue do novilho, e o espargirá sobre o propiciatório, perante a face do propiciatório.

“Assim fará expiação pelo santuário por causa das imundícias dos filhos de Israel e das suas transgressões, segundo todos os seus pecados; e assim fará para a tenda da congregação que mora com eles no meio das suas imundícias.

“E nenhum homem estará na tenda da congregação quando ele entrar a fazer propiciação no santuário, até que ele saia; assim fará expiação por si mesmo, e pela sua casa e por toda a congregação de Israel.

“E então saíra ao altar, que está perante o Senhor, e fará expiação por ele; e tomará do sangue do novilho, e do sangue do bode, e o porá sobre as pontas do altar ao redor.

“E daquele sangue espargirá sobre ele com o seu dedo sete vezes, e o purificará das imundícias dos filhos de Israel, e o santificará.”

“E isto vos será por estatuto perpétuo: no sétimo mês, ao dez do mês, afligireis as vossas almas, e nenhuma obra fareis, nem o natural nem o estrangeiro que peregrina entre vós.

“Porque naquele dia se fará expiação por vós, para purificar-vos; e sereis purificados de todos os vossos pecados perante o Senhor.

“É um sábado de descanso para vós, e afligireis as vossas almas; isto é estatuto perpétuo.

“E o sacerdote, que for ungido, e que for sagrado, para administrar o sacerdócio no lugar de seu pai, fará a expiação, havendo vestido os vestidos de linho, os vestidos santos;

“Assim expiará o santo santuário; também expiara a tenda da congregação e o altar; semelhantemente fará expiação pelos sacerdotes e por todo o povo da congregação.

“E isto vos será por estatuto perpétuo, para fazer expiação pelos filhos de Israel de todos os seus pecados, uma vez no ano. E fez Arão como o Senhor ordenada a Moisés.

Com o Bode Emissário

Neste mesmo dia da expiação final, quando a obra da expiação pelo povo e pelo santuário estava terminada, o sumo sacerdote confessava todos os pecados de Israel sobre a cabeça do bode expiatório depois este era enviado ao deserto par morrer sozinho. Este acto era também especificamente chamado uma expiação e representava a quarta maior expiação entre a primeira vinda de Cristo e a libertação final do poder do pecado. Aqui está a Escritura que testifica isto.

“E toda a gordura do novilho da expiação tirará dele; a gordura que cobre a fressura, e toda a gordura que está sobre a fressura,

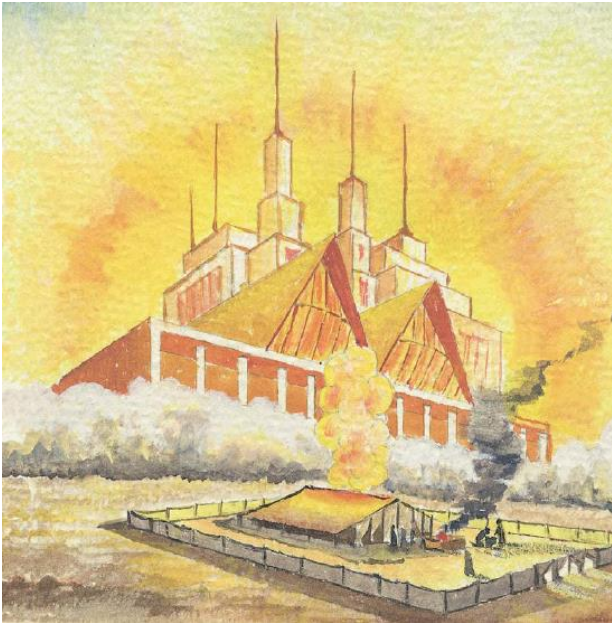
“E os dois rins, e a gordura que está sobre eles, que está sobre as suas tripas, e o redenho de sobre o fígado, com os rins, tirará,

“Como se tira do boi do sacrifício pacífico; e o sacerdote a queimará sobre o altar do holocausto.”
Levítico 4:8-10

O Alcance Total

Apoiar o ponto de vista que há somente uma expiação na cruz ou no lugar santíssimo é reter um ponto de vista muito limitado acerca da expiação e acerca da obra da salvação. Isto significa fracassar em compreender o santuário e ganhar a plenitude da bênção que Deus tem para os Seus filhos.

O propósito deste capítulo foi estabelecer a existência de pelo menos quatro expiações, cada uma das quais foi perfeita e completa em si mesma e indispensável para a finalização da obra de Deus para a redenção da raça humana. O próximo passo será estudar cada expiação por sua vez a fim de alcançar a beleza total do propósito de Deus neles.



A Mensagem para o nosso Tempo
(Publicado na revista "The Messenger and News Review", Fevereiro 1981)

Capítulo 10

O Sacrifício Expiatório

Havendo determinado que há mais de uma expiação, é altura de estudar cada uma em detalhe mais aproximado. Esta investigação devia ser levada a cabo com o propósito de descobrir a aplicação prática de cada uma. Deus deu as expiações como soluções para o problema do pecado. Por conseguinte, nenhum valor pode ser ganho pelo estudo delas a menos que o propósito para o qual foram designadas seja cumprido na vida.

Isto é onde os judeus persistentemente seguiram o mau caminho. Eles colocaram a sua confiança na realização da cerimónia em vez de aplicar a expiação como uma experiência pessoal. O resultado foi que eles multiplicaram as suas actividades exteriores em proporção directa ao seu declínio espiritual. Assim os próprios serviços destinados a revelar-lhes um Salvador vivo, serviu em vez disso para O esconder atrás de uma massa de cerimónias sem sentido.

No ritual do santuário em si mesmo, a primeira expiação era feita no pátio sobre o altar do sacrifício. Isto envolvia a morte da vítima - um cordeiro, um cabrito, uma rola, ou alguma outra forma de vida estipulada. A sua inclusão como uma parte do serviço do santuário quando este foi estabelecido no deserto, não foi a primeira vez que esta cerimónia foi introduzida. Ela tinha sido dada a Adão e Eva às portas do Éden depois de terem sido expulsos do Paraíso. Mas apesar disso essa não foi a primeira instituição da expiação. No momento exacto em que eles pecaram, Cristo realizou a expiação colocando-se entre o par culpado e a lei transgredida. Por conseguinte, mesmo antes de eles o terem sabido ou aceite, a expiação foi-lhes aplicada. Se não tivesse sido assim, então teriam morrido nesse mesmo dia.

“No instante em que o homem aceitou as tentações de Satanás, e fez as coisas que Deus lhe disse para não fazer, Cristo, o Filho de Deus, colocou-se entre a vida e a morte, dizendo ‘deixai que a punição caia sobre Mim’. Eu ficarei no lugar do homem. Ele terá outra oportunidade.” S.D.A. Bible Commentary, 1:1085.

Deve tomar-se cuidado para distinguir entre a expiação típica realizada pelo povo, e a própria obra em si mesma como executada por Deus através de Jesus Cristo. O ritual observado pelos crentes pretendia ser nada mais do que um testemunho executado por eles da sua aceitação da obra de Cristo e um testemunho de que ela se tinha tornado a sua experiência pessoal.

Portanto, quanto às portas de Éden, Deus disse a Adão e Eva aquilo que Ele já tinha feito por eles, foi deixado par eles, aceitar ou recusar esta maravilhosa obra. Tende em mente que o acto de expiação realizado no momento em que pecaram nada fez neles embora tivesse efectuado uma grandiosa e essencial obra salvadora por eles. Deus não precisava do conhecimento ou consentimento deles a fim de aplicar a expiação inicial, se bem que Ele certamente não aplicasse a expiação designada para fazer a obra neles. A primeira expiação oferecia-lhes provação ao passo que a segunda lhes dava salvação.

Quando Cristo fez essa expiação inicial por Adão e Eva, fê-lo por toda a raça humana. Cada pessoa que nasce, quer venha a sabê-lo ou não, goza dos benefícios dessa expiação. Sem ela, não teria havido possibilidade de alguma vez obterem salvação porque a destruição viria antes que pudesse aceitar a redenção. Portanto, antes que Deus pudesse fazer alguma coisa mais pela humanidade, tinha que providenciar um adiamento de execução. Se Ele mesmo tivesse sido o executor, então o adiamento teria sido efectuado pela Sua decretação exactamente como os juízes terrestres escolhem o dia do julgamento parar o criminoso e às vezes mais tarde o adiam. Mas a lei transgredida, não o eterno Deus é o destruidor. Por conseguinte, Deus tinha que dar através de Cristo a propiciação pela qual a exigência da lei seria adiada de tal modo que tornasse possível ao homem o recebimento daquelas expiações pelas quais ele podia obter a salvação do pecado.

Esta clara distinção entre o propósito destas duas expiações diferentes deve ser claramente compreendida se todos os benefícios de cada uma tiver que ser experimentado por aquele que procura salvação. É por este motivo que o Senhor enviou os Seus anjos para comunicar os princípios da expiação a Adão e Eva.

“Anjos celestiais de maneira mais ampla patentearam a nossos primeiros pais o plano que fora concebido para a sua salvação. Afirmou-se a Adão e a sua companheira que, apesar de seu grande pecado, não seriam eles abandonados ao domínio de Satanás. O Filho de Deus se oferecera, para expiar, com Sua própria vida, a transgressão deles. Um período de graça lhes seria concedido e, mediante o arrependimento e a fé em Cristo, poderiam de novo tornar-se filhos de Deus. “ *Patriarcas e Profetas*, 62.

Foi mostrado a Adão que essa provisão não podia ser feita a não ser pelo infinito custo e sofrimento para o Filho de Deus. Grande como era a sua apreciação por um lado, por outro estava muito relutante em ver Cristo sofrer por ele.

“O sacrifício exigido por sua transgressão, revelava a Adão e Eva o carácter sagrado da lei de Deus, e viram, como nunca antes o fizeram, a culpabilidade do pecado, e seus funestos resultados. Em seu remorso e angústia rogaram que a pena não recaísse n’Aquele cujo amor havia sido a fonte de toda a sua alegria: antes, que repousasse sobre eles e sua posterioridade.”

“Foi-lhes dito que, visto ser a lei de Jeová o fundamento de Seu governo no céu assim como na terra, mesmo a vida de um anjo não poderia ser aceite como sacrifício por sua transgressão. Nenhum de seus preceitos poderia ser abrogado ou mudado para valer ao homem em sua condição decaída; mas o filho de Deus, que criara o homem, poderia fazer expiação por ele. Assim como a transgressão de Adão tinha trazido miséria e morte, o sacrifício de Cristo traria vida e imortalidade. “ *Idem*, 62.

Qualquer solução par ao problema do pecado envolvendo modificações para a lei, era completamente inaceitável para Deus. Ele tinha dado a lei para desempenhar um certo papel essencial para a segurança, estabilidade, e felicidade de todos os seres criados. Isto dá os meios pelos quais eles podiam desfrutar do uso dos poderosos poderes da natureza sem serem destruídos. Mas, a fim de fazer isto em perfeita segurança, eles tinham que viver dentro das limitações estabelecidas pela lei. A intenção era perfeita, justa, e razoável, sendo o ideal que somente o infinito amor e sabedoria podia distinguir.

Uma característica muito desejável do sistema de Deus é a sua completa durabilidade. Mas para isto, os homens nunca podiam realizar o que realizam. Quando planearam a viagem à lua, eram capazes de calcular a propulsão e direcção necessária para lançar os astronautas como sucesso na sua jornada, um empreendimento que seria impossível se as leis de Deus mudassem de dia para dia. Se, por exemplo, o combustível fornecesse uma certa energia hoje e amanhã uma diferente, o homem nunca teria sido capaz de planejar uma viagem a qualquer parte, deixando a lua em paz. Os homens deviam estar grandemente agradecidos por Deus e Suas leis serem tão absolutamente consistentes e dignas de confiança.

Considerai o caos que se teria espalhado por todo o universo se Deus tivesse decidido resolver o problema do pecado pondo de parte a lei para desviar a penalidade de Adão e Eva. Uma vez isto feito, então qualquer ser no domínio divino podia reclamar a mesma isenção. Por causa do Senhor ter feito isso por um, teria que o fazer por todo o transgressor. Que confusão isto teria causado! Ninguém saberia exactamente em que posição ficar.

Portanto, Deus fundamentou o Seu governo num sistema de Leis imutáveis que governam cada faceta da vida. Ele cuidadosamente instruiu os Seus filhos nas bênção deste sistema e nos perigos envolvidos em agir contrariamente a Ele. Advertiu que a violação da lei, transformaria os poderes da natureza preservadores da vida em poderes destruidores. Eles eram então deixados completamente livres de operar dentro daquelas limitações ou sair fora delas. Assim, se eram recipientes de bênçãos ou maldições, de vida ou de morte, era e continua a ser de acordo com as suas decisões.

Portanto, quando Adão e Eva sob a tentação de Satanás, escolheram agir fora da lei, voltaram todos os grandiosos poderes da natureza contra si mesmos. Aquelas forças destinadas a abençoar e prosperar, foram transformadas em elementos destruidores que os teria feito desaparecer naquele dia se Deus não tivesse interferido pessoalmente para os salvar. Mas os passos que Deus deu de nenhum modo negam a lei transgredida do seu trabalho natural. Em vez disso, Ele deu outra solução. Ele desviou para Si mesmo os poderes terríveis despendidos pela transgressão da lei, e ao proceder assim executou a primeira expiação. Indiscutivelmente, há verdades, profundas, misteriosas, e extraordinárias nesta expiação que o concentrado estudo da eternidade não aprofundará completamente. Aqueles que na sua vida concentram os seus melhores esforços sob a protecção de Deus para compreender tanto quanto possível a natureza e obra desta expiação, serão galardoados com uma experiencia espiritual e comunhão com Deus muito adiantada em relação àquilo que eles tinham conhecido até aqui.

Nesta expiação, Cristo permaneceu entre a vida e a morte. Por causa da Sua vida ser igual ao poder da lei, foi capaz de transportar todo da maldição do pecado enquanto a raça humana gozou um período de prova durante o qual lhe foi dada outra escola para obedecer ou desobedecer. Cristo deu assim à raça humana o tempo no qual a expiação seguinte podia ser aplicada para efectuar dentro deles as transformações necessárias para os preparar para o Céu.

Este princípio da primeira expiação fazendo apenas uma obra pelo individuo como uma preparação para uma obra futura a ser feita nele, é claramente ensinada nas várias ilustrações da Bíblia.

A Páscoa

A difícil situação de Israel como escravos dos egípcios foi causada pela lei transgredida. Deus nunca os colocou nessa situação. Ele operou muito activamente para trazer salvação aos egípcios através do ministério de José quando do Faraó respeitosamente obedeceu às direcções de Deus acerca do enceleiramento do grão durante os anos de fartura, e para a sua sábia distribuição durante a fome que se seguiu. Todavia os egípcios, esquecendo que Deus lhes tinha dado aqueles dons preciosos, puseram a sua confiança nos dons em vez de a colocarem no Dador e tornaram-se orgulhosos e auto-suficientes. Isto levou-os a apoderar-se da oportunidade para reduzir os seus convidados israelitas à escravidão. Assim a escravidão dos israelitas resultou do pecado dos egípcios.

Por outro lado, os israelitas não estavam isentos de culpa. Por causa de também eles perderem o seu respeito ao Deus de seus pais, assim enfraquecendo-se a si mesmos pelo que não tinham poder para resistir aos seus soberanos. Longos anos de servidão foram a cruel consequência. O resultado final disto apenas podia ter sido a morte. Satanás planeou isto com meticuloso cuidado pois pretendia exterminar os israelitas, assim assegurando-se a si mesmo que o Messias nunca podia vir à terra. Ele sabia que o plano de Deus envolvia o nascimento de Cristo através da semente de Abraão. Por conseguinte, ele compreendeu que tudo dependia da destruição da semente de Abraão.

Para fazer isto ele tinha que separar da protecção da expiação aqueles que destruiria. Isto podia ser feito levando-os a uma tal profundidade de apostasia que a sua rejeição da expiação seria completa. Eles estariam então inteiramente à sua mercê. Era o seu plano destruir os egípcios com os israelitas. Para atingir isto, ele endureceu o coração de Faraó que por seu lado desumanamente oprimiu os israelitas numa desprezível servidão de modo que não pudessem servir Deus. Quando Satanás viu o firme afastamento de Deus, guiou as forças da natureza que estavam à volta da nação condenada com rapidez para o dia em que os egípcios tivessem rejeitado totalmente o amor e misericórdia de Deus.

Quando essa altura chegou, Deus enviou Moisés com a mensagem final de súplica insistindo com o rei para não rejeitar a protecção concedida pela expiação mas voltar atrás a um estado de obediência. Ele foi avisado acerca do ataque devastador da natureza não reprimida no seu curso se recusasse a proceder deste modo.

Ele recusou, e as pragas vieram na sua firme destruição sucessiva. Cada uma chegou perto do final da erradicação da nação até que todas excepto a última caíram. Então Deus levou os israelitas a aplicar a expiação como o único meio de protecção da morte que passaria pela terra à meia-noite. Eles foram instruídos para escolherem o cordeiro do décimo dia do mês, e guardá-lo até ao décimo quarto em que deviam tirar a sua vida à tardinha quando o sol descresse por detrás das dunas.

O seu primeiro acto depois disso era espargir o sangue nas vergas e umbrais das portas para lhes dar protecção do anjo destruidor. Enquanto esse sangue permanecesse entre eles e a praga, estavam salvos, embora continuassem ainda na terra da servidão, e não estavam livres do seu poder. É claro que o espargir o sangue nada fez neles nesta fase, se bem que certamente fizesse uma grande obra por eles. Deus deu-lhes tempo para continuarem a viver até que Deus pudesse libertá-los da escravatura egípcia. Tivessem eles morrido nessa noite nunca teriam conhecido a liberdade.

Não é difícil ver o paralelo aproximado entre as duas situações no Egipto e no Éden. Em ambos os casos a ameaça imediata da morte pendia sobre os povos envolvidos. Nem Adão e Eva nem os israelitas e os egípcios tinham qualquer poder para desviar o perigo que tinha sido trazido por causa do seu procedimento pecaminoso. Ambos os grupos precisavam de tempo para compreender e aplicar a expiação que os transformaria interiormente e assim colocando-os fora do alcance do poder destruidor de Satanás. Deus deu tempo ao fazer uma expiação sacrificial em seu favor. No Jardim do Éden, Cristo colocou-se entre a vida e a morte e ainda estava ali nos dias da escravidão egípcia. O acto dos israelitas e de qualquer egípcio que escolhesse permanecer sob a protecção do sangue, era uma aceitação da sua parte da oferta de Deus.

Assim, nessa desastrosa noite no Egipto quando o anjo da morte deixou o seu caminho de aí, havia na terra duas espécies de pecadores. Havia os egípcios que escarneciam a expiação e morreram, e havia os israelitas que permaneceram debaixo da sua protecção e viveram. Mas, saliente-se que ambos eram pecadores sobre os quais a lei transgredida tinha as suas reivindicações. Essa expiação não libertou aqueles que a tornaram válidas para si. Ela só lhes deu o tempo que precisavam para obter a liberdade. Por outro lado, os que não permaneceram debaixo do sangue expiador não tinham mais tempo e por conseguinte perderam qualquer oportunidade de ser salvos.

O Filho Pródigo

A mesma verdade maravilhosa é ensinada na experiência do filho pródigo quando voltou do Egipto. Quando esperado pelo pai a alguma distância da casa, o jovem apresentou-se com

vergonhoso aspecto nos seus trapos esfarrapados. Isto não era condição para entrar na mansão ordenada e limpa de seu pai. Ele precisava de protecção dos olhos escarneceadores e curiosos dos habitantes dali, até que tivesse oportunidade de lavar-se e vestir-se com roupas novas. Essa protecção foi-lhe dada pelo pai que lançou o seu próprio manto valioso à volta da sua figura esfarrapada, portanto escondendo a sua vergonha dos olhos dos outros.

“O pai não permite que olhos desdenhosos vejam a miséria e andrajos do filho. Toma de seus próprios ombros o manto amplo e valioso, e lança-o em volta do corpo combalido do filho, e o jovem soluça seu arrependimento, dizendo: ‘Pai pequei contra o Céu e perante ti, e já não sou digno de ser chamado teu filho.’ O pai toma-o consigo e leva-o para casa. Não lhe é dada a oportunidade de pedir a posição de jornaleiro. É um filho que deve ser honrado com o melhor que a casa pode oferecer, e ser servido e respeitado pelos criados e criadas.” *Parábolas de Jesus*, 203, 204.

Esta medida foi adoptada pelo pai somente para dar protecção até que o jovem estivesse dentro de casa. Assim que chegaram ali, o pai ordenou aos seus servos que transformassem o jovem de mendigo em filho bem vestido.

“O pai diz aos seus servos: Trazei depressa o melhor vestido, e vesti-lho, e ponde-lhe um anel na mão, e alparcas nos pés; e trazei o bezerro cevado, e matai-o; e comamos, e alegremo-nos; porque este meu filho estava morto, e reviveu, tinha-se perdido e foi achado. E comeram e alegraram-se.” *Idem*, 204.

O acto do pai ao colocar uma veste sobre as suas roupas imundas do seu filho até que a transformação fosse executada, é uma parábola de expiação feita por Cristo no momento em que Adão e Eva pecaram.

Isto ensina a mesma verdade revelada na aplicação do sangue nas vergas das portas do Egipto. Era uma obra completa em si mesma embora não finalizasse a obra de restauração. Por duas vezes eram colocadas sobre o rapaz vestes providas pelo pai. No primeiro caso a sua veste era colocada sobre e à sua volta dos farrapos do filho, escondendo-os da vista. Ele tinha completa protecção durante esse tempo da condenação dos que o rodeavam.

Mas o pai não olhou isto como se fosse tudo o que podia fazer. Não se contentou até que despojou o jovem das suas roupas imundas e o ataviou como um filho da casa, amado e honrado. Não a mera cobertura mas a restauração completa era o mínimo que o pai podia contemplar. Portanto, no caso de Israel, Deus não se contentava meramente com o protegê-los do anjo da morte. Ele não pararia até que fossem transformados de escravos em homens livres. Novamente, no Éden, Deus não podia contentar-se ao dar a Adão e Eva protecção da morte enquanto ainda permanecessem no seu estado pecaminoso. Mas ele não estava disposto a parar ali. Restauração completa é o Seu plano. Portanto, outras expiações têm que se seguir à primeira.

Um Salvador Ressuscitado

Na cruz Jesus fez uma expiação sacrificial completa. (1)

Esta era a confirmação final do que já tinha sido feito no Éden, quando ele se tornou “...O Cordeiro morto desde a fundação do mundo.” Apoc. 13:8. Essa expiação proporcionava protecção a todos os homens. Mesmo os ímpios e ingratos gozam de um tempo de provação por causa dela. Em Cristo, todo o homem na terra já tem salvação, mas ela não se torna efectiva até que a expiação seja aplicada a cada pessoa pessoalmente. Exactamente como Adão teve salvação tornada válida para si no momento em que pecou, assim acontece para todo do homem quer saiba quer não. Mas, precisamente como Adão teve que aprender acerca do seu privilégio em Cristo e conscientemente aceitá-lo antes que ele se tornasse sua verdadeira possessão, assim é com todos os outros homens.

Paulo compreendeu muito claramente os princípios da expiação e plenamente ensinou que, tão maravilhosa como era a obra feita na cruz, se Cristo não tivesse feito mais do que isso, como teria sido no caso de Ele não ressuscitar dos mortos, então tudo seria em vão. Ele dá uma boa lista das graves consequências: não haveria ressurreição para os justos mortos; a sua pregação e a sua fé seria

vã; eles estariam ainda nos seus pecados; e tendo esperança apenas nesta vida, seriam os mais miseráveis de todos os homens. Uma pessoa bem podia perguntar como é que alguém podia ter esperança em Cristo nesta vida sem a possibilidade de ressurreição e vida eterna no céu. Quando Cristo morreu, fez uma expiação que seria efectiva quer Ele ressuscitasse dos mortos ou não. Portanto, daria protecção ao homem até se esgotar o seu tempo de provação, mas por causa d'Ele que era o único que podia administrar as sucessivas expiações estar morto, esse era o único benefício recebido.

Aqui está a declaração de Paulo acerca desta verdade:

“Ora, se se prega que Cristo ressuscitou dos mortos, como dizem alguns dentre vós que não há ressurreição de mortos?

“E, se não há ressurreição de mortos, também Cristo não ressuscitou.

“E, se Cristo não ressuscitou, logo é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé.

“E assim somos também considerados como falsas testemunhas de Deus, pois testificamos de Deus, que ressuscitou a Cristo, ao qual, porém, não ressuscitou, se, na verdade, os mortos não ressuscitam.

“Porque, se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou.

“E se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceréis nos vossos pecados.

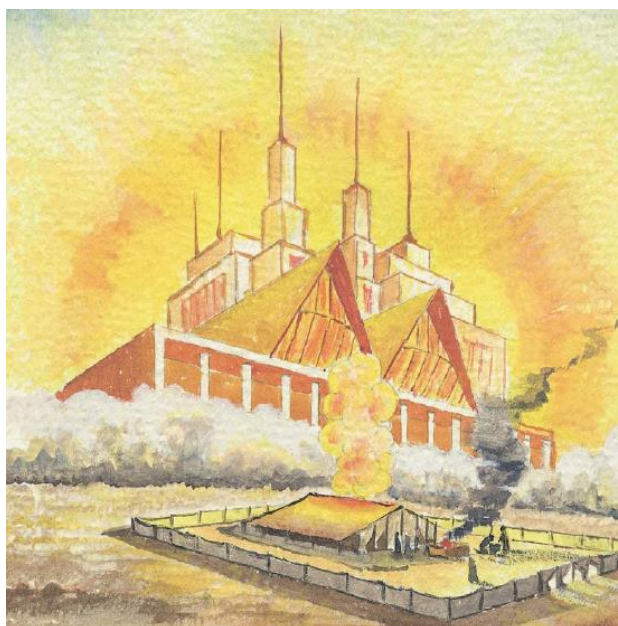
“E também os que dormiram em Cristo estão perdidos.

“Se esperamos em Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens.

Mas agora Cristo ressuscitou dos mortos, e foi feito as primícias dos que dormem.” 1 Coríntios 15:12-20.

Uma pessoa imagina como, à luz destas claras verdades sobre a expiação, as igrejas modernas podem fixar toda a sua fé no acto sacrificial sobre a cruz. Elas servem um Salvador crucificado, mas não dão lugar de realce a um ressuscitado. É verdade que eles dão adulação à ressurreição de Cristo, mas não há lugar na sua teologia para as sucessivas expiações pelas quais, através de um ministério no santuário celestial, Cristo mudou de fazer uma obra de transformação dentro do homem. A menos que a última obra seja feita, a primeira é realmente sem significado. Este é o motivo pelo qual Cristo tinha que ressuscitar dos mortos.

Quão gratos devíamos estar por causa da gloriosa terceira mensagem angélica ter iluminado a maravilhosa obra das expiações, de modo que não paramos meramente sob a protecção do Calvário, mas estamos avançando na recepção das expiações que Cristo está administrando do santuário celestial e pelas quais estamos sendo transformados mais e mais à semelhança do nosso precioso Salvador.



A Mensagem para o nosso Tempo
(Publicado na revista “The Messenger and News Review”, Março 1981)

Capítulo 11

A Oferta Queimada

A expiação sacrificial dando um tempo de provação para o desobediente, é seguida de uma sucessão pela qual a obra da restauração da imagem de Deus no transgressor, e o paraíso para ele, serão alcançados.

Havendo assegurado um tempo de provação para o pecador, a obra seguinte era libertá-lo da escravidão da velha natureza que tinha sido largamente gerada em seu coração pela impregnação da semente de Satanás, e implantar em seu lugar a divina semente de Cristo, da qual a justiça de Deus devia crescer e desenvolver-se até à perfeição final.

Este passo na progressão da condenação para a libertação final já foi cuidadosamente tratado em várias outras publicações como “Da Escravidão Para a Liberdade”, “Vivendo Justamente”, “O Destino de Um Movimento”, e “Reavivamento e Reforma”. Consequentemente, não repetiremos estes pensamentos aqui. Em lugar disso, passaremos directamente à Expição feita pelas ofertas, queimada, de manjares e libação, que eram sacrificadas diariamente no pátio do templo.

Uma vez que o crente tivesse obtido as bênçãos que estas ofertas destinavam trazer-lhe, estava preparado para receber os benefícios da expiação pelos pecados individuais. Esta remissão da iniquidade era-lhe válida através do ministério no primeiro compartimento no qual os sacerdotes entravam em seu favor. Depois de confessar o seu pecado sobre a cabeça da vítima e tirando-lhe a vida com as suas próprias mãos, o crente arrependido permanecia no pátio de cabeça inclinada em sincera oração enquanto pela fé seguia os movimentos do sacerdote no interior. Era a intenção de Deus que o pecado, uma vez confessado, e afastado, não mais encontraria lugar na experiência do crente. Portanto, Deus não pretendia que a pessoa tivesse que vir repetidamente para confessar e pôr de lado o mesmo pecado.

Para atingir este ideal, o crente tinha que viver num estado de constante consagração ao serviço de Deus. Semelhantemente o Senhor, a fim de ensinar isto, deu os rituais dedicatórios das ofertas

queimadas, de manjares e libação. Os que conscienciosa, sincera e inteligentemente participava destes serviços diariamente estavam preparados para entrar no verdadeiro arrependimento e confissão para receber a remissão dos pecados.

Antes do procedimento para a expiação no lugar santo ser estudado, deve ser dada consideração à lição importante contida nestes serviços preliminares. O estudante deve lutar para compreender e manter em mente as relações entre estas várias expiações. Elas não devem ser isoladas como entidades separadas porque há uma íntima ligação entre todas elas. Tentaremos mostrar que cada uma das sucessivas expiações não podiam ser aplicadas a menos que a anterior tenha sido concluída com sucesso. Por exemplo, tal como foi mostrado no capítulo anterior, se a expiação sacrificial não tivesse sido feita no momento em que o homem pecou, não teria havido oportunidade para introduzir e aplicar as restantes.

A Oferta Queimada

Duas vezes por dia, uma de manhã e outra vez à tardinha a oferta queimada era sacrificada no grande altar do pátio do templo juntamente com as ofertas de manjares e libação.

“Isto pois é o que oferecereis sobre o altar: dois cordeiros de um ano cada dia continuamente.

“Um cordeiro oferecerás pela manhã, e outro cordeiro oferecerás à tardinha.

“Com um cordeiro a décima parte de flor de farinha, misturada com a quarta parte de um him de azeite batido, e para libação a quarta parte de um him de vinho;

“E o outro cordeiro oferecerás à tardinha, e com ele farás como com a oferta da manhã e conforme à sua libação, por cheiro suave; oferta queimada é ao Senhor.

“Este será o holocausto contínuo por vossas gerações à porta da tenda da congregação, perante o Senhor, onde vos encontrei, para falar contigo ali.” *Êxodo* 29:38-42.

As pessoas também podiam fazer uma oferta queimada ao Senhor, pessoalmente, com as ofertas apropriadas de manjares e libação. As instruções para isto estão relatadas nos primeiros três capítulos de Levítico. Quando a pessoa oferecia este sacrifício, uma expiação era feita por ela.

“E porá a sua mão sobre a cabeça do holocausto, para que seja aceite por ele, para a sua expiação.” Levítico 1:4.

A oferta da consagração e dedicação.

“O culto cotidiano consistia no holocausto da manhã e da tarde, na oferta de incenso suave no altar de ouro, e nas ofertas especiais pelos pecados individuais. E também havia ofertas para os sábados, luas novas e solenidades especiais.

“Toda manhã e tarde, um cordeiro de um ano era queimado sobre o altar, com sua apropriada oferta de manjares, simbolizando assim a consagração diária da nação de Jeová, e sua constante necessidade do sangue expiatório de Cristo.” *Patriarcas e Profetas*, 364.

Ofertas de manjares eram realmente ofertas de refeições. Presentemente a palavra “meac” significa carne, mas nas Escrituras, ela tem um significado muito mais amplo que inclui todo o alimento. Será notado que sempre que uma oferta de manjares é descrita, nenhuma carne está envolvida. Isto consiste numa refeição combinada com azeite. Vede levítico 2:1; Reis 19:5-8. Se isto for mantido em mente, o estudante estará salvo de uma errada compreensão acerca da oferta de manjares.

Portanto, a primeiríssima obra pelo povo quando o dia declinava, era a reunião em volta do tabernáculo para o serviço da oferta queimada. O cordeiro de um ano era morto, e então, juntamente com a farinha, azeite e vinho, era queimado no altar do sacrifício no pátio do templo.

Enquanto isto ia sendo feito, o povo não devia estar meramente de lado como testemunhas desligadas. Esperava-se que se dedicassem solenemente a si mesmos para que estivessem neste mundo não para prazer próprio ou para construir os seus próprios interesses, mas para avançar a causa do Ser Eterno.

Também, deviam reconhecer que a sua existência dependia da expiação feita em favor deles no momento em que os seus primeiros pais caíram no pecado. Por conseguinte, deviam ser constantemente recordados que não havia lugar para auto-suficiência, nem para serem os senhores dos próprios destinos, ou planearem as suas próprias vidas.

Tudo sobre esta oferta da manhã e da tarde estava habilmente designado pelo divino Construtor de planos para produzir neles o verdadeiro espírito cristão e fazer desaparecer a ideia que salvação era um lado da questão.

Cada crente é iniciado num modo de vida oposto ao egoísta, conhecendo bem a atitude dos que não têm conhecimento. O crente é salvo para servir, e é abençoado com os dons celestiais para que ele possa por seu lado dispensar destes recursos para trazer bênçãos e salvação ao que perece.

Os que activamente participam neste curso de acção são eles mesmos grandemente abençoados, enquanto os que recusam fazê-lo, perecem. Neste princípio do serviço, Deus está esperando do Seu povo sincera perfeição.

“Os sacerdotes deviam examinar todos os animais levados para o sacrifício, e rejeitar todo aquele em que se descobrisse algum defeito. Apenas uma oferta sem ‘mácula’ poderia ser um símbolo da perfeita pureza d’Aquele que Se oferecia como ‘um cordeiro’ imaculado e incontaminado.’ I Pedro 1:19. O apóstolo Paulo aponta para esses sacrifícios como uma ilustração do que os seguidores de Cristo devem tornar-se. Diz ele: ‘Rogo-vos pois irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional.’ Romanos 1:21. Devemos entregar-nos ao serviço de Deus e procurar que a oferta se aproxime o máximo possível da perfeição. Deus não se agrada de coisa alguma inferior ao melhor que podermos oferecer. Aqueles que O amam de todo o coração, desejarão dar-lhe o melhor serviço de sua vida, e estarão constantemente procurando pôr toda a faculdade de seu ser em harmonia com as leis que promoverão sua habilidade para fazerem a Sua vontade.” *Patriarca e Profetas*, 364.

Muitos professos cristãos falham em assimilar estes princípios. Eles parecem sentir que se foram “suficientemente generosos” para dar uma oferta liberal e dedicar algum do seu tempo ao trabalho missionário, satisfazem as exigências e são merecedores de uma recompensa eterna. Porém basicamente, não é o seu dinheiro ou tempo que Deus precisa em primeiro lugar. Toda a vida deve ser-lhe consagrada. Para satisfazer este nível de consagração não quer dizer que um individuo tenha que ser um ministro pago a tempo inteiro ou um obreiro. Ele pode ser um humilde trabalhador num emprego regular tais como um carpinteiro, motorista ou jardineiro, que tem verdadeiramente consagrado a sua vida ao Senhor embora ele não veja o seu ministério como sendo um ministério muito significativo. Além de tudo o mais, ele ama a verdade do Senhor e nada mais deseja do que ver a Sua causa prosperar. A sua mais profunda compreensão é ver desenvolvido dentro de si mesmo os princípios do maravilhoso carácter de Deus de justiça de modo que em tudo ele se torne semelhante a Cristo. Ele aceita a obra que está fazendo como Deus planeou para ele, e fá-la com toda a eficiência e habilidade ao seu dispor. Ele estudou o seu padrão para compreender o que ele quer e depois luta para o servir no melhor da sua capacidade. Animado em paz, esperançoso e optimisticamente devota seja qual for o tempo e dinheiro que pode dispensar além da sua necessidade imediata para avançar a verdade à medida que o Senhor lhe dê oportunidade.

Em resumo, todas as coisas na sua vida estão em segundo lugar para o avanço do reino divino. Tal homem, no verdadeiro sentido da palavra, inclina-se perante o altar do sacrifício todas as manhãs e todas as tardes.

Aqueles que desejam saber se eles estão verdadeiramente consagrados a Deus têm apenas que fazer a simples pergunta: Qual é o primeiro interesse da minha vida? Ao que está ele basicamente devotado?

Se, em verdadeira honestidade, é verificado que a construção do reino de Deus é o principal interesse, então verdadeira dedicação foi atingida, e antecipadamente na vida da pessoa, a oferta queimada está ainda sendo sacrificada todas as manhãs e tardes.

O chamamento para a reunião à volta do santuário para participar na ordenança de oferta queimada é ainda o mesmo hoje. Não há mais um santuário literal, nem é o cordeiro morto de manhã e à tarde, mas o que as ofertas significavam então, continua a ser experiência que Deus deseja que o Seu povo tenha. Ao dar o santuário e seus serviços como uma revelação do carácter que Deus planeou que o Seu povo possuísse e o modo como isto deve ser atingido, é a manifestação do amor e misericórdia de Deus.

Portanto, não faz sentido estudar o serviço do santuário em qualquer ângulo que não envolva uma aplicação pessoal à pessoa.

“Consagrai-vos a Deus pela manhã; seja esse o vosso primeiro cuidado. Seja a vossa oração: ‘Toma-me Senhor, como Tua propriedade exclusiva. A Teus pés deponho todos os meus planos. Emprega-me hoje ao Teu serviço. Permanece em mim, e permite que toda a minha obra se faça em Ti.’ Isto devemos fazer cotidianamente. Cada manhã consagrai-vos a Deus para esse dia. Submetei-lhe todos os vossos planos, para que se executem ou deixem de executar, segundo o que Deus dispuser. Entregando assim dia a dia a vossa vida nas mãos de Deus, ela se moldará mais e mais conforme à vida de Jesus Cristo,” Aos Pés de Cristo, 105, 106.

Tanto com Israel, como com o povo de Deus agora, a primeira obra de cada dia é fazer esta total consagração da vida para qualquer serviço que o Senhor possa escolher. Quanto mais próximo a pessoa vá de Cristo e assim participe do Seu Espírito, mais natural este acto de consagração se torna. Com desejo intenso, a alma deseja fazer esta entrega quando cada dia começa e quando termina.

Quando *João* Baptista chegou a uma maior compreensão da natureza do carácter e missão de Cristo, a sua alma foi levada a fazer uma rendição de si mesma até profundidades que ele nunca antes tinha conhecido. Esta experiência veio a ele enquanto estava na prisão de Herodes. Nesta altura, os seus discípulos acariciavam sérias dúvidas acerca do tratamento de Cristo ao Seu mensageiro.

“Era-lhes permitida entrada na prisão; levaram-lhe notícias das obras de Jesus, e disseram-lhe como o povo se estava aglomerando em torno d’Ele. Mas indagavam por que, se esse novo mestre era o Messias, não fazia nada para que *João* fosse solto? Como podia Ele permitir que Seu fiel percursor fosse privado da liberdade e talvez da vida?” Desejado de Todas as Nações, 194.

Estes argumentos não deixaram de fazer efeito no mensageiro de Cristo, mas recusou dar expressão à dúvida na presença de seus amigos. Em vez disso, decidiu encontrar a resposta directamente de Cristo, pelo que enviou alguns discípulos para este propósito a fim de perguntar a Cristo se Ele era realmente o Messias prometido.

Cristo simplesmente levou-os a observá-l’O na Sua obra por um dia. Quando voltaram ao solitário prisioneiro, disseram-lhe tudo o que tinham visto. *João* obteve um ponto de vista acerca do verdadeiro carácter de Cristo e isto estimulou dentro dele um desejo de ser mais como esse Modelo. A consagração assim gerada nele será duplicada em todos os que permitam a si mesmos entrar nas mesmas influências sagradas.

“Compreendo mais claramente agora a natureza da missão de Cristo, entregou-se a Deus para a vida e para a morte, segundo melhor conviesse aos interesses da causa que amava.” *Idem*, 198.

Muitos dos professos seguidores de Deus estão fechados na noção que se servirem Deus, Ele dá-lhes em troca prosperidade, saúde, protecção e uma vida muito longa. Este era o raciocínio dos discípulos de *João*. *João* tinha sacrificado tudo por Cristo. Portanto, pelo menos o Salvador com todo o Seu maravilhoso poder podia fazer o necessário para libertar *João*. Não fazer assim seria classificá-l’O como ingrato e despreocupado. Assim lhes parecia.

Aquele que pensam por este prisma nunca podem apresentar uma verdadeira oferta queimada manhã após manhã. A sua consagração ao Senhor tem apenas um lado e nunca pode ser aceite por Ele porque não se tornaram um com Ele no Seu carácter de amor.

O reino pode ser somente obtido pelo sacrifício. Para alguns é requerido apenas pequenas contribuições enquanto outros são chamados a pagar o supremo dom da própria vida. Morrendo quando e como fez, *João* deu um testemunho que foi tão poderoso como a obra feita enquanto estava

vivo. Dez milhares de mártires foram fortalecidos para suportar as suas terríveis aflições quando lembravam o testemunho dado por *João* na vida e na morte.

Enquanto a oferta queimada representa a rendição da própria vida para qualquer sacrifício que seja exigido, as ofertas de manjares e libação significa, o depor de todas as possessões materiais aos pés do Mestre para ser deixado ou usado conforme a Sua causa exija.

Aqui está uma área onde a igreja muito falhou no passado e falhará outra vez se o povo de Deus não se guardar muito cuidadosamente contra este perigo. Quando a causa é fresca e nova, o crente é entusiasmado com a expectativa de rápida libertação do mundo e seus ais. Nesta posição eles são altamente motivados para fazer grandes sacrifícios materiais e pessoais pela obra. Mas em breve se torna aparente que a vitória não será ganha tão rapidamente. Enfrentando a expectativa de estar ainda algum tempo no mundo, os membros tem a tendência a estabelecer-se de modo a tornar a sua jornada tão confortável quanto possível. Usam o seu dinheiro para se rodearem a si mesmos com os confortos desta vida e perseguição de riquezas mundanas. Enormes quantidades de energia e intermináveis horas são gastas na construção destes interesses terrestres. O resultado é que o Espírito de Deus extingue-se da igreja deixando-a desamparada, formal, legalista e morna.

Esta triste história de decadência pode ser lida consecutivamente através do tempo mas nunca mais plenamente que na história do grande segundo Movimento Adventista depois de 1844. Em Testemunhos 1:113-115 (Testemunhos Selectos 1:29), a razão para o afastamento do Espírito foi mostrado ser o desvio dos meios com que Deus os investiu para conforto e interesses pessoais.

Aqueles que seguem este curso, enganam-se a si mesmos em crer que é tudo para a causa e no dia em que é mais necessário a causa será abençoada com os resultados da “sua excelente administração.”

“Vi que muitos, em vários lugares, no leste e oeste, estavam ajuntando sítio a sítio, terra a terra e casa a casa, fazendo da causa de Deus uma desculpa, dizendo que assim fazem para que possam ajudar a causa. Algemaram-se a si, mesmos de maneira que não podem ser, senão de pouco préstimo à causa. Alguns compram um pedaço de terra, e trabalham com todas as suas forças para pagá-lo. Seu tempo é tão ocupado. Pouco é o que dele podem reservar para a oração, e servir a Deus, e d’Dele obter forças a fim de vencer suas tentações. Acham-se endividados, e quando a causa necessita do seu auxílio, não a podem ajudar; pois devem livrar-se primeiro da dívida. Mas tão depressa se vêem livres de uma dívida, estão mais longe de ajudar uma causa do que antes; pois novamente se envolvem num acréscimo de sua propriedade. Lisonjeiam-se a si mesmos de que esta orientação é correcta, de que empregarão o proveito na causa, quando na realidade estão é ajuntado tesouros aqui. Amam a obra apenas tanto quanto suas obras o demonstram. Amam mais o mundo, e menos a causa de Deus; a atracção terrestre se fortalece, enquanto a do céu enfraquece. Por seu exemplo dizem aos que os rodeiam que pretendem demorar-se aqui, que a terra é a sua pátria. Disse o anjo: ‘Tu és o guardador do teu irmão.’ ” Testemunhos Selectos 1:30.

O testemunho final em que se encontra realmente o seu coração é dado quando eles morrem e os seus testamentos são tornados públicos. O seu dinheiro e possessões são deixados aos seus filhos incrédulos que não têm necessidade especial de posses. Satanás está contente por isto, porque ele sabe que privou e enfraqueceu a causa de Deus enquanto fortaleceu a sua própria obra. O que particularmente o enche de satisfação é o facto que é o professo povo de Deus que devia ter feito pela verdade tudo o que possivelmente pudesse, que o tem servido tão bem. Não há desculpa para isto porque tem sido dada abundante instrução nos Testemunhos indicando aos cristãos como atribuir as suas possessões quando fazem os seus testamentos.

Nada tem origem conosco. Tudo o que possuímos tem sido investido em nós pelo Senhor para avançar a Sua causa e derrotar o diabo. Quando uma pessoa toma esta riqueza e a desvia para as suas mãos do inimigo, está roubando a Deus. Isto é a traição de uma sagrada verdade pela qual um terrível prestar contas tem que ser dado. A afeição natural é muito forte, e alguns sentirão que é demasiado dizer que os filhos incrédulos são inimigos de Deus e da Sua verdade, mas este é o facto da questão. Cristo sabia que devia vencer as poderosas tentações impostas sobre Ele por causa da afeição natural

e aqueles que seguissem as Suas pisadas fossem participantes com Ele nos Seus sofrimentos e herdassem o eterno galardão, tinham que obter as mesmas vitórias.

A reivindicação de Deus para estes tesouros não é o egoísmo da Sua parte. Ele tem mais do que fontes suficientes com que realizar os Seus propósitos sem envolvimento da raça humana. Mas Ele sabe o mau efeito sobre nós quando nos tornamos devotados aos interesses egoístas, não importa quão legítimos eles possam parecer que são. Portanto, Ele tem-nos convidado a ser Seus coobreiros no plano da salvação. Esta é uma grande honra, um maravilhoso privilégio, e uma sagrada confiança.

Quando Ele instituiu as ofertas queimadas, de manjares e libação, realizou um serviço de amor pelo povo. Ele pretendia que desse modo eles fossem constantemente lembrados da sua relação com Ele como sua fonte, e diariamente levados a renovar a sua promessa do concerto para fazer do serviço aos outros a sua primeira consideração. Tudo o que eles eram e tudo o que eles tinham, devia ser devotado a esta missão. Somente enquanto permanecessem dentro destas limitações, podiam ser realmente participantes com a Eterna Trindade.

Como uma Expição

Como citado acima, as Escrituras declaram que aqueles que participaram nas ofertas queimadas, de manjares e libação, receberam desse modo a expiação.

Em que sentido é isto verdade?

A expiação tem sido descrito como sendo reconciliação, em harmonia com, ou reconciliado com Deus. As expiações foram instituídas por causa do homem, em consequência da sua transgressão, verificou-se que estava longe de Deus e necessitava ser trazido de novo para junto de Deus. Este processo não inclui quaisquer mudanças no Senhor nossa justiça, mas com certeza fá-lo no homem. Estas transformações são o que as expiações são destinadas a produzir. Por conseguinte, qualquer obra divinamente apontado que traz o homem de volta à harmonia como o Senhor, é uma expiação.

Quando os crentes assistiam aos serviços da manhã e da tarde nos quais as ofertas queimadas, de manjares e libação eram sacrificadas – uma vez que elas compreendiam o que estas cerimónias significavam e entravam com o coração e alma neles – eram transformados mais e mais à semelhança de Deus de dia para dia. Cada exercício espiritual servia para confirmar e fortalecer dentro deles a compreensão que todas as coisas pertencem a Deus, que eles eram apenas estrangeiros e peregrinos na terra, que deviam desenvolver um carácter adequado para a eternidade, e apressar o dia em que o reino da justiça eterna seria estabelecido.

À medida que estes serviços talhavam esta obra sagrada dentro deles, eram trazidos cada vez mais perto de Deus. Isto, portanto era uma obra de expiação que, como o próximo capítulo mostrará, preparou-os para receberem a expiação diária que preparava o caminho, por seu lado, para o recebimento da expiação final e um lugar no reino.

A oferta de Libação

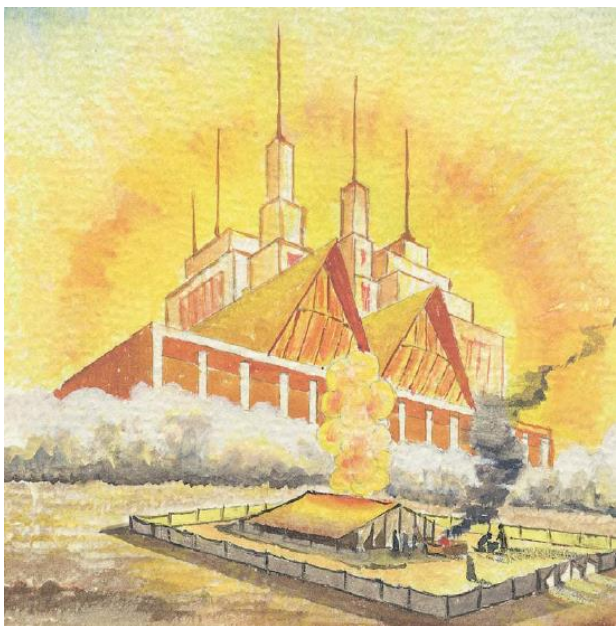
É conveniente que aqueles que fizeram as ofertas queimadas e de manjares seguissem estas com a oferta de libação. Instruções para estas três na sua ordem dadas nos primeiros três capítulos de Levítico.

O resultado natural de entrar no abnegado espírito de Cristo, é perfeita paz com Ele. Estar assim em harmonia com a Divindade é o ideal de Deus para os Seus filhos. O eterno Pai devotou todos os poderes do céu e todas as fontes de modo que ninguém achará impossível alcançar este fim.

Nada há que o verdadeiro filho de Deus deseje mais do que este sagrado repouso em íntima comunhão com o Mestre.

Deixai-o rejubilar portanto para ver que preciosas promessas e lições estão contidas na expiação feita pelas ofertas queimadas, de manjares e libação. Deve ser gasto mais tempo na procura dos

tesouros que o Senhor encerrou nestas verdades, com a certeza que quando isto é feito e as lições aplicadas, avanços significantes serão feitos na vida cristã.



A Mensagem para o nosso Tempo
(Publicado na revista “The Messenger and News Review”, Abril 1981)

Capítulo 12

A Expição Pelos Pecados de Ignorância – I

Deveria ser visível agora que Deus deu expiações específicas para tratar com problemas específicos. Ele espera que o Seu povo compreenda cada uma destas expiações e os lugares onde elas devem ser aplicadas de modo que o ser humano possa trabalhar em íntima e efectiva cooperação com o divino.

A popular ideia hoje é que Cristo realizou só uma toda-suficiente expiação sacrificial. Esta posição ignora o testemunho do Velho Testamento que as diferentes expiações no tipo apontavam para o mesmo número de ministérios correspondentes no antítipo. Contudo, enquanto cada expiação no tipo envolvia um sacrifício, Cristo morreu como um sacrifício apenas uma vez. Por causa disto, muitos concluem que há apenas uma expiação realizada por Cristo em favor do pecador.

É verdade que Cristo não morreu repentinamente. “Sabendo que, havendo Cristo ressuscitado dos mortos, já não morre; a morte não mais terá domínio sobre Ele.”

“Pois, quanto a ter morrido, de uma vez morreu para o pecado, mas, quanto a viver, vive para Deus.” Romanos 6:9,10.

Não era necessário que Ele morresse mais do que uma vez porque o Seu infinito coração satisfez os requisitos de cada uma das expiações que se realizavam na sua vez. Portanto, é um erro supor que por Cristo ter morrido apenas uma vez, é a única expiação a ser realizada no Seu ministério para nossa salvação. Para cada expiação no tipo, há a exacta contrapartida no antítipo.

Desta sucessão de expiações considerámos apenas duas. A primeira foi feita por Cristo no momento em que o homem pecou e era simbolizada pelo espargir do sangue sobre as vergas das portas no serviço da Páscoa. Isto proporcionou um tempo de provação durante o qual era

proporcionada ao crente oportunidade para receber os benefícios restauradores contidos nas expiações que se seguiam. A segunda era a expiação da consagração diária

realizada nas ofertas queimada, de manjares e libação. Isto levava a um espírito de unidade entre Deus e o Seu povo que O autorizava a transformá-los mais e mais à Sua semelhança.

Na obra progressiva que leva à restauração final, a necessidade seguinte é a eficaz remoção dos pecados que aparecem subsequentemente à libertação inicial da escravidão e a instituição da vida de Cristo no interior. Estes pecados dividem-se em duas categorias. Há os que são desconhecidos para o crente porque, inicialmente, ele tem um limitado conhecimento dos princípios divinos. Um simples exemplo disto é a observância do domingo pelos reformadores protestantes. Eles não sabiam que o sétimo dia da semana é o sábado e por isso fielmente observaram o primeiro dia. Isto é chamado um pecado de ignorância. Leva tempo para uma pessoa compreender o seu erro, mas quando compreende, o Senhor espera que ele ponha isso de lado e seja purificado disso. Para isto ser possível, foi dada uma expiação pelos pecados da ignorância.

Infelizmente, pecados de ignorância não são os únicos que aparecem nas vidas dos convertidos. Há ocasiões em que eles permitem que a sua fé se ofusque, e o inimigo, tomando vantagem da sua fraqueza, tenta-os com sucesso. Eles sabem bem que caíram e com profundo arrependimento procuram purificação da mancha. Para isto Deus também providenciou uma expiação tipificada na dispensação do Velho Testamento pela oferta da expiação.

A provisão para os pecados de ignorância está descrita em Levíticos 4:1-35. O procedimento é repetido quatro vezes, com alguma modificação, para cobrir as necessidades de um sacerdote, de toda a congregação, um príncipe, e qualquer um do povo comum. Citaremos aqui como um exemplo, as instruções dadas a um sacerdote.

“E falou mais o Senhor a Moisés, dizendo:

“Fala aos filhos de Israel, dizendo; Quando uma alma pecar por ignorância contra algum dos mandamentos do Senhor, acerca do que se não deve fazer, e obrar contra algum deles.

“Se o sacerdote ungido pecar para escândalo do povo, oferecerá pelo seu pecado, que pecou, um novilho sem mancha, ao Senhor, por expiação do pecado.

“E trará o novilho à porta da tenda da congregação, perante o Senhor, e porá a sua mão sobre a cabeça do novilho, e degolará o novilho perante o Senhor.

“Então o sacerdote ungido tomará do sangue do novilho, e o trará a tenda da congregação;

“e o sacerdote molhará o seu dedo no sangue e daquele sangue espargirá sete vezes perante o Senhor, diante do véu do santuário.

“Também porá o sacerdote daquele sangue sobre as pontas do altar o incenso aromático, perante o Senhor, que está na tenda da congregação; e todo o resto do sangue do novilho derramará à base do altar do holocausto, que está à porta da tenda da congregação.

“E toda a gordura do novilho da expiação tirará dele; e a gordura que está sobre a fressura.

“E os dois rins, e a gordura que está sobre eles, que está sobre as tripas, e o redenho de sobre o fígado, com os rins tirará.

“Como se tira do boi do sacrifício pacífico, e o sacerdote a queimará sobre o altar do holocausto.

“Mas o couro do novilho, e toda a sua carne, com a sua cabeça, e as suas pernas e as suas entranhas, e o seu esterco.

“Todo aquele novilho levará fora do arraial a um lugar limpo, onde se lança a cinza, e o queimará com fogo sobre a lenha; onde se lança a cinza se queimará.” Levíticos 4:1-12.

Nos versículos 20, 26, 31 e 35, o Senhor claramente declara que isto era uma expiação. “Também queimará sobre o altar toda a gordura como gordura do sacrifício pacífico; assim o sacerdote por ele fará expiação do seu pecado, e lhe será perdoado.” Versículos 26. Portanto, estes procedimentos são expiação pelos pecados de ignorância. Essa misericordiosa e adequada provisão é ainda válida e será recebida por todo o que compreender e aplicar o divino remédio.

Até que a pessoa seja desperta do pecado de ignorância, está coberto pela expiação sacrificial que foi feita na cruz e primeiro aplicada no instante em que Adão e Eva transgrediram.

Antes que ele saiba acerca do mal escondido dentro dele, o Senhor aceita toda a responsabilidade pelo erro mesmo até ao ponto em que, se esta pessoa devesse morrer antes de ser desperto para isto, não estaria perdido. Mas, uma vez que o pecador tenha sido trazido à compreensão da presença e natureza da sua escondida iniquidade, a responsabilidade repousa sobre ele. É-lhe exigido que venha ao santuário e, ao fazer a confissão do seu pecado, é levada à reconciliação com Deus.

Nenhum homem pode confessar um pecado do qual não tem consciência. Portanto a primeira obra deve ser a revelação da pecaminosidade que está dentro dele e que nunca tinha visto anteriormente. Isto não é facilmente realizado porque não é natural para uma mente longamente treinada a pensar de uma certa forma, mudar para uma linha de pensamento diferente. Quanto mais essa mente tenha sido inclinada numa certa direcção, mais difícil é mudar.

Toda a natureza segue este princípio. Quão fácil é orientar uma tenra árvore jovem para crescer numa direcção desejada, mas, à medida que o tempo passa e o tronco engrossa e endurece, torna-se cada vez mais difícil. Finalmente é impossível efectuar qualquer transformação.

O caminho menos duro e eficiente para revelar estes problemas é através do espelho da lei de Deus. É o plano de Jeová que à medida que os homens lêem as sagradas Escrituras, claramente verão em que pontos as suas vidas não estão em harmonia com a vontade divina. Assim Ele deu a oportunidade para arrependimento, confissão e afastamento do mal.

Infelizmente, cada vez que Deus começa isto, Satanás ali está para contestar cada centímetro do caminho. Do seu lado está a vantagem da disposição do homem para olhar a sua própria avaliação de si mesmo em preferência a Deus. Enquanto o Espírito Santo está dizendo ao pecador que nem tudo está bem, ele está a persuadir-se a si mesmo que as coisas dificilmente estariam melhor. Esta perigosa atitude é bem ilustrada pelos Laodicenses, que quando Deus lhes estava a dizer que eles eram “desgraçados”, miseráveis, e pobres, e cegos, e nus,” mantiveram-se assegurando a si mesmos que estavam “ricos e enriquecidos, e” “de nada” tinham “falta”.

Esta mensagem foi especial e especificamente dirigida ao povo do advento na segunda metade do século passado. Repetidas advertências foram dadas para os salvaguardar de cair neste estado, mas eles continuaram sem prestar atenção. Em breve Testemunha Verdadeira não teve escolha senão descrever a condição a que eles chegaram na esperança que eles atendessem aos Seus conselhos e regressarem à harmonia com Ele.

“Foi-se mostrando que o testemunho aos Laodicenses se aplica ao povo de Deus no tempo presente (1858) e a razão por que não tem realizado uma obra maior é por causa do endurecimento dos seus corações.” Testemunhos vol.1, p186.

Três décadas depois, a mesma Testemunha declarou que não tinha havido mudança para melhor. A mensagem tinha sido desentendida.

“Desde a reunião de Mineápolis, tenho visto o estado da igreja Laodiceia como nunca antes. Tenho ouvido a repreensão de Deus aqueles que se sentem tão satisfeitos, que não sabem da sua destituição espiritual. Jesus fala a estes como falou à mulher de Samaria: ‘Se tu conheceres o dom de Deus, e quem é o que te diz: Dá-me de beber, tu lhe pedirias, e Ele te daria água viva.

“Como os judeus, muitos têm fechado os seus olhos para que não vissem o que deviam ver; mas há tão grande perigo agora, em fechar os olhos à luz, e em caminhar separados de Cristo, de nada sentindo falta, como havia quando Ele esteve sobre a terra. Foram-me mostradas muitas coisas que tenho apresentado perante o nosso povo em solenidade e sinceridade, mas aqueles cujos corações têm sido endurecidos através do criticismo, ciúme, e más conjecturas, não sabendo que eram pobres, e miseráveis, e cegos, e nus. Os que resistem às mensagens de Deus através dos Seus humildes servos, pensam estar em desacordo com a irmã White, por causa das suas ideias não estarem em harmonia com as deles mas este desacordo não é com a irmã White, mas com o Senhor, que lhe tem dados a Sua obra para fazer.” R. & H. 26/08/1890.

A expiação pela qual o pecado é afastado da vida nunca pode ser feita a menos que a pessoa que o procura veja a sua verdadeira condição. Em 1858, a Testemunha Verdadeira mostrou plenamente aos Adventistas Laodicenses o seu verdadeiro estado mas eles não poderiam ver isso. Preferiram a sua

própria estima de si mesmos à avaliação do Senhor. Sem dúvida que eles subconscientemente raciocinaram do seguinte modo: “O Senhor diz que nós somos miseráveis, pobres, cegos e nus, mas nós não podemos ver o que somos. Por mais atentos que possamos procurar, vemo-nos ricos, enriquecidos, e de nada tendo falta. Supomos que se o Senhor diz que estamos destituídos de vida espiritual, então deve ser assim, mas se não podemos ver, então não somos responsáveis.”

Esta era uma atitude muito conveniente a tomar, mas fatal. O povo de Deus tem que aprender que quando Ele fala através da Palavra profética, as Suas palavras não são palavras vãs. A questão é se o povo pode ver isso ou não. Se o Senhor falou, é a verdade. A única salvação é adoptar um espírito humilde e disposto a aprender, e insistir com o Salvador para lhes abrir os olhos de modo a que possam ver-se a si mesmos como Ele os vê. É impossível entrar na expiação de outra maneira.

Quase seis milénios passaram desde que o homem pela primeira vez recebeu o diabo e o pecado. Durante esse tempo, advertência atrás de advertência de um Deus de amor tem chegado ao Seu professo povo, revelando não só o estado em que caíram, mas também os resultados seguros do seu caminho escolhido. Com espanto da cegueira têm ignorado estes conselhos, escolhendo por outro lado continuar o seu próprio julgamento e o seu próprio caminho. Por exemplo, vede como Jeremias repetidamente transmitiu as mensagens de Deus ao rei apóstata dos seus dias e apesar de tudo, como no exacto cumprimento das suas predições os ameaçadores juízos chegaram cada vez mais perto, o rei, príncipes, nobres, sacerdotes e povo firmemente resistiram à reforma e por isso não puderam ser levados à reconciliação com Deus.

Foi uma inacreditável realização. Quanto mais uma pessoa o estuda, mais espantoso se torna que o débil homem mortal possa dar maior valor às suas próprias avaliações acima de um sábio Deus de amor.

Sábios na verdade são aqueles homens que vêm nestas atitudes a advertência, que a geração de hoje tem a mesma orgulhosa disposição e está no mesmo perigo de preferir os seus próprios caminhos. Cada um devia rezear que o mesmo triste destino o surpreenda. Ninguém devia descansar até estar seguro que o Senhor está fazendo uma obra fiel de lhe revelar as suas deficiências, que está aceitando essas revelações, e está fazendo certa a obra do arrependimento. Não há segurança e vida eterna em nenhum outro modo de proceder. A salvação não é uma questão de julgamento humano, mas divino.

Seria impossível colocar demasiado ênfase neste ponto vital. Precisa ser tão cuidadosamente impresso nas mentes, de modo que as pessoas sejam despertadas deste entorpecimento fatal que os deixa abraçados às suas prazenteiras avaliações vaidosas de si mesmos em preferência aos juízos de Deus absolutamente exactos. Cada um gosta de ouvir dizer bem de si em vez de mal. Portanto requer-se uma corajosa honestidade e firme coragem para aceitar revelações desagradáveis sobre o seu carácter. Se todos compreendessem que o sofrimento é administrado a fim de trazer restauração, paz, alegria, apressar-se-iam para assegurar que este passo vital foi dado.

Quando Deus é incapaz pelas Suas mensagens pessoais de despertar o Seu povo para compreender a sua condição e necessidade, tem outros meios pelos quais os mesmos resultados podem ser alcançados.

Para esta suplementar provisão se provar bem-sucedida depende da inteligente cooperação dos crentes com os agentes divinos. Demasiadamente frequente, estas medidas também falham porque o professo povo de Deus permite que o inimigo desvie a sua atenção de um exame às suas próprias reacções para as reacções dos outros que os cercam.

O seu fracasso em permitir que a testemunha da Testemunha Verdadeira revele a Sua condição e necessidade, significa que o mal é deixado dentro deles. Inevitavelmente, as tentações exercem pressões que desenvolverão estes males, trazendo-os à luz onde eles podem ser claramente vistos. A tentação nunca cria a iniquidade. Ela desenvolve e torna manifesto aquilo que já ali está.

“O período de tentação sob a qual, talvez, uma pessoa cai num pecado ofensivo, não cria o mal revelado, mas apenas desenvolveu e torna manifesto aquilo que estava oculto e latente no coração.

Um homem é tal quais são os seus pensamentos; porque do seu coração ‘procedem as saídas da vida.’ Prov. 23:7; 4:23.” M.D.C. 60.

A natureza testemunha fortemente estes princípios. Algumas partes do mundo com escassez de água mostrarão terra de vegetação por longos períodos de tempo. Sob todas as aparências não há qualquer sinal de vida. Eventualmente, a chuva volta e em poucos dias há um maravilhoso crescimento de erva, ervas daninhas, espinhos e plantas. A chuva não criou esta verdura. Ela manifestou apenas aquilo que estava no solo. Se não houvesse sementes de espinhos por exemplo, nenhum teria crescido depois de ter passado a chuva.

Paulo semelhantemente referiu-se a este princípio nestas palavras: E não somente isto, mas também nos gloriamos nas tribulações, sabendo que a tribulação produz paciência.” Romanos 5:3.

As tribulações vêm a todas as pessoas e quando vêm, não é a paciência mas a impaciência que opera. Como então pode Paulo dizer que nos gloriamos nas tribulações sabendo que elas produzem paciência, quando as nossas experiências nos dizem que o oposto é a verdade?

Ele não falava da experiencia daqueles em que a impaciência continuava a reinar, mas acerca do justificado em que a paz de Deus reside. Quando as tentações vêm a elas, servem para apenas para exercitar ou fortalecer a paciência que já está dentro deles. Assim, não importa em que situação, as tribulações são uma bênção. Se continuar ainda pecado oculto no interior, elas servem para revelar ao observador crente honesto, exactamente onde uma obra necessita de ser feita. Assim é-lhe dada oportunidade de apressar-se para o Salvador o purificar destes defeitos. Por outro lado, se as tribulações apenas revelam reacções justas, o crente pode regozijar-se na evidência que foi efectivamente purificado.

Pedro foi um que, tendo falhado em ganhar com as instruções de Cristo, teve que aprender a lição pela mais difícil e penosa maneira. Cristo sabia tudo o que estava no Seu amado discípulo, mas Pedro não. O Mestre procurou dia após dia, pela paciente instrução, revelar a Pedro os seus defeitos de modo que ele pudesse ser curado delas e investi-lo de qualidades que o habilitariam a manter-se firme em cada teste.

“A história de nenhum dos discípulos ilustra melhor o método de Cristo do que a de Pedro. Ousado, agressivo, confiante em si mesmo, rápido em compreender e disposto a agir, pronto para a desforra, mas generoso em perdoar, Pedro muitas vezes errou e outras tantas foi reprovado. Nem por isso foram sua fervorosa lealdade e dedicação para com Cristo reconhecidas e elogiadas de maneira menos positiva. Pacientemente, e com a faculdade de discernir, própria do amor, o Salvador tratava com o Seu impetuoso discípulo, procurando reprimir sua confiança em si próprio e ensinar-lhe a humildade, obediência e confiança.

“Mas apenas em parte foi a lição aprendida. A segurança própria não se desarraigou.

“Muitas vezes Jesus, com peso no coração, procurava revelar a Seus discípulos as cenas de Seu julgamento e sofrimentos. Seus olhos, porém, estavam velados. A compaixão de si mesmo, que recuava diante da associação com Cristo em Seus sofrimentos, determinou a suplica de Pedro; ‘Senhor tem compaixão de Ti; de modo nenhum Te acontecerá isso.’ Mateus 16:22. Suas palavras exprimiam o pensamento e sentir dos doze.

“Assim iam, enquanto a crise se aproximava e, jactanciosos, contenciosos, distribuíam antecipadamente as honras reais, e não sonhavam com a cruz.

“A experiência de Pedro continha uma lição para todos eles. Para a confiança em si mesmo, a prova é a derrota. Os inevitáveis resultados do mal, ainda não abandonado, Cristo não podia obstar. Mas assim como Sua mão se estendera para salvar, quando as ondas estavam a ponto de arrebatá-lo a Pedro, assim o Seu amor se estende para o seu livramento quando as profundas águas lhe rolaram sobre a alma.” Educação, 88,89.

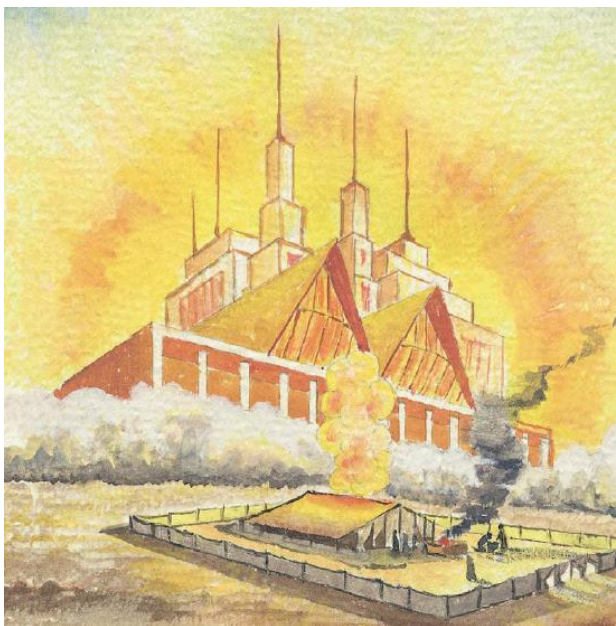
Como Cristo tratava com Pedro, assim opera Ele com cada alma. Primeiramente, Ele procura pela directa instrução alertar o povo para a existência de deficiências de carácter. Quando isto falha, como acontece muitas vezes, então é-lhe impossível evitar a obra directa do diabo ainda por abandonar. O

ataque desta experiencia dolorosa e potencialmente destruidora encontra o Salvador ainda pronto a perdoar, purificar e restaurar. A expiação é ainda valida. O crente não foi rejeitado.

Quando as tentações assaltam a alma e manifestem o mal interior, o maior erro cometido por muitos, é que eles dirigem a sua atenção para aquilo que os outros lhes têm feito em vez de estudar o que se tem desenvolvido dentro deles. Satanás está satisfeito porque ele sabe que esta atitude efectivamente frustra a obra da graça. Ele está totalmente ciente que nenhuma pessoa experimentará o poder purificador da expiação a menos que primeiramente reconheça o seu estado e necessidade pessoal.

O correcto procedimento a seguir em todas as situações que envolvem tentação é estudar as nossas próprias reacções, não as reacções das outras pessoas contra nós. Ninguém tem que responder pelo que a outra pessoa faz, nem o comportamento de um será desculpado baseado no mau tratamento recebido. Portanto, é fundamental que a nossa preocupação seja focada nas nossas próprias reacções. Se se verificar que a tentação deu origem a uma má resposta, então estai gratos por essa prova. Ela é uma amiga. A pessoa que nos disse ou causou mal é também uma amiga, apesar de pensar que era inimiga. Se houver oportunidade devemos agradecer-lhes pelo que disse ou fez, explicando como as suas acções serviram para nos tornar conhecedores dos recessos de iniquidade escondidos, dos quais doutro modo não as teríamos conhecido. Devemos dizer-lhes também que nos escapámos para o santuário para receber a expiação que faz desaparecer o pecado, e nos deu um espírito novo, doce, perdoador e de amor. Ela podia não compreender, mas pelo menos será suavizada à medida que compreender que não acariciamos um espírito de ressentimento para com ela. Tal testemunho, dado na frescura do ministério restaurador da expiação, talvez a guiasse também aos pés da cruz em busca de justificação.

O que deve ser compreendido por todo o que deseja os benefícios da expiação é que o primeiro passo para o suplicante é saber a verdadeira natureza da sua condição espiritual. Nenhum pecado de ignorâncias pode ser purificado a menos que seja confessado e afastado. Isto, por sua vez necessita que a pessoa saiba o mal que está ali para ser confessado e abandonado. Deus está operando continuamente para trazer àqueles que não tem o pecado afastado, o seu dia de graça para um verdadeiro conhecimento de si mesmos. No princípio, Ele testemunha-lhes pela Sua Palavra e pelo Espírito Santo, mas quando os seus ouvidos são tapados e os seus olhos são impedidos de ver, Ele não tem escolha, mas espera que eles vejam a sua necessidade através das provações e tribulações. Ele é entristecido por vê-los sofrer desnecessariamente e evitar-lhes-ia estes desconfortos se pudesse, mas Ele é incapaz de impedir a segura obra do diabo ainda por abandonar. Se o Seu povo recusa ser moldado por estas divinas provisões, nada é deixado para eles senão serem abandonados no caminho que escolheram. Perdição será a sua inevitável condenação.



A Mensagem para o nosso Tempo
(Publicado na revista “The Messenger and News Review”, Maio 1981)

Capítulo 13

A Expição Pelos Pecados de Ignorância – II

Uma vez que o Espírito Santo realiza a obra da revelação daquilo que anteriormente tinha sido um pecado de ignorância, o caminho está preparado para o passo seguinte na expiação. No ritual do Velho Testamento, isto envolvia a selecção do animal por parte do pecador, designado para o sacrifício, trazê-lo à porta do tabernáculo, confessar o pecado sobre a sua cabeça, e depois tirar a vida da vítima. Depois disso, o sacerdote levava o sangue para dentro do primeiro compartimento onde o espargia sete vezes perante o véu que separa o lugar santo do lugar santíssimo, tocava nas quatro pontas do altar do incenso.

Por esta cerimónia o crente arrependido era simbolicamente purificado da iniquidade com que havia ido ao santuário. Ele regressava reconciliado ou em harmonia com Deus. Se estava realmente purificado, dependia da sua fé alcançar para além do ritual a realidade. E o sangue de Cristo e não o sangue dos animais sacrificados que lava o pecado.

“Porque é impossível que o sangue dos touros e dos bodes tire os pecados.” *Hebreus 10:4*.

Hoje já não há uma exigência para trazer um animal ou ave para sacrifício a um santuário terrestre literal. Aqueles rituais foram abolidos no calvário. Contudo, a necessidade de purificação do pecado é precisamente tão urgente agora como era então, por conseguinte todos necessitam de compreender como proceder para receber os benefícios da expiação simbolizado por este serviço. O que aquelas pessoas do passado fizeram no tipo, deve ser feito pelo povo de Deus no presente como uma experiência real da purificação pessoal do pecado. Para atingir isto é exigida uma exacta compreensão dos símbolos usados nos serviços da antiguidade.

Esta compreensão é a base da fé, essa faculdade essencial sem a qual ninguém recebe o que seja de Deus.

“Ora, sem fé é impossível agradar-lhe; porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que Ele existe, e que é galardoador daqueles que O buscam.” *Hebreus* 11:6.

Ninguém ira ao santuário a menos que verdadeiramente creia que a solução para os seus problemas está ali. Ele deve saber que Deus tem o grandioso poder necessário para o livrar dos seus pecados e enchê-los de justiça. Muitos imaginam que têm fé em Deus quando na realidade, têm apenas uma vaga consciência do que Ele pode fazer e pontos de vista confusos acerca do que Ele planeou fazer por e neles.

“A fé nominal em Cristo, que O aceita apenas como o salvador do mundo, não pode nunca trazer cura à alma. A fé que opera salvação, não é mero assentimento espiritual à verdade. Aquele que espera inteiro conhecimento antes de exercer fé, não pode receber bênçãos de Deus. Não basta crer no que se diz acerca de Cristo; devemos crer n’Ele. A única fé que nos beneficiará, é a que O abraça como Salvador pessoal; que se apropria de Seus méritos. Muitos têm a fé como uma opinião. A fé salvadora é um ajuste pelo qual aqueles que recebem a Cristo se unem a Deus em concreto. Fé genuína é vida. Uma fé viva significa acréscimo de vigor, segura confiança pela qual a alma se torna uma força vitoriosa.” *O Desejado de Todas as Nações*, 328, 329.

Quando os filhos de Deus são abençoados com isto, a única fé eficaz, sabem que quando Deus faz uma promessa, quer dizer exactamente o que diz e tem o poder necessário para o realizar. Eles sabem que não há limite para o poder de Jeová ou para o Seu amor. O Seu maravilhoso ideal para os Seus filhos está para além das mais elevadas ambições que podem inspirar os homens. A única razão pela qual tão pouco é alcançada na prática real é o baixo nível de fé ao qual a grande parte dos homens se tem limitado a si mesmos.

Quantas pessoas quando enfrentam o problema do pecado não crêem que Deus tem o poder para os libertar dele! Eles não aceitam as multiplicadas declarações das Escrituras que asseguram que “o pecado não terá domínio sobre vós.” Romanos 6:14. Os benefícios da expiação são desconhecidos para esta classe. Eles não podem ir inteligentes e confiantemente ao santuário, para serem aliviados do seu fardo, e regressar abençoados com a doce presença da justiça de Cristo.

A necessidade de adquirir uma fé forte e viva não pode ser salientada exactamente. Tempo e esforço devem ser dedicados a isto porque não é natural ao homem crer num Deus que não vê. A sua disposição corrompida pelo pecado, influencia-o a confiar em si mesmo em vez de confiar no poderoso Criador dos céus e da terra. Mesmo depois dos homens terem feito coisas maravilhosas sob a direcção pessoal de Deus, perderam a sua firmeza na fé, voltaram para as suas próprias obras, e, em consequência, sofreram terríveis derrotas. Ninguém pode alguma vez chegar ao lugar onde pode descontrair-se, confiante que está isento da descrença. Constante luta tem que ser mantida contra a persistente campanha do inimigo para desviar a contemplação do crente das grandiosas promessas do Eterno, para as mais visíveis mas totalmente inseguras fontes, ao alcance do homem.

“De sorte que a fé é pelo ouvir e o ouvir pela Palavra de Deus.” Romanos 10:17.

A Palavra de Deus é válida através de dois agentes principais, a Escritura e o universo criado. Muito do último está tão distante que pouco se sabe acerca dele, mas o que se pode ver é mais do que suficiente para inspirar no homem uma fé rica e viva. Deus determinou que os Seus filhos, pela contemplação destas manifestações do Seu poder criador, seriam levados a saber onde colocar a sua confiança, porém não se segue necessariamente que aqueles que gastam as suas vidas em contacto com estas maravilhas, desenvolverão automaticamente uma forte fé no infinito. Pelo contrário há inúmeros botânicos, astrónomos, biólogos e cientistas que gastam todas as suas vidas em íntimo contacto e estudo destas coisas sem terem qualquer fé em Deus. Entre estes, estão homens que são os primeiros no avanço de teorias especulativas que não dão lugar a Deus como originador de todas as coisas. Eles declaram que o universo é gerado por si mesmo e que estes processos estão ainda em operação.

Isto é muito lamentável, mas não diminui a vitalidade a ser adquirida do íntimo contacto com Deus através destes dois meios. Isso apenas prova que aqueles que estudam a natureza sem

orientação da palavra de Deus, estão destituídos da capacidade de ler correctamente o que foi escrito pela mão de Jeová.

Ninguém precisa estar nesta situação. Deus prometeu ser o Mestre do Seu povo, garantindo assim que os seus olhos serão abertos para reconhecer o Seu papel pessoal nos assuntos humanos, e que a sua confiança n'Ele será até ao ponto em que todos os grandiosos benefícios da expiação serão seus. Aqueles que se sentam aos pés do Mestre Educador estudarão tanto a Palavra escrita como a criada, procurando muito mais do que mera informação. Através deste meio e diligente aplicação das lições que lhe são dadas, o justo será rodeado de uma influência de tal magnitude e potência, que obterão uma visão larga acerca da onnipotência de Deus que dará origem a uma fé crescente e eficaz.

Sempre que Deus chamou um homem para levar o Seu povo adiante, reconheceu a necessidade de desenvolver nesse homem tremendas capacidades e fé ampla. Para alcançar isto, Ele sempre o separou daqueles ambientes nos quais seria constantemente lembrado acerca da grandeza humana, para situações onde estava rodeado das obras criadas por Deus.

A educação de Moisés para o seu papel de guia de Israel é uma excelente ilustração destes procedimentos. Durante os primeiros quarenta anos de sua vida, viveu no coração do maior e mais rico império do mundo então conhecido. Ele estava continuamente rodeado pelas grandes realizações humanas e envolvido na execução de outras. Ele estava largamente, senão totalmente, adormecido acerca do que esta poderosa influência lhe estava fazendo. Ela estava realmente a moldá-lo, construindo auto-suficiência, e estabelecendo confiança no poder humano acima do divino. Foi isto que o levou a matar o egípcio na suposição que o *Êxodo* seria realizado por uma campanha militar sob o seu "hábil" generalato.

Deus, reconheceu que a continuação da estadia de Moisés no Egipto estava reduzindo progressivamente a sua preparação para levar a cabo a sua missão designada, permitiu a manifestação de acontecimentos para o separar destas influências destruidoras. Ele então levou o Seu servo a um lugar onde num ambiente totalmente diferente reestruturaria as suas atitudes.

"Moisés estivera a aprender muito que tinha de desaprender. As influencias que o haviam cercado no Egipto – o amor de sua mãe adoptiva, sua própria posição elevada como o neto do rei, a dissipação de todos os lados, o apuro, a subtileza e o misticismo de uma religião falsa, o esplendor de um culto idolátrico, solene grandiosidade da arquitectura e escultura - tudo deixará profundas impressões em sua mente em desenvolvimento, e modelara, até certo ponto, seus hábitos e carácter. O tempo, a mudança de ambiente e a comunhão com Deus podia remover estas impressões. Renunciar o erro e aceitar a verdade recia da parte de Moisés uma luta tremenda; mas Deus seria seu auxiliador quando o conflito fosse demasiado severo para a força humana.

"Em todos os que têm sido escolhidos para cumprir uma obra pra Deus, vê-se o elemento humano. Todavia não foram homens de hábitos e carácter estereotipados, que estavam satisfeitos com o permanecer naquela condição. Fervorosamente desejavam obter sabedoria de Deus, e aprender a trabalhar para Ele. Diz o apóstolo: 'Se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberdade, e o não lança em rosto, e ser-lhe-á dada'. Tiago 1:5. Deus, porém, não comunicará aos homens luz divina, enquanto estiverem contentes de permanecerem em trevas. A fim de receber o auxílio de Deus, o homem deve compenetrar-se de sua fraqueza e deficiência; deve aplicar seu próprio espírito na grande mudança a ser operado em si; deve despertar para a oração e esforço fervorosos e perseverantes maus hábitos e costumes devem ser repelidos; e é apenas pelo esforço decidido no sentido de corrigir tais erros, e conformar-nos aos princípios rectos que a vitória pode ser ganha. Muitos jamais atingem a posição que poderiam ocupar, porque esperam que Deus faça por eles aquilo que Ele lhes deu poder para fazerem por si mesmos. Todos os que se habilitam a ser úteis devem ser adestrados pela mais severa disciplina mental e moral; e Deus os ajudará, unindo o poder divino ao esforço humano.

"Encerrado nas fortificações das montanhas, Moisés estava a sós com Deus. Os templos magnificentes do Egipto não mais lhe impressionavam o espírito, com sua superstição e falsidade. Na grandiosidade solene nas colinas eternas via ele a majestade do altíssimo, e em contraste

compreendia quão importantes e insignificantes eram os deuses do Egíto. Por toda a parte estava escrito o nome do Criador. Moisés parecia achar-se em Sua presença, e à sombra do Seu poder. Ali o seu orgulho e presunção foram varridos. Na simplicidade severa da sua vida no deserto, os resultados do ócio e luxo do Egíto desapareceram. Moisés tornou-se paciente, reverente e humilde, ‘muito manso, mais do que todos os homens que havia na terra’ (Números 12:3) e, contudo, forte na fé que ele tinha no poderoso Deus de Jacó.” *Patriarcas e Profetas*, 253, 254.

Para aqueles que receberiam todo o benefício da expiação do pecado, estes parágrafos contêm orientação válida. Deus tem provido toda a facilidade para o desenvolvimento da poderosa fé, mas ele não fará a parte do contrato correspondente ao homem. Sob a instrução do Espírito Santo, cada pessoa deve compreender a fraqueza e obstáculos que a confrontam. Cada um deve reconhecer os efeitos que o seu comportamento tem em si, e fortemente determinar considerar somente aqueles elementos que constituirão a sua fé. Haverão muitas influências a volta de ele que tem um efeito negativo, mas também haverá aquelas que são construtivas. Algumas vezes os crentes encontrar-se-ão confinados a más circunstâncias das quais nenhum escape é imediatamente útil. Um excelente exemplo é o cativo de José o Egíto.

“Chegando ao Egíto, José foi vendido a Putifar, capitão da guarda do rei, a cujo serviço ficou durante dez anos. Ali foi exposto a tentações nada triviais. Estava em meio da idolatria. O culto aos deuses falsos era rodeado de toda a pompa da realeza apoiado pela riqueza e cultura da nação mais altamente civilizada então existente. José, todavia, preservou sua simplicidade e fidelidade para com Deus. As cenas e ruídos do vício estavam ao redor dele; porém, era ele como quem não via e não ouvia. Aos seus pensamentos não permitiam ocupar-se com assuntos vedados. O desejo de alcançar o favor dos egípcios não poderia fazer esconder os seus princípios. Se tivesse tentado fazer isto, teria sido vencido pela tentação; mas não se envergonhava da religião de seus pais, e não fazia esforços para esconder os factos de ser adorador de Jeová. *Idem*, 216.

Assim José demonstrou que limitação a más circunstâncias, não condena uma pessoa a uma vida má. Não importa onde uma pessoa possa ser colocada, a voz de Deus na Sua Palavra pode ser ouvida. É deixado com o crente dirigir a sua atenção para essa voz enquanto fecha os olhos e ouvidos as sedutoras visitas e sons do diabo.

Ninguém pode experimentar o poder purificador da expiação da fé viva, e ninguém pode possuir este dom excepto se trabalhar diligentemente para o desenvolver.

Portanto, cada filho de Deus deve trabalhar diligentemente para aumentar a fé em prejuízo da auto-suficiência. Ele precisa, “através da graça de Deus e” seu “próprio esforço diligente” (Conflito dos Seculos, 424) para fazer da vida um grande alvo, atingir uma extraordinária experiência cristã, assim como as pessoas mundanas centram as energias da vida em atingir grandeza na sua esfera de actividades. Uma pessoa decide ser um grande violinista, outro, um atleta, outro, um artista, outro, um educador bem-sucedido, etc. a fim de atingir este estado eles tem que eliminar todos os factores que de qualquer maneira dispersam que os seus recursos enquanto concentram todo o seu tempo e poderes no seu objectivo.

Enquanto os motivos cristãos são diferentes, porque não procuram glória ou fama pessoal, os procedimentos pelos quais cultivam os dons divinos doados são largamente os mesmos. Este facto não é compreendido como deveria de ser e poucos atingem as apreciadas alturas da excelência cristã. Isto é uma grande pena porque por esse meio Deus e o mundo são privados de maravilhosas testemunhas da verdade de que está muito necessitado.

Paulo compreendeu estes princípios muito claramente e procurou impressionar as mentes do crentes de Coríntios ao dirigir a atenção deles para as corridas de atletismo realizadas nos seus dias.

“Referindo-se a essas corridas como uma figura de milícia cristã, Paulo deu ênfase à preparação necessária para o sucesso dos contendores na maratona – a disciplina preliminar, o regime de abstenção alimentar, a necessidade de temperança. ‘E todo aquele que luta’, declarou Paulo, ‘de tudo se abstém’. Os corredores punham de lado toda a condescendência que tendesse a diminuir-lhes as faculdades físicas, e mediante severa e contínua disciplina treinavam os músculos para se tornarem

fortes e resistentes, para que ao chegar o dia da competição pudessem exigir de suas forças o máximo de rendimento.

Quão mais importante é que o cristão cujos eternos interesses estão em jogo, coloquem os apetites e as paixões em sujeição à razão e à vontade de Deus! Jamais deve ele permitir seja a sua atenção desviada por entretenimentos, luxos ou comodidades. Todos os seus hábitos e paixões devem ser postos sob mais estrita disciplina. A razão, iluminada pelos ensaios da palavra de Deus e guiada pelo Seu Espírito, tem de tomar as rédeas do controle.

“E havendo feito isso, precisa o cristão esforçar-se ao máximo para alcançar a vitória. Nos jogos coríntios, as derradeiras passadas eram dadas sob agonizante esforço para conservar a velocidade. Assim o cristão, ao aproximar-se do alvo, prosseguirá ainda com maior zelo e determinação que no início da carreira.” Actos dos Apóstolos 311. O candidato mundano ganhou uma coroa, que apesar de verdadeira, é apenas transitória. Ele foca todos os seus válidos recursos no desenvolvimento da semente de Adão que já está perdida para a lei transgredida. Por fazer assim ele é capaz de alcançar um alto nível de excelência mas nunca a vida eterna. A diferença com o cristão é que, enquanto ele usa os mesmos recursos, muitos dos mesmos procedimentos, e vários graus de diligência, gasta o seu tempo e energias num investimento eterno em vez de num investimento a curto prazo. Isto também é o que faz a diferença entre o verdadeiro cristão e o legalista, ambos devotamente se concentram em desenvolver excelência de carácter, mas enquanto o primeiro tem a vida de Cristo, o ultimo tem apenas a semente de Adão condenada, na qual trabalhar.

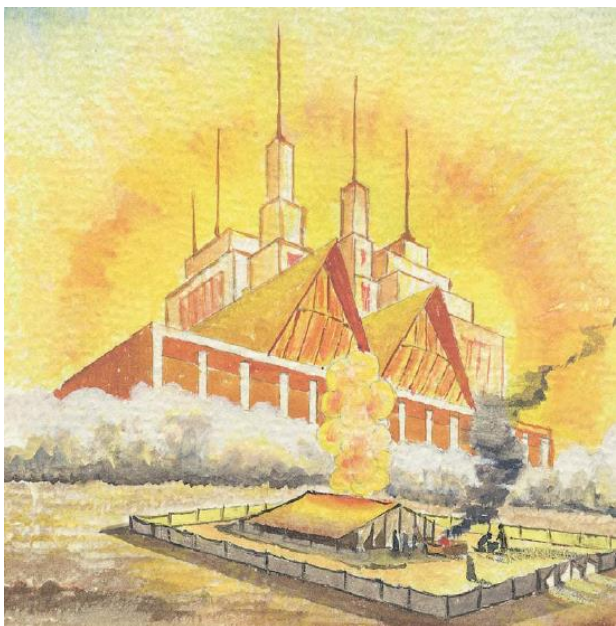
Neste capítulo, considerável ênfase tem sido colocado na moldada influência do ambiente em que uma pessoa está colocada e a necessidade da pessoa inteligente e resultante fazer por si mesma o que Deus não faz por ela – dirigir a sua mente dos elementos corruptos para os elementos edificadores que o cercam. Aqueles que fazem isto verificarão que auto-suficiência é substituída pela humildade e profunda confiança em Deus.

Um destes poderosos elementos são as Escrituras em si mesmas. Elas são constantemente válidas a todo o filho de Deus, não importa onde ele possa estar. Diariamente ele precisa de se alimentar bem nas sagradas promessas de Deus para alimentar e fortalecer o dom da fé dentro dele. Assim como o mineiro procura profundamente na terra em busca do precioso minério, assim o cristão deve buscar as certezas divinas. Tendo encontrado uma, precisa lê-la e relê-la num espírito de oração e meditador até que a beleza e o poder da sua mensagem caia sobre a sua alma e se descubra a si mesmo crendo-a exactamente como ela se lê. Deste modo, conceitos cada vez mais largos acerca do infinito poder e ilimitado amor de Deus serão abertos perante ele, vitalizando a sua fé e ligando-a numa íntima e maravilhosa relação com o Senhor.

Assim, em vez de ser despedaçado quando a tentação lhe revela pecados escondidos, desconhecidos, repousa no salvador conhecimento que na expiação por esta espécie de pecado, Deus tem provido uma completa solução para o problema. Ele não chorará inutilmente por causa do pecado, mas com passos ansiosos apressará o seu caminho para o santuário, para receber a total remissão destes pecados a ser levado a uma perfeita reconciliação com a família celestial.

Onde quer que Deus consiga revelar a uma pessoa que o mal continua no seu coração, é importante que essa alma seja abençoada com a fé que enfrentará a necessidade. Se ela tiver um tal ponto de vista acerca do poder e amor de Deus que positivamente saiba que Deus pode e curá-la-á, então a consciência do pecado será uma grande bênção. Mas se não tem esta fé quando a revelação vem, conhecerá apenas desencorajamento e derrota.

Uma vez que o pecado desconhecido não mais está escondido dele, e tem verdadeira fé na obra expiadora de Cristo, está pronto para prosseguir com a fase seguinte da expiação – a sua chegada à porta do santuário para confissão aceitável e remissão dos pecados. Esta fase será o objectivo do nosso próximo capítulo.



A Mensagem para o nosso Tempo
(Publicado na revista “The Messenger and News Review”, Junho 1981)

Capítulo 14

A Expição Pelos Pecados de Ignorância – III

Há três coisas fundamentais necessárias para tomar a expiação uma experiencia eficaz no arrependimento.

Elas são:

- Um conhecimento do pecado.
- Uma fé viva no poder de Deus para purificar e restaurar.
- Um conhecimento exacto dos procedimentos a seguir para assegurar a bênção.

Destas, as duas primeiras já foram incluídas. É altura de estudarmos e terceira.

No serviço típico, uma vez que o pecador arrependido tivesse escolhido a vítima sacrificial, trazia-a à porta do tabernáculo. Se fosse um príncipe, era requerido trazer “...um bode tirado de entre as cabras, macho sem mancha.” Levítico 4:23. Um de entre o povo comum, trazia uma cabra ou uma cordeira, mas tinha que ser fêmea. Vers. 28, 32.

A um sacerdote era ordenado prover uma oferta de valor muito maior, “...um novilho sem mancha, ao Senhor, por expiação do pecado.” Vers. 3. O mesmo era exigido de toda a congregação se tivessem necessidade de ir colectivamente para expiar. Vers. 14.

Depois de chegar à porta do tabernáculo dentro dos limites do pátio, o pecador arrependido colocava as suas mãos sobre a cabeça da vítima na presença do sacerdote, depois do que tirava a vida do animal cortando-lhe a garganta.

“E trará o novilho à porta da tenda da congregação, perante o Senhor e porá a sua mão sobre a cabeça do novilho, e degolará o novilho perante o Senhor.” Vers. 4. (ver também os vers. 15, 24 e 29)

O sangue derramado era apanhado pelo sacerdote designado que o levava para o lugar santo onde o espargia sete vezes perante o véu que separava o lugar santo do lugar santíssimo, e aplicava algum sobre as portas do altar do incenso aromático. Ele então regressava ao pátio onde derramava o excedente à base do altar do sacrifício.

“Então o sacerdote ungido tomará do sangue do novilho, e o trará à tenda da congregação; perante o Senhor, diante do véu do santuário.

“Também porá o sacerdote daquele sangue sobre as pontas do altar do incenso aromático, perante o Senhor, que está na tenda da congregação: e todo o resto do sangue do novilho, derramará à base do altar do holocausto, que está a porta da tenda da congregação.” Vers. 5-7 (ver também vers. 16-18)

Nos casos do príncipe e do povo comum, o sangue não era levado ao lugar santo mas derramado na base do altar do holocausto. Em vez de levar o sangue para o interior do primeiro véu, o sacerdote tinha que comer a carne do animal. A estrita lei era: se o sangue fosse levado para dentro, a carne não era comida, mas se o sangue não era levado para o interior, então a carne devia ser comida. Esta lei está relatada em *Levítico* 6: 24-30.

“E falou mais o Senhor a Moisés dizendo:

“Fala a Arão e a seus filhos, dizendo: Esta é a lei da expiação do pecado: no lugar onde se degola o holocausto se degolará a expiação do pecado perante o Senhor; coisa santíssima é.

“O sacerdote que a oferecer pelo pecado a comerá; no lugar santo se comerá, no pátio da tenda da congregação.

“Tudo o que tocar a sua carne será santo; se espargir alguém do seu sangue sobre o seu vestido, lavarás aquilo, sobre que caiu, no lugar santo.

“E o vaso de barro em que for cozida será quebrado; porém, se for cozida num vaso de cobre, esfregar-se-á e lavar-se-á na água.

“Todo o varão entre os sacerdotes a comerá; coisa santíssima é.

“Porém nenhuma expiação de pecado, cujo sangue se traz à tenda da congregação, para expiar no santuário, se comerá; no fogo será queimada.

A diferença verificada na cerimónia não alterava o simbolismo. Quer o sangue fosse levado para dentro sem a carne ser comida, ou o sangue não fosse levado para dentro enquanto que a carne era comida, os serviços continuavam a ensinar que o pecado era transferido para o santuário.

“Em alguns casos o sangue não era levado para o lugar santo; mas a carne deveria então ser comida pelo sacerdote, conforme Moisés determinou aos filhos de Arão, dizendo: ‘O Senhor a deu a voz para que levásseis a iniquidade da congregação.’ *Levítico* 10:17. Ambas as cerimónias simbolizavam, de igual modo, a transferência do pecado do penitente para o santuário.” *O Conflito dos Séculos*, 417.

O procedimento final no serviço dispunha do restante do sacrifício.

“E toda a gordura do novilho da expiação tirará dele; a gordura que cobre a fressura, e toda a gordura que está sobre a fressura.

“E os dois rins, e a gordura que está sobre eles, que está sobre as tripas, e o redenho de sobre o fígado, com os rins, tirará.

“Como se tira do boi do sacrificio pacífico; e o sacerdote a queimará sobre o altar do holocausto.

“Mas o couro do novilho, e toda a sua carne, com a sua cabeça, e as suas pernas, e as suas entranhas, e o seu esterco.

“Todo aquele novilho levará fora do arraial a um lugar limpo, onde se lança a cinza, e o queimará com fogo sobre a lenha; onde se lança a cinza se queimará.” *Levítico* 4:8-12. (ver também os vers. 19-21,26, 31, 35)

Por estes procedimentos típicos, o Senhor determinou que os Seus filhos aprendessem o caminho para obter as bênçãos completas da expiação pelos pecados de ignorância. Há profundas verdades contidas nestas lições do passado. Familiaridades apenas com os procedimentos a serem seguidos a ninguém farão qualquer bem. Tem de haver um correcto e profundo entendimento acerca do que

cada acto significa de modo que a alma arrependida possa transformar cada passo numa espiritual experiencia pessoal, rica e recompensadora. Sem isto, o serviço do santuário é um estudo sem proveito.

Vital para essa compreensão é um verdadeiro conceito acerca do que é o pecado, porque “remissão, ou acto de lançar fora o pecado, é a obra a efectuar-se.” *O Conflito dos Séculos*, 416.

A expiação lança fora o pecado, não apenas a acção, culpa, o seu relato são também lançados fora. Assim o problema é resolvido pelo tratamento da sua causa. Por outro lado, se o arrependimento se concentra primeiramente na eliminação das acções e culpa, sem ser purificado da verdadeira pecaminosidade, absolutamente nada receberia. Para evitar este desperdiçado e fútil esforço mal dirigido, os pecadores não devem descansar até compreenderem a definição bíblica de pecado. Ninguém pode compreender o Evangelho ou receber o seu ministério salvador sem este conhecimento.

Para muitos cristãos mais ambiciosos, o pecado é a prática de uma acção errada, que, uma vez cometida, carrega o transgressor com um peso da culpa. Isto é visto como um elemento que separa a alma de Deus e levanta uma barreira à sua entrada no céu. Quando interrogados sobre uma definição de pecado apontarão imediatamente *1 João* 3:4. “Aquele que comete pecado também transgride a lei; porque o pecado é a transgressão da lei.” (K.J.)

Há verdade em tudo isto, mas num nível tão superficial que negará à pessoa arrependida uma verdadeira libertação do poder do pecado. A definição tem que ser alargada ao ponto onde é visto que o pecado é mais do que aquilo que fazemos. É o que somos. E um grandioso poder que reside dentro do ser e controla-o contra a vontade da pessoa. E a raiz da qual brota os maus frutos das obras da injustiça.

A expiação não foi determinada meramente para aliviar o pecado da sua culpa, porque isto não satisfaria as necessidades do transgressor. Deixá-lo-ia numa miserável condição de pecar e confessar. “A própria essência do Evangelho é a restauração...” *O Desejado de Todas as Nações*, 788. Deus não estará satisfeito com menos do que uma obra de tal perfeição como a que é necessária para remover a fonte do problema e restaurar a Sua imagem no homem.

Por causa da salvação do pecador depender da sua possessão de uma correcta definição do que é o pecado, as Escrituras revelam, identificam, e descrevem esta poderosa força com explicações, lições objectivas (parábolas), e símbolos de uma extensão que ninguém tem qualquer desculpa para não o compreender. Um exame destas evidências não será aqui repetido como foi adequadamente apresentado noutras publicações como “Renascimento e Reforma”, “Da Escravidão Para a Liberdade”, “Confissão Aceitável”, “Os Vivos e os Mortos”, e “O Destino de Um Movimento”, todos à disposição na Destiny Press.

O que precisa ser repetido é que o pecado é tanto uma parte integral do pecador que, à parte da salvadora graça de Deus, é inseparável dele e o governo pela força na sua vida. Ele é um escravo do pecado quer aceite isso ou não. Onde quer que vá, isso vai com ele. Isolar a tentação não cura o problema, embora possa parecer quando o pecado é deixado adormecido por algum tempo. Eventualmente contudo, ele reaparecerá, reafirmar-se-á a si mesmo de cada vez que as necessárias pressões voltem a ser aplicadas.

Aqueles que fogem para o santuário, sabendo estas coisas acerca do pecado, sabem que quando chegam, a pecaminosidade chega com eles. Ficam contentes por saber isto, porque estão assim seguros que o mal foi trazido ao lugar onde deve ser deixado. Não há meio pelo qual o pecado possa escapar da confrontação com a expiação que o removerá da sua vítima, se o determinado filho de Deus aceita no seu caminho a presença do salvador.

Outros, que não descobriram o que é o pecado, vão ao santuário para receber apenas o perdão. Os seus pecados também vão com eles, mas também voltam com eles. Por não saberem qual é o seu verdadeiro problema, não são capazes de fazer uma confissão aceitável e o Senhor não pode salvá-los dos seus pecados. Voltam da expiação como foram – pecadores sem salvação.

No serviço típico, quando o penitente chegava ao lugar onde a expiação devia ser feita, isto é, à porta do tabernáculo, colocava as suas mãos sobre a cabeça da vítima e fazia uma explícita confissão dos seus pecados. Receber ou não os benefícios da expiação dependia da natureza da sua confissão. Era a intenção de Deus que ele recebesse muito mais do que perdão pelos pecados cometidos. Não só devia ser o seu mal afastado; os atributos de Cristo deviam também ser implantados nele. Deus estava completamente preparado para fazer isto pelo pecador desde que ele fosse iluminado, cheio de fé, e suficientemente consciente para fazer uma confissão que tornasse isso possível.

Cada alma devia compreender porque só aquelas confissões que satisfazem certos requisitos trarão os resultados desejados. Há confissão e há confissão aceitável. Por isso muitos pensam que se fizerem uma confissão de qualquer tipo, têm garantia do perdão, mas não é assim tão simples como isso. Primeiramente devem ser satisfeitas certas especificações. Contudo, isto não quer dizer que confissão aceitável é um assunto complicado, não é, porque mesmo uma pequena criança pode compreendê-la e experimentá-la.

Quando o pecador está perante o seu Salvador, o Senhor deseja remover o fardo do pecado e culpa, e enche o penitente com os Seus próprios atributos justos. Ele não pode fazer isto sem a cooperação do suplicante, porque os pecados pertencem ao pecador e Cristo seria um ladrão se os tirasse sem o conhecimento e consentimento da pessoa. Cristo não é ladrão portanto o transgressor tem que realmente dar-lhe o problema antes que Ele possa recebê-lo e colocá-lo seguro no santuário.

Considerai o que isto significa nos casos daqueles que não compreendem a verdadeira natureza do pecado e vão a Cristo procurando nada mais do que perdão e o poder para suprimir as suas tendências pecaminosas. Confessam apenas o que fizeram, e pedem perdão por estas más acções. Nem sequer fazem menção ao verdadeiro problema – a vida pecaminosa dentro deles que é a raiz que produz o mal. Se não fosse confessado, então com certeza não foi entregue ao Salvador, por conseguinte negando-lhe qualquer oportunidade para resolver o problema. Ele não pode tratar de qualquer coisa que não tenha sido entregue a Ele. Portanto, estas pessoas levantam-se dos seus joelhos ainda sob o controlo da força do pecado no interior, e serão compelidos a pecar de cada vez que a tentação se reafirma a si mesma.

Humilhados, tristes, arrependidos e confundidos pelo reaparecimento do mesmo pecado, repetem a sua confissão inadequada, que, deixando-os tão destituídos da liberdade como antes, é seguido pela repetição das mesmas transgressões. Assim, este tipo de confissão deixa uma pessoa no interminável círculo de pecar e confessar, pecar e confessar. É uma vida miserável e desencorajante que Deus nunca teve intenção que os Seus seguidores sofressem. Isto certamente não é uma verdadeira experiência cristã. Esta derrota sem fim não será quebrada até que o suplicante aprenda os simples procedimentos, que fazem a confissão aceitável.

Um resultado muito diferente é experimentado por aqueles que compreendem o que o pecado é, e qual o propósito a realizar pela expiação. Eles ajoelham em contrição confessando não só o que fizeram, mas também o que são. Sabem que o mal reside no interior e que são controlados por ele, e enquanto esse poder estiver presente e a comandar, não têm esperança de viver uma vida justa. Havendo confessado a presença do mal e a culpa que o acompanha, dão-no a Cristo que alegremente toma o que tem esperado para receber. Através dos méritos do Seu infinito sacrifício transfere-o para o santuário onde permanece até o juízo investigativo estar completo.

Onde o pecado estava, está agora um espaço vazio, um vácuo. Mas não deve ser deixado assim. Jesus referiu-se ao caso do homem do qual o diabo foi erradicado mas que negligenciou que a justiça de Cristo tomasse o lugar. O espírito mau voltou e, quando encontrou a casa desocupada, levou sete demónios piores do que ele para tomarem de novo posse do coração do homem. Escusado será dizer, que o estado da pessoa ficou muito pior do que jamais tinha sido.

“E quando o espírito imundo tem saído do homem, anda por lugares áridos, buscando repouso, e não o encontra.

“Então diz: Voltarei para a minha casa de onde saí. E, voltando, acha-a desocupada, varrida e adornada.

“Então vai e leva consigo outros sete espíritos piores do que ele, e, entrando, habitam ali; e são os últimos actos desse homem piores do que os primeiros. Assim acontecerá também a esta geração má.” Mateus 12:43-45.

“Muitos havia nos dias de Cristo, e os há actualmente, sobre quem o domínio de Satanás por algum tempo parecia ter cessado; mediante a graça de Deus, foram libertados dos maus espíritos que exerciam domínio sobre a alma. Regozijaram-se no amor de Deus; mas, como os ouvintes de terreno pedregoso da parábola, não permaneceram em Seu amor. Não se entregaram diariamente a Deus, para que Cristo habitasse no coração; e quando o mau espírito voltou, ‘com outros sete espíritos piores do que ele,’ foram inteiramente dominados pelo poder do mal.

“Quando a alma se rende inteiramente a Cristo, novo poder toma posse do coração. Opera-se uma mudança que o homem não pode absolutamente operar por si mesmo. É uma obra sobrenatural introduzindo um sobrenatural elemento na natureza humana. A alma que se rende a Cristo torna-se Sua fortaleza, mantida por Ele num revoltoso mundo, e é Seu desígnio que nenhuma autoridade seja aí conhecida senão a Sua. Uma alma assim guardada pelos seres celestes é inexpugnável aos assaltos de Satanás. Mas a menos que nos entreguemos ao domínio de Cristo, seremos governados pelo maligno. Temos inevitavelmente de estar sob o domínio de um ou de outro dos grandes poderes em conflito pela supremacia do mundo. Não é necessário que escolhamos deliberadamente o serviço do reino das trevas para cair-lhe sob o poder. Basta-nos negligenciar fazer aliança com o reino da luz. Se não cooperamos com os instrumentos celestes, Satanás tomará posse do coração e torná-lo-á morada sua. A única defesa contra o mal é Cristo habitar no coração mediante a fé em Sua justiça. A menos que nos unamos vitalmente a Deus, nunca resistir aos não santificados efeitos do amor-próprio, da condescendência com nós mesmos e da tentação de pecar. Podemos deixar muitos hábitos maus, podemos por tempos separar-nos de satanás; mas sem uma vital ligação com Deus pela entrega de nós mesmos a Ele, momento a momento, seremos vencidos. Sem conhecimento pessoal com Cristo e constante comunhão, achamo-nos à mercê do inimigo, e havemos afinal de fazer-lhe a vontade.

“’E o último estado desse homem é pior do que o primeiro. ‘Assim, disse Jesus, ‘acontecerá também a esta geração má.’ Ninguém há tão endurecido, como desdenharam o convite da misericórdia, e menosprezaram o Espírito da graça. A mais comum manifestação do pecado contra o Espírito Santo, é o desprezar persistentemente o convite do céu para se arrepender. Todo o passo na rejeição de Cristo é um passo no sentido de rejeitar a salvação, e para o pecado contra o Espírito Santo.” DTN. 307, 308.

Estas palavras constituem uma solene advertência que se, depois de ser purificada do pecado, uma pessoa falha em receber e activamente manter a vida de Cristo no interior, ficará muito pior do que se nunca tivesse recebido a expiação. É vital portanto, que, desde que o vácuo tenha sido preenchido, o crente devote tempo e energia a nutrir a divina vida de Cristo no interior.

“A religião de Cristo significa mais que o perdão dos pecados; significa remover nossos pecados e encher o vácuo com as graças do Espírito Santo. Significa iluminação divina e regozijo em Deus. Significa um coração despojado do próprio eu e abençoado pela presença de Cristo. Quando Cristo reina na alma há pureza e libertação do pecado. A glória, a plenitude, a perfeição do plano do Evangelho são cumpridas na vida. A aceitação do salvador traz paz perfeita, perfeito amor, segurança perfeita. A beleza e fragrância do carácter de Cristo manifestadas na vida, testificam de que em verdade Deus enviou Seu filho ao mundo para o salvar.” *Parábolas de Jesus*, 419, 420.

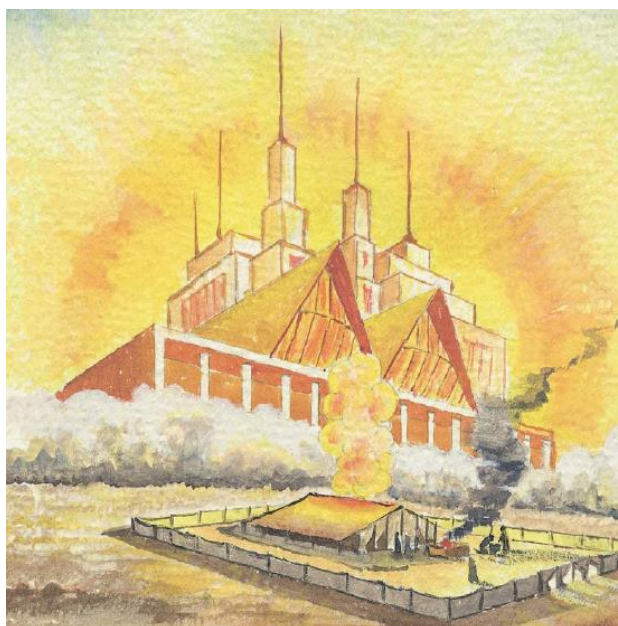
Aquele que vem com uma tal confissão que criará este vácuo e enche a alma com as graças do Espírito Santo torna-se certamente uma pessoa muito diferente daquela que veio com o seu pecado e sua culpa. Ele sabe que o sangue de Cristo transferiu o pecado para o santuário como está escrito: “O sangue, representando a vida que o pecado perdera, pecador cuja culpa a vítima arrostava, era levado pelo sacerdote ao lugar santo e espargido diante do véu, atrás do qual estava a arca contendo a lei que o pecador transgredira. Por esta cerimónia, o pecado transferia-se, mediante o sangue, em figura, para o santuário.... E o que se fazia tipicamente no ministério do santuário terrestre, é feito na realidade no ministério do santuário celestial.” *O Conflito dos Séculos*, 417,419.

Como podia o sangue do cordeiro que representava Cristo, simbolizar a vida que o pecador perdera? Quando o pecador confessava o seu pecado sobre a cabeça da vítima, o pecado era transferido em figura para o sacrifício. Assim quando o pecador confessa a Cristo, a sua vida pecaminosa é transferida para o Salvador que transporta esses pecados para o santuário como se eles fossem propriamente Seus.

Observai cuidadosamente que é a vida do pecador que era levada para dentro, não apenas a culpa. Com certeza, a última é também transferida para o lugar santo no céu, porque para onde quer que o pecado vá, a culpa também está presente. De facto, é impossível separá-los. A única forma para ser liberto da culpa é ser liberto do pecado.

Bem-aventurados na verdade são aqueles que recebem e expiação pelos pecados de ignorância. Onde uma vez o mal encoberto habitou, agora reina a justiça. Quando as tentações vêm, elas não encontram a mesma resposta que antes tiveram. O que antes o crente amou, agora odeia, não apenas mentalmente mas também espiritualmente. A antiga cadeia de pecar e confessar é quebrada e ele pode mover-se em direcção a campos mais elevados com o seu maravilhoso Salvador. Os seus pecados, juntamente com a culpa e o relato deles, são seguramente guardados no santuário onde permanecerão até a questão da sua disposição final estar decidida no júízo investigativo.

Aqueles que experimentam os benefícios da expiação pelos pecados da ignorância, serão cheios com louvor e maravilha pela suficiência das provisões de Deus para o Seu povo sem mérito. Ao mesmo tempo, reconhecerão que a obra não está ainda completa. Outras expiações são necessárias antes de estarem prontos para caminharem nas ruas de ouro e ver Deus face a face.



A Mensagem para o nosso Tempo
(Publicado na revista “The Messenger and News Review”, Julho 1981)

Capítulo 15

A Expição pela Culpa – I

A oferta pela culpa era uma oferta pelo pecado, mas há algumas diferenças entre esta expiação e a preparada pelos pecados de ignorância. A informação a respeito disto está contida em *Levítico* 5:1-19; 6:1-7; e Núm. 5.5-31. A lei da oferta pela culpa encontra-se e, *Levítico* 7:1-7.

“E esta é a lei da expiação da culpa: coisa santíssima é.

No lugar onde degolam o holocausto, degolarão a expiação da culpa e o seu sangue se espargirá sobre o altar em redor.

E dela se oferecerá toda a sua gordura; a cauda, e a gordura que cobre a fressura.

Também ambos os rins, e a gordura que neles há, que está sobre as tripas, e o redenho sobre o fígado, com os rins se tirará;

E o sacerdote o queimará sobre o altar em oferta queimada ao Senhor; expiação de culpa é.

Todo o varão entre os sacerdotes a comerá; no lugar santo se comerá; coisa santíssima é.

Como a expiação do pecado, assim será a expiação da culpa: uma mesma lei haverá para elas; será do sacerdote que houver feito propiciação com ela.”

O sangue da expiação pela culpa não era levado para dentro do santuário. Era espargido sobre o altar ao redor e a carne comida pelos sacerdotes. Isto estava de acordo com a regra geral que quando o sangue não era levado para dentro, a carne devia ser comida. Quando os ministros entravam no santuário, transportavam a carne do sacrifício dentro de si próprios assim significando que Cristo transportava os nossos pecados sobre Ele mesmo.

Outra diferença era que enquanto eram exigidas ofertas específicas pelos pecados de ignorância para cada grupo – um novilho para o sacerdote e para a congregação, um cabrito dentre os bodes para um príncipe, e uma cabrinha dentre os bodes ou uma cordeira pelo povo comum – no caso da expiação pela culpa, a oferta exigida era uma cabrinha ou uma cordeira, mas se a pessoa não pudesse suportar o custo, podia trazer duas rolas ou dois pombinhos. Se ele fosse tão pobre que não pudesse

trazer estes, então podia trazer uma oferta de farinha sobre a qual não devia colocar azeite nem incenso porque era uma oferta pelo pecado e não uma oferta de manjares.

“E a sua expiação trará ao Senhor, pelo seu pecado que pecou; uma fêmea de gado miúdo, uma cordeira, ou uma cabrinha pelo pecado; assim o sacerdote por ela fará expiação do seu pecado.

“Mas, se a sua mão alcança o que basta para gado miúdo, então trará, em expiação da culpa que cometeu, ao Senhor duas rolas ou dois pombinhos; um para expiação do pecado, e o outro para holocausto;

E os trará ao sacerdote, o qual primeiro oferecerá aquele que é para expiação do pecado, e com a sua unha lhe fenderá a cabeça junto ao pescoço, mas não o partirá;

E do sangue da expiação do pecado espargirá sobre a parede do altar, porém o que sobejar daquele sangue espremer-se-á à base do altar; expiação do pecado é.

E do outro fará holocausto conforme ao costume; assim o sacerdote por ela fará expiação do seu pecado que pecou, e lhe será perdoado.

Porem, se a sua mão não alcançar duas rolas, ou dois pombinhos, então aquele que pecou trará pela sua oferta a décima parte de uma efa de flor de farinha, para expiação do pecado; não deitará sobre ela azeite, nem lhe porá em cima o incenso, porquanto é expiação do pecado;

E a trará ao sacerdote, e o sacerdote dela tomará o seu punho cheio por seu memorial, e a queimará sobre o altar, em cima das ofertas queimadas do Senhor; expiação do pecado é.

Assim o sacerdote por ela fará expiação do seu pecado, que pecou em alguma destas coisas, e lhe será perdoado; e o resto será do sacerdote, como oferta de manjares.” Levítico 5:6-13.

Normalmente, uma refeição, ou mais correctamente, uma oferta de manjares era uma consagração de possessões materiais ao serviço de Deus, mas aqui é especificamente salientado como sendo uma oferta pelo pecado. Visto que “...sem derramamento de sangue não há remissão,” *Hebreus 9:22*, é muito excepcional que uma oferta de farinha sem sangue pudesse expiar ou remir o pecado.

É invulgar mas por muito boas razões. Nisto é trazido a claro o maravilhoso alcance da expiação e o seu poder para alcançar todas as classes, mesmo a mais pobre de todas. Foi a esta provisão que Paulo obviamente fez referência quando disse:

“E quase todas as coisas, segundo a lei, se purificam com sangue e sem derramamento de sangue não há remissão.” *Hebreus 9:22*.

Aqueles que no tipo eram classificados como sendo tão pobres que não podiam mesmo trazer um par de rolas, tipifica uma classe de povo que são os mais prejudicados espiritualmente. O seu conhecimento do evangelho é tão limitado que nunca ouviram acerca do sangue de Cristo e não podem consciente e inteligentemente invocar esse sangue para sua expiação. É difícil para aqueles que se têm levantado num ambiente onde a Bíblia se pode usar livremente e onde mesmo os descrentes conhecem alguma coisa sobre a história da cruz, apreciar a pobreza que rodeia os que nunca obtiveram conhecimento destas coisas. Presentemente essa destituição de conhecimento é muito mais limitada do que era durante a idade das trevas quando nações inteiras eram cortadas das trevas onde o evangelho estava sendo pregado. Contudo, apesar das vastas comunicações em torno do mundo hoje, há ainda alguns a quem, por causa da sua localização é negado o acesso à verdade da expiação. A comparação da sua empobrecida situação com as mais largas oportunidades e privilégios conhecidos àqueles que vivem nas áreas iluminadas, deviam encorajar-nos a colocar muito maior valor naquilo que temos.

Apesar do seu isolamento daqueles lugares onde a luz de Deus refulge brilhantemente, não necessitam perecer. Deus é capaz de testemunhar-lhes, e eles serão capazes de ler o testemunho do Seu poder e carácter no maravilhoso mundo da natureza. Paulo falou acerca deles em Romanos 2:11-16.

“Porque, para com Deus, não há acepção de pessoas.

Porque todos os que sem lei pecaram, sem lei também perecerão; e todos os que sob a lei pecaram, pela lei serão julgados.

Porque os que ouvem a lei não são justos diante de Deus, mas os que praticam a lei hão-de ser justificados.

Porque, quando os gentios, que não têm lei, fazem naturalmente as coisas que são da lei, não tendo eles lei, para si mesmos são lei;

Os quais mostram a obra da lei escrita em seus corações, testificando juntamente a sua consciência, e os seus pensamentos, quer acusando-os quer defendendo-os;

No dia em que Deus há de julgar os segredos dos homens, por Jesus Cristo, segundo o meu evangelho.”

Esta Escritura revela que estas pessoas muito certamente receberam a expiação mesmo apesar de serem tão pobres em conhecimento espiritual que nunca ouviram o nome de Jesus. A prova é oferecida nestas palavras: “fazem naturalmente as coisas que são da lei...os quais mostram a obra da lei escrita em seus corações.” A natureza má foi removida, a semente de Cristo tomou o seu lugar, e eles estão libertos da escravidão do pecado.

“Aqueles que Cristo louva no juízo, talvez tenham conhecido pouco de teologia, mas nutriram os Seus princípios, mediante a influência do Divino Espírito, foram uma bênção para os que cercavam. Mesmo entre os gentios existem pessoas que têm cultivado o espírito de bondade; antes de lhes haverem caído aos ouvidos as palavras de vida, acolheram com simpatia os missionários, servindo-os mesmo com perigo da própria vida. Há entre os gentios, almas que servem a Deus ignorantemente, a quem a luz nunca foi levada por instrumentos humanos; todavia não perecerão. Conquanto ignorantes da lei escrita de Deus, ouviram a Sua voz a falar-lhes por meio da natureza, e fizeram aquilo que a lei requeria. As suas obras testificam que o Espírito Santo lhes tocou o coração, e são reconhecidos como filhos de Deus.

“Quão surpreendidos e jubilosos ficarão os humildes dentre as nações, e dentre os pagãos, ao ouvir dos lábios do salvador: ‘Quando o fizestes a um destes Meus pequeninos irmãos, a Mim o fizestes’! Quão alegre ficará o coração do infinito amor quando os Seus seguidores erguerem para Ele o olhar, em surpresa e gozo ante as Suas palavras de aprovação!” DTN, 614.

“Onde quer que haja um impulso de amor e simpatia, onde quer que o coração se comova para abençoar e amparar os outros, é revelada a operação do santo espírito de Deus. Nas profundezas do paganismo os homens que não tiveram conhecimento da lei escrita de Deus, que nunca ouviram o nome de Cristo, têm sido bondosos com seus servos, protegendo-os com o risco da própria vida. Seus actos mostram a operação de um poder divino. O Espírito Santo implantou a graça de Cristo no coração do selvagem, despertando nele a simpatia contrária à sua natureza e à sua educação. A ‘luz verdadeira, que alumia a todo o homem que vem ao mundo, (João 1:9), está-lhe brilhando na alma; e esta luz, se atendida, lhe guiará os pés para o reino de Deus.” *Parábolas de Jesus*, 385, 386.

“E guiarei os cegos por um caminho que nunca conheceram, fá-lo-ei caminhar por veredas que não conheceram; tornarei as trevas em luz perante eles, e as coisas tortas farei direitas. Estas coisas lhes farei, e nunca os desampararei.” Isaías 42:16.

A única tomada de conhecimento que estas pessoas têm de Deus é através do maravilhoso mundo da natureza. Nela eles alcançaram uma visão do Seu grandioso poder e incomparável amor. A esta revelação, têm respondido em tal extensão que o Senhor tem podido purifica-los da semente de Satanás e implantar neles a semente de Cristo.

A mensagem, Cristo em vós, é a sua única esperança de glória exactamente como é com qualquer outro pecador. Deus não dá um caminho de salvação para aqueles que conhecem as Suas verdades, a outro para aqueles que não têm acesso à Palavra escrita. Todos têm que renascer. Todos têm que ter Cristo neles, a esperança da glória, portanto, a mesma obra é feita no ignorante como é feita numa pessoa iluminada.

A única diferença real é por causa daqueles que têm a Palavra escrita serem abençoados com luz muito maior, eles podem entrar na experiencia mais inteligente e confiadamente, e podem avançar mais além no objectivo cristão e alcance missionário. Há uma diferença óbvia entre as riquezas possuídas por aqueles que vivem onde o evangelho se tem tornado válido, e por aqueles onde é

desconhecido, contudo Deus no Seu maravilhoso amor tem tornado a salvação válida para ambas as classes do povo. Enquanto o mais pobre dos pobres não pode consciente ou inteligentemente suplicar o sangue de Cristo como propiciação para os seus pecados, contudo o Senhor aceita a sua oferta e dá-lhes a expiação mesmo como aqueles que podem.

Uma pessoa deve admirar a pureza da experiência cristã encontrada entre aqueles que não têm a Palavra escrita. Eles não são motivados pela esperança do eterno galardão porque não têm informação sobre isto. A ressurreição, portas de pérolas, ruas de ouro, a árvore da vida, ver Deus face a face, pertencer aos 144.000, viajar às galáxias distantes e vida eterna, não são conhecidos para eles. Portanto, vivem em justiça simplesmente porque é justo fazer assim, não por causa da esperança do galardão ou receio de juízos retributivos. Quando descem à sepultura, até onde conhecem é o fim para eles. Não têm na sua mente ilustrações de Cristo descendo em glória chamejante para os chamar dos seus leitos de pó revestidos de imortalidade.

Imaginar a surpresa e deleite que será seu, quando a voz do Arcanjo e a trombeta de Deus os despertar para a eterna manhã e gozo interminável, à medida que eles contemplam a face do seu salvador de quem nunca anteriormente ouviram, a sua felicidade não conhecerá limites. Que louvor brotará dos seus lábios quando, pela primeira vez, são ensinados sobre as maravilhas do ministério salvador de Cristo e o que Ele fez por eles.

Na Sua vida terrestre eram tão pobres que apenas podiam trazer uma oferta sem sangue, simbolizada no serviço do Velho Testamento por uma mão cheia de farinha, mas o Senhor aceitou isto, e aplicou o sangue em seu favor. Apenas da sua abjecta pobreza espiritual no que respeita a informação válida, não perecerão. Que repreensão será o seu testemunho para aqueles que foram iluminados e contudo desprezaram o dom celestial!

“A nossa posição perante Deus depende, não da quantidade de luz que temos recebido, mas do uso que fazemos da que possuímos. Assim, mesmo o pagão que prefere o dinheiro, na proporção em que lhe é possível distingui-lo, acha-se em condições mais favoráveis do que os têm grande luz e professam servir a Deus, mas desatendem a essa luz, e por sua vida diária contradizem a sua profissão de fé.” *O Desejado de Todas as Nações*, 219.

Nenhum homem, mulher ou criança que jamais viveu, tem qualquer desculpa para se perder. Deus tem feito provisão total para todos serem salvos, não importa qual a situação em que possam estar. Por um meio ou por outro, a Sua luz os tem alcançado.

Afortunados e abençoados são aqueles que têm a Palavra escrita e são pregadores vivos, contudo, a salvação não é um exclusivo deles. Cristo é a luz que tem brilhado em cada pessoa.

“Ali estava a luz verdadeira, que alumia a todo o homem que vem ao mundo.” *João* 1:9.

“Assim como por meio de Cristo todo ser humano tem vida, por meio d’Ele cada alma recebe algum raio de luz divina.” *Educação*, 29.

Quando uma pessoa considera as enormes desvantagens sob as quais algumas pessoas vivem, isto é difícil de acreditar, se bem que a fé na infalível Palavra de Deus nos assegura que isto é verdade. Pensai acerca de um filho nascido de pais ateístas que se dedicam a si mesmos desde os seus primeiros dias a impedir a entrada de qualquer influência espiritual, enquanto enche a sua mente receptiva com sentimentos anticristãos. É difícil compreender como a luz da verdade podia alguma vez penetrar orgulho.

Durante a segunda guerra mundial, por exemplo, Hitler sonhou a construção de uma raça mundial especial. Para alcançar isto, seleccionou os jovens mais saudáveis, homens e mulheres do país e levou-os a produzirem filhos. Quando os bebés nasceram foram tirados às suas mães e colocados em grandes maternidades onde eram cuidados por uma equipa de treino, cuja principal responsabilidade era exactamente inculcar a filosofia ariana nas mentes infantis para a exclusão de todo o princípio cristão. Esforço máximo foi feito para assegurar que nenhuma luz do céu pudesse alguma vez atingir qualquer deles.

Isto é apenas um exemplo. Muitos outros podiam ser citados, tal como o caso das crianças nascidas numa cultura islâmica, na do paganismo, comunismo, etc. Acreditar que Cristo pudesse

penetrar essas formidáveis defesas mesmo com um só raio de luz. Contudo Ele penetra. Se bem que não possamos explicar como, sabemos que é verdade porque o Senhor tem declarado que Cristo é a luz que tem iluminado todo o homem que veio ao mundo.

A prova disto é demonstrada quando, de tempos a tempos, uma pessoa surge de um ambiente hostil e sobressai como uma luz brilhante na noite, apesar das trevas que a cerca e da oposição do seu grupo. Esta revelação mostra que a luz tem brilhado nas trevas sobre ela e seus semelhantes, e que cada um deles podia semelhantemente ser salvo. A ignorância e superstição da qual ela emergiu, torna este caso mais belo, miraculoso e maravilhoso. Ela é viva prova convincente que Cristo é a luz que tem penetrado as trevas que encobrem cada pessoa que nasce.

Joseph Wolff, o poderoso pregador que proclamou a mensagem da hora do juízo no século XIX, é um bom exemplo disto. Nasceu em 1795 na Baviera de estritos pais judeus ortodoxos. O seu rígido e intensivo treino hebraico começou aos quatro anos de idade, e foi cuidadosamente ensinado a esperar, juntamente com os judeus em geral, o advento do Messias. Com profunda dedicação, os seus tutores inculcaram na sua mente a ideia que cristianismo era iníqua adoração idólatra e um insulto a Jeová. Os seus pais estavam obviamente ansiosos que ele nunca viesse a ser contaminado com a religião cristã. Barreiras eficazes estavam a ser levantadas para assegurar isto.

Mas quando Joseph ouviu os rabis instruídos discutindo o Messias, ele achou-se curioso acerca de Cristo. A luz estava brilhando na sua mente e estava receptivo, enquanto os da sua comunidade estavam mortos para isso. Quando ele tinha oito anos, entrou em contacto com um aldeão luterano, o senhor Spiess, que lhe deu favoráveis impressões sobre o cristianismo. Não foi muito tempo antes do jovem ser persuadido que Cristo era o Messias, e declarou o seu desejo de se tornar cristão. Contudo, ele não mencionou isto em casa por reear a oposição que isto originaria.

O inimigo redobrou os seus esforços neste ponto enfiando judeus deístas para encher de dúvidas a mente do moço. Eles trabalharam para acabar com a fé em Moisés e a validade do sistema sacrificial.

Aos dezassete anos, tornou-se um católico romano e passou o tempo nos seus colégios. Todavia, apesar de todas estas influências e situações adversas, a sua mente ansiosa agarrou-se a todo o raio de verdadeira luz que chegou a ele, até que apareceu como um poderoso instrumento nas mãos de Deus. Ele pregou a mensagem da hora do juízo na Europa, Ásia e América, e é considerado como um dos maiores evangelistas desse período.

Joseph Wolff não é um exemplo extremo. Outros têm sido colocados em condições muito mais difíceis. Pelo menos ele teve acesso aos sagrados escritos e a pregadores que tinham uma experiência pessoal no poder de Deus para salvar do pecado. No entanto, a sua fuga do orgulho judeu, deísmo, catolicismo romano e os outros elementos negativos, é um testemunho que a luz realmente brilhou nas trevas e pode ser recebida por todo o que não fechar os seus olhos a ela. É lamentável que tão poucos abram na verdade os seus corações para receber a verdade, todavia há provas suficientes para provar isso, se os outros fizessem do mesmo modo, também podiam caminhar na alegria da salvação. Apesar do avanço que Satanás tem havendo ganho à possessão da família humana, o Senhor é capaz de oferecer pessoalmente libertação a todos.

Que maravilhosa lição do amor do Pai é revelada através das ofertas pela culpa. A certeza ali contida que ninguém é tão pobre em conhecimento teológico, que a salvação está para além do seu alcance, ilumina a verdade que “Deus amou o mundo tal maneira que deu o Seu filho unigénito, para que todo aquele que n’Ele crê não pereça mas tenha a vida eterna.” *João 3:16*.

O rico que trouxe o seu cabrito, o mais pobre com as suas rolas, e o mais pobre de todos que veio só com uma mão cheia de farinha sem sangue, todos encontram a expiação válida para eles.

Com que infinita ternura o Autor da nossa salvação olha a raça humana! Ele nada deixa por fazer que possa ser feito para restaurar a Sua imagem perdida no homem e reintegrá-lo na Edénica perfeição.

“Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e tudo o que há em mim bendiga o Seus santo nome.

“Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e não te esqueças de nenhum de Seus benefícios.

“É Ele que perdoa todas as tuas iniquidades, e sara todas as tuas enfermidades;

“Quem redime a tua vida da perdição, e te coroa de benignidade e de misericórdia;

“Quem enche a tua boca de bens, de sorte que a tua mocidade se renova como a água.

“O Senhor faz justiça e juízo a todos os oprimidos.

“Faz notórios os Seus caminhos a Moisés, e aos Seus feitos aos filhos de Israel.

“Misericordioso e piedoso é o Senhor; longânimo e grande em benignidade.

“Não repreenderá perpetuamente, nem para sempre conservará a Sua ira.

“Não nos tragou segundo os nossos pecados, nem nos retribuiu segundo as nossas iniquidades.

“Pois quando o céu está elevado acima da terra, assim é grande a Sua misericórdia para com os que O temem.

“Quando está longe o oriente do ocidente, assim afasta de nós as nossas transgressões.

“Como um pai se compadece de seus filhos, assim o Senhor se compadece daqueles que O temem.

“Pois Ele conhece a nossa estrutura; lembra-se que somos pó.

“Porque os homens são Seus como a erva; como a flor do campo, assim floresce.

“Pois, passando por ela o vento, logo se vai, e o seu lugar não conhece mais.

“Mas a misericórdia do Senhor é de eternidade a eternidade sobre aqueles que O temem e a Sua justiça sobre os filhos dos filhos;

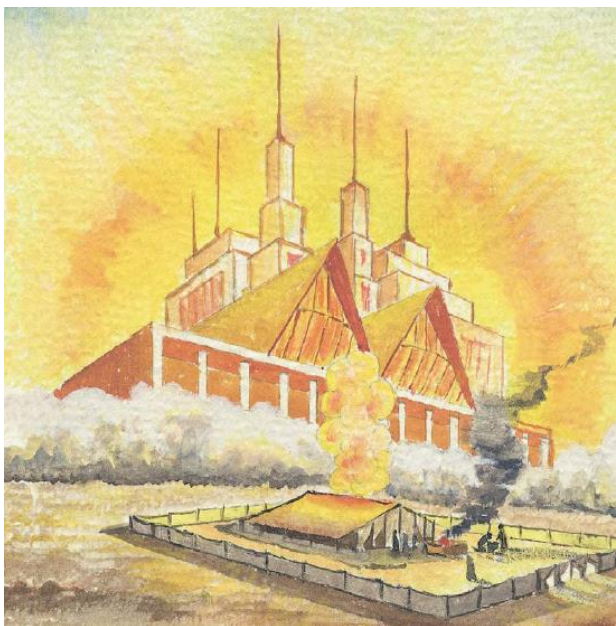
“Sobre aqueles que guardam o Seu concerto, e sobre os que se lembram dos Seus mandamentos para os cumprirem.

“O Senhor tem estabelecido o Seu trono nos céus, e o Seu reino domina sobre tudo.

“Bendizei ao Senhor, anjos Seus, magníficos em poder, que cumpris as Suas ordens, obedecendo à voz da Sua palavra.

“Bendizei ao Senhor, todos os exércitos, vós, ministros Seus, que executais o Seu beneplácito.

“Bendizei ao Senhor, todas as Suas obras, em todos os lugares do Seu domínio; bendize, ó minha alma, ao Senhor.” Salmo 103.



A Mensagem para o nosso Tempo
(Publicado na revista “The Messenger and News Review”, Agosto 1981)

Capítulo 16

A Expição Pela Culpa – II

A expiação pelos pecados de ignorância era para as transgressões da lei em geral desconhecidas. A expiação pelas culpas cobria erros de uma natureza mais específica, se bem que algumas vezes estes também fossem classificados como pecados de ignorância.

“E, se alguma pessoa pecar e obrar, contra algum de todos os mandamentos do Senhor, o que se não deve fazer, ainda que o não soubesse, contudo será ela culpada, e levará a sua iniquidade.

“E trará ao sacerdote um carneiro sem mancha, do rebanho, conforme à tua estimação, para expiação da culpa, e o sacerdote, por ela, fará expiação do seu erro em que errou sem saber, e lhe será perdoado.

“Expição de culpa é, certamente se fez culpado ao Senhor.” *Levítico 5:17-19.*

Se bem que geralmente falando, ofertas pela culpa se fizessem por pecados acariciados ou conhecidos, dirigidos tanto contra os semelhantes do homem, como contra o Senhor ou contra ambos. Estas transgressões eram cometidas sob a pressão da tentação, depois da qual vinha o sentido de culpa e condenação. À medida que o pecador sentia a sua necessidade de purificação e perdão, seguia as instruções para o recebimento da expiação.

Ele era obrigado a seleccionar a oferta designada, um carneiro, trazer uma quantia calculada de dinheiro em siclos de prata do templo, e apresentar-se a si mesmo à porta do tabernáculo onde era feita uma confissão aceitável. Ao mesmo tempo, era esperado que ele fizesse restituição à parte injuriada no valor do dano, mais vinte por cento. Por estes procedimentos era feita uma expiação por ele e voltava para a sua tenda, livre do pecado e da culpa.

“E falou o Senhor a Moisés, dizendo:

“Quando alguma pessoa cometer uma transgressão, e pecar por ignorância nas coisas sagradas do Senhor, então trará ao Senhor, por expiação, um carneiro sem mancha, do rebanho, conforme à tua estimação em siclos de prata, segundo o siclo do santuário, para expiação da culpa.

“Assim restituirá o que ele tirou das coisas sagradas, e ainda de mais acrescentará o seu quinto, e o dará ao sacerdote; assim o sacerdote, com o carneiro da expiação, fará expiação por ela, e ser-lhe-á perdoado o pecado.” *Levítico 5:14-16*.

“Falou mais o Senhor a Moisés, dizendo:

“Quando alguma pessoa pecar, e transgredir contra o Senhor, e negar ao seu próximo o que se lhe deu em guarda, ou o que depôs na sua mão, ou o roubo, ou o retém violentamente ao seu próximo,

“Ou que achou o perdido, e o negar com falso juramento, ou fizer alguma outra coisa de todas em que o homem costuma pecar;

“Será, pois, que, porquanto pecou e ficou culpado, restituirá o roubo que roubou, ou o retido que retém violentamente, ou o depósito que lhe foi dado em guarda, ou o perdido que achou,

“Ou tudo aquilo sobre que jurou falsamente; e o restituirá no seu cabedal, e ainda sobre isso acrescentará o quinto; àquele de quem é o dará, no dia da sua expiação.

“E a sua expiação trará ao Senhor; um carneiro sem mancha, do rebanho, conforme à tua estimação, para expiação da culpa, trará ao sacerdote:

“E o sacerdote fará expiação por ele diante do Senhor, e será perdoado de qualquer de todas as coisas que fez, sendo culpado nelas.” *Levítico 6:1-7*.

Por causa dos pecados envolvidos nesta categoria resultarem em perda directa para Deus ou para o homem, é introduzido o princípio da restituição.

Não só devia o ofensor restituir o que foi tirado ou escondido de Deus ou do homem seu semelhante, mas também lhe era requerido somar um quinto ao seu valor. Esta provisão sem dúvida compensava o prejuízo suportado pelo proprietário durante o período em que lhe foi negado o seu uso.

A restituição era sempre feita àquele que foi prejudicado. Se a pessoa prejudicada tivesse morrido antes disto ser efectuado, então a compensação devia ser paga ao resgatador mais próximo. Se não fosse encontrado resgatador, devia ser pago ao sacerdote como representante de Deus.

“Disse mais o Senhor a Moisés:

“Dize aos filhos de Israel: Quando homem ou mulher pecar contra o seu próximo, transgredindo os mandamentos do senhor, e tornando-se assim culpado,

“Confessará o pecado que tiver cometido e pela sua culpa fará plena restituição, e ainda lhe acrescentará a sua quinta parte; e a dará àquele contra quem se fez culpado.

“Mas se esse homem não tiver resgatador a quem se possa fazer restituição pela culpa, esta será feita ao Senhor, e será do sacerdote, além de carneiro da expiação com que se fizer expiação por ele.” Núm. 5:5-8. (Edição revista).

Este serviço ensina claramente que não é suficiente confessar apenas a falta cometida. Deve ser feita separação pelo mal. Há muitos que estão convictos destas linhas, mas estão perturbados acerca do que fazer quando a pessoa a quem eles devem a restituição, se mudou para um endereço desconhecido ou morreu. Estes conselhos plenamente revelam a resposta a este problema. O valor deve ser restituído ao resgatador mais próximo se ele puder ser encontrado. Se não, deve ser pago ao senhor através do Seus ministros escolhidos.

É uma ofensa muito grave roubar o nosso semelhante, mas é uma ofensa muito mais grave roubar a Deus. Nenhuma alma pode estar limpa nesta questão e receber as bênçãos da expiação a menos que uma confissão apropriada e a restituição tenham sido feitas. Era uma prática comum para a irmã White ensinar ao povo esta vital devolução ao Senhor do Seu dízimo. Os relatos mostram que naquelas reuniões onde ela ensinava estes princípios, almas ficavam profundamente convictas e apressavam-se a restituir o débito. É interessante ver quão rapidamente o Senhor as tornava capazes de devolver o que era devido desde que elas se comprometessem a fazer assim. Acerca destas experiencias está relatado que:

“Um decidido avanço em espiritualidade, piedade, caridade, e actividade, tem sido feito como um resultado das reuniões especiais na igreja de ---. Discursos eram pregados sobre o pecado de roubar Deus em dízimos e ofertas....

“Muitos confessaram que não tinham pago os dízimos durante anos; e sabemos que Deus não pode abençoar aqueles que O estão roubando, e que a igreja tem que sofrer em consequência dos pecados individuais dos membros. Há um largo número de nomes nos livros da igreja e se todos estivessem prontos a pagar um dízimo honesto ao Senhor, que é a Sua porção o tesouro não teria falta de meios...

“Quando o pecado de roubar Deus era apresentado, o povo recebia uma visão mais clara sobre o seu dever e privilégio neste assunto, Um irmão disse que durante dois anos não tinha pago os seus dízimos, e estava em desespero; mas quando confessou o seu pecado, começou a ganhar esperança. ‘Que devo fazer?’ Perguntou ele.

“Eu disse, ‘dai a nota ao tesouro da igreja; o que será correcto.’

“Ele pensou que era uma exigência bastante estranha; mas sentou-se e começou a escrever, ‘pelo valor recebido, prometo pagar --. Ele olhou para cima, como se dissesse. É essa a forma correcta para escrever uma nota de débito ao Senhor?

“Sim, ‘ele continuou, ‘pelo valor recebido. Não tenho eu recebido as bênçoes do Senhor dia após dia? Não me têm os anjos guardado? Não me tem o Senhor abençoado com todas as bênçoes espirituais e temporais? Pelo valor recebido, prometo pagar a soma de \$571.50 para o tesouro da igreja. ‘ Depois de fazer tudo o que podia da sua parte, era um homem feliz. Em poucos dias ele retirou a sua nota de débito, e pagou o seu dízimo ao tesouro. Também fez um donativo de Natal de \$ 125.

“Outro irmão deu uma nota de \$1000, esperando levantá-la em poucas semanas, e outro deu uma nota de \$300.” The Review and Herald, 19 de Fevereiro de 1889.

“Muitos têm negligenciado por muito tempo tratar honestamente com o seu Criador. Deixando de pôr de lado semanalmente o dízimo, têm-no deixado acumular, até ele somar uma larga quantia, e agora estão muito relutantes em resolver o assunto. Continuam a usar este dízimo retido como se lhes pertencesse. Mas é a propriedade de Deus, que eles têm recusado colocar no Seu tesouro. “ *Idem*, 23 de Dezembro de 1890.

“Sexta-feira de manhã falei no assunto do dízimo. Este assunto não tem sido apresentado às igrejas como devia ter sido, e a negligência, juntamente com crise financeira tem causado um abaixamento nos dízimos do ano passado. Nesta conferência o assunto tem sido cuidadosamente debatido em reunião após reunião. ...

“Um irmão, um homem de aspecto nobre, um delegado da Tasmânia, chegou-se a mim e disse: ‘ Estou contente por ouvir-vos falar hoje acerca do dízimo. Não sabia que era um assunto tão importante. Não ousou negligenciá-lo por mais tempo.’ Ele está agora a calcular o seu dízimo dos últimos a vinte anos, e diz que pagá-lo-á tão depressa quanto puder, porque não pode ter roubo a Deus registado nos livros do Céu para o enfrentar no julgamento.

“Uma irmã que pertence à igreja de Melbourne entregou onze libras (\$54) de dízimo retido, porque não tinha compreendido que o devia pagar. Quando receberam a luz, muitos fizeram confissões a respeito das suas dívidas para com Deus, e exprimiram a sua determinação satisfazer este débito..... Eu propus que colocassem no tesouro a sua nota de débito prometendo pagar a importância total de um dízimo honesto tão cedo quanto obtivessem dinheiro para o fazer. Muitas cabeças acenaram a consentir, e estou confiante que no próximo ano não teremos, como agora um tesouro vazio.” Conselhos sobre Mordomia, 96, 97.

Quando uma pessoa que tem roubado a Deus durante anos e considera o formidável custo de reembolsar os dízimos e ofertas que foram retidos, mais vinte por cento, a sua coragem está inclinada a falhar, porque isso parecerá uma tarefa impossível. Gostaríamos de ter o débito anterior cancelado e fazermos um novo começo pra o futuro. Porém a palavra de Deus ensina claramente que a restituição tem de ser feita se a expiação devesse ser recebida e as bênçãos de Deus restabelecidas. O correcto procedimento é assumir a importância devida e então enviar uma nota promissória para o tesouro cobrindo a importância.

Quando isto é feito em simples fé, Deus toma a Seu cargo a responsabilidade de tornar os pagamentos possíveis. Aqueles que dão esses passos gozarão a arrebatadora experiência de ver Deus operar por eles. Nos exemplos mencionados no *Review and Herald* no artigo de 19 de Fevereiro, citado acima, é impressionante ver quão rapidamente, aqueles que depositaram as suas notas de débito, foram capazes de as levantar. Eles próprios devem ter ficado surpreendidos, gratos e abençoados pelo resultado. Todos os que procedem em fé semelhante participarão das mesmas experiências felizes. Deus possibilitará que o pagamento seja feito.

“Muitos, perderam o espírito de abnegação e sacrifício. Têm estado a enterrar o seu dinheiro em possessões temporais. Há homens a quem Deus tem abençoado, a quem Ele está provando para ver qual a resposta que darão aos Seus benefícios. Eles têm retido os seus dízimos e ofertas até ao seu débito ao Senhor dos exércitos se tenha tornado tão grande que têm enfraquecido perante o pensamento de dar ao Senhor o que Lhe pertence, - um dízimo justo. Apressai-vos, irmãos, tendes agora a oportunidade de ser honestos com Deus.” *Idem*.

“O que se passa com a vossa mordomia? Tendes vós durante os anos passados roubado Deus nos Seus dízimos e ofertas? Olhai para os vossos celeiros repletos, para as vossas adegas abastecidas de boas coisas que o Senhor vos tem dado, e perguntai a vós mesmos, se tendes devolvido ao Dador o que Lhe pertence. Se tendes roubado ao Senhor, fazei restituição. Tão breve quanto possível, fazei o passado recto, e então pedi ao Senhor para vos perdoar. Não dareis ao Senhor o que Lhe pertence, antes deste ano, com o seu peso de relato ter passado para a eternidade?” *The Review and Herald*, 23 de Dezembro de 1902.

“Onde quer que tenha havido qualquer negligência da vossa parte em demover ao senhor o que Lhe pertence, arrependei-vos com contrição de alma, e fazei restituição, senão a Sua maldição repousará sobre vós. ... Quando tiverdes feito o que puderdes da vossa parte, nada escondendo do que pertence ao vosso Criador, podeis pedir-lhe para prover os meios para enviar a mensagem da verdade ao mundo.” *Idem*, 20 de Janeiro de 1885.

Os princípios da restituição envolvida no pagamento do dízimo e ofertas, também se aplicam a todas as obrigações devidas a Deus. Quando, por exemplo, uma pessoa pede o baptismo, faz uma solene e responsável dedicação de si mesmo ao serviço de Deus. Mais tarde, as tentações exercem pressão sobre ela para desviar os seus interesses em direcções egoístas. Os que se rendem a estas persuasões, necessitam compreender a necessidade urgente de corrigir o acto e de regressar ao fiel cumprimento dos seus votos. É uma coisa muito triste quando as pessoas pedem o baptismo, entram no contacto do serviço de Deus na presença de testemunhas e então mais tarde negam tudo o que aceitaram nesse dia.

Todo o crente devia examinar constantemente a sua posição para assegurar que está sendo fiel aos votos que fez a Deus. É muito melhor não fazer votos do que solenemente prometer ao Senhor que O servia, e depois não viver para esta dedicação. As escrituras são enfáticas neste ponto.

“Quando a Deus fizeres algum voto, não tardes em cumpri-lo; porque não se agrada de tolos. O que votares, paga-o.

“Melhor é que não votes do que votes e não pagues.” *Ecl. 5:4,5*.

Há algumas coisas que nunca podem ser restituídas. É impossível por exemplo, voltar atrás e voltar a viver os anos perdidos. O melhor que pode ser feito é confessar o que foi tirado ao Senhor e, pela fidelidade deste tempo em diante, dar uma demonstração de verdadeiro arrependimento. Assim o penitente mostra que lamenta o perdido tão sinceramente que, se os anos perdidos pudessem ser removidos, seriam colocados em conta digna de louvor.

Os mesmos princípios de restituição aplicam-se ao roubo para com o homem. As especificações orientadoras em *Levítico* e *Números* requerem que seja feita restituição na medida estabelecida tanto para a propriedade como para o dinheiro. Há com certeza a sempre presente necessidade de se guardar contra o fanatismo nestas questões, se bem que geralmente falando, por causa do custo envolvido, muitas pessoas tendem a errar no outro sentido.

Se uma pessoa reconhece que tem débito de restituição a pagar mas não tem com quê, para satisfazer a obrigação, aplica-se o mesmo procedimento como quando o débito é devido a Deus. Deixai-o ir à pessoa a quem deve o dinheiro e dar-lhe uma nota de débito promissória com a certeza que pagará quando puder. Tal aproximação será sempre bem recebida, especialmente se a outra pessoa é um cristão. O Senhor então acrescentará os Seus poderosos recursos e será surpreendente quão breve a promissória é levantada.

O impulso natural do coração renovado será fazer essa restituição. A história de Zaqueu ilustra isto. Depois de receber Cristo no seu lar, fez uma declaração que até onde podia recordar, tinha feito fiel restituição de tudo quanto havia tirado por falsa acusação.

“E, levantando-se Zaqueu, disse ao senhor: Senhor, eis que dou aos pobres metade dos meus bens; e, se nalguma coisa tenho defraudado alguém, o restituo quadruplicado.” Lucas 19:78.

O Senhor requeria que somente um quinto fosse acrescentado ao valor do que devia ser devolvido, mas Zaqueu estava determinado a ir para além disso. Ele retornaria quatrocentos por cento, porque, ‘ele era rico’ (versículo 1), ele tinha capacidade para fazer assim imediatamente. Ele demonstrou que compreendeu a lei da oferta pela culpa e estava mais do que disposto a obedecer-Lhe.

Nem por um momento Cristo lhe aconselhou que os seus passos eram desnecessários. Em vez disso, Ele deu completa aprovação ao seu procedimento dizendo a Zaqueu que a salvação tinha chegado à sua casa naquele dia.

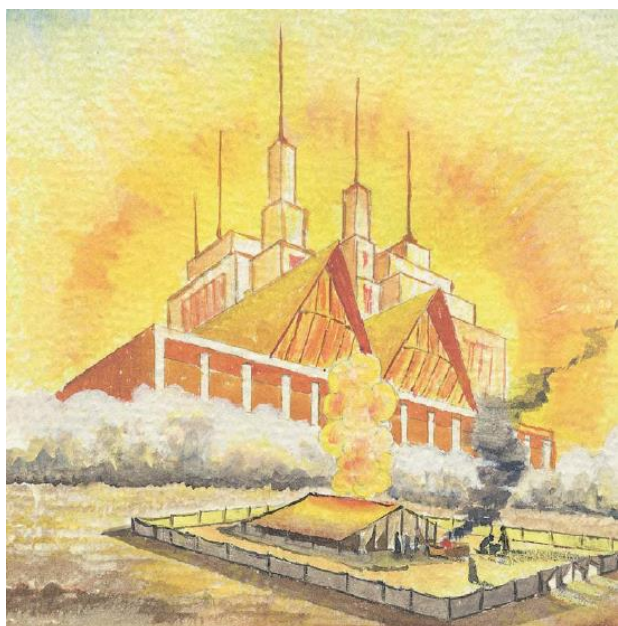
Cristo não estava a dizer que Zaqueu tinha adquirido a salvação pelas suas obras. Pelo contrário, reconheceu que o Seu novo seguidor tinha verdadeiramente nascido de novo e era portanto um filho de Abraão por descendência espiritual e não meramente física. A sua determinação para fazer completa restituição àqueles que ele prejudicou, era um testemunho que esta mudança tinha de facto tomado lugar. As suas obras não lhe ganharam a salvação. Todos os que têm uma experiência de verdadeira conversão, darão como Zaqueu, todos os passos para assegurar que fizeram total restituição por qualquer coisa que injustamente tivessem tomado de outros.

Os princípios expostos na oferta pela culpa são tão válidos hoje como eram quando foram dados originalmente. Deus espera que o Seu povo restituía tanto a Ele como aos seus semelhantes, o que foi retido ou de qualquer outro modo, roubado deles:

“Se prejudicamos outros por qualquer injusta transacção, se nos aproveitamos de alguém no negócio, ou defraudamos qualquer pessoa, ainda que sob a protecção da lei, devemos confessar nossa injustiça e fazer restituição tanto quanto esteja ao nosso alcance. Cumpre-nos restituir, não somente o que tiramos, mas tudo quanto se teria acumulado se posto em justo e sábio emprego durante o tempo em que se achou em nosso poder.” Desejado de Todas as Nações 53.

Isto é justo e correcto. É também um poderoso impedimento porque quando as pessoas têm conhecimento que devem restituir com interesse aquilo que é injustamente tirado, hesitarão defraudar.

Todos deviam dar sincera consideração às diversas expiações e aprender a obter a plenitude das bênçãos que Deus construiu nelas. Então veremos um avanço muito mais positivo na experiência cristã e preparação para o regresso do Senhor.



A Mensagem para o nosso Tempo
(Publicado na revista “The Messenger and News Review”, Setembro 1981)

Capítulo 17

A Bezerra Ruiva

A expiação provida nas ofertas queimadas, mangares e libação; para os pecados de ignorância; e pela culpa; estavam todas associadas intimamente com o santuário. Em cada caso a vítima era morta à porta do tabernáculo e, de um modo ou de outro, a sua vida era levada para o primeiro compartimento.

Contudo, havia uma expiação pelo pecado que não era feita à porta do tabernáculo, nem mesmo dentro do campo. Era a oferta da bezerra. Havia outras certas diferenças entre serviço e as outras expiações pelo pecado.

“Falou mais o Senhor a Moisés e a Arão, dizendo:

“Este é o estatuto da lei, que o Senhor ordenou, dizendo: dize aos filhos de Israel que te tragam uma bezerra ruiva sem defeito, que não tenha mancha, e sobre que não subiu jugo.

“E a dareis a Eleazar, o sacerdote; e a tirará fora do arraial, e se degolará diante dele.

“E Eleazar, o sacerdote, tomará o seu sangue com o seu dedo, e dele o espargirá para a frente da tenda da congregação sete vezes. - “Então queimará a bezerra perante os seus olhos; o seu couro, e a sua carne, e o seu sangue, com o seu esterco se queimará.

“E o sacerdote tomará pau de cedro, e hissopo, e carmesim, e os lançará no meio do incêndio da bezerra.

“Então o sacerdote levará os seus vestidos, e banhará a sua carne em água, e depois entrará no arraial, e sacerdote será imundo até a tarde.

“Também o que a queimou lavará os seus vestidos com água, e em água banhará a sua carne, imundo será até a tarde.

“E um homem limpo ajuntará a cinza da bezerra, e a porá fora de arraial, num lugar limpo, e estará ela em guarda para a congregação dos filhos de Israel, para a água da separação; expiação é.

“E que apanhou a cinza da bezerra levará aos seus vestidos e será imundo até à tarde; isso será por estatuto aos filhos de Israel e ao estrangeiro que peregrina no meio deles.” Núm. 19:1-10.

O restante do capítulo ensinava ao povo como a expiação devia ser aplicada. A cada caso está esta oferta purificava todo aquele que de algum modo teve contacto com um corpo morto.

“Aquele que tocar a algum morto, cadáver de algum homem, imundo será sete dias.”

O processo de purificação envolvia a imersão das cinzas da bezerra queimada em água pura tirada duma corrente de água. Uma pessoa limpa tomava o hissopo, mergulhava-o na água, e espargia-a sobre a pessoa imunda e os arredores em geral onde o corpo morto esteve. Se morreu na sua tenda, a mobília, e as roupas eram tratadas também como a pessoa que tinha entrado em contacto com o morto.

Semelhante a cada uma das outras expiações, este serviço era rica em verdade evangélica. Deus pretendia que eles devessem aprender maravilhosas e preciosas lições neste serviço.

“Ordenou-se outrora aos filhos de Israel que trouxessem uma oferta por toda a congregação, a fim de purifica-la da contaminação cerimonial. Esse sacrifício era uma bezerra ruiva, e representava o perfeito sacrifício que deveria remir da poluição do pecado. Era esse um sacrifício ocasional, para purificação de todos os que, por necessidade ou acidentalmente, haviam tocado em cadáver. Todos os que de qualquer maneira entravam em contacto com a morte, eram considerados cerimonialmente impuros.

Destinava-se isso a impressionar profundamente o espírito dos *Hebreus* com o facto de que a morte veio em consequência do pecado, sendo, portanto, representação do pecado. Um novilho, uma arca, uma serpente ardente, apontam impressivamente para uma grande oferta – o sacrifício de Cristo.” Testemunhos, 4:120; (T.S., 1:481)

Impureza cerimonial é um tipo de poluição espiritual, a mancha do pecado. Onde quer que os filhos de Israel somente entrassem em contacto com a morte numa base ocasional, todo o ser humano ficava manchado pelo pecado e morte. Isto é uma consequência inevitável da hereditariedade que vem de Adão e Eva. Como foi realçado anteriormente, desde que o pecado e morte passaram a existir nos nossos primeiros pais, as leis da hereditariedade tornaram impossível que qualquer coisa mais fosse transmitida à sua descendência. Por conseguinte, nem uma só pessoa nasce neste mundo justo. Consequentemente, todas as pessoas precisam do ministério de Cristo que é aqui simbolizado pela água de purificação.

Em contradição com estes princípios, alguns ensinam que os filhos nascem justos e não se tornam injustos até cometerem os seus primeiros pecados. Uma citação favorita usada por estas pessoas para “provar” o seu ponto é a seguinte:

“Tenho conversado com o pastor (J.G.) Matteson sobre se os filhos dos pais descrentes seriam salvos. Eu relatei que uma irmã me tinha feito com grande ansiedade esta pergunta, declarando que alguns lhe tinham dito que as crianças pequenas dos pais descrentes não seriam salvas.

“Isto devíamos considerar como uma das questões como uma das questões sobre a qual não temos liberdade para exprimir uma posição ou uma simples razão que Deus não nos disse definitivamente acerca deste assunto na Sua Palavra. Se Ele pensasse que fosse necessário sabermos, Ele nos teria dito plenamente.

“As coisas que Ele tem revelado são para nós e para nossos filhos. Há coisas que agora não compreendemos. Somos ignorantes acerca de muitas coisas que nos são plenamente reveladas. Quando estes assuntos não têm íntima relação com o nosso bem-estar eterno estiverem esgotados, então haverá tempo abundante para considerar alguns destes pontos acerca dos quais alguns estão desnecessariamente causando perplexidade nas suas mentes.” Mensagens Escolhidas, 3:313.

Este testemunho não apoia o argumento que as crianças nascem automaticamente justas e serão automaticamente salvas se morrerem antes de terem cometido os seus primeiros pecados, porque nem sequer está discutindo esse ponto. Está a falar sobre se pode ser conhecido, se uma certa classe de perdidos, nomeadamente aqueles que nascem de pais descrentes, serão salvos ou não. Certamente, se foram nascidos numa condição de salvos como alguns ensinam, não haveria questão acerca da sua

participação na ressurreição dos justos. Para compreender se estes bebés serão salvos ou não, é preciso conhecer se eles estão abrangidos por estas provisões de expiação. Isto não pode ser conhecido porque, nesta questão, Deus não derramou luz.

Deste modo há perante nós duas questões separadas se bem que intimamente relacionadas. Uma é se as crianças nascem justas ou pecaminosas, e a outra é se aqueles que nascem de pais descrentes estão ao alcance da salvadora graça e assim devendo ser salvos. Na primeira questão as Escrituras têm muito a dizer, enquanto na segunda, eles são silenciosas. Portanto, ao passo que é necessário formar uma crença definida no primeiro, somos aconselhados a não tocar no último.

O estudo da bezerra ruiva não diz respeito à questão se as crianças dos pais descrentes serão ou não salvos. Em vez disso trata com os passos a ser dados por aqueles que entram em contacto com o pecado e a morte. Isto lembra-nos que não há um de nós que não tenha sido manchado, e portanto não precise das provisões para a purificação que Deus providenciou.

O serviço era realizado fora do acampamento. Nisto o povo devia ler o terrível facto que o pecado os tinha colocado fora da família de Deus. Levava as suas mentes atrás à expulsão do Éden que se seguiu a participação do fruto da árvore proibida por Adão e Eva, e mesmo ainda mais além à partida de Satanás do Paraíso por causa da sua insistente recusa em viver pelas justas e rectas leis do céu. À medida em viver pelas justas leis do céu. À medida que se reuniam em torno da bezerra ruiva e iam o acampamento e o santuário à distância, sabiam que a sua única esperança de regresso à casa do Pai era através da morte sacrificial. Deviam compreender que não tinham poder para se restaurarem ao seu estado perdido. Enquanto não estivessem completamente purificados, não podiam ir à presença de Deus.

A localização fora do acampamento também prefigurava a crucificação fora de Jerusalém, separado do templo, e separado da nação que totalmente O rejeitou.

“A bezerra sacrificial era conduzida para fora do arraial, e morta de maneira mais impressionante. Assim Cristo sofreu fora das portas de Jerusalém, pois o Calvário achava-se fora dos muros da cidade.” Testemunhos, 4:121; (T.S. 1:482).

Por mais de uma razão, a localização do sacrifício de Cristo era uma adequada ilustração do plano de salvação.

Apesar de Jerusalém se tornar habitação de demónios, num certo sentido é ainda um símbolo da cidade santa de cima. Para salvar a raça humana, Cristo tinha que deixar essa maravilhosa habitação para morrer no lugar onde a humanidade estava – fora do paraíso. Foi o pecado do homem que tornou necessário esta separação. Semelhantemente, a condição pecaminosa dos judeus ditou que a morte de Cristo removesse deles, a sua cidade, e o seu templo.

É-nos negado o espectáculo de onde e como Cristo teria que morrer se Israel tivesse compreendido a Sua missão e O recebesse como “...o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo.” *João* 1:29. Com o tremendo peso de informação contido no sistema sacrificial e escritos dos profetas, não tinham motivo para não conhecer a verdadeira natureza da Sua obra, contudo, quando Ele chegou, não houve uma só pessoa que compreendesse. *João* baptista era o único que, acima de todos os outros devia ter visto Cristo na Sua verdadeira luz, mas mesmo ele tinha ideias erradas acerca do Messias.

Se Israel tivesse compreendido correctamente o sistema sacrificial, certamente não teria prendido Jesus, nem ilegalmente julgado e condenado, e precipitá-Lo para fora dos muros da cidade para uma ignominiosa crucifixão. Mesmo assim, eles não determinaram a hora da Sua morte, porque, independentemente das suas actividades e propósitos, o tempo foi fixado pelo anteriormente determinado plano de Deus. Quando o momento designado chegou, o acontecimento profetizado teve lugar.

À medida que o tempo se aproximava, se Israel tivesse compreendido os caminhos de Deus, teria reconhecido a hora e a sua tremenda significação e ter-se-ia reunido à volta do Salvador quando o terrível peso do pecado foi colocado sobre Ele. Em vez de lhe dirigirem escárnios e maldições, teriam elevado o Redentor com as suas orações, simpatia e incomensurável gratidão. Quão diferente

a cena teria sido daquela que realmente aconteceu! Com que grandioso poder a mensagem de um Salvador crucificado e ressuscitado teria sido proclamada por todo o mundo e quão rapidamente o pecado teria sido banido do universo!

Isto é o que podia ter acontecido, mas tragicamente não aconteceu. Israel e o mundo ainda não aprenderam quão grande foi a sua perda. Somente quando os relatos estivessem abertos perante eles no grande dia do Juízo Final, compreenderão o que lhes foi oferecido e o que rejeitaram.

O local do sacrifício de Cristo foi, sob todas as aparências escolhido pelos judeus e romanos mesmo apesar de não terem a mais leve ideia da significação do que estavam fazendo. Contudo, se Deus tivesse que escolher o local, enquanto não podemos agora saber exactamente onde teria sido, é seguro dizer que continuaria a ser fora dos muros da cidade. Isto é por causa de também haver sido simbolizado o facto que Cristo tinha que morrer por todo o mundo, não apenas pelos judeus.

“A bezerra sacrificial era conduzida para fora do arraial e morta da maneira mais impressionante. Assim Cristo sofreu fora das portas de Jerusalém pois o Calvário achava-se fora dos muros da cidade. Isto se destinava a mostrar que Cristo não morreu pelos *Hebreus* somente, mas por toda a humanidade. Ele proclama ao mundo caído que veio a fim de ser seu Redentor, e insta com os homens a que aceitem a salvação que lhes oferece.” *Idem*.

Quando os Israelitas testemunhavam a morte e queima da bezerra, Deus procurava por esse meio elevar os seus olhos acima dos estreitos limites do seu próprio pequeno mundo para as vastas necessidades experimentadas pela raça humana condenada em todas as nações. Ele desejava que partilhassem Consigo o espírito de amor e respeito, e entrar num serviço sacrificial para os Seus seguidores não importa onde eles pudessem estar. Ele desejava protegê-los do limitado conceito, que a salvação era somente para os judeus.

“Esta bezerra devia ser ruiva, que era um símbolo de sangue. Tinha de ser sem mancha nem defeito, e nunca ter estado sob o jugo. Aqui, de novo, é representado Cristo. O Filho de Deus veio voluntariamente, para realizar a obra da expiação. Não havia sobre Ele o jugo obrigatório; pois era independente e acima de toda a lei. Os anjos, como inteligentes mensageiros divinos, achavam-se sob o jugo da obrigação, nenhum sacrifício pessoal deles poderia expiar a culpa do homem caído. Cristo, unicamente, estava livre dos reclamos da lei, para empreender a redenção da raça pecadora. Tinha Ele poder para depor a vida e para retomá-la. ‘O qual, subsistindo em forma de Deus, não julgou que o ser igual a Deus fosse coisa de que não devesse abrir mão.’ Fil. 2:6.

“No entanto, esse Ser glorioso amou o pobre pecador, e tomou sobre Si a forma de servo, para que pudesse sofrer e morrer em lugar do homem. Jesus poderia ter ficado à dextra do Pai, usando a coroa e as vestes reais. Mas preferiu trocar as riquezas, honra e glória do céu pela pobreza da humanidade, e sua posição de alto comando pelos horrores do Getsémani e agonia do Calvário. Tornou-se um Varão de dores e experimentado nos trabalhos, a fim de que por Seu baptismo no sofrimento e sangue pudesse purificar e redimir um mundo culpado. ‘Eis aqui venho, ‘foi o prazenteiro assentimento, ‘para fazer, ó Deus, a Tua vontade.’ Salmos 40:7, 8.” *Idem*. 482, 483.

“O corpo da bezerra era queimado e reduzido a cinzas, o que significava um sacrificio amplo e completo. As cinzas eram então reunidas por pessoa não contaminada pelo contacto com o morto, e colocadas num vaso que continha água provinda de uma corrente. Essa pessoa limpa e pura tomava então uma vara de cedro com pano de escarlate e um ramo de hissopo, e espargia o conteúdo do vaso sobre a tenda e o povo reunido. Esta cerimónia era repetida várias vezes, a fim de ser completa, e fazia-se como purificação do pecado.

Assim Cristo, em Sua própria justiça imaculada, depois de derramar Seu sangue precioso, penetra no lugar santo para purificar o santuário. E ali a corrente escarlate é empregada no serviço de reconciliar Deus com o homem. Poderá haver quem considere esse sacrificar da bezerra como cerimónia destituída de significado; mas era celebrada por ordem de Deus, e tem profundo significado, que não perdeu sua aplicação ao tempo presente.

“O sacerdote usava cedro e hissopo, mergulhando-os na água purificadora e espargindo o imundo. Isto simbolizava o sangue de Cristo derramado para nos purificar das impurezas morais. A aspersão

repetida ilustra o carácter completo da obra que tinha de ser realizada em favor do pecador arrependido. Tudo o que ele passou tem de ser consagrado. Não só deve a sua própria alma ser lavada de modo a ficar limpa e pura, mas deve ele empenhar-se em que a família, os seus arranjos domésticos, sua propriedade e todos os seus pertences – tudo seja consagrado a Deus.

“Depois que a tenda fora espargida com hissopo, acima da porta dos purificados era escrito: Não sou meu; Senhor, sou Teu. Assim deve ser com os que professam ser purificados pelo sangue de Cristo. Deus não é menos estrito hoje do que era nos tempos antigos. O salmista, em sua oração, refere-se a essa cerimónia simbólica quando diz: ‘Purifica-me com hissopo, e ficarei puro; lava-me, e ficarei mais alvo do que a neve.’ ‘Cria em mim, ó Deus, um coração puro e renova em mim um espírito recto.’ ‘Torna a dar-me a alegria da tua salvação, e sustém-me com um espírito voluntário.’ Sal. 51:7, 10, 12.

“O sangue de Cristo é eficaz, mas precisa ser aplicado continuamente. Deus não só quer que Seus servos usem os meios que lhes confiou para Sua glória, mas deseja que se consagrem a si mesmos à Sua causa. Se vós, meus irmãos vos tornastes egoístas e estais retendo do Senhor aquilo que deveríeis alegremente dar ao Seu serviço necessitais então de que se vos aplique completamente o sangue da aspersão, consagrando-vos a Deus com todas as vossas posses.” Idem. 1:482, 483.

Há muito mais revelado no sacrifício da bezerra ruiva do que o inexplicável preço pago por Cristo para a salvação do homem. Incluía a lição vital ensinando que o crente devia também participar no mesmo espírito de serviço dedicado.

O mundo sempre tem estado pronto para aplaudir aqueles que, fazendo um tremendo sacrifício pessoal, têm dispensando outros de pagar qualquer preço. Soldados que morrem no campo de batalha têm lugares de honra dados por aqueles que ficam em casa longe dos horrores da guerra. Semelhantemente, religiosos amam um Salvador que pagou a penalidade por eles, enquanto gastam as suas vidas perseguindo as suas ambições pessoais e egoístas.

Ninguém que enfrente o ministério e morte de Cristo nesta luz prosperará espiritualmente. Tornam-se enfezados e debilitados, e finalmente morrerão. Aqueles que recebem os tesouros da vida eterna sem os participar perderão tudo no final “somos membros uns dos outros, e a alma que se recuse a dar, perecerá.” *O Desejado de Todas as Nações*, 404.

O afastamento destes princípios e a resultante apostasia desta verdade, tem sido um problema constante que se repete na igreja de Deus. Os homens esquecem que os tesouros do céu são dados como uma verdade a ser derramada abundantemente nos sulcos da grande necessidade do mundo. Em vez disso, entesouram os dons de Deus a fim de estabelecer a sua própria segurança e prazer, enquanto a causa de Deus enfraquece por falta dos próprios meios que têm sido dados por Deus para o efeito. Continuamente, os filhos de Deus precisam ser lembrados das suas responsabilidades a este respeito e advertidos de que o fracasso em fazer os sacrifícios necessários resultará em eterna ruína. Correctamente encarado o serviço da bezerra ruiva, ensinava estas lições muito fortemente. Quando o povo se reunia para este serviço, deviam ver na submissiva morte do animal perante eles, a beleza do sacrifício de Cristo e o próprio alcance dele. Onde quer que o egoísmo reine nos seus corações, a luz brilhante do sacrifício devia tão completamente expor este mal, que o povo teria total oportunidade para ser purificado dele. Não era suficiente que a mensagem fosse transmitida só uma vez. Era necessário que a verdade fosse levada à consciência, uma e outra vez.

“O sangue de Cristo é eficaz, mas precisa ser aplicado continuamente. Deus não só quer que Seus servos usem os meios que lhes confiou para a Sua glória, mas deseja que se consagrem a si mesmos à sua causa. Se vós, meus irmãos, vos tornastes egoístas e estais retendo do Senhor aquilo que deveríeis alegremente dar ao Seus serviço, necessitais então de que se vos aplique completamente o sangue da aspersão, consagrando-vos a Deus com todas as vossas posses.” Testemunhos Selectos 4:122, 123. (TS 483).

Na altura em que este testemunho foi escrito, a igreja estava nas garras deste mal terrível da egoísta orientação dos meios de Deus. À medida que ela via o espírito à sua volta, à luz da mensagem contida no maravilhoso sacrifício da bezerra ruiva, a mensagem do Senhor era forçada a

pronunciar palavras claras, procurando aconselhar os crentes desse tempo. Todos neste tempo fariam bem considerar cuidadosamente a amplitude destas palavras aplicadas às suas próprias vidas e então dar os passos necessários para assegurar que o trágico caminho dos nossos pais espirituais não seja repetido.

“Meus respeitadas irmãos, vós não tendes essa devoção à obra de Deus sincera e desprovida de egoísmo que Ele requer de vós. Tendes treinado as vossas mentes para negócios a fim de vos beneficiardes a vós mesmos. Mas Deus chama por vós para que entrais em comunhão com Ele, para que possais moldar a treinar-vos para a Sua obra. Uma solene declaração foi feita ao antigo Israel, que o homem que permanecesse impuro e recusasse purificar-se a si mesmo, devia ser separado da congregação. Isto tem um significado especial para nós. Se era necessário nos tempos antigos o impuro ser purificado pelo sangue espargido, quão essencial para aqueles que vivem nos perigos dos últimos dias, e expostos às tentações de Satanás, seria ter o sangue de Cristo aplicado diariamente nos seus corações. ‘Porque, se o sangue dos touros e bodes, e a cinza duma novilha espargida sobre os imundos, os santifica quanto à purificação da carne, quanto mais o sangue de Cristo, que pelo Espírito eterno se ofereceu a Si mesmo imaculado a Deus, purificará as vossas consciências das obras mortas, para servirdes ao Deus vivo?’ Heb. 9:13,14.

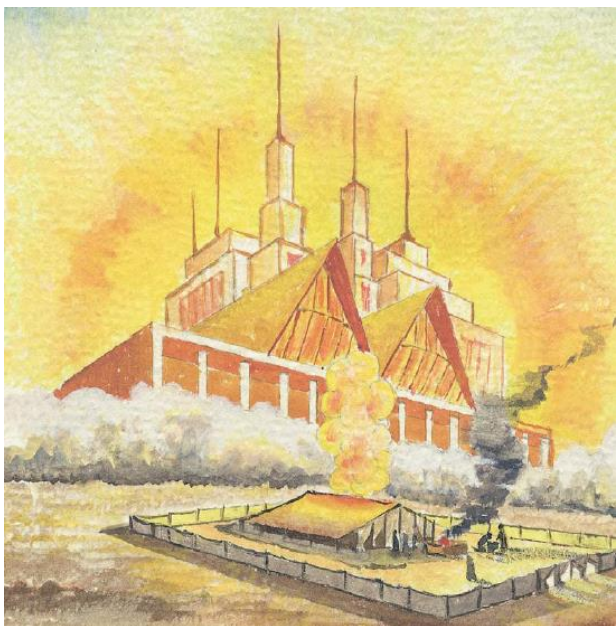
“Vós devíeis ambos fazer mais do que têm feito em direcção a suportar os fardos do trabalho do Senhor. Conjuro-vos que vos levanteis da vossa letargia, deixai a vã idolatria de coisas mundanas e em honestidade assegurar um título para a vossa gerança imortal. Trabalhai enquanto ainda é dia. Não emperigai vossas almas ao perder oportunidades presentes. Não façais vossos interesses eternos de segunda importância. Não ponhais o mundo antes da religião, trabalhando dia após dia para adquirir suas riquezas, enquanto que o perigo de eterna bancarrota nos ameaça. Todos os dias vos trazem para mais perto do reconhecimento final. Estejam prontos para aclamar os talentos que vos foram emprestados, com o aumento ganho pelo seu uso.

“Não podeis suportar sacrificar o céu ou pôr em perigo a vossa segurança. Não deixai que os enganamentos das riquezas vos levem a negligenciar o tesouro imortal. Satanás é um inimigo astucioso, e está sempre na vossa pista, lutando para vos enredar e alcançar a vossa ruína. Nós estamos no tempo de espera: que os vossos lombos se cinjam e as luzes brilhem, para que possam esperar pelo Senhor, quando Ele voltar do casamento, para que quando Ele vier e tocar à porta possam abrir-Lhe imediatamente.

“Observai, irmãos, o primeiro obscurecimento da vossa luz, a primeira negligência da oração, o primeiro sintoma de adormecimento espiritual, ‘Aquele que permanecer até ao fim será salvo.’ É pelo constante exercício da fé e amor que os crentes se fazem brilhar como luzes do mundo. Não estais a fazer senão pobres preparações para a vinda do Mestre, se estais a servir a Mamom enquanto professam servir a Deus. Quando Ele aparecer, deveis então apresentar-lhe os talentos que enterrais na terra, talentos negligenciados, abusados, não usados – um amor divino.” *Idem*, 123, 124.

A oferta da bezerra ruiva continha lições de profunda e ampla significação. É tão necessário compreender aquelas verdades hoje como foi nos tempos do Velho Testamento. Por causa da tendência da humanidade para esquecer a sua grande necessidade de Deus, estes assuntos deviam ser estudados repetidamente para manter a luz fresca e imprimir-lhe cada vez mais profundamente na mente.

Todos nasceram em pecado e portanto estão fora do acampamento de Israel. Cada um precisa do sangue purificador para levar a profana mancha do pecado e para restaurá-lo ao favor e presença de Deus. Cada um precisa compreender que o espírito de sacrifício é o espírito de Cristo e ninguém pode ser Seu se não tiver este tesouro.



A Mensagem para o nosso Tempo
(Publicado na revista “The Messenger and News Review”, Outubro 1981)

Capítulo 18

O Edifício

O propósito específico de cada uma das expiações realizadas em relação com os serviços diários era preparar o crente para enfrentar o solene, exame escrutinador do grande dia de expiação final.

Contudo, antes de estudarmos isto, precisamos considerar a função do edifício em si mesmo como uma lição objectiva. Isto necessitará que seja feita uma distinção dos serviços associados com o santuário e o próprio edifício. O primeiro ensinava ao povo os procedimentos a serem seguidos enquanto o último, mantinha perante eles o ideal a ser alcançado.

“O Senhor tinha em vista que o templo de Jerusalém fosse um testemunho contínuo do elevado destino franqueado a toda a alma.” *O Desejado de Todas as Nações*, 142.

“Por meio de Cristo deveria cumprir-se o propósito de que era um símbolo o tabernáculo – aquela construção gloriosa, com suas paredes de ouro luzente refletindo em matizes do arco-íris, as cortinas bordadas de querubins; a fragância do incenso, sempre a queimar, a invadir tudo; os sacerdotes vestidos de branco imaculado, e no profundo mistério do compartimento interior, acima do propiciatório, entre as figuras de anjos prostrados em adoração, a glória do santíssimo. Em tudo Deus desejava que Seu povo lesse o Seu propósito para com a alma humana. Era o mesmo propósito muito mais tarde apresentado pelo apóstolo Paulo, falando pelo Espírito Santo:

“ Não sabeis vós que sois o templo de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?

Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá; porque o templo de Deus, que sois vós, é santo’ (I Cor. 3:16;17)” Educação, 35, 36.

Deus pretendia que os israelitas se tornassem profundamente conhecedores de todos os aspectos do edifício – os materiais usados, o desenho e construção dos aprestos, o pátio e o que se encontrava nele, e o número e relativo tamanho dos compartimentos. Jeová tinha dado instruções específicas cobrindo a construção de todos os detalhes do templo e seu conteúdo e era requerido que os construtores os seguissem exactamente. A geração efectivamente envolvida na construção do edifício

teve a melhor oportunidade para obter um compreensivo conhecimento destes detalhes, mas isto não deixou desculpa para a ignorância da parte dos que vieram posteriormente e que encontraram uma estrutura acabada e operacional.

Mas isto não foi suficiente para eles saberem estas especificações. Esta informação não teve valor até que reconheceram que cada elemento na estrutura era um símbolo que tipificava aquilo que devia ser construído dentro dos seus próprios templos da alma. Só quando ligaram o símbolo à realidade e trabalharam com o coração e a alma para atingir o ideal divinamente apontado, estavam aptos a receber tudo o que Deus tinha colocado no santuário e seus serviços para eles.

Mesmo apesar do santuário terrestre e seus serviços terem terminado há muito, os mesmos princípios ainda continuam a ser verdadeiros. Para cada filho de Deus que está lutando para alcançar a perfeição de carácter e comportamento que habilitará Cristo a vir e reclamá-los como Seus, permanece a necessidade de se tornar familiar com as detalhadas especificações da estrutura do templo e ver nelas o glorioso ideal do carácter. Ninguém pode adiar esta obra a não ser com perigo mortal para as suas almas. Isto deve ser realizado antes do dia da expiação final vir sobre cada indivíduo. Nessa altura será demasiado tarde para lutar a fim de atingir o ideal.

Cristo em Vós

As escrituras dão ênfase a que a salvação é para aqueles que têm Cristo em si – a esperança da glória. Nada menos do que esta ideia satisfará as exigências do julgamento, que só essa vida que desceu de cima na Pessoa do Dador de Semente, Jesus Cristo, pode voltar para o céu. Cada candidato ao reino tem que compreender que tal como a presença de Deus habitou dentro do tabernáculo terrestre, assim deverá Ele habitar dentro de cada crente. Literalmente, eles devem ser templos do Deus vivo.

Deus determinou que o santuário ensinasse esta verdade com a maior clareza possível. A lição foi tornada ainda mais necessária porque o pecado roubou a Deus o Seu lugar por direito no templo humano. O povo precisava ver que a presença do mal tinha que ser erradicado de maneira a que Deus pudesse entrar e habitar. Precisavam seguir cada passo na construção com acurada atenção e enfrentar a mesma obra nas suas próprias vidas.

Assim Deus disse a Moisés: “E construir-Me-ão um santuário; para que Eu possa habitar no meio deles.” Ex. 25:8.

Este versículo define primeiramente o que os homens tinham que fazer e em segundo lugar o que Deus faria. A construção real do edifício era responsabilidade do homem. Deus habitaria no meio deles. Esta promessa não queria dizer que Deus passaria meramente a habitar no meio do acampamento. O Seu propósito era habitar em cada um deles pessoalmente sob divina inspiração, Paulo interpretou estas palavras desta forma. Quando citava *Levítico* 26:12, “E andarei no meio de vós, e serei o vosso Deus, e vós sereis o Meu povo”, escreveu, “Neles habitarei, e entre eles andarei, e Eu serei o seu Deus, e eles serão o Meu povo.” 2 Cor. 6:16.

A verdade é que Deus não podia permanecer no templo entre eles a menos que pudesse habitar dentro deles. Isto é evidente do facto que quando entraram em apostasia e Ele perdeu o Seu lugar no coração deles, a glória do shekinah deixou o templo. Deus cessou de estar dentro deles ou entre eles até que pelo sincero arrependimento e purificação, se preparassem a si mesmos para o regresso da Sua presença.

A directiva de Deus para eles construírem um santuário é a contrapartida exacta das palavras ditas a Adão e Eva no Éden quando disse: “Crescei, e multiplicai-vos, e enchei a terra, e submetei-a” Gén. 1:28.

Os nossos primeiros pais são os únicos seres humanos criados por Deus. Os restantes têm sido feitos por outros seres humanos. Os pais não desempenham este papel independentemente de Deus se bem que a maioria tenha esquecido Jeová. O Altíssimo não foi obrigado a dar esta importante responsabilidade ao homem, pois Ele podia ter criado todos nós exactamente como fez com os anjos.

Mas, uma vez que escolheu dar ao homem este privilégio, tornou-se necessário como uma lição objectiva deixar a construção do santuário ser feita pelos israelitas. Como templos humanos devia ser construídos por corpos humanos, assim o santuário que os tipificava devia ser construído por seres humanos.

Na construção do santuário no deserto, Deus não deu aos homens a responsabilidade de desenhar a estrutura. Ele chamou Moisés ao monte e mostrou-lhe os planos e especificações que tinham sido desenvolvidos no céu com a explícita instrução, “Atenta pois que o faças conforme ao seu modelo, que te foi mostrado no monte.” Ex. 25:40.

“Quando Moisés estava para construir o santuário como lugar de habitação de Deus, recebeu instruções para fazer tudo segundo o modelo que lhe foi mostrado no monte. Moisés é todo zeloso para fazer a obra de Deus; os homens mais talentosos e hábeis lhe estavam ao lado para realizar suas sugestões. No entanto, não devia fazer uma campainha, uma romã, uma borla, uma franja, uma cortina ou qualquer vaso do santuário, que não fosse segundo o modelo mostrado. Deus o chamara ao monte e lhe revelara as coisas celestiais. O Senhor o cobrirá com a Sua glória, a fim de que pudesse ver o modelo, e segundo ele foram feitas todas as coisas.” *O Desejado de Todas as Nações*, 187.

Semelhantemente a determinação da forma que um bebé recém-nascido tomará, não é decidida pelos pais. A nova pessoa pode ser alta ou baixa, inteligente ou tacaña, formosa ou sem qualquer beleza especial, ou qualquer uma das muitas outras possibilidades, mas nenhuma destas pode ser decidida pelos pais. Deus construiu os planos paramétricos e o resultado, é segundo as divinamente instituídas leis da hereditariedade. Somente Deus pode permanecer como Planeador.

Isto não quer dizer que Deus, pessoal e arbitrariamente planeia a estrutura do corpo, talentos, aspecto e temperamento de cada pessoa. Ele estabeleceu as leis da reprodução quando criou Adão e Eva, e assim cada pessoa é formada como resultado da aplicação daquelas leis através dos sucessivos séculos. É desnecessário dizer, que o pecado tem prejudicado grandemente o processo, trazendo a qualidade produzida bastante abaixo do que Deus pretendia. Contudo, permanece o ponto importante que Deus, não o homem, é o planeador tanto do tabernáculo terrestre como dos templos humanos dos quais o tabernáculo é o símbolo divinamente apontado.

Pó Amaldiçoado pelo Pecado

O santuário original foi levantado no deserto. Esta é uma ilustração apropriada da vida cristã de peregrinação longe das calmas habitações do Paraíso. O tabernáculo, então, é uma representação dos templos do corpo humano como eles são nesta terra e não como serão no céu.

E enquanto somos estrangeiros e peregrinos longe do céu que estamos revestidos de pecaminosa carne mortal feita do pó da terra amaldiçoado pelo pecado. Para o edifício terrestre tipificar fielmente este corpo humano, também tem que ser feito dos materiais obtidos do pó da terra amaldiçoado pelo pecado.

Assim era!

Teria sido uma questão muito simples para Deus preservar cuidadosamente materiais do jardim do Éden antes da queda de Adão ou tê-los dado directamente do céu para a construção do santuário. Porém Ele não escolheu fazer isto porque, se o fizesse, o templo nunca poderia ter fielmente retratado o Seu propósito para o Seu povo.

Grande variedade de materiais foram usados no edifício – linho, cobre, prata, ouro, madeira, peles de animais, etc. – mas cada um deles teve a sua origem no pó da terra amaldiçoada pelo pecado. Nem todos compreendem que todos os materiais necessários para nos suportar e enriquecer, são literalmente do pó da terra, todavia isto é assim.

Na selecção dos materiais para os lugares santos e pátio que os rodeava, Deus podia tirá-los de algum lugar na terra onde o pecado tivesse tido menos efeito, mas Ele escolheu o Egipto onde nessa altura o pecado tinha feito as suas maiores incursões.

Reconhecendo antecipadamente que os filhos de Israel necessitariam de construir o santuário no deserto, Deus fez provisão para a vindoura eventualidade. Ele moveu os egípcios a dar aos escravos, que partiram tudo o que eles precisavam para a obra.

“E o Senhor disse a Moisés:....

“Fala agora aos ouvidos do povo, que cada varão peça ao seu vizinho, e cada mulher à sua vizinha, vasos de prata e vasos de ouro. ...

“Fizeram pois os filhos de Israel conforme a palavra de Moisés, e pediram aos egípcios jóias de prata, e jóias de ouro, e vestidos.

“E o Senhor deu graça ao povo em os olhos dos egípcios, e emprestavam-lhes; e eles despojavam aos egípcios.” Êxodo 11: 1, 2; 12: 35, 36.

Algumas semanas mais tarde quando eles estavam junto ao monte Sinai, Moisés, sob instrução de Deus, convidou os israelitas a contribuir com o material necessário para o edifício. O ouro, prata, linho, cobre e outras coisas que trouxeram, tinham sido adquiridos no Egipto amaldiçoado pelo pecado.

Segundo o modelo dado por Deus, e pela habilidade com que dotou os operários, o tabernáculo foi levantado. Então o senhor desceu e encheu o edifício com a Sua gloriosa presença. Que Ele podia fazer isto é um mistério que está para além da compreensão humana. Como era possível a uma parte tão insignificante da Sua criação alojar o Ser cujo poder é tão infinito que podia dar existência a todo o universo? Embora nenhum Israelita pudesse explicar isto, o facto estava perante os seus olhos todos os dias. Enquanto se dirigiam cada manhã e cada noite para os serviços sacrificais, eles podiam ver a glória da presença de Deus brilhando de dentro da tenda e sabiam que Ele estava ali.

O mesmo mistério foi exibido a Moisés quando enfrentava a sarça-ardente. O pequeno arbusto obtinha os seus recursos do amaldiçoado pó da terra e no entanto, por um breve período de tempo, foi o tabernáculo do altíssimo.

Porém a maior revelação deste mistério foi dado na encarnação de Cristo. Quando veio a esta terra, habitou no corpo de carne e sangue que, em todos os aspectos, foi feito do mesmo pó da terra amaldiçoada pelo pecado como aquelas pessoas que Ele veio a salvar.

“E visto como os filhos participam da carne e sangue, também Ele participou das mesmas coisas, para que pela morte aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo.” *Hebreus* 2:14.

Esta verdade é tão vital para a salvação que inevitavelmente vem sob um pesado ataque do inimigo e suas forças. Por esta razão, muitos religiosos afirmam que Cristo veio numa carne e sangue diferentes daqueles que carrega a humanidade desde a queda de Adão. Para apoiar a sua afirmação, usam as Escrituras que, quando tomadas só por si, podem fazer parecer que apoiam os seus ensinamentos.

Mas os que contemplam a revelação da encarnação de Cristo que Jeová providenciou no santuário, compreendem definitivamente as duas naturezas muito diferentes que estavam misteriosamente combinadas em Cristo. Uma natureza era totalmente de cima; era divina, perfeita, sem pecado e imoral. A outra era composta do mesmo pó encontrado nos materiais dos quais o santuário foi construído e era portanto pecaminoso, mortal, e podia morrer e realmente morreu. Deve salientar-se que embora Cristo tivesse carne pecaminosa, nunca foi carne pecadora.

A palavra de Deus especificamente declara que o santuário era uma figura da natureza de Cristo na encarnação.

“E o verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a Sua glória, como a glória do Unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade.” *João* 1:14.

“Deus ordenou a Moisés acerca de Israel: ‘E Me farão um santuário, e habitarei no meio deles’, (Ex. 25:8) e habitou no santuário, no meio de seu povo. Durante toda a fatigante peregrinação deles no deserto, o símbolo de Sua presença os acompanhou. Assim Cristo estabeleceu no meio de nosso

acampamento humano. Estendeu Sua tenda ao lado da dos homens, para que pudesse viver entre nós, e tornar-se familiar com o Seu carácter e vida divinos. ‘O verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a Sua glória, como a glória do Unigénito do pai, cheio de graça e de verdade.’ (João 1:14)” *O Desejado de Todas as Nações*, 19.

Estes testemunhos claramente ensinam que o tabernáculo de Cristo foi o Seu corpo físico que Ele ocupou enquanto esteve na terra exactamente como tinha habitado na tenda no deserto. Como Moisés construiu o templo no passado com o pó da terra amaldiçoado, assim o corpo de Cristo foi formado do mesmo pó. Todas as vezes que o Seu povo ia ao santuário, Deus pretendia que esta verdade brilhasse sobre eles com raios cada vez mais brilhantes e mais claros.

O Senhor bem sabe que quando o seu povo perde a verdade que é o mistério de Deus – Cristo em vós a esperança da glória – não mais tem o evangelho da salvação e já entrou em apostasia. O presente é exactamente como uma época de trevas marcada de ignorância muito espelhada acerca da natureza de Cristo enquanto esteve na terra. Há vitórias teorias acerca de como o Salvador habitou entre os homens, mas muito poucos ensinam a simples verdade revelada no santuário que Ele veio com a mesmíssima carne e sangue como o que é possuído por aqueles a quem Ele veio redimir.

Os templos estabelecidos na terra ensinavam a natureza do homem tal como ele é sem a imortalidade. Quando o edifício estava ocupado por Deus, simbolizava a vida cristã; mas quando a presença divina partia, o edifício não permanecia vazio; ele tornava-se a morada de Satanás. Nessa altura representava a alma não regenerada que, por ser casada com Satanás, alimentava a sua semente tendo como resultado a saída de uma colheita de maus frutos. É óbvio que a presença de Deus não podia habitar onde a presença de Satanás estava estabelecida. Portanto, o diabo tem de ser desarraigado antes de Deus poder entrar. Outro templo, a Nova Jerusalém, ilustra a natureza dos remidos como eles serão no Paraíso. Deus continuará a ser o ocupante daquele templo e das vidas simbolizadas por ele, mas o edifício em si mesmo será construído com materiais sobre os quais a maldição do pecado nunca repousará. Portanto nunca passará. Semelhantemente, os salvos terão corpos compostos de materiais que nunca conheceram o pecado e viverão tão eternamente como a Nova Jerusalém.

Ao colocar o santuário no meio do acampamento onde o povo podia ver a presença de Deus brilhando do seu interior, Deus estava a dar-lhes um sinal para os lembrar diariamente a verdade que Cristo neles era a sua esperança de glória. Esperava-se que eles meditassem continuamente neste tema de modo que ele nunca se tornasse uma trivialidade ou meramente aceitá-lo como verdadeiro. Enquanto assim fizessem, estavam a crescer na graça à medida que o conhecimento deste mistério se tornasse cada vez mais e mais claro para eles.

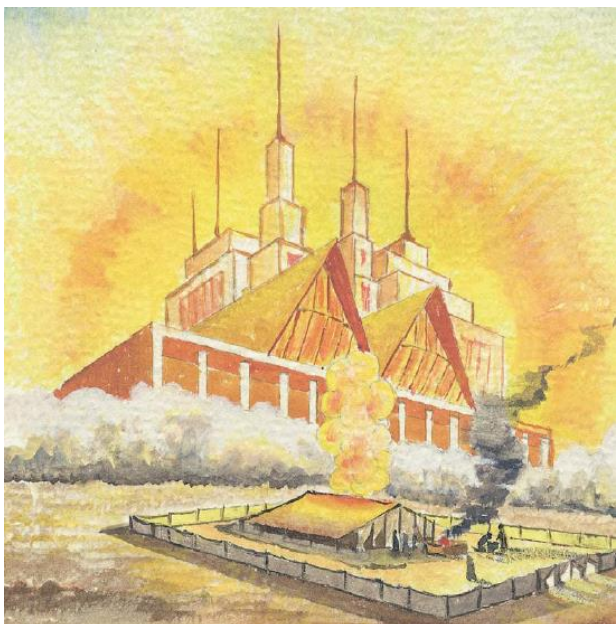
Este requisito não mudou. Nenhum crente deve descansar até que compreenda profundamente como o seu corpo deve ser o templo do Espírito Santo. Passou muito tempo desde que a presença de Deus brilhava visivelmente de um tabernáculo construído com materiais terrestres, mas isto não privou a alma do seu maravilhoso testemunho. Os relatos da sua construção e serviços estão escritos nas Escrituras, convidando o dedicado estudante a contemplar frequentemente as suas revelações do caminho de Deus para a salvação.

Todos deviam compreender a sua necessidade de procurar e encontrar estas verdades até que vivam tão dentro delas que brilharão com o amor e graça de Deus onde quer que ninguém esteja satisfeito meramente com a chegada ao entendimento casual destas coisas.

Cavai profundamente pelo tesouro e quando o encontrardes, não permiti que sintais que chegastes e não precisais de procurar mais. Tratai diariamente com estes temas de modo que continuamente tenhais progresso numa experiencia que está sempre a expandir-se e a encher-se de poder.

“A humanidade do Filho de Deus é tudo para nós. É a corrente de ouro que liga as nossas almas a Cristo, e através de Cristo a Deus. Esta deve ser o nosso estudo. Cristo foi um homem real; Ele deu prova da Sua humildade ao tornar-se um homem. No entanto Ele era Deus na carne. Quando abordamos este assunto, faríamos bem prestar atenção às palavras ditas por Cristo a Moisés na sarça ardente, ‘tira os teus sapatos de teus pés, porque o lugar em que tu estás é terra santa.’ (Ex. 3:5).

Devíamos aproximar-nos deste estudo com humildade de um aprendiz com um coração contrito. E o estado da encarnação de Cristo é um campo que dá fruto, que compensará aquele que busca cavando profundamente à procura de verdades escondidas.” The Youth’s Instructor, 13 de Outubro de 1898. (Mensagens aos Jovens).



A Mensagem para o nosso Tempo
(Publicado na revista “The Messenger and News Review”, Novembro 1981)

Capítulo 19

Porquê Carne Pecaminosa?

As evidências consideradas no último capítulo confirmam que Cristo veio na mesma caída carne e sangue, que cada um e nós temos. Deus não teria requerido a menos que fosse estritamente necessário. Ele teria permitido que o Salvador aparecesse na terra numa humanidade diferente.

Porque então, teve Jesus que vir desta maneira? Porque não podia Ele ter aparecido na carne santa sem pecado, como a que Adão possuía antes de cair?

Quanto mais profundamente os cristãos compreendam as respostas a estas questões, tanto mais eficaz serão no enfrentar as subtis tentações provocadas pelo poder das trevas, por isso devotaremos este capítulo à discussão destas interrogações.

Desde o princípio, será suposto que não há dúvida acerca do facto que Cristo tinha que percorrer todo o caminho na mesma carne e sangue com que nós estamos sobrecarregados. Aqui está um testemunho que confirma isto.

“Cristo é a escada que Jacó viu, tendo a base na terra, e o topo chegando à porta do Céu, ao próprio limiar da glória. Se aquele houvesse deixado de chegar à terra, por um único degrau que fosse, teríamos ficado perdidos. Mas Cristo vem ter connosco onde nos achamos. Tomou nossa natureza e venceu, para que, revestindo-nos de Sua natureza, nós pudéssemos vencer. Feito ‘em semelhança da carne do pecado’, (Rom. 8:3) viveu uma vida isenta de pecado. Agora, por Sua divindade, firma-se ao trono do Céu, ao passo que, pela Sua humanidade, Se liga a nós. Manda-nos que, pela fé n’Ele, atinjamos à glória do carácter de Deus. Portanto, devemos ser perfeitos, assim como ‘é perfeito vosso Pai que está nos Céus’”. *O Desejado de Todas as Nações*, 293, 294.

Não Necessário para Comunicação

Quando Cristo foi originalmente gerado na forma de um anjo, o propósito básico era estabelecer perfeita comunhão através da inabitada comunhão entre o Criador e as Suas criaturas.

Contudo, quando o pecado se colocou entre o homem e Deus, descesse mais baixo a fim de comunicar com o homem. Isto é provado pelo facto que Cristo pessoalmente falou com vários humanos durante o tempo do Velho Testamento antes de tomar a caída, natureza humana pecaminosa do homem. Foi o próprio Cristo que veio a Abraão antes da incineração de Sodoma, que lutou com Jacó, que falou face a face com Moisés, Josué, Gideão, e os pais de Sansão, e que deu a lei no monte Sinai. Ele conseguiu tudo isto e mais sem participar da mesma carne e sangue daqueles com quem comunicou.

Evidentemente, que a comunhão não foi tão íntima como foi no Éden, nem o salvador fala directamente aos ímpios, mas a ligação ali estava apesar disso. Homens santos como Moisés receberam as palavras da inspiração e passaram-nas àqueles com quem Cristo não podia falar face a face. Não havia véu, nem barreiras, nem mensageiros no meio.

Enquanto não era necessário a Cristo vir em caída, carne pecaminosa a fim de comunicar com o homem caído, Ele teve mesmo que descer a este nível para levar os salvos onde a perfeita comunhão e comunicação será restaurada.

A fim de alcançar este maravilhoso propósito, Cristo tinha que realizar várias missões importantes, cada uma na mesma carne e sangue que os pecadores a quem veio salvar possuíam. Tinha que expor a mentira da Satanás, que diz que a humanidade caída não podia guardar a lei, demonstrando ser isso possível; foi-lhe necessário mostrar o contraste entre os caracteres de Deus e de satanás manifestando a justiça do Senhor, enquanto a iniquidade de Satanás aparecia no seu pior; Ele tinha que casar com a humanidade a fim de dar vida aos homens; tinha que morrer para pagar a penalidade que os homens nunca podiam enfrentar por isso mesmo. Teria sido impossível a Cristo fazer qualquer destas coisas se viesse com carne santa.

Consideremos cada uma destas responsabilidades resumidamente.

Mostrando que a Lei Podia ser Guardada

Satanás é um mentiroso empenhado em destruir todos os homens através do engano. Ele reivindicava que a lei de Deus é um jugo de servidão que não pode ser guardada por seres humanos criados, e que Deus é injusto ao punir as Suas criaturas por não guardarem uma lei que de qualquer maneira não pode ser guardada.

Foi quando Deus desafiou Satanás acerca da justiça de Jó, que ele claramente declarou a sua posição sobre a lei. Elifaz, o Temanita era um dos principais porta-vozes de Satanás. Este homem a quem Deus condenou em Jó 42:7 como um que não falava a verdade, reclamou directa inspiração quando disse:

“Pode o homem mortal ser justo diante de Deus?”

“Pode o homem ser puro perante o seu Criador?”

“Mesmo nos Seus servos não pôs verdade, e nos Seus anjos encontra loucura:

“Quando menos naqueles que habitam em casas de lodo cujo fundamento está no pó, e são machucados como traça?”

Satanás não só insinua que os homens não podem guardar a lei, mas acusa Deus de não ter confiança na capacidade dos anjos para lhe obedecer.

“Satanás apresenta a divina lei de amor como uma lei de egoísmo. Declara que nos é impossível obedecer-lhe aos preceitos.” *O Desejado de Todas as Nações*, 20.

Satanás luta com considerável sucesso para convencer os homens que a obediência à lei está para além das suas capacidades pois ele sabe que se eles acreditaram nesta mentira, nunca atingirão a obediência, fortalecerão o seu reino, e perderão a vida eterna.

Era impossível a Deus estabelecer esta questão pela declaração, por isso enviou o Seu Filho ao mundo para demonstrar a falsidade das acusações de satanás vivendo uma vida de perfeita justiça, mesmo apesar de revestido pela caída, humanidade pecaminosa. Cristo fez aquilo para que foi enviado. Viveu uma vida sem pecado em carne pecaminosa, por conseguinte provando para sempre que qualquer que permitisse ao Salvador combinar a Sua divindade com aquela humanidade do homem, e que vivesse em sujeição a Deus como Ele fez, podia semelhantemente viver uma vida sem pecado na carne pecaminosa.

É por isto que a bíblia diz que Cristo é o nosso exemplo em todas as coisas. “Porque para isto sois chamados: pois também Cristo padeceu por nós, deixando-nos o exemplo, para que sigais as Suas pisadas.” I Pedro 2:21.

Em face disto, Cristo podia fazer a promessa da vida eterna a todos aqueles que vencessem como Ele venceu.

“Ao que vencer lhe concederei que se assente comigo no Meu trono; assim como Eu venci, e Me assentei com Meu Pai no Seu trono.” Apoc. 3:21.

“Como Cristo viveu a lei na humanidade, assim nós podemos fazê-lo se nos apegarmos ao forte em busca de força.” *O Desejado de Todas as Nações*, 642.

Muitos versículos e testemunhos podem ser citados para estabelecer estes factos, mas o ponto principal a ser tratado neste capítulo é porquê, a fim de cumprir estes objectivos, Cristo tinha que vir na mesma carne como a dos filhos a quem veio salvar.

Satanás disse que a lei não podia ser guardada pela humanidade caída. Cristo veio para provar que ela podia ser guardada. Se o Salvador tivesse recusado descer e guardar a lei na mesma humanidade caída na qual aos homens é exigido prestar esta obediência, não somente Ele teria falhado em expor a mentira de Satanás mas ainda pior, tê-lo-ia confirmado.

No momento em que Deus declarou que a lei podia ser guardada por uma pessoa na caída, carne pecaminosa desde que tivesse a justiça de Cristo naquela humanidade, o Salvador estava totalmente empenhado em demonstrar a prova daquelas palavras enquanto esteve naquele tipo de corpo. Qualquer recusa da Sua parte em fazer todo o caminho até onde o homem se encontrava, podia apenas ser interpretado pelos homens e demónios como uma admissão que não podia ser feita naquele nível. Todo o homem na terra estaria desse modo livre de qualquer responsabilidade para obedecer aos mandamentos de Deus. Não há de surpreender então verificar que naquelas igrejas onde ensinam que Cristo não veio na mesma carne e sangue que os filhos, é também ensinado que nenhum homem pode guardar a lei até à perfeição. Isto tem que ser assim, porque as duas posições são consistentes entre si. Os membros estão seguros que Cristo guardou a lei por eles, deixando-os com a única responsabilidade de deixar Cristo permanecer no Seu lugar até receberem a carne santa no segundo advento. Desde que tenham esta exaltada carne, ensinam os seus mestres, guardarão então a lei exactamente como Jesus fez quando estava na mesma carne.

Este ensinamento aplica-se a Satanás em relação à perfeição que é o motivo pelo qual ele o inventou. Aqueles que proclamam que Cristo não veio na pecaminosa, humanidade caída, privam-No de que qualquer possibilidade de fazer aquilo para que foi enviado – expor a mentira de satanás e assim derrotá-lo. Se este ensinamento fosse verdadeiro, as acusações de Satanás contra o governo divino eram justas e todos precisam juntar-se na sai rebelião contra o altíssimo.

Mas isto não podemos fazer porque o ensinamento é errado. Os acontecimentos do grande conflito deixa-nos sem opção senão, crer que Cristo tinha que vir na mesma carne e sangue que nós temos.

Contrastando os caracteres de Deus e de Satanás

Muito proximamente relativo à questão se a lei podia ou não ser guardada, está a questão sobre o carácter do Deus de amor.

No princípio, Satanás determinou exaltar-se a si mesmo ao lugar mais elevado no Céu, mas para fazer isto, ele tinha que afastar Deus das afeições das hostes celestiais e ganhar a sua lealdade para si mesmo. O seu método era o carácter de Deus, um procedimento em que ele foi altamente vitorioso. Nos corações de toda a criatura convencida por suas mentiras, rebelião foi gerada, e a escura noite do pecado e aí estabeleceu-se sobre a terra.

“Lucifer, o querubim cobridor, desejou ser o primeiro no céu. Procurou dominar os seres celestes, afastá-los do Seu Criador, e receber-lhes, ele próprio, as homenagens. Portanto, apresentou falsamente a Deus, atribuindo-lhe o desejo de exaltação própria. Tentou revestir o amável Criador com seus próprios maus característicos. Assim enganou os anjos. Assim enganou os homens. Levou-os a duvidar da Palavra de Deus, e a desconfiar de Sua bondade. Como o Senhor seja um Deus de justiça e terrível majestade, Satanás os fez considerá-Lo como severo e inclemente. Assim arrastou os homens a se unirem com ele em rebelião contra Deus, e as trevas da miséria baixaram sobre o mundo.” Idem 17.

Havia apenas um caminho pelo qual este espírito de rebelião podia ser controlado e eliminado e que era a remoção da sua causa – a má interpretação do carácter do amor de Deus. Se isto não fosse realizado, o diabo multiplicar-se-ia por todo o universo, destruindo-o à medida que avançasse.

Havia apenas um Ser no universo que podia resolver este problema e esse era Jesus Cristo. Somente Ele, que era igual ao Pai, podia tornar conhecido o Seu carácter. Não até que esta missão fosse cumprida podia a grande controvérsia ser terminada. Muitos têm apoiado pontos de vista limitados acerca da luta, supondo que o único propósito da vinda de Cristo a esta terra era morrer pela raça humana a perecer. Este era um aspecto relativamente menor, porque tanto Deus como Satanás estavam jogando limites mais elevados do que este pequeno mundo. O futuro de todo o universo estava em causa.

Se Satanás pudesse provar as suas mentiras acerca de Deus, então a rebelião com certeza espalhar-se-ia por todo o reino, mas se ele pudesse ser exposto, então seria limitado a esta terra e completamente destruído.

A prova que Cristo veio para realizar muito mais do que salvação do homem é dada nas palavras pronunciadas antes de morrer “está consumado”. *João* 19:30.

Se Cristo tivesse que vir apenas para morrer pela humanidade, não teria dito estas palavras até que viesse a manhã da ressurreição, ou, precisamente antes de morrer teria anunciado, “está prestes a acontecer”. Em vez de ter dito, “está consumado”. Depois morreu.

“Cristo não entregou Sua vida antes que realizasse a obra que viera fazer, e ao exaltar o espírito, exclamou: ‘Está consumado’. Ganhara a batalha. Sua dextra e Seu santo braço lhe alcançaram a vitória. Como vencedor, firmou Sua bandeira nas alturas eternas. Que alegria entre os anjos! Todo o Céu triunfou na vitória do Salvador. Satanás foi derrotado, e sabia que seu reino estava perdido.” *O Desejado de Todas as Nações*, 728.

Primeiramente Cristo completou a obra que veio fazer e então morreu pela humanidade decaída. Essa obra foi ganhar a vitória sobre Satanás pela destruição de uma grande arma que Satanás usou para enfraquecer o reino de Deus – a falsa representação do carácter de Deus.

É impossível exagerar o significado e importância dessa vitória. Sem isso, a salvação do homem nunca podia ter sido alcançada, o universo não podia ter sido purificado do cancro do pecado, e a alegria e paz eterna teria sido banida de todos os lugares dos domínios de Deus.

Cada crente necessita de estudar o carácter de Deus enquanto se relaciona com os acontecimentos do grande conflito até que compreenda quão essencial foi e ainda é que as mentiras de Satanás acerca do Pai eterno sejam expostas. Todos precisam compreender que não haveria vida eterna para qualquer dos remidos se Cristo não tivesse obtido essa vitória.

Para alcançar isto, Ele tinha que manifestar o carácter de Deus no seu maior resplendor “em contraste com o carácter de Satanás”. Idem 17. Ambos tinham que ser colocados lado a lado para serem completamente manifestados.

Foi na cruz que estes objectivos foram alcançados. Ali, quando Satanás viu que os seus melhores esforços na tentativa de levar Cristo a pecar se provaram inúteis, foi forçado em completo desespero a tirar os seus disfarces e soltar as últimas reservas do mal contra o Salvador. Os espectadores habitantes do universo ficaram horrorizados perante a extensão do mal a que Satanás estava a chegar. Simultaneamente, eles estavam aterrados com maravilha perante o amor, paciência, espírito perdoador, eterna misericórdia que marcou o comportamento de Cristo.

A derrota que Satanás sofreu na cruz limitou a sua influência a este mundo e preparou o caminho para o breve dia vindouro em que a sua capacidade para estimular a rebelião na humanidade acabará, e verificará que está sozinho sem ninguém para o ajudar. No final do milénio a última confrontação terá lugar em que Deus mostrará aos expectantes habitantes desta terra tudo o que foi revelado dos caracteres de Deus e de Satanás através do ministério e sacrifício de Cristo. A resposta universal dos justos e também dos ímpios será, que os caminhos de Deus são justos e rectos e nenhuma falta pode ser encontrada n'Ele. Então a grande e maravilhosa eternidade será introduzida livre de qualquer traço de pecado e sua consequente miséria.

Tudo isto é tomado possível por causa da obra que Cristo veio fazer. Essa tarefa nunca podia ter sido realizada se Cristo não tivesse vindo na mesma carne e sangue que nós temos. A chave para compreendermos isto está nas palavras “conhecer Deus é amá-Lo; Seu carácter deve ser manifestado em contraste com o de Satanás! Idem 17.

Duas coisas não podem ser efectivamente contrastadas a menos que sejam colocadas lado a lado. Era impossível a Cristo manifestar o carácter de Deus em contraste com o carácter de Satanás enquanto permanecem no Céu, e Satanás não pudesse reentrar no Paraíso para o contraste ser mostrado ali. Por conseguinte, se Satanás não podia ir a Cristo, Cristo tinha que ir a ele.

Satanás estava manifestando o seu carácter em baixo nesta terra através de homens que possuíam carne e sangue fracos e mortais. Cristo tinha que ir ao mesmo lugar a fim de revelar o carácter de Deus lado a lado com o de Satanás. Se Ele tivesse falhado por um único degrau em unir a Sua divindade com a nossa humanidade caída, a demonstração requerida não podia ter sido dada, Satanás não teria sido derrotado, e o universo estaria perdido.

Ensinar que Cristo veio em carne e sangue sem pecado e removê-lo do único lugar onde Ele podia efectivamente demonstrar o carácter de Deus em contraste com o carácter de Satanás.

O Seu Casamento com a Humanidade

Quando Adão, o original dador de semente, cometeu pecado, a única herança que ele podia então transmitir era a morte, em consequência, a humanidade estava a enfrentar a extinção a menos que uma nova fonte de vida pudesse ser encontrada. Por causa da lei da progenitura neste mundo ditar que essa vida pode somente ser adquirida de uma semente, a fonte de vida alternativa teria que ser um dador de semente em que estivesse a vida eterna.

Felizmente para a humanidade, Jesus Cristo ofereceu-Se para desempenhar este papel. Na vista de todos os que estão dispostos a receber isto, Ele planta a Sua divina semente, e são regenerados com vida eterna, e a ameaça de extinção é afastada.

Somente aqueles que recebem a vida na semente de Cristo sobreviverão à maldição e viverão. Todos os outros seguramente perecerão.

Cristo está mais do que disposto a implantar esta semente, mas Ele só pode fazê-lo dentro do âmbito da lei que declara que não pode haver implantação de semente fora do casamento. Portanto, tinha que casar com a humanidade a fim de implantar ali a Sua semente.

Ele tinha que casar a humanidade que vinha salvar e essa era uma humanidade sobre a qual repousava a maldição do pecado. Se Cristo tivesse que vir em carne santa como muitos dizem que Ele veio, teria casado a Sua humanidade numa relação distante do povo que precisava da Sua vida. Sob estas circunstâncias não teria direito legal para implantar a Sua semente na humanidade caída e o homem pecaminoso estaria condenado, pois Cristo não transgride a lei.

Portanto, a única carne e sangue em que Cristo podia vir para dar ao homem o dom da regeneração, era a caída carne e sangue pecaminosos.

Mas esta não foi a única razão porque Cristo tinha que casar com a caída, carne pecaminosa. Ele tinha que fazer isto para readquirir a possessão do Seu reino perdido.

Quando a grande crise começou no Céu e Satanás exigiu que Cristo descesse de modo a poder substituí-Lo, o Filho unigénito de Deus, na verdade, desceu. Ele deixou de ser o Rei dos reis e o Senhor dos senhores e Ele não readquirirá o Seu reino até ao final da provação. Acerca desse maravilhoso momento está escrito:

“Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha na nuvem do céu um como o Filho do homem; e dirigiu-se ao Ancião de dias, e o fizeram chegar até Ele.

“E foi-lhe dado o domínio e honra, e o reino, pra que todos os povos, nações, e línguas O servissem; O Seu dominio é um domínio eterno, que não passará, e o Seu reino o único que não será destruído.” *Daniel 7:13,14.*” A vinda de Cristo aqui descrita não é a Sua segunda vinda à terra. Ele vem ao Ancião de dias, no Céu, para receber o domínio, a honra, e o reino, os quais lhe serão dados no final de Sua obra de Mediador.” *O Conflito dos Séculos*, 497.

Então virá o Seu casamento com a Nova Jerusalém.

“E veio um dos sete anjos que tinha as sete últimas pragas, e falou comigo dizendo: Vem, mostrar-te-ei a esposa, a mulher do Cordeiro.

“E levou-me em espírito a um grande e alto monte, e mostrou-me a grande cidade, a santa Jerusalém, que de Deus descia do Céu.” *Apoc. 21:9,10.*

Quando Cristo estiver casado com a nova Jerusalém, que na realidade é a Sua recuperação do reino universal, a família humana serão os convidados, não a noiva.

“Claramente, pois, a esposa representa a santa cidade, e as virgens que saem ao encontro do Esposo são o símbolo da igreja. No Apocalipse é dito que o povo de Deus são os convidados à ceia das bodas. (*Apoc. 19:9*). Se são convidados, não podem ser também representados pela esposa.” *O Conflito dos Séculos*, 425.

“Assim, meus irmãos, também vós estais mortos para a lei pelo corpo de Cristo, para que sejais doutro, daquele que ressuscitou dentre os mortos, a fim de que demos fruto para Deus.” *Rom. 7:4.*

Semelhantemente, antes de Cristo poder ser o noivo, essa maravilhosa união entre Si mesmo e o reino restaurado, tinha que casar com a família humana. Isto era absolutamente necessário de modo que Ele pudesse realizar aqueles serviços que destruiriam as acusações de Satanás contra Deus e tornar possível o eterno estabelecimento do santo império.

Esta separação do reino de Deus, a vinda de Cristo à maior das profundidades, e a Sua ascendência a mais elevada posição nos Céus, está tudo ilustrado profeticamente na visão dada a Nabucodonosor e relatada em *Daniel 2*. A grande pedra representando Cristo foi cortada do monte que simbolizava o reino de Deus. Enquanto nesse estado de separação do Seu trono da glória, Cristo atingiu a imagem nos pés, destruiu-a completamente, e depois tornou-se um rei de tal magnitude e poder que o Seu domínio encheu o universo.

Como a pedra atingiu a imagem nos pés, o seu ponto mais baixo, assim Cristo desceu a um corpo humano quando os homens caíram na sua maior decadência. A hereditariedade que Ele adquiriu não podia ter sido pior. “O engano do pecado atingira sua culminância. Todos os meios para depravar a alma dos homens haviam sido postos em operação.” Mas Jesus aceitou a humanidade quando a raça havia sido enfraquecida por quatro mil anos de pecado. Como qualquer filho de Adão, aceitou os resultados da operação da grande lei da hereditariedade. O que estes resultados foram, manifestam-se na história de Seus ancestrais terrestres. Veio com essa hereditariedade, para partilhar de nossas dores e tentações, e dar-nos o exemplo de uma vida impecável.” *O Desejado de Todas as Nações*, 36, 41.

A Sua Morte Sacrificial

Todo o professor na religião “cristã” concorda que Cristo tinha que morrer para que o homem fosse salvo. Havia um débito a pagar, uma penalidade a ser sofrida que, a menos que fosse suportada por um substituto sofredor, para sempre destruiria a raça humana.

Quando se considera o incomparável sacrifício do Salvador, há certos factos que confirmam que a única carne e sangue que Cristo podia ter tomado era a caída, pecaminosa, humanidade mortal, porque esta é a única espécie que pode morrer.

O pecado sempre precede a morte. A morte não passou a Adão e Eva até que eles tivessem cometido a sua primeira transgressão. Antes desse tempo, os seus corpos não estavam sujeitos à dissolução.

“Pelo que, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens por isso que todos pecaram.” Rom. 5:12.

Portanto, se Cristo tivesse que vir como um Deus sem pecado, não podia ter morrido porque isso teria sido impossível. “Jesus Cristo deixou as Suas vestes reais, a Sua coroa real, e vestiu a Sua divindade com a humanidade, a fim de se tornar um substituto e garantia para a humanidade, para que morrendo na humanidade pudesse pela Sua morte destruir aquele que tinha o poder da morte. Ele não podia ter feito isto como Deus, mas vindo como homem Cristo podia morrer.” Carta 97, 1898.

“Quando Cristo foi sacrificado, foi a Sua natureza humana que morreu; a divindade não enfraquece e morre; isso teria sido impossível.” S.D.A. Bible Commentary, 5:1113.

Uma pessoa não pode verdadeiramente pregar que Cristo veio na carne sem pecado como a que possui Adão antes de cair, e, ao mesmo tempo, ensinar que Ele morreu pela raça humana. As duas posições são totalmente incompatíveis e contraditórias. Contudo, se essas pessoas que crêem que Cristo veio em carne sem pecado fossem acusadas de negar que Cristo morreu no Calvário, teriam rido desdenhosamente. Eles estão tão espiritualmente cegos para compreender o simples princípio que a morte só pode reinar onde o pecado já está estabelecido. Em consequência, Cristo apenas podia morrer por causa de ter carne e pelo pecado no qual todos nós moramos.

Em Resumo

Não importa que aspecto do ministério de Cristo é considerado, era-lhes indispensavelmente necessário ter tido a mesma pecaminosa, caída, carne e sangue mortais que o povo que Ele veio salvar. Doutra modo Ele nunca podia ter realizado a Sua obra e tudo estaria perdido.

Se fosse verdade que, como muitas igrejas hoje pregam, Ele veio com a mesma carne e sangue sem pecado como Adão tinha antes de cair, então:

Ele não podia ter provado que Satanás é um mentiroso quando afirma que a lei de Deus não pode ser guardada. Isto teria perdido a grande controvérsia a Satanás;

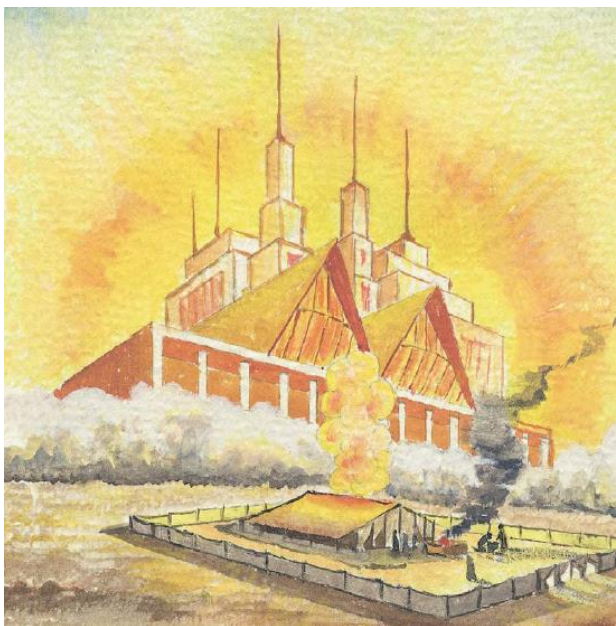
Ele não podia ter manifestado o carácter de Deus em contraste com o de Satanás. Satanás teria permanecido invencível e a chaga do pecado ter-se-ia espalhado por todo o universo.

Ele não teria casado com a humanidade, tendo como resultado que nunca nenhum homem podia receber a vida eterna que é válida apenas através da implantação da semente de Cristo;

Ter-lhe-ia sido impossível morrer pelos pecadores.

Não admira que nos seja dito que “a humanidade do Filho de Deus é tudo para nós. E a corrente de ouro que liga as nossas almas a Cristo, através de Cristo a Deus. Este deve ser o nosso estudo.” Mensagens aos Jovens, Outubro 13, 1898.

Neste capítulo tem sido feito um esforço para mostrar a relação entre a natureza de Cristo e a Sua divina missão. O estudante precisa estudar estas coisas até que possa vê-las por si mesmo. Como os israelitas do passado foram admoestados a fazer, temos que orar cada dia para o santuário e ver nele tanto a revelação da dupla natureza de Cristo e o elevado e santo ideal que o Senhor tem dado para todos os crentes.



A Mensagem para o nosso Tempo
(Publicado na revista “The Messenger and News Review”, Dezembro 1981)

Capítulo 20

O Adorno Interior – I

Como tem sido mostrado nos últimos dois capítulos, o santuário com maravilha e exactidão retrata a natureza que Cristo tinha na Sua incarnação, e representa a misteriosa combinação da divindade sem pecado e da humanidade pecaminosa encontrada em cada cristão verdadeiramente renascido. Mas esta não é a única lição ensinada pelo próprio edifício. Cada aspecto da sua construção devia ser uma lição objectiva para Israel e para o mundo acerca do que Deus pretendia que os Seus filhos fossem.

Exteriormente era muito simples e sem adornos, mas, interiormente era uma estrutura de ofuscante beleza. Era coberto por quatro camadas de material, sendo a primeira camada “dez cortinas de linho fino torcido, e azul, púrpura, e carmesim; com querubins as farás de obra esmerada.” *Êxodo* 26:1.

A segunda camada era uma cobertura feita de pelos de cabra (vers. 7-13), a terceira peles de carneiro, tintas de vermelho, e a quarta parte peles de texugo (vers. 14). A leitura da margem indica que as peles de teixugo eram na realidade peles de golfinho, como é confirmado no seguinte testemunho.

“O tecto era formado por quatro jogos de cortinas, sendo a mais interior de ‘linho fino torcido, e azul, púrpura, e carmesim; com querubins as farás de obra esmerada’ (*Êxodo* 26:1) margem; as outras três eram respectivamente de pelo de cabra, pele de carneiro tingida de vermelho, e pele de golfinho, dispostas de tal maneira que proporcionassem protecção completa.” *Patriarcas e Profetas*, 347.

É difícil imaginar uma cobertura menos atractiva do que peles de golfinho. Qualquer que tenha estado num museu de história natural e vistas recheadas e armadas carcaças de baleias, tubarões, golfinhos e outras criaturas marinhas, lembrarão o aspecto apagado, cinzento, sem vida, das peles

nestas exposições. Comparado com a brilhante, animada beleza daquelas peles quando os seus proprietários estão vivos e nadando nas frias profundidades do oceano, que contraste há entre os dois.

Quando aquelas peles eram usadas como coberturas do santuário, não só estavam mortas, como também estavam longe seu habitat natural. O calor seco do deserto sob um empolante sol era um completo contraste das frias, húmidas, refrescantes condições das profundidades do oceano.

Que acurada representação é esta da situação em que os verdadeiros filhos de Deus são colocados. Esta terra, em comparação com a beleza sem par do Éden, é um desolador deserto – árido, nu, e sem vida. Como aquelas peles de golfinho estavam separadas do seu habitat natural, assim o povo de Deus está situado longe da bela terra que é sua por direito, e exactamente como os israelitas tinham que marchar através daquela desolação para alcançar a terra prometida, assim os cristãos não vão imediatamente para o céu quando são convertidos, mas devem passar tempo jornadaando através deste triste mundo, antes de poderem entrar no Paraíso.

Quando essa bela terra de vida eterna e encanto for alcançada, o povo de Deus possuirá uma beleza exterior que está para além da nossa imaginação. Não mais estarão eles vestidos em corpos de morte como era o santuário coberto com peles mortas. Eles brilharão como belas flores na bem-aventurança da eterna juventude e vitalidade. Dessa desejável situação, a Nova Jerusalém é um símbolo apropriado.

Os cristãos devem de compreender que é o seu destino aqui ser privado do adorno do exterior. Quando aceitam isto, descansam felizes, sabendo que a área em que se concentrar é a beleza interior de um carácter como o de Cristo. Pedro compreendeu este princípio muito bem e aconselhou conformemente.

“O enfeite delas não seja o exterior, no frisado dos cabelos, no uso de jóias de ouro, na compostura de vestidos;

“Mas o homem encoberto no coração; no incorruptível traje de um espírito manso e quieto, que é precioso diante de Deus.” I Pedro 3:3,4.

Aqueles que estão profundamente interessados no desenvolvimento de uma preparação espiritual para o Céu, não terão dificuldade com o adorno exterior. Devoção à moda é uma evidência, se a pessoa em causa está disposta a ver isso, como uma definida falta de vida espiritual e uma preocupação com os interesses mundanos. A aprovação dos outros é muito mais importante para eles do que a aprovação do Céu.

Aqueles que têm sucesso em ganhar a estima dos outros precisam compreender que embora o mundo admire finas vestes e caros ornamentos, pessoas há que são ainda mais impressionadas quando entram em contacto com o brilho exterior de um espírito genuinamente cristão. Enquanto muitos não estão preparados para fazer os sacrifícios necessários para recebera justiça de Cristo, apreciam realmente estas virtudes nos outros. Aquilo que brilha no interior é de longe mais valioso do que aquilo que adorna o exterior.

Quando os israelitas olhavam para o santuário do Velho Testamento, não era a monotonia de cobertura exterior que os impressionava, mas a maravilhosa glória de Deus que brilhava do interior. Eles não podiam ver o altar de ouro, o castiçal, a mesa dos pães asmos, e a arca, embora soubessem que eles estavam ali, mas podiam ver o brilho da luz do shekinah que não podia ser totalmente contido dentro do edifício.

Cada artigo do mobiliário ensinava lições de grande importância. Expecto para o castiçal que era de ouro puro, o mobiliário era feito de madeira de acácia revestida de ouro puro. Assim este valioso material tornou-se o metal predominante usado dentro do próprio santuário. Prata, talhando as bases das colunas nas quais assentavam as tábuas formando as paredes da estrutura, era secundária ao ouro.

O Senhor indicou o uso do ouro no santuário porque este metal tem um significado espiritual muito significativo. Ele representa “a fé que opera por amor.” *Parábolas de Jesus*, 158.

É a fé que trás a alma arrependida à harmonia com Deus e a prepara para a terra renovada. Sem fé viva ninguém pode agradar a Deus, porque de nenhuma outra forma pode ser feita uma ligação salvadora com o Altíssimo. A fé deve ocupar um lugar tão amplo na experiência humana que

literalmente preenche todo o ser e nenhuma acção deve ser tomada aparte dela. O cristão deve caminhar pela fé e apenas pela fé. Qualquer passo que dê em descrença é caminhar separado de Deus, a Fonte da vida e de toda a bênção.

Qualquer coisa feita com fé verdadeira e com correcto procedimento será incondicional sucesso. Tudo o que é feito doutro modo, falhará no final. A história da igreja de Deus demonstra esta fé viva.

Por causa de a fé desempenhar uma parte tão ampla na bem sucedida realização espiritual e serviço cristão, Deus ordenou que o ouro que a simbolizava, fosse usado em todo o edificio. Enquanto o Seu povo contemplava este belo material cobrindo as tábuas das paredes e todas as peças do mobiliário, deviam ver como a fé devia manter o seu verdadeiro lugar em cada parte das suas naturezas físicas, mental e espiritual.

A verdadeira fé embeleza a vida como nada mais pode fazer porque o seu correcto exercício enche a vida com os maravilhosos atributos do Salvador. Semelhantemente, o abundante uso do ouro no tabernáculo produziu um efeito de ofuscante brilho e esplendor.

“Nenhuma linguagem pode descrever a glória do cenário apresentado dentro do santuário – as paredes chapeadas de ouro reflectiam a luz do áureo castiçal, os brilhantes matizes das cortinas ricamente bobadas com seus resplandecentes anjos, a mesa e o altar de incenso, brilhante pelo ouro, além do segundo véu a arca sagrada, com os seus querubins místicos, e acima dela o santo shekinah, manifestação visível da presença de Jeová; tudo não era senão um pálido reflexo dos esplendores do templo de Deus no Céu, o grande centro da obra pela redenção do homem.” *Patriarcas e Profetas*, 349.

Havia três peças de mobiliário de ouro no lugar santo; o altar de incenso, a mesa dos pães asmos, e o castiçal com sete braços.

O altar ficava directamente em frente do véu atrás do qual estava o lugar santíssimo contendo a arca do concerto. De todos os aprestos no primeiro compartimento, era o que permanecia mais perto da real presença de Deus. No altar era colocado o incenso que, quando ardia, ascendia numa nuvem enchendo os dois compartimentos. Isto representava as orações do povo misturadas com a justiça de Cristo o que somente as tornava aceitáveis a Deus.

“O incenso que subia com as orações de Israel, representa o mérito e intercessão de Cristo. Sua perfeita justiça, que pela fé é atribuída ao Seu povo, e unicamente pode tornar aceitável o culto de seres pecadores.” *Patriarcas e Profetas*, 353.

Este era o “altar de intercessão perpétua.” Idem. O fogo que queimava o incenso nunca podia sair. Isto destinava-se a transmitir a Israel a mensagem, que deviam “orar sem cessar.” I Tessalonicenses 5:17.

Muito podia ser escrito acerca da necessidade, ciência e lugar da oração na vida cristã. Mas só a mais breve menção é possível aqui.

O cristão pode viver e crescer sem uma eficiente vida de oração. Cada um dos homens através de quem o Senhor alcançou coisas maravilhosas, vivera numa atmosfera de constante comunicação com Céu. Um dos exemplos mais de-marcantes disto é Daniel, cuja constância em oração lhe deu vitória sobre o mais elevado monarca daqueles tempos, preservou-o na cova dos leões, e abriu-lhe maravilhosas revelações proféticas que serão um guia para os filhos de Deus até ao fim dos tempos.

Cristo estava frequentemente em oração. Enquanto outros dormiam, Ele estava nos bosques ou na encosta dos montes comungando como Pai, tirando grandes suprimentos de graça e poder, e revigorando-Se para a obra que O enfrentaria no dia seguinte. Ele nunca podia ter cumprido a Sua missão doutro modo.

“As trevas do maligno envolvem aqueles que negligenciam a oração. As subtis tentações do inimigo os incitam ao pecado; e tudo isso por não fazerem uso do privilégio da oração, que Deus lhes concedeu. Porque deveriam os filhos e filhas de Deus ser tão relutantes em orar, quando a oração é a chave nas mãos da fé para abrir o celeiro do Céu, onde se acham armazenados os ilimitados recursos da Omnipotência? Sem oração constante e diligente vigilância, estamos em perigo de cair na indiferença e de nos afastar do recto caminho. O adversário bem sabe que as orações fervorosas,

feitas com fé, nos permitiriam resistir às suas tentações. Por isso procura sem cessar obstruir-nos o caminho que nos conduziria ao trono da graça.” Aos Pés de Cristo, 144.

Àqueles que negligenciam orar falta-lhes um sentimento de sua necessidade da divina Fonte. Isto pode apenas resultar em suficiência própria, independência de acção, e a substituição dos planos e sabedoria humanos em lugar do divino. O verdadeiro repouso do Sábado nunca pode ser conhecido por aqueles que operam deste modo, porque eles procurarão sempre mas nunca encontrarão, lutam mas nunca alcançam.

Ao colocar o altar da perpétua intercessão no santuário, o Senhor desejava que o povo lesse a mensagem, que unicamente quando houvessem de igual modo uma invariável dependência d’Ele, podiam eles manter ligação com Ele e ser preservados do poder e malícia de Satanás. Olhemos todos hoje para essa maravilhosa parábola e ter a mesma convicção impressa nas suas mentes.

Havia outra lição importante ensinada pela constante ascensão do incenso que simbolizava a justiça de Cristo. Por estarmos revestidos de caída, humanidade pecaminosa, todo o serviço e obra que rendemos é profanada por este canal. Portanto, nada do que façamos, apesar de ter imaculada presença da justiça de Cristo em si, pode ser aceite pelo Pai excepto misturado com os méritos da perfeita vida de Cristo.

“Os serviços religiosos, as orações, o louvor, a penitente confissão do pecado, sobem dos crentes fiéis, qual incenso ao santuário celestial, mas passando através dos corruptos canais da humanidade, ficam tão maculados que, a menos que sejam purificados por sangue, jamais podem de ser de valor perante Deus. Não ascendem em imaculada pureza, e a menos que o Intercessor, o que está à mão direita de Deus, apresente e purifique tudo por Sua justiça, não será aceitável a Deus. Todo o incenso dos tabernáculos terrestres tem de humedecer-se com as purificadoras gotas de sangue de Cristo. Ele segura perante o Pai o incensário de Seus próprios méritos, nos quais não há mancha de corrupção terrestre. Neste incensário reúne Ele as orações, o louvor e as confissões de Seu povo, juntando-lhes Sua própria justiça imaculada. Então, perfumado com os méritos da propiciação de Cristo, o incenso ascende perante Deus completa e inteiramente aceitável. Voltam então graciosas respostas.

“Oxalá vissem todos quanto a obediência, penitência, louvor e acções de graça, tudo tem de ser colocado sobre o ardente fogo da justiça de Cristo! A fragância desta justiça ascende qual nuvem em torno do propiciatório.” Mensagens Escolhidas, vol. 1, 344.

Este testemunho tem colocado problemas a alguns, enquanto têm dependido dele para “provar” a acariciada ideia que uma pessoa nunca pode ser justa em si mesma até à segunda vinda, quando esta mortalidade for substituída pela imaculada imortalidade.

A simples verdade é que não importa quão justa uma pessoa possa ser, o templo em que vive é ainda composto do pó sobre o qual repousa a maldição do pecado. O instrumento, portanto, é altamente defeituoso e terrivelmente incompetente, tornando impossível render através dele o nível de alcance possível para aqueles que moram em carne e sangue imortal, sem pecado. Deus, que fica satisfeito com nada menos do que imaculada perfeição, nunca pode aceitar este nível de predicados pessoais. Deve ser acrescentado a isso a justiça de Cristo imputada para que seja aceitável a Jeová.

Se os humanos somente compreendessem a situação difícil em que foram colocados devido à transgressão de Adão por um lado, e as salvadoras provisões tornadas válidas através da vida e morte de Cristo por outro, todo o traço de suficiência própria seria afastado, e uma dependência de Deus mais estrita seria estabelecida. Então mais vida e poder seriam vistos nas igrejas.

Muito mais podia ser aprendido sobre o altar da intercessão perpétua, o fogo em cima dele, e o incenso que ascendia à presença de Deus, mas voltar-nos-emos para a mesa em cima da qual eram colocados os pães da proposição.

Quando o sacerdote estava no santuário, encontrava esta peça do mobiliário do lado da sua mão direita no primeiro compartimento. Era feito de madeira de acácia revestida com ouro puro. Esta madeira era da árvore da acácia pertencendo à família das acácias. Sendo umas das poucas madeiras que sobreviveriam no deserto, era dura, compacta, durável e portanto muito apropriada para uma sala

de trabalho. Todos os aprestos do santuário eram feitos desta madeira excepto o castiçal de ouro maciço.

Todos os sábados, um fresco suprimento de doze pães asmos era colocado nesta mesa, disposto em duas filas de seis. “Também tomarás da flôr de farinha, e dela cozerás doze bolos; cada bolo será de duas dízimas.

“E os porás em duas fileiras, seis em cada fileira, sobre a mesa pura, perante o Senhor.

“E sobre cada fileira porás incenso puro, que será para o pão por oferta memorial; oferta queimada é ao Senhor.

“Em cada dia de Sábado, isto se porá em ordem perante o Senhor continuamente, pelos filhos de Israel, por concerto perpétuo.

“E será de Arão e de seus filhos, os quais o comerão no lugar santo, porque uma coisa santíssima é para ele, das ofertas queimadas ao Senhor, por estatuto perpétuo.” *Levítico* 24:5-9.

“Os pães da proposição eram conservados sempre perante o Senhor como uma oferta perpétua. Assim, era isto uma parte do sacrifício cotidiano. Era chamado o pão da proposição, ou, ‘pão da presença’, porque estava sempre diante da face do Senhor. Ex. 25:30. Era um reconhecimento de que o homem depende de Deus, tanto para o pão temporal como o espiritual, e de que este é recebido apenas pela mediação de Cristo. Deus alimentara Israel no deserto com o pão do Céu e ainda dependiam eles de Sua munificência tanto para o pão temporal como para as bênçãos espirituais. Tanto o maná como o pão da proposição apontavam para Cristo, o pão vivo, que sempre está na presença de Deus por nós. Ele mesmo disse: ‘Eu sou o pão vivo que desceu do Céu.’ O incenso era posto sobre os pães. Quando o pão era retirado cada Sábado, para ser substituído por outro, fresco, o incenso era queimado sobre o altar, em memória, perante Deus.” *Patriarca e Profetas*, 354.

O depósito dos pães asmos dentro do santuário era uma lição designada a impressionar a mente que a Palavra viva devia ser implantada dentro do crente pelo seu contínuo alimento sobre ela. Assim como o alimento temporal é essencial para a saúde e crescimento da vida física, assim ninguém pode sobreviver espiritualmente sem se alimentar diariamente na viva Palavra de Deus.

De facto, a razão para a baixa condição espiritual tão frequentemente encontrada entre os professos filhos de Deus é a sua negligência de fiel, estudo bíblico diligente.

“O motivo por que os moços, e mesmo os de idade madura, são tão facilmente induzidos à tentação e ao pecado, é não estudarem a Palavra de Deus, nem meditarem nela como devem. A falta de firme e decidida força de vontade que se manifesta na vida e no carácter, é resultante de negligência das sagradas instruções da Palavra de Deus. Eles não dirigem, mediante diligente esforço, a mente àquilo que lhes inspiraria pensamentos puros, santos, desviando-a do que é impuro e falso. Poucos há que escolham a melhor parte, que, qual Maria, se assentem aos pés de Jesus, a fim de aprender do divino Mestre.” *A Ciência do Bom Viver*, 459.

A protecção da tentação é somente o início dos benefícios decorrentes do diligente estudo da Palavra de Deus por aqueles que receberam a vida de Cristo através da implantação da Sua semente. Não há limite para o alcance mental e espiritual oferecido aos que persistem numa linha de actividade. A experiência de *Daniel* e dos seus três companheiros na escola de Nabucodonosor confirma isto. Cristo, que não recebeu educação através dos canais convencionais, também demonstrou esta verdade quando, na jovem idade de doze anos, foi capaz de confundir os supostamente homens educados do Seu tempo.

“Se a Palavra de Deus fosse apreciada como deveria ser, tanto os jovens como os velhos possuiriam uma rectidão interior, uma firmeza de princípios que os habilitariam a resistir à tentação.” *Idem*, 459.

“Faça a juventude da Palavra de Deus o alimento do espírito e da alma.” *Idem*, 460.

“Em Sua luz veremos a luz, até que a mente, o coração e a alma sejam transformados à imagem de Sua santidade.

“Para aqueles que assim lançam mão das divinas afirmações da Palavra de Deus, há maravilhosas possibilidades. Acham-se perante eles vastos campos de verdade, amplas fontes de poder. Revelar-

se-ão coisas gloriosas. Tornar-se-ão manifestos privilégios e deveres de cuja presença na bíblia eles nem sequer suspeitavam. Todos quantos trilham o caminho da humilde obediência, cumprindo Seu desígnio, conhecerão mais e mais dos oráculos de Deus.

“O estudante faça da bíblia o seu guia, e fique ao lado dos princípios, e lhe é dado aspirar a qualquer altura. Todas as filosofias da natureza humana têm conduzido à confusão e vergonha, quando Deus deixou de ser reconhecido como tudo em todos. Mas a preciosa fé inspirada por Deus comunicava vigor e nobreza ao carácter. À medida que nos detemos sobre Sua bondade, Sua misericórdia e Seu amor, mais e mais clara será a percepção da verdade, mais elevado e santo será o desejo de pureza de coração e clareza de pensamento. A alma que permanece na pura atmosfera de pensamentos santos, é transformada pela comunicação com Deus por meio do estudo de Sua Palavra. A verdade é tão ampla, de tão vasto alcance, tão profunda e larga, que se perde de vista o próprio eu. O coração é enternecido, rendendo-nos à humildade, bondade e amor.” *Idem*, 465, 466.

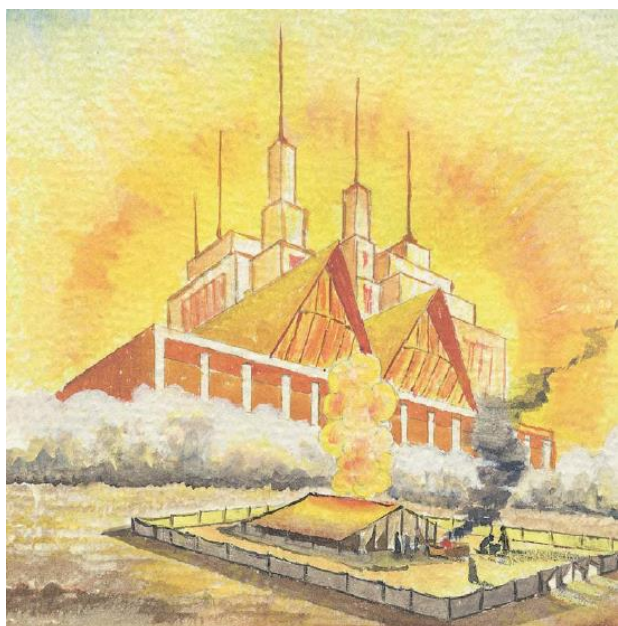
Deve ser salientado que todas estas bênçãos são apenas para os que têm a semente de Cristo dentro de si. A Palavra de Deus é alimento e ela alimentará qualquer vida à qual ela seja aplicada. Se, depois, a pessoa continua a ter o velho coração de pedra dentro de si, o estudo servirá para fortalecer os não santificados elementos do seu carácter.

Alguns podem achar isto difícil de compreender, mesmo apesar de estar bem ilustrado na natureza. Se o mesmo alimento para plantas for dado a um espinheiro e a uma macieira respectivamente, ambos crescerão vigorosamente como resultado, mas o espinheiro não mudou para macieira. Será simplesmente um espinheiro maior e mais forte.

A história na nação judaica, confirma que aquilo que é verdadeiro no mundo natural é também verdadeiro no espiritual. Por séculos os judeus estudaram as Escrituras com os corações cheios de orgulho e um espírito de vingança contra os romanos. Quanto mais viam a Palavra de Deus, mais o seu orgulho crescia. O seu ódio contra os romanos intensificou-se e a cegueira que os cercava aumentou, tornando-lhes impossível reconhecer o Messias quando veio. Foi o seu estudo das Escrituras que fez com que não estivessem preparados para receber o Salvador, ao passo que, se tivessem nascido de novo, o mesmo estudo tê-los-ia preparado para verem e aceitarem Cristo.

Aqueles que gastam o seu tempo e esforços para salvar almas perdidas, frequentemente entram em contacto com pessoas que passaram anos numa religião falsa. Estas almas aderem de modo louvável ao princípio que a bíblia é a infalível Palavra de Deus e passam muito tempo a estudá-la. Estas pessoas deviam estar muito dispostas a receber a verdade presente, mas tristemente, por causa de não terem a vida de Cristo dentro de si, o seu estudo tem servido apenas para fortalecer ideias erradas e teorias até que as suas mentes tenham sido moldadas de modo que não podem ser movidas por qualquer verdade. Satanás sabe exactamente como usar o estudar a Palavra de Deus para condicionar uma mente contra a luz divina.

Portanto, as maravilhosas promessas citadas atrás que nos asseguram que notáveis bênçãos assistirão ao estudo da palavra de Deus, só são verdadeiras no caso daqueles que têm a semente de Cristo dentro de si e que empregam princípios correctos de interpretação. Cada pessoa precisa estar certa que esta experiencia é a sua. Isto não quer dizer que não deve haver estudo da Palavra de Deus antes de se tornar numa nova criatura, porque em nenhum outro lugar se encontra instrução que as levará à Fonte da vida. O que isto significa é que se o estudante não alcança a regeneração, o estudo diligente das Escrituras somente servirá para confirmar e fortalecer os maus traços que ali estão.



A Mensagem para o nosso Tempo
(Publicado na revista “The Messenger and News Review”, Janeiro 1982)

Capítulo 21

O Adorno Interior – II

Em qualquer maneira que o tabernáculo fosse uma ilustração do que Deus pretendia que o crente fosse, era também uma representação do que Cristo era na Sua encarnação. Como a presença dos pães asmos dentro do santuário apontava ao povo a sua necessidade de ter dentro de si a Palavra de Deus, assim a Palavra viva estava entronizada no tabernáculo terrestre de Cristo – o Seu corpo. Era este motivo que Ele podia testificar:

“Eu sou o pão da vida.

Vossos pais comeram o maná no deserto, e morreram.

Este é o pão que desce do Céu, para que o que dele comer não morra.

Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém comer deste pão, viverá para sempre; e o pão que Eu der é a Minha carne, que Eu darei pela vida do mundo.

Disputavam pois os judeus entre si, dizendo: Como nos pode dar este a Sua carne a comer?

Jesus pois lhes disse: na verdade, na verdade vos digo que, se não comerdes a carne do filho do homem e não beberdes o Seu sangue, não tereis vida em vós mesmos.

Quem come a Minha carne e bebe o Meu sangue tem a vida eterna; e Eu o ressuscitarei no último dia.

Porque a Minha carne verdadeiramente é comida, e o Meu sangue verdadeiramente é bebida.

Quem come a Minha carne e bebe o Meu sangue permanece em Mim e Eu nele.

Assim como o Pai, que vive, Me enviou, e Eu vivo pelo pai, assim, quem de Mim se alimenta, também viverá por Mim.

Este é o pão que desceu do céu; não é o caso de vossos pais, que comeram o maná e morreram; quem comer este pão viverá para sempre.” *João 6:48-58.*

Os judeus estavam tão familiarizados com a sua história passada quanto orgulhosos dela. Lembravam-se do especial favor mostrado aos seus pais quando Jeová lhes deu o maná do Céu. Eles

viam nisto a garantia que eram e sempre seriam o povo escolhido por Deus. Falharam completamente em compreender que só aqueles que tinham recebido o pão espiritual (o próprio Cristo), eram realmente o povo de Deus. Tinham perdido as lições contidas no pão asmo e perderam tanto a presença de Deus como a vida eterna.

Tanto o maná que milagrosamente aparecia no chão do deserto cada dia, como o pão asmo no tabernáculo eram designados a ensinar-lhes verdadeiramente a sua posição como dependentes recebedores. Tivessem eles compreendido e recebido esta lição, teriam crescido em poder físico, mental e espiritual, até se tornarem o maior povo sobre a terra.

Aquilo que os israelitas falharam em perceber, tem que ser compreendido pelos filhos de Deus hoje que deverão escapar à sorte que veio sobre Israel. Com os olhos ungidos espiritualmente, devem olhar fixamente para o santuário e seus aprestos, e ler correctamente a mensagem que Deus ilustra ali. Na presença do pão sobre a mesa devem discernir a necessidade do pão da vida ser o seu constante alimento.

Apenas introduzimos o assunto neste estudo e há muito mais a ser aprendido deste simbolismo, pelo estudante que cava profundamente pela verdade escondida.

A única peça de mobiliário do primeiro compartimento que faltava era o castiçal com sete braços. Este estava colocado do lado sul do tabernáculo oposto à mesa dos pães asmos. Assim como com todos os outros aprestos do edifício, Deus deu instruções explícitas quanto à sua construção.

“Também farás um castiçal de ouro puro; de ouro batido se fará este castiçal; o seu pé, as suas canas, as suas copas, as suas maçãs, e as suas flores serão do mesmo.

E dos seus lados sairão seis canas: três canas do castiçal dum lado dele, e três canas do castiçal do outro lado dele.

Numa cana haverá três copos a modo de amêndoas, uma maçã e uma flor; e três copos a modo de amêndoas na outra cana, e uma flor; assim serão as seis canas que saem do castiçal.

Mas no castiçal mesmo haverá quatro copos a modo de amêndoas, com suas maçãs e com suas flores;

E uma maçã debaixo de duas canas que saem dele; e ainda uma maçã debaixo de duas outras canas que saem dele; e ainda mais uma maçã debaixo de duas outras canas que saem dele; assim se fará com seis canas que saem do castiçal.

As suas maçãs e as suas canas serão do mesmo; tudo será duma só peça, obra batida de ouro puro.

Também lhe farás sete lâmpadas, as quais se acenderão para alumiar defronte dele.

Os seus espevitadores e os seus apagadores serão de ouro puro.

Dum talento de ouro puro os farás, com todos estes vasos.

Atenta pois que os faças conforme ao seu modelo, que te foi mostrado no monte.” *Êxodo 25:31-40.*

Enquanto o santuário fosse mantido como Deus pretendia que fosse, nunca haveria lugar para trevas. As sete lâmpadas eram vigiadas de modo que queimassem continuamente dia e noite, e a luz suave do castiçal era reflectida da reluzente face dourada da parede sul, para produzir um efeito incredivelmente belo.

Havia alturas em que a luz da presença de Deus no lugar santíssimo, inundava o lugar santo e produzia uma iluminação ainda mais gloriosa no interior do edifício.

O óleo nas lâmpadas que as mantinha acesas, era um símbolo do Espírito Santo cuja presença deve estar no crente se ele quiser ser uma luz brilhante para o seu vizinho. A luz, alimentada pelo Espírito Santo, tem que estar numa pessoa antes de poder brilhar.

Cristo não manda os Seus seguidores esforçarem-se para brilhar. Diz: Resplandeça a vossa luz. Se tendes recebido a graça de Deus, a luz está em vós. Removi os empecilhos, e a glória do Senhor será revelada. A luz resplandecerá para penetrar e dissipar a escuridão. Não podeis deixar de brilhar dentro do círculo de vossa influência.

A revelação da glória do Senhor na forma humana, trará o Céu tão perto dos homens, que a beleza que adorna o templo interior será vista em toda a alma em que o Salvador habita. Os homens serão

cativados pela glória de um Cristo que vive em nós, e em torrentes de louvor e acções de graças das muitas almas assim ganhas para Deus, refluirá glória para o grande Doador.” *Parábolas de Jesus*, 420.

Este testemunho claramente define a responsabilidade do crente. Nenhum tempo devia ser gasto em luta para brilhar. Ele deve concentrar-se no recebimento da graça de Deus no interior, sabendo bem que se fizer isto, não pode ser senão uma radiante testemunha do glorioso carácter de Deus, e, como tal, um ganhador de almas muito eficaz.

O crente não gera essa graça em si mesmo mais do que os castiçais podiam suprir o seu óleo e encher-se a si mesmo dele. Só Deus é a fonte desta graça e o crente deve manter e viva ligação com o Altíssimo que assegurará o afluxo diário de frescos suprimentos da vida divina.

Uma revelação da luz e verdade incorporada no castiçal foi dada por Zacarias, o profeta.

“E tornou o anjo que falava comigo, e me despertou, como a um homem que é despertado do seu sono.

E me disse: Que vêes? E eu disse: Olho, e eis um castiçal todo de ouro, e um vaso de azeite no cimo, com as suas sete lâmpadas; e cada lâmpada posta no cimo tinha sete canudos.

E, por cima dele, duas oliveiras, uma à direita do vaso de azeite, e a outra à sua esquerda.

E falei, e disse ao anjo que falava comigo, dizendo: Senhor meu, que é isto?

Então respondeu o anjo que falava comigo, e me disse: Não sabes tu o que isto é? E eu disse: Não, senhor meu.

E respondeu, e me falou, dizendo: esta é a palavra do Senhor a Zorobabel, dizendo: Não por força nem por violência, mas pelo Meu espírito, diz o Senhor dos Exércitos.”

Falei mais, e disse-lhe: Que são as duas oliveiras à direita do castiçal e à sua esquerda?

E, falando-lhe outra vez, disse: Que são aqueles dois raminhos de oliveira, que estão junto aos dois tubos de ouro, e que vertem de si ouro?

E ele me respondeu, dizendo: Não sabes o que é isto? E eu disse: Não, senhor meu. Então ele disse: Estes são os dois filhos do óleo, que estão diante do Senhor de toda a terra.” *Zacarias 4:1-6; 11-14.*

Das duas oliveiras o dourado óleo era vazado pelos tubos de ouro nas taças do castiçal, e daí nas lâmpadas de ouro que alumiam o santuário. Assim, dos santos que estão na presença de Deus, Seu Espírito é comunicado a instrumentalidades humanas que são consagradas para o serviço. A missão dos ungidos é comunicar ao povo de Deus aquela graça celestial que, somente, pode fazer de Sua palavra uma lâmpada para os pés, e uma luz para o caminho. ‘Não por força nem por violência, mas pelo Meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos.’” *Parábolas de Jesus*, 408.

No tempo de Zacarias o povo tinha perdido de vista o verdadeiro significado do santuário e seus aprestos. Até o próprio profeta tinha dificuldades em compreender o que o Senhor estava revelando. Foi por esta razão que o divino Mestre lhe deu uma visão na qual a ligação vital entre o humano receptor e a fonte infinita era claramente mostrada.

Nas vidas daqueles que estabelecem e mantêm estes elos essenciais com a infinita Fonte as palavras de Cristo ditas no sermão da montanha serão verdadeiras. Ele disse:

“Vos sois a luz do mundo: não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte;

Nem se acende a candeia e se coloca debaixo do alqueire, mas no velador, e dá luz a todos que estão na casa.

Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos Céus.” *Mateus 5:14-16.*

Há uma interessante relação entre o castiçal e os pães asmos. O último representa a Palavra de Deus da qual o cristão deve alimentar-se diariamente, mas isto somente era visível quando a chama estava ardente e a presença de Deus enchia o templo. Não havia janelas para que a luz terrestre entrasse, de modo que se a luz de origem celestial fosse extinguida, o templo era debaixo em trevas e o pão que simbolizava a Palavra de Deus não podia ser encontrado.

Cristianismo é uma religião revelada. Os homens não podem encontrar Deus meramente ao procurá-Lo. Eles têm que aceitar as revelações que Ele tem feito de Si mesmo e relatadas nas Escrituras e na natureza. Essas revelações devem ser examinadas diligentemente, mas a obra não será vitoriosa se a cegueira e trevas da descrença obscurecerem a mente. Através do tempo e de novo através da história, Jeová tem feito revelações ao Seu povo, mas eles têm sido incapazes de as ver, porque a luz da Sua presença não mais ilumina as recâmaras interiores das suas almas.

Portanto, tal como os fiéis sacerdotes eram fastidiosamente cuidados em não permitir que a luz saísse, assim deve o cristão concentrar-se em manter a iluminação celestial ardendo brilhante e claramente.

Sem fim são as lições contidas na suave e encantadora luz brilhando do castiçal, gloriosamente refletida das paredes de ouro polidas, que suavemente iluminava o altar do incenso, a mesa dos pães asmos, e os sacerdotes quando realizavam o seu ministério divinamente apontado. Os remidos passarão a eternidade contemplando estas maravilhas do poder, do amor e sabedoria de Deus, e descobrirão sempre mais e mais para os iluminar e inspirar. Uma pessoa apenas pode concluir que o pouco dito aqui é só um ténue brilho da luz que deverá ainda brilhar nas mentes dos eleitos de Deus, tanto agora como na eternidade.

Naquela luz é revelada todo o âmbito do ministério de Cristo como a luz do mundo, a relação que Ele mantém como a grande ligação entre o Seu Pai e o Seu povo, e a maneira como, a fim de cumprir essa missão enquanto na terra, comungou com o Céu continuamente para receber vida de Deus, para que pudesse comunicá-la aos homens.

Isto, por seu lado, leva à contemplação de Cristo como Profeta, Sacerdote, Rei dos reis, e as naturezas divina e humana que Ele tinha que possuir para cumprir estes ofícios. Uma pessoa podia fazer uma lista sem fim das maravilhosas verdades abertas pelos aprestos do primeiro compartimento do santuário terrestre, mas o espaço não é suficiente para cobrir todas estas possibilidades. O estudante deve examinar os mistérios por si mesmo.

Uma atmosfera de solenidade e bela paz num estabelecimento de perfeita organização e harmonia ordem preservada tanto no lugar santo como no lugar santíssimo, enquanto permaneciam no serviço de Deus. Mas o povo apostatava, e a presença do Senhor era retirada, a paz era substituída pelo tumulto e confusão.

O mesmo contraste é verificado entre a vida dos verdadeiros crentes e a dos mundanos. Quando, pela fé viva, o crente entrega toda a sua vida a Deus, de modo que, o Altíssimo Pai é quem faz os seus planos e o que resolve os seus problemas, ele conhece uma maravilhosa e residente paz, não importa que ferozes tempestades rujam à volta dele, ou que ameaças sejam pronunciadas contra ele.

“Mas os ímpios são como o mar bravo, que se não pode aquietar, e cujas águas lançam de si lama e lodo.

Os ímpios, diz o meu Deus, não têm paz.” Isaías 57:20, 21.

A vida de Cristo é a melhor ilustração que há da paz que Deus pretende que os Seus filhos possuam em todos os momentos. Não importa quão séria ou ameaçadora fosse a situação em que estivesse colocado, Cristo retinha a mesma paz perfeita como a que rodeava o santuário quando Deus estava presente nele.

Por exemplo, naquela terrível noite quando a furiosa tempestade ameaçou engolir o barco no qual Ele e os Seus discípulos navegavam através do lago da Galileia, Jesus dormia calmamente no fundo do barco, enquanto eles, completamente aterrorizados, lutavam contra os elementos. Quando um relâmpago revoltou a Sua posição e presença, abanaram-No, acordaram-No e rogaram-Lhe que os salvasse.

Erguendo-Se com serena dignidade, disse ao mar revoltoso, “cala-te, aquieta-te”, em resposta as encolerizadas vagas amainaram. “Volvendo-Se então para os discípulos, Jesus pergunta magoado: ‘Porque sois tão tímidos? Ainda não tendes fé?’ Marco 4:40.” *O Desejado de Todas as Nações*, 318.

Alguns colocariam uma diferença entre a posição de Cristo e a dos Seus seguidores, afirmando que Ele podia fazê-lo facilmente porque estava consciente do poder sob o Seu comando. Mas o Salvador

não desculpou o terror deles. Ele considerou isso como evidência que lhes faltava a fé que era o seu privilégio possuir e exercitar. Na Sua calma compostura, Ele era o modelo daquilo que eles também deviam ter sido.

“Quando Jesus foi despertado para enfrentar a tempestade, estava em perfeita paz. Nenhum indício de temor na fisionomia ou olhar, pois receio algum havia em Seu coração. Contudo, não era na posse da força onipotente que Ele descansava. Não era como o ‘Senhor da terra, do mar e do céu’ que repousava em sossego. Esse poder, depusera-o Ele e diz: ‘Eu não posso de Mim mesmo fazer coisa alguma’. *João 5:30*. Confiava no poder de Seu Pai. Foi pela fé – fé no amor e cuidado de Deus – que Jesus repousou, e o poder que impôs silêncio à tempestade, foi o poder de Deus.

“Como Jesus descansou pela fé no cuidado do Pai, assim devemos repousar no do nosso Salvador. Se os discípulos tivessem confiado n’Ele, ter-se-iam conservado calmos. O seu temor, no tempo do perigo, revelava-lhes a incredulidade. No seu esforço para se salvarem a si mesmos, esqueceram Jesus; e foi apenas quando, desesperados de si mesmos, se voltaram para Ele, que os pôde socorrer.” *Idem*, 319.

A única razão pela qual os cristãos não gozam a paz que deviam experimentar, é porque eles não aprenderam a confiar em Deus como deviam. Repetidamente nas Escrituras, o Senhor nos diz quão perfeitamente em paz os filhos de Deus têm que estar, em todas as ocasiões e em qualquer circunstância. Devem estar tão profundamente familiarizados com as promessas, que conhecerão que as suas reacções para uma situação, são nada menos que o ideal de Deus para eles. Nós temos sido demasiado propensos a aceitar como comportamento normal, um padrão bastante abaixo do que Deus considerou como aceitável para um cristão.

Os discípulos no lago, provavelmente ficaram surpreendidos, quando Cristo os repreendeu por estarem temerosos por causa daquela furiosa tempestade. Sem dúvida que eles imaginaram que outro comportamento podia ter, quando as suas vidas estavam sendo ameaçadas- muito provavelmente, consideraram como sendo o comportamento de Cristo anormal, em vez do seu.

Eles necessitavam, como nós ainda hoje, ter os seus olhos levantados muito acima dos baixos níveis de fé com que muitos humanos se contentam. Quando Deus, com a nossa cooperação, tiver realizado esta obra por nós, gozaremos uma experiência dificilmente imaginada possível.

Um salmista do Velho Testamento, uma vez elevado a estes grandes níveis de fé, e, sob a inspiração divina, testemunhou a sua experiência nestas palavras: “Deus é o refúgio e fortaleza, socorro bem presente na angústia.

Pelo que não temeremos, ainda que a terra se mude, e ainda que os montes se transportem para o meio dos mares;

Ainda qua as águas rujam e se perturbem, ainda que os montes se abalem pela sua braveza.” Salmos 46:1-3.

É difícil imaginar um terramoto mais terrível e destruidor do que o descrito aqui. Por baixo, a terra está dilatando, fendendo, levantando-se e aluindo. Edifícios estão desaparecendo. Grandes montanhas estão saindo dos seus lugares e tombando no oceano que é agitado violentamente em gigantescos remoinhos de destruição que alternadamente se afasta da costa e então volta de novo em formidáveis ondas gigantescas.

A tempestade na Galileia era um acontecimento menor comparado com a descrição desta temível catástrofe, contudo o salmista declara que o verdadeiro filho de Deus estará inamovível e sem temor nomeio de um tal cataclismo. Uma pessoa pode concluir deste testemunho que a possessão de tal paz no meio de tamanho perigo, é o comportamento normal do cristão. Isto é como Deus espera que Seus filhos se comportem, e é como eles deviam conduzir-se sob estas condições. Se não o fizerem, não são diferentes dos gentios ímpios que ficam apavorados quando enfrentam o perigo, e se não são diferentes, então qual é o valor da sua religião?

Para devolver este assunto da paz do cristão, requer um detalhado estudo dos princípios do repouso do Sábado, e este está a ser tratado num livro publicado em breve sobre este tópico.

Entretanto, permanece a responsabilidade do cristão de meditar sobre a perfeita paz que continuamente rodeava o santuário, de modo que possa ver o ideal de Deus para os Seus filhos.

Deus, que conhece melhor do que nós a gloriosa experiência que tornou válida para nós, disse:

“Ah! Se tivesses dados ouvidos aos Meus mandamentos! Então seria a tua paz como o rio, e a tua justiça como as ondas do mar.” Isaías 48:18.

“Quão suaves são sobre os montes os pés do que anuncia as boas novas, que faz ouvir a paz, que anuncia o bem, que faz ouvir a salvação, que diz o Sião: O teu Deus reina!” Isaías 52:7.

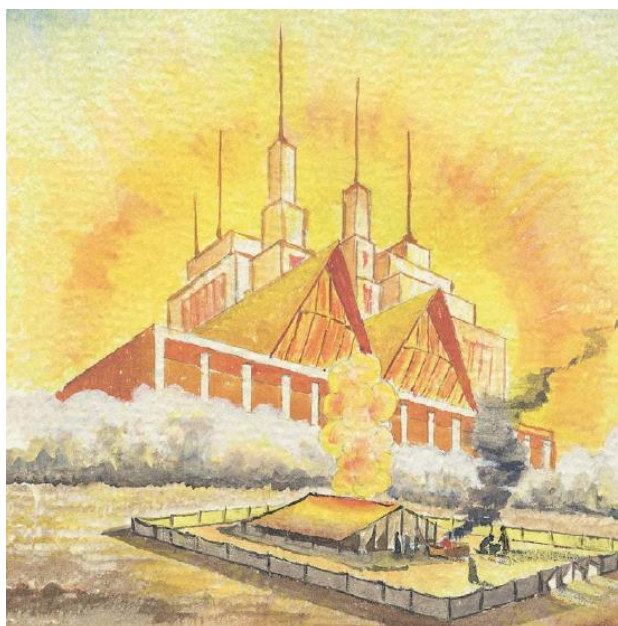
“Deixo-vos a paz, a Minha paz vos dou: não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize.” *João* 14:27.

“Entrega o teu caminho ao Senhor; confia n’Ele, e Ele tudo fará.”

“E Ele fará sobressair a tua justiça como a luz, e o teu juízo como o meio-dia.

Descansa no Senhor, e espera n’Ele; não te indignes por causa daquele que prospera em seu caminho, por causa do homem que executa astutos intentos.” Salmos 37:5-7.

Que a abençoada paz e o repouso do Altíssimo penetre na alma, do mesmo modo como enchia e circundava o santuário dos tempos antigos.



A Mensagem para o nosso Tempo
(Publicado na revista “The Messenger and News Review”, Fevereiro 1982)

Capítulo 22

O Lugar Santíssimo

O lugar santíssimo era o segundo compartimento ou o compartimento interior do santuário onde a presença real de Deus normalmente devia ser encontrada. Houve ocasiões em que a Presença encheu o edifício. Um desses exemplos foi quando Salomão dedicou o templo que tomou o lugar do santuário temporário do deserto.

“E sucedeu que, saindo os sacerdotes do santuário, uma nuvem encheu a casa do Senhor.

“E não podiam ter-se em pé os sacerdotes para ministrar, por causa da nuvem, porque a glória do Senhor enchera a casa do Senhor.” I Reis 8:11.

Na contrapartida celestial do santuário terrestre, a presença de Deus continuamente enche todo o edifício quer Ele esteja no primeiro ou no segundo compartimento, mas no terrestre, o Senhor tinha que limitar ao lugar santíssimo quando os sacerdotes estavam ministrando no outro compartimento.

Como Deus determinou que o Seu povo devesse ler o elevado destino aberto às suas almas no lugar santo e seu recheio, assim deviam ler mais ainda com o segundo compartimento e seu conteúdo.

Havia apenas um artigo de mobiliário neste compartimento – a arca de ouro na qual estavam as duas tábuas de pedra, a vara de Arão que florescera, e o vaso do maná. Por cima da arca repousavam os dois querubins de ouro. Paulo descreve isto como se segue:

“Mas depois do segundo véu estava o tabernáculo que se chama o santo dos santos,

“Que tinha o incensário de ouro, e a arca do concerto, coberta de ouro toda em redor; em que estava um vaso de ouro, que continha o maná, e a vara de Arão, que tinha florescido, e as tábuas do concerto;

“E sobre a arca os querubins da glória, que faziam sombra no propiciatório; das quais coisas não falaremos agora particularmente.” *Hebreus* 9:3-5.

A arca era feita da mesma madeira como os aprestos do primeiro compartimento e era também revestida de ouro puro.

“Fez também Bezaleel a arca de madeira de acácia; o seu compartimento era de dois côvados e meio, e a sua largura de um côvado e meio, e a sua altura de um côvado e meio.

“E cobriu-a de ouro puro por dentro e por fora; e fez-lhe uma coroa de ouro ao redor;

“E fundiu-lhe quatro argolas de ouro aos seus quatro cantos, num lado duas, e no outro lado duas argolas;

“E fez varais de madeira de acácia, e os cobriu de ouro;

“E meteu os varais pelas argolas aos lados da arca, para levar a arca.

“Fez também de ouro puro o propiciatório; o seu comprimento era de dois côvados e meio, e a sua largura de um côvado e meio.

“Fez também dois querubins de ouro, de obra batida os fez, às duas extremidades do propiciatório;

“Um querubim a uma extremidade desta banda, e o outro querubim à outra extremidade da outra banda; do mesmo propiciatório fez sair os querubins às duas extremidades deles.

“E os querubins estendiam as asas por cima, cobrindo com as suas asas o propiciatório; e os seus rostos estavam defronte um do outro; os rostos dos querubins estavam virados para o propiciatório.” *Êxodo 37:1-9.*

Era por cima desse sólido propiciatório de ouro entre os dois querubins que a presença de Deus estava centrada. No grande dia da expiação final quando o sumo-sacerdote entrava neste compartimento, a sua vida era preservada apenas quando tomava uma porção extra de incenso e mantinha o fumo ascendendo entre si mesmo e aquela luz radiante. O incenso era um símbolo da justiça de Cristo que deve para sempre permanecer entre o homem pecaminoso e o Seu criador a fim do primeiro ser preservado.

“O incenso que subia com as orações de Israel, representa os méritos e intercessão de Cristo. Sua perfeita justiça, que pela fé é atribuída ao Seu povo, e unicamente pode tornar aceitável a Deus o culto de seres pecadores.” *Patriarcas e Profetas, 365.*

O modo como o Senhor morava por cima do propiciatório com a lei, o vaso com o maná, e a vara florescida, retractava não só uma ilustração da justiça do governo de Deus, mas também ensinava as grandes verdades espirituais ao Seu povo. Desta maneira, o Senhor dava certezas maravilhosas sobre os caminhos pelos quais Ele próprio se relaciona com o Seu povo e quão certo eles estão sob a Sua protecção e orientação. Tanto a verdade é contida em cada um destes objectos, na arca, na presença de Deus, e nos querubins por cima deles, que facilmente se poderia escrever um livro sobre cada um. Por isso estes pontos a ser tratados aqui são apenas uma introdução ao assunto.

A Presença

O brilhante Ser que habitava entre os querubins sobre o propiciatório era nenhuma outra personagem senão Jesus, o Unigénito Filho do Altíssimo. Para ocupar esta posição, Ele tinha que descer do pináculo mais elevado do poder e glória para eventualmente ocupar o nível mais baixo possível, como o de um criminoso condenado pelos homens degenerados para os gloriosos seres humanos a quem tinha criado. Apesar de não ter chegado a isso totalmente quando habitou no santuário no tempo de Moisés, a profecia que isso aconteceria estava contida no sistema sacrificial. Todo animal que morria às mãos dos pecadores culpados, era uma recordação do vindouro destino d’Aquele que habitava sobre o propiciatório no meio do Seu povo.

A condescendência de Cristo em descer do mais elevado para o mais baixo é o sacrifício mais maravilhoso e glorioso jamais feito. Contudo, chamar-lhe condescendência, falha em transmitir e correcta natureza desse acto salvador.

De acordo com o dicionário, condescender é submeter-se ou humilhar-se a um nível de palavras ou acção menos formal ou dignificante do que aquele a que cada um está habituado. Isto é o que

Cristo fez, mas a palavra também transmite o adicional significado de desdém escondido pela óbvia indulgência ou paciência.

Somente aqueles que são realmente cristãos são verdadeiramente capazes de condescender. Na sua maior parte, as condescendências que testemunhamos são, até certo ponto, artificiais. Elas são impostas na pessoa porque as circunstâncias o exigem, não porque sejam impelidas pela grande compulsão do amor.

Quando ao pensar no sacrifício de Cristo na descida da glória para a ignomínia, o significado dado à palavra pelo comportamento humano egoísta deve ser totalmente eliminada das nossas mentes. Jesus desceu, não porque o tivesse que o fazer, nem porque a situação exigisse que Ele mantivesse uma boa aparência, mas porque o Seu amor para com a família humana era tão intenso que não podia suportar estar separado dela. Portanto, estava determinado a vir tão perto deles quanto possível. Por este motivo, Ele precisava que lhe construíssem um santuário para que pudesse habitar no meio do Seu amado povo.

Mesmo isto não O satisfaz, porque Ele desejou com inexpressável intensidade habitar em cada um do Seu povo individualmente. Ele sabia muito bem que se eles não aceitassem esta aproximada e íntima relação em que Ele e eles se tornavam verdadeiramente um, Ele seria forçado a retirar-se do edifício e a deixá-los à sua sorte. Tragicamente, isto foi o que aconteceu. Gerações após gerações confirmaram a sua determinação em seguir os seus próprios caminhos até que por fim, “O santo shekinah, partindo do primeiro templo, pousara sobre a montanha oriental, como se relutasse em abandonar a escolhida cidade;...” *O Desejado de Todas as Nações*, 793.

Dali elevou-se até fora do alcance de vista, deixando o templo e o povo vazios da sagrada presença de Deus. O povo, entorpecido pelo pecado, era tão ignorante da grandeza da Sua perda que não sentiam tristeza pela separação, mas com o Filho de Deus isto foi diferente. Nenhuma linguagem humana podia esperar descrever a angústia que Ele sentiu quando se separou do Seu amado povo.

Enquanto a Presença estivesse ainda no santuário, era uma declaração para os Israelitas que o tempo viria em que, na e através da Sua encarnação, Cristo ocuparia outro tabernáculo e assim chegaria mais perto deles. Esta tenda, se bem que feita do amaldiçoado pó da terra, não seria um templo imóvel centrado em Jerusalém, mas um corpo vivo de carne e sangue como o deles. Como tal seria uma demonstração para eles do que também deviam ser – templos vivos para morada da divina Presença.

“Deus ordenou a Moisés acerca da Israel: ‘E me farão um santuário, e habitarei no meio deles’ (*Êxodo* 25:8), e habitou no santuário, no meio do Seu povo. Durante toda a fatigante peregrinação no deserto, o símbolo da Sua presença os acompanhou. Assim Cristo estabeleceu o Seu tabernáculo no meio do nosso acampamento humano. Estendeu a Sua tenda ao lado da dos homens, para que pudesse viver entre nós, e tornar-nos familiares com o Seu carácter e vida divinos. ‘O verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a Sua glória, como a glória do Unigénito do Pai, cheio da graça e verdade.’ *João* 1:14.” *Idem*, 19.

A Presença no santuário e na encarnação de Cristo revela o maravilhoso amor de Deus em Jesus Cristo. Ninguém que calmamente medita na gloriosa verdade de “Deus Connosco”, como é revelada no tabernáculo e vida terrestre de Cristo, pode falhar em alcançar um vislumbre do incomparável amor do nosso Pai celestial. Aqui está alimento para pensar, que a própria eternidade nunca esgotará.

Se os israelitas dos dias de Moisés se tivessem sentado na fresquidão do anoitecer e contemplassem a suave e radiante luz que emanava do santuário, admiração, deleite, tempo, e inspiração teriam enchido todo o seu ser à medida que compreendessem que o Seu criador, Deus, pastor, Protector, e o Salvador estava tão perto, amando sustentando-os, e transmitindo-lhes constantemente vida. Ter-se-iam sentido a si mesmos atraídos para essa Presença, confortados no conhecimento que não havia ameaça de destruição, somente a promessa de vida eterna. Em tudo o que o Senhor tinha dado ao vir morar no meio deles, podiam ter lido a vibrante mensagem que transmite vida, “Eu vos amo”.

Sem dúvida que houve alguns que na realidade passaram tempo considerando o que a Presença realmente era e o que ela significava para eles, mas a maioria aceitou-a como verdadeira mesmo sem razões objectivas para tal e falhou em receber as bênçãos que podiam ter sido suas. Esta tragédia é muito frequentemente repetida hoje.

Há muito, muito tempo, que o santuário foi retirado e que a glória dos shekinah voltou para o Céu. Passaram séculos desde que Jesus levou de volta a Sua humanidade sem pecado para as cortes do Seu Pai. Mas é ainda nosso privilégio ponderar na gloriosa mensagem contida na presença de Deus em Cristo dentro do santuário, até que exclamemos com o escritor inspirado, “Vede quão grande caridade nos tem concedido o Pai: que fossemos chamados filhos de Deus. Por isso o mundo nos não conhece; porque o Pai não conhece a Ele.” *1 João 3:1*.

Os deveres do santuário celestial agora exigem que Cristo esteja geograficamente bastante afastado de nós, mas o amor que encontra a sua fonte no coração de Deus não podia ainda suportar abandonar-nos. Antes de nos deixar para ir tomar os Seus deveres na presença de Seu Pai deu a alegre certeza que não seríamos deixados sozinhos, Ele disse:

“E Eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre;

“O Espírito de verdade, que o mundo não pode receber, porque não O vê nem o conhece; mas vós o conheceis, porque habita convosco, e estará em vós.

“Não vos deixarei órfãos; voltarei para vós.” *João 14:16-18*.

Por esta Presença hoje conosco dentro de nós, Cristo está ainda mais intimamente velado entre o Seu povo do que nunca antes. Tivesse o Salvador permanecido nesta terra, as limitações da humanidade física pela qual verdadeiramente Ele se tornou um de nós, impediria que estivesse com cada crente todo o tempo, mas o Espírito Santo, não estando confinado a um lugar num dado momento, trás a Presença a todos os crentes não importa como sejam eles.

O deus babilónico é bastante diferente do nosso Deus, enquanto que o santuário revela que o nosso Salvador não suporta a separação do Seu povo e por conseguinte sente em habitar no meio e dentro de nós, o deus pagão habita muito distante dos seus súbditos. Em parte alguma é isto melhor mostrado do que quando os sábios de Babilónia disseram a Nabucodonosor estas palavras:

“Responderam os caldeus na presença do rei, e disseram: Não há ninguém sobre a terra que possa declarar a palavra ao rei; pois nenhum rei há, senhor ou dominador, que requeira coisa semelhante de algum mago, ou astrólogo, ou caldeu.

“Porquanto a coisa que o rei requer é difícil, e ninguém há que a possa declarar diante do rei, senão os deuses, cuja morada não é com a carne.” *Daniel 2:10,11*.

Não há lugar na teologia babilónica para a mensagem do santuário, porque ela totalmente contradiz o seu conceito de Deus. Eles vêem um deus elevado muito acima dos seus súbditos que precisam de uma classe especial de pessoas “santas” para permanecer entre o povo e o senhor. Infelizmente para eles, as pessoas supostamente “santas” que são consideradas como instrumento de ligação entre deus e o povo, não são mais aptas para ocupar a posição do que o povo em si mesmo. Os mágicos babilónios admitiram isto quando confessaram que o segredo era conhecido apenas pelos deuses que, por não morarem com a humanidade, não podiam transmitir a mensagem mesmo aos mágicos que se presumia serem os homens mais sábios na terra.

Um deus assim não pode simpatizar com o seu povo nem compreender as dificuldades e perplexidades pelas quais este passa. Ele não é afectado pela separação dos seus súbditos. Tudo o que quer é a servil adoração e inquestionável veneração. Ele deleita-se em mantê-los na ignorância, porque é um deus de trevas em vez de luz. Ele é orgulhoso e altivo e pronto a punir aqueles que não reconhecem a sua autoridade. Ele não é um salvador, mas um terrível destruidor.

Esse não é o Deus revelado na Presença no santuário mais tarde visto a andar como um homem entre os homens. Ele é tudo o que deus pagão não é. É um amigo dos pecadores. O Seu amor por nós não depende do nosso amor por Ele, porque Ele amou-nos antes de O conhecermos e continuará a fazê-lo para sempre, não importa qual o tratamento que lhe damos em troca.

“Desde que Cristo veio habitar entre nós, sabemos que Deus está relacionado com as nossas provações, e Se compadece das nossas dores. Todo o filho e filha de Adão pode compreender que o nosso Criador é o amigo dos pecadores. Pois em toda a doutrina de graça, toda a promessa de alegria, todo o acto de amor, toda a atracção divina apresentada na vida do Salvador na terra, vemos ‘Deus Connosco’” *O Desejado de Todas as Nações*, 19, 20.

“Baixando a tomar sobre si a humanidade, Cristo revelou um carácter exactamente oposto ao de Satanás. Desceu, porém, ainda mais baixo na escala da humilhação. ‘Achado na forma de homem, humilhou-Se a Si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz.’ Filipenses 2:8. Como o sumo-sacerdote punha de parte as suas sumptuosas vestes pontificais, e oficiava no vestuário de linho branco, do sacerdote comum, assim Cristo tomou a forma de servo, e ofereceu sacrifício, sendo Ele mesmo o sacerdote e a vítima. ‘Ele foi ferido pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniquidades: o castigo que nos traz a paz estava sobre Ele.’ Isaías 53:5.” *Idem*, 20, 21.

É vitalmente importante para o povo através de quem Deus obterá a Sua vitória final sobre o homem do pecado, saber o que Jesus significa para eles. Precisam compreender a profundidade e intensidade do Seu amor e como Ele sente o desejo de estar com eles de modo que, por sua vez, possa tomá-los para estarem Consigo onde estiver.

Todos fariam bem em levantar o véu pela fé e, através da luz brilhante da sagrada Palavra, meditar nessa maravilhosa Presença como habitou no santuário do passado, entrou através da Sua encarnação na tenda humana, e como ministra à direita de Deus no Céu. Todo o crente precisa compreender o que isto significa para ele pessoalmente, e deviam estudá-lo até a sua alma ser inflamada com luz e poder; até encontrar o amor de Cristo tão formado no interior que deseje estar com o Salvador tanto como Cristo deseja estar com o crente.

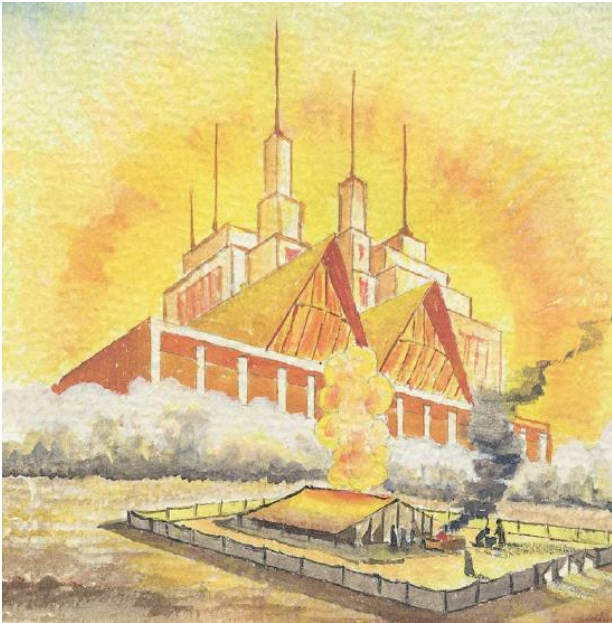
Os que passam o tempo em tranquila inspiração pelo Espírito e directa contemplação acerca da Presença entre o querubim acima do propiciatório no lugar santíssimo do santuário, encontrarão quanto o seu amor não chega ao divino ideal. Eles compreenderão quão comum e baixa a sua experiência é, e, ao mesmo tempo, alcançarão visões do que o Senhor tornou válido para eles.

Que vasto campo de estudo e meditação deste tema abre à nossa surpreendida contemplação! Que transformador poder salvador há na presença do salvador entre nós como um Irmão, Amigo, Salvador, Guia, Confortador, Protector, e muito mais!

Quão pouco conhecemos e apreciamos o nosso precioso Sumo-sacerdote! O tempo chegou em que estas deficiências devem ser sentidas e uma nova relação estabelecida entre Cristo e nós mesmos. Nada há que Ele deseje mais sinceramente, nem algo que mais O satisfaça. O caminho para o santíssimo está aberto. Podemos chegar à Sua presença para ser ensinados a respeito d’Ele e compreender a glória deste mistério, “que é Cristo em vós, a esperança da glória.” *Colossenses* 1:27.

Como foi testemunhado anteriormente, de maneira alguma esgotámos as gloriosas verdades a ser aprendidas nesta presença de Cristo no santuário do Velho Testamento. Não há uma única verdade bíblica excepto a que é ali revelada, porque em Cristo está toda a plenitude do Deus eterno. Uma biblioteca de livros podia ser escrita acerca deste tema ao qual devotámos até aqui só um capítulo.

Agora é deixado com cada crente chegar-se à presença de Cristo. Os pensamentos expressos aqui podem servir para abrir os olhos sobre todos os gloriosos privilégios perante eles de modo que terão uma experiência nova e vital, andarão tão perto de Deus como Ele deseja, e serão preparados para serem instrumentos de Deus no conflito vindouro com os poderes das trevas. Permitamos que a determinação de Cristo em morar no meio do Seu povo nos convença que Ele nos ama tanto que não pode suportar uma separação e fará tudo para restaurar a associação perdida.



A Mensagem para o nosso Tempo
(Publicado na revista “The Messenger and News Review”, Março 1982)

Capítulo 23

A Arca e o Seu Conteúdo

A arca era a única peça de mobiliário no santuário em que algo estava guardado com carácter permanente. O mais próximo, nesta qualidade, era o castiçal de ouro com sete braços que continha o santo óleo que alimentava as lâmpadas.

Na arca estavam depositados o vaso do maná, a vara de Arão florescida, e as duas tábuas de pedra nas quais estavam gravadas os dez mandamentos. Isto é confirmado por Paulo:

“Mas depois do segundo véu estava o tabernáculo que se chama o santo dos santos,

“Que tinha o incensário de ouro, e a arca do concerto, coberto de ouro em redor; em que estava um vaso de ouro, que continha o maná e a vara de Arão, que tinha florescido, e as tábuas do concerto;” *Hebreus* 9:3,4.

Na altura em que Moisés recebeu as instruções para construir a arca, nenhuma indicação foi dada para incluir o maná. De facto, as únicas ordens dadas por Deus que estão relatadas nas Escrituras são encontradas em *Êxodo* 16:32-34.

E disse Moisés: Esta é a palavra que o Senhor tem mandado: encherás um gomer dele e o guardarás para as vossas gerações, para que vejam o pão que vos tenho dado a comer neste deserto, quando Eu vos tirar da terra do Egipto.

“Disse também Moisés a Arão: Toma um vaso, e mete nele um gomer cheio de maná, e põe-no diante do Senhor, em guarda para as vossas gerações.

“Como o Senhor tinha ordenado a Moisés, assim Arão o pôs diante do testemunho em guarda.”

Um gomer era cerca de 2,2 litros ou 2/4 americanos que, como seria de esperar, era apenas uma quantidade simbólica.

Foi antes de chegarem ao Sinai e portanto antes de lhes ser ordenado que erigissem o santuário, e construir e instalar o seu recheio, que foi dito ao sumo-sacerdote através de Moisés para deixar o

vaso do maná à parte. Ele devia ser deixado perante o testemunho. Quando a arca foi finalmente talhada, esta especificação devia ser respondida com o depósito do maná dentro dela.

A ordem pra incluir as tábuas de pedra foi dada ao mesmo tempo que os planos e especificações para a construção da arca, se bem que as tábuas propriamente ditas não tivessem sido senão mais tarde.

“Também farão uma arca de madeira de cetim; o seu comprimento será de dois côvados e meio, e a sua largura de um côvado e meio, e de um côvado e meio de altura.

“E cobri-la-ás de ouro puro, por dentro e por fora a cobrirás; e farás sobre ela uma coroa de ouro ao redor;

“E fundirás para ela quatros argolas de ouro, e as porás nos cantos dela; duas argolas num lado dela, e duas argolas no outro lado dela.

“E farás varas de madeira de cetim, e as cobrirás com ouro,

“E meterás as varas nas argolas, aos lados da arca, para se mover com elas a arca.

“As varas estarão nas argolas da arca, não se tirarão dela.

“Depois porás na arca o Testemunho, que Eu te darei.” *Êxodo* 25:10-16.

Por isso, quando Moisés mais tarde recebeu de Deus as tábuas de pedra, compreendeu que elas deviam ser colocadas na arca. A entrega destas tábuas de pedra está relatada em *Êxodo* 31:18.

“E deu a Moisés (quando acabou de falar com ele no monte de Sinai) as duas tábuas do Testemunho, tábuas de pedra, escritas pelo dedo de Deus.”

Contudo, esta edição original nunca chegou ao seu destinado repouso na arca, porque Moisés quebrou-as quando viu o povo adorando o bezerro de ouro. Foi o conjunto substituto que foi guardado no sagrado lugar debaixo do propiciatório.

A vara de Arão foi a última coisa a ser colocada ali. Isto não aconteceu senão depois da rebelião de Coré, Datã e Abirã, que se desenvolveu depois da queda em Cades Barneia onde os israelitas foram sentenciados com quarenta anos de peregrinação pelo deserto.

Os rebeldes Coré, Datã e Abirã, tinham levantado a acusação contra a posição de Arão. Para esclarecer de vez, o Senhor ordenou que os maioraís de cada tribo tomassem cada um uma vara e inscrevessem nela o seu nome. As varas foram deixadas durante a noite no tabernáculo. Deus declarou que a vara que florescesse indicaria a pessoa que Ele tinha apontado para o ofício de sumo-sacerdote. Assim Jeová tornou claro que a responsabilidade cabia a Arão. A sua vara foi então depositada na arca como um testemunho perpétuo para os princípios da divina eleição. Vide em *Números* 17:1-11.

Sob a Presença, entre os querubins estava o tempo da arca que era chamada o propiciatório. Tal como o resto da arca, era feito de madeira de acácia revestido de ouro puro.

Em cada lado da cerca estava um magnificante querubim de ouro com uma asa estendida para cobrir a Presença e a outra asa dobrada sobre o seu lado. A posição e natureza de cada uma destas coisas era destinada a transmitirem lições de grande importância para os filhos de Deus de todas as eras. Tão extensas são estas lições que a eternidade não esgotará as profundidades e alturas contidas nelas. Portanto, a descrição dada aqui é apenas uma breve introdução para elas e seu significado.

Aquelas eram as três coisas guardadas na arca, e de todas elas, possivelmente eram as tábuas de pedra, nas quais estavam inscritos os dez mandamentos, a mais impressionante.

Isto era algo inteiramente novo, porque a lei na forma de Dez grandes proibições inscritas em tábuas de pedra, nunca tinha sido anteriormente dada ao mundo. Nem tal exibição tinha sido estabelecida no Éden antes da queda, nem tinha sido dada àqueles que serviram a Deus depois da entrada do pecado. Porque, então, esperou Deus tanto tempo antes de fazer esta impressionante apresentação ao Seu povo?

O Senhor nunca havia feito isto antes porque Ele na verdade nunca quis fazê-lo. Somente quando a cegueira espiritual do povo se tornou tão aguda através da persistente transgressão, achou Ele necessário fazer esta adição, como está escrito:

“Logo para que é a lei? Foi ordenada por causa das transgressões,...” *Gálatas* 3:19.

Se o homem houvesse guardado a lei de Deus conforme fora dada a Adão depois da sua queda, preservada por Noé e observada por Abraão; não teria havido necessidade de se ordenar a circuncisão. E, se os descendentes de Abraão houvessem guardado o concerto, do qual a circuncisão era um sinal, nunca teriam sido induzidos à idolatria; tampouco lhes teria sido necessário sofrer vida de cativo no Egito; teriam conservado na mente a lei de Deus, e não teria havido necessidade de que ela fosse proclamada no Sinai, nem gravada em tábuas de pedra. E, se o povo houvesse praticado os princípios dos Dez mandamentos, não teria havido necessidade das instruções adicionais dadas a Moisés.” *Patriarca e Profetas*, 378.

A lei na sua forma pura e original é uma perfeita transcrição do santo carácter, mas o povo tinha perdido a capacidade de ver Deus ou a Sua lei na sua verdadeira luz. Por conseguinte Deus deu-lhes uma ilustração deles mesmos. Eles eram o resultado das suas transgressões que os tinha reduzido ao povo de coração de pedra que tinha um conhecimento intelectual dos requisitos de Deus mas cujo carácter não reflectia a justiça de Cristo. Ele queria que vissem que eles, que estavam tão espiritualmente mortos como a pedra fria na qual a lei estava escrita, precisavam olhar para outra Fonte em busca da vida que se mede com a vida de Deus.

Ao fazer isto, o Senhor reconheceu o perigo do fracasso deles em ver o seu verdadeiro propósito ao fazer esta adição. Olhariam para o aio que lhes deu para os levar a Cristo, como a fonte no lugar de Cristo. Com zelo digno de uma causa muito melhor, procurariam eliminar das suas vidas, toda a prática proibida por essa lei, e seria então esperada a aprovação mais calorosa do Senhor pelas suas proezas. Assim fazendo, procurariam atingir o ideal de Deus para eles numa forma diferente da d’Ele.

O apóstolo Paulo viu o verdadeiro propósito do Senhor ao adicionar a lei por causa das suas transgressões. Quando ao escrever aos Coríntios, expressou grande satisfação por eles não serem tábuas de pedra, mas tábuas vivas do coração.

“Porventura começamos outra vez a louvar-nos a nós mesmos? Ou necessitamos, como alguns, de cartas de recomendação para vós, ou de recomendação de vós?”

Vós sois a nossa carta, escrita em nossos corações, conhecida e lida por todos os homens.

Porque já é manifesto que vós sois a carta de Cristo, ministrada por nós, e escrita, não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas nas tábuas de carne do coração.” *2 Coríntios* 3:1-3.

Antes do evangelho chegar, os coríntios, estavam certamente numa condição espiritual convenientemente ilustrada pelas tábuas de pedra. Mas o grande apóstolo apontou-lhe Cristo, o dador da vida, que os tinha transformado de tábuas de pedra em vivas revelações da verdade e justiça.

O primeiro passo vital nesta transformação levou-os a ver a sua verdadeira condição e desesperada necessidade. A provisão das duas tábuas de pedra foi designada para alcançar este objectivo. À medida que o povo era levado a ver que aquelas tábuas de pedra onde estavam escritas frias palavras de proibição, eram uma ilustração da sua própria condição de mortos, sentiria que estava sob a terrível condenação de morte eterna.

“... O ministério de morte, escrito e gravado em tábuas de pedra”, versículo 7, era determinado a mostrar quão desesperançada era a sua situação. A lei não lhes podia oferecer vida. Ela pressagiava apenas condenação como é tornado claro a verdade que a lei exige, e obterá, a vida do pecador.

Quando o pecador se afunda no abismo do desespero sem esperança debaixo deste terrível ministério, uma luz radiante começa a brilhar nas suas mentes à medida que o Espírito Santo o dirige para o Salvador em que está o perdão e a vida. Com coração grato, ele lança-se a si mesmo sobre a misericórdia de Cristo e é transformado de um pecador com coração de pedra num filho de Deus, vivo.

Tão grande é a mudança que ele não mais precisa destas proibições. Está fora de propósito dizer que o homem que ama os seus inimigos, tanto que lhes retribui apenas bem por mal, ora por aqueles que com despeito o usam, e faz tudo ao seu alcance para trazer felicidade e prosperidade àqueles que o roubariam e destruiriam, de maneira que ele não os mata. Tal pensamento nunca entra na sua

cabeça. Deus deu os mandamentos para restringir do mal aqueles que têm em si mesmos a inclinação para fazer o mal.

Por exemplo, letreiros com “não fumar” não têm efeito no comportamento daqueles que não são fumadores. O seu propósito é restringir o fumador da prática do seu hábito impuro, onde de outro modo poluiria o ar e irritaria os seres humanos semelhantes a si.

“Sabemos, porém, que a lei é boa, se alguém dela usa legitimamente;

Sabendo isto, que a lei não é feita para os justos, mas para os injustos e obstinados, para os ímpios e pecadores, para os profanos e irreligiosos, para os parricidas, e matricidas, para os homicidas.

Para os fornicários, para os sodomitas, para os roubadores de homens, para os mentirosos, para os perjuros, e para o que for contrário à sã doutrina.” *1 Timóteo* 1:8-10.

Há assim uma maravilhosa relação entre o mistério de morte – a lei que foi adicionada por causa das transgressões – e a posição e obra de Jesus Cristo. Esta bela verdade é maravilhosamente ilustrada no arranjo do lugar santíssimo onde o propiciatório estava localizado entre as tábuas de pedra e a Presença do Altíssimo.

A lei representava a terrível justiça de Deus que proferia só condenação e frieza, eterna aniquilação para o pobre pecador. Aquelos mandamentos diziam à pessoa dentro de quem estava o espírito de um assassino que por causa daquela disposição estar ali, ele estava condenado à eterna destruição.

Entre o querubim habitava a Presença do imaculado e imutável Deus que não daria mesmo a mais leve consideração a qualquer sugestão que a lei fosse mudada para acomodar o pecador. A imutabilidade da Sua lei está fixada para sempre. É uma questão que não tem discussão, porque o Senhor sabe que qualquer solução para o problema do pecador que requeira uma modificação da lei, somente serviria para transigir em vez de remover a dificuldade.

Era a colocação do propiciatório entre os dois absolutos ministérios de morte em baixo e o imutável Deus recto por cima, que deu ao povo esperança. O infinito amor de Deus, expresso na Sua misericórdia que dura para sempre, tinha encontrado uma forma pela qual o homem podia ser salvo sem qualquer enfraquecimento da lei ou mudança no carácter de Deus. A justiça seria satisfeita, o universo seguro, e o pecador salvo. O plano de salvação é uma obra-prima para a solução do problema que só a mente de Deus podia alcançar.

Qualquer israelita que contemplasse o arranjo na e por cima da arca e compreendesse a mensagem transmitida desse modo, vinha com fé e coragem renovada para oferecer o cordeiro sacrificial à porta do santuário. O povo viu nesta oferta a garantia da salvação que a misericórdia de Deus tinha provido para eles. Eles alegremente deixaram a lei exigir a penalidade tomando a velha natureza pecaminosa de modo que fossem purificados e libertados para receber a semente de Cristo em seu lugar. Havendo recebido a Sua vida, estavam libertos do velho senhor, o ministério de morte gravado em pedras, e com inexpressável gratidão viveram diariamente na bênção da expiação.

O assunto da lei é vasto, requerendo volumes para o cobrir completamente. Contudo, tendo considerado resumidamente, passaremos adiante para outros artigos na arca.

Todo o princípio da ordem divina e organização para a Sua igreja na terra e no Céu é ensinado na vara de Arão florescida. Desde o princípio da libertação do Egipto, o Senhor demonstrou que era a cabeça da igreja e que eles eram os membros do Seu corpo. Em nenhum momento deu Ele autoridade executiva ao povo. A nenhum grupo humano foi ordenado que elaborasse um plano para escaparem da servidão nem a rota que deviam seguir dia a dia enquanto jornadeavam em direcção à terra prometida.

Moisés era a voz de Deus. A ele eram dadas as instruções pela divina cabeça, e era a sua responsabilidade passar estas ao povo de quem se esperava obediência a elas.

Apesar da clareza dos procedimentos de Deus e perfeito sucesso que lhe prestou obediência, o povo mostrou persistente disposição para dirigir os assuntos de Jeová em vez d’Ele.

É espantoso que o homem pudesse alguma vez pensar que era melhor qualificado para planear e executar a obra de Deus do que Ele. Essa disposição é a expressão de um terrível orgulho e auto-

suficiência. Contudo os membros e dirigentes confiantemente levam a cabo este ofício, e esperam mesmo que Deus esteja grandemente satisfeito com os seus esforços.

Nada há mais confortante do que a verdade que Cristo é realmente a cabeça da igreja, e que não temos que carregar a responsabilidade da sua liderança, mas pode confiantemente deixar-se toda a elaboração de planos e soluções de problemas para Ele. Isto afasta todo o receio que a obra será arruinada pelos erros imprudentes e sérios erros de cálculos. Tal alegria e verdade encherá cada crente que deixa Cristo ser a única Cabeça da igreja, de modo que pode sincera e inteligentemente cantar, “Guia, o Rei eterno.”

Esta paz não era desconhecida para os antigos israelitas. O povo manifestava uma contínua suspeita a respeito daquilo que Deus estava a fazer e esperava por qualquer oportunidade, para em vez disso, seguirem os seus próprios caminhos e julgamentos. Por isso a designação de Arão por Deus ficou sob ataque directo. Coré, Datã e Abirã estavam convencidos que eram mais aptos para desempenhar o ofício de sumo-sacerdote do que o irmão de Moisés, e foram capazes de alistar duzentos e cinquenta príncipes e seus seguidores para apoiar a sua contestação.

Enquanto o faziam, eles proclamavam que elevavam e protegiam o nome de Deus, Sua causa e honra, porém na demonstração que se seguiu, Deus demonstrou que eles estavam inteiramente errados na sua tomada de posição. Eles fracassaram em reconhecer os princípios da divina eleição e estavam determinados a estabelecer uma eleição humana no seu lugar.

“Coré, o espírito dirigente deste movimento, era levita, da família de Coate, e primo de Moisés; era homem de habilidade e influência. Embora designado para o serviço do tabernáculo, descontentara-se com sua posição, e aspirara à dignidade do sacerdócio. A concessão a Arão e sua casa do ofício sacerdotal, que anteriormente tocava ao filho primogénito de cada família, dera origem a inveja e dissabor, e por algum tempo Coré estivera secretamente a opor-se à autoridade de Moisés e Arão, se bem que não se arriscasse a um acto manifesto de rebelião. Finalmente concebeu o ousado plano de subverter tanto a autoridade civil como a religiosa. Não deixou de achar quem o apoiasse.” *Patriarcas e Profetas*, 415.

Quando Coré e o seu grupo pereceram na terra, nem mesmo então o povo ficou livre do seu espírito rebelde. No dia seguinte acusaram Moisés e Arão de serem os assassinos do verdadeiro povo de Deus. Esta acusação totalmente errada era uma rejeição de Deus e Seus caminhos, tão grave que por esse meio se privaram a si mesmos da Sua protecção e uma praga que matou catorze mil e setecentos deles, irrompeu.

Se bem que tivessem recebido mais do que suficiente evidência para justificar os princípios de nomeação divina, os israelitas ainda não estavam preparados para caminhar nos caminhos de Deus, por isso num esforço final para os convencer, Jeová operou o milagre do florescimento da vara. Isto não deixou dúvida que Moisés e Arão estavam onde Deus, e não eles mesmos, os tinha colocado.

A preservação da vara florescida devia ser uma perpétua advertência de que Cristo era a cabeça da igreja, que não devia haver eleições humanas, e que todos os planos deviam emanar d’Ele. Aquelas lições estão também escritas para nós sobre quem os últimos dias estão rapidamente vindo. Os que as aprendem serão fiéis instrumentos de Deus para finalizar a obra.

A presença do maná era mais uma confirmação das verdades ensinadas pela vara florescida.

Foi pela liderança de Deus que os israelitas tinham sido colocados numa posição onde estavam ameaçados pela fome. Deviam viajar através de um árido deserto onde não havia provisões para homens ou animais, nem visível alívio à vista. Os férteis vales e planícies da terra prometida estavam ainda muito longe, e nada havia que eles pudessem ver que lhes podia prover o alimento necessário para chegarem ali. A morte parecia ser o resultado certo.

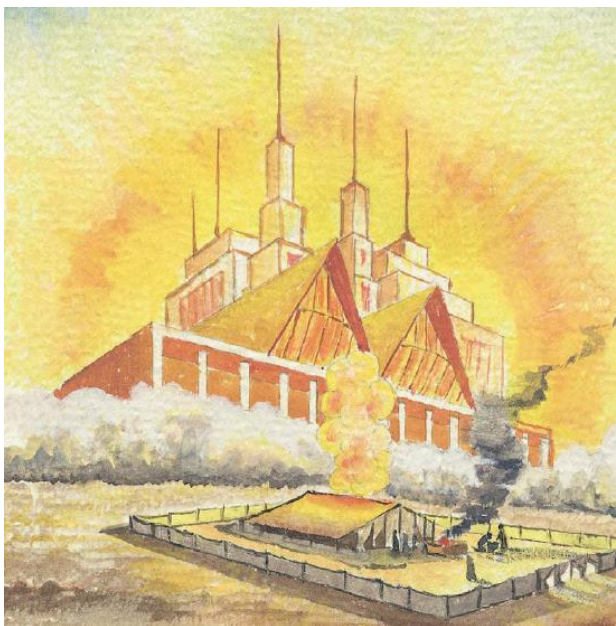
Em vez de lamentarem o seu destino, deviam ter reconhecido que o Senhor que os trouxe era o responsável pelo cuidado do suprimento das suas necessidades. Ele era a Fonte da sua libertação e seria a Fonte de suprimento para cada passo no seu caminho.

A provisão do maná era o amoroso e alegre cumprimento da Sua missão como a Fonte de vida e liderança. O povo devia ser capaz de ver que estava desprovido de poder para satisfazer as suas

próprias necessidades, e dependentes de Deus para fazer por eles o que não podiam fazer por si mesmos. Era uma experiencia que nunca deviam esquecer, que tenderiam a fazer quando colocados em melhores circunstancias. Para este fim, o seu amoroso líder, levou-os a colocar o maná na arca como uma eterna recordação da sua verdadeira relação com Ele.

Se Coré e os seus seguidores tivessem guardado a lição sempre viva nas suas mentes, Deus não teria necessidade de dar um sinal especial em fazer a vara de Arão florescer.

Há tremendas verdades residentes no facto de Deus ser a nossa Fonte, Cristo a ligação, e nós mesmos os recebedores. Este é o assunto de um livro presentemente em curso de preparação sobre o tema da entrada no repouso do Sábado de Deus. Não repetiremos o que foi aqui escrito, mas encorajaremos todos os crentes a meditarem profundamente nas maravilhosas verdades reveladas nos aprestos do santuário. Correctamente vistos, eles serão uma bênção para a alma, uma protecção da tentação de Satanás, e a inspiração da vida.



A Mensagem para o nosso Tempo
(Publicado na revista “The Messenger and News Review”, Abril 1982)

Capítulo 24

A Expição no Lugar Santíssimo – I

Até aqui tem sido dada consideração a um número de expiação sucessivas – a expiação sacrificial, as expiações simbolizadas pelas ofertas queimadas, libação e pacífica, e expiação pelos pecados de ignorância e culpa, e a expiação figurada no sacrifício da bezerra ruiva.

Todas estas expiações estavam ligadas com os serviços no pátio e no lugar santo. Elas preparavam o caminho para a expiação final que no tipo era realizada no lugar santíssimo do santuário terrestre e que no antítipo está agora mesmo a ser realizada no mesmo compartimento do santuário celestial.

No antigo serviço típico do santuário, o grande dia de expiação final era realizado sempre numa data específica: no sétimo dia do décimo mês. Durante dez dias antes disto, as trombetas deviam tocar todos os dias para avisar o povo do vindouro encontro importante com Deus, e da necessidade de fazer uma profunda preparação para esse acontecimento pelo exame dos seus corações e abandono de todos os pecados. Aqueles que tendo falhado em fazer a preparação necessária iam ao serviço solene com erros que não tinham sido deixados e com pecados não confessados, eram para sempre banidos do acampamento.

O procedimento divinamente especificado para o serviço da expiação final está relatado em *Levítico 16:1-9*.

“E falou o Senhor a Moisés, depois que morreram os dois filhos de Arão, quando se chegaram diante do Senhor e morreram.

“Disse pois o Senhor a Moisés: Dize a Arão, teu irmão, que não entre no santuário em todo o tempo, para dentro do véu, diante do propiciatório que está sobre a arca, para que não morra, porque Eu apareço na nuvem sobre o propiciatório.

“Com isto Arão entrará no Santuário: com um novilho, para expiação do pecado, e um carneiro para holocausto.

“Vestirá ele a túnica santa de linho, e terá ceroulas de linho sobre a sua carne, e cingir-se-á com um cinto de linho, e se cobrirá com um mitra de linho: estes são vestidos santos; por isso banhará a sua carne na água e os vestirá.

“E da congregação dos filhos de Israel tomará dois bodes para expiação do pecado e um carneiro para holocausto.

“Depois Arão oferecerá o novilho da expiação, que será para ele, e fará expiação por si e pela sua casa.

“Também tomará ambos os bodes, e os porá o Senhor, à porta da tenda da congregação.

“E Arão lançará sortes sobre os dois bodes: uma sorte pelo Senhor, e a outra sorte pelo bode emissário.

“Então Arão fará chegar o bode, sobre o qual cair a sorte pelo Senhor, e o oferecerá para expiação do pecado;” *Levítico* 16:1-9.

O próximo acto do drama era a confissão do pecado sobre a cabeça da vítima seguido pelo seu afastamento do acampamento onde percia sozinho no deserto.

Grande cuidado era então exercido para remover as carcaças do novilho e do bode que tinham sido oferecidos como oferta pelo pecado, para um lugar fora do acampamento onde deviam ser queimadas até ficarem reduzidas a cinzas. De cada uma das pessoas envolvidas nestas actividades era requerido lavarem-se muito cuidadosamente.

A expiação final era administrada a três classes de pessoas. Primeiramente havia o sumo-sacerdote e a sua casa que incluía os seus filhos que o assistiam no lugar santo durante o ano.

Em segundo lugar havia o resto dos levitas aparte do sumo-sacerdote e dos seus filhos. A diferença entre estas duas secções da tribo de Levi era que enquanto o sumo-sacerdote e os seus filhos ministravam dentro do santuário, o restante da tribo não devia ministrar. Esta importante distinção é tornada clara no seguinte testemunho.

“Por determinação divina a tribo de Levi foi separada para o serviço do santuário. Nos tempos primitivos cada homem era o sacerdote de sua própria casa. Nos dias de Abraão o sacerdócio era considerado direito de primogenitura do filho mais velho. Agora, em lugar dos primogénitos de todo o Israel, o Senhor aceitou a tribo de Levi para a obra do santuário. Por meio desta honra distinta manifestou Ele Sua aprovação à fidelidade da mesma, tanto por aderir ao Seu serviço como por executar Seus juízos quando Israel apostatou com o culto ao bezerro de ouro. O sacerdócio, todavia ficou restrito à família de Arão. A este e seus filhos, somente, permitia-se ministrar perante o Senhor; o resto da tribo estava encarregada do cuidado do tabernáculo e de seu aparelhamento, e deveria auxiliar os sacerdotes em seu ministério, mas não deveria sacrificar, queimar incenso, ou ver as coisas sagradas antes que estivessem cobertas.” *Patriarcas e Profetas*, 361, 362.

Em terceiro lugar havia o resto da congregação constituída pelas doze tribos de Israel numeradas.

Mas apesar de haver três classes do povo por quem a expiação final era realizada, faziam-se somente duas ofertas. Primeiramente o sumo-sacerdote e a sua família recebiam a expiação; depois eram o resto dos levitas juntamente com a congregação a receber a expiação, como um todo.

O significado deste esquema tem grande importância para o povo de Deus dos últimos dias, por isso devia ser profundamente compreendido por ele. O que tinha lugar no tipo tem que seguir-se no antítipo. Cada classe reunida no típico dia de expiação, encontra a sua contrapartida naqueles que são juntos no grande serviço antitípico.

Obviamente o sumo-sacerdote é o símbolo de Cristo, enquanto que os filhos do sumo sacerdote simbolizam aqueles que servem a Cristo como assistentes no santuário celestial tendo sido trasladados como Enoque e Elias, ou ressuscitados e levados para o Céu como foi Moisés e a multidão que subiu com Cristo depois da sua ressurreição.

Estas almas estão ilustradas neste papel na visão dada a *João* relatada em Apoc. 5:8-10.

“E, havendo tomado o livro, os quatro animais e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro, tendo todos eles harpas e salvas de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos.

“E cantavam um novo cântico dizendo: Digno és de tomar o livro, e de abrir os seus selos; porque foste morto, e com o Teu sangue compraste homens de toda a tribo, e língua, e povo, e nação;

“E para o nosso Deus os fizeste reis e sacerdotes; e eles reinarão sobre a terra.”

A referência ao capítulo anterior de Apocalipse torna muito claro que o povo simbolizado pelas quatro bestas e os vinte e quatro anciãos que estão no primeiro compartimento do santuário celestial, na altura em que a visão foi dada a João, tanto o Pai como o Seu Filho ali se encontravam.

Além disso este povo era constituído por homens e mulheres que tinham sido remidos desta terra e que testificavam de Cristo, “...foste morto, e com o Teu sangue compraste para Deus homens de toda a tribo, e língua, e povo, e nação.”

Portanto, eles eram os filhos de Cristo, e por conseguinte os filhos do sumo-sacerdote. Como tal, eles estavam ministrando no lugar santo sob a orientação do seu divino Líder.

Nas suas mãos estavam incendiários de ouro cheios com as orações dos santos que estavam oferecendo perante o Pai. Esta era uma obra que, no típico serviço do santuário, somente os filhos do sumo-sacerdote podiam fazer.

A fim de realizar este serviço no santuário celestial, estes remidos tinham que ser levados para o Céu antes do resto do povo de Deus. Moisés, Enoque, e Elias eram necessários ali durante a prolongada ausência do sumo-sacerdote, Jesus Cristo, quando Ele veio a esta terra para lutar com Satanás e dar a Sua vida pela raça humana caída. Ele não podia fazer esta obra na terra e ministrar no santuário celestial ao mesmo tempo. O resto daqueles que João viu ministrando no primeiro compartimento, estavam ali para assistir no ministério que se seguiu à morte e ressurreição de Cristo.

Cristo era bem capaz de fazer esta obra sozinho depois de voltar ao céu, mas estas almas, devido à sua filiação com o Pai eterno, Jesus Cristo, tinham-se qualificado para realizar esta obra, de modo que foram admitidos para ela. Grandes verdades a respeito do ministério de Deus são assim reveladas através da execução deste plano, e a comunhão através de todo o universo é enriquecida.

Nenhum daqueles que ministravam com Cristo no lugar santo depois da Sua ascensão podia ter ido para o Céu sem a expiação final ter sido feita em favor deles. Portanto, exactamente como tipificado no grande dia de expiação, aqueles que deviam servir no santuário juntamente com o Sumo-Sacerdote, receberam a sua expiação final primeiro que o restante. Realizado isto, foram levados para o santuário celestial para fazerem a obra que lhes estava determinada.

Portanto, as suas expiações finais tivessem lugar muito tempo antes do grande dia de contas final, começar em 1844 no fim dos dois mil e trezentos anos.

Alguns podem argumentar que isto não está retratado de forma exacta no tipo, porque se tivessem, os sacerdotes deviam ter tido a sua expiação final antes de ter começado o seu ministério no primeiro compartimento. Isto não teria sido possível sem causar grande prejuízo ao tipo que tinha que mostrar que aqueles que receberam a expiação final antes do resto do povo, ainda tinham que ter todo o serviço do lugar santo em primeiro lugar.

O facto que Arão e os seus filhos tinham que esperar até ao dia final de expiação simplesmente confirma a verdade que embora aqueles que foram para o Céu antes da ceifa final terem recebido os benefícios da grande expiação final a fim de poderem ir, a plena ratificação disso não será certificada até que a última pessoa tenha recebido as bênçãos e a vitória final esteja ganha.

A relação mantida no típico dia de expiação pelo restante dos levitas com a congregação como um todo, fielmente retrata os papéis a ser desempenhados pelas duas classes do povo de Deus que estarão vivas na terra durante a expiação final. A primeira daquelas classes é representada pelos levitas que tinham um compreensivo conhecimento do santuário e seus serviços, e cuja responsabilidade era instruir o resto da congregação, levá-la a reunir-se à volta do tabernáculo na altura exacta, e exortá-los a cumprir as condições necessárias para receberem os benefícios da expiação final.

Nas cenas finais, aqueles que cumprem a mesma obra numa escala global são aqueles que já compreendem as grandes verdades do ministério celestial de Cristo no lugar santíssimo, e que sabem o que os filhos de Deus na terra têm que fazer a fim de serem preparados para a transladação. Estes

são o povo que recebeu a luz da primeira, segunda, terceira e quarta mensagens angélicas que proclamarão no poder da chuva serôdia a todas as nações e tribo na terra. O alto clamor será o chamamento final para a reunião junto do santuário e para o exame dos corações de modo que todo o pecado terá partido antes do julgamento.

As pessoas a quem eles irão com este chamamento são simbolizadas pela congregação como um todo. Esta é a outra classe do povo de Deus que hoje está espalhada por todas as igrejas da cristandade, nas terras pagãs, e entre ateus e incrédulos. Tal como o corpo principal de Israel grandemente ultrapassava o numero dos levitas, assim os que hoje se conservam ocultos ultrapassam os que agora formam a visível igreja de Deus. É por causa do seu conhecimento da tríplice mensagem angélica que os membros da igreja de Deus estão qualificados para chamar o resto para se juntarem à volta do santuário.

Presentemente, a mensagem do santuário está escondida do povo de Deus que ainda está em babilónia. Não é ensinada nas suas igrejas e não têm forma de aprender estas preciosas lições. Mas quando o chamamento sair, compreenderão num espaço de tempo muito curto aquilo que levou muitos anos ao verdadeiro povo do advento a juntar, e virão de todas as direcções para se juntarem com a moderna tribo de Levi junto do santuário de Deus e de Seu Filho.

Há muitas garantias nas Escrituras que isto será assim. Uma profecia que fala especificamente dessa maravilhosa recolha da colheita é encontrada em Isaías 60, da qual citaremos os primeiros sete versículos. O resto do capítulo continua descrevendo o mesmo assunto.

“Levanta-Te, resplandece, porque já vem a tua luz, e a glória do Senhor vai nascendo sobre ti.

“Porque eis que as trevas cobriram a terra, e a escuridão os povos; mas sobre ti o Senhor virá surgindo, e a Sua glória se verá sobre ti.

“E as nações caminharão à tua luz, e os reis ao resplendor que te nasceu.

“Levanta em redor os teus olhos, e vê; todos estes já se ajuntaram, e vêm sobre ti; teus filhos virão de longe, e tuas filhas se criarão a teu lado.

“Então o verás, e serás iluminado, e o teu coração estremececerá e se alargará; porque a abundancia do mar se tornará a ti, e as riquezas das nações a ti virão.

“A multidão de camelos te cobrirá, os dromedários de Midiã e Efé; todos virão de Sabá; ouro e incenso trarão, e publicarão os louvores do Senhor.

“Todas as ovelhas de Quedar se congregarão para ti, os carneiros de Nebaiote te servirão; com agrado subirão ao meu altar, e eu glorificarei a casa da minha glória.”

“Apesar das trevas espirituais e afastamento de Deus prevaletentes nas igrejas que constituem Babilónia, a grande massa dos verdadeiros seguidores de Cristo encontra-se ainda em sua comunhão. Muitos deles há que nunca souberam das verdades especiais para este tempo. Não poucos se acham descontentes com sua actual condição e anelam mais clara luz. Debalde olham para a imagem de Cristo nas igrejas a que estão ligados. Afastando-se estas corporações mais e mais da verdade, e aliando-se mais intimamente com o mundo, a diferença entre as duas classes aumentará, resultando, por fim, em separação. Tempo virá em que os que amam a Deus acima de tudo, não mais poderão permanecer unidos aos que são ‘mais amigos dos deleites dos que amigos de Deus, tendo aparência de piedade, mas negando a eficácia dela.’

“O capítulo 18 do Apocalipse indica o tempo em que, como resultado da rejeição da tríplice mensagem do capítulo 14:6 a 12, a igreja terá atingido completamente a condição predita pelo segundo anjo, e o povo de Deus, ainda em Babilónia, será chamado a separar-se de sua comunhão. Esta mensagem é a última que será dada ao mundo, e cumprirá a sua obra. Quando os que ‘não creram a verdade, antes tiveram prazer na iniquidade’ (2 Tessalonicenses 2:12), foram abandonados para que recebam a operação do erro e creiam a mentira, a luz da verdade brilhará então sobre todos os corações que se acham abertos para recebê-la, e os filhos do Senhor que permanecem em Babilónia atenderão ao chamado: ‘Sai dela povo Meu.’” *O Conflito dos Séculos*, 389.

“Apesar do generalizado declínio da fé e da piedade, há verdadeiros seguidores de Cristo nestas igrejas. Antes de os juízes finais de Deus caírem sobre a terra, haverá, entre o povo do Senhor, tal

avivamento da primitiva piedade como não fora testemunhado desde os tempos apostólicos. O Espírito e o poder de Deus serão derramados sobre Seus filhos. Naquele tempo muitos se separarão das igrejas em que o amor deste mundo suplantou o amor a Deus e à Sua Palavra. Muitos, tanto ministros como leigos, aceitarão alegremente as grandes verdades que Deus providenciou fossem proclamados no tempo presente, a fim de preparar um povo para a segunda vinda do Senhor.” *O Conflito dos Séculos*, 463.

Que privilégio será para aquele que fizer este ultimo chamamento aos que perecem, e com que satisfação de coração os filhos de Deus em todas as comunidades saem das trevas para a maravilhosa luz de Deus. Então, quando a ultima alma for reunida, tanto os que fizeram o chamamento com aqueles que responderam, irão ao julgamento dos vivos para receber os benefícios da expiação final.

A ordem dos acontecimentos no típico dia de expiação não confirma o ensinamento que circulou largamente há alguns anos que fazem o chamamento final durante o alto clamor, passam primeiro pela expiação final e são eternamente selados antes de serem abençoados com o derramamento da chuva serôdia.

Se este fosse o caso, então nos antigos rituais teria sido necessário um terceiro sacrifício. Depois de Arão e seus filhos terem sido purificados, os levitas teriam que ter sido chamados e teria sido feita uma oferta em favor deles antes de saírem e chamarem a congregação para que o seu sacrifício fosse oferecido.

Mas isto não era feito deste modo. Pelo contrário, os levitas saíam primeiro e juntavam o povo; juntamente com ele, partilhavam da mesma oferta, o mesmo serviço, e a mesma purificação ao mesmo tempo. Assim será nos últimos dias.

Há ampla evidência nas Escrituras para confirmar esta ordem de acontecimentos. Ali é tornado claro que o povo que passa através da última grande luta necessitará de uma fé que é capaz de resistir aos testes mais severos, porque Satanás pressioná-lo-á com a ideia que os seus pecados não foram levados e que são tão pecaminosos que o Senhor não os pode perdoar.

“O tempo de agonia e angústia que diante de nós está, exigirá uma fé que possa suportar o cansaço, a demora e a fome, fé que não desfaleça ainda que severamente provada,” *O Conflito dos Séculos*, 620.

Mas se os crentes do advento que são o antítipo dos levitas, devessem receber a chuva serôdia como uma evidência que tinham sido selados, não mais necessitariam de caminhar pela fé durante esse período de prova, porque saberiam que estando selados, não mais poderiam estar perdidos.

Alguns procuram contradizer isto dizendo que os crentes não saberão por certo que a chuva serôdia está caindo sobre eles. Este argumento é baseado no testemunho que se segue:

“A não ser que nos estejamos desenvolvendo diariamente na exemplificação das activas virtudes cristãs, não reconheceremos as manifestações do Espírito Santo na chuva serôdia. Pode ser que ela esteja sendo derramada nos corações ao nosso redor, mas nós não a discerniremos nem a receberemos.” *Testemunhos para Ministros*, 507.

Este testemunho demonstra que é errado o ensinamento que os verdadeiros filhos de Deus não saberão quando a chuva serôdia está caindo sobre eles.

Ele confirma que o saberão ao dizer que só aqueles que não estão diariamente na exemplificação das activas virtudes cristãs não reconhecerão. Isto quer dizer que aqueles que se estão a desenvolver reconhecerão.

Isto é certamente verdade, porque o derramamento da chuva serôdia será o segundo e ultimo cumprimento da profecia encontrada em Joel 2. Quando estas palavras se realizarem no Pentecostes, os apóstolos inspirados reconheceram imediatamente que a profecia estava a ser cumprida e testemunharam este facto. Pedro disse, “Mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel.” Actos 2:16.

Do mesmo modo os crentes dos últimos dias inspirados também compreenderão o que está acontecendo e testificarão das maravilhosas obras de Deus. Saberão que não foram ainda selados com o segundo e último selo, porque não podem receber os benefícios da expiação final até terem reunido os crentes de babilónia junto do santuário.

Deus emprega estas operações da natureza para ensinar as mesmas lições. Por este meio, Ele torna clara a relação entre o derramamento do poder espiritual nas últimas colheitas dos justos e dos ímpios.

No oriente, a chuva temporã caindo no tempo da semente garantia a germinação da semente. Isto era seguido de um período de tempo seco marcado por aguaceiros ocasionais. Quando as espigas começavam a formar-se, a chuva serôdia era mandada para encher a espiga e prepará-la para a ceifa. O grão não estava pronto para ser ceifado logo que a chuva serôdia começava a cair. O cereal ainda precisava de mais tempo para crescer antes de estar pronto.

Assim como é na natureza, assim é na graça.

No início da experiência cristã, o Espírito Santo é dado para germinar a semente divina. No fim da colheita da terra, a chuva serôdia é dada para amadurecer o grão e prepará-lo para a vinda do Filho do homem. Mas quando a chuva serôdia começa a cair, ninguém está ainda pronto para a ceifa, quer os representantes dos levitas, quer a congregação em geral.

Na parábola do trigo e do joio, a mesma mensagem é transmitida. O trigo e o joio não são separados até à colheita. Há muitas evidências para mostrar que durante o período do alto clamor, o trigo e o joio estão ainda juntos e que o julgamento final que por fim os separará não tem lugar até que a obra do alto clamor esteja terminada.

“O trigo e o joio devem crescer juntos até à ceifa; e a colheita é o fim do tempo da graça.” *Parábolas de Jesus*, 72.

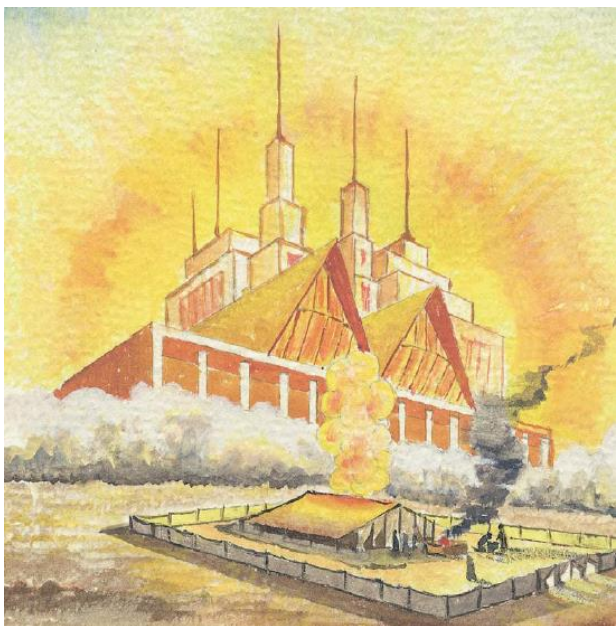
“Quando terminar a missão do evangelho, o juízo efectuará a obra da separação.” *Idem*, 122.

“Quando findar a obra do evangelho, seguir-se-á imediatamente a separação de bons e maus, e o destino de cada classe será fixada para sempre.” *Idem*, 123.

Aqueles que hoje estão na categoria simbolizada pelos levitas, têm um futuro muito maravilhoso perante si. E a sua sagrada responsabilidade possui uma profunda e completa compreensão do ministério de Cristo neste grande dia de expiação final. Recebendo a vida de Deus, devem transmitir vida aos homens. O sonoro chamamento para reunir junto do santuário deve sair a todas as pessoas sobre a face da terra até que a última família esteja ligada numa comunhão unida; a obra finalizada, e os santos estão reunidos no lar.

O tempo para estes grandes acontecimentos terem lugar está agora muito próximo. Nenhum de nós tem um minuto a perder em qualquer outra obra senão preparar-se para o vindouro dia de oportunidade.

“Solenes são as cenas ligadas à obra final da expiação. Momentosos, os interesses nela envolvidos. O juízo ora se realiza no santuário celestial. Há muitos anos esta obra está em andamento. Breve, ninguém sabe quão breve, passará ela aos casos dos vivos. Na augusta presença de Deus nossa vida deve passar por exame. Actualmente, mais do que em qualquer outro tempo, importa a toda a alma atender à admoestação do Salvador: ‘Vigiai e orai; porque não sabeis quando chegará o tempo.’ Marcos 13:33. ‘Se não vigiares, virei a ti como um ladrão, e não saberás a que hora sobre ti virei.’ Apocalipse 3:3.” *O Conflito dos Séculos*, 490.



A Mensagem para o nosso Tempo
(Publicado na revista “The Messenger and News Review”, Maio 1982)

Capítulo 25

A Expição no Lugar Santíssimo – II

A expiação no grande dia de expiação, era para a purificação do santuário.

“Assim fará expiação pelo santuário por causa das imundícias dos filhos de Israel e das suas transgressões, segundo todos os seus pecados; e assim fará para a tenda da congregação que mora com eles no meio das suas imundícias.” *Levítico* 16:16.

Num certo sentido, era também para a purificação do povo como está escrito:

“E isto vos será por estatuto perpétuo: no sétimo mês, aos dez do mês, afligireis as vossas almas, e nenhuma obra fareis, nem o natural nem o estrangeiro que peregrina entre vós.

“Porque naquele dia se fará expiação por vós, para purificar-vos; e sereis purificados de todos os vossos pecados perante o Senhor.” *Levítico* 16:29, 30.

Assim, o santuário e o povo eram ambos purificados na expiação final. Contudo há algumas distinções entre duas purificações que têm que ser compreendidas.

A purificação do santuário nesse dia, envolvia, a verdadeira remoção dos pecados que tinham sido tirados do povo anteriormente, e trazidos para o santuário durante os serviços diários.

Contudo o povo era purificado num sentido diferente. nenhuns pecados eram removidos das suas pessoas, porque essa obra tinha de ser feita antes da expiação final começar. Eles eram purificados no sentido dos seus pecados serem removidos mais um passo em direcção à última separação que será efectuada quando o pecado for banido de todo o universo. Isto será mais facilmente compreendido depois da purificação do santuário em si mesma ser cuidadosamente estudada.

Primeiramente, tem que ser estabelecido que o santuário no Céu não precisa de uma purificação literal. Muitos verificam que isto é difícil de aceitar, porque não podem acreditar que qualquer coisa no Céu se tenha alguma vez tornado impura. Mas a Bíblia claramente confirma que as coisas celestiais devem ser purificadas.

“E quase todas as coisas, segundo a lei, se purificam com sangue; e sem derramamento de sangue não há remissão.

“De sorte que era bem necessário que as figuras das coisas que estão no Céu assim se purificassem; mas as próprias coisas celestiais com sacrifícios melhores do que estes.” *Hebreus 9:22, 23.*

As declarações de Paulo sobre esta verdade vital é baseada no fidedigno princípio que aquilo que era feito no terrestre tem que ter a sua contrapartida no celestial. Se tivesse que haver uma purificação no santuário terrestre, então tinha que haver uma no celestial. Se não, o Altíssimo seria um enganador, porque deu o Velho Testamento e seus serviços como um propósito específico de dizer aos Seus filhos o que teria lugar no santuário celestial.

No tipo, o santuário era simbolicamente purificado pelo sangue dos animais sacrificados, mas o celestial é purificado com “sacrifícios melhores do que estes”, o sangue do próprio Jesus Cristo.

“A purificação, tanto no serviço típico como no real, deveria executar-se com sangue: no primeiro com o sangue de animais, no último com o sangue de Cristo. Paulo declara, como razão para que esta purificação deve ser efectuada com sangue, que sem derramamento de sangue não há remissão.” *O Conflito dos Séculos*, 416.

É criticamente importante que o estudante compreenda nesta altura o que, especificamente é ser remido. O próprio pecado deve ser removido, não apenas o relato ou a culpa dele.

Falamos correctamente acerca de:

- As acções do pecado;
- A culpa do pecado;
- E o registo do pecado;

Mas é necessário compreender que nenhum destes é o pecado em si mesmo. Eles são do pecado, não são o pecado.

“Remissão, ou acto de lançar fora o pecado, é a obra a efectuar-se.” *Idem.*

O pecado em si mesmo é o elemento conspurcador. Quando está na pessoa, ele mancha-a; quando é levado para o santuário celestial, profana mesmo aqueles santos lugares. A questão agora é:

“Mas, como poderia haver pecado em relação com o santuário, quer no Céu quer na terra? Isto se pode compreender por uma referência ao culto simbólico; pois que os sacerdotes que oficiavam na terra serviam de ‘exemplar e sombra das coisas celestiais.’” *Idem.*

A remissão do pecado começou com a remoção da pessoa e o seu depósito temporário no santuário. Ele era então removido do santuário e colocado no bode expiatório. A fase final era enviá-lo com o bode expiatório para a completa e final separação tanto do povo como dos lugares santos. Quando tudo isto tinha sido realizado, a remissão dos pecados tinha sido completada.

“E o que se fazia tipicamente no ministério do santuário terrestre, é feito na realidade do ministério do santuário celestial.” *Idem*, 419.

Havia pelo menos uma diferença significativa entre o serviço diário e o anual. Antes da vítima sacrificial ser morta no serviço diário, o pecador confessava o seu pecado sobre a cabeça do animal. Contudo, nenhuma dessas confissões era feita sobre o bode que era morto para fazer a expiação final pelo povo no serviço anual.

O que é que esta diferença significa?

Em termos simples, significava que através do serviço diário, o sangue serviu para levar o pecado para dentro do santuário, enquanto que no serviço anual, ele o levava para fora outra vez.

No santuário, o sangue é o veículo pelo qual o pecado é transportado de um lugar para outro. Quando o pecador se apresentava a si mesmo diariamente a porta do tabernáculo para fazer a sua confissão e oferecer o seu sacrifício, ele estava a levar a sua pecaminosidade interior e a sua culpa sobre si mesmo. Ele precisava ter esta imperfeição removida e colocada no santuário até ao grande

dia do julgamento, até vir o tempo em que seria colocada sobre o bode expiatório e eternamente separada de si.

A necessidade da sua iniquidade ser transferida de si mesmo para o lugar santo, era satisfeita pela sua oferta pessoal de um sacrifício. Profundamente arrependido da sua má condição, o pecador confessava a sua iniquidade sobre a cabeça do seu sacrifício, que ele depois matava com as suas próprias mãos. O sacerdote apanhava o sangue que jorrava e levava-o para o lugar santo, onde o espargia perante o véu que separava o primeiro compartimento do segundo. No tipo, isto significava que a pecaminosidade do crente tinha sido tirada dele e colocada no santuário.

Deste modo, o pecador era purificado, mas o santuário maculado. Alguns têm erroneamente operado no princípio que aquilo que acontecia no santuário, simultaneamente tem lugar no crente, todavia não é assim, porque é o oposto que acontece. Quando é revelado ao pecador arrependido a sua impureza, o santuário fica carregado com ela.

O procedimento e os seus resultados são claramente descritos no seguinte parágrafo:

“Dia após dia, o pecador arrependido levava sua oferta à porta do tabernáculo, e, colocando a mão sobre a cabeça da vítima confessava seus pecados, transferindo-os assim, figuradamente de si para o sacrifício inocente. O animal era então morto. ‘Sem derramamento de sangue’, diz o apóstolo, ‘não há remissão do pecado.’ ‘A vida da carne está no sangue.’ A lei de Deus, sendo violada, exige a vida do transgressor. O sangue, representando a vida que o pecador perdera, pecador cuja culpa a vítima arrostava, era levado pelo sacerdote ao lugar santo e espargido diante do véu, atrás do qual estava a arca contendo a lei que o pecador transgredira. Por esta cerimónia, o pecado transferia-se, mediante o sangue, em figura, para o santuário. Em alguns casos o sangue não era levado para o lugar santo; mas a carne deveria então ser comida pelo sacerdote, conforme Moisés determinou aos filhos de Arão, dizendo: ‘O Senhor a deu a vós, para que levásseis a iniquidade da congregação.’ Ambas as cerimónias simbolizavam, de igual modo, a transferência do pecado do penitente para o santuário.” *Idem*, 417.

Ninguém devia olhar para aqueles rituais antigos como não tendo nada a ver com a nossa relação com o problema do pecado de hoje. Todos precisamos compreender que sem o tabernáculo do Velho Testamento e os seus serviços divinamente apontados, não teríamos informação suficiente acerca do plano da salvação para tornar possível a Deus a finalização da Sua obra da graça em nós.

Portanto, o que os israelitas faziam no tipo, os crentes hoje têm que fazer na realidade. Isto não quer dizer que os judeus estavam limitados aos seus serviços rituais sem significado, enquanto a realidade era reservada para aqueles que haviam de viver desde a cruz. Deus pretendia que o povo também experimentasse dentro de si mesmo a realidade daquilo que eles faziam na forma ritualística, mas, infelizmente, muitos deles nunca compreenderam para além do rito em si mesmo. Eles chegaram a acreditar que a realização mecânica dos serviços era única coisa necessária para garantir o seu lugar no Céu. Os crentes hoje não devem repetir esse erro fatal.

Todo o que verdadeiramente recebe os benefícios da expiação, deve ser capaz de alcançar pela fé as bênçãos que Deus está a oferecer neste serviço. Quando os crentes vão ao seu grande Sumo-Sacerdote, a sua confissão do pecado tem que alcançar precisamente a raiz do problema, Não é suficiente arrepender-se do que fez, ou procurar nada mais do que o perdão para as más acções. Atrás de toda a acção pecaminosa está a raiz – a disposição má de onde brota a má acção. Até que seja removida, a má acção voltará a suceder-se.

Deus está a procurar desenvolver um povo que faça o que está certo, não por causa da lei o exigir, mas porque é a sua disposição natural para tratar com justiça, amar a misericórdia, e abençoar os seus semelhantes. O Altíssimo deseja com grande intensidade assim encher os Seus filhos com o Seu infinito amor, para que eles, em troca, amem mesmo os seus piores inimigos, orem por eles, lhes retribuam bem por mal, e irem a segunda milha por eles. Eles encontrá-lo-ão nos seus corações para fazer apenas isso e nada mais. A esse povo não precisa ser dito “não matarás”, porque isto é o que está mais afastado das suas mentes.

O crente que entra nos divinos propósitos de Deus, sabe que grandes mudanças devem tomar lugar dentro dele antes que possa atingir um tal estado de bem-aventurança. Ele partilhará o desejo que Deus tem para que alcance isto, e procurará o caminho pelo qual pode ser realizado. Esse verá com grata alegria as maravilhosas provisões da expiação porque ali ele vê a solução para os seus problemas.

Quando esta espécie de pessoa ajoelha perante o seu Sumo-sacerdote à porta do santuário, ela literalmente entrega o mal que está dentro de si mesma ao Sacerdote que espera, que o toma, e, através da eficácia do Seu sangue, o transfere para o santuário celestial. No lugar onde o mal habitou, o divino Médico então coloca a Sua própria vida imaculada. Na medida em que a confissão do crente é feita, a obra nele está agora completa. Ele regressa sem a pecaminosidade, um homem puro e modificado.

“A religião de Cristo significa mais que o perdão dos pecados; significa remover nossos pecados e encher o vácuo com as graças do Espírito Santo. Significa um coração despojado do próprio eu e abençoado pela presença de Cristo. Quando Cristo reina na alma, há pureza e libertação do pecado. A glória, a plenitude, a perfeição do plano do evangelho são cumpridas na vida. A aceitação do Salvador traz paz perfeita, perfeito amor, segurança perfeita. A beleza e fragância do carácter de Cristo manifestadas na vida, testificam de que em verdade Deus enviou Seu Filho ao mundo para o salvar.” *Parábolas de Jesus*, 419, 420.

Há um grande poder em saber que os nossos pecados foram removidos de nós tanto quanto o céu está longe da terra. É o privilégio de todo o crente compreender isto, quando verdadeira e adequadamente confessa os seus pecados; estes são tão literalmente transferidos para o lugar santo no Céu, como era o sangue levado para o interior do santuário do passado. Os pecados permaneciam ali até ao dia de ajuste de contas final, quando Jesus pleiteava o Seu sangue perante o Pai em favor de todos os que têm o pecado no santuário, e que satisfizeram as condições deles requeridas. Esta obra estava claramente tipificada nos rituais do Velho Testamento.

“Uma vez por ano, no grande dia da expiação, o sacerdote entrava no lugar santíssimo para a purificação do santuário. A obra ali efectuada, completava o ciclo anual do ministério. No dia da expiação, dois bodes eram trazidos à porta do tabernáculo, e lançavam-se sobre o qual caía a sorte do Senhor, deveria ser morto como oferta pelo pecado do povo. E devia o sacerdote trazer o sangue do bode para dentro do véu e espargi-lo sobre o propiciatório. Devia também espargir o sangue sobre o altar de incenso, que estava diante de véu.” *O Conflito dos Séculos*, 417, 418.

O procedimento seguido por Arão e os sumos-sacerdotes que lhe sucedera, é uma exacta ilustração do que Cristo faz no santuário celestial. Quando Ele subiu ao Céu depois da Sua crucificação e ressurreição, oficiava no primeiro compartimento do santuário celestial. O Seu ministério nesta sala terminou em 1844, quando a Sua intercessão no compartimento interior começou.

A obra no lugar santíssimo, refere-se somente aos pecados que já estão no santuário, pois o objectivo é purificar o edifício de toda a mancha, para sempre. Portanto, Cristo não está preocupado com os pecados que ainda estão na terra dentro das pessoas individualmente. Obviamente, que há muitas pessoas que nunca confessaram um único pecado durante toda a sua vida. Outros fizeram confissões inteiramente inaceitáveis e portanto negam a Cristo o direito de remover a iniquidade deles, Muitas almas fazem uma “confissão”, e crêem que estão perdoadas quando na realidade estão ainda mais na posse do mal e sua culpa como nunca.

As pessoas que nunca fizeram uma confissão aceitável, os seus pecados não mancham o santuário celestial, e, por conseguinte, não precisam que seja feita uma obra de purificação quando se trata dos seus casos. Os seus nomes irão a julgamento durante o milénio e a sua purificação terá lugar pelo fogo, quando Cristo voltar ao fim desse tempo. Infelizmente, como falharam em tornar válidas para si as provisões da expiação diária, e, por conseguinte, não se qualificaram para os benefícios da intercessão final, perecerão no holocausto que limpará os seus pecados.

Para aqueles que enviaram todos os seus pecados e antes do julgamento tomando total vantagem das provisões oferecidas na expiação diária, Cristo com gosto administrará as bênçãos da expiação final. Ele permanecerá em pé perante o Pai eterno como Advogado dos crentes, e, em seu favor, apresentará o irrefutável argumento do Seu precioso sangue.

Presentemente, esta obra está a realizar-se pelos justos mortos. Cristo começou-a quando entrou no lugar santíssimo em 1844, começando com aqueles que primeiro morreram nos dias de Adão, e prosseguindo através dos seculos até ao presente. Eventualmente, a obra passará aos casos dos vivos, com quem será completada.

Até agora, quase cento e trinta e oito anos têm sido devotados a ela, mas a demora da vinda de Cristo não é devido à incapacidade de mais rapidamente executar esta obra de julgamento e purificação. É a preparação do povo de Deus nesta terra, não a obra no Céu, que está fora da previsão. Pela sua falta de fé, a sua falta de vontade para suportar a necessária disciplina, e a sua preocupação com os interesses mundanos, o povo de Deus tem mantido Cristo esperando.

“Não era a vontade de Deus que a vinda de Cristo houvesse sido assim retardada. Não era desígnio Seu que Seu povo, Israel, vagueasse quarenta nos no deserto. Prometeu conduzi-los directamente à terra de Canaã, e estabelece-los ali como um povo santo, sadio e feliz. Aqueles, porém, a quem foi primeiro pregado, não entraram ‘por causa da incredulidade’. Seu coração estava cheio de murmuração, rebelião e ódio, e Ele não podia cumprir o Seu concerto com eles.

“Por quarenta anos a incredulidade, a murmuração e a rebelião excluíram o antigo Israel da terra de Canaã. Os mesmos pecados têm retardado a entrada do Israel moderno na Canaã celestial. Em nenhum dos casos houve falta da parte das promessas de Deus, É a incredulidade, a mundanidade, a falta de consagração e a contenda entre o professo povo de Deus que nos têm detido neste mundo de pecado e dor por tantos anos.” Evangelismo, 696.

As capacidades de Cristo são tão infinitas que Ele podia ter indiscutivelmente completado todo o ministério num dia literal ou menos. É deixado com o povo apressar ou demorar o Seu regresso.

Hoje, pergunta-se a muitos por que motivo é necessário um ministério com duas fases. Porque é que o pecado tem que ser primeiramente transferido do pecador para o santuário, e depois do santuário para o bode expiatório? Porque é que a iniquidade não é destruída imediatamente quando o pecado é confessado?

Ensinadores religiosos que não acreditam nos dois compartimentos do santuário celestial, realmente pensam que o pecado é incondicionalmente removido do crente no momento em que ele o confessa, mas esta posição é totalmente inaceitável para aqueles que sabem que Deus deu o santuário do Velho Testamento com um propósito específico de revelar aquilo que tem lugar no celestial.

Nunca devemos cometer o erro de esperar que compreendamos a existência de dois ministérios diferentes, antes de crer que eles existem. O facto que há primeiro uma remoção do pecado do pecador para o santuário, seguida por uma purificação desse pecado no edifício é plenamente ensinado nas Escrituras e tem que ser aceite, mesmo se o crente não compreende porque é que isto acontece.

Se for crido incondicionalmente naquilo que é revelado, a compreensão porque é assim, seguir-se-á em devido tempo.

Contudo, as razões são suficientemente claras. Primeiramente, é um princípio inviolável para Deus que Ele nunca faz qualquer coisa que viola a liberdade dos Seus súbitos para ter o que quer, e isto é o que Ele faria se removesse um pecado para sempre no momento em que é confessado.

Quando no entusiasmo de uma nova experiencia, uma pessoa confessa os seus pecados, sente então que nunca mais quer vê-los outra vez. Mas muitas pessoas mais tarde mudam a sua ideia, e voltam para as mesmas coisas que anteriormente renunciaram. De facto, acerca daqueles que têm embarcado com altas esperanças e aspirações numa jornada em direcção ao Céu, a maioria volta para trás, para o mundo pecaminoso outra vez.

Esta classe de povo nunca pode ir para o Céu, porque escolheram não ir. Somente os que terminam a corrida como começaram – odiando e abandonando o pecado em favor da justiça – caminharão pelas ruas de ouro.

O Senhor fez provisão para aqueles que querem os pecados de volta. Ele guarda-os no santuário até que tenham finalizado a sua carreira terrestre e o dia de ajuste de contas final venha. Se, nessa hora, as suas vidas demonstrarem que amam mais os seus pecados do que amam a Deus, Ele os devolverá. Então possuem aqueles pecados como se nunca os tivessem abandonado.

Outra razão, é que a questão da responsabilidade final não pode ser estabelecida no momento em que a pessoa confessa os seus pecados, pois se ela mais tarde renuncia à justiça e regressa a uma vida de iniquidade, deve então carregar com os seus próprios pecados, exactamente como fazem os ímpios que nunca confessaram os seus pecados.

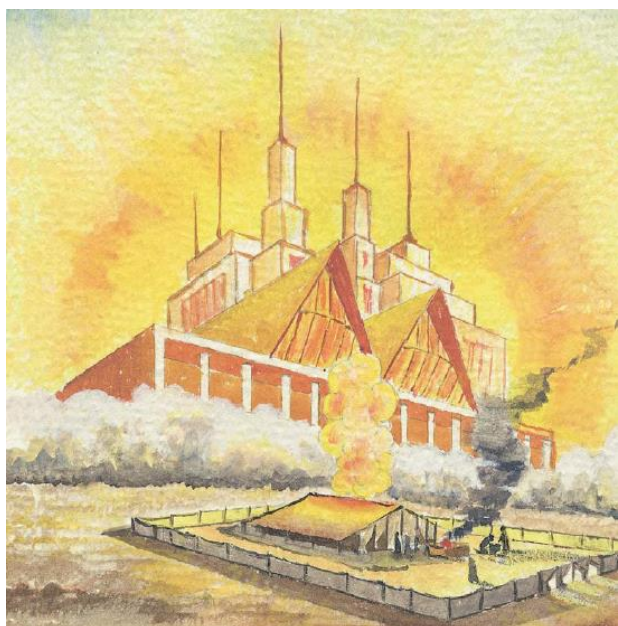
A responsabilidade de carregar com os pecados dos justos, será suportada por Satanás, mas os injustos devem carregar eles mesmos com este fardo, e a questão de quem é quem, não pode estar finalizada até que o dia de contas esteja por fim fechado. Portanto, os pecados têm que ser guardados no santuário até que a arrumação final possa ser determinada.

Alguns acham difícil de compreender como pode Satanás ser o bode expiatório, e realmente carregar com os pecados dos justos para a sua destruição e destruição deles. Todavia, esta é a verdade, e deve ser aceite como tal, sem se esperar que as compreenda porquê. Mais tarde, quando a expiação feita com o bode expiatório for considerada, discutiremos o assunto com mais detalhe. Entretanto, aceitamos simplesmente o facto, como está escrito:

“Quando se completava o ministério no lugar santíssimo, e os pecados de Israel eram removidos do santuário em virtude do sangue da oferta pelo pecado, o bode emissário era então apresentado vivo perante o Senhor; e na presença da congregação o sumo-sacerdote confessava sobre ele ‘todas as iniquidades dos filhos de Israel, e todas as suas transgressões, segundo todos os seus pecados, pondo-os sobre a cabeça do bode. *Levítico* 16:21 Semelhantemente, ao completar-se a obra da expiação no santuário celestial, na presença de Deus, dos anjos do Céu e do exército dos remidos, serão então postos sobre Satanás os pecados do povo de Deus; declarar-se-á ser ele o culpado de todo o mal que os fez cometer. E assim como o bode emissário era enviado para uma terra não habitada, Satanás será banido para a Terra desolada, que se encontrará como um deserto despovoado e horrendo.” *O Conflito dos Séculos*, 658.

“Quando o sumo sacerdote, por virtude do sangue da oferta da transgressão removia do santuário os pecados, colocava-os sobre o bode emissário. Quando Cristo, pelo mérito de Seu próprio sangue, remover do santuário celestial os pecados de Seu povo, ao encerrar-se o Seu ministério, Ele os colocará sobre Satanás, que, na execução do juízo, deverá arrostar a pena final.” *O Conflito dos Séculos*, 421.

Que maravilhoso dia será quando esta obra final estiver completada. Quando os israelitas viam o bode emissário ser levado para a eterna separação, um maravilhoso sentido de liberdade e salvação possuía o acampamento. Assim será, embora numa escala muito mais maravilhosa, quando Satanás arrostar com os nossos pecados para o deserto, e soubermos que eles nunca mais voltarão para nós.



A Mensagem para o nosso Tempo
(Publicado na revista "The Messenger and News Review", Junho 1982)

Capítulo 26

A Expição no Lugar Santíssimo – III

Deus instituiu apenas um meio para a libertação do pecado. Ele tem que ser tirado do individuo e transferido para o bode expiatório através do santuário. Nenhum pecado é jamais tirado do pecador e colocado directamente no portador final do pecado, Satanás.

Esta verdade é claramente ensinada nos rituais do Velho Testamento. Ao longo do ano os arrependidos iam dia a dia confessar os seus pecados e terem-nos transferido para o santuário, mas eles não podiam continuar a fazer isto quando a expiação final começava, porque nessa altura, qualquer iniquidade que estivesse sobre eles tinha que permanecer ali. Nenhuma provisão era feita para esta remoção depois desse ponto de tempo.

Enquanto o povo se reunia à volta do santuário, o sacerdote iniciava a obra da expiação dos lugares santos. Ele levava o sangue do bode para dentro destes compartimentos, simbolicamente reunia os pecados que tinham previamente sido depositados ali e colocava-os no bode expiatório. Este era o único processo pelo qual a iniquidade do povo alguma vez alcançava Azazel. Se a pessoa descobrisse algum pecado não confessado depois do serviço final ter começado, não podia encontrar libertação por outro procedimento, evitando o santuário para ainda assim colocar o seu pecado no bode expiatório. Isso era impossível.

Desde que compreendamos que o tempo em que o pecado pode ser removido de nós, pessoalmente, é quando os nossos nomes são chamados para o exame final, será visto que só aqueles que enviaram os seus pecados de antemão, receberão os benefícios da expiação final.

Nem todas as pessoas que se apresentem a si mesmas no santuário celestial perante o seu grande Sumo Sacerdote, serão julgadas dignas da ministração final. Os muitos que são encontrados que o querem, não terão a expiação final executada por si, e os seus pecados voltarão a carregar as suas próprias cabeças. Terrível na verdade será a angústia daqueles que estão nesta situação quando o seu tempo de provação terminar.

A remoção dos pecados para o santuário durante os serviços diários, abrange muito mais do que simplesmente aliviar os arrependidos da sua culpa. Eles também tiram a sua própria pecaminosidade e substituem-na com a imaculada justiça de Cristo. Isto efectua uma maravilhosa mudança dentro do crente que é agora abençoado com uma firmeza e estado de santidade. Onde o ódio reinava, está o amor entronizado. Este amor é aquele que reina no coração do Salvador, e faz com que aqueles o receberam, amem mesmo os seus próprios inimigos tão completamente que a sua única disposição é retribuir o bem, não importa quanto mal lhes possa ser retribuído em volta.

Se estes resultados forem estabelecidos nas vidas daqueles que confessaram os seus pecados à porta do santuário, então as bênçoes do diário foram recebidas e a alma está sendo preparada para satisfazer os requisitos do grande dia de expiação. Isto quer dizer que toda a alma que está preparada para receber os benefícios da purificação final tem que ir perante Deus nesse dia, sem culpa e santa. Eles devem tanto, ter a firmeza como um estado de perfeição.

O pastor A. T. Jones viu muito claramente esta mensagem no serviço do santuário quando escreveu:

“O serviço no santuário terrestre mostra também que para o santuário ser purificado e o círculo do serviço do evangelho ali pudesse ser acabado, tinha que ser acabado primeiramente no povo que participasse em parte neste serviço. Isto é: no próprio santuário, a transgressão não podia ser acabada, e o fim dos pecados e a reconciliação pela iniquidade não podia ser feita, e a justiça eterna não podia ser trazida, até que tudo isto tivesse sido realizado em cada pessoa que tivesse parte no serviço do santuário. O santuário não podia ser purificado até que cada um dos adoradores tivesse sido purificado. O santuário em si mesmo não podia ser purificado enquanto pela confissão do povo e das intercessões dos sacerdotes, fosse derramada sobre o santuário uma corrente de iniquidades, transgressões e pecados. A purificação do santuário era o afastamento através do serviço dos sacerdotes, e de todas as transgressões que tinham sido levadas ao santuário durante o serviço anual. E esta corrente tem que ser interrompida na sua fonte, ou seja nos corações e nas vidas dos adoradores, antes que o santuário propriamente dito pudesse ser purificado.

“Por conseguinte, a primeira obra na purificação do santuário era a purificação do povo. Isto que era preliminar e essencial para a purificação do próprio santuário, para acabar com a transgressão, e introduzir a justiça eterna ali, era o termo da transgressão e o fim dos pecados, e fazer reconciliação pela iniquidade, introdução da justiça eterna no coração e vida de cada uma das pessoas em si mesmas, quando a corrente era derramada no santuário, era assim interrompida na sua fonte, então, somente nesta altura, podia o santuário ser purificado dos pecados e das transgressões que, do povo, pela intercessão dos sacerdotes, se derramava no santuário.

“E tudo isso era uma ‘alegoria para o tempo presente’ – a ‘figura do verdadeiro’. Por conseguinte, através disto somos claramente ensinados que o serviço do nosso Sumo-sacerdote na purificação do verdadeiro santuário, tem que ser precedido pela purificação de cada um dos crentes, a purificação de todo o que toma parte neste serviço do verdadeiro Sumo-sacerdote no verdadeiro santuário. É claramente mostrado que a transgressão tem que ser acabada, um fim dos pecados e a reconciliação de toda a iniquidade tem que ser feita, e a justiça eterna tem que ser introduzida na experiência de cada coração dos crentes em Jesus, antes que a purificação do verdadeiro santuário possa ser realizada.

“Isto é o grande objectivo do verdadeiro sacerdócio no verdadeiro santuário. Os sacrifícios, o sacerdócio, e o ministério no santuário que era apenas uma alegoria para o tempo presente, não podia efectivamente tirar o pecado, não podia, por isso, tornar perfeitos os que vinha. Ao passo que o sacrifício, o sacerdócio e o ministério de Cristo no verdadeiro santuário retira os pecados para sempre, tornando desse modo os que vêm, perfeitos, fazendo perfeitos ‘para sempre os que não são santificados.’” *O Caminho Consagrado Para a Perfeição Cristã*, 117-119.

Quando Cristo estava sobre esta terra, compreendeu e ensinou a necessidade de cada crente chegar ao grande dia de expiação, imaculadamente limpo. Uma das Suas mais claras apresentações deste assunto é encontrada na parábola da veste nupcial.

“E o rei, entrando para ver os convidados, viu ali um homem que não estava trajado com vestido de núpcias.

“E disse-lhe: Amigo, como entraste aqui, não tendo vestido nupcial? E ele emudeceu.

“Disse então o rei aos servos: Amarrai-o de pés e mãos, levai-o, e lançai-o nas trevas exteriores: Ali haverá pranto e ranger de dentes.

“Porque muitos são chamados, mas pouco são escolhidos.” *Mateus 22:11-14*.

O Rei na parábola é Deus o Pai, porque, como o versículo declara, Ele fez as bodas para o Seu Filho, que obviamente é Jesus Cristo. A Sua vinda para examinar os convidados, segue-se ao ajuntamento final da colheita às saídas dos caminhos, que indica que este exame é feito depois da missão do evangelho estar completa. Notai aqui que a inspecção não inclui qualquer um que não se tenha apresentado para as bodas; ela diz respeito somente àqueles que o fizeram.

Isto quer dizer que o acontecimento significado pela vinda do Rei, é o juízo investigado que imediatamente precede a administração dos benefícios da expiação final para aqueles que se verifica estarem preparados para os receberem. Isto é confirmado pelo seguinte testemunho:

“O exame dos comensais pelo rei representa uma cena de julgamento. Os convivas à ceia do evangelho são os que professam servir a Deus, cujos nomes estão escritos no livro da vida. Nem todos, porém, que professam ser cristãos, são discípulos verdadeiros. Antes que seja dada a recompensa final, precisa ser decidido quem está apto para participar da herança dos justos. Essa decisão deve ser feita antes da segunda vinda de Cristo, nas nuvens do céu; porque quando Ele vier, o galardão estará com Ele ‘para dar a cada um segundo a sua obra.’ Apoc. 22:12. Antes de Sua vinda, o carácter da obra de cada um terá sido determinado, e a cada seguidor de Cristo o galardão será concedido segundo seus actos.

“Enquanto os homens ainda estão sobre a terra, é que a obra do juízo investigativo se efectua nas cortes celestiais. A vida de todos os Seus professos seguidores é passada em revista perante Deus; todos são examinados de conformidade com os relatórios nos livros do Céu, e o destino de cada um é fixado para sempre de acordo com os seus actos.” *Parábolas de Jesus*, 309-310.

Cristo não podia ter declarado o ponto chave no julgamento mais claramente do que nesta parábola. Ele tornou claro que é demasiado tarde para pensar na aquisição e entrega da veste nupcial depois do Rei ter entrado. Esta veste imaculada tinha que estar sobre os convidados antes da entrada do Rei. Nenhuma provisão foi feita para ela ser colocada depois. Por isso qualquer convidado que se apresentasse a si mesmo às bodas sem a veste apropriada, era lançado fora para sempre. Jamais lhe seria dada outra oportunidade para ganhar um lugar entre os privilegiados convidados.

A mensagem contida nestes símbolos é que o antítipo da veste nupcial devia ser obtido pelo crente antes do seu nome ser levado a julgamento, porque será demasiado tarde para pensar em vesti-la depois. Duas classes chegarão ao juízo investigativo – aqueles que professam seguir a Cristo que não estão trajados com a veste, e aqueles que estão. A simples questão, ‘tem ele a veste nupcial?’ determina quem permanece como convidado, e quem será lançado fora.

Sendo assim, é vitalmente importante que agora, antes que seja demasiado tarde, cada crente compreenda exactamente o que é a veste nupcial, o que significa estar vestido com ele, e como assegurar que está trajado com ela.

As escrituras contêm instruções inequívocas acerca deste importante tópico.

Foi dada ao apóstolo João uma revelação acerca do verdadeiro povo de Deus depois de terem recebido a expiação final, e ele viu-os ainda vestidos com a veste nupcial, uma veste de linho branco imaculado.

“Regozijemo-nos, e alegremo-nos, e dêmos-lhe glória; porque vindas são as bodas do Cordeiro, e já a Sua esposa se aprontou.

“E foi-lhe dado que se vestisse de linho fino, puro e resplandecente; porque o linho fino são as justiças dos santos.

“E disse-me: Escreve: Bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro. E disse-me: Estas são as verdadeiras palavras de Deus.” Apoc. 19:7-9.

A noiva é a Nova Jerusalém.

“E eu, João, vi a santa cidade, a Nova Jerusalém, que de Deus descia do Céu, adereçada como uma esposa ataviada para o seu marido.” Apoc. 21:2.

“Claramente, pois, a esposa representa a santa cidade, e as virgens que saem ao encontro do Esposo são o símbolo da igreja. No apocalipse é dito que o povo de Deus são os convidados à ceia das bodas. (Apoc. 19:9). Se são convidados, não podem ser também representados pela esposa. Cristo, conforme foi declarado pelo profeta Daniel, receberá do Ancião de dias, no Céu, ‘o domínio, e a honra, e o reino,’ receberá a Nova Jerusalém, a capital de Seu reino, ‘adereçada como uma esposa ataviada para o seu marido.’ *Daniel 7:14*; Apoc. 21:2. Tendo recebido o reino, Ele virá em glória, como Rei dos reis e Senhor dos senhores, para a redenção de Seu povo, que deve assentar-se ‘com Abraão, Isaque e Jacó, à sua mesa, em Seu reino (*Mateus 8:11*; Luc. 22:30), a fim de participar da ceia das bodas do Cordeiro.” *O Conflito dos Séculos*, 425, 426.

A fim de se qualificarem para ocupar um lugar na ceia das bodas, os convidados têm que ser cobertos com a veste nupcial que é definida clara e especificamente como sendo “as justças dos santos.” *Apocalipse 18:8*.

Alguém podia esperar que as Escrituras declarassem que era a justiça de Cristo, mas elas distintamente definem-na como a justiça dos santos. Contudo, nenhum erro deve ser cometido. É a justiça dos próprios santos que é simbolizada pelas vestes brancas naqueles convidados às bodas que lhes permitirá que permaneçam para a ceia das bodas do Cordeiro.

O facto de ser a justiça deles, não é uma alegação que ela estava originalmente com eles. Deus é a Fonte de toda a justiça, mas, através do ministério de Cristo, o crente tornou-se tão incutido desta bem-aventurança que ela se tornou dele na realidade. Ele agora tem uma justiça que é propriamente sua, não por ter origem em si, mas porque lhe foi dada.

Não devia haver problema na compreensão de que aquilo que é dado a uma pessoa, passa a ser propriamente sua. Por exemplo, muitos pais dão carros aos seus filhos. Depois de terem adquirido o veículo, é deles até os terem dado como presentes aos filhos. Ele então, torna-se possessão real dos filhos e são muitas vezes intituladas como sendo “o meu carro”.

Do mesmo modo, a justiça que Deus dá aos Seus santos, torna-se possessão deles na realidade. Este maravilhoso dom não pode ser obtido menos que ele seja incutido em todo o ser. Portanto, ter a justiça de Cristo pode apenas significar que a pessoa se torna justa dentro de si mesma. Ela não mais é pecadora, mas transformada à semelhança de Cristo.

“Pela veste nupcial da parábola é representado o carácter puro e imaculado, que os verdadeiros seguidores de Cristo possuirão.....E a justiça de Cristo, Seu próprio carácter imaculado, é pela fé, comunicada a todos os que O aceitam como Salvador pessoal.” *Parábolas de Jesus*. Cap. 310.

Muitos pensam acerca da justiça de Cristo, como uma qualidade que é apenas imputada ou acreditada ao crente – algo que é colocado à volta e cobre a inalterável natureza má que está no interior. Mas este testemunho claramente mostra que o dom referido aqui, é a justiça transmitida que se torna possessão real do crente. É a mesma pureza gozada por Adão antes de cair. “A veste branca de inocência foi usada por nossos primeiros pais, quando foram postos por Deus no santo Éden. Viviam eles em perfeita conformidade com vontade de Deus. Todas as suas afeições eram devotadas ao Pai Celeste. Luz bela e suave, a luz de Deus, envolvia o santo par. Esse vestido de luz era um símbolo de suas vestes espirituais de celeste inocência. Se permanecessem leais a Deus, continuaria sempre a envolvê-los. Ao entrar o pecado, porém, cortaram sua ligação com Deus, e desapareceu a luz que os aureolava. Nus e envergonhados, procuraram suprimir os vestidos celestiais, cosendo folhas de figueira para uma cobertura.” *Parábolas de Jesus*, 310, 311.

No Éden, a veste de luz não era a própria justiça, mas um símbolo dela. Enquanto Adão e Eva continuassem numa relação correcta com o seu Criador, a luz permanecia, mas quando as trevas do mal os possuiu, a luz desapareceu.

Hoje, por causa da carne caída, pecaminosa, mortal na qual temos de habitar até à segunda vinda de Cristo, não podemos ter o símbolo, mas podemos ter a justiça, e quando a temos, é tão real como a que Adão tinha no Jardim.

“Este vestido fiado nos teares do Céu não tem um fio de origem humana. Em sua humanidade, Cristo formou carácter perfeito e ofereceu-nos esse carácter. ‘Todas as nossas justiças’ são ‘como trapo de imundícia’. Tudo que podemos fazer de nós mesmos está contaminado pelo pecado. Mas o Filho de Deus ‘Se manifestou para tirar os nossos pecados e n’Ele não há pecado.’ O pecado é definido como o ‘quebrantamento da lei.’ Mas Cristo foi obediente a todos os reclamos da lei. De Si mesmo, disse: ‘Deleito-me em fazer a Tua vontade, ó Deus Meu; sim, a Tua lei está dentro do meu coração. Quando estive na terra, disse aos discípulos; ‘Tenho guardado os mandamentos de Meu Pai. ‘Por sua obediência perfeita tornou possível a todo homem obedecer aos mandamentos de Deus. Ao nos sujeitarmos a Cristo, nosso coração se une ao Seu, nossa vontade imerge em Sua vontade, nosso espírito torna-se um com Seu espírito, nossos pensamentos serão levados cativos a Ele; vivemos Sua vida. Isto é o que significa estar trajado com as vestes de Sua justiça. Quando então o Senhor nos contemplar, verá não o vestido de folhas de figueira, não a nudez e deformidade do pecado, mas Suas próprias vestes de justiça que são a obediência perfeita à lei de Jeová.” *Parábolas de Jesus*, 312,312.

Nem um só frase neste parágrafo defende a ideia que a justiça de Cristo é meramente uma qualidade imputada que é colocada à volta de um coração pecaminoso. Tal arranjo não capacitaria uma pessoa para viver a vida de Cristo ou pensar os Seus pensamentos. A vida de Cristo era a expressão de uma pureza interior e perfeição, e apenas pode ser reproduzida por aqueles dentro dos quais a mesma justiça se encontra. Muitos têm tentado imitar a maravilhosa vida de Cristo sem terem as qualificações interiores, mas tudo o que eles alcançarem é uma imitação sem valor.

A obediência rendida por aqueles que pensam os Seus pensamentos e vivem a Sua vida, não é uma obediência rendida por outro – uma obediência rendida por outra pessoa em seu lugar, que os liberta da obrigação de Obedecer. É o mesmo padrão de comportamento que o Mestre exemplificou quando jornadaou na terra como testemunha do que todo o filho de Deus pode ser. Esta é a vida que tem que ser apresentada ao Pai quando Ele examinar os convidados.

Por conseguinte, o propósito do julgamento é estabelecer que é digno de receber os benefícios da expiação final e de ser admitido no Céu. O julgamento não proporciona qualquer obra adicional de graça na alma, ou preparação final para ao Céu. As Escrituras declaram explicitamente que no juízo investigativo Deus determina que m já está preparado para o reino, enquanto que aqueles que não possuírem o estado necessário serão eternamente rejeitados e excluídos.

“A mesma figura do casamento é apresentada na parábola do capítulo 22 de Mateus, onde claramente se representa o juízo de investigação como ocorrendo antes das bodas. Previamente às bodas vem o rei para ver os convidados (*Mateus* 22:11), a fim de verificar se todos têm trajes nupciais, vestes imaculadas do carácter lavado e embranquecido no sangue do Cordeiro. (Apoc. 7:14). O que é encontrado em falta, é lançado fora, mas todos os que sendo examinados, se verificar terem vestes nupciais, são aceites por Deus e considerados dignos de participar de Seu reino e, assentar-se em Seu trono. Esta obra de exames do carácter, para determinar quem está preparado para o reino de Deus, é a obra do juízo investigativo, obra final no santuário do Céu.” *O Conflito dos Séculos*, 426, 427.

“Antes que seja dada a recompensa final, precisa ser decidido quem está apto para participar da herança dos justos....

“Enquanto os homens ainda estão sobre a terra, é que a obra do juízo investigativo se efectua nas cortes celestes. A vida de todos os Seus professos seguidores é passada em revista perante Deus; todos são examinados de conformidade com os relatórios nos livros do Céu, e o destino de cada um é fixado para sempre de acordo com os seus actos.” *Parábolas de Jesus*, 310.

“Estamos a preparar-nos para encontrar Aquele que, escoltado por um séquito de santos anjos, deve aparecer nas nuvens do céu para dar o fiel e o justo toque final da imortalidade. Quando Ele vier não é para nos limpar dos nossos pecados, para remover de nós os nossos defeitos de carácter,

ou para curar-nos das enfermidades dos nossos temperamentos e disposições. Se trabalhasse por nós, esta obra tinha de estar completamente terminada antes desse tempo. Quando o Senhor vier, os que são santos, santos sejam. Aqueles que têm preservado os seus corpos e espíritos em santidade, em santificação e honra receberão então o toque final de imortalidade. Mas os que são injustos, não santificados e impuros permanecerão assim para sempre. Nenhuma obra será então feita por eles para remover os seus defeitos e dar-lhes caracteres santos. O Refinador não se sentará para prosseguir no Seu processo de refinação e remoção dos seus pecados, e da sua corrupção. Tudo isto deve ser feito durante estas horas de provação. É agora que esta obra deve ser realizada por nós.” Testemunhos, 2:355.

“Os anjos de Deus estão olhando para o desenvolvimento do carácter. Anjos de Deus estão pesando o valor moral; e nós devemos obter a preparação aqui, para nos juntarmos à sociedade dos anjos sem pecado. Esperais que quando Cristo vier vos dará essa preparação? De modo nenhum. Deveis ser encontrados com Ele sem mancha ou ruga, ou coisa semelhante. É agora o tempo de vigiar e de ser provado. É agora o tempo para obter a preparação e para subsistir no dia da Sua vinda, e para permanecer de pé quando Ele aparecer.” *The Review and Herald*, 19 de Abril de 1870.

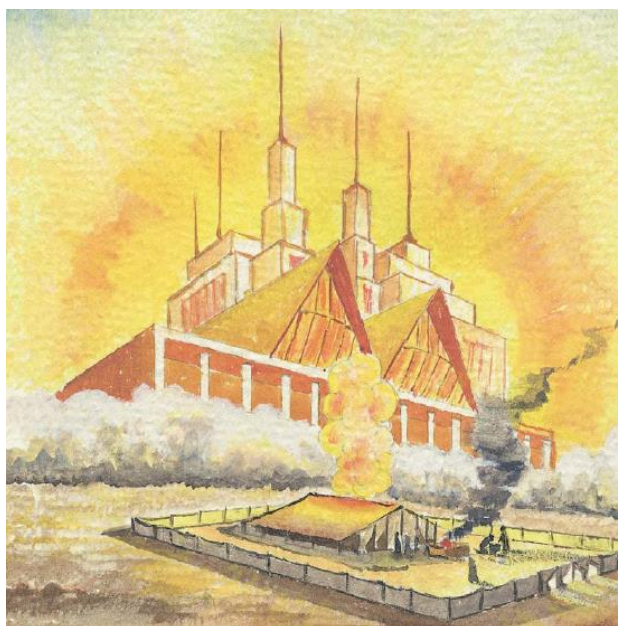
Toda a obra de purificação e transformação deve portanto ser efectuada dentro do crente antes de vir a expiação final. Era requerido aos israelitas que passassem os dez dias que conduziam à expiação final, no mais profundo exame da alma para assegurar que não havia nas suas vidas pecados não confessados. Qualquer que falhasse em fazer isto, era separado do acampamento para sempre.

Do mesmo, modo o verdadeiro filho de Deus hoje é chamado a entrar numa profunda e cuidadosa obra de afastamento do pecado na compreensão que quando a Rei vier no grande dia de expiação final, será demasiado tarde para enviar os pecados para o santuário. A veste nupcial, simbólica da perfeita obediência, já deve estar neles. Agora é o tempo, porque o que pode ser feito hoje não pode ser deixado para amanhã.

“Diz o profeta: ‘Quem suportará o dia da Sua vinda? E quem substituirá quando Ele aparecer? Porque Ele será como o fogo dos ourives e como o sabão dos lavadeiros. E assentar-Se-á, afinando e purificando a prata; e purificará os filhos de Levi, e os afinará como ouro e prata: então ao Senhor trarão ofertas em justiça.’ (Mal. 3:2,3). Os que estiverem vivendo sobre a terra quando a intercessão de Cristo cessar no santuário celestial, deverão, sem Mediador, estar em pé na presença do Deus santo. Suas vestes devem estar imaculadas, o carácter liberto de pecado, pelo sangue da aspensão. Mediante a graça de Deus e seu próprio esforço diligente, devem eles ser vencedores na batalha contra o mal. Enquanto o juízo de investigação prosseguir no Céu, enquanto os pecados dos crentes arrependidos estão sendo removidos do santuário, deve haver uma obra especial de purificação, ou de afastamento do pecado, entre o povo de Deus na terra. Esta obra é mais claramente apresentada nas mensagens do capítulo 14 de Apocalipse.” *O Conflito dos Séculos*, 490.

“Solenes são as cenas ligadas à obra final da expiação. Momentosos, os interesses nela envolvidos. O juízo ora se realiza no santuário celestial. Há muitos anos esta obra está em andamento. Breve, ninguém sabe quão breve, passará ela aos casos dos vivos. Na augusta presença de Deus nossas vidas deve passar para exame. Actualmente, mas do que em qualquer outro tempo, importa a toda a alma atender à admoestação do Salvador: ‘Vigiai e orai; porque não sabeis quando chegará o tempo.’ Mar.13:33. ‘Se não vigiastes, virei a ti como um ladrão, e não saberás a que hora sobre ti virei.’ Apoc.3:3.

“Quando se encerrar a obra do juízo de investigação, o destino de todos terá sido decidido, ou para a vida ou para a morte. O tempo da graça finaliza pouco antes do aparecimento do Senhor nas nuvens do céu. Cristo, no Apocalipse, prevendo aquele tempo, declara: ‘Quem é injusto, faça injustiça ainda; quem está sujo, suje-se ainda; e quem é justo, faça justiça ainda; e quem é santo seja santificado ainda. E, eis que cedo venho, e o Meu galardão está comigo, para dar a cada um segundo a sua obra.’ Apoc. 22:11,12.” *Idem*, 490



A Mensagem para o nosso Tempo
(Publicado na revista “The Messenger and News Review”, Julho 1982)

Capítulo 27

A Expição no Lugar Santíssimo – IV

A perfeição de carácter sem mácula é o padrão do julgamento.

“As condições da vida eterna são hoje as mesmas que eram no paraíso, antes da queda de nossos primeiros pais; uma obediência perfeita à lei de Deus, uma justiça perfeita. Se a vida eterna fosse concedida sob quaisquer outras condições, correria perigo a felicidade do mundo inteiro. O pecado, e todo o seu cortejo de infortúnios e misérias, imortalizar-se-iam.” *Aos Pés de Cristo*, 93.

No julgamento é determinando se o indivíduo alcançou ou não estas qualificações para a entrada.

“Esta obra de exame do carácter, para determinar quem está preparado para o reino de Deus, é a do juízo de investigação, obra final no santuário do Céu.” *O Conflito dos Séculos*, 427.

Alcançando este modelo de imaculada perfeição, quer dizer que o coração foi mudado à semelhança de Cristo, e que o crente compreende tudo o que a lei requer. Enquanto algum tempo pode estar envolvido no trazer uma pessoa ao lugar em que a sua fé se agarra ao Salvador, a própria obra do renascimento que então se segue, é cumprida num momento. Depois disto vem o longo lento processo de desenvolvimento da perfeita compreensão acerca de Deus que será necessário para atingir a perfeita obediência.

Obviamente, aqueles que viverem nos dias de grande ignorância, tal como na Idade das Trevas, nunca atingiram este conhecimento. Eles morreram ainda em ignorância acerca da perfeita vontade de Deus, e portanto, longe da imaculada perfeição.

Como se arranjarão estas pessoas no julgamento? Tem Deus outro padrão para eles, ou serão apenas os que viveram quando a luz da verdade brilhou em brilhantes raios sobre eles e ao nível de toda essa luz, julgados dignos de receber os benefícios da expiação final e de um lugar no reino?

Deus não tem outro padrão para eles, mas eles não estarão perdidos. A obediência perfeita requerida, está na directa proporção à luz que Deus deu. Muito mais é esperado daqueles que vivem nos tempos de grande iluminação, do que daqueles que testemunharam pela verdade em períodos de

profundas trevas. Todos, contudo, têm que receber o evangelho no seu vivo poder, ser purificados da sua velha mente carnal e ter a semente de Cristo implantada em si. Todos eles têm que ser cristãos renascidos, porque, a única vida que ascenderá ao Céu é a vida de Cristo. Aqueles que O têm, têm a vida eterna. Aqueles que não O têm, não importa quão religiosos sejam, não têm a vida eterna.

Os grandes reformadores que se levantaram por indicação de Deus quando parecia que a luz da verdade se tinha extinguido completamente, pregaram o evangelho como sua primeira e principal responsabilidade. Eles experimentaram o seu poder salvador nas suas próprias vidas, e apresentaram as mesmas ofertas de libertação a todos os que estavam dispostos a ouvi-los. O eficaz ministério de Lutero começou, por exemplo, quando a luz sobre a justificação pela fé despontou na sua mente, e a negra nuvem da ignorância e superstição começou a dissipar-se.

Muitos têm a tendência de pensar que a reforma começou por causa destes homens exporem os pecados do papado, mas isto não foi a causa das grandes mudanças para melhor que varreram a Europa e iniciou a erosão do poder papal. Foi a pregação do evangelho que alcançou essas grandiosas transformações nas vidas individuais, e na sociedade como um todo.

Se a exposição e denúncia é o método ordenado por Deus para efectuar uma reforma, então a ultima, teria tido lugar séculos antes do tempo em que aconteceu. Alarmados perante a crescente iniquidade e corrupção dentro da igreja e em todos os outros níveis da sociedade, muitos se levantaram para clamar por mudanças radicais. Estavam incluídas pessoas leigas, sacerdotes, magistrados, príncipes, e mesmo papas, mas nenhum deles efectuou a reforma.

Contudo, quando os homens apontados por Deus se levantaram, trouxeram o Seu poder transformador para o problema e os resultados começaram a aparecer imediatamente. Isto não é dizer que não havia exposição e denuncia na sua obra, porque ela existia, mas era uma secundária e menor que a própria mensagem. Enquanto eles continuaram a viver pelo evangelho e a prega-lo, a reforma avançou em direcção à completa luz do dia, e os poderes das trevas eram empurrados para trás. Vide *Lessons From Refomation*, 66-68, por A.T. Jones.

Desde que eles começaram a apresentar o evangelho, luz sobre a verdade de Deus progressivamente desdobrou-se perante eles, e era a responsabilidade de cada crente aceitar e viver pela luz à medida que ela crescia. Alguns fizeram isto, fizeram um firme progresso em direcção ao reino; outros começaram bem, mas cansados da disciplina e aplicação exigida, ficaram contentes com uma obra superficial. O efeito da sua indolência tornou-se tão espalhado que a causa da reforma parou e nenhuma revelação da luz se seguiram.

Enquanto os fiéis desse tempo aprenderam muito, continuaram em total ignorância acerca do Sábado, o maravilhoso ministério celestial, a marca da besta Armagedom, e muitas outras verdades da mesma espécie.

Portanto, eles não fizeram todas as coisas até à perfeição. Eles adoraram o Senhor nos mesmos dias do papado. Não conhecendo os princípios da reforma da saúde, não os praticaram, e em muitas áreas continuaram a fazer as coisas que o povo de Deus desde há muito deixou de fazer. Por conseguinte, quando aqueles que se uniram fielmente à luz que lhes foi dada, foram para as suas sepulturas, levaram muitos pecados de ignorância com eles.

A proclamação do evangelho pelos primeiros ensinadores Adventistas, reavivaram a obra começada e levada avante pelos vários reformadores; Wycliffe, Huss, Jerónimo, Lutero e Wesley. A grande luz derramada sobre aqueles a quem a mensagem da hora do juízo foi pregada, os capacitou para avançar com a própria luz a um nível de experiência, como mostra o seguinte relato:

“Um espírito de solene e fervorosa oração era por toda a parte sentido pelos santos. Uma santa solenidade repousava sobre eles. Anjos estavam a observar com o mais profundo interesse o efeito da mensagem, e estavam a enobrecer aqueles que a recebiam, e a retirá-los das coisas terrestres para obterem grande suprimento da fonte da salvação. O povo de Deus era então aceite por Ele. Jesus olhava para eles com prazer, pois Sua imagem neles se reflectia. Haviam feito um amplo sacrifício, uma completa consagração, e esperavam ser transformados à imortalidade.” Primeiros Escritos, 239.

Nada mais podia ser exigido deles nesta altura. Eles estavam a viver toda a luz que tinham recebido, mas isto não quer dizer que a obra estava completa, porque não estava.

“Jesus ordenou a Seus anjos que fossem e os fortalecessem, pois a hora de sua prova se aproximava. Vi que esses expectantes não tinham ainda sido provados como deviam ser. Não estavam livres de erros. E vi a misericórdia e a bondade de Deus em enviar uma advertência ao povo da terra, bem como repetidas mensagens para levá-los a diligente exame de coração, ao estudo das Escrituras, a fim de poderem despojar-se de erros que haviam sido recebidos de pagãos e papistas. Por meio dessas mensagens, Deus tem estado a conduzir o Seu povo para onde Ele possa operar por eles com maior poder, e aonde possam guardar todos os Seus mandamentos.” *Idem*, 250.

“O povo, porém, ainda não estava preparado para encontrar-se com o Senhor, Havia ainda uma obra de preparo para ser por eles cumprida. Ser-lhes-ia proporcionada luz, dirigindo-lhes a mente ao templo de Deus, no Céu; e, ao seguirem eles, pela fé, ao Sumo-sacerdote em Seu ministério ali, novos deveres seriam revelados. Outra mensagem de advertência e instrução deveria dar-se à igreja....

“Quando esta obra se houver realizado, os seguidores de Cristo estarão prontos para o Seu aparecimento. ‘E a oferta de Judá e de Jerusalém será suave ao Senhor, como nos dias antigos, e como nos primeiros anos.’ Mal. 3:4. Então a igreja que nosso Senhor deve receber para Si, à Sua vinda, será ‘igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante. Efésios 5:27. Então ela aparecerá ‘como a alva do dia, formosa como a lua, brilhante como o Sol, formidável como um exército com bandeiras.’ Cantares de Salomão, 6:10.’” *O Conflito dos Séculos*, págs. 423, 424.

O estudo da história dos primeiros dias da reforma até ao tempo presente, mostrará que o grau a que o verdadeiro e dedicado filho de Deus prestava obediência a Ele, estava em directa relação à luz que eles receberam. Como a luz aumentou, eles moveram-se para a perfeição sem mácula, mas a realização final desse objectivo está ainda por alcançar.

Como, então, aqueles que morreram antes de alcançarem o padrão do julgamento, passam o juízo investigativo? O Juiz eterno não irá mais baixo que os Seus requisitos sob quaisquer circunstâncias. O candidato deve estar sem mancha ou ruga, ou qualquer coisa semelhante. Isto não é, contudo, a condição em que os fiéis do passado foram para as suas sepulturas. Parecerá portanto que os seus casos serão sem esperança, porque eles não possuem a justiça requerida.

O problema é resolvido de maneira mais simples. Quando a pessoa morre e o seu nome é trazido para exame, Deus olha para a evidência que durante o seu tempo de vida, ela diligente e fielmente afastou todo o seu pecado que lhe foi revelado. O facto que alguns vivem num tempo mais favorável do que outros, é também levado em conta. Aqueles que testemunharam pela verdade na Idade das Trevas, só podiam ganhar uma limitada visão de qual o dever do cristão, porque tão profundas eram as trevas à volta deles, que não podiam possivelmente ver toda a luz, e atingir a imaculada perfeição.

Contudo, a sua sinceridade, espírito de sacrifício, e dedicação a Deus, eram de nenhuma maneira menos, do que será encontrada no justo povo de Deus que vive em toda a luz, ainda por brilhar durante o alto clamor. Obviamente, tão longe quanto eles foram no seu tempo de vida, os cristãos que morreram serão tão merecedores dos benefícios da expiação final como aqueles que, durante o ministério do quarto anjo, atingem a perfeição sem pecado.

Reconhecendo isto, o Senhor realiza uma expiação final por aqueles que morrem. Quando a vida cessar, também termina, a corrente do pecado que estava a fluir para o santuário, Deus simplesmente remove todos os pecados desconhecidos deles e os coloca no santuário até ao dia do julgamento. Assim, quando o exame vier, estas almas são encontradas tão imaculadamente livres da iniquidade, como se tivessem vivido até ao tempo em que toda a luz lhes tinha mostrado todo o ultimo vestígio de mal, e eles pessoalmente o tinham afastado.

Uma razão pela qual Deus faz isto pelos mortos, é porque eles não mais podem ser tentados pelo mal; assim as suas contas podem ser finalizadas e eles preparados para o teste.

Para aqueles que estão vivos quando o julgamento dos vivos começar, será uma questão diferente. Eles não podem chegar a este ponto de tempo com pecados desconhecidos ainda neles, e, ao mesmo

tempo, receberem um lugar no reino. As razões para isto, e que deviam ser claramente compreendidas pelo povo de Deus, são as que se seguem:

Quando os nomes das pessoas que ainda estão vivas são chamados para o exame, o ministério pelo qual os seus pecados são separados deles e colocados no lugar santo não mais é válido. Portanto, qualquer que seja o pecado de ignorância que ainda esteja neles nessa altura, deve permanecer com eles para sempre, porque é um estrito princípio que Deus nunca toma o pecado dos vivos sem o seu conhecimento e consentimento.

Se o povo de Deus tivesse que passar ao tempo de angústia de Jacó com a mais leve mancha de pecado, a terrível pressão de tentação desenvolveria este mal e torná-lo-ia manifesto, deixando-os numa situação desesperada de necessidade de se livrarem dessa iniquidade, mas não têm parte alguma para onde o enviar, porque o santuário entretanto foi fechado contra qualquer depósito subsequente e eles não podem enviá-lo directamente para o bode expiatório.

Aquelas pessoas que foram excluídas do Céu para sempre por causa das suas iniquidades, que estão agora eternamente inseparáveis deles, vão para onde quer que vão, que o Altíssimo que tão positivamente expulsou o pecado do Paraíso no princípio, não traíra as Suas próprias acções justas permitindo a sua reintegração.

Deus não considera a exclusão do Seu povo do Céu como um resultado inaceitável, modo que Ele fez toda a provisão para que todo o pecado fosse separado deles antes de enfrentarem o julgamento dos vivos.

Mas esta não é a única razão pela qual Deus deve garantir que os pecados conhecidos e não conhecidos dos justos, sejam levados para o santuário antes do julgamento. A vitória final sobre Satanás e o pecado, somente pode ser ganha pelo povo dentro de quem o carácter de Cristo e Seu Pai esteja completamente formado. O inimigo sabe isto e investiga cuidadosa e minuciosamente à procura de qualquer falta para que os possa vencer. Se for bem-sucedido, o seu triunfo será completo. Se um único pecado pudesse ser encontrado neles, se eles se afastassem no mais pequeno grau dos caminhos de Deus, a batalha estaria perdida, e Satanás juntamente com os anjos maus, exultariam.

Portanto, aqueles que passam vivos através do julgamento dos vivos, têm que estar totalmente livres de todo o pecado. Quando o Rei vier, tem que os encontrar tão profunda e completamente puros que a lei não pode encontrar qualquer falta neles. Deus não decretou arbitrariamente que isto deveria ser assim. Os acontecimentos da grande controvérsia assim o exigem. De nenhuma outra forma a obra pode ser feita.

Muitos rejeitam estas conclusões, porque não acreditam que Cristo é capaz de libertar o Seu povo dos seus pecados, apesar das claras garantias que esta é a obra que Ele tem poder para fazer, e que faz com satisfação. Eles argumentam que, se é exigido que o crente chegue ao julgamento num estado de perfeição sem pecado, não precisa do ministério de Cristo, de modo que eles dizem que esta doutrina apenas leva à auto-suficiência e exaltação da humanidade acima da divindade. Eles comparam o homem que permanece sem pecado no julgamento, ao fariseu cuja oração no templo foi exibição da sua suposta virtude e justiça, e eles reivindicam que o pobre publicano que se confessou a si mesmo como um pecador impuro, é a ilustração de como o povo de Deus permanecerá nesse dia.

Nenhum verdadeiro filho de Deus, alguma vez se apresentará a si mesmo no julgamento, como o fariseu que orou no templo. Ele certamente não permanecerá perante Deus dizendo, “Senhor, eu apresento-me perante Ti, sento, justo e preparado para receber as bênçãos da expiação final. Exijo o meu lugar por direito como participante no trono de Cristo.”

Aqueles que chegam ao dia da expiação final com a correcta atitude, saberão que devem depender completamente do ministério de Cristo, e na aplicação da Sua justiça em seu favor, porque sem esse ministério, estão sem esperança, porque Cristo apenas pode fazer por eles, aquilo que eles não podem fazer por si mesmos.

No típico dia de expiação final, quando o sumo-sacerdote ia perante Deus, levava as suas mãos cheias de incenso e era cuidadoso em verificar que a nuvem de incenso permanecia entre si e a divina presença. Isto significa o facto que o crente precisava da justiça do ministério de Cristo dentro do

segundo véu, tanto quanto precisava da obra que estava a ser feita por ele no primeiro compartimento.

“Tomarás também o incensário cheio de brasas de fogo do altar, de diante do Senhor, e os seus punhos cheios de incenso aromático moído, e o meterá dentro do véu.

“E porá o incenso sobre o fogo perante o Senhor, e a nuvem do incenso cobrirá o propiciatório, que está sobre o testemunho, para que não morra.” *Levítico* 16:12,13.

Tão totalmente é o ser humano dependente do divino Salvador nesta hora decisiva, que não haverá lugar para jactância, nem qualquer perigo disso, porque o cristão convertido não tem a disposição dirigida nesta direcção. Ele sabe que a sua preparação para o céu não é o resultado das suas capacidades, mas da grandiosa obra do seu maravilhoso Salvador.

Os únicos candidatos que Cristo apresentará ao Pai naquele terrível dia, são aqueles em quem a Sua obra da graça estiver completa. Antes da terra ser criada, Cristo fez um concerto solene com o Seu Pai. Neste acordo, o Pai concordou em receber aqueles homens que Cristo, pelo Seu grandioso poder, prepararia para disfrutar a companhia da família celestial.

“Antes de serem lançados os fundamentos da Terra, foi feito o concerto de que todos os que fossem obedientes, todos os que, por meio da abundante graça provida, se tornassem santos no carácter e sem culpa diante de Deus. Este concerto, feito desde a eternidade, foi dado a Abraão centenas de anos antes da vinda de Cristo. Com que interesse e com que ardor Cristo na humanidade estudava a raça humana para ver se eles se apoderariam da provisão oferecida!” *Fundamentos da Educação Cristã*, 403.

Este concerto foi rectificado pelo Pai imediatamente após a morte e ressurreição de Cristo. Quando o Salvador ressuscitou dos mortos naquela maravilhosa manhã, primeiramente deixou os Seus seguidores saberem as boas novas da Sua ressurreição, mas não receberia as suas homenagens até que subisse ao Pai e recebesse a certeza que o Seu sacrifício fosse aceite, e a obra estaria completa.

“Jesus recusou receber a homenagem de Seu povo até haver obtido a certeza de estar Seu sacrifício aceite pelo Pai. Subiu às cortes celestiais, e ouviu do próprio Deus a afirmação de que Sua expiação pelos pecados dos homens fora ampla, de que por meio do Seu sangue todos poderiam obter vida eterna. O Pai ratificou o concerto feito com Cristo, de que receberia os homens arrependidos e obedientes, e os amaria mesmo como ama a Seu Filho. Cristo devia completar Sua obra, e cumprir a Sua promessa de que ‘o varão será mais preciosos que o ouro, e o homem sê-lo-á mais que o ouro acrisolado’. Todo o poder no céu e na Terra foi dado ao Príncipe da Vida, e Ele voltou para os Seus seguidores num mundo de pecado, a fim de lhes comunicar o Seu poder e glória.” *O Desejado de Todas as Nações*, 790.

Com que alegria o crente aprende que o Salvador aceitou tomar os pobres, caídos, pecaminosos homens e mulheres que estão preparados para lhe entregarem a responsabilidade da sua salvação, e a sua preparação para um lugar no céu. É confortante saber que a obra não foi deixada a humanos fracos, sujeitos a erro, mas foi completamente tomada por Cristo. Esta gloriosa verdade é repetida nas escrituras, uma e outra vez.

“Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a Si mesmo se entregou por ela,

“Para a santificar, purificando-a com a lavagem da água pela palavra,

“Para a apresentar a Si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível.” *Efésios* 5:25-27.

“E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma, e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.

“Fiel é o que vos chama, o qual também o fará.” *1 Tessalonicenses* 5:23,24.

“Deus tomou as providências para que nos possamos tornar semelhantes a Ele, e cumpri-las-á para todos quantos não interpuserem uma vontade perversa, frustrando assim a Sua graça.” *O Maior Discurso de Cristo*, 76.

Há muitos mais testemunhos que afirmam esta maravilhosa verdade que Cristo é o Refinador e Purificador do Seu povo, e que, “purificará os filhos de Levi”, e os afinará como ouro e como prata, para que possam trazer ao Senhor ofertas em justiça.” *Malaquias* 3:3.

Não é esperado que nos apresentemos a nós mesmos em imaculada perfeição no julgamento. É Cristo que fará isto. Usando o grandioso poder que Lhe foi dado, opera dia a dia para “salvar perfeitamente os que por Ele se chegam a Deus.” *Hebreus* 7:25.

Com infinita e maravilhosa perícia, ele executa a obra de uma fase para outra. Quando os seres humanos falham em cooperar convenientemente, o nosso grande Sumo-sacerdote não desiste da tarefa, mas opera com infinito amor para restaurar o errante. Se essa pessoa se arrepende do mal que a aflige, e avança em fé, a sua preparação para o julgamento é levada avante.

Cristo está apto para cumprir a Sua parte do concerto. Ele sabe quão profundo e escrutinador será o decisivo exame final, mas Ele não tem receio que os homens, obra das Suas mãos, não cheguem ao mais elevado padrão. Nesse dia com total confiança, apresentará aqueles que fielmente cooperaram com Ele, e dirá com efeito:

“Meu Pai, aqui está um dos Meus filhos. Submeto-o ao teu exame, como cumprimento do Meu compromisso para tomar os pobres homens e mulheres pecaminosas, mortais, e prepará-los para habitar nas moradas da bem-aventurança. Declaro que esta pessoa está perfeitamente preparada para ser admitida no Céu. Inspecciona-a tão cuidadosamente quanto desejes, e encontrará-la-ás preparada”.

Todo aquele que Cristo apresentar no julgamento, passará o exame, porque Ele não pode tomar conta dos casos de qualquer que falhe em aproveitar-se da providência tomada da Sua graça. Ele conhecerá os Seus escolhidos, e sabe que Deus cumprirá a Sua parte do acordo em que prometeu receber os homens obedientes.

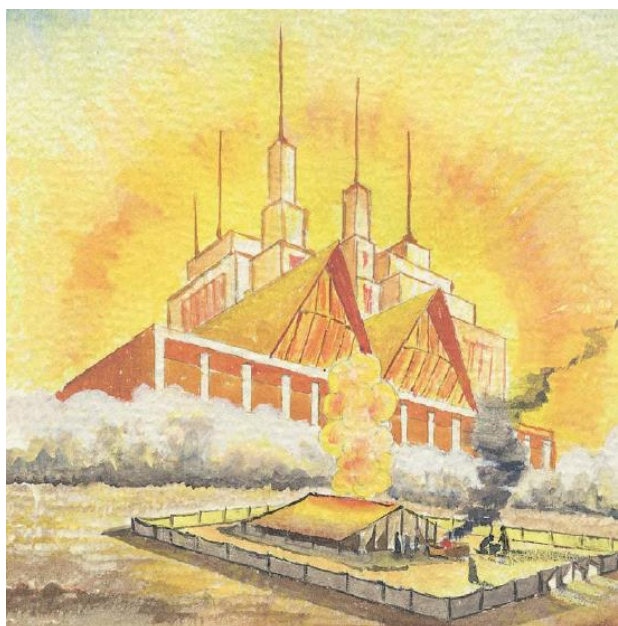
O Ser Eterno tem o direito de esperar encontrar os convidados vestidos com as vestes nupciais, que é o símbolo que a imaculada justiça de Cristo inundou todos os Seus seres completamente. Ele tem este direito porque o evangelho é o poder de Deus para salvar o homem dos seus pecados; este poder é incomensuravelmente maior do que a capacidade do pecado para manter os homens nas suas garras; todos os poderosos agentes do Céu – o ministério do Espírito Santo, os serviços do verdadeiro Sumo-sacerdote no santuário celestial, e a obra de milhões de milhões de santos anjos – são combinados para aperfeiçoar os seres humanos e prepará-los para o Céu; e Jesus solenemente dedicou-Se a Si mesmo para alcançar estes resultados.

É fundamental que cada candidato à vida eterna realmente acredite que Cristo tem o poder para fazer o que Ele solenemente concordou fazer. A salvação depende disso. Ninguém passará o julgamento a menos que, seja totalmente capaz de confiar os seus casos ao seu grande Sumo-sacerdote, e ninguém pode fazer isso a menos que, realmente conheça e creia no poder do seu Redentor todo-poderoso.

Do mesmo modo temos fixado as nossas mentes no excessivamente grande e precioso galardão; e, a fim de o obter, temos que ter um carácter perfeito. Os anjos de Deus estão observando o desenvolvimento do carácter. Os anjos de Deus estão pesando o valor moral; e devemos obter a preparação aqui para juntarmo-nos à sociedade dos anjos sem pecado. Esperais que quando Cristo vier vos dará a preparação? De modo nenhum. Tendes que ser encontrados pertencentes a Ele sem mácula, sem mancha, ou ruga, ou coisa semelhante. Agora é o tempo de vigia e de prova. Agora é o tempo de obter a preparação para substituir no dia da Sua vinda, e manter-se em pé quando Ele aparecer. Dizeis que não podeis fazê-lo porque à vossa volta há tanto pecado e iniquidade e corrupção? Faço-vos referência a enoque. Ele viveu precisamente antes do mundo ser limpo da poluição moral, por um dilúvio. Ele estava na terra na altura em que a corrupção abundava por toda a parte; e apesar disso ele transportava a marca divina. Ele andou com Deus durante trezentos anos; e não mais se viu, porque Deus o levou, isto é, trasladou-o para o Céu. O carro de chamas de Deus foi enviado para este homem santo, e ele foi levado para o Céu. Enoque tinha o testemunho de que agradara a Deus. E este testemunho também nós podemos ter.

Enoque representa aqueles que permanecerão na terra e serão transladados para o Céu sem verem a morte. Ele representa aquele grupo que está vivo entre os que perecem nos últimos dias, e se opõem a toda a corrupção, depravação, pecado e iniquidade, e apesar disso não foram manchados. Nós podemos permanecer como Enoque. Há providência tomada em nosso favor. Auxílio foi colocado sobre Aquele que é poderoso; e todos nós podemos deitar mão da Sua grandiosa força. Os anjos de Deus, excelsos em força, são enviados para ministrar àqueles que serão os herdeiros da salvação. Estes anjos, quando vêem que estamos fazendo da nossa parte, tudo o que pode ser feito para sermos vencedores, farão a sua parte; a sua luz brilhará à nossa volta, afastarão para trás a influência dos anjos maus que estão ao nosso redor, e farão uma fortificação à nossa volta como um muro de fogo. Amplas provisões têm sido feitas por nós quando estamos sobrecarregados, abatidos, deprimidos e aflitos.” *The Review and Herald*, 19 de Abril de 1870.

Ninguém pode justificadamente afirmar que o padrão do julgamento é inacessível àqueles que vivam nesta terra amaldiçoada pelo pecado. O Altíssimo fez provisão pelos Seus filhos para alcançarem isto, por isso depende deles crer nas positivas garantias de Deus, e entregarem os seus casos completamente nas Suas mãos. Aqueles que fizerem isto, certamente caminharão nas ruas de ouro.



A Mensagem para o nosso Tempo
(Publicado na revista “The Messenger and News Review”, Agosto 1982)

Capítulo 28

A Expição no Lugar Santíssimo – V

Mesmo apesar das Escrituras ensinarem tão explicitamente que o inalterável padrão do julgamento é a perfeição, a maioria dos professos seguidores de Cristo não crêem que este padrão pode ser alcançado. Estas pessoas chegarão à inspecção final imperfeitas e não preparadas porque ninguém pode alguma vez alcançar um nível mais elevado do que aquele a que a sua fé aspira. Se uma pessoa crê que a imperfeição é impossível ela certamente não alcançara, porque o único caminho em que a vitória pode ser ganha é pela fé no todo-poderoso ministério de Cristo. Ela deve crer que “Ela pode salvar também perfeitamente os que por Ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles.” *Hebreus 7:25*.

Estas mesmas pessoas que negam a possibilidade da perfeição, esperam que lhes seja dado um lugar no reino quando o Salvador regressar, contudo como podem eles acariciar uma tal expectativa quando, para eles, isto é impossível?

Obviamente, elas devem crer que Cristo ocupará um papel diferente daquele que Ele ocupa, e que o Pai aceitará o Seu povo numa condição inferior à perfeição.

Este é, de facto, o caso. Elas crêem que quando o cristão chega ao julgamento, Cristo não o apresenta para exame, mas esconde a pessoa atrás de Si enquanto súplica ao Pai para o examinar a Ele em vez do pecador. Sabendo que o Altíssimo será incapaz de encontrar qualquer falta em Cristo, sentem-se seguros, pois se Ele é examinado no seu lugar, não terão motivo para preocupação.

Esta situação é comparável a um estudante que chega ao dia do seu exame final completamente ciente de que está bastante mal preparado para ele. Ele sabe que se enfrentar o teste por si mesmo, certamente falhará. A sua única esperança é encontrar alguém bem preparado para enfrentar o exame, e que possa ser induzido a tomar o seu lugar. Este representante entraria na sala na altura devida, responderia às perguntas com sucesso, e assinaria não o seu nome, mas o nome daquele por

quem estava a fazer isto. O examinador, ignorando o engano que estava a ser praticado sobre si, concederia a aprovação ao estudante incompetente que devia ter recebido uma reprovação.

Estes procedimentos são inteiramente inaceitáveis na sociedade humana. Se é descoberto que alguém fez um exame por outra pessoa, ambos são severamente punidos e o estudante que devia ter feito o seu próprio exame é automaticamente reprovado. As reputações dos enganadores são manchadas e em muitos casos não lhes é permitido continuar na escola.

Se estes procedimentos são classificados como injustos e inaceitáveis pelos homens cujos padrões são comparados mais baixos que os de Deus, então quanto menos teriam elas lugar no tratamento impecavelmente justo d'Aquele com a humanidade! Aqueles que sugerem que Deus opera deste modo, atribuem-lhe um carácter muito desonesto. Eles difamam Aquele que é irrepreensivelmente puro e santo ao atribuir-lhe modos de agir aos quais nem eles mesmos acederiam.

É digno de nota que todas as falsas teorias atribuem um mau carácter a Deus, de modo que uma doutrina pode ser testada por aquilo que ela faz ao Seu carácter. Se ela mostra que o Senhor é justo, honesto, verdadeiro, decente, misericordioso, terno e bondoso, nós podemos saber que ela vem d'Ele, mas se ela O mostra como enganador, desonesto e infiel, podemos estar certos que a sua origem vem de Satanás.

A teoria que Cristo é examinado no lugar do crente no julgamento, é nascida da incredulidade. O problema desenvolve-se numa linha prognosticável.

Através do ministério do Espírito Santo, uma pessoa é trazida ao lugar onde reconhece e aceita a verdade presente. Ela toma o seu lugar no movimento, e, na abundância de sua nova fé encontrada, vê algumas maravilhosas mudanças tomarem lugar na sua vida. À medida que a verdade avança e a luz se torna mais clara, Deus oferece-lhe libertação do pecado e da doença. Ela torna-se bastante excitada perante a perspectiva da libertação e resolve tentar as promessas e procedimentos de Deus para ver se eles operam.

Nada é mais certo do que aqueles que se aproximam do problema deste modo experimentarão desapontamento. Eles verificarão que a promessa permanece não cumprida para eles. Sua doença e pecado ainda continuarão ali com eles exactamente como se nunca tivesse sido confessado. Todo aquele que tenta as palavras de Deus antes de estar preparado realmente para acreditar, obterá sempre os mesmos resultados, porque estes são os caminhos da incredulidade.

Há alguma justificação para os homens fazerem esta aproximação daquilo que as outras pessoas lhes oferecem. Por exemplo, tem havido muitas experiencias de invenções humanas falharem, de modo que é agora um costume de um vendedor oferecer ao hipotético comprador a oportunidade de examinar aquilo que está a ser oferecido para venda, antes de comprar. Acreditar na eficiência do produto está sempre dependente da passagem no exame. Foi aprendido desde há muito que ninguém pode seguramente comprar apenas baseado na certeza do vendedor.

As promessas de Deus, contudo, não podem ser tratadas deste modo. Elas são a Palavra do Deus vivo, e nada mais podem ser do que a verdade. Portanto, nós não as testamos como se tivessem que ser provadas ou certificadas. O crente deve começar do ponto de vista de que elas são verdadeiras e pode-se confiar nelas completamente. Somente quando ele faz isto, pode estar certo de que as promessas operarão.

Contudo, alguns crentes têm reivindicado as promessas em forte fé, todavia nada recebem como resultado. Imediatamente sentem que em sério choque atingiu a sua fé. Da próxima vez aproximam-se de Deus, com uma precaução que indica que a sua confiança n'Ele começou a diminuir. Outra vez, eles ficam, desapontados e a sua vida espiritual mergulha cada vez mais num nível mais baixo.

Por fim, alguns ficam tão desanimados que deixam a igreja completamente, mas este não é o caso da maioria. Eles agarram-se à sua crença que há um galardão para aqueles que servem, e permanecem no movimento. Contudo, a fim de acomodarem a sua falta de uma verdadeira experiencia, ou inventam outra suposta forma através do julgamento, ou aceitam aquilo que outra pessoa tem já proposto. O ensinamento que Cristo se oferecerá a Si mesmo para ser examinado no lugar de outra pessoa é um desses ensinamentos alternativos.

O resultado é que existe hoje um grande número de organizações religiosas, cada qual com a forma especial para a salvação. Com tantas proposições oferecidas, uma pessoa pensaria que qualquer possibilidade de novas inovações foram esgotadas, contudo as pessoas ainda manobrarão para sugerir algo novo.

Há apenas um único caminho a seguir. Cristo declarou-o quando enfrentou o tentador na montanha. Ele disse: “O homem...viverá....de toda a palavra que procede de boca em boca de Deus.” *Mateus 4:4*.

Qualquer pessoa que obedece a este concelho será preservada da degenerescência no espiritual declínio descrito atrás, se bem que isto não signifique que ele escapará sempre do fracasso e desapontamento na sua procura pela libertação da enfermidade e morte. Estes revesses vêm todos, não por causa de qualquer enfraquecimento ou incerteza das promessas de Deus, mas por causa de termos a tendência em nos desviarmos dos correctos princípios de operação, e estamos aptos a deixar a nossa fé extinguir-se.

Quando isto acontece e as bênçãos da promessa não se realizam, o indivíduo deve ser extremamente cuidadoso de como reagir à situação, porque este é um momento crítico. Todo o seu futuro para a vida eterna ou morte está a ser decidido. Uma má decisão tomada sob estas circunstâncias não o coloca numa posição irrevogável, mas é um aviso de que foi dados um passo na direcção errada colocando a vida em movimento para longe de Deus, o qual é um caminho cuja marcha é difícil de inverter.

Obviamente, os melhores meios de evitar complicações é fazer profunda preparação para enfrentar a crise antes da sua chegada. Isto é realizado de duas formas.

Primeiramente, antes de reclamar qualquer promessa de Deus, passai tempo considerável estudando e meditando sobre elas até que todo o ser encha com o seu poder e certeza. Recebei-as como a palavra pessoal de Deus, a expressão do Ser Altíssimo que não pode mentir e não o fará. Tomai conhecimento que Ele deseja manifestar-se a Si mesmo como nosso Libertador da escravidão física, mental e espiritual. Fortalecei a vossa fé e confiança n’Ele pelo estudo das maravilhosas histórias da Bíblia que nos dizem que aquilo que Ele fez por outros prometeu fazer por nós. Continuai estes exercícios até que todo vosso ser seja inflamado com confiança no amor e poder de Deus.

E por causa deste primeiro passo essencial ser negligenciado que muitos falham tão facilmente sob a tentação, e então procuram outra forma de salvação.

“O motivo por que os moços, e mesmo os de idade madura, são tão facilmente induzidos à tentação e ao pecado, é não estudarem a Palavra de Deus, nem meditarem nela como devem. A falta de firme e decidida força de vontade que se manifesta na vida e no carácter, mediante esforço diligente, a mente àquilo que lhes inspiraria pensamentos puros, santos, desviando-a do que é impuro e falso. Poucos há que escolhem a melhor parte, que, qual Maria, se assentem aos pés de Jesus, a fim de aprender do divino Mestre. Poucos entesouram Suas palavras no coração, e as praticam na vida.

“Recebidas, as verdades bíblicas elevarão a mente e a alma. Se a Palavra de Deus fosse apreciada como deveria ser, tanto os jovens como os velhos possuiriam uma rectidão interior, uma firmeza de princípios, que os habilitariam a resistir à tentação.” *A Ciência do Bom Viver, 458,459*.

O segundo passo é igual ao primeiro. Havendo estabelecido uma fé poderosa nas específicas promessas de Deus, e havendo-nos agarrado a essas certezas ao ponto em que elas se tornaram parte de nós mesmos, precisamos passar tempo cada dia refrescando estes dons interiores. Isto devia ser feito na calma hora matinal em que o resto do mundo está ainda a dormir. É impensável que um verdadeiro cristão se levante da cama, do pequeno-almoço, e vá para o trabalho sem passar tempo na restauração da energia espiritual.

Aqueles que presentemente se queixam que não estão recebendo maravilhosas respostas à oração, fariam bem em examinar quanto tempo passam com Deus nas primeiras horas do dia. Se nada mais do que um breve culto de leitura é adoração das devoções matinais, as preocupações individuais encontraram pelo menos uma causa para a sua fraqueza espiritual e incapacidade para experimentar

as promessas de Deus. A falta nunca reside na Palavra de Deus. A causa do fracasso é sempre encontrada no instrumento humano.

“Todo o fracasso por parte dos filhos de Deus é devido à sua falta de fé.” *Patriarcas e Profetas*, 705.

Contudo, nem tudo o que parece ser fracasso, é fracasso, de facto. Há ocasiões em que, no ponto de vista humano, parece que a promessa falhou, mas o facto real pode ser que o Senhor esteja operando um maravilhoso propósito que ainda está escondido da nossa vista.

Um excelente exemplo disto é encontrado no caso de Lázaro. Quando Satanás o açoitou com enfermidade fatal, a família imediatamente entregou o caso ao grande Médico. Eles conheciam o Seu grandioso poder e profundo amor por eles, e quando Ele lhes assegurou que a enfermidade não era para morte, confiaram que Ele iria de imediato a Betânia para restaurar o que estava a morrer.

Mas, ao contrário de todas as expectativas, Ele não foi para junto da família entristecida. Isto muito confundiu os discípulos, que não podiam compreender as acções do Salvador. Eles sentiram que ele tinha traído Lázaro e suas irmãs, e chegaram ao ponto em que realmente duvidaram se Cristo era o Messias.

O que eles não compreenderam era que Deus deliberadamente permitiu Satanás exercer o poder mau sobre Lázaro de modo que o seu verdadeiro carácter pudesse ser demonstrado perante o expectante universo, e de modo que o milagre que era a evidência coroadora da divindade de Cristo, pudesse ser realizado. Deus não planeou a morte do Seu amado filho, nem quebrou as promessas que lhe havia feito, mas fez um plano para ele, e transformou o que parecia ser uma vitória para Satanás, num triunfo para a Sua causa.

Esta história ensina-nos que total submissão à vontade de Deus será mais importante do que a própria vida. O verdadeiro cristão deve portanto ser cuidadoso em nunca apresentar perante Deus exactamente o caminho que deve seguir-se. Pelo contrário, ele submete os seus problemas ao Senhor e deixa-os com o Sábio Arquitecto para os resolver segundo a Sua infinita sabedoria e poder ilimitado.

Por isso, quando um crente aceita a promessa contida nas palavras ditas pelo Altíssimo, “Eu sou o Senhor, teu Médico”, “que cura todas as tuas enfermidades”, (Ex. 15:26, Tradução Alemão, Salmo 103:3), ele literalmente entregou a sua vida nas mãos d’Aquele que nunca perdeu um caso. Tão total tem que ser esta dedicação ao grande Médico, que não importa quão desesperada a sua situação se torne, o crente nunca voltará para outra fonte de cura. Tal como Jó ele dirá, “Mesmo que Ele me mate, n’Ele confiarei”. *Jó* 13:15.

Não é fácil chegar a este ponto de estabilidade espiritual, que é atingida somente por aqueles que devotam muito tempo e energia para desenvolver este tipo de excelência. Muitas pessoas provam por si mesmas ser capazes de confiar em Deus como sua única Fonte, até a persistente obediência prometer morte e destruição. Quando isto acontece, eles rendem-se sob a pressão e então voltam-se para outras fontes de libertação.

“Muitas vezes o seguidor de Cristo é colocado em situação em que não lhe é possível servir a Deus e continuar os seus empreendimentos mundanos. Talvez pareça que a obediência a qualquer claro reclamo da parte de Deus o privará dos meios de subsistência. Satanás quer faze-lo crer que deve sacrificar as convicções da sua consciência. Mas a única coisa no mundo em que podemos repousar é a Palavra de Deus. ‘Buscai primeiro o reino de Deus, e a Sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas’. Mateus 6:33. Mesmo nesta vida não nos é proveitoso apartar-nos da vontade de nosso Pai no Céu. Quando aprendemos o poder de Sua Palavra, não seguiremos as sugestões de Satanás para obter alimento ou salvar a vida. A nossa única preocupação será: Qual é o mandamento de Deus? Qual a Sua promessa? Sabendo isso, obedeceremos ao primeiro, e confiaremos na segunda.” *O Desejado de Todas as Nações*, 107.

Na sua vida, Jesus foi um perfeito exemplo desta confiança.

“Quando Cristo disse ao tentador: ‘Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus’, repetiu as palavras que, mais de mil e quatrocentos anos atrás, Ele dissera a Israel:

‘O Senhor teu Deus te guiou no deserto estes quarenta anos, (...) e te humilhou, e te deixou ter fome, e te sustentou com o maná, que tu não conhecestes, nem teus pais o conheceram: para te dar a entender que o homem não viverá só do pão, mas de tudo o que sai da boca do Senhor viverá o homem’. Deut. 8:2,3. No deserto quando falharam todos os meios de subsistência, Deus enviou ao Seu povo maná do Céu; e foi-lhe dada suficiente e constante provisão. Essa providência visava a ensinar-lhe que, enquanto confiassem em Deus, e andassem nos Seus caminhos, Ele não os abandonaria. O Salvador pôs agora em prática a lição que dera a Israel. Pela palavra de Deus, fora prestado socorro às hostes hebraicas, e pela Palavra seria ele concedido a Jesus. Ele guardava o tempo designado por Deus, para O socorrer. Achava-Se no deserto em obediência a Deus, e não obteria alimento por seguir as sugestões de Satanás. Em presença do expectante Universo, testificou ser menor desgraça sofrer seja o que for, do que afastar-se de qualquer modo da vontade de Deus.” *Idem*, 106,107.

Nós temos apenas um pequeno conceito acerca do externo desespero a que o nosso Salvador foi trazido no deserto da tentação, onde Satanás exerceu a pressão máxima num determinado esforço para induzir Cristo a trocar o cuidado de Deus por qualquer outra alternativa. Foi em directa obediência à vontade de Seu Pai que Cristo foi para o deserto para preparar a Sua missão, mas essa obediência tinha-O colocado face a face com a morte. Toda a evidência declarava que se Ele continuasse a obedecer, rapidamente expiraria. Segundo todas as aparências Ele estava completamente abandonado por Deus e pelo homem, uma situação que deu a Satanás a oportunidade para pressionar o seu argumento de que ninguém salvaria Cristo mas Ele mesmo.

É a mesma pressão que, numa menos extensão, é sentida por aqueles que entregaram a guarda dos seus corpos e almas a Deus, contudo verificam que sob todas as aparências Ele não está cumprindo as suas promessas e a imediata perspectiva é desastre ou mesmo morte. Muitos cristãos notáveis que têm começado a seguir ao Senhor tão decididamente, se têm rendido sob este tipo de pressão e entregue a vitória a Satanás.

Isto aconteceu com Elias às portas de Jezreel. Por três anos ele tinha meticulosamente obedecido a toda a direcção que lhe foi dada pelo Sábio Arquitecto, até que subitamente, tanto quanto ele podia ver, a contínua obediência custar-lhe-ia a sua vida. Em vez de entregar o seu caso a Deus e manter-se fiel ao serviço de Jeová, ele escolheu “salvar-se” a si mesmo. Ele aceitou o caminho alternativo que Satanás lhe ofereceu. Ele rendeu-se sob a pressão.

Tal como com muitos do resto de nós, a principal preocupação de Elias era a preservação da sua própria vida, mas um fardo muito maior repousava sobre Cristo. Para Ele, o sucesso da Sua missão era a única questão em consideração. Ele tinha vindo à terra para acabar com a rebelião dando uma completa e perfeita revelação do carácter de seu Pai, para demonstrar como os homens deviam relacionar-se com o Pai celestial, e pagar o resgate pelos pecadores.

Quando Ele enfrentou o astuto inimigo no deserto, essa obra mal tinha começado e Ele sabia pela profecia que ela não estaria completa senão depois de três anos e meio terem passado. Portanto, a necessidade de viver e a pressão sobre Ele para fazer isso era de longe maior do que aquela que é experimentada por aqueles que se encontram a si mesmos face a face com a morte depois de terem entregue as suas vidas nas mãos do grande Médico. O inimigo pressionou sobre Cristo o pensamento que Ele devia tomar o assunto nas suas próprias mãos e agir, pois estava entregue a Si mesmo. Satanás argumentou que visto como o Pai tinha obviamente abandonado Cristo, não havia outro senão Ele mesmo para cuidar de Si e da Sua obra.

Mas o Salvador recusou permitir que o testemunho das circunstâncias quebrassem a Sua confiança na Palavra de Seu Pai. Ele completamente recusou perder fé nas promessas, mesmo apesar de toda a visível evidência proclamar que ela não seria cumprida. “E, presença do expectante Universo, testificou Ele ser menor desgraça sofrer seja o que for, do que afastar-se de qualquer modo da vontade de Deus.” *Idem*.

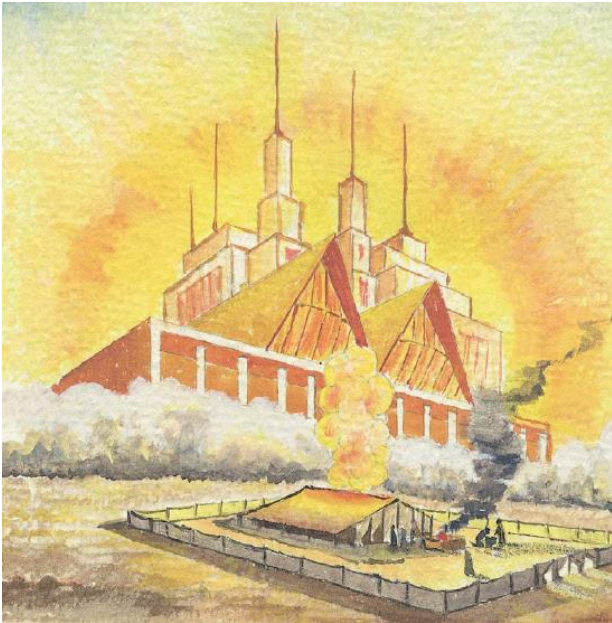
Seres humanos invertem estes valores. Para eles, a maior desgraça é perder a sua própria vida, mas Cristo demonstrou que é uma desgraça ainda maior “afastar-se de qualquer maneira da vontade de Deus”.

Aqueles que no julgamento serão considerados dignos da vida eterna, são aqueles que têm aprendido a recusar descreer das promessas mesmo que falhem mil vezes em experimentá-las. O Salvador tem dado a certeza que nos aperfeiçoará de modo que estaremos preparados para passar o escrutínio examinador da inspeção do Rei. É deixado à nossa decisão crer essa palavra, não importa quais possam ser as evidências do contrário.

Aqueles que permitem que a derrota, erros, e o testemunho das circunstâncias lhes roubem a sua fé nas promessas de Deus. Infelizmente para eles, isto não lhes servirá para passar o exame, e o Senhor tristemente os excluirá das moradas da bem-aventurança.

Há apenas um padrão para o julgamento, e esse é a perfeição de carácter e obras. Deus fez ampla provisão para todos alcançarem este padrão, e “.....Ele cumpriu a paz para todos quantos não interpuserem uma vontade perversa frustrando assim a Sua graça.” O Maior Discurso de Cristo, 76.

Que todos submetam as suas almas à guarda d’Aquele que “é poderoso para vos guardar de tropeçar, e apresentar-vos irrepreensíveis com alegria perante a Sua glória”, “Tendo por certo isto mesmo, que Aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao dia de Jesus Cristo”. Judas 24; Filipenses 1:6.



A Mensagem para o nosso Tempo
(Publicado na revista "The Messenger and News Review", Setembro 1982)

Capítulo 29

A Expição no Lugar Santíssimo – VI

A execução da expiação final é precedida pelo juízo investigativo. Todos aqueles que enviaram os seus pecados de antemão através do ministério do primeiro compartimento, serão examinados para ver se estão qualificados para os benefícios da expiação final.

Há muitos religiosos que não crêem que haverá um tal exame ao verdadeiro povo de Deus. Eles defendem que o destino do cristão é selado quando Cristo como seu Salvador pessoal, porque é nessa altura que ele recebe o dom da vida eterna e a promessa que nunca ficará sob condenação.

Jesus disse, "Na verdade, na verdade vos digo que quem ouve a Minha palavra, e crê n'Aquele que Me enviou, tem a vida eterna, e não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida." *João 5:24.*

Os religiosos que defendem a opinião que os justos não enfrentarão o juízo investigativo, argumentam que não há razão para uma futura determinação de quem terá a vida eterna uma vez que o crente já está na sua possessão desde o dia em que se tornou filho de Deus. Além disso, eles perguntam; que necessidade tem o infinito Deus que sabe todas as coisas de investigar aqueles que estão procurando um lugar no Céu quando Ele já sabe da sua condição espiritual sem ter feito qualquer exame?

Estes argumentos não podem ser facilmente rejeitados, porque eles parecem ter um peso considerável. Contudo, antes de os examinar, observaremos as declarações muito definidas na Escritura confirmando que haverá um julgamento dos justos assim como também dos ímpios. Então dedicaremos esforço para compreender porque é que o julgamento terá lugar mesmo apesar do crente já ter a vida eterna e não estar sob condenação. Este é o correcto procedimento a seguir. Antes de tentar compreender porque Deus conduzirá um julgamento, devemos aceitar a clara declaração da Escritura de que Ele o fará. A tragédia que acontece com muitas pessoas é que elas vão à Palavra de Deus para encontrar prova daquilo que já crêem, em vez de se aproximarem das inspiradas

mensagens com a convicção de que aquilo que está contido neles é a absoluta verdade e deve ser aceite como tal.

O verdadeiro filho de Deus está apenas interessado em encontrar a verdade, não importa quanto ela possa estar em conflito com as suas ideias preconcebidas ou com os seus próprios interesses. Portanto, quando as escrituras declaram que ele vai ao julgamento, ele simplesmente aceita isso como um facto.

Jesus, o Mestre, ensinou plenamente que o verdadeiro povo de Deus seria examinado antes da ceia das bodas do Cordeiro. Nenhuma ilustração mais clara disto podia ser dada do que aquela que é dada na parábola da veste nupcial recordada em *Mateus 22:1-14*. Estudámos esta Escritura anteriormente no capítulo 26 para aprender que o padrão do julgamento é a perfeição. Olharemos outra vez para ela resumidamente para ver como também prova que os justos entrarão no escrutínio divino antes do seu lugar nas bodas se assegurado.

“E o Rei, entrando para ver os convidados, viu ali um homem que não estava trajado com vestido de núpcias.

“E disse-lhe: Amigo como entraste aqui, não tendo vestido nupcial? E ele emudeceu.

“Disse então o Rei aos servos: Amarraí-o de pés e mãos, levai-o, e lançai-o nas trevas exteriores: Ali haverá pranto e ranger de dentes.

“Porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos.” *Mateus 22:11-14*.

Inquestionavelmente, o Rei é Deus. A Sua entrada na sala para ver os convidados é uma ilustração do juízo investigativo. Os únicos que são examinados nesta altura, serão aqueles que responderam ao chamamento para as bodas. Os incrédulos não são incluídos neste exame. A sua vez virá mais tarde. Isto prova que os justos serão sujeitos a um juízo investigativo, o resultado do qual determinará se eles herdarão ou não herdarão a vida eterna.

Isto está de harmonia com o serviço típico. No grande dia da expiação, o único povo envolvido nesse serviço era aquele que estava no acampamento israelita. As nações que não respeitavam as leis de Jeová, não estavam envolvidas nos serviços.

“No cerimonial típico, somente os que tinham vindo perante Deus com confissão e arrependimento, e cujos pecados, por meio do sangue da oferta para o pecado, eram transferidos para o santuário, é que tinham parte na cerimónia no dia da expiação. Assim, no grande dia da expiação final e do juízo de investigação, os únicos casos a serem considerados são os do professo povo de Deus. O julgamento dos ímpios constitui obra distinta e separada, e ocorre em ocasião posterior. ‘É tempo que comece o julgamento pela casa de Deus; e, se primeiro começa por nós, qual será o fim daqueles que são desobedientes ao evangelho? I Pedro 4:17.’ *O Grande Conflito*, 480.

Paulo também viu claramente que o verdadeiro povo de Deus será julgado antes de entrar na terra prometida. Foi para cristãos convertidos pelo vivo poder do evangelho que ele escreveu: “Porque devemos comparecer ante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem, ou mal.” II Cor. 5:10.

Ao dizer “devemos comparecer”, Paulo inclui-se a si mesmo entre aqueles que serão julgados, e ele certamente era um homem justo.

Quando Paulo escreveu aos Romanos, ele falou acerca de um juízo que havia de vir, no qual aqueles que fossem encontrados pedras vivas de obediência seriam abençoados com a vida eterna, e o restante que, depois de julgado, seria encontrado cheio de iniquidade, e entregue para destruição eterna. Ele não deu a certeza que, por ser filho de Deus, deviam escapar ao exame escrutinador.

Ele declarou que no “justo juízo de Deus;” o Altíssimo “recompensaria a cada um segundo as suas obras.

“A saber: a vida eterna aos que, com perseverança em fazer bem, procuram glória e honra e incorrupção;

“Mas a indignação e a ira aos que são contenciosos, e desobedientes à verdade e obedientes à iniquidade.” *Romanos 2:5-8*.

Obviamente, se só os ímpios devessem ser julgados, Paulo não teria mencionado o galardão que o julgamento entregará aos justos. Ele ter-se-ia limitado ao que os ímpios receberão.

“E, como aos homens está ordenado morrerem uma vez vindo depois disso o juízo.” *Hebreus* 9:27.

Assim as Escrituras indiscutivelmente ensinam que haverá um galardão para todos os casos daqueles que enviaram os seus pecados de antemão para serem julgados. Isto terá lugar antes do ministério no lugar celestial estar concluído e do regresso de Cristo nas nuvens do céu.

Daniel recebeu uma visão desta cena de julgamento, e descreve-a assim:

“Eu continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e um Ancião de dias se assentou; o Seu vestido era branco como a neve, e o cabelo da Sua cabeça como a limpa lã; o Seu trono chamava de fogo, e as rodas d’Ele fogo ardente.

“Um rio de fogo manava e saía de diante d’Ele; milhares de milhares o serviam, e milhões de milhões estavam diante d’Ele; assentou-se o juízo, e abriram-se os livros.” *Daniel* 7:9,10.

Há uma tendência para concluir que tronos foram derrubados quando se lêem as palavras, “tronos foram derribados”. Nas traduções modernas e na leitura da margem, contudo, lê-se “tronos foram colocados”. Não é difícil compreender o versículo se for mantida em mente a preparação de uma antiga sala para um julgamento oriental. Estas enormes salas eram normalmente de forma circular, pavimentadas com pedras altamente polidas, e cobertas por um tecto ricamente ornamentado apoiado por colunas. Antes dos oficiais da corte se reunirem, entravam servos e colocavam grandes coxins nos quais o rei e os seus cortesãos se sentavam quando entrassem. Pelo lançar dos assentos, os servos estavam a colocar tronos. Deve ser tomado cuidado para não confundir esta análise final com a avaliação diária pela qual Deus mantém um acurado e contínuo relato actualizado do estado espiritual do Seu povo. Há um julgamento diário, mas ele não toma lugar, nem remove a necessidade, da análise final.

Dia a dia, Deus mantém um relato muito exacto do estado espiritual e moral tanto de homens como de nações. Ele opera arduamente e deseja salvar todos, mas quando, mesmo depois do fim geral da provação, os homens provam estar completamente apostatados e se mostram determinados a nunca se arrependem, o seu relato é terminado, e eles são condenados à destruição, como o testemunho que se segue afirma.

“Deus conduz o Seu povo, passo a passo. Leva-os a diferentes pontos, destinados a manifestar o que está no coração. Alguns resistem em um ponto, mas caem no seguinte. A cada ponto mais adiante, o coração é provado um pouco mais de perto. Se o professo povo de Deus verifica estar o coração contrário a esta penosa obra, isto os deve convencer de que têm alguma coisa a fazer a fim de vencer, se não quiserem ser vomitados da boca do Senhor.

“Disse o anjo: ‘Deus operará mais e mais rigorosamente a fim de experimentar e provar a cada um dentre Seu povo.’ Alguns são prontos em receber um ponto; mas quando Deus os leva a outro ponto probante. Recuam diante dele e ficam para trás, pois acham que isto golpeia directamente a algum ídolo acariciado. Aí têm eles ensejo de ver o que, em seu coração, está excluindo a Jesus. Prezam mais alguma coisa que a verdade, e o coração não está preparado para receber a Jesus. Os indivíduos são experimentados e provados por um espaço de tempo a ver se sacrificarão os seus ídolos e darão ouvidos ao conselho da Testemunha Verdadeira. Caso alguém não seja purificado pela obediência à verdade, e vença o egoísmo, o orgulho e más paixões, os anjos de Deus têm a recomendação: ‘Estão entregues a seus ídolos, deixa-os,’ e eles passarão adiante à sua obra, deixando esses com seus pecaminosos traços não subjugados, à direcção dos anjos maus. Os que satisfazem em todos os pontos e resistem a toda a prova, e vencem, seja qual for o preço, atenderam ao conselho da Testemunha Verdadeira e receberão a chuva serôdia, estando assim aptos para a transladação.” Testemunhos 1:187, (Testemunhos Selectos, 1:64,65).

É por causa de Deus continuamente avaliar o estado espiritual daqueles que professam ser o Seu povo, assim como também das multidões da terra, que Ele é capaz de instruir os Seus anjos a abandonar para sempre aqueles que passaram para além da esperança da salvação. Não é necessário

para uma pessoa esperar até que morra a fim de terminar a provação terrestre. Muitos fazem isto fechando a porta dos seus corações em teimosa rejeição da verdade como ela é em Jesus, depois do que ainda podem estar vivos durante muitos anos.

Esta verdade é confirmada ainda mais no testemunho:

“Chegou o tempo em que Jerusalém está sendo sondada como quem sonda com velas acesas. Deus está trabalhando na investigação do carácter, pesando o valor moral, e pronunciando decisões sobre casos individuais.” *Testemunhos para Ministros*, 448.

Esta mensagem veio provavelmente por volta do fim do século passado, mas ela é verdadeira em qualquer momento desde que o pecado entrou. Se bem que o exame dos casos daqueles que não fecharam enquanto vivos, a sua provação não começou até 1844, Deus não esperou até então para começar esta obra de pesar o carácter e pronunciar decisões sobre casos individuais. Por exemplo, o rei Saul foi um daqueles de quem os anjos de Deus se afastaram para nunca mais voltarem. Semelhantemente, Cristo pronunciou as tristes palavras sobre Jerusalém “Eis que a vossa casa vai ficar-vos deserta.” *Mateus 23:38*.

Aparte dos oito que entraram na arca, o povo que viveu na altura do dilúvio tinha pecado para além do seu dia de graça, assim como também os habitantes de Sodoma e Gomorra, os egípcios no tempo do Êxodo, os adoradores do bezerro de ouro, e os habitantes de Canaã.

Houve uma porta fechada nos dias de Cristo e outra vez em 1844. Acerca da última está escrito.

“E ao anjo da igreja que está em Filadelfia escreve: isto diz O que é santo, O que é verdadeiro, O que tem a chave de David; O que abre, e ninguém fecha; e ninguém abre;

“Eu sei as tuas obras; eis que diante de ti pus uma porta aberta, e ninguém a pode fechar; tendo pouca força, guardaste a Minha palavra, e não negaste o Meu nome.” *Apocalipse 3:7,8*.

Dizer que Ele tinha colocado uma porta aberta perante o Seu povo, era a declaração de Deus que, ao mesmo tempo a porta estava fechada para outros, que de facto aconteceu. Houve uma porta fechada em 1844 - o tempo para o qual estes versículos se aplicam – quando milhares selaram a sua eterna rejeição da verdade divina. Deus confirmou isto através do Seu mensageiro que escreveu sob a Sua instrução como se segue:

“Foi-me mostrado em visão e ainda o creio, que houve uma porta fechada em 1844. Todos quantos viram a luz das mensagens do primeiro e segundo anjos e rejeitaram aquela luz, foram deixados em trevas. E os que a aceitaram e receberam o Espírito Santo que assistiu à proclamação da mensagem do céu, e que posteriormente renunciaram a sua fé e declararam engano sua experiência, rejeitaram assim o Espírito de Deus, e Ele não mais pleiteou com eles.

“Os que não viram a luz, não tinham a culpa de sua rejeição. Eram somente a classe que desprezara a luz do Céu que o Espírito de Deus não podia alcançar. E esta classe incluía como declararei, tanto os que recusaram aceitar a mensagem como ela lhes foi apresentada, como os que, havendo-a recebido, renunciaram posteriormente sua fé. Esses podiam ter uma aparência de piedade e professar serem seguidores de Cristo; não tendo, porém, viva ligação com Deus, seriam levados cativos pelos enganos de Satanás. Estas duas classes são apresentadas na visão – aqueles que declaram ser um engano a luz que haviam seguido e os ímpios do mundo que, havendo rejeitado a luz, haviam sido rejeitados por Deus. Não é feita nenhuma referência aos que não haviam visto a luz, não sendo portanto culpados de sua rejeição.” *Mensagens Escolhidas* 1:63, 64.

Os “que aceitaram (a mensagem de Deus) e receberam o Espírito Santo que assistiu à proclamação da mensagem do Céu...” tinham os seus nomes escritos no livro da vida. Mas quando eles voltaram as costas à verdade e pronunciaram que a sua experiência anterior era um engano, foram tão longe em fazer isto que fecharam a porta da graça para si mesmos para sempre, os seus nomes foram riscados do livro da vida e entraram nos livros dos mortos. O testemunho a seguir confirma isto:

“Moisés manifestou o seu grande amor por Israel na sua súplica ao Senhor para lhes perdoar o pecado, ou retirar o seu nome do livro que tinha escrito. As suas intercessões que aqui ilustram o amor e mediação de Cristo pelo pecado da raça. Mas o Senhor recusou deixar Moisés sofrer pelos

pecados do seu reincidente povo. Ele declarou-lhe que riscaria do livro que tinha escrito, aqueles que tinham pecado contra Si; porque os justos não deverão sofrer pela culpa do pecador. O livro aqui referido é o livro de registo no Céu, no qual todo o nome está escrito, e os actos de todos, seus pecados e obediência, são fielmente escritos. Quando indivíduos cometem pecados que são demasiado graves para o Senhor perdoar, seus nomes são apagados do livro, e eles são destinados à destruição.” *Sinais dos Tempos*, 27 de Maio de 1880.

Isto significa que há três classes de povo entre aqueles que iniciam a viagem para o Céu. Primeiramente, há a classe que recebe a mensagem e é abençoada com o Espírito Santo, mas que volta para trás. Ao cometerem o pecado imperdoável, são eliminados no julgamento diário. Daí em diante, eles estão na mesma categoria que os pagãos e não são julgados na última passagem revista em que os justos são examinados antes do tempo da provação terminar.

Em segundo lugar, há aqueles que, de não cometerem o pecado imperdoável, também não entregam todo o mal acariciado. Estes sobrevivem até ao juízo investigativo onde são eliminados.

Por fim, há a classe daqueles que são verdadeiros e fiéis até ao fim. Eles passaram o julgamento diário, e a revisão final dos seus casos justifica-os como preparados para o reino da glória.

Compreendendo estas distinções torna-se possível interpretar correctamente *Apocalipse* 13:8.

“E adoraram-no todos os habitantes sobre a terra, esses cujos nomes não estão escritos no livro da vida do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo.”

Isto significa que todos aqueles nomes que estão escritos no livro da vida não adorarão a besta e a sua imagem, contudo muitos deles dobrar-se-ão ante a pressão final e farão aliança com o poder da Babilónia. Isto é o que acontecerá em termos práticos. Um indivíduo, em resposta à última mensagem, receberá a presença do Espírito Santo e, em consequência, tem o seu nome escrito no livro da vida. Enquanto ali estiver, não adorará a besta e a sua imagem. Mas a pressão exercida sobre ele para desistir da verdade aumenta todos os dias, até que este homem em particular finalmente deixa Deus, e renuncia a fé para sempre. Seu nome é imediatamente apagado do livro, e ele volta-se para adorar o falso cristo. Por isso nenhum daqueles nomes que estão escritos no livro da vida adorarão a besta e a sua imagem.

As Escrituras tornam claro que é o julgamento diário que determina a sorte final de muitas pessoas, e há a revisão final, chamado o juízo investigativo, para aqueles que não foram eliminados da jornada cristã durante as experiências diárias. O povo de Deus deve compreender claramente as distinções entre as duas.

Uma vez que foi estabelecido para além da dúvida que haverá um juízo investigativo no qual os casos dos justos serão analisados, chegou a altura para averiguar porque, a convocação de um julgamento desses. Este estudo deve ser abordado com inamovível convicção que Deus nada faz desnecessariamente. Portanto, Ele tem boas razões práticas para sujeitar Seu povo a este juízo de investigação.

Obviamente, Ele não faz isto por causa de Si mesmo, porque Ele não necessita de investigar para se informar de quem está preparado e não está. Mantendo o Seu espírito de total altruísmo, é por causa dos outros que Ele faz isto, para satisfazer as necessidades dos anjos, dos habitantes não caídos do universo, e por causa dos remidos desta terra.

Os anjos e os exércitos não caídos que visitam os planetas por todo o universo, não têm intensão de admitir o pecado nos seus domínios. Eles estudaram com intenso interesse o resultado do mal à medida que ele produzia o seu fruto maligno neste triste planeta, e não desejam ver isto nos mundos em que habitam. Eles não são capazes de detectar qualquer mal escondido que possa permanecer dentro dos corações daqueles que procuram entrar no Céu, por isso, para sua mente de paz, todos aqueles a quem for permitida a entrada no Céu, devem ser achados, depois de examinados por Aqueles que é capaz de ler os recessos mais secretos da alma, sem mancha ou ruga ou coisa semelhante.

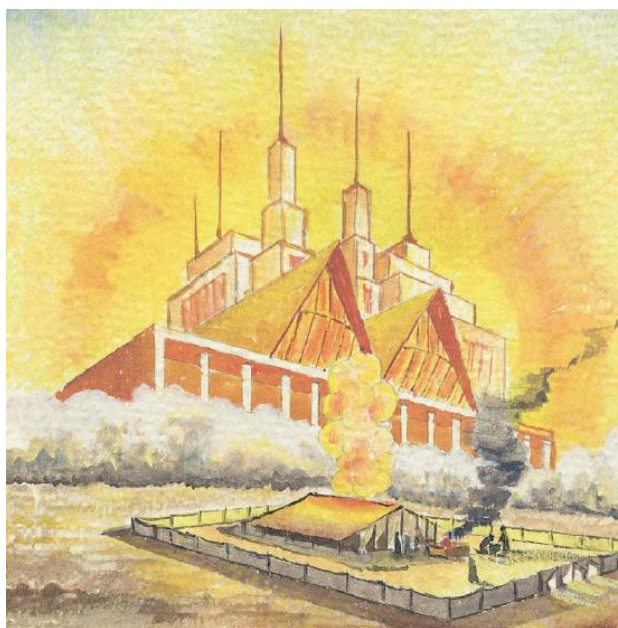
Os próprios justos estão igualmente desejosos de encontrar no Céu um lugar de imaculada pureza, incontaminada por alguém sobre quem a mais pequena mancha de pecado permanece. Aqueles que

alcançaram a perfeição final de caracter serão tão abnegadamente dedicados a este ideal, que com satisfação se submeterão ao exame para assegurar que eles mesmos não são culpados de conspurcar o Céu. Se pudesse ser garantido que todo aquele que entra na verdade do céu deva chegar ao fim totalmente qualificado para admissão, não haveria necessidade para a revisão final e escrutínio. Infelizmente, isto não é assim, pois indiscutivelmente a maior parte daqueles que começam, falharão em levar a cabo a obra até estar totalmente completa. Eles interrompê-la-ão a serão por isso desqualificados. Obviamente, algum procedimento será adoptado para separar aqueles que se mantiveram firmes até ao fim e aqueles que se não mantiveram, o exame de cada caso torna-se por isso uma necessidade vital.

As pessoas que afirmam que o julgamento não é necessário para os verdadeiros filhos de Deus, estão realmente argumentando que depois de uma aceitar Cristo, ela nunca pode estar perdida desde então. Isto pressupõe que a obra da graça de Deus na alma está completa na conversão, mas não é este o caso. A conversão é apenas o início; uma extensa obra de reforma deve seguir-se antes de a alma estar preparada para caminhar com os anjos.

Mais importância ainda é o facto que na conversão, a alma não se tornou firme na imutável lealdade a Deus. Quando uma pessoa começa a corrida cristã, não compreende o que isso lhe custará, e pode verificar que o seu amor pelo pecado é maior do que o desejo da justiça. Em consequência, alguns abandonam completamente sua fé, mas outros tentam agarrar-se aos ídolos acariciados e terem também o Céu. Por isso, uma mistura de virgens loucas e prudentes se apresentam no julgamento, reclamando um lugar no Céu. É óbvio que deve ser feito um exame de cada caso a fim de determinar quem está completamente purificado do pecado e em quem se pode confiar para permanecer leal a Deus para sempre.

O julgamento é portanto uma necessidade prática. Sem ele, a segurança e felicidade do céu estariam em perigo. Com ele, o Paraíso está eternamente seguro.



A Mensagem para o nosso Tempo
(Publicado na revista "The Messenger and News Review", Outubro 1982)

Capítulo 30

A Expição no Lugar Santíssimo – VII

“Os livros de registro no Céu, nos quais estão relatados os nomes e acções dos homens, devem determinar a decisão do juízo. Diz o profeta Daniel: ‘Assentou-se o juízo, e abriram-se os livros. O escritor do Apocalipse, descrevendo a mesma cena, acrescenta: ‘Abriu-se outro livro, que é o da vida; e os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras.’ Apocalipse 20:12.

“O livro da vida contém os nomes de todos os que já entraram para o serviço de Deus.

Jesus ordenou a Seus discípulos: “Alegrai-vos antes por estarem os vossos nomes escritos nos Céus.” Lucas 10:20. Paulo fala de seus fiéis cooperadores, ‘cujos nomes estão no livro da vida.’ Filipenses 4:3. Daniel, olhando através dos séculos para um ‘tempo de angústia, qual nunca houve’, declara que se livrará o povo de Deus, ‘todo aquele que se achar escrito no livro.’ E João, no Apocalipse, diz que apenas entrarão na cidade de Deus aqueles cujos nomes estão inscritos no livro da vida do Cordeiro. Apoc. 21:27.

“Há um memorial escrito diante de Deus, no qual estão registradas as boas acções dos que temem ao Senhor, e para os que se lembram do Seu nome. Malaquias 3:16. Suas palavras de fé, seus actos de amor acham-se registados no Céu. Neemias a isto se refere quando diz: Deus meu, lembra-Te de mim; e não risques as beneficências que eu fiz à casa de meu Deus. Neemias 13:14. No livro memorial de Deus toda acção de justiça se acha imortalizada. Ali, toda tentação resistida, todo mal vencido, toda palavra de terna compaixão que se proferir, acham-se fielmente historiados. E todo acto de sacrifício, todo sofrimento e tristeza, suportado por amor de Cristo, encontra-se registrado. Diz o salmista: Tu contaste as minhas vagueações: põe as minhas lágrimas no Teu odre: não estão elas no Teu livro? Salmos 56:8.

Há também um relatório dos pecados dos homens. Porque Deus há de trazer a juízo toda a obra, e até tudo o que está encoberto, quer seja bom quer seja mau. De toda a palavra ociosa que os homens

disserem hão de dar conta no dia do juízo. Disse o salvador: por tuas palavras serás justificado, e por tuas palavras serás condenado. Ecl. 12:14; Mateus 12:36,37. Os propósitos e intuitos secretos aparecem no infalível registro; pois Deus trará à luz as coisas ocultas das trevas, e manifestará os desígnios dos corações. I Cor. 4:5. Eis que está escrito diante de Mim:.....as vossas iniquidades, e juntamente as iniquidades de vossos pais, diz o Senhor. Isaías 65:6,7.

“A obra de cada homem passa em revista perante Deus, e é registada pela sua fidelidade ou infidelidade. Ao lado de cada nome, nos livros do Céu, estão escritos, com terrível exactidão, toda má palavra, todo acto egoísta, todo dever não cumprido, e todo pecado secreto, juntamente com toda artificiosa hipocrisia. Advertências ou admoestações enviadas pelo Céu, e que foram negligenciadas, momentos desperdiçados, oportunidades não aproveitadas, influencia exercida para o bem ou para o mal, juntamente com seus resultados de vasto alcance, tudo é historiado pelo anjo relator.

“A lei de Deus é a norma pela qual o carácter e a vida dos homens serão aferidos no juízo. Diz o sábio: Teme a Deus, e guarda os Seus mandamentos porque este é o dever de todo o homem. Porque Deus há-de trazer a juízo toda a obra. Ecl. 12:13,14. O apóstolo Tiago admoesta a seus irmãos: Assim falai, e assim procedei, como devendo ser julgados pela lei da liberdade. Tiago 2:12.

“Os que no juízo forem havidos por dignos, terão parte na ressurreição dos justos. Disse Jesus: Os que forem havidos por dignos de alcançar o mundo vindouro, e a ressurreição dos mortos,... são iguais aos anjos, e são filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição. Lucas 20:35,36. E novamente Ele declara que os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida. *João* 5:29. Os justos mortos não ressuscitarão senão depois do juízo, no qual são havidos por dignos da ressurreição da vida. Consequentemente não estarão presentes em pessoa no tribunal em que seus registos são examinados e decidido seu caso.

Jesus aparecerá como seu advogado, afim de pleitear em favor deles perante Deus. ‘Se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o Justo.’ *1 João* 2:1. ‘Porque Cristo não entrou num santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo Céu, para agora comparecer por nós perante a face de Deus.’ ‘Portanto, pode também salvar perfeitamente os que por Ele se chegam a Deus, vivendo sempre pra interceder por eles.’ *Hebreus* 9:24; 7:25.

“Ao abrirem-se os livros de registro no juízo, é passada em revista perante Deus a vida de todos os que creram em Jesus. Começando pelos que primeiro viveram na terra, nosso Advogado apresenta os casos de cada geração sucessiva, finalizando com os vivos. Todo nome é mencionado, cada caso minuciosamente investigado. Aceitam-se nomes, rejeitam-se nomes. Quando alguém tem pecados que permanecem nos livros de registo, para os quais não houve arrependimento nem perdão, seu nome será omitido do livro da vida, e o relato de suas boas acções apagados do livro memorial de Deus. O Senhor declarou a Moisés: ‘Aquele que pecar contra mim, a este riscarei EU do Meu livro.’ *Êxodo* 32:33. E diz o profeta Ezequiel: ‘Desviando-se o justo da sua justiça, e cometendo a iniquidade,....de todas as suas justiças que tiver feito não se fará memória.’ Ezequiel 18:24.

“Todos os que verdadeiramente se tenham arrependido do pecado e que pela fé hajam reclamado o sangue de Cristo, como seu sacrifício expiatório, tiveram o perdão apostado ao seu nome, nos livros do Céu; tornando-se eles praticantes da justiça de Cristo, e verificando-se estar o seu carácter em harmonia com a lei de Deus, seus pecados serão riscados e eles próprios havidos por dignos da vida eterna. O Senhor declara pelo profeta Isaías: ‘Eu, Eu mesmo, sou O que apago as tuas transgressões por amor de Mim, e dos teus pecados me não lembro.’ Isaías 43.25. Disse Jesus: ‘O que vencer será vestido de vestes brancas, e de maneira nenhuma riscarei o seu nome do livro da vida; e confessarei o seu nome diante de meu Pai, e diante de Seus anjos.’ ‘Qualquer que Me confessar diante dos homens, Eu o confessarei diante de meu Pai que está nos Céus. Mas qualquer que me negar diante dos homens, Eu o negarei também diante de Meu Pai, que está nos Céus.’ Apocalipse 3:5; Mateus 10:32,33.

O mais profundo interesse manifestado entre os homens nas decisões dos tribunais terrestres não representa senão palidamente o interesse demonstrado nas cortes celestiais quando os nomes insertos nos livros da vida aparecerem perante o Juiz de toda a terra. O Intercessor divino apresenta a petição

para que sejam perdoados as transgressões de todos os que venceram pela fé em Seu sangue, a fim de que sejam restabelecidos em seu lar edênico, e coroados com Ele como co-herdeiros do primeiro domínio. Miqueias 4:8. Satanás em seus esforços para enganar e tentar a nossa raça, pensa frustrar o plano divino na criação do homem; mas Cristo pede agora que este plano seja levado a efeito como se o homem nunca houvesse caído. Pede, para Seu povo, não somente perdão e justificação, amplos e completos, mas participação em Sua glória e assento sobre o Seu trono.

“Enquanto Jesus faz a defesa dos súbditos de Sua graça, Satanás acusa---os diante de Deus como transgressores. O grande enganador procurou levá-los ao cepticismo, fazendo-os perder a confiança em Deus, separar-se de Seu amor e violar Sua lei. Agora aponta para o relatório de sua vida, para os defeitos de carácter e dissemelhança com Cristo, que desonraram a seu Redentor, para todos os pecados que ele os tentou a cometer; e por causa disto os reclama como seus súbditos.

“Jesus não lhes justifica os pecados, mas apresenta o seu arrependimento e fé, e, reclamando o perdão para eles, ergue as mãos feridas perante o Pai e os santos anjos, dizendo: ‘Conheço-os pelo nome. Gravei-os na palma de Minhas mãos.’ ‘Os sacrifícios para Deus são o espírito quebrantado; a um coração quebrantado e contrito não desprezarás, ó Deus!’ Salmo 51:17. E ao acusador de Seu povo, declara: “O Senhor te repreenda, ó Satanás; sim, o Senhor, que escolheu Jerusalém, te repreenda: não é este um tição tirado do fogo? Zac. 3:2. Cristo vestirá Seus fiéis com Sua própria justiça, para que os possa apresentar a Seu Pai como “igreja gloriosa, sem mancha, nem ruga, nem coisa semelhante.” Ef. 5:27. Seus nomes permanecem registrados no livro da vida, e está escrito com relação a eles: ‘Comigo andarão de branco; porquanto são dignos disso.’ Apocalipse 3:4.

“Assim se realizará o cumprimento total da promessa do novo concerto: ‘Porque lhes perdorei a sua maldade, e nunca mais Me lembrarei dos seus pecados.’ “Naqueles dias, e naquele tempo, diz o Senhor, buscar-se-á a maldade de Israel, e não será achada, e os pecados de Judá, mas não se acharão.” Jeremias 31:34; 50:20.

“Naquele dia o Renovo do Senhor será cheio de beleza e de glória; e o fruto da terra excelente e formoso para os que escaparam de Israel. E será que aquele que ficar em Sião e o que permanecer em Jerusalém, será chamado santo: todo aquele que estiver inscrito entre os vivos em Jerusalém.” Isaías 4:2,3.

“A obra do juízo investigativo e extinção dos pecados deve efectuar-se antes do segundo advento do Senhor. Visto que os mortos são julgados pelas coisas escritas nos livros, é impossível que os pecados dos homens sejam cancelados antes de concluído o juízo em que seu caso deve ser investigado. Mas o apóstolo Pedro declara expressamente que os pecados dos crentes serão apagados quando vierem ‘os tempos do refrigério pela presença do Senhor,’ e Ele enviar a Jesus Cristo. (Actos 3:19,20). Quando se encerrar o juízo de investigação, Cristo virá, e Seu galardão estará com Ele para dar a cada um segundo for a sua obra.

“No culto típico, o sumo-sacerdote, havendo feito expiação por Israel, saía e abençoava a congregação. Assim Cristo, no final de Sua obra de mediador, aparecerá ‘sem pecado,...para salvação’ (*Hebreus* 9:28), ao remover do santuário os pecados, confessava-os sobre a cabeça do bode emissário, semelhantemente Cristo porá todos esses pecados sobre Satanás, o originador e instigador do pecado. O bode emissário, levando os pecados de Israel, era enviado ‘à terra solitária’ (*Levítico* 16:22); de igual modo Satanás. Levando a culpa de todos os pecados que induziu o povo de Deus a cometer, estará durante mil anos circunscrito à terra, que então se achará desolada, sem moradores, e ele sofrerá finalmente a pena completa do pecado nos fogos que destruirão todos os ímpios. Assim o grande plano da redenção atingirá seu cumprimento na extirpação final do pecado e no livramento de todos os que estiverem dispostos a renunciar ao mal.

“No tempo indicado para o juízo – o final dos 2.300 dias, em 1844 – iniciou-se a obra de investigação e apagamento dos pecados. Todos os que já professaram o nome de Cristo serão submetidos àquele perscrutador escrutínio. Tanto os vivos como os mortos devem ser julgados pelas coisas escritas nos livros, segundo as suas obras.

“Pecados de que não houve arrependimento e que não foram abandonados, não serão perdoados nem apagados dos livros de registo, mas ali permanecerão para testificar contra o pecado no dia de Deus. Ele pode ter cometido más acções à luz do dia ou nas trevas da noite; elas, porém estavam patentes e manifestas Àquele com quem temos de nos haver. Anjos de Deus testemunharam cada pecado, registando-o nos relatórios infalíveis. O pecado pode ser escondido, negado, encoberto, ao pai, mãe, esposa, filhos e companheiros; ninguém, a não ser seus autores culpados, poderá alimentar a mínima suspeita da falta; ela porém, jaz descoberta perante os seres celestiais. As trevas da noite mais escuras, os segredos de todas as artes enganadoras, não são suficientes para velar do conhecimento do Eterno um pensamento que seja. Deus tem um relatório exacto de toda a conta injusta e de todo o negócio desonesto. Não se deixa enganar pela aparência de piedade. Não comete erros em Sua apreciação do carácter. Os homens podem ser enganados pelos que são de coração corrupto, mas Deus penetra todos os disfarces a lê a vida íntima.

“Quão solene é esta consideração! Dia após dia passa para a eternidade, traz a sua enorme porção de relatos para os livros do Céu. Palavras, uma vez faladas, e acções, uma vez praticadas, nunca mais se podem retirar. Os anjos têm registado tanto as boas como as más. Nem o mais poderoso guerreiro pode revogar a relação dos acontecimentos de um único dia sequer. Nossos actos, palavras, e mesmo nossos intuitos mais secretos, tudo têm o seu peso ao decidir-se nosso destino para a felicidade ou para a desdita. Ainda que esquecidos por nós, darão o seu testemunho para justificar ou condenar.

“Assim como os traços da fisionomia são reproduzidos com precisão infalível sobre a polida chapa fotográfica, assim o carácter é fielmente delineado nos livros do Céu. Todavia, quão pouca solicitude é experimentada com referência àquele registo que deve ser posto sob o olhar dos seres celestiais! Se se pudesse correr o véu que separa o mundo visível do invisível, e os filhos dos homens contemplassem um anjo registando toda a palavra e acção, que eles deverão novamente encontrar no juízo, quantas palavras que diariamente se proferem ficariam sem ser faladas, e quantas acções sem ser praticadas!

“No será examinado o uso feito de cada talento. Como empregamos nós o capital que nos foi oferecido pelo Céu? Receberá o Senhor à Sua vinda aquilo que é Seu, com juros? Empregamos nós as faculdades que nos foram confiadas, nas mãos, no coração e no cérebro, para a glória de Deus e bênção do mundo? Como usamos nosso tempo, nossa pena, nossa voz, nosso dinheiro, nossa influência? Que fizemos por Cristo, na pessoa dos pobres, aflitos, órfãos ou viúvas? Deus nos fez depositários de Sua santa Palavra; que fizemos com a luz e verdade que se nos deram para tornar os homens sábios para a salvação? Nenhum valor existe na mera profissão de fé em Cristo; unicamente o amor que se revela pelas obras é considerado genuíno. Contudo é unicamente o amor que, à vista do Céu, torna de valor qualquer acto. O que quer que seja feito por amor, seja embora pequenino na apreciação dos homens, é aceito e recompensado por Deus.

“O oculto egoísmo humano permanece manifesto nos livros do Céu. Existe o relato de deveres não cumpridos para com os semelhantes, do esquecimento dos preceitos do salvador. Ali verão quantas vezes foram cedidas a Satanás o tempo, o pensamento, a força, os quais pertenciam a Cristo. Triste é o relato que os anjos levam para o Céu. Seres inteligentes, seguidores professos de Cristo, estão absortos na aquisição de posses mundanas ou do gozo de prazeres terrenos. Dinheiro, tempo e força são sacrificados na ostentação e condescendência próprias; poucos porém, são os momentos dedicados à prece, ao exame das Escrituras, à humilhação da alma e confissão do pecado.

“Satanás concebe inumeráveis planos para nos ocupar a mente, para que ela não se detenha no próximo trabalho com que deveremos estar mais bem familiarizados. O arqui-enganador odeia as grandes verdades que apresentam um sacrifício expiatório e um todo-poderoso mediador. Sabe que para ele tudo depende de desviar a mente, de Jesus e Sua vontade.

“Os que desejam participar dos benefícios da mediação do salvador, não devem permitir que coisa alguma interfira com seu dever de aperfeiçoar a santidade no temor de Deus.

As preciosas horas, em vez de serem entregues ao prazer, à ostentação ou ambição de ganho, devem ser dedicadas ao estudo da Palavra da verdade, com fervor e oração. O assunto do santuário e

do juízo de investigação, deve ser claramente compreendido pelo povo de Deus. Todos necessitam para si mesmos de conhecimento sobre a posição e obra de seu grande Sumo-sacerdote. Aliás, ser-lhes-á impossível exercerem a fé que é essencial neste tempo, ou ocupar a posição que Deus lhes deseja confiar. Cada indivíduo tem uma alma a salvar ou perder. Cada qual tem um caso pendente no tribunal de Deus. Cada um há-de defrontar face a face o grande Juiz. Quão importante é, pois, que todos contemplem muitas vezes a cena solene em que o juízo se assentará e os livros se abrirão, e em que, juntamente com Daniel, cada pessoa deve estar na sua sorte, no fim dos dias!

“Todos os que receberam luz sobre estes assuntos devem dar testemunho das grandes verdades que Deus lhe confiou. O santuário no Céu é o próprio centro da obra de Cristo em favor dos homens. Diz respeito a toda alma que vive sobre a Terra, patenteia-nos o plano da redenção, transportando-nos mesmo até final do tempo, e revelando o desfecho triunfante da controvérsia entre a justiça e o pecado. É da máxima importância que todos investiguem acuradamente estes assuntos, e possam dar resposta a qualquer que lhes peça a razão da esperança que neles há.

“A intercessão de Cristo no santuário celestial, em prol do homem, é tão essencial ao plano da redenção, como o foi Sua morte sobre a cruz. Pela Sua morte iniciou essa obra, para cuja terminação ascendeu ao Céu, depois de ressurgir. Pela fé devemos penetrar até o interior do véu, onde nosso Precursor entrou por nós. (Heb. 6:20). Ali se reflete a luz da cruz do calvário. Ali podemos obter intuição mais clara dos mistérios da redenção. A salvação do homem se efectua a preço infinito para o Céu; o sacrifício feito é igual aos mais amplos requisitos da violada lei de Deus. Jesus abriu o caminho para o trono do Pai, e por meio de Sua mediação pode ser apresentado a Deus o desejo sincero de todos os que a Ele se chegam pela fé.

“ ‘O que encobre as suas transgressões, nunca prosperará; mas o que as confessa e deixa, alcançará misericórdia.’ Prov. 28:13. Se os que escondem e desculpam suas faltas pudessem ver como Satanás exulta sobre eles, como escarnece de Cristo e dos santos anjos, pelo procedimento deles, apressar-se-iam a confessar seus pecados e deixá-los. Por meio dos defeitos do carácter, Satanás trabalha para obter o domínio da mente toda, e sabe que, se esses defeitos forem acariciados, será bem-sucedido. Portanto, está constantemente procurando enganar os seguidores de Cristo com seu fatal sofisma de que lhes é impossível vencer. Mas Jesus apresenta em seu favor Suas mãos feridas, Seu corpo moído; e declara a todos os que desejam segui-Lo: “A Minha graça te basta.” II Cor. 12:9. “Tomai sobre vós o Meu jugo, e aprendei de Mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas. Porque Meu jugo é suave, e o Meu fardo é leve.” Mateus 11:29, 30. Ninguém, pois, considere incuráveis os seus defeitos. Deus dará fé e graça para vencê-los.

“Vivemos hoje no grande dia da expiação. No cerimonial típico, enquanto o sumo-sacerdote fazia expiação por Israel, exigia-se de todos que afligissem a alma pelo arrependimento do pecado e pela humilhação, perante o Senhor, para que não acontecesse serem extirpadores dentre o povo. De igual modo, todos que desejem seja seu nome conservado no livro da vida, devem agora, nos poucos dias de graça que restam, afligir a alma diante de Deus, em tristeza pelo pecado e em arrependimento verdadeiro. Deve haver um exame de coração, profundo e fiel. O espírito leviano e frívolo, alimentado por tantos cristãos professos, deve ser deixado. Há uma luta intensa diante de todos os que desejam subjugar as más tendências que porfiam pelo predomínio. A obra de preparação é uma obra individual. Não somos salvos em grupos. A pureza e devoção de um, não suprirá a falta dessas qualidades em outro. Embora todas as nações devam passar em juízo perante Deus, examinará Ele o caso de cada indivíduo, com um escrutínio tão íntimo e penetrante como se não houvesse outro ser na terra. Cada um deve ser provado, e achado sem mancha ou ruga, ou coisa semelhante.

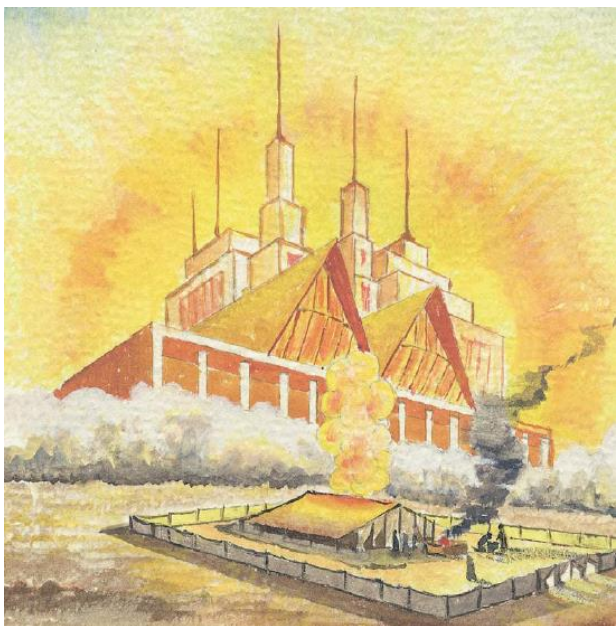
“Solenes são as cenas ligadas à obra final da expiação. Momentosos, os interesses nela envolvidos. O juízo ora se realiza no santuário celestial. Há muitos anos obra está em andamento. Breve, ninguém sabe quão breve, passará ela aos casos dos vivos. Na augusta presença de Deus nossa vida deve passar por exame. Actualmente, mais do que em qualquer outro tempo, importa a toda alma atender à admoestação do Salvador: “Vigiai e orai; porque não sabeis quando chegará o

tempo.” Marcos 13:33. “Se não vigiares, virei a ti como um ladrão, e não saberás a que hora sobre ti virei.” Apoc. 3:3.

“Quando se encerrar a obra do juízo de investigação, o destino de todos terá sido decidido, ou para a vida, ou para a morte. O tempo de graça finaliza pouco antes do aparecimento do Senhor nas nuvens do Céu. Cristo, no Apocalipse, prevendo aquele tempo, declara: “Quem é injusto, faça injustiça ainda; quem está sujo suje-se ainda, e quem é justo, faça justiça ainda; e quem é santo seja santificado ainda. E, eis que cedo venho, e o Meu galardão está comigo, para dar a cada um segundo a sua obra.” Apoc. 22:11;12.

“Os justos e os ímpios estarão ainda a viver sobre a terra em seu estado mortal: estarão os homens a plantar e a construir, comendo e bebendo, todos inconscientes de que a decisão final, irrevogável, foi pronunciada no santuário celestial. Antes do dilúvio, depois que Noé entrou na arca, Deus o encerrou ali, e excluiu os ímpios, mas, durante sete dias, o povo, não sabendo que seu destino se achava determinado, continuou em sua vida de descuido e de amor aos prazeres, zombando das advertências sobre o juízo eminente. “Assim, ‘diz o Salvador, ‘será’ também a vinda do Filho do homem.” Mateus 24:39. Silenciosamente, despercebida como o ladrão à meia-noite, virá a hora decisiva que determina o destino de cada homem, sendo retraído para sempre a oferta de misericórdia ao homem culpado.

“Vigiai, pois, ...para que, vindo de improviso, não vos ache dormindo.” Marcos 13:35,36. Perigosa é a condição dos que, cansando-se de vigiar, volvem às atrações do mundo. Enquanto o homem de negócios está absorto em busca de lucros, enquanto o amante dos prazeres procura satisfazer aos mesmos, enquanto a escrava da moda está a arranjar os seus adornos – pode ser que naquela hora o Juiz de toda a Terra pronuncie a sentença: “Pesado foste na balança, e foste achado em falta.” *Daniel 5:27. O Grande Conflito, 480-491.*”



A Mensagem para o nosso Tempo
(Publicado na revista “The Messenger and News Review”, Novembro 1982)

Capítulo 31

A Expição no Lugar Santíssimo – VIII

O juízo investigativo é seguido pelo apagamento dos pecados. Esta é a grande bênção da expiação final, porque, depois desta obra cumprida, os remidos estão eternamente seguros de qualquer possibilidade dos seus pecados voltarem para si outra vez.

É muito importante que uma correcta interpretação bíblica da palavra, “apagamento”, seja estabelecida. Nos termos Escriturísticos, significa remover de um lugar para outro, como é confirmado por estes testemunhos:

“Havendo riscado a cédula que era contra nós nas suas ordenanças, a qual de alguma maneira nos era contrária, e a tirou do meio de nós, cravando-a na cruz.” *Colossenses* 2:14.

“E como a purificação típica do santuário terrestre se efectuava mediante a remoção dos pecados pelos quais se poluíra, igualmente a purificação real do santuário celeste deve efectuar-se pela remoção, ou apagamento, dos pecados que ali estão registados.” *O Grande Conflito*, 420.

Nestas duas referências, “apagar” é definido como, “apagamento”; e “remoção”. Significa tirar de um lado e pôr noutro.

O primeiro apagamento é quando os pecados são removidos do pecador e levados para o santuário onde permanecem até ao grande dia da expiação final. O segundo apagamento ocorre quando os pecados são tirados do santuário e colocados sobre o bode expiatório. Nenhum destes dois apagamentos efectua a destruição do pecado. Isto não é realizado até que ele seja por fim removido, juntamente com o bode expiatório, para o esquecimento final.

O apagamento dos pecados não é, como muitos supõem, o apagamento do registro do pecado. É a remoção do próprio pecado, primeiramente do crente, depois do santuário, e por fim da existência.

Ao mesmo tempo, ajustamentos serão feitos aos relatos para reterem um verdadeiro retrato de onde o pecado está. Alguns registros serão apagados num livro e registados noutro. Por exemplo,

quando é verificado no julgamento que uma pessoa falhou em afastar todos os pecados, o seu nome será removido de, ou apagado do, livro da vida, e colocado no livro dos mortos.

Para compreender correctamente o apagamento dos pecados, é necessário entender a diferença entre o registo do pecado e o pecado em si mesmo, e a forma como ele encontra o seu lugar no santuário.

A primeira coisa que mostra que há uma diferença entre um e o outro é o facto que uma pessoa pode ter um registo completo dos seus pecados no santuário sem ter qualquer pecado ali. No momento em que a pessoa peca, é feito um registo da transgressão pelos anjos que estão encarregados de fazer esta obra. Isto é feito quer a pessoa confesse iniquidade ou não. Assim os homens que nunca confessaram um único pecado nas suas vidas e portanto não têm pecado no santuário, tem um registo completo de todo o pensamento, palavra, e acção das suas vidas ali. Nos seus casos, têm um mau registo no céu sem terem os seus pecados no santuário. Somente aqueles que, subsequentemente ao seu pecado, se arrependem dele e o têm transferido para o santuário, têm tanto o pecado como registo no céu.

A segunda coisa que prova há uma diferença vital entre as duas é que a transferência do pecado é a obra de Cristo, o Sumo-sacerdote, enquanto os anjos são os comissionados para escrever os registos. Nenhum faz a obra do outro. Isto é assim por causa do profundo respeito que ambas as partes têm pela posição atribuída à outra e porque os anjos não podem fazer a obra do Sacerdote.

A terceira evidência provando este ponto é que enquanto o pecado polui o que quer que toque, incluindo os lugares santos no céu, o registo não. Se o registo do pecado fosse aquilo que polui o santuário, então a Bíblia não seria um livro santo, puro, porque ela contém muitos relatos de obras más incluindo as piores para sempre perpetuadas na história eterna – o assassinato de Deus na crucifixão de Cristo.

O quarto testemunho é o facto embora o pecado seja apagado da existência, os registos permanecerão para toda a eternidade. Estes registos incluirão todo o pensamento, palavra, e acto jamais exprimidos ou cometidos pelos justos e também pelos ímpios. A princípio alguns podem achar isto um pensamento aterrador, mas quando compreendidos à luz dos propósitos eternos de Deus, o crente verá que assim deve ser, e regozijar-se-á.

Há evidência abundante para afirmar que os registos não serão e de facto não podem ser apagados. Dar-lhes-emos agora consideração.” A história do pecado permanecerá por toda a eternidade como testemunha de que à existência da lei de Deus se acha ligada a felicidade de todos os seres por Ele criados. À vista de todos os factos do grande conflito, o universo inteiro, tanto os que são fiéis como os rebeldes, de comum acordo declara: ‘Justos e verdadeiros são os Teus caminhos, ó Rei dos santos.’” O Grande Conflito, 667, 668.

A história do pecado é o registo dele, a crónica das acções humanas contra Deus e contra os outros. Isto ficará para toda a eternidade como um testemunho para a justiça de Deus. Este registo não será um vago, e generalizado cálculo de mal fazer, mas algo que contém todos os factos do grande conflito. Em adição aos relatos que estão a ser escritos com exactidão pelos santos anjos, os escritos inspirados estarão todos no céu. Estes serão usados durante o milénio quando os justos julgarem os ímpios.

“Serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com Ele mil anos.’ Apoc. 20:6. É nesse tempo que, conforme foi predito por Paulo, “os santos hão de julgar o mundo.’ I Corint. 6:2. Em união com Cristo julgam os ímpios, comparando seus actos com o código – a Escritura Sagrada, e decidindo cada caso segundo as acções praticadas no corpo.” O Grande Conflito, 657.

Os escritos do Espírito de Profecia estarão ali também, tal como disse a irmã White: “ ‘Não tenhas medo do homem, pois Meu escudo te protegerá. Não és tu que falas: é o Senhor que dá as mensagens de advertência e reprovção. Nunca te desvies da verdade sob quaisquer circunstâncias. Comunica a luz que te der. As mensagens para estes últimos dias serão escritas em livros, e ficarão imortalizadas, para testificar contra os que uma vez se regozijaram na luz, mas que foram levados a abandoná-la por causa das sedutoras influências do mal.’ “ Mensagens Escolhidas vol. 1, 32.

Se os escritos do Espírito de Profecia deverão ser imortalizados, nunca deixarão de existir. Juntamente com a Bíblia, eles terão o seu lugar no céu e também serão usados como referências no julgamento dos ímpios.

Nada há para sugerir que serão versões resumidas das quais os registros do pecado foram apagados. De facto, o caso será o contrário, porque cada pessoa deve ser julgada à luz daquilo que conhece. Por exemplo, aqueles que, conhecendo os relatos da Bíblia, cometeram adultério e assassinio como fez David, têm menos desculpa para isso por causa da revelação da atitude de Deus para com os crimes de David. Na determinação do grau de culpa atribuído a estas pessoas, os seus crimes terão que ser comparados com a Bíblia e Espírito de Profecia, de modo que estes devem estar ali na forma completa.

Aqueles relatos imortalizados contêm a narrativa dos pecados cometidos pelo povo que também estará no reino; homens como Adão e Abraão. Seremos capazes de ler aquelas narrativas tal como as podemos ler hoje. Portanto, se o apagamento dos pecados é a obliteração dos registros, estas narrativas da Bíblia também terão que ser apagadas.

Todavia há ainda mais evidência que os relatos contidos nos livros não serão tirados ou perdidos. Durante mil anos depois da remoção dos pecados, os ímpios serão ressuscitados e reunidos à volta da cidade para o assalto final. Quando eles o fizeram, os livros dos registros serão abertos e todo o pecado que eles cometeram passará perante os seus olhos.

“Logo que se abrem os livros de registo e o olhar de Jesus incide sobre os ímpios, eles se tornam cônscios de todo o pecado cometido. Vêm exactamente onde seus pés se desviaram do caminho da pureza e santidade, precisamente até onde o orgulho e rebelião os levaram na violação da lei de Deus. As sedutoras tentações que acoroçoaram na condescendência com o pecado, as bênçãos pervertidas, os mensageiros de Deus desprezados, as advertências rejeitadas, as ondas de misericórdia rebatidas pelo coração obstinado, impenitente – tudo aparece como que escrito com letras de fogo.” O grande Conflito, 663.

Este testemunho até aqui apenas prova que os registros dos ímpios não estarão apagados na altura em que o milénio termina. O que se segue, contudo, torna claro que os registros dos pecados cometidos pelos justos também serão preservados até essa altura.

“Por sobre o trono se revela a cruz; e semelhantes a uma vista panorâmica aparecem as cenas da tentação e queda de Adão, e os passos sucessivos no grande plano para redimir os homens. O humilde nascimento do salvador; Sua infância de simplicidade e obediência; Seu baptismo no Jordão; o jejum e tentação no deserto; Seu ministério público, desvendando aos homens as mais preciosas bênçãos do Céu; os dias repletos de actos de amor e misericórdia, Suas noites de oração e vigília na solidão das montanhas; os tramas da inveja, ódio e maldade, com que eram retribuídos os Seus benefícios; a agonia terrível e misteriosa no Getsémani, sob o peso esmagador dos pecados do mundo inteiro; Sua traição nas mãos da turba assassina; os tremendos acontecimentos daquela noite de horror – o Prisioneiro que não opunha resistência, abandonado por Seus discípulos mais amados, rudemente empurrado pelas ruas de Jerusalém; o Filho de Deus exultantemente exibido perante Anás, citado ao palácio do sumo-sacerdote, ao tribunal de pilatos, perante o covarde e cruel Herodes, escarnecido, insultado, torturado e condenado à morte – tudo é vividamente esboçado....

“O terrível espectáculo aparece exactamente como foi.” *Idem*, 663, 664.

Tanto Adão como os onze apóstolos mencionados neste parágrafo estarão no céu e por isso estarão na cidade quando os seus pecados forem esboçados perante os seus olhos à vista completa da multidão espectadora. Que Adão estará ali é provado por este testemunho a respeito da reunião com o segundo Adão:

“Ao serem os resgatados recebidos na cidade de Deus, ecoa nos ares um exultante clamor de adoração. Os dois Adões estão prestes a encontrar-se. O Filho de Deus Se acha em pé, com os braços estendidos para receber o pai de nossa raça – o ser que Ele criou e que pecou contra o Seu Criador, e por cujo pecado os sinais da crucifixão aparecem no corpo do Salvador. Ao divisar Adão os sinais dos cruéis cravos, ele não cai ao peito de seu Senhor, mas lança-se em humilhação a Seus pés,

exclamando: ‘Digno, digno é o Cordeiro que foi morto!’ com ternura o Salvador o levanta, convidando-o a contemplar de novo o lar edênico do qual, havia tanto, fora exilado.” *Idem*, 645

Seguem-se mais descrições da reintegração de Adão, mas a citada acima é suficiente para provar que ele estará no céu e terá um lugar na nova terra.

Sabemos que os apóstolos também estarão ali porque os seus nomes estarão inscritos nos fundamentos da cidade.

Os pecados de Adão e dos apóstolos serão apagados pelo menos mil anos antes da vista panorâmica das suas vidas ser mostrada para todos verem. Se o apagamento dos pecados fosse um fazer desaparecer dos próprios registos, esta demonstração seria impossível. Muito tempo antes, os registos e a memória daquelas coisas teriam desaparecido para sempre.

É uma terrível descrição do pecado difícil de suportar que será exibida perante as multidões. Pedro será mostrado uma vez mais no pátio cercado pelo povo que estava com ele. De novo, as acusações da criada serão ouvidas, a voz de Pedro ressoará em maldição e blasfémia, e o galo cantará tal como fez nessa noite terrível.

Porque é que Pedro e os outros discípulos serão sujeitos a esta terrível exposição dos seus erros? É tudo isto necessário?

É muito necessário, pois Deus não perde tempo e esforço no que não é necessário. Há um propósito muito real nas Suas acções. Fora da nova Jerusalém, entre os eternamente perdidos estarão pelo menos alguns dos que estavam no pátio nessa noite. Enquanto olham para os glorificados na cidade, verão Pedro entre os remidos do Senhor. A pergunta aparecerá nas suas mentes, “Nós não negamos Cristo com maldição e blasfémia! Pedro fez pior que aquilo que nós fizemos! Por que motivo então, está ali enquanto que nós estamos excluídos?”

Essa pergunta deve ser respondida até estarem completamente satisfeitos, pois eles não devem passar ao esquecimento antes de estarem totalmente convencidos que não há falta no governo de Deus. Deus não requer isto para a Sua própria justificação mas pela eterna segurança do universo.

Se tivesse existido a completa obliteração de todos os registos dos pecados de Pedro, Deus teria que responder dizendo, “Eu não sei do que estais a falar. Não tenho registo ou memória de Pedro ter feito o que dizeis que ele fez.” Tal resposta não seria satisfatória. Acusariam Deus de duplicidade e favoritismo. Os propósitos de Deus não seriam servidos por tal situação. Em vez disso, Ele diz aos questionadores:

“Eu sei o que Pedro fez: toda a blasfémia que proferiu. Foi um pecado muito grave. Mas ele arrependeu-se do seu pecado, e a Minha graça transformadora tornou-o numa pessoa capaz de habitar no Paraíso. Se vós tivésseis confessado e deixado os vossos pecados tal como ele fez, também estaríeis onde ele está hoje.”

Esta completa honestidade da parte de Deus deixá-los-á sem palavras. Reconheceram que também poderiam estar salvos e que a sua exclusão dos céus é o fruto da sua própria rebelião e negligência.

Contudo, podia ser argumentado que uma vez toda a questão acerca da verdade e erro tivesse sido para sempre estabelecida no julgamento, não haveria necessidade de reter os registos do pecado. Isto contudo não é correcto, porque nunca virá um tempo em que estes registos possam ser com segurança dispensados. Esta verdade é tornada clara nos seguintes parágrafos:

“A discórdia que o seu próprio procedimento determinára no Céu, impontou-a Satanás à lei e ao governo de Deus. Todo o mal, declarou ele ser resultante da administração divina. Alegou ser seu próprio objectivo melhorar os estatutos de Jeová.

Por conseguinte era necessário que demonstrasse a natureza de suas pretensões, provando o efeito de suas propostas mudanças na lei divina. A sua própria obra deveria condená-lo. Satanás pretendeu desde o princípio que não estava em rebelião. Todo o Universo deveria ver o enganador desmascarado.

“Mesmo quando foi decidido que ele não mais poderia permanecer no Céu, a Sabedoria infinita não destruiu a Satanás. Visto que apenas o serviço do amor pode ser aceito por Deus, a submissão de Suas criaturas deve repousar em uma convicção sobre a Sua justiça e benevolência. Os habitantes do

Céu e de outros mundos, não estando preparados para compreender a natureza ou consequências do pecado, não poderiam ter visto então a justiça e misericórdia de Deus com a destruição de Satanás. Houvesse ele sido imediatamente excluído da existência, e teriam servido a Deus antes por temor do que por amor. A influência do enganador não teria sido destruída por completo, tampouco o espírito de rebelião se teria desarraigado totalmente. Devia-se permitir que o mal chegasse a sazonar. Para o bem do universo inteiro, através dos séculos sem fim, devia Satanás desenvolver mais completamente seus princípios, para que suas acusações contra o governo divino pudessem ser vistas sob sua verdadeira luz por todos os seres criados, e para sempre pudessem ser postas acima de qualquer dúvida a justiça e misericórdia de Deus e a imutabilidade de Sua lei.

“A rebelião de Satanás deveria de ser uma lição para todo o universo por todos os séculos vindouros, um testemunho, perpétuo da natureza e terríveis resultados do pecado. A consequência do governo de Satanás – seus efeitos tanto sobre os homens como sobre os anjos – mostraria qual o fruto de rejeitar a autoridade divina. Testificaria que, da existência do governo de Deus e de Sua lei, dependem o bem-estar de todas as criaturas que Ele fez. Destarte, a história desta terrível experiência de rebelião deveria ser perpétua salvaguarda a todos os santos seres, impedindo-os de serem enganados quanto à natureza da transgressão, livrando-os de cometer pecado e sofrer o seu castigo. Idem. 498, 499.

Porque é que este registo do pecado é retido no céu como “perpétua salvaguarda a todos os santos seres” para evitar que eles voltem a cair no pecado? Seguramente seria isto desnecessário num ambiente sem pecado?

Houve uma altura em que nenhum registo desses existia. Nem os santos anjos nem os habitantes das vastas galáxias tinham qualquer conhecimento do mal. A palavra de Deus era a única autoridade indiscutível.

Pensar-se-ia que nada mais seria necessário para tornar o céu seguro. Mas o facto é que, quando Satanás se levantou para desafiar essa, autoridade, tornou-se um caso da sua palavra contra a palavra de Deus. O maligno foi capaz de fazer parecer aos olhos de muitos, que ele tinha uma proposta melhor do que Jeová. Satanás alegou que devia haver alterações na administração divina antes da completa felicidade e paz ser assegurada, enquanto Deus Se opunha advertindo que as promessas de grande exaltação produziram apenas terrível degradação.

Por muito estranho que pareça, a palavra de Deus não foi suficiente para evitar o aparecimento da rebelião. Se tivesse sido, a grande sublevação do diabo nunca teria acontecido. Algo mais tinha que ser dado para assegurar que a iniquidade nunca podia levantar-se de novo no reino de Deus.

Durante seis mil anos tem sido dada a Satanás a oportunidade de demonstrar a verdadeira natureza das suas reivindicações. Desmascará-lo tem sido uma tarefa extremamente difícil por causa da natureza enganadora de sua obra. Ele tem sido capaz de fazer parecer que ele está certo e que Deus é o opressor e destruidor.

“Deus poderia ter destruído Satanás e seus adeptos tão facilmente, como se pode atirar um seixo à terra; assim não fez porem. A rebelião não seria vencida pela força. Poder compulsor só se encontra sob o governo de Satanás. Os princípios do Senhor não são dessa ordem. Sua autoridade baseia-se na bondade, na misericórdia e no amor; e a apresentação desses princípios é o meio a ser empregado. O governo de Deus é moral, e amor devem ser o poder predominante.

“Era desígnio divino colocar as coisas numa base de segurança eterna, sendo decidido nos conselhos celestiais que se concedesse tempo a Satanás para desenvolver os seus princípios, o fundamento de seu sistema de governo. Pretendera serem os mesmos superiores aos princípios divinos. Deu-se tempo para que os princípios de Satanás operassem, a fim de serem vistos pelo Universo celestial. O Desejado de Rodas as Nações, 728, 729.

Quando tudo tiver passado, o universo terá visto a melhor demonstração prática possível da verdadeira diferença entre o benigno princípio de amor de Deus, e a violência, ódio, e malícia de Satanás. Nunca mais será necessário submeter o assunto a exame, porque as questões terão sido

provadas para completa satisfação de todos os interessados. Mesmo Satanás e os seus seguidores reconhecerão a rectidão e justiça de Jeová.

Por toda a eternidade, os remidos, os santos anjos, e os habitantes dos mundos não caídos explorarão cada vez mais profundamente os mistérios do amor que redime. Serão abertos às suas mentes profundidades de entendimento tornado possível apenas pelo reino do pecado. A cruz será o ponto focal de interesse, porque ali, a justiça apareceu no seu melhor brilho, e o pecado no seu pior. À medida que aprofundam estes mistérios, serão para sempre mantidos em segurança contra qualquer disposição para experimentar o pecado sob qualquer forma.

Para que esse estudo seja verdadeiramente eficaz, não deve haver peças em falta no puzzle. Todo o detalhe deve estar presente, de modo que o Seu lugar e influência seja verificado. Portanto, é essencial que todos os registos do pecado e salvação sejam eternamente preservados.

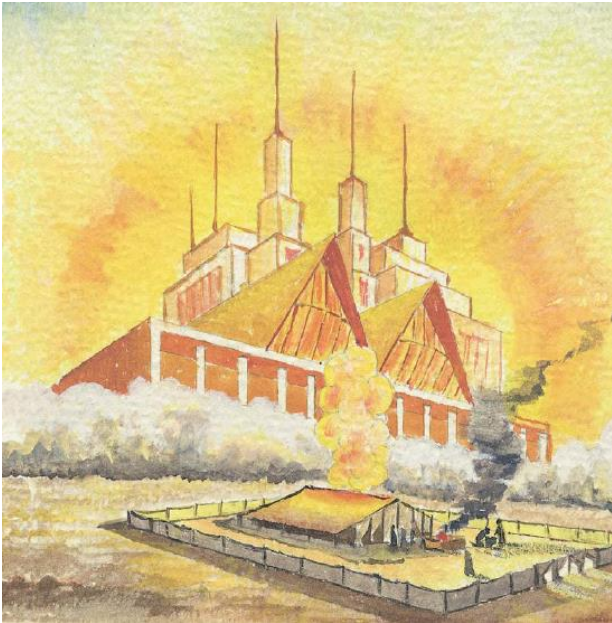
Se os registos fossem apagados dos livros e excluídos das memórias dos remidos e dos habitantes dos mundos não caídos como muitos supõem, o universo voltaria ao ponto em que estava quando a controvérsia começou. O tempo viria em que uma vez mais um ser desafiaria os propósitos de Deus e toda a triste história seria repetida.

O que Deus tem feito é comprar uma apólice de seguros por tremendo custo. Milhões de vidas têm sido perdidas, todo um mundo criado está sendo destruído, e Cristo sofreu e morreu para que o universo pudesse estar eternamente seguro.

Teria sido um desperdício, uma imprudência, e irresponsabilidade da parte d'Ele, destruir esse seguro como aconteceria se tivesse que obliterar os registos dos livros e apagar toda a recordação desta vida das mentes dos remidos e dos seres não caídos.

Portanto, a exclusão do pecado não é a destruição do seu registo, mas obliteração do próprio pecado. O primeiro deve permanecer tão certo como o último deve desaparecer.

“As escrituras Sagradas são a perfeita norma da verdade, e como tal, a elas se deve dar o mais alto lugar na educação. Para se obter uma educação digna deste nome devemos receber um conhecimento de Deus, o criador, e de Cristo, o Redentor, como se acham revelados na Palavra de Sagrada.” Educação, 17.



A Mensagem para o nosso Tempo
(Publicado na revista “The Messenger and News Review”, Dezembro 1982)

Capítulo 32

A Expição no Lugar Santíssimo – IX

As evidências consideradas no capítulo anterior certificam que é o pecado que será removido do universo, não a sua memória ou o seu registo. Contudo, há alguns testemunhos que, até serem correctamente compreendidos, parecem negar isto. Aqui estão dois deles:

“Eu mesmo, sou o que pago as transgressões por amor de Mim, e dos teus pecados me não lembro.” Isaías 43:25.

“Se Jacó não houvesse primeiro arrependido de seu pecado de obter pela fraude o direito de primogenitura, Deus não lhe teria ouvido a oração, preservando-lhe misericordiosamente a vida. Semelhantemente, no tempo da angústia, se o povo de Deus tivesse pecados não confessados que surgissem diante dele enquanto torturados pelo temor e angústia seriam vencidos; o desespero suprimir-lhes-ia a fé, e não podiam ter confiança para suplicar de Deus o livramento mas ao mesmo tempo em que têm uma profunda intuição de sua indignidade, não possuem falta oculta para revelar. Seus pecados foram examinados e extintos no juízo; não os podem trazer à lembrança.” O Grande Conflito, 618.

O texto de Isaías é uma promessa pessoal de Deus que, quando Ele apaga os pecados do penitente, não mais se lembra desses pecados. Para a pessoa comum a mensagem é por si mesma evidente. Interpretam esta promessa como querendo dizer que Deus se despoja de qualquer lembrança dos Seus filhos jamais terem cometido esses pecados.

O testemunho do grande conflito parece confirmar esta ilustração testemunhando que uma vez terminada a provação e apagados os pecados, não podem trazer estes pecados à mente, não importa quanto o tentem fazer. Ambos os testemunhos são dados no contexto de pagar pecados, o que parece implicar que esta obra apaga os registos do pecado dos livros no céu, tanto da mente de Deus como da mente do remido. Contudo, se esta é a correcta interpretação dessa Escritura, então há uma contradição impossível, pois a evidencia apresentada no capítulo anterior prova que o apagar dos

pecados dos pecados não efectua tais obliterações, mas é a remoção real do próprio pecado. Não há, evidência, contradição real neste caso excepto entre o que pensamos que uma parte dos testemunhos diz em oposição àquilo que acreditamos que a outra está a declarar. Precisamos de uma compreensão revista do uso da palavra escriturística “lembrança”, distintamente de como a palavra é geralmente usada hoje. De novo, a Bíblia deve servir como seu próprio dicionário.

O que deve ser encontrado é uma situação em que a palavra seja usada do mesmo modo como no testemunho e versículos em consideração, em que o significado escriturístico esteja simultaneamente definido. Tal exemplo encontra-se nas instruções que Deus deu para a aniquilação dos amalequitas.

Os israelitas enfrentaram este povo cruel e impiedoso pela primeira vez entre o Egipto e o Monte Sinai caçando nos limites da multidão para matar os mais fracos e os mais lentos. O seu comportamento ofensivo era a expressão da natureza má que governava dentro deles, levando Deus a ordenar aos israelitas que os apagasse da face da terra, tal como a lembrança do pecado deve ser apagada do universo.

“Então disse o Senhor a Moisés: Escreve isto para memória num livro, e relata-o aos ouvidos de Josué; que Eu totalmente hei-de riscar a memória de Amaleque de debaixo dos céus.” *Êxodo 17:14*.

Precisamente antes da morte de Moisés Deus, através dele reiterou esta promessa.

“Lembra-te do que te fez Amaleque no caminho, quando saíres do Egipto;

“Como te saiu ao encontro no caminho e te derribou na retaguarda todos os fracos que iam após ti, estando tu cansado e afadigado; e não temeu a Deus.

“Será pois que, quando o Senhor teu Deus te tiver dado repouso de todos os teus inimigos em redor, na terra que o Senhor teu Deus te dará por herança para possuí-la, então apagarás a memória da Amaleque de debaixo do céu; não te esqueças.” *Deuteronómio 25:17-19*.

Se bem que levasse algum tempo, estas palavras proféticas foram cumpridas à letra. A lembrança de Amaleque foi apagada da face da terra. Durante o reinado de Saul, tanto ele como Davi lutaram com este povo reduzindo o seu número e o seu poder. Quando Davi voltou a Ziclague e encontrou as suas ruínas fumegando depois de um ataque amalequita, perseguiu-os, e, num ataque de surpresa, quase chegou a aniquilá-los. Apenas quatrocentos jovens foram capazes de escapar em camelos rápidos, tal como está escrito:

“E feriu-os Davi, desde o crepúsculo até à tarde do dia seguinte, e nenhum deles escapou, senão só quatrocentos mancebos que que montados sobre camelos fugiram.” *I Samuel 30:17*.

A última alusão aos amalequitas é encontrada em *I Crónicas 4:43*. É a referência à proeza de quinhentos Simeonitas que foram ao monte Seir nos dias do rei Ezequiel, e feriram o restante dos amalequitas que tinham escapado.

Actualmente, nenhum destes povos existe, nem há quaisquer recordações da sua jornada terrestre. Eles não deixaram ruínas de cidades, obras de arte, literatura, ou qualquer outra prova palpável da sua existência. A lembrança deles foi obliterada. Mas a memória deles permanece no registo das Escrituras, tal como Deus disse, “...apagarás a memória de Amaleque de debaixo do céu; não te esqueças.” *Deuteronómio 25:19*.

Esta referência demonstra que Deus faz uma diferença entre a lembrança de um povo e a memória das suas actividades durante o tempo da sua existência. É claro que a lembrança é qualquer parte visível, palpável deste povo, tal como descendentes ou obras das suas mãos. Quando já não há quaisquer representantes vivos duma raça, e tudo o que eles jamais fizeram foi obliterado, então pode ser dito que a sua lembrança foi apagada, mas isto não quer dizer que os registos do que eles fizeram, quer na forma escrita quer nas memórias daqueles que ouviram falar acerca deles, tenham sido obliterados.

Amaleque foi banido da terra tão completamente como se nunca tivesse existido, mas os registos das suas obras más permaneceram para a eternidade. A preservação da Bíblia assegurará que esta memória nunca seja esquecida.

Quando este significado da palavra “lembrança” é aplicado às Escrituras em relação ao pagar do pecado, todas as contradições aparentes desaparecem. É então compreendido que aquilo que é

apagado é a presença real do pecado dentro do crente e isto nada tem que ver com o privá-lo da memória dos pecados que cometeu enquanto esteve na terra.

Agora que este significado da palavra foi determinado, é possível compreender o testemunho em O Grande Conflito, 618.

“Se Jacó não se houvesse primeiro arrependido de seu pecado de obter pela fraude o direito de primogenitura, Deus não lhe teria ouvido a oração, preservando-lhe misericordiosamente a vida. Semelhantemente, no tempo de angústia, se o povo de Deus tivesse pecados não confessados que surgissem diante deles enquanto torturados pelo temor e angústia seriam vencidos; o desespero suprimir-lhes-ia a fé, e não poderiam ter confiança para suplicar de Deus o livramento mas ao mesmo tempo em que têm uma profunda intuição de sua indignidade, não possuem falta oculta para revelar. Seus pecados foram examinados e extinguidos no juízo; não os podem trazer à lembrança.” O Grande Conflito, 618.

O primeiro ponto a notar é que o seu perigo está na possível possessão de pecados não confessados. Se eles tivessem alguns destes, não serão capazes de manter a fé necessária para os ver acabados na investigação final. Portanto, é vital que todo o pecado seja enviado de antemão a julgamento. O problema é que ninguém sabe quando viu e confessou o último traço de iniquidade dentro de si mesmo. Ninguém que tenha um positivo avanço na sua experiência cristã tem qualquer dificuldade em compreender isto. Cada um recordará as várias ocasiões em que o Espírito de Deus trouxe as convicções dos males anteriormente ignorados. Quando a graça purificadora de Deus eliminou o problema, o arrependido permanece perante o Senhor em consciente inocência. Ele reconhece que virão mais revelações de iniquidades mais profundas que habitam dentro de si, mas, por enquanto, ele não as podia ver, e assim nada pode fazer acerca delas.

O tempo virá em que finalmente os últimos traços são descobertos, mas a experiência não será diferente de qualquer uma pela qual já tivesse passado. Nada haverá que lhe diga que isto é o final da obra efectuada pela graça divina na sua alma.

Assim os santos durante o tempo da angústia de Jacó não saberão que todas as suas iniquidades foram confessadas e enviadas para o santuário. Conhecendo a natureza crítica do tempo que estão a passar, compreenderão que deverão estar na condição de imaculada perfeição. Portanto, estarão examinando os seus corações para encontrarem qualquer existência que em si mesma seja lembrança de pecado. Felizmente, eles não serão bem-sucedidos na sua procura, pois “Seus pecados foram examinados e extinguidos no juízo; não os podem trazer à lembrança. “A simples razão pela qual eles não o podem fazer, é porque nenhuma lembrança é deixada dentro deles para testificar a existência de pecado, tal como não há qualquer traço dos amalequitas hoje para confirmar a sua existência.

Este significado da palavra “lembrança” foi muito claramente compreendido pelo pastor E. J. Waggoner, que escreveu:

“Precisamos estar em guarda contra a ideia que o apagar dos pecados é meramente como passar uma esponja sobre uma ardósia, ou ir aos livros para fazer um acerto das contas. Isto não é o apagar dos pecados. Um homem ignorante que viu um termómetro pela primeira vez pensou diminuir a temperatura quebrando-o. Porém, que efeito teve isto sobre a temperatura? – o mesmo que limpar o registo do pecado tem sobre o pecador. Rasgar a folha de um livro, ou mesmo queimar o livro que contém o registo, não apaga o pecado. O pecado não é apagado limpando o seu registo, mais do que lançar a minha Bíblia no fogo anula a Palavra de Deus. Houve um tempo em que todas as Bíblias que podiam ser encontradas eram destruídas; mas a Palavra de Deus – a verdade – permaneceu a mesma, porque a verdade é o próprio Deus; e a Sua vida.

“A verdade está implantada nos céus e na terra; enche as estrelas, e as mantém nos seus lugares; é por isso que as plantas crescem, e os passarinhos constroem os seus ninhos; é por isso que eles sabem como encontrar o seu caminho – através do mar. Quando Moisés quebrou as tábuas de pedra, a lei ficou tão firme como antes. Mesmo assim, ainda que todo o registo de todos os nossos pecados, ainda que escrito pelo dedo de Deus fossem apagados, o pecado permaneceria, porque o pecado está

em nós. Ainda que o registo do nosso pecado fosse gravado na pedra e esta se desfizesse em pó, - mesmo isto não acabaria com o nosso pecado.

“O apagar do pecado é obliterá-lo da natureza, do ser humano. O sangue de Jesus Cristo limpa de todo o pecado. Os nossos corpos são apenas o canal, a margem, a areia da praia, o rio da vida. O pecado tem causado impressões em nós. Na praia, quando se vê uma parte de areia macia o primeiro impulso é fazer uma marca nela, escrever alguns caracteres sobre ela. Depois o mar sobe e cada onda que passa sobre a areia ajuda a obliterar a impressão até desaparecer totalmente. Mesmo assim a corrente de vida que flui do trono de Deus limpará e fará desaparecer as impressões do pecado que estão em nós.

“Apagar o pecado é fazê-lo desaparecer das nossas naturezas, de modo que não o conheçamos mais. ‘Os adoradores uma vez purificados’ – ‘realmente purificados pelo sangue de Cristo’ – ‘não mais têm consciência do pecado,’ porque o caminho do pecado saiu deles. A sua iniquidade pode ser procurada, mas não será encontrada. Saiu para sempre deles, é estranha à sua nova natureza se bem que eles possam recordar o facto que cometeram certos pecados, esqueceram o próprio pecado – não pensam em fazê-lo jamais. Este é o trabalho de Cristo no verdadeiro santuário, que o Senhor fundou, e não o homem, - o santuário não foi feito por mãos, mas trazido à existência pelo pensamento de Deus. “Review and Herald, 30 Set. 1902.

A ilustração do pastor Waggoner está em perfeita harmonia com o ensinamento da purificação do santuário como está estabelecido na Bíblia e no Espírito de Profecia. Como já foi notificado neste estudo, o serviço diário transfere o pecado do pecador para o santuário. Assim o mal que previamente profanou o pecador agora polui o santuário. Foi acentuado que o registo nos livros não é contaminação. E o pecado, não o registo dele que profana o santuário. Portanto, a purificação do santuário é realizada pela obliteração ou remoção do pecado que o profanou.

“Como antigamente eram os pecados do povo colocados, pela fé, sobre a oferta sobre pelo pecado, e, mediante o sangue desta, simbolicamente transferidos para o santuário terrestre, assim em novo concerto, os pecados dos que se arrependem são, pela fé, colocados sobre Cristo e transferidos, de facto, para o santuário celeste. E como a purificação típica do santuário terrestre se efectuava mediante a remoção dos pecados pelos quais se poluira, igualmente a purificação real do santuário celeste deve efectuar-se pela remoção, ou pagamento, dos pecados que ali estão registados.” O Grande Conflito, 420.

Deve tomar-se cuidado para não ler mal este testemunho. Ele declara que a purificação deve ser realizada pelo apagar dos pecados que estão ali registados, não o apagar dos registos dos pecados que ali estão.

“Quando o sumo-sacerdote por virtude do sangue da oferta pela transgressão, removia do santuário os pecados, colocava-os sobre o bode emissário. Quando Cristo, pelo mérito do Seu próprio sangue, remover do santuário celestial os pecados de Seu povo, ao encerrar-se o Seu ministério, Ele os colocará sobre Satanás, que, na execução do juízo deverá arrostar a pena final.” Idem 420, 421.

Como habitualmente, há um testemunho que até ser correctamente compreendido, parece contradizer todos os outros.

“No grande dia da paga final, os mortos devem ser ‘julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras’ Apocalipse 20:12. Então, pela virtude do sangue expiatório de Cristo, os pecados de todo o verdadeiro arrependido serão eliminados dos livros do céu. Assim o santuário estará limpo ou eliminado dos livros do céu. Assim o santuário estará limpo ou purificado, do registo de pecado. No tipo, esta grande obra de expiação, ou cancelamento de pecados, era representada pelos serviços do dia de expiação, a saber, pela purificação do santuário terrestre, a qual se realizava pela remoção dos pecados com que ele ficara contaminado, remoção efectuada pela virtude do sangue da oferta para o pecado.

“Assim como na expiação final os pecados dos verdadeiros arrependidos serão apagados dos registos do Céu, para não mais serem lembrados nem virem à mente, assim no serviço típico eram levados ao deserto, para serem separados da congregação.” Visto que Satanás é o originador do

pecado, o instigador directo de todos os pecados que ocasionaram a morte do Filho de Deus, exige a justiça que Satanás sofra a punição final. A obra de Cristo para a redenção dos homens e purificação do universo da contaminação do pecado, encerrar-se-á pela remoção dos pecados do santuário celestial e disposição dos mesmos sobre Satanás, que arrostará a pena final. Assim no serviço típico, o ciclo anual do ministério encerrava-se com a purificação do santuário e confissão dos pecados sobre a cabeça do bode emissário.” *Patriarca e Profetas*, 371.

O problema com esta referência é que declara, em aparente contradição com o claro testemunho dado noutro lado e já aqui referido, que os pecados serão apagados dos “livros do céu”, em vez de apagados do santuário. Em vez de dizer será libertado do pecado, diz que”...Assim o santuário estará limpo ou purificado, do registo de pecado”.

Contudo, consistente com os testemunhos dados noutro lado, um parágrafo seguinte assegura-nos que a obra de Cristo pelos homens será acabada pela “remoção do pecado” do santuário celestial.

Não há, de facto, contradição. A purificação do santuário não pode ser outra coisa senão a remoção do pecado pelo qual está profanado. Ao mesmo tempo que esta obra está a ser feita, os livros de registo serão actualizados a fim de preservar uma ilustração acurada do estado do individuo a que diz respeito, e para finalmente o libertar, ou limpar o seu registo da total condenação da lei.

Para compreender isto mais perfeitamente, deve ser dada atenção à alteração dos registos no céu. Antes de qualquer confissão ser feita, um registo de pecado permanece contra o pecador nos livros da morte e do pecado. Quando confessa e abandona a sua velha vida pecadora para receber a semente de Cristo, o seu nome é limpo do livro da morte e colocado no livro da vida. Ao mesmo tempo, os seus pecados são transferidos para o santuário.

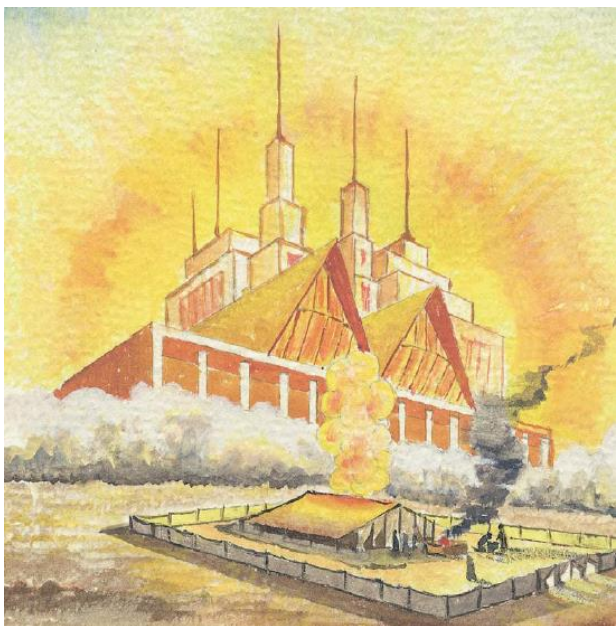
Contudo, Ele “não ficava ainda livre da condenação da lei.” O Grande Conflito, 418. Será necessária uma expiação final para o libertar totalmente desta condenação. Isto será realizado quando Cristo espargir o Seu sangue sobre o propiciatório e levar os pecados do santuário para os colocar sobre o bode expiatório. Enquanto ele faz isto, os registos são ajustados para reflectir uma verdadeira ilustração do estado agora alcançado pelo crente. Eles mostram que ele foi libertado inteiramente da condenação da lei. É a esta obra que se referem as palavras: “...os pecados de todo o verdadeiro arrependido serão eliminados dos livros do céu. Assim o santuário será livre ou purificado do registo de pecado.” *Patriarcas e Profetas*, 371.

Mas isto é apenas a escrituração dos livros. A limpeza real do santuário é realizada pela remoção do pecado não apenas o passar uma esponja nos registos. Além disso, o apagar dos registos de certos livros não significa a sua total obliteração, pois “...A história (registo) do pecado permanecerá por toda a eternidade como testemunha de que à existência da lei de Deus se acha ligada a felicidade de todos os seres por Ele criados. À vista de todos os factos do grande conflito, tanto os que são fiéis como os rebeldes, de comum acordo declara: ‘Justos e verdadeiros são os Teus caminhos, ó Rei dos santos.’” O Grande Conflito, 667, 668.

“Remissão, ou acto de lançar fora o pecado é a obra a efectuar-se.” *Idem*, 416.

Isto é iniciado no serviço diário quando o pecado é transferido do pecador para o santuário, e acabado na expiação final quando o grande Sumo-Sacerdote remove o pecado do lugar santo e o coloca no bode expiatório.

Quando o crente compreende claramente a distinção entre os registos do pecado e o próprio pecado, e reconhece que é o último que profana o santuário e deve ser removido a fim de efectuar a sua purificação, será diligente em assegurar que a sua pecaminosidade é removida e a justiça de Cristo estabelecida no seu lugar. Esforçar-se-á ao máximo para chegar à investigação final num estado de perfeição sem pecado, sabendo que todos os seus pecados devem ir de antemão a julgamento.



A Mensagem para o nosso Tempo
(Publicado na revista “The Messenger and News Review”, Janeiro 1983)

Capítulo 33

A Expição no Lugar Santíssimo – X

O ensinamento que é o pecado, não apenas o seu registo escrito, que é apagado a fim de purificar o santuário, é tao claro que é de surpreender como outro ponto de vista possa ser aceite. Contudo a posição defendida pela vasta maioria daqueles que crêm no santuário, é que o apagamento nos livros do céu dos registos escritos é a purificação do santuário. Durante todos os meus anos na igreja adventista e enquanto estudava no colégio de Avondale, nunca me ensinaram outra coisa. Nunca uma única vez me disseram que o pecado em si mesmo tinha de ser removido.

Este é um afastamento considerável da posição ocupada pelos pioneiros adventistas. Eu tenho investigado cuidadosamente os escritos tanto quanto tenho acesso, e não tenho tido sucesso em encontrar no seculo passado quem ensinasse que a purificação do santuário é acompanhada da eliminação dos registos dos livros do céu.

A primeira pessoa que escreveu acerca d expiação final foi O.R. L. Crosier de cujo artigo a irmã White escreveu, “O Senhor me mostrou em visão, há mais de um ano o irmão Croise tinha a verdadeira luz, acerca da purificação do santuário, e que era a Sua vontade, que o irmão C. escrevesse o ponto de vista que nos deu no Day-Star, Extra em 7 de Fevereiro de 1846. Eu sinto-me completamente autorizada pelo Senhor, para recomendar esse Extra, a todos os Santos. “A Word to a Little Flock, 12.”

O tema principal do artigo do irmão Croiser é a demonstração que o santuário celestial e o seu ministério são os verdadeiros antítipos do edifício e serviços do Velho Testamento. Portanto, ele não está excessivamente preocupado com as distinções entre o pecado e o seu registo. Contudo, há preciosa evidência para confirmar que ele compreendia que a remoção ou apagamento do pecado era a obra a ser realizada.

Ele também compreendeu que “apagar” é apenas uma das muitas expressões usadas nas Escrituras para descrever a mesma coisa.

“Destes textos aprendemos que as palavras expiar, purificar, reconciliar, purificar, expurgar, perdoar, santificar, consagrar, perdoar, justificar, remir, apagar, e algumas outras, são usadas significar a mesma obra, de, levar à graça com Deus; e em todos os casos o sangue é o meio, e algumas vezes sangue e água.” O Santuário, 11. Edição de Destiny Press.

Daí em diante, todas as vezes que ele usa a expressão, a “apagar”, é sempre o pecado que deve ser removido, sem que se faça menção ao registo dele. Aqui está a primeira destas referências:

“A expiação que o sacerdote fazia pelo povo em ligação com o seu ministério diário era diferente da que se fazia no décimo dia do sétimo mês. Ao realizar a primeira, ele não ia além do lugar Santo; mas para realizar a última entrava no Santos dos Santos - A primeira era feita pelos caos individuais, a última por toda a nação de Israel colectivamente - o primeiro era feito para o perdão dos pecados, o ultimo para os apagar - a primeira podia ser realizada em qualquer altura, a última apenas no décimo dia do sétimo mês.” *Idem*

São feitas mais algumas referências acerca da expiação final, mas é sempre o apagar dos pecados, nunca fazer desaparecer o seu registo. De facto, a palavra ”registo”, não aparece na dissertação em ligação com a purificação do santuário. Pelo contrário, ela é usada apenas uma vez para se referir ao relato da vida de Cristo. (Vidé, O Santuário 19, edição de Destiny Press.)

Um dos escritores adventistas mas conhecidos do século passado foi Uriah Smith. Na sua obra mais famosa, *Daniel* e Apocalipse, ele comenta extensivamente a purificação do Santuário, mas nem uma vez se refere ao apagar dos pecados como a eliminação dos registos escritos. Numa quase cópia do que foi escrito em O Grande Conflito sobre este assunto, ele refere-se à purificação do santuário como a remoção dos pecados pelos quais o tabernáculo foi poluído.

“Nós agora inquirimos, qual é a natureza desta purificação, e como é ela realizada? De acordo com a linguagem de Paulo, acabada de citar, é realizada através do sangue. A purificação não é, portanto, uma purificação de imundice ou impureza física; pois o sangue não é um agente usado numa obra desse género. E esta consideração devia satisfazer a mente objectora a respeito da purificação das coisas celestiais. O facto de Paulo falar das coisas celestiais serem purificadas, não prova que há qualquer impureza física no céu; pois esse não é o tipo de purificação a que ele se refere. A razão que Paulo atribui para esta purificação ser realizada com sangue, é porque sem derramamento de sangue não há remissão.

“Remissão, então, isto é, afastamento do pecado, é a obra a ser feita. A purificação, portanto, não purificação física, mas uma purificação do pecado. Mas como entraram os pecados em ligação com o santuário, tanto o terrestre como o celestial, de modo a necessitarem de ser purificados deles?

Esta questão é respondida pelo ministério ligado ao tipo, para o qual nos voltamos agora.

“Os últimos capítulos do *Êxodo* dão-nos conta da construção do santuário terrestre, e do sistema de serviço ligado com ele. Levítico abre com um relato do ministério que devia ser realizado: Tudo o que é nosso propósito notar aqui, é um ramo particular do serviço, que era realizado como segue: A pessoa que tinha cometido pecado, trazia a sua vítima à porta do tabernáculo. Sobre a cabeça desta vítima ela colocava a sua mão por um momento, e, como podemos razoavelmente concluir, confessava sobre ela o seu pecado. Por este expressivo acto significava que tinha pecado, e era digna de morte, mas que no seu lugar consagrava a sua vítima, e transferia a sua culpa para ela. Com a sua própria mão (e que emoções deviam ser as suas?) tirava então a vida da sua vítima por conta da sua culpa. A lei exigia a vida do transgressor por causa da sua desobediência; a vida está no sangue (*Levítico* 17:11,14); por isso sem derramamento de sangue, a remissão não é possível; pois a exigência da vida pela lei é assim satisfeita. O sangue da vítima, representante de uma vida que o pecador perdera, e o veículo da sua culpa, era levado pelo sacerdote, e ministrado perante o Senhor.

“O pecado do individuo era assim, pela própria confissão, pela morte da vítima, e pelo ministério do sacerdote, transferido de si para o santuário. Vítima após vítima era oferecida pelo povo. Dia a dia a obra continuava; e por isso o santuário tornava-se continuamente o receptáculo dos pecados da congregação. Mas esta não era a disposição final destes pecados. A culpa acumulada era removida por um serviço especial, que era chamado a purificação do santuário. Este serviço, no tipo, ocupava

um dia no ano; e o décimo dia do sétimo mês, no qual era realizado, chamava-se o dia da expiação. Neste dia, enquanto todo o Israel se abstinha do trabalho e afligia as suas almas, o sacerdote trazia dois bodes, e apresentava-os perante o Senhor à porta d tabernáculo da congregação. Eram lançadas sortes sobre estes bodes; uma sorte para o Senhor, e outra para o bode emissário. Aquele sobre o qual a sorte pelo Senhor caía, era então morto, e o seu sangue era levado pelo sacerdote para o lugar santíssimo do santuário e espargia-o sobre o propiciatório. E este era o dia em que era permitido entrar nesse compartimento. Saindo, ele colocava então s suas mãos sobe a cabeça do bode emissário, confessava sobre ele todas as iniquidades dos filhos de Israel, e todas as suas transgressões e todos os seus pecados, e, assim colocava-as sobre a sua cabeça (*Levítico* 16:21), este era depois levado pela mão de um homem designado para uma terra desabitada, uma terra de separação, ou esquecimento, o bode nunca mais aparecia no acampamento de Israel, e os pecados do povo jamais eram recordados contra ele. Este serviço destinava-se à purificação do povo dos seus pecados, e purificação dos santuários e dos seus vasos sagrados. *Levítico* 16:30,33. Por este processo, o pecado era removido, - mas apenas figuradamente; pois toda essa obra era típica. ”*Daniel* e Apocalipse, 173-175; uma edição não datada; comentando *Daniel* 8:14, por Uriah Smith.

Estes parágrafos revelam que Uriah Smith tinha uma acurada compreensão dos típicos serviços diário e anual realizados para ensinar ao povo como o pecado devia ser removido deles e por ultimo destruído. Ele compreendeu que o santuário era profanado por causa do pecado ser transferido para ali, e que a purificação devia ser realizada pela remoção do pecado. Em lado algum ele ensina que o apagamento dos registos executam a obra da purificação.

Ele continua o seu argumento afirmando, bastante correctamente, que “...A obra dos sacerdotes terrestres era uma sombra, um exemplo, uma correcta representação, tanto quanto podia ser efectuada por mortais, dos ministérios de Cristo no Céu.” *Idem*, 175.

Ele aponta que tão seguramente como havia um ministério para tirar os pecados e coloca-los no santuário, e outro que o removia para o bode emissário no tabernáculo do Velho Testamento na terra, assim Cristo realiza estas duas obras no santuário celestial. Por isso Uriah Smith compreendeu claramente que a purificação do santuário celestial não é efectuada pela remoção de um registo da iniquidade, mas pela remoção dos próprios pecados.

Os parágrafos já citados do pastor E.J.Waggoner demonstram que ele estava certo quanto ao princípio que é o apagar do pecado que limpa primeiramente o individuo e depois o santuário. Além do mais ele estava profundamente preocupado receando que essa verdade fosse substituída pela ideia que o pagar do registo fosse o apagar do pecado.

Em 1914, Stephen N. Haskell publicou no seu livro, *A Cruz e a Sua Sombra*, um estudo que é razoavelmente compreensível sobre os serviços do santuário no tipo e no antítipo. Como os autores já citados, ele testemunha firmemente que “no tipo e na sombra os pecados confessados de Israel tinham sido transferidos para o santuário durante todo o ano; a purificação do santuário era a remoção destes pecados.” *A Cruz e a Sua Sombra*, 211.

Este conceito é mantido em todo o seu capítulo na expiação final. E nem uma vez faz referência ao pagamento dos registos do pecado como um meio pelo qual o santuário é purificado.

O último autor a quem citaremos para apoiar o facto que a verdadeira posição adventista é que a remoção do pecado limpa o santuário, é Alonzo T. Jones, que, com o pastor E.J.Waggoner foi enviado por Deus em 1888 para proclamar a mensagem do terceiro anjo em verdade. Ele escreve oque se segue:

“A purificação do santuário, como para o próprio santuário, era remover e afastar do santuário todas as transgressões do povo que, pelo serviço dos sacerdotes, tinham sido levadas para o santuário durante o serviço anual.” *O Caminho Consagrado para a Perfeição Cristã*, 118.

Estas citações demonstram amplamente que os primeiros escritores e pioneiros adventistas compreendiam claramente o que era na realidade a purificação do santuário – não o pagar dos registos dos livros do céu, mas a remoção do próprio pecado.

Em contraste com este ensinamento está o seguinte testemunho de Doutrinas Bíblicas, por Alfred F. J. Kranz:

“O sumo-sacerdote através dos méritos do sangue limpava o santuário dos pecados que para ali tinham sido transferidos. *Levítico* 16:16-19.

Assim Jesus pelo apagar do registo dos nossos pecados nos livros limpará o santuário celestial.”

Nos anos 40 quando foi usado no colégio missionário australiano como texto principal na classe de doutrinas bíblicas, o seu autor foi olhado como o teólogo guia na divisão australiana. Certamente, expresso aqui estava a popular se bem errónea ilustração defendida em todo o mundo adventista naquela altura e desde então acerca da purificação do santuário. É um afastamento óbvio dos ensinamentos da Bíblia e do Espírito de Profecia, e das posições mantidas originalmente pelos adventistas.

Como aconteceu tal mudança? Quais foram os factos que levaram o povo a abandonar certa e simples verdade em favor do erro?

A mudança é o resultado da rejeição da mensagem do terceiro anjo enviada em grande amor e misericórdia pelo Senhor ao Seu povo em 1888. Essa mensagem foi estabelecida à volta do princípio que o pecado não é meramente um acto, mas uma presença que habita dentro do crente, uma força viva, uma entidade, que controlando a pessoa contra a sua vontade se expressa em acções pecaminosas: Por outras palavras, o pecado não é apenas o que fazemos; é o que somos.

A rejeição deste princípio é a rejeição da mensagem de 1888, que prevalece ou cai nesta verdade. Portanto, quando a igreja recusou aceitar a luz enviada através dos pastores Waggoner e Jones, privou-se a si mesma do conhecimento que o pecado é muito mais do que aquilo que fazemos. Isto queria dizer que eles já não mais eram capazes de compreender o evangelho e por isso não podiam entender correctamente o serviço do santuário. Inevitavelmente, isto levou a um novo ensinamento sobre a purificação do pecado. Isto desenvolveu-se como se segue:

Uma vez que eles não mais acreditavam que o pecado é uma viva, entidade má que Deus pode remover de uma pessoa e transferir para o santuário celestial, não desistiram das suas crenças na remoção do pecado da pessoa para o templo.

Como os protestantes, eles viram o pecado como sendo nada mais do que uma acção sujeita a culpa. Eles criam que o “velho homem” não seria erradicado e substituído pela divina natureza até que Cristo aparecesse nas nuvens do céu para transformar este pecaminoso, físico corpo de carne e sangue mortal em imortal incorruptibilidade.

Esta definição de pecado não lhes permitiu que cressem na eliminação dos pecados como essa doutrina é ensinada na Bíblia, Espírito de Profecia, e pelos pioneiros adventistas. A verdade sobre esta mensagem requer a transferência do pecado de um lugar para o outro, mas é impossível mudar uma acção de um lugar para outro. O que é feito num lugar pode ser repetido noutra, mas isso não é transferir a acção original: é duplicá-la.

Por exemplo, se Sam Brown matou Joe Smith em Londres, Inglaterra, e depois fosse para Paris, França, e matasse Pierre Dupont, teríamos a repetição do seu crime num novo local, mas isto não seria a transferência da acção pecaminosa – seria a sua repetição. Com a intenção de fazer distinção, é digno de nota que a natureza pecaminosa que levou Sam Brown a cometer a má acção em Londres, foi transferida para Paris onde se exprimiu exactamente da mesma maneira como antes de ter atravessado o canal. Isto tem quês ser assim, pois, até que ele seja libertado dela pelo purificador poder de Deus, para onde que o pecador vá a sua natureza má vai com ele. Esta ilustração mostra claramente que enquanto uma acção não pode ser movida de lugar para lugar, a natureza pecaminosa pode.

Porém há algo acerca de uma acção do pecado que pode ser transferido - a culpa dele. A culpa é a medida de responsabilidade por aquilo que se fez. Assim, quando um tribunal terrestre determina que uma pessoa é culpada do crime em questão, o júri então determina um grau de responsabilidade pela qual a pessoa condenada tem que pagar. Pode impor uma multa, mandá-la para a prisão ou sentenciá-la à morte.

Enquanto uma acção de pecado não pode ser transferida, a responsabilidade dela pode. De facto, a responsabilidade por qualquer coisa pode ser transferida para outra pessoa. Por exemplo, quando um indivíduo possui um pedaço de terra, tem a responsabilidade do seu cuidado, e pagamento de quaisquer contribuições que lhe sejam tributadas. Eventualmente, ele pode vender a terra a outra pessoa, sobre a qual essa pessoa tem que pagar as contribuições, ao passo que o seu primeiro proprietário fica livre de todas essas responsabilidades.

Tem havido exemplos, também, onde a responsabilidade de um acto errado foi transferido para outra pessoa – tal como pais que pagam as multas pelos erros de filhos que entraram em colisão com a lei.

Estas transferências são efectuadas por procedimentos legais e realizadas fazendo um registo escrito da transacção. Isto é igualmente verdade a respeito da transferência do pecado do pecador para o santuário e daí para o bode emissário. Antes do pecador confessar a sua iniquidade e a acção pecaminosa que conseqüentemente resultou, os livros de registo no céu mostram que toda a responsabilidade repousa sobre ele. Mas quando, em contrição, o transgressor se arrepende e confessa esse pecado, o senhor não só transfere a própria pecaminosidade para o santuário; Mas Ele assume também a responsabilidade (ou culpa) dela, e este facto é imediatamente registado nos livros do céu.

Os adventistas que viam o pecado como sendo nada mais do que a prática exterior de acções erradas, assim viam a remissão do pecado no santuário como sendo o afastamento da culpa ou responsabilidade. Como isto realmente podia ser feito apenas fazendo registos escritos, assumiram que estes registos eram a transferência do pecado para o templo celestial. Por saberem que a transferência do pecado era o meio pelo qual o santuário era tornado impuro, naturalmente concluíram, se bem que erradamente, que os registos nos livros profanavam o santuário.

Isto levou a uma conclusão final. Se os registos nos livros profanavam o santuário, então o apagar esses registos dos livros deve ser a purificação do santuário.

Assim torna-se evidente que uma vez que o pecado era considerado como nada mais do que uma acção, era inevitável que essa ideia errada acerca da purificação do santuário se desenvolvesse. Por outro lado, é lógico concluir que aqueles que têm readquirido um verdadeiro conceito acerca do que o pecado é, recuperariam uma correcta compreensão sobre a purificação do santuário. Assim se tem provado ser.

A ideia que estes registos detalhados são eternamente preservados é um pensamento repugnável para algumas pessoas. Elas não querem que os segredos escondidos das suas vidas sejam declarados, por toda a eternidade, para contemplação de todos.

Isto é compreensível sob um ponto de vista, mas na realidade é o que todo o cristão vitorioso quereria. Os registos das vidas dos remidos não aparecerão como profundos, obscuros, males pecaminosos, mas como gloriosas, radiantes vitórias sobre o pecado. Eles deleitar-se-ão em partilhar estas maravilhosas experiências com outros, e convidá-los-ão a examinar cada detalhe das suas vidas porque eles fornecem testemunhos vivos da capacidade de Deus para os libertar do pecado. Nenhum verdadeiro filho de Deus desejará alguma vez o apagamento destes registos.

Obviamente, nem os seus nomes nem as más acções serão retidas nos livros da morte e pecado. Os seus nomes estão inscritos no livro da vida e as suas acções no memorial.

“Há um memorial escrito diante de Deus, no qual estão registadas as boas acções dos ‘que temem ao Senhor, e para os que se lembram do Seu nome.’ As suas palavras de fé, seus actos de amor, acham-se registadas no Céu. Neemias a isto se refere quando diz: ‘Deus meu lembra-Te de mim; e não risques as beneficências que eu fiz à causa de meu Deus.’ No livro memorial de Deus toda acção de justiça se acha immortalizada. Ali, toda tentação resistida, todo mal vencido, toda palavra de terna compaixão que se proferir, acham-se fielmente historiados. E todo acto de sacrifício, todo sofrimento e tristeza, suportado por amor de Cristo, encontra-se registado. Diz o Salmista: ‘Tu contaste as minhas vagueações: poe as minhas lágrimas no Teu odre: não estão elas no Teu livro?’” O Grande Conflito, 481

Por toda a eternidade, o memorial de Deus contém as acções justas daqueles que foram remidos desta terra. Para a mente em geral, “acções justas” são positivas acções de misericórdia, bondade, amor paciência, etc, mas neste testemunho +e dados um significado um tanto mais amplo onde se inclui toda a tentação resistida, e todo o mal vencido.

Isto literalmente significa que todo o mal que alguma vez residiu dentro do remido está ali registado, porque cada um desses males será uma vitória sobre o mal.

E assim deve ser. Por toda a eternidade, os justos testemunharão com poder sempre crescente a gloriosa salvação que lhes foi concedida pelo ministério de Cristo. Mas como podem eles mostrar a memória e registo do mal que foi necessário vencer é apagado?

Quando uma nação condecora um soldado por grande bravura mostrada no capo de batalhas, ninguém pode realmente apreciar todo o valor da recompensa a não ser que o poder do inimigo contra quem combateu e dificuldades que encontrou sejam totalmente descritas. Obviamente, quanto melhor a natureza da luta for compreendida, mais profunda a compreensão da gloriosa vitoria ganha.

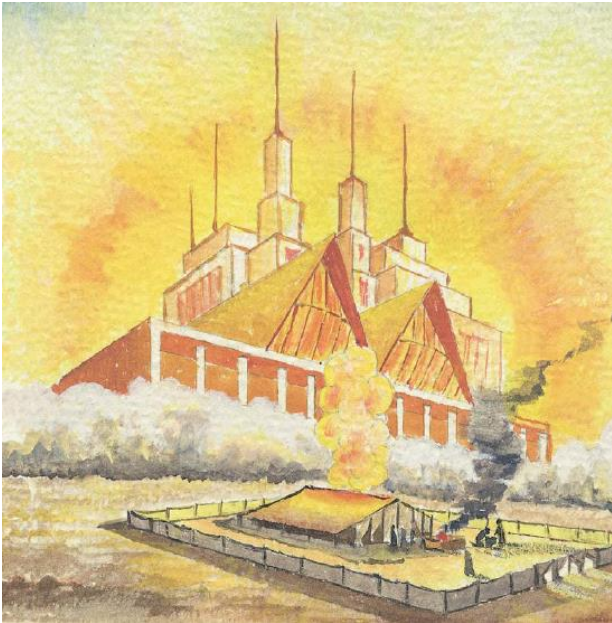
Do mesmo modo, se os remidos forem privados do registo do mal contra o qual lutaram e foram vitoriosos, toda a gloria do triunfo de Cristo através deles seria obscurecida, e o seu testemunho grandemente restringido.

Mesmo hoje, as mais preciosas memórias que os cristãos vitoriosos têm, são das conquistas alcançadas nas suas vidas pela graça de Cristo. Não mais têm eles consciências más por causa das iniquidades que os dominaram no passado, mas gozam em vez disso da doce liberdade que encontraram no seu Salvador. Eles desejavam que fosse seguro contar todos os detalhes de como foram libertados daquilo que eles eram, e da mudança em homens e mulheres novos em Cristo Jesus, mas sabem que isto algumas vezes causaria sérios problemas.

Nenhuma dessas dificuldades existirá quando vier a eternidade em que os pecadores já não viverão. Ali, mentes puras contemplarão as maravilhas da salvação, estudando as vitórias obtidas nas vidas individuais, e maravilhando-se ante as transformações efectuadas em todos os que tomarem posse no reino eterno de Deus.

A última coisa que estes glorificados, imortalizados seres desejarão é qualquer perca dos detalhes nos registos celestiais, porque perderiam então o preciso material de estudo na sua procura para alcançar todo o poder e maravilha do plano da salvação. Além disso, saberão que os registos daquilo que aconteceu em consequência da rebelião de Satanás, será uma eterna salvaguarda contra a ocorrência de semelhante desenvolvimento.

Portanto, o ensinamento que o apagar dos pecados é o apagar dos seus registos, será sempre rejeitado pelo verdadeiro filho de Deus iluminado.



A Mensagem para o nosso Tempo
(Publicado na revista “The Messenger and News Review”, Fevereiro 1983)

Capítulo 34

A Expição no Lugar Santíssimo - XI

Muitos religiosos modernos rejeitam a expiação no lugar santíssimo como sendo fora de propósito, desnecessária, e não escriturística. É geralmente crido que no momento em que o pecado é confessado, imediata e eternamente destruído, não deixando possibilidade para alguma vez voltar o crente.

Isto, contudo, não é o ensinamento de Jesus, nem é a revelação dos caminhos de Deus como dados no santuário. A verdade é que quando arrependido confessa a sua iniquidade, ela é inicialmente removida apenas para o lugar santo onde espera até que a expiação final purifique o tabernáculo da sua presença e a coloque sobre o bode expiatório. E impossível crer que os rituais do Velho Testamento são uma verdadeira e acurada revelação dos caminhos de Deus na remoção da iniquidade, e ao mesmo tempo defender que o pecado é totalmente apagado numa operação quando a confissão é feita.

Claro e convincente como o santuário do Velho Testamento é em ensinar esta verdade, não é o único testemunho. Quando Cristo esteve sobre esta terra, ensinou plenamente os mesmos princípios e nunca mais claramente do que na parábola do credor incompassivo.

“Por isso o reino dos céus pode comparar-se a um certo rei que quis fazer contas com os seus servos;

“E, começando a fazer contas, foi-lhe apresentado um que lhe devia dez mil talentos;

“E, não tendo ele com que pagar, o seu Senhor mandou que ele e sua mulher e seus filhos fossem vendidos, com tudo quanto tinha, para que a dívida se lhe pagasse.

“Então aquele servo, prostrando-se, o reverenciava, dizendo: Senhor, sê generoso para comigo, e tudo te pagarei.

“Então o Senhor daquele servo, movido de íntima compaixão, soltou-o e perdoou-lhe a dívida.

“Saindo, porém, aquele servo, encontrou um dos seus conservos que lhe devia cem dinheiros, e, lançando mão dele sufocava-o, dizendo: Paga-me o que me deves.

“Então o seu companheiro, prostrando-se a seus pés, rogava-lhe, dizendo: sê generoso para comigo e tudo te pagarei.

“Ele, porém, não quis, antes foi encerrá-lo na prisão, até que pagasse a dívida.

“Vendo pois os seus conservos o que acontecia contristaram-se muito, e foram declarar ao seu Senhor tudo o que se passava.

“Então o seu Senhor chamando-o à sua presença, disse-lhe: Servo malvado, perdoei-te toda aquela dívida porque me suplicaste,

“Não devias tu igualmente ter compaixão do teu companheiro como eu tive misericórdia de ti?

“E, indignado, o seu Senhor o entregou aos atormentadores, até que pagasse tudo o que devia.

“Assim vos fará também meu Pai, se do coração não perdoardes, cada um seu a irmão, as suas ofensas.” Mateus cap. 18:23 – 35.

O débito devido pelo primeiro servo era verdadeiramente enorme segundo o *The World Book Encyclopedia*, Vol. 19:20, Edição de 1982, o talento hebreu equivalente a três mil siclos em prata, que somavam \$1800.00. O débito do servo de dez mil talentos seria portanto de \$18.000.000.00 – uma soma muito para além da sua possibilidade de restituir.

Este número aproximadamente representa o débito impagável do homem que Adão, pelo seu pecado, impôs sobre si mesmo e sua posteridade quando transgrediu no Éden. A punição é eterno encarceramento na casa prisional da morte. Quando enfrentam esta perspectiva, os homens rogam misericórdia, prometendo, como fez o credor incompassivo, que se ao menos o Senhor lhes perdoasse, tudo restituiriam. Esta garantia é nada mais do que se uma tentativa para alcançar a justiça pelas próprias obras.

O Rei, profundamente comovido pela desventurada condição do seu infeliz empregado, e totalmente sabedor que o seu servo não tinha esperança de jamais restituir o que tinha levado. Voluntária e completamente lhe perdoou toda a soma. O perdão foi tão totalmente concedido que o transgressor estava perante o seu Senhor como se nunca tivesse defraudado um cêntimo.

Assim, se a popular teologia ensinando que uma pessoa a quem os pecados foram perdoados não pode jamais ser acusado pelos mesmos, fosse verdadeira, então o rei nesta parábola não teria sido capaz de renovar a obrigação do servo para restituir o seu débito. Porém, quando o credor incompassivo demonstrou uma inflexível determinação em extrair um débito muito pequeno de um dos seus conservos, o rei voltou a carregá-lo com toda a responsabilidade das suas obrigações de modo que ele outra vez estava perante o rei como se nunca tivesse sido perdoado. À vista do facto que esta parábola é uma revelação do modo como Deus faz as coisas, este movimento da parte do rei prova que a popular teologia em questão é errada.

O que tornou a atitude do servo do rei repreensível é a vasta diferença entre a soma que lhe havia sido perdoada e a pequena soma devida pelo seu conservo. Eram uns meros cem dinheiros, que soma cerca de \$17.00. Quando os homens recusam perdoar os erros, imaginários ou reais, que têm sido cometidos contra si, mostram a mesma miserável atitude. Enquanto pretendem total libertação da eterna condenação, estão poucos dispostos a ser reconciliados com os seus irmãos quando aquilo que é infinitesimal em comparação – alguma insignificância ou prejuízo de consequências somente passageiras.

A história é muito clara e assim é a sua aplicação. Jesus culminou a lição com a impressionante declaração, “Assim vos fará também meu Pai, se do coração não perdoardes, cada um a seu irmão, as suas ofensas.” *Idem*.

“É verdade que pode uma vez haver sido perdoado; porém, seu espírito impiedoso mostra que agora rejeita o amor perdoador de Deus. Está separado de Deus e na mesma condição em que estava antes de ser perdoado. Desmentiu seu arrependimento, e os pecados sobre ele estão como se não se tivessem arrependido.” *Parábolas de Jesus*, 251.

Teria sido impossível a Deus fazer àqueles que têm professado ser Seus seguidores o que este rei faz ao seu servo, se, no ponto da confissão, a completa exterminação do pecado fosse então efectuada. Cristo aqui provou que Ele não subscreve essa popular teologia que ensina que o pecado uma vez confessado é para sempre apagado. Pelo contrário, Ele compreendeu que a iniquidade é guardada nalgum lugar de modo que, se a necessidade surgisse, pudesse voltar de novo para o pecador.

Cristo repetiu a mesma lição na parábola do casamento onde comparou o reino do céu a um rei que fez as bodas para o seu filho. Apesar da dificuldade em obter convidados para as bodas, devido a duas recusas da parte daqueles que tinham sido convidados, os servos finalmente encontraram o número requerido às saídas dos caminhos. Estes reuniram-se na sala do banquete esperando a entrada do monarca.

“E o rei, entrando para ver os convidados, viu ali um homem, que não estava trajado com vestido de núpcias.

“E disse-lhe: Amigo, como entraste aqui, não tendo vestido nupcial? E ele emudeceu.

“Disse então o rei aos seus servos: Amarrai-o de pés e mãos, levai-o, e lançai-o nas trevas exteriores; ali haverá pranto e ranger de dentes.

“Porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos.” Mateus 22:12-14.

Na parábola, o rei representa Deus, e o filho é Jesus Cristo. A entrada do rei é o juízo investigativo de todos aqueles que professaram o nome de Cristo e enviavam os seus pecados de antemão a julgamento. Os ímpios não estão incluídos neste exame porque eles não têm pecado no santuário. O seu julgamento chega numa altura posterior.

“No cerimonial típico, somente os que tinham vindo perante Deus com confissão e arrependimento, e cujos pecados, por meio do sangue da oferta para o pecado, eram transferidos para o santuário, é que tinham parte na cerimónia do dia da expiação. Assim, no grande dia da expiação final e do juízo de investigação, os únicos casos a serem considerados são os do povo professo de Deus. O julgamento dos ímpios

Constitui obra distinta e separada, e ocorre em ocasião posterior. ‘É tempo que comece o julgamento pela casa de Deus; e se primeiro começa por nós, qual será o fim daqueles que são desobedientes ao evangelho?’ 1 Pedro cap. 4:17.” O Grande Conflito, 480.

Como somente aqueles cujas vidas são examinadas no juízo investigativo que precede o segundo advento de Jesus, têm alguma possibilidade de ser admitidos no céu, é muito importante que cada um assegure que cumpre as condições de entrada nesse solene tribunal. Se satisfaz os requisitos, tem a certeza absoluta de receber o apagamento dos pecados e um lugar no céu, mas se o nome nem sequer é considerado, então não há qualquer esperança. Ele, com o restante dos ímpios, simplesmente continua num estado de total condenação à morte eterna.

Uma questão da mais séria importância que cada individuo enfrenta é como assegurar que será examinado nesse decisivo exame daqueles que são candidatos ao reino. Ninguém devia estar satisfeito com uma vaga ou incerta compreensão deste acontecimento e do que é necessário para o qualificar para o seu exame escrutinador.

O candidato ao reino deve compreender que o juízo investigativo determina o que será feito com o pecado que está no lugar santo a fim de efectuar a purificação do santuário. As alternativas são colocar a pecaminosidade no bode expiatório ou fazê-lo regressar àquele que à partida a cometeu. Por conseguinte a disposição do pecado determina a sorte daquele o enviou para o tabernáculo. Se ele vai para o bode emissário, está para sempre separado de crente, assim preservando a sua aptidão para o reino, mas se ele regressa para o crente, este é considerado inapto para entrar no céu e será destruído com os ímpios que nunca se arrependeram, negligenciaram enviar as suas transgressões para o santuário, e cujos casos não são portanto considerados no juízo investigativo.

Enviar iniquidade requer mais do que fazer uma confissão verbal dos pecados cometidos, não importa quão sincera e arrependida a alma possa estar. O crente deve compreender o que a confissão aceitável é como distinta da forma que o professo filho de Deus a compreende. Significa

reconhecimento não só daquilo que se fez, mas também da disposição para o mal no interior que faz brotar as acções que aparecem exteriormente. Confissão aceitável envolve a verdadeira rendição da natureza má a Cristo, assim como o recebimento do divino perdão para as acções cometidas. Depois de cumprido isto, o crente deve receber a divina vida de Jesus no lugar onde estava a má. Dai em diante, ele verificará que uma nova disposição substituiu a velha e obedecerá à lei, mas porque está nele fazer assim.

Quando uma pessoa verifica que a sua pecaminosidade foi substituída pela implantação da justiça, pode estar seguro que a iniquidade que havia estado em si, está agora literalmente no santuário celestial. As correias do pecado que o prendiam foram quebradas, e ele é verdadeiramente um homem livre em Cristo Jesus. Tão seguramente como ele alcançou esta experiência, assim com certeza será o seu caso examinado no julgamento dos justos.

Não é suficiente, contudo, ter os casos de cada um examinado. O objectivo é passar o escrutínio investigador e assim ter assegurado um lugar no céu. Isto pode ser alcançado se o pecador fielmente tratar com todos os pecados de acordo com os princípios da confissão aceitável. Se ele assegura que todo o pecado do qual tomou conhecimento através do convincente ministério do Espírito Santo, foi de antemão a julgamento, tem a garantia de receber um veredicto favorável no vindouro tribunal da justiça.

De acordo com os ensinamentos de Jesus dados na parábola das bodas, quando o rei veio inspecionar os convivas, encontrou aqueles que satisfaziam os requisitos, e encontrou um que não satisfazia. O que foi considerado não preparado para o reino deve ter enviado algum pecado para o santuário, ou não teria sido submetido a julgamento. Mas ele parou antes de a obra estar completa, escolhendo acariciar alguns pecados em vez de se ver livre deles.

Desde que o exame do rei tivesse mostrado que o homem não estava preparado para permanecer na sala das bodas, a ordem era dada para o atarem de pés e mãos antes de ser lançado para sempre nas trevas exteriores. A significação simbólica da expressão, “amarrar-o de pés e mãos”, não deve ser passada por alto. Obviamente, os anjos de Deus não amarram literalmente os pecados com cordas de sisal, cânhamo, ou linho. É com outras amarras que eles são aprisionados, desde que fracassem passar o julgamento.

O que lhes acontece é tornado claro noutras partes das Escrituras onde somos informados que “As suas iniquidades o prenderão, e com as cordas do seu pecado será detido.” Provérbios, cap. 5:22.

As amarras que aprisionam e limitam as almas dos homens são as cordas do pecado. Portanto, a ordem do rei “amarrar-os de pés e mãos”, aponta à ordem de Deus para o regresso da culpa dos pecados da pessoa para ela. Que terrível passo decisivo para a iniquidade final deve ser experimentado por aqueles que falharam no julgamento e estão conseqüentemente cheios de todos os maus espíritos dos quais antes tinham sido libertados. Seguramente o último estado desta classe seria pior do que o estado daqueles que nunca receberam o ministério purificador de Cristo!

Depois do juízo investigativo, seria impossível a Deus ordenar que o pecado fosse amarrado com as cordas do pecado previamente removidos dele se, ao mesmo tempo que a purificação, a sua iniquidade fosse extinta. Esta lição do Supremo Mestre contida nas parábolas das bodas e do credor impassivo confirma a verdade ensinada claramente no santuário do Velho Testamento que o pecado não é total e finalmente extinto no momento da confissão. A Testemunha Verdadeira dá ênfase, se bem que o pecador tenha sido verdadeiramente perdoado, a possibilidade de ser novamente amarrado pelos seus pecados é verdadeiramente real. O ponto é concisamente declarado no seguinte extracto.

“Importantes verdades concernentes à expiação eram ensinadas pelo culto típico. Um substituto era aceite em lugar do pecador; mas o pecado não se cancelava pelo sangue da vítima. Provia-se, desta maneira, um meio pelo qual era transferido para o santuário. Pelo oferecimento do sangue, o pecador reconhecia a autoridade da lei, confessava sua culpa na transgressão e exprimia o desejo de perdão pela fé num redentor vindouro; mas não ficava ainda inteiramente livre da condenação da lei. No dia da expiação, o sumo-sacerdote, havendo tomado uma oferta da congregação, entrava no lugar

santíssimo com o sangue desta oferta, e o espargia sobre o propiciatório, directamente sobre a lei, para satisfazer às suas reivindicações. Então, em carácter de mediador, tomava sobre si os pecados e os retirava do santuário. Colocando as mãos sobre a cabeça do bode emissário, confessava todos esses pecados, transferindo-os assim, figuradamente, de si para o bode. Este os levava então, e eram considerados como para sempre separados do povo.” O Grande Conflito, 418; 419.

Porque é que Deus opera desta maneira? Porque não destrói Ele o pecado no momento em que é confessado de modo que não exista o perigo de jamais ele voltar para o pecador outra vez?

Há uma razão muito boa para este esquema. Deus nada faz desnecessariamente ou sem um propósito. Ele compreende perfeitamente que nem todos aqueles que começam a vida cristã continuarão até ao fim. Alguns decidem regressar à vida iníqua uma vez mais. Há varias razões para isto. Uma é que quando o pecador está a sofrer sob a escravidão do pecado, recebe com agrado as promessas de Deus para o libertar, e entra na sua nova vida com grandes e excitantes expectativas, muitas das quais, por causa de estarem incorrectas, nunca serão realizadas. O pecador então sente-se desiludido, pensando que foi enganado, e descobriu que, apesar da servidão ser desagradável, tinha certas compensações e aparentes garantias que a tornavam, afinal de contas, a existência preferida.

Um exemplo apropriado disto é a experiencia dos israelitas na sua libertação do Egipto. Quando a sofrer sob dolorosa servidão dos egípcios, desejavam nada mais do que liberdade e um lar na terra prometida, mas não pensaram na dureza da viagem que estava entre eles e Canaã. Assim que sofreram fome e sede tornou-se visível que tinham um longo caminho a percorrer, desejavam regressar a uma vida de escravidão a fim de gozar a particular espécie de segurança que ela oferecia. Séculos mais tarde, quando o Messias devia aparecer, saudaram a perspectiva, mas quando Ele recusou juntar o Seu poder aos seus egoístas, esquemas ambiciosos que envolviam a morte dos romanos e a usurpação da sua riqueza e poder, voltaram-lhe as costas. Por fim, na loucura da sua frustração e fúria, crucificaram Aquele que antes tinham seguido. É relativamente fácil para o Senhor motivar muitos a iniciarem-se no reino mas outra coisa é mantê-los até ao fim. Esta é a razão pela qual Deus nos adverte a perseverarmos até ao fim. Ele disse aos Seus discípulos exactamente antes do Seu ministério terrestre terminar, “E por se multiplicar a iniquidade, o amor de muitos esfriará.

“Mas aquele que perseverar até ao fim será salvo.” Mateus 24:12,13.

Quando uma pessoa mostra a disposição para voltar à vida de pecado, nega o seu anterior desejo de ser liberto do mal, e demonstra que prefere a sua iniquidade à justiça de Jesus. Deus dá-lhe perfeita liberdade para fazer o que deseja, pois o Altíssimo não admitirá no céu qualquer pessoa que realmente não deseje estar ali.

É apenas recto e justo que o Senhor dê de volta a este tipo de pessoa os pecados que ela ama mais do que o seu Salvador. Portanto, Deus não cancela o pecado quando o homem pela primeira vez o afasta, mas simplesmente o deposita até ao tempo em que a decisão final é tomada de uma forma ou de outra. O Omnisciente não Se coloca na posição em que não pode dar de volta a uma pessoa o que é dela por direito se o quiser.

Os homens aplicam o mesmo princípio quando contratam a compra de uma propriedade. O vendedor e o comprador acordam uma forma estipulada pela transacção e um acordo é celebrado. Contudo a liquidação total tem que esperar até que certos requisitos sejam satisfeitos, assim, entretanto, o comprador tem que fazer um depósito, normalmente a quantia é dez por cento do preço acordado. Este dinheiro não é entregue directamente ao vendedor mas é colocado nas mãos de um fiel depositário que o guarda em favor de ambas as partes. Se o vendedor decide retirar a propriedade da venda antes da data estabelecida, o depósito deve ser devolvido ao comprador. Isto seria impossível se o dinheiro tivesse sido pago directamente ao vendedor e ele o tivesse gasto ou fosse demasiado desonesto para o devolver. Para evitar problemas desta natureza, a quantia é mantida à guarda até que o contrato seja finalmente encerrado.

Não há diferença no princípio entre aquilo que o homem faz aqui e aquilo que Jeová faz na destruição do pecado.

Aqueles que rejeitam o ensinamento que o pecado não é cancelado quando é primeiramente confessado, afirmam que seria impossível ao cristão gozar a doce segurança se isto fosse assim. Eles dizem que o crente deve viver com o contínuo receio que os seus pecados sejam de novo colocados sobre si e que não pode sentir-se seguro até que tenha recebido os benefícios da expiação final.

Mesmo se isto fosse assim, não alteraria o facto que o pecado não é completamente apagado até à expiação final e que, até essa altura, há o risco dele regressar. Não há justificação para rejeitar a verdade exactamente porque ela parece envolver algo que é emocionalmente desagradável para a pessoa. Se o crente deseja receber as bênçãos que Deus tem preparadas para ele, deve fazê-lo à maneira do Senhor, não à sua. Muitos rejeitaram a verdade durante as eras passadas, simplesmente porque não gostaram da forma como Deus lhes trazia a salvação. Eles elaboravam um plano ao seu gosto depois do que informaram Deus que esta era a forma como o serviriam. Presunçosa confiança da sua parte não altera o facto que não podem entrar no céu pelas suas próprias invenções.

Mas a verdade a respeito da deposição dos pecados não rouba ao crente a segurança pessoal. Ele compreende o processo e pode regozijar-se na doce certeza que todo o pecado que confessou, foi removido dele e colocado no santuário. Ele sabe que está vindo o dia em que precisará de um Advogado para remover a sua impureza do lugar santo e coloca-la sobre o bode expiatório, desse modo assegurando-lhe o seu eterno cancelamento. Ele tem um perfeito repouso diário no conhecimento que Jesus, no papel de Advogado, é perfeitamente capaz de fazer aquilo por si. Por isso o crente continuamente se regozija na certeza da sua libertação final do pecado que anteriormente o controlou.

Tudo o que ele tem que fazer é fielmente afastar todo o pecado que o Espírito lhe revela. Se ele morresse com esta obra incompleta por causa de não ter tido a oportunidade de ver todas as suas falhas, Cristo aceita a sua fidelidade até ao ponto a que foi capaz de chegar, e, no grande dia da expiação final, coloca os seus pecados sobre o bode emissário. Eles são então transportados para o lugar da destruição final.

Se o crente está entre os vivos quando o remate do grande dia de expiação tem lugar, será então abençoado com a luz especial que brilha durante o alto clamor. Por isso e pela tremenda pressão da tentação, verá por fim quaisquer defeitos de carácter que ainda restem e por isso tem a oportunidade de ser purificado deles completamente. Ele compreenderá exactamente qual é a sua necessidade, quanto a questão acerca do que será feito com o seu pecado no santuário é considerada. Também sabe onde está o seu Mestre e o que Ele é capaz de fazer, e repousará no seguro conhecimento que pode confiar no seu Salvador para fazer o que necessita ser feito. Dizer que o crente terá falta de certeza naquele dia temível, é negar que ele tem fé no seu grande Sumo-sacerdote.

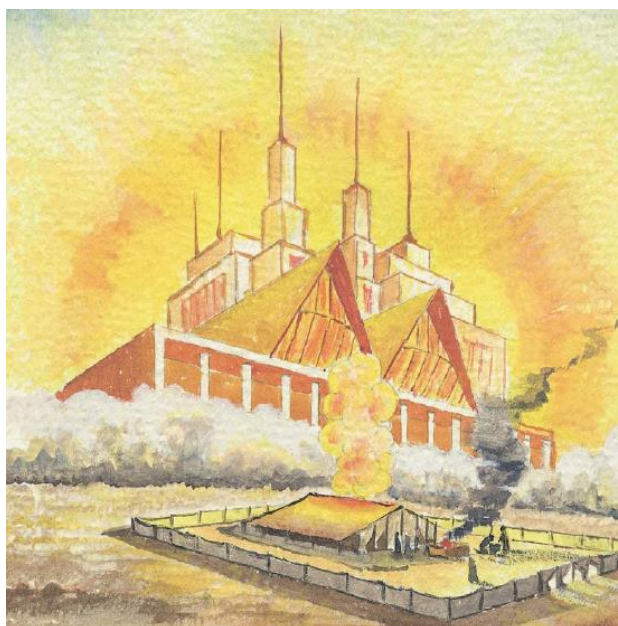
Os que rejeitam a mensagem do santuário afirmam que não podem ter a certeza se aceitam o ensinamento que o pecado não é cancelado quando é confessado. O que eles necessitam compreender é que são amaldiçoados com uma falsa segurança. Acreditam totalmente que os seus pecados foram eternamente apagados no momento em que os confessaram e que não há necessidade para uma expiação final. Assim vivem sob um falso conceito que foram eternamente libertos dos seus pecados quando de facto não foram. Será impossível para esta classe de pessoas relacionar-se correctamente com Cristo a respeito da expiação final, e isto significa que serão achados e, falta nesse momento crítico. Serão semelhantes a um homem condenado que vem ao tribunal sem um advogado.

Não tendo quem remova os seus pecados, verificarão, demasiado tarde, que a iniquidade foi colocada de novo sobre as suas cabeças.

Falsa segurança é muito mais mortal do que nenhuma segurança, pois ela leva as suas vítimas a descansar complacentemente quando deviam estar procurando a verdadeira solução para o seu problema.

O simples facto é que, por causa da perfeita justiça e rectidão do carácter de Deus e não porque todo aquele que começa a caminhada cristã chegue ao fim, o Senhor não pode remover o pecado numa operação. Ele deve guardá-lo sob custódia até o crente realmente decida se prosseguirá ou não

na verdade. Esta é a mensagem do santuário que é tão claramente defendida pelos ensinamentos de Jesus.



A Mensagem para o nosso Tempo
(Publicado na revista “The Messenger and News Review”, Março 1983)

Capítulo 35

A Expição no Lugar Santíssimo - XII

Os momentosos acontecimentos do grande dia da expiação não acontecem todos no santuário celestial. O povo de Deus na terra está também intimamente envolvido. Eles devem cumprir certas condições antes de poderem receber as bênçãos do apagamento final dos pecados e recebimento do selo de Deus.

No serviço típico, antes do dia em si mesmo chegar, exigia-se que a congregação fizesse especial preparação para este serviço final no santuário. As trombetas eram tocadas no primeiro dia do sétimo mês, dez dias antes da expiação final, para lembrar o povo aquilo que estava perante eles, e insistir com eles para examinarem diligentemente as suas vidas e afastar qualquer pecado que surgisse, de modo que pudessem juntar-se à volta do santuário no décimo dia do sétimo mês com todo o pecado confessado e abandonado. Qualquer que falhasse em fazer esta profunda obra era extirpado para sempre do acampamento.

“E falou o Senhor a Moisés dizendo:

“Fala aos filhos de Israel, dizendo: No mês sétimo, ao primeiro do mês, tereis descanso, memória de jubilação, santa convocação.

“Nenhuma obra servil fareis, mas oferecereis oferta queimada ao Senhor...

“E naquele mesmo dia nenhuma obra fareis, porque é o dia da expiação, para fazer expiação por vós perante o Senhor vosso Deus.

“Porque toda a alma, que naquele mesmo dia se não afligir será extirpada do seu povo.” Levítico 23:23-29.

Todas estas cerimónias eram apenas a figura das verdadeiras. Portanto, antes do grande dia da expiação final quando as vidas de todos os professos filhos de Deus forem examinadas, uma

mensagem de advertência de Deus soará para todo o indivíduo com tal clareza e poder que ninguém terá a menor desculpa para não saber o que está prestes a enfrentar.

Porque esta obra pede a descoberta e libertação de todo o pecado nas vidas daqueles que ainda estiverem vivos quando a expiação final tiver lugar, é evidente que a luz que flui do lugar Santíssimo excederá aquela que vem do lugar santo. Isto deve ser assim, pois ninguém pode ver os seus pecados ocultos a menos que a luz sempre crescente lhe seja dirigida.

A luz do lugar Santíssimo começou a brilhar no final dos 2.300 anos que começaram em 457 a.C. e terminaram em 1844 d.C. Imediatamente após Cristo entrar no lugar Santíssimo, revelações da verdade em acréscimo a tudo o que eles previamente tinham recebido começou a revelar-se ao povo enquanto, simultaneamente, tomavam conhecimento da necessidade duma intensa obra de preparação para um iminente dia de expiação final. Esta obra nunca poderia ser realizada no povo de Deus sem Cristo enviar mais clara e brilhante luz. Foi difícil eles se reconciliarem com esta responsabilidade, uma vez que esperavam ser trasladados no final do período dos 2.300 anos. Eles não compreenderam que ainda não estavam prontos para a imediata ascensão ao Céu.

Antes deste grande desapontamento, os crentes não compreendiam que os seus nomes deviam ser chamados a julgamento, e que tinham que receber a expiação final antes de poderem ser selados e trasladados. Mas, embora pudessem morrer e ser ressuscitados em tal ignorância, eles tinham que estar muito melhor informados para entrarem com sucesso na sua demanda no julgamento dos vivos, que estava planeado para ser convocado muito pouco tempo depois de 1844. A única razão pela qual ele não foi convocado foi porque os crentes, tendo falhado em fazer o progresso espiritual que Deus pretendia que eles alcançassem, mergulharam na condição de laodiceia que Lhe tornou impossível acabar a obra rapidamente. Eles não tinham aprendido nem cumprido a sua parte do plano para que Cristo pudesse realizar a Sua parte do contrato.

As bênçãos do primeiro e do segundo compartimento não são conferidas automaticamente. Este facto necessita de ser profundamente compreendido por toda a pessoa que está decidida a encontrar o seu lugar no reino celestial.

Receber a bênção de cada uma das expiações requer alguns passos.

Primeiramente, o crente, tendo sido despertado pelo Espírito Santo para uma consciência da sua necessidade de purificação e restauração, deve saber qual é o seu problema. No caso do ministério diário, é a remoção tanto da culpa provocada pela sua transgressão dos mandamentos de Deus como da pecaminosidade que tem sido a causa destas iniquidades. Quando enfrenta a expiação final, deve compreender qual a necessidade de ter os seus pecados removidos, não de si mesmo, porque isto já deve estar feito, mas do lugar santo para o bode emissário. Em segundo lugar, deve estar completamente inteirado do facto que ele não tem poder para fazer qualquer destas obras por si mesmo. Cristo somente tem a capacidade de remover o pecado dele no primeiro caso, e do santuário no segundo.

Em terceiro lugar, ele deve ter uma fé tão completa na obra e poder do seu Sumo Sacerdote que é capaz de entregar totalmente a obra nas Suas mãos eficientes e todo-poderosas.

Algumas pessoas têm dificuldade em reconhecer quão completamente impotentes são para mudar os seus corações e tornarem-se si mesmas santas. Elas sentem que embora devam confiar em Cristo para as perdoar da culpa devida às suas acções pecaminosas, devem emendar os seus maus caminhos e treinarem-se a si mesmas para viver justamente. Tentar isto é procurar o impossível. Ainda não nasceu um homem que pudesse alcançar isto. Somente Cristo tem o poder para tomar as nossas vidas pecaminosas e transformá-las à Sua própria semelhança divina. Ninguém senão Ele pode tomar a vida pecaminosa do crente e transferi-la para o santuário celestial.

Todavia ninguém devia ter dificuldade em compreender que quando vem a transferência do pecado do santuário para o bode expiatório, estão sem qualquer esperança. Deviam saber que não podem ascender ao Céu, entrar à presença de Deus, encontrarem e identificarem a sua própria iniquidade, e em seguida trazê-la de novo para esta terra e colocá-la no bode expiatório. Somente

Cristo pode fazer isto por eles. Devem confiar inteiramente o seu caso nas Suas mãos como o Advogado todo-suficiente.

Isto requer fé implícita no divino Mediador baseada completamente sobre as Suas garantias escritas, que é bastante difícil, mas é ainda mais pela presença do “acusador dos irmãos”, Satanás. Se for de algum modo possível, ele está determinado a impedir que qualquer dos filhos de Deus passe com sucesso o julgamento. Consequentemente, ele desempenha um papel altamente significativo durante os dois ministérios, tanto no primeiro como no segundo compartimento. As suas actividades estão claramente ilustradas no relato em forma de parábola em Zacarias 3:1-5.

“E me mostrou o sumo sacerdote Josué, o qual estava diante do Anjo do Senhor, e Satanás estava à sua mão direita, para se lhe opor.

“Mas o Senhor disse a Satanás: O Senhor te repreende, ó Satanás, sim, o Senhor, que escolheu Jerusalém, te repreende: não é este o tição tirado do fogo?

“Ora Josué, vestido de vestidos sujos estava diante do Anjo.

“Então falando, ordenou aos que estavam diante d'Ele, dizendo: Tirai-lhe estes vestidos sujos. E a ele lhe disse: Eis que tenho feito com que passe de ti a tua iniquidade, e te vestirei de vestidos novos.

“E disse eu: Ponham-lhe uma mitra limpa sobre a sua cabeça. E puseram uma mitra limpa sobre a sua cabeça, e o vestiram de vestidos: e o anjo do Senhor estava ali.”

“A visão de Zacarias relativa a Josué e ao Anjo, aplica-se com força particular à experiência do povo de Deus no remate do grande dia da expiação.” Testemunhos, 5:472 [Testemunhos Selectos 2:175].

Como tal, constitui uma maravilhosa revelação da probante experiência através da qual os filhos de Deus passarão durante o julgamento dos vivos. O carácter envolvido será o dos filhos de Deus, simbolizados por Josué o sumo sacerdote; Cristo como seu poderoso Advogado, representado aqui pelo Anjo do Senhor; e Satanás o acusador, para o qual nenhum símbolo é usado.

Para compreender a lição aqui apresentada, é necessário estar familiarizado com o serviço do santuário tal como é apresentado nos tipos do Velho Testamento. Por outras palavras, esta passagem em Zacarias deve ser estudada à luz do santuário, não doutra forma. Quando esta aproximação é feita, maior luz sobre o julgamento dos vivos será obtida.

Além disso, a aplicação da parábola de Josué e o Anjo para o serviço diário deve ser compreendida antes de estudar a sua relação com a expiação final.

“Como Satanás acusou a Josué e seu povo, assim em todos os séculos acusa os que buscam a misericórdia e favor de Deus. No Apocalipse é Ele declarado ser o 'acusador de nossos irmãos, 'o qual diante do nosso Deus os acusava de dia e de noite.' Apoc. 12:10. O conflito repete-se em relação a toda a alma que é salva do poder do mal e cujo nome se acha registado no livro da vida, do Cordeiro. Nunca ninguém é recebido da família de Satanás na família de Deus, sem suscitar a determinada resistência do maligno. As acusações de Satanás contra os que buscam o Senhor não são motivadas pelo desprazer em face de seus pecados. Ele exulta com os defeitos de seu carácter. Unicamente por causa de sua transgressão da Lei de Deus, pode ele alcançar poder sobre eles. Suas acusações advêm tão-somente de sua inimizade a Cristo. Mediante o plano da salvação, Jesus quebra o poder de Satanás sobre a família humana, salvando almas de suas garras. Todo o ódio e malignidade do arqu-rebelde é provocado, ao contemplar ele a evidência da supremacia de Cristo e com diabólico poder e astúcia opera para arrebatá-lo o remanescente dos filhos dos homens que aceitaram Sua salvação.” Idem, 470.

Satanás é incapaz de alcançar estes objectivos pela força, porque ele não pode compelir o homem à incredulidade. Ele sempre compreendeu que o seu poder é inferior ao poder de Deus. Portanto, ele nunca propôs que o grande conflito fosse solucionado por um confronto entre as suas forças e as de Jeová. O seu sucesso depende do uso do engano e acusação. Ele dirige as suas acusações contra o pecador num esforço de o desanimar com o pensamento que a sua iniquidade nunca pode ser lavada. Quando a fé em Cristo, o poderoso Salvador, é assim quebrada, é uma questão muito simples para Satanás levar o transgressor a confiar nos seus próprios planos.

“Leva ele os homens ao cepticismo, fazendo-os perderem a confiança em Deus e separarem-se de Seu amor; tenta-os a quebrantarem Sua lei, reclamando-os então como cativos seus, e contestando o direito de Cristo, de lhos arrebatá-los. Sabe ele que os que buscam sinceramente de Deus o perdão e a graça os hão-de obter; por isso apresenta perante eles os seus pecados, a fim de os desanimar. Está constantemente buscando ocasião contra os que procuram obedecer a Deus. Mesmo seus melhores e mais aceitáveis serviços busca ele fazer que se afigurem corruptos. Por estratagemas sem-número, os mais subtis e mais cruéis, empenha-se em conseguir a condenação deles.” Idem, 470, 471.

O acusador tem um conhecimento exacto dos pecados cometidos por aqueles que buscam a salvação de Deus, e ele pressiona-os na alma sob a luz pior possível. Não há forma pela qual o culpado possa defender-se, nem há qualquer procedimento pelo qual ele possa mudar a sua própria natureza e fazer-se digno da vida eterna.

“Não pode o homem por si mesmo defender-se dessas acusações. Em suas veste manchadas de pecado, confessando sua culpa ei-lo perante Deus. Mas Jesus, nosso Advogado, apresenta um eficaz rogo em favor de todos os que, mediante arrependimento e fé, a Ele confiaram a guarda de sua alma. Defende-lhes a causa e derrota seu acusador, com os poderosos argumentos do Calvário. Sua perfeita obediência à lei de Deus, mesmo até à morte de cruz, conferiu-Lhe todo o poder no Céu e na Terra, e Ele pleiteia de Seu Pai misericórdia e reconciliação para o homem culpado. Ao acusador de Seu povo diz Ele: 'O Senhor te repreenda, ó Satanás.' Estes são a aquisição do Meu sangue, tições apanhados do fogo.' Os que com fé n'Ele confiarem, receberão a confortadora certeza: 'Eis que tenho feito com que passe de ti a tua iniquidade, e te vestirei de vestidos novos. Todos os que vestiram as vestes da justiça de Cristo, estarão perante Ele como escolhidos, fiéis verdadeiros. Satanás não tem poder para arrancá-los da mão de Cristo. Nenhuma alma que com penitência e fé reclamou Sua protecção, permitirá Cristo que passe para o poder do inimigo. Está empenhada Sua palavra: 'Que se apodere da Minha força, e faça paz comigo; sim, que faça paz comigo.' Isaías 27:5. A todos é feita a promessa dada a Josué: 'Se observares as Minhas ordenanças, ... te darei lugar entre os que estão aqui.' Zac. 3:7. Anjos de Deus andarão a ambos os lados seus, mesmo neste mundo, e no final estarão entre os anjos que circundam o trono de Deus.” Idem.

Porque está Satanás tão determinado a impedir que os filhos de Deus obtenham perdão e purificação? Qual será o efeito para si se eles alcançarem estas bençãos?

Ele sabe que os pecados de todas as pessoas cuja iniquidade é transferida para o santuário e são por fim apagados em favor do arrependido serão lançados sobre ele de modo que será forçado a sofrer a penalidade final por eles. O sofrimento terrível que assim o consumirá é um destino que ele deseja evitar a todo o custo. Ao contrário do Salvador que está preparado para perecer em favor dos outros, Satanás não se importa com quanta agonia e tormento os pecadores ou os justos têm que suportar, desde que ele não esteja incluído. Portanto ele opera com satânica astúcia e incansável propósito para impedir que os pecados dos justos cheguem a si.

Mas esta não é a única razão para este esforço mal dirigido. Ele está também consumido com tão intenso e incurável ódio pelo gentil e amoroso Salvador, que deseja ferir todos os que pertencem a Cristo tanto quanto possa. Nada lhe agradaria mais do que ver cristãos e pecadores entregues ao eterno tormento e inextinguível fogo.

A primeira oportunidade de Satanás para assegurar que os pecados dos justos nunca voltarão para ele, está no serviço diário. Se ele puder impedir que a injustiça seja transferida do arrependido para o santuário, sabe que não tem mais razão para preocupação, pois esses males permanecem com aquele que os cometeu e assim nunca podem ser lançados sobre ele. Nenhum pecado jamais alcançará o bode emissário a não ser que passe primeiramente pelo santuário.

Satanás tem várias medidas destinadas a tratar com mentes diferentes. A maioria está agarrada aos seus pecados porque ele a mantém inteiramente separada da verdade de Deus. Ele persuadiu-a que a religião é um grande engano acariciado pela mente fraca e sentimental. Desconhecendo o ministério de morte que está diariamente a acumular uma terrível colheita de retribuição, este povo afunda-se em interesses e prazeres mundanos. Não dispensam qualquer pensamento ao dia de contas final, e

não fazem tentativa para terem os seus pecados transferidos para o santuários celestial. O diabo opera continuamente para os manter neste estado, pois sabe que enquanto permanecerem assim, não há perigo de ele sofrer e suportar os seus pecados.

Mas há outros que se preocupam com o seu bem estar presente e futuro e que têm a certeza que a resposta se encontra na Palavra de Deus, para estes, Satanás produz erros religiosos que negam o conhecimento individual do único caminho pelo qual os seus pecados podem ser perdoados e, depois de purificados, transferidos para o santuário. Assim as suas iniquidades estão ainda sobre eles embora estejam falsamente seguros que foram libertados do jugo da condenação. Têm uma forte fé em Deus mas ela está tristemente mal colocada, pois têm sido ensinados a acreditar que Deus fará aquilo que Ele nunca prometeu fazer. Este é o mais cruel de todos os enganos de Satanás. É como oferecer água a um homem que está prestes a perecer de sede, e depois arrebatá-la no último momento. O homem morrerá com uma amargura e desânimo que doutro modo nunca teria estado ali.

Jesus profeticamente viu e deu testemunho da horrível experiência daqueles que chegarão ao fim, confiantes de estarem salvos e que verificarão então que estão para sempre perdidos. Disse Ele: “Ali haverá pranto e ranger de dentes.” Mateus 22:13; 24:51; 25:30.

As pessoas somente rangem os seus dentes quando exprimem extremo desapontamento e angústia. Ninguém pode adequadamente ilustrar a completa extensão da fúria que será exprimida nesta altura. Será uma vista e um clamor do qual os justos recuarão horrorizados — uma cena inesquecível que ajudará a libertá-los para toda a eternidade de qualquer desejo de se envolverem em pecado outra vez.

Incredulidade é uma arma extremamente eficaz nas mãos de Satanás. A convicção que é impossível ser purificado do pecado nesta vida está tão espalhada que é quase universal entre os professos cristãos. Obviamente, se uma pessoa não crê que Cristo a purificará completamente da presença interior do pecado, a obra não será feita. Somente a fé traz a vitória. Esta é a razão pela qual Satanás amplifica o poder do pecado e força esta sombria ilustração sobre o transgressor. Ele opera inflexivelmente para focar a atenção do pecador sobre o problema do seu mal interior, de modo que perderá de vista Cristo e a Sua capacidade de o libertar.

Por estes e não por quaisquer outros métodos ao seu dispor, Satanás opera continuamente para impedir a corrente de pecado para o santuário. Mesmo quando uma pessoa aprende a eficácia da confissão aceitável e envia as suas transgressões para o santuário celestial, o inimigo não desiste dessa alma como causa perdida. Ele sabe que não é suficiente afastar alguns pecados. Todos eles têm que desaparecer. Ele compreende completamente que ninguém vestirá uma veste nupcial no julgamento se tiver acariciado alguns pecados, mesmo apesar de muitos outros terem sido abandonados.

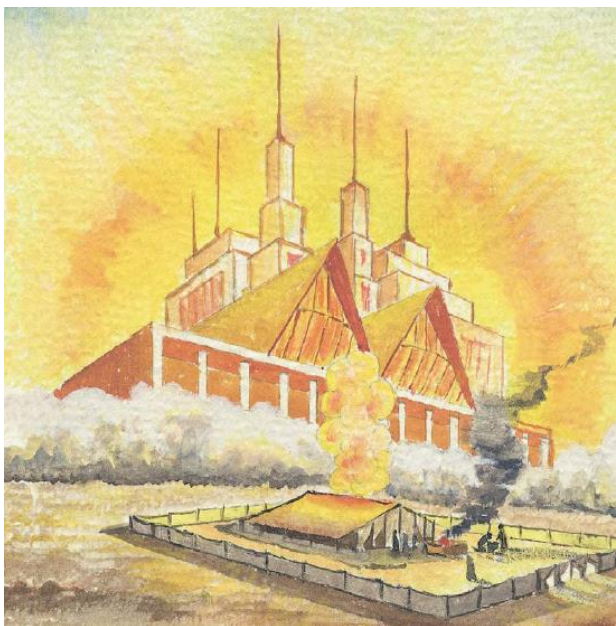
Há um certo número de formas pelas quais o destruidor tem obtido o sucesso em parar a corrente de pecados do penitente para o santuário. Um dos métodos é enredar o crente nos assuntos desta vida de modo que cada vez menos tempo seja separado para exame de alma e estudo das Escrituras. Estas almas são frequentemente levadas a situações comprometedoras das quais o desenredamento é mais difícil.

Satanás constantemente espalha a noção que a vinda de Cristo é um acontecimento muito distante que deixa muito tempo para a preparação numa data posterior. Assim a alma é levada a negligenciar a obra que pode unicamente ser feita com segurança hoje. Isto tem um efeito muito prejudicial na experiência espiritual individual, pois ela priva-a de um sentido da grandeza da pecaminosidade do pecado, e remove a urgência de fazer imediatas correções na vida. Muitos indivíduos que têm feito um excelente início no processo da entrega de todo o pecado, perderam o seu ímpeto e finalmente cessaram a continuação desta obra vital. Estes serão encontrados no dia do julgamento com pecados registados no livro contra eles, e os seus nomes serão removidos para sempre do livro da vida.

“E Jesus lhe disse: Ninguém, que lança mão do arado e olha para trás, é apto para o reino de Deus.” Lucas 9:62.

Porém, não importa quão astuta e persistentemente o diabo opere, haverá sempre um remanescente piedoso que, com grande determinação, porá de lado todo o pecado tão rapidamente quanto lhe seja revelado. Estes chegarão ao fim da provação com toda a iniquidade confessada e abandonada, que significa, no caso daqueles que estão vivendo nesta terra durante o julgamento, que todo o pecado foi transferido deles, mesmo apesar de não estarem totalmente conhecedores do facto.

Com este povo, Satanás perdeu o primeiro assalto, mas, embora o pecado tenha sido separado do povo, ainda não chegou a si. Ele pode continuar, e continuará, a contestar o direito de Cristo para tomar a sua iniquidade do santuário e colocá-la sobre si em vez do pecador que originalmente a cometeu. O resultado é uma terrível luta entre os crentes e o seu adversário. Enquanto eles se agarram com desesperada fé às promessas do seu grande Sumo Sacerdote, o diabo usa todo o seu poder para os acusar e desanimar de modo que eles percam toda a sua firmeza em Deus e voltem para as suas próprias obras em busca de salvação. É neste cenário que a parábola relativa a “Josué e ao anjo, se aplica com força particular à experiência do povo de Deus no remate do grande dia da expiação.” Testemunhos 5:472.



A Mensagem para o nosso Tempo
(Publicado na revista “The Messenger and News Review”, Abril 1983)

Capítulo 36

Uma Luta Agonizante

Voltaremos agora a atenção para a experiência através da qual o povo de Deus passará enquanto os seus pecados estão a ser investigados durante o julgamento dos justos. Nenhuma Escritura descreve melhor isto do que a parábola de Josué e o Anjo.

Como já foi visto, esta mesma parábola também revela a luta através da qual os justos passam no seu caminho diário com Deus quando Satanás opera tão arduamente pelas suas acusações e outras invenções malignas para lhes negar o privilégio de terem os seus pecados transferidos para o santuário. Satanás está bem ciente de que se for bem sucedido nos seus objectivos, não terá necessidade de recear que os pecados dos justos sejam por fim colocados sobre si.

Felizmente para aqueles que por fim serão salvos e para a causa de Deus, ele não será bem sucedido nos seus esforços. Tal como aconteceu no passado, assim será também no futuro, um número de devotos enviará antecipadamente os seus pecados para julgamento. Aqueles que o fazem e ainda vivem quando o julgamento dos vivos se efectua, serão então sujeitos aos desesperados esforços de Satanás para fazer voltar estes pecados para esse povo de novo, em vez de ele mesmo os carregar.

Os santos vivos que, no futuro próximo enfrentarão esta difícil prova, precisam compreender não apenas quais as condições que vão enfrentar, mas também os enganos que o inimigo usará contra eles nesta altura. Portanto está escrito:

“A visão de Zacarias, relativa a Josué e ao Anjo, aplica-se com força particular à experiência do povo de Deus no remate do grande dia da expiação. A igreja remanescente será levada a grande prova e aflição. Os que guardam os mandamentos de Deus e têm a fé de Jesus, sentirão a ira do dragão e suas hostes. Satanás conta o mundo como súbdito seu, ele adquiriu domínio sobre as igrejas apóstatas; mas ali está um pequeno grupo que lhe resiste à supremacia. Caso os pudesse desarraigar

da Terra, completo seria o seu triunfo. Como ele influenciou as nações pagãs para destruir Israel, assim, em próximo futuro há de incitar os ímpios poderes da Terra para destruir o povo Deus. De todos será exigido que prestem obediência a éditos humanos em violação da lei divina. Os que forem fiéis a Deus e ao dever, serão ameaçados, denunciados e proscritos. Serão traídos ‘até pelos pais, e irmãos, e parentes, e amigos.’” *Testimonies*, 473 [*Testemunhos Selectos*, 2:176].

Na sua determinação para ganhar, Satanás não se limitará a uma única linha de ataque, mas exercerá toda a pressão à sua disposição para obter os seus fins. Apesar de saber que o verdadeiro povo de Deus nesta altura confessou e abandonou todo o pecado, ainda tenta induzi-los a transgredir a lei de Deus. Se transgridem enquanto os seus casos estão a ser investigados, será demasiado tarde, pois a oportunidade para transferir os pecados para o santuário terá acabado, e estarão eternamente perdidos.

Assim será que, sob terrível pressão, “de todos será exigido que prestem obediência a éditos humanos em violação de da lei divina”. Aqueles que resistirem a estas ordens serão ameaçados inicialmente com multas e prisão, seguido da perda do seu direito de comprar ou vender e por fim virá o decreto de morte. Todo o mundo estará arregimentado contra eles. Enquanto que eles mesmos estarão tão espalhados que serão privados do valioso auxílio provido por outros da mesma fé.

O que tornará o teste muito mais difícil de suportar é o modo subtil pelo qual Satanás fará parecer que obedecer à lei da terra será obedecer às leis de Deus. Nesta altura, devido aos terríveis desastres naturais que estarão devastando a Terra, a não contida anarquia que aterroriza o povo, a total incapacidade das autoridades civis para resolverem estes problemas, todo o mundo estará procurando soluções satisfatórias para as suas dificuldades. Será na totalidade reconhecido que se os problemas não puderem ser resolvidos, esta terra deixará de ser um planeta habitado.

Porque os corpos políticos terão demonstrado a sua incapacidade para inverter o desesperado declínio em direcção à aniquilação, o povo procurará outro chefe e encontrá-lo-ão à cabeça de uma igreja unida. Tal como a Jezabel do passado tomou o poder de Acabe para resolver os problemas dele, assim fará a igreja, nos últimos dias, tomará o poder que o estado de boa vontade lhe dará para resolver os problemas em massa que afundam o mundo.

Isso será feito em nome de Deus. Será a maior de todas as tentativas humanas para construir o reino de Deus e os povos de todas as nações na face da Terra, nunca tendo aprendido as verdadeiras lições da história que mostram que tais cenas apenas acabam em fracasso, saudarão o esquema como o caminho certo e seguro para a recuperação. Qualquer que não dá ao esquema apoio de todo o coração será condenado como inimigo do estado, da igreja, e de Deus.

Isto não será uma imitação desajeitada, pois será a obra prima do engano satânico. A fim de levantar a imaculada roupa de ovelha para ver o verdadeiro lobo que está por baixo, os filhos de Deus terão que estar totalmente conhecedores dos princípios do repouso do Sábado de Deus, de outro modo, serão tão pouco poderosos como o resto do mundo para resistir à pressão de reconhecer o homem como seu solucionador de problemas no lugar de Deus. Mas, quando as massas estiverem adicionando o seu entusiástico apoio a esta confederação final do mal, os santos recusarão completamente ter qualquer parte nela. Compreenderão as consequências de seguir tais procedimentos e solene e acuradamente predirão que o glorioso sonho acariciado pelas multidões se tornará no mais terrível pesadelo.

Contudo parecer-lhes-á que a sua posição é sem esperança e que eles serão forçados a sacrificar as suas vidas em vão. O inimigo fará pressão com o testemunho da vista e circunstâncias contra eles sob a mais dura luz possível de modo a desencorajá-los e a forçá-los a render os seus protestos e a unirem-se com o resto do mundo ao seu serviço. Sob estas condições, ser-lhes-á extremamente difícil manterem-se leais a Deus.

“Sua única esperança está na misericórdia de Deus, sua única defesa será a oração. Como Josué pleiteou diante do Anjo, assim a igreja remanescente, com coração quebrantado e fervorosa fé, pleiteará o perdão e livramento por meio de Jesus, seu Advogado. Acham-se plenamente cômnicos da

pecaminosidade de sua vida, vêem sua fraqueza e indignidade, e ao olharem a si mesmos, ficam a ponto de desesperar.” *Idem*, 473.

O problema da defesa da honra e causa de Deus nesta altura será apenas o início das suas dificuldades. Ao mesmo tempo, o julgamento dos vivos estará avançando no Céu, requerendo que eles cumpram fiel e completamente as condições necessárias para passar o seu perscrutador escrutínio. Seria, evidentemente, muito mais fácil se eles pudessem passar cada um destes por sua vez, mas isto não será assim.

O acontecimento na obra da expiação final, como já foi notado, é a remoção do pecado do santuário para o bode emissário. Isto é o que Satanás deseja evitar enquanto simultaneamente pretende estabelecer o seu reino na terra.

Para o povo de Deus receber os benefícios da expiação final, deve saber exactamente quais são as suas necessidades, ao passo que retêm um absoluto conhecimento que não têm poder em si mesmos para satisfazer os requisitos. Compreendendo a sua verdadeira posição como dependentes recebedores, devem ter uma clara visão da posição de Cristo como seu poderoso Advogado e do assombroso poder sob Seu comando pelo qual é totalmente capaz de desempenhar as Suas responsabilidades. Então, com profundo exame do coração para assegurar que todos os pecados foram de facto enviados a julgamento, devem dirigir-se ao santuário e realmente entregar os seus casos ao seu Salvador tão completamente que se tornem inteiramente Sua responsabilidade.

Isto provar-se-á difícil de fazer, pois, nesta altura “acham-se plenamente cônscios da pecaminosidade de sua vida, vêem sua fraqueza e indignidade, e ao olharem a si mesmos, ficam a ponto de desesperarem”. *Idem*.

O facto que eles se acham completamente cônscios da pecaminosidade de suas vidas nesta altura também lhes dá visões muito claras da absoluta pureza sem pecado de Cristo e torna-os perspicazmente conhecedores da perfeição de carácter requerida de todos os que se tornarem cidadãos do Céu. O contraste entre as suas próprias vidas e a justiça de Deus é tão grande que estão a ponto de ficar sem esperança que a pureza de Jesus possa alguma vez tomar a sua iniquidade sobre Si mesmo e transferi-la para o bode emissário.

Satanás compreende estes efeitos nas vidas do povo de Deus e esforça-se para fazer com que se coloquem por sua própria conta. Consequentemente, apresenta a pecaminosidade e as suas implicações perante eles na pior luz possível numa desesperada tentativa de os separar do seu Salvador.

“O tentador está ao seu lado para os acusar, como esteve ao lado de Josué, para lhe resistir. Aponta às suas vestes imundas, seu carácter defeituoso. Apresenta sua fraqueza e descaminhos, seus pecados de ingratidão, sua dessemelhança de Cristo, a qual desonrou seu Redentor. Esforça-se por assustar a alma com o pensamento de que seu caso não tem esperança, que a mancha de seu pecado jamais será lavada. Tem esperança de assim destruir-lhes a fé, para que cedam a suas tentações, volvam as costas à sua aliança com Deus e recebam o sinal da besta.” *Idem*.

As vestes imundas representando o seu carácter defeituoso para o qual Satanás aponta, não está, nesta altura, nos santos. Eles estão vestidos com as vestes nupciais, o símbolo da perfeita justiça de Cristo. Se não estivessem, tal como a parábola das bodas relatada em *Mateus 22:1-11* plenamente mostra, que seriam lançados nas trevas exteriores da eterna separação de Deus. Satanás não está de todo preocupado com qualquer que chega ao julgamento sem a veste nupcial vestida. Aqueles que estão em conflito com o inimigo nesta altura, serão os que enviaram os seus pecados anteriormente para o santuário e que possuem completamente a imaculada justiça de Cristo.

Quando Satanás aponta para as suas vestes sujas no grande dia da expiação final, aponta para onde elas estão — no santuário. Isto é onde toda a pecaminosidade das suas vidas, da qual os justos estão tão conscientes, estará nesta momentosa altura. Se este facto não é reconhecido, o estudante encontrar-se-á confrontado com impossíveis contradições. Ele não será capaz de explicar como, em *Mateus 22*, o crente é ilustrado chegando ao julgamento na veste de imaculada pureza, enquanto na

parábola de Josué e o Anjo, é ilustrado vindo em vestes sujas. A primeira referência ilustra uma pessoa como ela será em si mesma, ao passo que a Segunda ilustra como são os seus registos no Céu.

A prova que a veste defeituosa no julgamento é um símbolo dos pecados abandonados, é encontrada no facto que Satanás não aponta para o que eles são quando o juízo se assenta, mas para aquilo que eles foram. Notai como o pretérito é usado repetidamente nesta passagem. Isto é especialmente claro no parágrafo que se segue ao anteriormente citado.

“Satanás insiste perante Deus com suas acusações contra eles, declarando que por seus pecados perderam o direito à protecção divina, e reclamando o direito de destruí-los como transgressores. Pronuncia-os tão merecedores como ele mesmo, de exclusão do favor de Deus. ‘São estas,’ diz ele, ‘as pessoas que hão de tomar meu lugar no Céu e o lugar dos anjos que se uniram a mim? Embora professem obedecer à lei de Deus, têm porventura guardado os seus preceitos? Não têm sido amantes de si mesmos, mais do que de Deus? Não colocaram seus próprios interesses acima do Seu serviço? Não amaram as coisas do mundo? Eis os pecados que lhes assinalaram a vida. Eis o seu egoísmo, sua maldade, seu ódio uns para com os outros.’” *Idem*, 473, 474.

Aquilo que Satanás diria se o povo de Deus continuasse ainda com pecado em si mesmo seria: “Enquanto professavam obedecer à lei de Deus, estavam eles obedecendo aos seus preceitos? Não são eles amantes dos prazeres mais do que amantes de Deus? Não estão eles colocando os seus interesses acima do Seu serviço? Não amam as coisa do mundo? Olha para os seus pecados que marcam as suas vidas.”

Mas isto não é o que ele dirá, pois sabe que estas questões não seriam baseadas em factos. A verdade é que foram culpados dos pecados no passado, mas deixaram de pecar e estarão vivendo em justiça nesta altura. Tudo o que Satanás pode fazer com verdade é acusá-los por aquilo que foram anteriormente. As vestes sujas para as quais ele aponta estarão no santuário, não no pequeno grupo de fiéis.

“O povo de Deus tem sido, em muitos respeitos, muito faltoso. Satanás possui um exacto conhecimento dos pecados que ele os tentou a cometerem, e apresenta esses pecados como exageradamente graves, declarando: ‘Há de Deus banir-me e aos meus anjos de Sua presença, e contudo recompensar os que são culpados dos mesmos pecados? Não podes, ó Senhor, isso fazer com justiça. Teu trono não se achará baseado em justiça e juízo. A justiça requer que seja pronunciada sentença contra eles.’

“Mas, conquanto os seguidores de Cristo tenham cometido pecado, não se entregaram ao domínio do mal. Abandonaram os pecados e buscaram o Senhor com humildade e contrição, e o Divino Advogado pleiteia em seu favor. Aquele que mais maltratado foi por sua ingratidão, que conhece os seus pecados e também seu arrependimento, declara: “O Senhor te repreenda, ó Satanás.’ Eu dei a vida por essas almas. Acham-se gravadas nas palmas das Minhas mãos.’

“Os assaltos de Satanás são fortes, terríveis os seus enganos; mas os olhos do Senhor estão sobre o Seu povo. Grande é sua aflicção, as chamas da fornalha parecem prestes a consumi-los; mas Jesus os fará sair como ouro provado no fogo. Tem de ser removida sua tendência terrena, a fim de que reflitam perfeitamente a imagem de Cristo; têm de vencer a incredulidade, e desenvolver a fé, esperança e paciência.” *Idem*, 474.

Isto não é uma obra de afastamento do pecado, mas uma purificação da tendência terrena e o desenvolvimento das activas virtudes cristãs. Esta obra continua para além do fim da provação mesmo durante o tempo da angústia de Jacó como declarado em *O Grande Conflito*, 621. Depois de terminada a provação, cada um tem que ficar firme sem Mediador entre si mesmo e o Juiz de toda a Terra. Sendo isto assim, não podem ter o mais leve traço de pecado sobre si, porque, nesta altura, já não há quaisquer oportunidades para a sua remoção.

“Os que estiverem vivendo sobre a Terra quando a intercessão de Cristo cessar no santuário celestial, deverão, sem mediador, estar em pé na presença do Deus santo. Suas vestes devem ser imaculadas, o carácter liberto de pecado, pelo sangue da aspersion. Mediante a graça de Deus e seu

próprio esforço diligente, devem eles ser vencedores na batalha contra o mal.” *O Grande Conflito*, 425.

Se o pecado deve ser inteiramente removido no fim da provação, enquanto a tendência terrena está ainda no processo de remoção depois deste ponto de tempo, o que é a tendência terrena distinta da pecaminosidade? Para encontrar a resposta a esta questão, é necessário estudar outros testemunhos no Espírito de Profecia onde a mesma expressão é usada. *The Comprehensive Index to the Writings of Ellen G. White* lista apenas duas outras e encontram-se em *Testimonies* 5:597, 254.

“Se nas ofensas revelardes mansidão e vos apartardes de todas as coisas vis da Terra, dareis a prova de que Cristo habita em vós, e com cada pensamento, palavra e acto atraireis os homens para Jesus e não para vós mesmos. Há uma grande soma de trabalho a fazer e pouco tempo resta para fazê-lo. Seja o propósito de vossa vida incutir em todos a ideia de que têm um trabalho a fazer para Cristo. Aceitai quaisquer deveres que outros deixam de reconhecer, por isso que não querem compreender a missão que lhes está confiada, e cumpri-os.” [*Testemunhos Selectos*, 2.239].

“É a natureza terrena e o egoísmo que separa de Deus.”

No primeiro destes dois testemunhos, uma ligação é feita entre a fiel execução de uma vida de trabalho ordenado por Deus e o escape das coisas vis da Terra. Aqui e ali, há muitas coisas nesta Terra que são boas em si mesmas. Uma pessoa pode dedicar toda a sua vida à perseguição dos mais excelentes interesses, mas, para o cristão, todas estas coisas devem ser deixadas de lado em favor duma suprema responsabilidade na procura do cumprimento da obra que o Senhor determinou. Fazer isto requer que o crente chegue ao lugar onde corta todo o sentido de dependência das coisas terrestres e coloca unicamente a sua confiança em Deus como o director e provedor. Tem sido o fracasso da igreja em fazer isto no passado, a causa para os movimentos de Deus falharem uns atrás dos outros.

Para este último movimento ter sucesso onde todos os outros têm falhado, os membros devem não só pôr de lado todo o pecado. Eles devem também ser libertados de todo o traço de natureza terrena. A sua ligação e submissão ao Senhor deve transcender todo o interesse terrestre. Se isto não é alcançado, então será impossível a luta final ser ganha e a obra finalizada. O último movimento nesta Terra será o último pois aqueles que o constituem, foram totalmente libertos de todas as ligações terrestres, dedicar-se-ão sem reservas e independentemente do custo, à tarefa de dar fim ao pecado e trazer a justiça eterna. Interesses terrestres não terão lugar nas suas afeições. Sem prestar atenção ao perigo em que sua obra os colocará, advertirão os ímpios dos resultados certos do seu curso de acção pecaminoso.

“O povo de Deus suspira e geme pelas abominações cometidas na Terra. Com lágrimas advertem os ímpios de seu perigo em pisar a pés a lei divina, e com indiscreto pesar humilham-se perante o Senhor, por causa de suas próprias transgressões. Os ímpios escarnecem de sua tristeza, ridicularizam seus solenes apelos e zombam do que chamam sua fraqueza. Mas a angústia e humilhação do povo de Deus é inequívoca evidência de estarem recuperando a força e nobreza de carácter perdidas em consequência do pecado. ‘E por se estarem aproximando mais de Cristo, e terem os olhos fixos em Sua pureza perfeita, que discernem tão claramente a grande malignidade do pecado. Sua contrição e humilhação própria são infinitamente mais aceitáveis à vista de Deus, do que o é o espírito presunçoso e altivo dos que não vêem motivo para lamentos, que escarnecem da humildade de Cristo e que pretendem ser perfeitos, ao passo que transgridem a santa lei de Deus. Mansidão e humildade de coração são as condições de força e vitória. A coroa de glória aguarda aos que se prostram ao pé da cruz. Bem-aventurados são esses que assim choram, porque serão consolados.

“Os fiéis e devotos estão, por assim dizer, com Deus, no mesmo recinto. Eles mesmos não sabem quão seguramente se acham escudados. Instados por Satanás, os governantes deste mundo procuram destruí-los; mas pudessem ser abertos os seus olhos como o foram os do servo de Eliseu em Dotã, e veriam os anjos de Deus acampados em redor deles, e mantendo em cheque as hostes das trevas, por seu fulgor e glória.” *Idem*, 474, 475.

A situação será muito complicada e confusa. Os justos, sabendo que estão no tempo do julgamento dos vivos, estarão examinando os seus corações com grande diligência para ver se há quaisquer pecados não confessados, enquanto, ao mesmo tempo, estarão entregando os seus casos completamente no cuidado de Cristo. Com todo o poder sob seu comando, Satanás estará recordando-lhes a sua pecaminosidade e argumentado que o Salvador sem pecado é demasiado puro e santo para jamais tratar do seu problema do pecado. Os justos sentirão, como nunca antes, a necessidade de estarem completamente livres da iniquidade e exercerão toda a energia neste sentido. Se bem que ansiosos para devotarem todo o seu tempo e energia a esta obra vital, os ímpios à sua volta devem ser advertidos das seguras consequências procedentes do seu grandioso esquema para construir o reino de Deus por procedimentos humanos. Esta obra será de tão grande magnitude que a sua fiel realização não deixaria aparentemente tempo para a preparação do coração. Acima de tudo isto, os problemas dos justos serão aumentados pela inflexível determinação dos ímpios primeiramente para os cercar tanto quanto possível, e depois, como esta obra não resulta, destruí-los completamente.

Tem sido sempre um inteligente truque de Satanás carregar o povo de Deus com o fardo de um programa de boas obras tão preenchido que não tenham tempo para exame da coração e desenvolvimento espiritual. Assim, quando ele vê quão grande e toda-absorvente a responsabilidade de advertir o mundo se torna, aumentará o fardo tanto quanto pode para que não tenha tempo para satisfazer as condições do grande dia de expiação. Não admira que o povo de Deus se tenha separado de todas as coisas vis da Terra nesse dia. Obviamente, aqueles que aprenderam a viver de modo simples agora, estarão melhor habilitados para tratar com os problemas havendo, então, poucos ajustamentos a fazer.

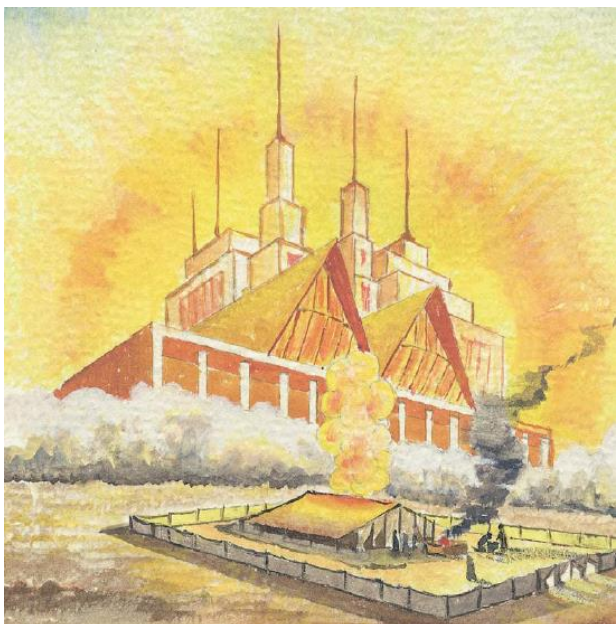
Aparte dos sofrimentos de Cristo, nenhuma exigência tão grande jamais foi feita à caída, humanidade pecaminosa. Parecerá que nada menos do que um esforço sobre-humano os capacitará para satisfazerem todas as exigências de um período probante. Seria bom se pudéssemos apreciar que tipo de povo necessitamos ser para estar em pé nessa altura. Se o fizéssemos, seríamos muito mais diligentes do que somos, acerca do desenvolvimento da fé adequada e suficiente força.

Obviamente, muitos cairão sob a terrível pressão, mas um piedoso remanescente manter-se-á firme ainda que os céus se abalem. Sobre aqueles que o farão será conferida toda a bênção da expiação final. As suas vestes sujas que foram anteriormente removidas deles e colocadas no santuário, serão em seguida removidas sendo tiradas do santuário e colocadas sobre o bode expiatório.

“Ao afligir o povo de Deus suas almas perante Ele, suplicando pureza de coração, é dada a ordem: ‘Tirai-lhes os vestidos sujos,’ e proferem-se as palavras animadoras; ‘Eis que tenho feito com que passe de ti a tua iniquidade, e te vestirei de vestidos novos.’ As imaculadas vestes da justiça de Cristo são colocadas sobre os provados, tentados mas fiéis filhos de Deus. Os desprezados remanescentes são vestidos de vestes gloriosas, que nunca mais serão manchadas pelas corrupções do mundo. Seus nomes são retidos no livro da vida, do Cordeiro, registados entre os fiéis de todos os séculos. Resistiram aos ardis do enganador; não foram demovidos de sua lealdade pelos rugidos do dragão. Acham-se agora eternamente seguros dos ardis do tentador. Seus pecados são transferidos para o originador do pecado.

“E os remanescentes são não só perdoados e aceitos, mas também honrados. Uma ‘mitra limpa’ é-lhes colocada sobre a cabeça. Serão como reis e sacerdotes para Deus. Enquanto Satanás instava com suas acusações, e buscava destruir esse grupo, santos anjos, invisíveis, passavam para cá e para lá, colocando sobre eles o selo do Deus vivo. Estes são os que se acharão sobre o Monte Sião com o Cordeiro, tendo escrito na frente o nome do Pai. Cantam ante o trono o novo cântico, aquele cântico que homem algum pode aprender a não ser os cento e quarenta e quatro mil, que foram remidos da Terra. ‘Estes são os que seguem o Cordeiro para onde quer que vai. Estes são os que dentre os homens foram comprados como primícias para Deus e para o Cordeiro. E na sua boca não se achou engano; porque são irrepreensíveis diante do trono de Deus.’ Apocalipse 14:4 e 5.

“Agora atingem cumprimento completo aquelas palavras do Anjo: ‘Ouve, pois Josué, sumo sacerdote, tu e os teus companheiros que se assentam diante de ti, porque são homens portentosos; eis que Eu farei vir o Meu Servo, o Renovo.’ Cristo é revelado como o Redentor e Libertador de Seu povo. Agora, efectivamente, são os remidos ‘homens portentosos,’ quando as lágrimas e humilhações de sua peregrinação cederam lugar ao gozo e honra na presença de Deus e do Cordeiro. ‘Naquele dia o Renovo do Senhor será cheio de beleza e de glória, e o fruto da terra excelente e formoso para os que escaparem de Israel. E será que aquele que ficar em Sião e o que permanecer em Jerusalém, será chamado santo; todo aquele que estiver inscrito entre os vivos em Jerusalém.’ Isaías 4:2 e 3.” *Idem*, 475,476.



A Mensagem para o nosso Tempo
(Publicado na revista "The Messenger and News Review", Maio 1983)

Capítulo 37

A Expição com o Bode Emissário

Logo que a expiação no lugar santíssimo estava completada era seguida imediatamente pela expiação com o bode emissário. O sumo sacerdote saía do compartimento interior onde tinha espargido o sangue sobre e perante o propiciatório enquanto ele mesmo estava protegido pela nuvem de incenso. No tipo, ele então purificava o lugar santo dos pecados que simbolicamente se tinham acumulado ali durante o serviço anual, e, na sua saída deste compartimento para o brilho da luz do sol outra vez, colocava todos estes sobre a cabeça do bode emissário. Uma vez que isto tivesse sido realizado, o animal era levado por um homem designado a um lugar desolado onde era deixado para perecer.

Antes do próprio serviço de expiação final, dois bodes tinham sido separados. Lançando-se sortes, um tornava-se o bode emissário, e o outro, simbolizando Cristo, era sacrificado para prover o sangue necessário para executar a expiação final.

"Então Arão fará chegar o bode, sobre o qual cair a sorte pelo Senhor, e o oferecerá para expiação do pecado.

"Mas o bode, sobre que cair a sorte para ser bode emissário, apresentar-se-á vivo perante o Senhor, para fazer expiação com ele, para enviá-lo ao deserto como bode emissário." Levítico 16:9, 10.

Desde o momento da sua selecção, o bode emissário esperava até que chegasse o momento em que o sumo sacerdote saísse dos lugares santos, altura em que recebia o fardo dos pecados previamente guardados no santuário.

"Havendo pois acabado de expiar o santuário e a tenda da congregação, e o altar, então fará chegar o bode vivo.

"E Arão porá ambas as suas mãos sobre a cabeça do bode vivo, e sobre ele confessará todas as iniquidades dos filhos de Israel, e todas as suas transgressões, segundo todos os seus pecados: e os porá sobre a cabeça do bode, e enviá-lo-á ao deserto, pela mão dum homem designado para isso.

"Assim aquele bode levará sobre si todas as iniquidades deles `a terra solitária; e enviará o bode ao deserto." Levítico 16:20-22.

Satanás é o bode emissário, uma verdade nitidamente contestada pelas igrejas protestantes cujos ministros defendem que o bode emissário é um símbolo de Cristo. O seu argumento principal em defesa da sua posição é que uma expiação é simbolicamente feita com este animal e que portanto, ele deve tipificar Cristo, o 'unico com quem, tal como eles vêem, uma expiação pode ser feita.

Ninguém pode ter uma correcta compreensão da palavra "expiação", e argumentar deste modo. Expiação significa, entre outras coisas, purificar pela remissão dos pecados. Qualquer acto como esse, não importa por quem e realizado, é uma expiação. Assim, quando os pecados são finalmente colocados sobre o seu originador, o diabo, e são transportados por ele para a destruição final, o universo será para purificado deles e por isso uma expiação será certamente feita. Isto não minimiza nem desacredita as poderosas expiações executadas por Cristo, sem o que o envio do pecado para o bode emissário nunca podia ser realizado. Pelo contrário, isto confirma a eficácia da obra realizada por Cristo, porque, sem ela, Satanás nunca podia ser compelido a transportar no fim os pecados dos justos para não mais voltarem.

Um cuidadoso exame do bode emissário no tipo confirma que ele não aponta para Jesus Cristo.

Em primeiro lugar, ele não vai voluntariamente para a sua punição, pois era preciso um homem designado a fim de o levar para longe. Torcendo-se, lutando, e resistindo, claramente mostrava que ele não tinha intenção de ser abandonado no deserto.

Isto é o exacto oposto de Cristo que tão voluntária alegremente suportou os pecados da raça humana. Ninguém alguma vez teve que O compelir a desempenhar o seu ofício de vítima sacrificial. Impulsionado pelo infinito amor pela humanidade caída, veio de Sua livre vontade pagar a penalidade. "Ele foi oprimido, mas não abriu a Sua boca; como um cordeiro foi levado ao matadouro, e, como a ovelha muda perante os seus tosquiadores, Ele não abriu a Sua boca." Isaias 53:7.

Na noite em que os soldados, guiados pelo chefe dos sacerdotes e Judas, foram prendê-lo, O demonstrou quão facilmente podia ter-lhes escapado e quão espontaneamente e de boa vontade permitiu que eles O prendessem. Ele ouviu-os chegar antes deles O verem, mas Ele não fez qualquer esforço para fugir ou mesmo ocultar-se. Em vez disso, calmamente lhes disse, "A quem procurais?"

Eles responderam, "Jesus de Nazaré."

Ele respondeu dizendo-lhes simplesmente, "Sou Eu." João 18:4, 5.

"Ao serem proferidas essas palavras, o anjo que há pouco estivera confortando a Jesus interpôs-se entre Ele e a multidão. Uma luz divina iluminou o rosto do Salvador, e uma como que pomba pairou sobre Ele. Em presença dessa divina glória, a turba assassina não pode permanecer um momento. Cambalearam em recuo. Sacerdotes e anciãos, soldados e o próprio Judas caíram como mortos por terra.

"O anjo retirou-se, e dissipou-se a luz. Jesus tivera oportunidade de escapar, mas permaneceu, calmo e senhor de Si. Como pessoa glorificada, ficou em meio daquele bando endurecido, agora prostrado e impotente a Seus pés. Os discípulos contemplavam tudo silenciosos, com admiração e respeitoso amor." *O Desejado de Todas as Nações*, 666.

Os discípulos não partilhavam do maravilhoso espírito de seu Mestre de dedicada submissão, e Pedro, determinado a que o Salvador não fosse preso, empunhou a sua espada e cortou a orelha do servo do sumo sacerdote.

"Quando Jesus viu o que fora feito, soltou as mãos - ainda que firmemente presas pelos soldados romanos - e dizendo; *Deixai-os; basta*, tocou a orelha, e esta sarou instantaneamente. Disse então a Pedro: *Mete no seu lugar a tua espada; porque todos os que lançarem mão da espada `a espada

morrerão. Ou pensas tu que Eu não poderia agora orar a Meu Pai, e que Ele não Me daria mais de doze legiões de anjos?* - Uma legião de anjos em lugar de cada um dos discípulos." Idem, 667.

Se um anjo podia imobilizar completamente aquele grupo de homens, irados e armados, então o que lhes podia fazer uma legião? Essa demonstração de poder no Getsemani confirma que a única forma possível em que Cristo podia ser crucificado era Ele ir voluntária e submissamente, como, de facto, Ele foi. Nada há acerca do bode emissário sendo arrastado por um homem fisicamente designado que ilustre a expiação feita por Cristo.

Uma segunda evidência que o bode emissário não podia ser Cristo é encontrada no facto que ele era levado para a sua eterna separação do acampamento de Israel, a fim de perecer sozinho no deserto. Dêmos graças ao eterno Pai, Filho, e Espírito Santo, por esta não ser a sorte final de Cristo. Quão terrível seria se Aquele que tinha sofrido tudo por nós, e que, pelo Seu infinito sacrifício, nos abriu o caminho de regresso ao Paraíso, fosse Ele próprio ficar para sempre excluído do 'Eden restaurado e daqueles que tinha salvo para o habitar! Que filho de Deus consideraria o Céu um lugar para viver se Cristo não estivesse ali! O Céu não seria céu sem Ele. Embora o plano da salvação tivesse realizado muito e, nas suas maravilhosas obtenções, gerasse o louvor e adoração de todas as criaturas de Deus, existiria uma eterna sombra em todas as coisas pela falha de Cristo em partilhar esta eterna vitória.

Felizmente, Cristo nunca será levado para longe para ser eternamente separado do Seu povo e deixado a perecer sozinho no deserto. Na nova terra, o Pai, o Filho, o Espírito Santo, os santos anjos, e todos os remidos, estarão totalmente ligados como uma família. Terão intimidade com Cristo, adorarão o seu incomparável carácter, e crescerão para sempre na maravilhosa luz da Sua presença dadora de vida.

Falando do que lhe foi mostrado em visão acerca da terra restaurada, João escreveu:

"E nela não vi templo, porque o seu templo é o Senhor Deus Todo-poderoso, e o Cordeiro.

"E a cidade não necessita de sol nem de lua, para que nela resplandeçam, porque a glória de Deus a tem iluminado, e o Cordeiro é a sua lâmpada." Apocalipse 21:22,23.

'E satanás quem, resistindo a todo o passo, será forçado a afastar-se para a separação eterna dos remidos de Deus. Ele perecerá nas terras desérticas fora de Nova Jerusalém, para nunca mais ser visto. 'E o seu destino, não o de Cristo, que é acuradamente descrito na transacção do bode emissário.

Deve ser recordado também, que Cristo não será um portador de pecados depois da expiação final no santuário celestial. Isto é claramente mostrado no tipo quando a expiação final era feita pelo sumo sacerdote e sua casa em adição aos lugares santos e ao altar. Por este meio eram simbolicamente limpos de todos os pecados que no tipo tinham sido transportados por eles durante o serviço anual.

"Depois Aarão oferecerá o novilho da expiação, que será para ele; e fará expiação por si e pela sua casa.

"E Aarão fará chegar o novilho da expiação, que será para ele, e fará expiação por si e pela sua casa; e degolará o novilho da expiação, que é para ele.

"Tomará também o incensário cheio de brasas de fogo do altar, de diante do Senhor, e os seus punhos cheios de incenso aromático moído, e o meterá dentro do véu.

"E porá o incenso sobre o fogo perante o Senhor, e a nuvem do incenso cobrirá o propiciatório, que está sobre o testemunho, para que não morra.

"E tomará do sangue do novilho, e com o seu dedo espargirá sobre a face do propiciatório, para a banda do oriente; e perante o propiciatório espargirá sete vezes do sangue com o seu dedo." Levítico 16:6, 11-14.

Assim, no tipo, o sumo sacerdote, de acordo com as instruções de Deus, muito cuidadosamente fazia uma separada expiação final por si mesmo e pela sua casa. O princípio é "o que se fazia tipicamente no ministério do santuário terrestre, é feito na realidade no ministério do santuário celestial." O Conflito dos Séculos, 419.

Portanto, Jesus também tem que fazer uma expiação final por Si próprio. Isto não é necessário por causa de quaisquer pecados propriamente Seus, pois Ele nunca teve qualquer injustiça. 'E devido aos

pecados que Ele transporta em favor de todos aqueles que enviam as suas transgressões para o santuário, que Ele necessita de uma purificação de forma a estar para sempre livre desses pecados e para ter o direito de os colocar no bode expiatório.

No tipo do Antigo Testamento, a expiação final era feita tanto pelo santuário como pelo sumo sacerdote, e assim deve ser de novo no antítipo.

Portanto, quando os pecados tiverem sido removidos tanto de Cristo como do santuário na expiação final, e Ele sai para os colocar no bode expiatório, Ele já não é o portador do pecado. Essa obra está para sempre acabada. Por conseguinte conclui-se que qualquer que transporte um peso de pecado depois dessa altura, como o bode emissário, não pode ser Cristo.

Em todo o Espírito de Profecia, a 'única pessoa reconhecida como o antítipo do bode expiatório é Satanás. Aqui está um testemunho típico para este efeito:

"Verificou-se também que, ao passo que a oferta pelo pecado apontava para Cristo como um sacrifício, e o sumo sacerdote representava a Cristo como mediador, o bode emissário tipicava Satanás, autor do pecado, sobre quem os pecados dos verdadeiros penitentes serão finalmente colocados. Quando o sumo sacerdote, por virtude do sangue da oferta pela transgressão, removia do santuário os pecados, colocava-os sobre o bode emissário. Quando Cristo, pelo mérito de Seu próprio sangue, remover do santuário celestial os pecados de Seu povo, ao encerrar-se o Seu ministério, Ele os colocará sobre Satanás, que, na execução do juízo, deverá arrostar a pena final. O bode emissário era enviado para uma terra não habitada, para nunca mais voltar à congregação de Israel. Assim será Satanás para sempre banido da presença de Deus e de Seu povo, e eliminado da existência na destruição final do pecado e dos pecadores." O Conflito dos Séculos, 420,421.

Se bem que as evidências mostrem que apenas Satanás pode preencher o tipo do bode emissário, e portanto é Azazel, alguns ficarão confusos porque este ensinamento mostra tanto Cristo como Satanás levando pecados e aparentemente não faz distinção entre eles.

Ninguém devia rejeitar verdade clara simplesmente por causa das conclusões que podem ser tiradas. Devemos em vez disso aceitar claros testemunhos das Escrituras e depois testar as conclusões para vermos se são na verdade justificadas. Quando isto for feito será óbvio que há certas diferenças significativas entre Cristo e Satanás como transportadores de pecado. Por exemplo, quando Cristo transporta os pecados dos Seus filhos, Ele toma sobre Si algo que nunca foi d*Ele, mas Satanás apenas recebe de volta a sua própria propriedade. Além disso, não há elemento de virtude salvadora no papel de Satanás quando as iniquidades dos justos são finalmente colocadas sobre ele, como há no contínuo ministério de Jesus. Eles não transportam o fardo do pecado do mesmo modo. Se estas diferenças são claramente compreendidas, não haverá problema em reconhecer Satanás como Azazel, o bode emissário.

O próprio serviço no qual os pecados são lançados sobre o bode emissário no tipo era realizado em frente do tabernáculo, no pátio, e totalmente à vista dos filhos de Israel. O pátio era o símbolo da terra, enquanto que os dois compartimentos apontavam para a sua contrapartida no Céu. Por outras palavras, o pátio do santuário celestial é esta terra.

Aqueles serviços que tomavam lugar no tipo, no pátio do santuário do Antigo Testamento, devem encontrar o seu cumprimento em acontecimentos que sucedem nesta terra. Por exemplo, todo o animal que era sacrificado em qualquer serviço, morria no pátio totalmente à vista de quem estivesse presente na altura. Do mesmo modo, como deve esperar-se, Jesus, o grande antítipo de todos estes sacrifícios, morreu nesta terra observado por centenas de pessoas que estavam presentes. Por outro lado, essas coisas que eram feitas no tipo dentro do santuário e não podiam ser testemunhadas pelas pessoas, são feitas no antítipo no templo celestial e não podem ser vistas pelo povo de Deus na terra excepto com o olho da fé.

Estes factos levariam à expectativa que a colocação final dos pecados no bode emissário - Satanás - não pode ter lugar até que Jesus termine a Sua obra no santuário e tenha vindo a esta terra; o 'único lugar, de acordo com o tipo, onde isto pode ser feito. Isto é, de facto, o que acontecerá, como se verifica no seguinte testemunho escrito no contexto da segunda vinda de Cristo:

"Ocorre agora (que Cristo veio a esta terra) o acontecimento prefigurado na 'última e solene cerimónia do dia de expiação. Quando se completava o ministério no lugar santíssimo, e os pecados de Israel eram removidos do santuário em virtude do sangue da oferta pelo pecado, o bode emissário era então apresentado vivo perante o Senhor; e na presença da congregação o sumo sacerdote confessava sobre ele *todas as iniquidades dos filhos de Israel, e todas as suas transgressões, segundo todos os seus pecados, pondo-os sobre a cabeça do bode.* Semelhantemente, ao completar-se a obra de expiação no santuário celestial, na presença de Deus e dos anjos do Céu e do exército dos remidos, serão então postos sobre Satanás os pecados do povo de Deus; declarar-se-á ser ele o culpado de todo o mal que os fez cometer. E assim como o bode emissário era enviado para uma terra não habitada, Satanás será banido para a terra desolada, que se encontrará como um deserto despovoado e horrendo.

"O escritor do Apocalipse prediz o banimento de Satanás, e a condição de caos e desolação a que a terra deve ser reduzida; e declara que tal condição existirá durante mil anos. Depois de apresentar as cenas da segunda vinda do Senhor e da destruição dos ímpios, continua a profecia: *Vi descer do céu um anjo que tinha a chave do abismo, e uma grande cadeia na sua mão. Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o diabo e Satanás, e amarrou-o por mil anos. E lançou-o no abismo, e ali o encerrou, e pôs selo sobre ele, para que não mais engane as nações, até que os mil anos se acabem. E depois importa que seja solto por um pouco de tempo.*" O Conflito dos Séculos, 654, 658.

O anjo que amarra e lança o diabo para longe não pode ser outro senão o antítipo do homem que era designado para essa obra. A questão agora é: Quem é este anjo? Em Apocalipse, um anjo pode representar várias coisas. Nos primeiros três capítulos os anjos são as sete igrejas; nas sete trombetas são aqueles que anunciam aflições e angustia contra as várias Babilónias sucessivas; nos capítulos 14 e 18, os sete anjos simbolizam sete movimentos de povo através do qual o Senhor finalizará a Sua obra no mundo; e no capítulo 10, Ele é Jesus Cristo. O motivo pelo qual o anjo se levanta é determinado pelo contexto e normalmente por testemunhos apropriados. Assim não devia ser difícil determinar quem é o anjo que é o antítipo do homem designado para a obra ao vir do céu com uma grande corrente nas suas mãos para amarrar Satanás e lançá-lo no deserto que esta terra será durante o milénio.

Há apenas um Anjo que tem o poder de lançar Satanás no deserto, e esse é Jesus Cristo, o Arcaño. 'E Ele quem vem do céu com a grande corrente nas Suas mãos e confina Satanás a esta terra desolada durante mil anos.

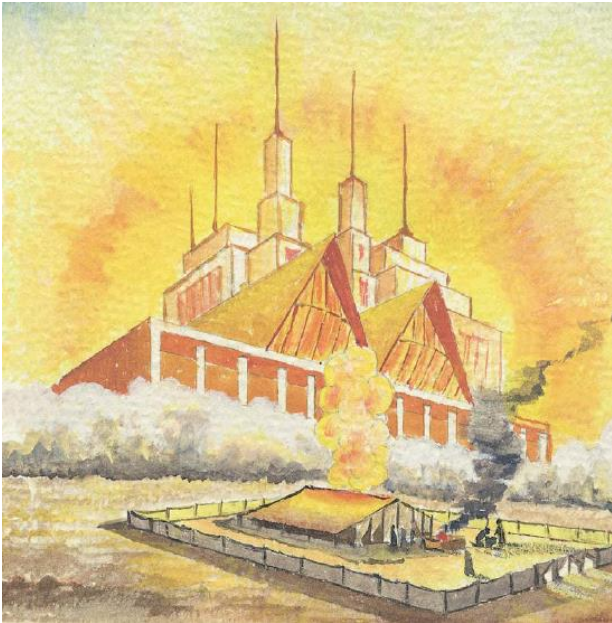
Alguns podem argumentar contra isto dizendo que é o sumo sacerdote, não o homem designado, o símbolo de Cristo. Esta contestação não dá atenção ao facto que Cristo é simbolizado por mais coisas além de sumo sacerdote. Ele é também o Cordeiro, a Porta, Pão asmo, a Luz, e muito mais. A verdade é que o sumo sacerdote e o homem designado representam ambos Cristo. Ele é representado pelo sumo sacerdote até ao momento em que o ministério do santuário é concluído pela devolução a Satanás daquilo que é dele - os pecados que ele fez com que o povo de Deus cometesse. Nesta altura, um novo símbolo é necessário para representar o papel diferente que Cristo deve agora desempenhar, e é provido pelo homem designado.

Será um privilégio para o povo de Deus testemunhar esta majestosa cerimónia quando os seus pecados forem lançados sobre Satanás pelas poderosas mãos de seu amado Anjo, o homem designado, Jesus Cristo. Será uma certeza visível que as suas transgressões foram totalmente separadas deles para sempre. Verão a perfeita justiça de Deus em dar de novo a Satanás aquilo que é dele - as iniquidades que ele os tentou a cometer. Cristo tão voluntariamente toma a culpa dos outros sobre Si mesmo, o diabo, desnecessário é dizer, não aceitará de boa vontade as suas responsabilidades, pois é o modo como o homem mau e os anjos de quem Satanás é o chefe, afastar a culpa dos seus pecados tanto quanto podem para outras pessoas.

Quando Satanás estiver assim separado para sempre do campo de Israel, e fôr visto pelos remidos que ele não mais os pode tentar, irrompem em arrebatados hinos de louvor enquanto Cristo os leva na sua emocionante viagem no espaço para o seu lar em celestial. Sete maravilhosos dias serão

passados nesta viagem da terra para o céu, um dos quais será o mais glorioso Sábado que qualquer pessoa salva irá jamais conhecer.

Durante os mil anos que se seguem viverão e reinarão com Cristo antes de voltarem a este planeta desolado, para as cenas finais do julgamento, a obliteração das obras do pecado pelo fogo, e o terrível espectáculo da criação dos novos céus e da nova terra. A partir de então estender-se-ão perante eles as glórias de uma interminável vida de bem-aventurança, vigoroso desenvolvimento ilimitado, e perfeita alegria para sempre. Numa luz cada vez mais clara, compreenderão as palavras, "O Teu caminho, ó Deus, está no santuário." Salmos 77:13.



A Mensagem para o nosso Tempo
(Publicado na revista "The Messenger and News Review", Junho 1983)

Capítulo 38

A Presença Interior do Espírito Santo

Pela implantação da Sua semente divina, Cristo habita no crente e isto é a esperança da glória. Para alcançar isto, todos os agentes do céu combinam a sua sabedoria e forças para assegurar que aqueles que o fazem, possam ter a certeza da vida eterna. Um desses grandiosos poderes é a terceira Pessoa da Divindade, o Espírito Santo. Ele desempenha uma parte tão essencial na salvação do homem como o próprio Salvador.

Das três Pessoas da Divindade, o Espírito Santo é aquele de quem menos se nos fala. Jesus Cristo, em virtude do facto de ter vindo habitar visivelmente entre os homens é Aquele de quem sabemos mais. O Seu Pai é também nosso conhecido por causa da maravilhosa manifestação que Cristo deu d'Ele. Mas, o Espírito Santo permanece amplamente envolvido em mistério, tanto que muitos perguntam se Ele é de facto uma Pessoa. Pensam n'Ele como apenas o poder real de Deus, uma força que emana do Eterno Pai.

Portanto é essencial, que no início de qualquer estudo acerca do Espírito Santo, se aprenda tanto quanto foi revelado em relação a Ele, enquanto cuidadosamente se evita qualquer especulação nas áreas em que Deus ainda não nos deu luz.

O estudo das revelações divinas do Espírito Santo devem começar com aquelas que estabelecem quem Ele é. Embora os escritores bíblicos em nenhum lugar digam que Ele é uma Pessoa, de modo tão directo, dizem-no, sob inspiração divina, atribuindo-Lhe capacidades que apenas podem ser possuídas por uma pessoa.

Está escrito que Ele foi contristado, entristecido, agradado:

"Mas eles foram rebeldes, e contristaram o Seu Espírito Santo;" Isaías 63:10.

"E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual estais selados para o dia da redenção." Efésios 4:30.

"Na verdade pareceu bem ao Espírito Santo, e a nós, não vos impor mais encargo algum, se não estas coisas necessárias." Actos 15:28.

Está também escrito que Ele é capaz de falar, e chamar ou comissionar:

"E, servindo eles ao Senhor, e jejuando, disse o Espírito Santo: Apartai-me a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado." Actos 13:2.

"Mas o Espírito expressamente diz que nos últimos tempos apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores, e a doutrinas de demónios." 1 Timóteo 4:1.

Ele guia, ouve, mostra, convence, ensina, testifica, e concede dons espirituais particularmente a muitos homens de acordo com a Sua vontade.

"Mas, quando vier aquele Espírito de verdade, Ele vos guiará em toda a verdade; porque não falará de Si mesmo mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará o que há-de vir." João 16:13.

"E, quando Ele vier convencerá o mundo do pecado, e da justiça e do juízo." João 16:8.

"Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em Meu nome, Esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito." João 14:26.

"Mas, quando vier o Consolador, que Eu da parte do Pai vos hei-de enviar, aquele Espírito de verdade, que procede do Pai, Ele testificará de Mim." João 15:26.

"Mas um só e o mesmo Espírito opera todas estas coisas, repartindo particularmente a cada um como quer." 1 Coríntios 12:11.

Se o Espírito Santo fosse o poder de Deus emanado de Si mesmo, não seria dotado de todas estas capacidades, pois o poder por si só não é inteligente. A electricidade, por exemplo, é um poder que vem de Deus, mas, porque não é uma pessoa, não pode pensar, ser entristecido, ensinar, ouvir, dirigir, ou exercer uma vontade.

Uma pessoa existe quando há três capacidades presentes. Uma é o poder físico; a segunda é a inteligência, juntamente com o poder da razão e exercício da vontade; e a terceira é uma natureza emocional com capacidade para se alegrar, entristecer, ser desapontado, etc. Tudo pode ser testado por estas simples linhas de orientação. Como já foi mencionado, a electricidade é um poder, mas não tem inteligência nem emoções. Portanto, não é uma pessoa.

Os animais têm poder e emoções, mas estão privados do poder real da razão. Por isso também não são pessoas. Os homens têm as três faculdades, poder, inteligência, e emoções, e por conseguinte são pessoas.

Não há dificuldade em determinar em que categoria as Escrituras colocam o Espírito Santo. Possuindo poder infinito, inteligência ilimitada, e as melhores emoções, Ele é inquestionavelmente a terceira Pessoa da Trindade celestial. É por esta razão que Ele é constantemente referido como "Ele". O nome "Consolador", como aplicado ao Espírito Santo está sempre na forma masculina e nunca neutra como aconteceria se o Espírito Santo fosse apenas um poder e não a poderosa terceira Pessoa da Divindade. Os testemunhos seguintes confirmam a verdade das afirmações atrás:

"Há três pessoas vivas pertencentes à Trindade celeste; em nome destes três grande poderes -- o Pai, o Filho e o Espírito Santo -- os que recebem a Cristo por fé viva são batizados, e esses poderes cooperarão com os súditos obedientes do Céu em seus esforços para viver a nova vida em Cristo." Evangelismo, 615.

"Precisamos reconhecer que o Espírito Santo, que é tanto uma Pessoa como o próprio Deus, está andando por esses terrenos." Idem, 616.

"O Espírito Santo é uma pessoa, pois dá testemunho com o nosso espírito de que somos filhos de Deus. Uma vez dado esse testemunho, traz consigo mesmo sua própria evidência. Em tais ocasiões acreditamos e estamos certos de que somos de Deus...."

"O Espírito Santo tem personalidade, do contrário não poderia testificar ao nosso espírito e com nosso espírito que somos filhos de Deus. Deve ser também uma pessoa divina, do contrário não poderia perscrutar os segredos que jazem ocultos na mente de Deus. 'Por que, qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o espírito do homem, que nele está? Assim também ninguém sabe as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus.'" Idem, 616, 617.

Enquanto é plenamente revelado na Bíblia e Espírito de Profecia que o Espírito Santo é uma pessoa, nenhuma informação é dada sobre a Sua natureza. Obviamente, sendo um Deus com poder criador, não estaria alojado em carne e sangue criada como Adão e Eva no Éden, mas o que Ele é em natureza por outro lado não nos é dado a conhecer.

"A natureza do Espírito Santo é um mistério. Os homens não a podem explicar, porque o Senhor não lho revelou." Actos dos Apóstolos, 52.

Havendo estabelecido a partir de adequadas fontes escriturísticas que o Espírito Santo é uma pessoa tanto como Deus é uma pessoa, pode agora ser dada consideração à obra deste poderoso Ser em relação a Cristo habitar no crente como sua esperança de glória. Aqui está onde grande cuidado deve ser tomado para assegurar que as nítidas distinções envolvidas sejam claramente vistas pelo estudante da Bíblia. A exacta e eficaz compreensão da mensagem está sempre dependente de ver as coisas que são diferentes apesar de chamadas pelo mesmo nome. Isto nunca foi tão necessário como neste caso.

Antes da luz acerca da Semente de Cristo vir a nós, o ênfase da existência de uma presença no crente estava no Espírito Santo, não em Jesus. Certos conceitos foram formados acerca do que isto significa. Era crido que o Espírito Santo entrava no coração sob alguma misteriosa forma e ali habitava até que um pecado fosse cometido, altura em que imediatamente deixava o errante e não voltava até que houvesse arrependimento do pecado e este fosse apagado da vida.

Quando a atenção era dada à implantação da vida de Cristo dentro dos filhos de Deus, esta mesma ilustração era levada a cabo, porque se pensava que a presença interior de Cristo e o Espírito Santo eram uma e a mesma coisa. Isto levou à conclusão que a divina vida de Cristo está em nós apenas enquanto estamos livres de pecado conhecido mas deixa-nos quando transgredimos. Estes conceitos levam alguns a rejeitar o princípio da semente e, por sua vez a separar-se daqueles que acreditam nele.

Ora não há questão acerca do facto que o Espírito Santo deve encher o crente e habitar dentro dele, nem que o pecado na vida afastará essa presença. Há muitos testemunhos nas Escrituras que falam do homem estar cheio desse Espírito e com esses já estamos familiarizados. No dia de Pentecostes, por exemplo, está escrito que:

"E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem." Actos 2:4.

Acerca de João Baptista foi profetizado que "Será cheio do Espírito Santo, já desde o ventre de sua mãe." Lucas 1:15.

Jesus estava cheio do Espírito Santo quando "foi levado pelo Espírito ao deserto" para ser tentado por Satanás, Lucas 4:1, e há numerosas referências aos apóstolos como cheios do Espírito Santo quando saíram depois da ressurreição de Cristo para proclamar o evangelho ao mundo. Durante o vindouro alto clamor os crentes, cheios do Espírito Santo de novo avançarão e nada os deterá.

Porém, antes que alguém possa ser cheio do Espírito Santo e assim ser equipado para o serviço eficaz, uma importante obra preliminar deve ser feita. O Espírito Santo não pode habitar em qualquer pessoa até que Ele primeiramente tenha operado do exterior. É pelo Seu poderoso ministério que o indivíduo primeiro chega ao conhecimento da salvadora verdade e, por sua vez, é trazido à profunda convicção dos seus pecados, que leva ao arrependimento e confissão, e depois à remoção da sua iniquidade e implantação da divina semente de Cristo.

Por conseguinte o Espírito Santo desempenha um papel do agricultor que quebra o solo endurecido do coração, prepara-o para a semente de Cristo, e depois implanta essa semente dentro do arrependido. O Espírito Santo em Si mesmo não é o Dador da semente, pois este é ofício de Jesus Cristo. A distinção deve ser mantida muito claramente na mente -- Cristo, o Dador da semente; o Espírito Santo, o Implantador. "O Espírito Santo vem ter com a alma como Consolador. Pela transformadora influência de Sua graça, a imagem de Deus se reproduz no discípulo; torna-se uma nova criatura." *O Desejado de Todas as Nações*, 373.

Esta é a experiência do novo nascimento e é uma repetição da encarnação de Cristo como E.J. Waggoner observou: "Nisto vimos o mistério da encarnação aparecendo de novo. Se podemos crer que Cristo estava na carne, Deus encarnado em Cristo, podemos crer nisto, - Cristo habitando em nós, e operando por nós, -- através da nossa carne, precisamente o mesmo como quando Ele tomou a carne sobre Si mesmo e a controlou. É um mistério que não podemos compreender; mas conhecemo-lo." Estudos Bíblicos sobre o livro de Romanos, 55, 56. Edição de Destiny Press, Novembro de 1981, e edições posteriores.

Assim na encarnação de Cristo, é dada uma maravilhosa revelação do papel do Espírito Santo na implantação da semente de Cristo no crente. A Maria foi comunicado o poderoso ministério do Espírito e essa comunicação foi o dom que lhe foi dado da vida do próprio Cristo. Foi uma demonstração viva da verdade que "A comunicação do Espírito é a transmissão da vida de Cristo." *O Desejado de Todas as Nações*, 769. A obra realizada pelo Espírito Santo na encarnação de Cristo é a mesma obra executada por Ele na experiência do novo nascimento.

Maria foi informada previamente da obra que o Espírito Santo operaria dentro dela. Um anjo disse-lhe: "Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a Sua sombra; pelo que também o Santo que de ti há-de nascer, será chamado Filho de Deus." Lucas 1:35.

No cumprimento destas palavras, Maria foi cheia com o Espírito Santo que lhe foi transmitido, e em consequência do Seu grandioso ministério, Cristo nasceu dela na devida altura. Isto prova que a comunicação do Espírito não é em si mesma a vida real de Cristo, mas que esta comunicação do Espírito é o poderoso agente pelo qual a vida de Cristo é implantada no crente.

O Espírito Santo é uma pessoa distinta e separada de Jesus Cristo, se bem que sejam um em espírito, carácter, e objectivos. Portanto, se o Espírito Santo tivesse vindo a Maria e implantasse a Sua própria vida nela, o filho não teria sido Cristo como foi; teria sido o Espírito Santo. A simples lei da reprodução confirma que assim seria, pois cada dador de semente reproduz-se conforme a sua própria espécie. Uma nova vida não começou quando Cristo nasceu em Belém, pois a mesma divina pessoa, que esteve com o Pai eterno e o Espírito Santo desde a eternidade, nasceu de Maria. A única pessoa que podia ser o Pai nessa encarnação era o próprio Cristo. Por outras palavras, Ele era o Seu próprio Pai. Se o Espírito Santo fosse o Pai, em vez de ser o implantador de semente, então o Espírito Santo, a terceira pessoa da Divindade, e não Cristo a segunda pessoa, teria andado visivelmente entre os homens e teria sido crucificado pelos pecados deles.

"O mistério de Cristo ser o Seu próprio Pai foi proposto por Cristo aos ensinadores judeus do Seu tempo e provou ser algo que não podiam compreender nem explicar.

"E, estando reunidos os fariseus, interrogou-os Jesus.

"Dizendo: Que pensais vós do Cristo? De quem é filho? Eles disseram-Lhe: De Davi.

"Disse-lhes Ele: Como é então que Davi, em espírito, Lhe chama Senhor, dizendo:

"Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-Te à Minha direita, até que Eu ponha os Teus inimigos por escabelo de Teus pés.

"Se Davi pois Lhe chama Senhor, como é seu filho?

"E ninguém podia responder-Lhe uma palavra: nem desde aquele dia ousou mais alguém interrogá-l'O." Mateus 22:41-46.

Davi chamou a Jesus, Senhor, e Isaiás chamou-Lhe, Pai Eterno, o que é a mesma coisa. Davi devia tudo quanto tinha ao Seu Criador, Jesus Cristo, incluindo o dom da vida, contudo o Salvador obteve o Seu corpo humano desta fonte. Portanto, do lado físico, Ele era Seu Pai. Contudo, o mais importante, é que a vida divina que Cristo abrigava nesse corpo através do ministério do Espírito Santo, era também Sua. Era a implantação de Si mesmo num corpo terrestre.

Satanás, que é um estudante extremamente diligente do plano de salvação, demonstrou a sua compreensão destas verdades fazendo uma inteligente contrapartida delas no desenvolvimento dos mistérios da antiga Babilónia. Pouco depois do dilúvio, Satanás recrutou os serviços de um poderoso e orgulhoso caçador cujo nome era Ninrod e que foi brevemente mencionado em Génesis 10:8-10. À morte deste homem, que tomou lugar no auge da sua carreira, foi ligado um grande significado. Foi

relatado que ele se ofereceu a si mesmo como sacrifício para salvar o sistema Babilónico da destruição, e todos foram avisados que se não reverenciassem o herói morto, terrível destruição cairia sobre eles. Tão grande foi a veneração mostrada ao homem morto, que se tornou uma coisa simples exaltá-lo nas suas crenças religiosas até ao nível de um deus.

Naqueles dias, os homens olhavam o sol como a suprema fonte de vida, de modo que nenhuma melhor deificação podia ser melhor acordada do que ser ele chamado deus-sol. Alguns anos depois da sua morte, sua esposa, Semiramus, que não se tornou a casar, ficou grávida de uma criança que nasceu eventualmente em 25 de Dezembro, o feriado agora conhecido como o Natal. Obviamente, a criança era ilegítima, mas para escapar a esta acusação e para glorificar ainda mais Ninrod, foi com sucesso proclamado que o deus-sol era o verdadeiro pai da criança que recebeu o nome de Tamuz. Foi a contrafação de Satanás da encarnação real que viria mais tarde na qual é mostrada que a vida se sustém apenas pela união do divino com o humano, o Criador com a criatura, a Fonte com o dependente recebedor. O sistema babilónico não pode dar vida, pois o sol não é uma fonte. É um recebedor que apenas pode dar aquilo que antes lhe foi dado.

A contrafação não acabou meramente com a atribuição da paternidade de Tamuz ao morto Ninrod. Foi ensinado que Tamuz era uma encarnação real de Ninrod, que a criança era portanto seu próprio pai e o marido de sua própria mãe. Ninrod e Tamuz, foi declarado, eram um e a mesma pessoa.

Não havia a menor verdade nisto, evidentemente. Algum homem vivo era o verdadeiro pai de Tamuz, mas é claro ver que poderosa contrafação era esta da vindoura encarnação de Cristo, na qual aquilo que era pretendido nos enganamentos de Satanás, era verdadeiro no caso de Cristo. As contrafações de Satanás estão tão perto da verdade que é impossível distinguir a diferença entre elas e a realidade excepto pelo testemunho das Escrituras e pelo ministério do Espírito Santo.

As promessas de vida de Satanás são de facto um caminho de morte, mas não é assim com os projectos de Deus. Eles são na verdade o caminho para a existência eterna e felicidade perfeita.

Tão certamente então, como a pessoa reproduzida em Maria pelo ministério do Espírito Santo era Jesus Cristo, assim, quando Cristo, a esperança da glória, entra em nós, é Ele e não o Espírito Santo que foi implantado.

A distinção é muito importante, tanto que, o Senhor providenciou símbolos muito claros para esclarecer o ponto. Um é o símbolo do casamento no qual Cristo é o marido divino da nossa humanidade e o pai das nossas naturezas divinas.

"Porque o Teu Criador é o Teu marido; o Senhor dos exércitos é o Seu nome; e o Santo de Israel é o Teu Redentor; Ele será chamado o Deus de toda a terra." Isaías 54:5.

Jesus Cristo é o Criador, aquele por quem o Altíssimo fez os mundos e por quem Ele os mantém e guia momento a momento. Portanto, Ele, sendo o Criador, é aquele que é referido neste versículo como o Marido do crente. Paulo refere-se a Cristo nesta capacidade em algumas referências. Em Romanos 7:4, declara que nós devemos ser "...d'Outro, d'Aquele que ressuscitou dentre os mortos, a fim de que demos fruto para Deus."

De novo, isto indica claramente quem é o Marido, pois há apenas uma pessoa que foi ressuscitada dos mortos para ser nosso Marido, e este é Jesus Cristo. O Espírito Santo nunca podia ser o Marido com quem temos que casar, porque Ele, nunca havendo tomado a caída, pecaminosa, mortal carne e sangue, nunca morreu, e portanto, nunca ressuscitou dentre os mortos. Há uma diferença entre encher a humanidade com a Sua presença como faz o Espírito Santo, e ser casado como Jesus é. Para experimentar o último, uma pessoa tem que se tornar a si mesma num ser humano como Cristo fez, mas isto o Espírito Santo nunca foi chamado a fazer.

A lei do casamento que é igualmente válida tanto no campo espiritual como no físico, e dentro das justas limitações em que habitam tanto Cristo como o Espírito Santo, proíbe a implantação de semente fora do casamento. Cristo, devido ao Seu casamento com a humanidade, tem o pleno direito de Se reproduzir a Si mesmo dentro do crente. O Espírito Santo, embora tenha o direito de encher o

cristão com a Sua presença e poder, não tem o direito de impregnar o filho de Deus com a semente da Sua própria vida.

É num sentido muito específico que pode ser dito que "A comunicação do Espírito é a transmissão da vida de Cristo." *O Desejado de Todas as Nações*, 769.

Esta verdade é aplicável tanto ao ministério do Espírito no novo nascimento como no subsequente desenvolvimento da vida de Cristo dentro do justo.

No novo nascimento, como já foi demonstrado, quando o Espírito Santo é comunicado ao arrependido, Ele implanta, não a Sua própria vida, mas a semente de Cristo. Porque Ele é o implantador da semente, a vida de Cristo nunca podia ser semeada dentro dos filhos de Deus sem o Seu ministério.

Para compreender a aplicação deste testemunho na experiência diária, deve ser dada consideração ao simbolismo usado para explicar a obra do Espírito Santo. Ele é comparado ao vento na conversação de Cristo com Nicodemos, ao azeite na parábola das dez virgens, ao fogo no dia do Pentecostes, e à chuva no símbolo da chuva temporã e serôdia. Este último símbolo, da chuva, revela a forma pela qual o Espírito Santo opera o desenvolvimento da vida de Cristo dentro do crente.

"No Oriente a chuva temporã cai no tempo da sementeira. Ela é necessária, para que a semente possa germinar. Sob a influência de fertilizantes aguaceiros, brota tenro rebento. Caindo perto do fim da estação, a chuva serôdia amadurece o grão, e o prepara para a foice. O Senhor emprega essas operações da Natureza para representar a obra do Espírito Santo. Como o orvalho e a chuva são dados primeiro para fazer com que a semente germine, e então para amadurecer a colheita, assim é dado o Espírito Santo para levar avante, de um estágio para outro, o processo de crescimento espiritual. O amadurecimento do grão representa a terminação do trabalho da graça de Deus na alma. Pelo poder do Espírito Santo deve a imagem moral de Deus ser aperfeiçoada no carácter. Devemos ser completamente transformados à semelhança de Cristo." *Testemunhos Para Ministros*, 506.

Quando o agricultor lança a semente à terra, ela é sepultada no solo no qual estão os nutrientes que permitirão o seu crescimento até à completa maturidade e produção de fruto, mas o alimento da planta permanece sem valor para a semente sem a chuva. É apenas quando a humidade suficiente está presente que o alimento no solo começa a transformar-se em dissolução e pode ser absorvido.

Do mesmo modo, ninguém pode tirar qualquer crescimento de vitalidade das Escrituras sem o ministério primeiramente da chuva temporã e finalmente a serôdia. Qualquer que tente receber a corrente de vida da santa Palavra de Deus sem as bênçãos da chuva temporã e serôdia está tentando o impossível.

Quando a chuva se combina com a boa qualidade no solo e a dissolução é absorvida pela planta, verdadeiramente ela se incorpora nas fibras da vegetação em crescimento. A vida está sendo transmitida à estrutura viva e em consequência ela cresce e por fim produz fruto. Agora a chuva transformou-se de facto numa árvore. A comunicação da vida de um tornou-se a vida de outro. A chuva não está a desenvolver a sua própria vida mas qualquer vida que venha da semente que está a regar. Se a semente for a semente de um abeto, então é essa a vida que se desenvolve. Se for a semente de uma laranja então é uma laranjeira que cresce, etc. Alguém pode argumentar que a água é apenas um veículo pelo qual os nutrientes são transportados para o local onde se formam as células, mas, apesar de isto ser verdade até certo ponto, não deve ser esquecido que uma célula viva é feita de uma boa proporção de água.

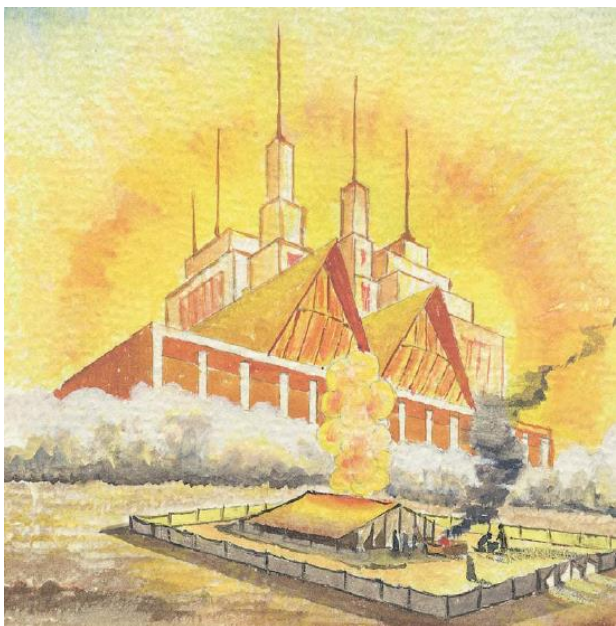
Do mesmo modo, a suave chuva do Espírito Santo enche a vida do crente, misturada com os nutrientes encontrados nas Sagradas Escrituras, até que se torna literalmente parte de nós mesmos. Todavia a vida que se está a desenvolver é a vida que cresce da semente, cuja semente é Cristo. O Espírito Santo implanta a Sua própria vida no cristão momento a momento, mas essa vida é transformada na vida de Cristo. Portanto, é verdade que "A comunicação do Espírito é a transmissão da vida de Cristo." Para compreender isto é apenas necessário manter em mente as leis da natureza e aplicá-las no mundo espiritual como no físico.

Cristo é a Semente; o Espírito Santo é a chuva. Pelo recebimento do bem-aventurado ministério do Espírito, essa vida nele cresce vigorosamente até à completa maturidade.

Uma vez que o crente tenha recebido a vida de Cristo, tem em si a vida eterna, embora ainda não a certeza absoluta que viverá eternamente, pois, se ele falhar em satisfazer as condições da expiação final pela confissão e afastamento de todo o pecado conhecido, perderá essa vida eterna e será privado de entrar no céu. O ponto importante é que o cristão não perde a vida de Cristo que é a vida eterna, quando comete um pecado. Se assim fosse, então teria necessidade de ser batizado todas as vezes que transgredisse um mandamento de Deus.

Porém, quando um crente comete pecado, perde a presença do Espírito Santo e não pode recebê-lo de volta até que tenha havido arrependimento e afastamento do pecado.

Há uma diferença então entre a presença do Espírito Santo que ocupa o templo do corpo, e a vida de Cristo na alma. A primeira é a Chuva; a última é a Semente. Deve ser sempre lembrado que, apesar de Cristo em vós ser a esperança da glória, isto só se torna uma realidade quando o Espírito Santo realiza o ministério que Lhe está determinado.



A Mensagem para o nosso Tempo
(Publicado na revista "The Messenger and News Review", Julho 1983)

Capítulo 39

A Advertência da Vinda do Julgamento

O acontecimento mais importante que jamais terá lugar na vida da pessoa é o julgamento em que o seu destino eterno será irrevogavelmente decidido. O Deus de amor e misericórdia não permitirá que este acontecimento venha sobre o Seu povo sem clara e especificamente anunciar tanto a sua natureza como a sua hora.

Até aqui, um espaço considerável tem sido dedicado à natureza do julgamento e aos requisitos do carácter que deve ser possuído por aqueles que passarão o seu exame escrutinador. Chegou agora a altura para considerar quando ele terá lugar. Ampla evidência foi fornecida nas Escrituras para definir este momento na história.

No dias de Paulo, o acontecimento estava ainda no futuro. Quando ele esteve perante Félix, argumentou acerca "... do juízo vindouro". *Actos* 24:25.

No Areópago ele falou do então distante acontecimento em que, no dia que fixou, Deus "...julgará o mundo em justiça, por meio do Varão que destinou; e disso deu a certeza a todos, ressuscitando-O dos mortos." *Actos* 17:31.

Pela inspiração do Espírito no estudo das Escrituras, Paulo sabia que ainda não podia pregar a mensagem de um julgamento em curso. Certamente já devia estar a decorrer, mas a incredulidade do povo de Deus, tinha-o efectivamente adiado para uma data muito posterior àquela em que devia ter-se realizado. Ele não seria adiado para sempre. Em virtude de todas as circunstâncias relacionadas, o Senhor irrevogavelmente fixou o dia em que ele começaria e, quando a plenitude do tempo chegasse, iniciar-se-ia.

Ao solitário profeta exilado em Patmos, o Senhor revelou que se levantariam movimentos de pessoas que, sob a direcção pessoal de Cristo, anunciariam que "... vinda é a hora do Seu juízo".

Apocalipse 14:7. Esta mensagem colocaria o selo nas predições feitas no Velho Testamento tanto nos tipos como nas directas profecias confirmando aquilo que estava predito.

Será feito primeiramente um exame da mensagem contida na determinação da hora dos tipos em relação ao ano religioso judeu. Ao todo, havia sete festas com especial significado profético. Quatro eram agrupadas na primeira parte do ano, e três na parte final. A primeira delas no início do ano, era a Páscoa que era celebrada no décimo quarto dia do primeiro mês. A festa dos pães asmos começava no dia seguinte e prolongava-se durante uma semana, mas o segundo dia, o décimo sexto, era o dia em que as primícias eram oferecidas.

Cinquenta dias depois a festa das semanas, que mais tarde se tornou conhecida como o Pentecostes e na qual outra oferta de primícias era feita. O relato escriturístico disto encontra-se em Levítico 23:4-22.

"Estas são as solenidades do Senhor, as santas convocações, que convocareis no seu tempo determinado:

"No mês primeiro, aos catorze do mês, pela tarde, é a páscoa do Senhor.

"E aos quinze dias deste mês é a festa dos asmos do Senhor; sete dias comereis asmos.

"No primeiro dia tereis santa convocação; nenhuma obra servil fareis;

"Mas sete dias oferecereis oferta queimada ao Senhor; ao sétimo dia haverá santa convocação, nenhuma obra servil fareis.

"E falou o Senhor a Moisés, dizendo:

"Fala aos filhos de Israel, e dize-lhes: Quando houverdes entrado na terra, que vos hei de dar, e segardes a sua sega, então trareis um molho das primícias da vossa sega ao sacerdote:

"E ele moverá o molho perante o Senhor, para que sejais aceitos; ao seguinte dia do sábado o moverá o sacerdote....

"Depois para vós contareis desde o dia seguinte ao sábado, desde o dia em que trouxerdes o molho da oferta movida; sete semanas inteiras serão.

"Até ao dia seguinte ao sétimo sábado, contareis cinquenta dias; então oferecereis nova oferta de manjares ao Senhor.

"Das vossas habitações trareis dois pães de movimento; de duas dízimas de farinha serão, levedados se cozerão, primícias são ao Senhor....

Estas primeiras quatro convocações eram por altura do terceiro mês, que corresponde ao nosso Maio. Não era até que mais quatro meses tivessem passado que a próxima festa começava. Esta era a festa das trombetas que começava no primeiro dia do sétimo mês e era seguida pelo dia da expiação no décimo dia, e a festa dos tabernáculos no décimo quinto dia. A narrativa da Escritura destas é encontrada nos versículos que se seguem aos que foram citados atrás.

"O Senhor falou a Moisés, dizendo:

"Fala aos filhos de Israel, dizendo: No mês sétimo, ao primeiro dia do mês, tereis descanso, memória de jubilação, santa congregação...

"Mas aos dez deste mês sétimo será o dia da expiação: tereis santa convocação, e afligireis as vossas almas, e oferecereis uma oferta queimada ao Senhor.

"E naquele mesmo dia nenhuma obra fareis, porque é o dia da expiação, para fazer expiação por vós perante o Senhor vosso Deus.

"Porque toda a alma, que naquele mesmo dia se não afligir, será extirpada do seu povo.

"Também toda a alma, que naquele mesmo dia fizer alguma obra, aquela alma eu destruirei do meio do seu povo....

"E falou o Senhor a Moisés, dizendo:

"Fala aos filhos de Israel, dizendo: Aos quinze dias deste mês sétimo será a festa dos tabernáculos ao Senhor por sete dias....

"Porém aos quinze dias do mês sétimo, quando tiverdes recolhido a novidade da terra, celebrareis a festa do Senhor por sete dias; ao dia primeiro haverá descanso, e ao dia oitavo haverá descanso.

"E ao primeiro dia tomareis para vós ramos de formosas árvores, ramos de palmas, ramos de árvores espessas, e salgueiros de ribeiras; e vos alegrareis perante o Senhor vosso Deus por sete dias."

Cada uma destas festas era uma activa profecia apontando para uma sequência de acontecimentos que transpirariam no tempo do Novo Testamento, quando o antítipo substituiu o tipo. A primeira destas, a páscoa, apontava para a morte sacrificial de Cristo no Calvário como Paulo escreveu, "porque Cristo, nossa páscoa, foi sacrificado por nós." 1 Coríntios 5:7.

Os judeus nos dias de Cristo tinham perdido completamente de vista o significado contido no sistema sacrificial, mas quando o Salvador, como um rapaz de doze anos, fez a Sua primeira visita a Jerusalém, começou a compreender o mistério da Sua própria missão ao observar o sacrifício do cordeiro pascal.

A páscoa era o cumprimento muito exacto tanto do tempo como do tipo no ano especificado na profecia de Daniel 9. À medida que a hora se aproximava Jesus estava na província nortenha da Galileia, de onde, sabendo que o momento do Seu sacrifício se estava a aproximar, "... manifestou o firme propósito de ir a Jerusalém". Lucas 9:51.

O dia da páscoa nesse ano começava ao pôr do sol do quinto dia da semana, hoje chamado tarde de quinta-feira. No cenáculo, o bem-aventurado Salvador comeu a páscoa com os Seus discípulos e instituiu a ceia do Senhor. No dia seguinte, à hora do sacrifício da manhã, Ele foi pendurado na cruz, e, à hora do sacrifício da tarde, morreu.

Alguns podem imaginar porque não morreu Jesus na tarde de quinta-feira na hora em que o cordeiro pascal foi morto, mas isto não podia acontecer. Se, para cumprir o tipo, Cristo tinha que perecer no momento exacto em que o cordeiro pascal morria, então Ele tinha que morrer outra vez no momento antítípico da morte no dia da expiação e todo o outro cumprimento de um tipo do Velho Testamento. Em vez disso, Ele morreu apenas uma vez à hora correspondente ao serviço básico diário. Este sacrifício todo suficiente satisfaz os requisitos de todo o serviço que Cristo devia realizar no Seu ministério como sumo sacerdote.

Assim Jesus devia render a Sua preciosa vida à hora do sacrifício da tarde, mas no dia da páscoa. Tão exactamente o tipo encontrou o antítipo que Jesus expirou na cruz no preciso momento em que o cordeiro teria que morrer à porta do templo nesse dia. À medida que os últimos momentos de Cristo se aproximavam, o sacerdote estava com o seu cutelo levantado para matar o cordeiro. Os seus músculos tensos, mas a descida do cutelo foi interrompida pelo rasgar do pesado véu do templo de cima a baixo. O sacerdote completamente de cabeça perdida, e apavorado involuntariamente libertou o cordeiro que rapidamente escapou à sua sorte, enquanto em seu lugar morria o Cordeiro de Deus. O tipo tinha encontrado o antítipo da forma mais exacta possível.

"Ao irromper dos lábios de Cristo o grande brado: 'Está consumado', oficiavam os sacerdotes no templo. Era a hora do sacrifício da tarde. O cordeiro, que representava Cristo, fora levado para ser morto. Trajando o significativo e belo vestuário, estava o sacerdote com o cutelo erguido, qual Abraão quando prestes a matar o filho. Vivamente interessado o povo acompanhava a cena. Mas eis que a Terra treme e vacila; pois o próprio Senhor Se aproxima. Com ruído rompe-se de alto a baixo o véu interior do templo rasgado por mão invisível, expondo aos olhares da multidão um lugar dantes pleno da presença divina. Ali habitara o Shekinah. Ali manifestara Deus Sua glória sobre o propiciatório. Ninguém, senão o sumo sacerdote, jamais erguera o véu que separava esse compartimento do resto do templo. Nele penetrava uma vez por ano, para fazer expiação pelos pecados do povo. Mas eis que esse véu é rasgado em dois. O santíssimo do santuário terrestre não mais é um lugar sagrado.

"Tudo é terror e confusão. O sacerdote está para matar a vítima; mas o cutelo cai-lhe da mão paralisada, e o cordeiro escapa. O tipo encontrara o antítipo por ocasião da morte do Filho de Deus. Foi feito o grande sacrifício. Acha-se aberto um caminho para o santíssimo. Um novo, vivo caminho está para todos preparados. Não mais precisa a pecadora aflita humanidade esperar a chegada do sumo sacerdote. Daí em diante, devia o Salvador officiar como Sacerdote e Advogado no Céu dos

Céus. Era como Sua voz viva houvesse dito aos adoradores: Agora têm fim todos os sacrifícios e ofertas pelo pecado. O Filho de Deus veio, segundo a Sua palavra: 'Eis aqui venho [no princípio do Livro está escrito de Mim], para fazer, ó Deus a Tua vontade'. 'Por Seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário, havendo efectuado uma eterna redenção' Hebreus 10:7; 9:12." *O Desejado de Todas as Nações*, 726, 727.

A mesma precisão que marcou o cumprimento da páscoa, continua através dos acontecimentos que formam o antítipo de cada uma das outras festas por sua vez.

Na manhã depois da crucificação, começava a festa dos pães asmos. Durante uma semana, levedado devia ser completamente afastado da vida deles. A remoção de todo o levedado, o símbolo do pecado, era cumprido pelo transporte dos pecados de todo o mundo por Cristo para o túmulo onde Ele descansou no primeiro dos sete dias da festa dos pães asmos.

O décimo sexto dia era a festa das primícias. Nessa mesma manhã Cristo ressuscitou, e, ao fazer isso, cumpriu este tipo tal como Paulo confirma; "Mas agora Cristo ressuscitou dos mortos, e foi feito as primícias dos que dormem." 1 Coríntios 15:20.

"Cristo ressurgiu dos mortos como as primícias dos que dormem. Era representado pelo molho movido, e Sua ressurreição teve lugar no próprio dia em que o mesmo devia ser apresentado perante o Senhor. Por mais de mil anos esta simbólica cerimónia fora realizada. Das searas colhiam-se as primeiras espigas de grãos maduros, e quando o povo subia a Jerusalém, por ocasião da páscoa, o molho das primícias era movido como uma oferta de acções de graças perante o Senhor. Enquanto essa oferenda não fosse apresentada, a foíce não podia ser metida aos cereais, nem estes ser reunidos em molhos. O molho dedicado a Deus representava a colheita. Assim Cristo, as primícias, representava a grande messe espiritual a ser colhida para o reino de Deus. Sua ressurreição é o tipo e o penhor da ressurreição de todos os justos mortos. 'Porque, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também aos que em Jesus dormem, Deus os tornará a trazer com Ele'. 1 Tessalonicenses 4:14." *Idem*, 754.

Na altura em que Cristo ressuscitou, havia uma colheita considerável para colher de todos os justos que tinham morrido antes dessa ressurreição. Eles estavam tão preparados para o reino quanto podiam estar, pois não havia mais qualquer obra que pudesse ser feita neles uma vez que tinham terminado a sua jornada terrestre e ido para o seu repouso. Contudo, por razões melhor conhecidas do Altíssimo, nem toda esta colheita foi tomada mas somente aqueles "...que haviam colaborado com Deus, e que à custa da própria vida tinham dado testemunho da verdade." *Idem*, 754.

Exemplos destes são homens como Abel e João Baptista. Eles tinham colaborado com o Senhor e, à custa das suas próprias vidas, deram testemunho da verdade como muitos outros dos tempos do Velho Testamento. Fenderam-se as sepulturas desta multidão de almas fiéis quando ocorreu o terramoto durante a crucifixão, ressuscitaram na manhã de domingo quando Cristo ressuscitou, e depois acompanharam-n'O de regresso ao Céu onde estão desde então. Um dia em breve virão com Cristo a esta Terra para dar as boas vindas aos vivos e santos ressurgidos à sua eterna bem-aventurança.

Cinquenta dias passavam entre as primícias e a festa das semanas ou Pentecostes. Cristo permaneceu com a principiante igreja durante os primeiros quarenta dias deste período, depois do qual subiu ao Céu enquanto os Seus seguidores na Terra passaram os restantes dez dias em diligente exame de coração e quase contínua oração. O resultado foi o mais poderoso derramamento do Espírito Santo alguma vez recebido por um grupo de pessoas. Anteriormente, alguns indivíduos tinham sido abençoados grandemente, mas nunca o Espírito Santo descera sobre um grupo colectivamente. Foi uma hora de grande poder e eficácia para a igreja.

O derramamento do Espírito Santo não veio um dia mais tarde ou um dia mais cedo mas precisamente na altura exacta como as Escrituras confirmam: "E, cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar;

"De repente veio do Céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados.

"E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles.

"E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem." Actos 2:1-4.

Tão precisamente como as primeiras quatro festas eram agrupadas no início do ano religioso, assim os primeiros quatro acontecimentos tipificados por elas eram agrupados rigorosamente juntos nos primeiros dias do período antítípico. Isto devia levar a uma correcta conclusão que os últimos três acontecimentos - aqueles que apontavam ao futuro às últimas três festas - não deviam ocorrer senão perto do fim da história da humanidade, e que, portanto, um considerável período de tempo separaria os primeiros quatro acontecimentos dos últimos três. Assim se tem provado ser o caso.

A festa das trombetas era celebrada no primeiro dia do sétimo mês e era um solene aviso que um grande dia de expiação estava iminente. Insistia-se assim com o povo a fim de preparar-se para este decisivo acontecimento, para que não fosse encontrado sem preparação para satisfazer as suas exactas condições.

A precisa e segura forma em que as primeiras quatro festas eram cumpridas, garante que as últimas três também serão cumpridas de modo exacto. Por outras palavras, tão certo como as trombetas eram tocadas em advertência numa altura específica, assim haveria um correspondente acontecimento na história. Uma mensagem, dada a todo o mundo no tempo exacto, seria proclamada por um povo sob a orientação e instrução pessoal de Deus, advertindo todos os homens que o julgamento estava vindo.

Há apenas um movimento na história humana que responde as estas perspectivas, e que é a mensagem da hora do juízo que foi enviada na segunda metade do século dezanove. Tal como foi claramente declarado, Paulo não procurou esse desenvolvimento nos seus dias, nem os poderosos reformadores protestantes o declararam nas suas mensagens. De facto, Martinho Lutero calculou que ela estava ainda no futuro mas não mais do que a três séculos de distância. Ele escreveu: "Convenço-me, em verdade, de que o dia do juízo não está para além de trezentos anos. Deus não quer, não pode suportar por muito tempo mais este ímpio mundo." O Grande Conflito, 301.

Quando estas coisas são compreendidas, inspirarão grande confiança naqueles cuja fé está fundada na mensagem do Advento baseada em Daniel 8 e Apocalipse 14. Não há outro movimento religioso no mundo hoje que possa identificar-se quer consigo mesmo quer com alguém mais como respondendo às seguras especificações desta profecia. Pelo contrário, as igrejas protestantes em particular, ridicularizam o movimento adventista, descrevendo-o em vários termos depreciativos. Que nenhum dos filhos de Deus seja intimidado ou desanimado por estas falsas avaliações de um movimento que pode responder às especificações da profecia. Próximo do fim do tempo, tinha que haver um movimento simbolizado pela festa das trombetas, que anunciaria a vinda do julgamento e a segunda vinda. O Segundo Grande Movimento do Advento que começou em 1831 e cresceu até à proporção mundial em poucos anos, é esse movimento.#

Aqueles que ridicularizam a mensagem da hora do juízo e o povo que a proclama, sentem que têm ampla justificação para as suas posições na base daquilo que parece ser um fracasso. Mais de cento e cinquenta anos passaram desde que a mensagem de uma breve vinda do Salvador começou a ser proclamada no contexto de um julgamento que estava prestes a vir sobre eles, mas as coisas preditas ainda não aconteceram. Por causa das igrejas caídas raciocinarem que já houve tempo suficiente para estas predições terem sido cumpridas, o facto que elas não o foram é para eles prova que não serão cumpridas. Assim se têm fortalecido a si mesmos no mal e estão seguros que tudo é paz. Eles também descobrirão demasiado tarde que têm estado apoiados numa falsa segurança e serão rapidamente absorvidos pela ruína universal que sobrevirá ao mundo.

É com certeza verdade que tem havido um desnecessário e criminoso atraso. A obra devia ter sido acabada há décadas, mas tem havido uma terrível apostasia entre aqueles a quem foram dadas as responsabilidades de proclamar a mensagem enviada pelo Céu até ao ponto deles próprios não estarem seguros daquilo em que crer. Muitos têm voltado aos próprios ensinamentos dos quais o

adventismo havia sido libertado, enquanto outros persistentemente se apegam à esperança que o adventismo laodicense finalizará a obra, quando a única forma em que isto pode ser realizado é pelo reavivamento da mensagem original do Advento.

Isto será cumprido. A obra será reavivada de harmonia com as divinas especificações, e em breve o Salvador virá nas nuvens do céu para reunir os Seus escolhidos.

Entretanto, a festa das trombetas é seguida pelo grande e terrível dia da expiação e julgamento, e isto também deve encontrar a sua contrapartida no antítipo. Nada pode ser mais certo do que isto, porque, tão seguramente como era no tipo, assim aparecerá o antítipo.

Dez anos depois do movimento do Advento realmente se colocar em marcha, o julgamento dos mortos começou em 23 de Outubro de 1844, no lugar santíssimo do santuário celestial. Ele tem avançado desde então e, "Breve, ninguém sabe quão breve, passará ele aos casos dos vivos. Na augusta presença de Deus nossa vida deve passar por exame." idem, 490.

A precisa determinação da data de 1844 será assunto de um capítulo posterior onde será mostrado que o julgamento dos mortos realmente começou naquela altura.

O início do julgamento é agora um acontecimento do passado, enquanto perante nós estão as cenas finais ligadas ao julgamento, como já foi debatido em capítulos anteriores. Nós estamos vivos no tempo da sexta festa.

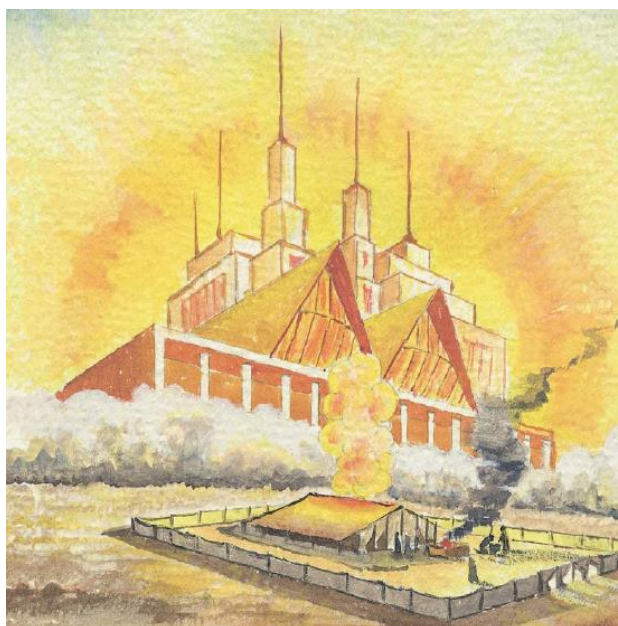
Mas para além do julgamento está aquele tempo de júbilo prefigurado na festa das trombetas. É esse o tempo em que a colheita será reunida e os santos podem repousar de todas as suas obras. Esta festa encontrará o seu cumprimento quando o Senhor regressar e seremos transportados para o Céu. É a festa mais alegre de toda a história.

Há um número de preciosas lições escritas nas mensagens encontradas nos serviços típicos realizados nos rituais judaicos, mas este estudo tem-se confinado aos seus aspectos proféticos. Eles constituem a primeira apresentação sequencial compreensiva dos acontecimentos a sucederem na dispensação cristã e, como tal, forma a base para maiores detalhes contidos nas profecias de Daniel e Apocalipse para as quais nos voltaremos nos capítulos que seguem.

O estudo destas festas, as suas correspondentes profecias encontradas noutras Escrituras, e os seus inequívocos cumprimentos, apenas podem inspirar o verdadeiro crente com fé, esperança, e coragem, ao passo que confirma nele grande confiança no movimento adventista e obviamente no regresso de Cristo. Quão verdadeiras são as palavras: "Temos, mui firme, a palavras dos profetas, à qual bem fazeis, em estar atentos, como a uma luz que alumia em lugar escuro, até que o dia esclareça, e a estrela da alva apareça em vossos corações.

"Sabendo primeiramente isto; que nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação.

"Porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo." 1 Pedro 1:19-21.



A Mensagem para o nosso Tempo
(Publicado na revista "The Messenger and News Review", Agosto 1983)

Capítulo 40

Os Tempos Proféticos – I

A mensagem contida nas festas típicas carece da especificação exacta do tempo, mesmo apesar de obtermos muito de grande valor delas. Por exemplo, a exactidão com que as primeiras quatro festas foram cumpridas tanto no tempo como no tipo, assegura-nos que as últimas três também terão lugar como predito, tanto no tempo como no tipo.

Elas não são, contudo, o fim da luz dada sobre o assunto, porque o Senhor não nos deixou sem informação específica de quando o julgamento viria, e quando Ele levantaria um poderoso movimento para advertir acerca da sua iminente vinda. Ele começou a revelação desta informação adicional em Daniel 7.

Esta é a segunda visão profética dada ao profeta. A primeira, que está relatada em Daniel 2, deu-lhe a visão já dada a Nabucodonosor, e sua interpretação. A segunda visão que é encontrada no sétimo capítulo, dá maior amplitude à primeira e dá uma aproximação razoavelmente exacta de quando o julgamento devia ser aberto.

Perante a surpreendida contemplação do fiel mensageiro de Deus, os esforços transitórios do homem para construir um império mundial duradouro foi representado por bestas selvagens que se seguiram uma após outra em firme sucessão. Primeiramente havia um leão, depois do qual um urso, o leopardo com quatro cabeças e quatro asas, e a besta semelhante ao grande dragão com dez pontas que sobressaiam da sua cabeça. A natureza rapace, selvagem e carnívora dos animais usados para simbolizar os poderes terrestres que dominaram o mundo desde os dias de Nabucodonosor até à queda de Roma, prova o carácter e métodos daqueles potentados humanos que procuravam por meios arbitrários impôr a sua vontade ao mundo. Desprezando o caminho de Deus, apesar das lições já escritas na história demonstrando um resultado certo de tentar construir o reino de Deus à maneira do homem, eles usaram os mesmos métodos como os que viveram antes e sofreram o mesmo destino.

Quando o quarto e último império mundial, Roma, seguiu os seus antecessores em idêntica ruína, um novo poder ascendeu ao trono do mundo então conhecido. Ele era simbolizado por uma ponta pequena que se levantou entre as dez depois da última ter sido estabelecida. No curso da sua ascensão, arrancou três das outras pela raiz, era diferente das restantes, falava blasfêmias contra o Altíssimo, pisou os santos, pensou mudar os tempos e leis, e reinou supremamente por tempo, tempos e metade de um tempo. A sua supremacia continuou até que o juízo se assentou, em que o seu domínio devia ser tirado para o destruir até ao fim.

“Disse assim: O quarto animal será o quarto reino da terra, o qual

"E, quanto às dez pontas, daquele mesmo reino se levantarão dez reis; e depois deles se levantará outro, o qual será diferente dos primeiros, e abaterá a três reis.

"E proferirá palavras contra o Altíssimo e destruirá os santos do Altíssimo, e cuidará em mudar os tempos e leis; e eles serão entregues na sua mão por um tempo, e tempos, e metade de um tempo.

"Mas o juízo estabelecer-se-á e eles tirarão o seu domínio, para o destruir e para o desfazer até ao fim." Daniel 7:23-26.

Esta cena de julgamento é descrita em termos que infundem respeito na primeira parte do capítulo;

"Eu continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e um Ancião de dias se assentou; o Seu vestido era branco como a neve, e o cabelo da Sua cabeça como a limpa lã; o Seu trono chamava de fogo, e as rodas dele fogo ardente.

"Um rio de fogo manava e saía de diante dele; e milhares de milhares O serviam, e milhões de milhões estavam diante d'Ele; assentou-se o juízo, e abriram-se os livros. Daniel 7:9,10.

Esta tradução está consistente com a forma como era preparada uma sala de um julgamento oriental para a entrada do juiz supremo. A sala era normalmente circular, o tecto era suportado por um anel de maravilhosas colunas de pedra, e o chão era pavimentado com pedras polidas. Quando a hora do julgamento se aproximava, os servos entravam, carregando almofadas muito grandes que "lançavam" no chão. Quando reis e potentados entravam, sentavam-se com as pernas cruzadas nestas almofadas, dando-lhes a dignidade de tronos. Assim o lançamento dos tronos era na realidade pôr os tronos na preparação da sala de julgamento para a sua obra.

Durante séculos posteriormente à ascensão de Cristo, a sala de julgamento no céu permaneceu vazia enquanto Deus e Cristo operavam juntamente no primeiro compartimento do santuário celestial, mas chegou uma altura em que a sala foi preparada e a grandiosa entrada do Altíssimo teve lugar. Esta Escritura é uma das que provam que há dois compartimentos no santuário celestial e que o ministério do juízo investigativo não começou até ao levantamento e queda do poder da ponta pequena.

O poder representado pela ponta pequena não pode ser outro senão o papado, porque ele é a única organização que responde a todos os detalhes nas especificações proféticas. Em primeiro lugar, a informação provida limita a sua ascensão a um tempo específico. E inútil procurar qualquer poder que corresponda à sua descrição até depois do levantamento e queda dos quatro grandes impérios mundiais - Babilónia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma - e a chegada dos dez reinos que deviam nascer do império Romano. Depois destes dez reinos terem sido formados, era altura de procurar um poder que, na sua ascensão, arrancasse pela raiz três dos outros.

O império Romano começou a cair com a investida dos assim chamados reis bárbaros em 476 d.C. Em 533, todos os dez reis tinham estabelecido a sua supremacia, e a capital Romana foi removida para Constantinopla, a cidade que agora conhecemos como Istambul. Nesse ano Justiniano o imperador romano que se instalou em Constantinopla, encarregou o general Belisário de libertar os "Cristãos" do norte de África e Itália. Ele fez isto tendo em mente o específico propósito de ganhar o favor do papa e dos partidários católicos que estavam sofrendo severa perseguição às mãos dos reis arianos que lhes negavam a liberdade de praticar a sua religião.

"Procópio relata que a guerra africana foi empreendida por Justiniano para a libertação dos cristãos [católicos] nessa região, e que quando ele expressou a sua intenção a este respeito, o prefeito

do palácio esteve muito próximo de o dissuadir do seu propósito. Mas teve um sonho no qual ele era convidado a '[não se afastar] da execução do seu desígnio; pois auxiliando os cristãos, venceria o poder dos vândalos.' “ Daniel e Apocalipse, 127,128, por Uriah Smith.

Belisário atacou os vândalos no Norte de África com uma fúria tão impiedosa que a raça foi extinta. A campanha completou-se em 534. Anteriormente, em 493, os ostrogodos tinham destruído os hérulos e ocupado Roma onde impediram efectivamente o papado de tomar posse do poder. Tendo completado a sua missão contra os vândalos, Belisário voltou em seguida a sua atenção para os ostrogodos a quem destruiu em 538. O decreto de Justiniano, dando ao papa o assento do poder em Roma, era agora posto em prática, e um novo rei governava na Europa.

Assim, exactamente como especificado, ele levantou-se entre as dez, mas depois, três foram arrancadas pela raiz perante ele. Não há outro poder aparte do papado que preencha estes detalhes.

Nem há qualquer questão acerca do seu preenchimento nos outros pontos da profecia. Ele proferiu grandes coisas contra o Altíssimo com isso ele afirma que é Deus sobre esta Terra, e tem o poder para mudar ou modificar, a própria lei divina. Aqui está a sua arrogante pretensão nas suas próprias palavras:

"O papa é como se fosse Deus na Terra, único governador dos fiéis em Cristo, o maior de todos os reis, tendo todo o poder, a quem foi entregue pelo todo-poderoso Deus o governo dos reinos da Terra e do Céu.

"O papa tem tão grande autoridade e poder que pode modificar, explicar, ou interpretar a própria lei divina. “ *Ferraris, Prompta Bibliotheca*, Volume VI, 27,29. Veneza, 1772.

"O Altíssimo e abençoado chefe pontífice, papa Martin, pela divina providência o Quinto, que tem o juízo celestial, senhor da Terra, sucessor de Pedro, escolhido do Senhor, senhor do Universo, pai dos reis, luz do mundo." Saudação do Papa Martin V, enviada ao Patriarca e Imperadores em Constantinopla em 1492. In Baronius, *Ecclesiastical Annals*, Volume XXVII, 526, edição de 1874.

Para defender a sua reivindicação que possui o poder para mudar mesmo a lei divina, o papado aponta o seu maravilhoso sucesso em induzir milhões a observar o primeiro em vez do sétimo dia da semana como dia de adoração. Deve admitir-se que este é um notável feito e confirma que esta organização possui grande poder. Contudo, apesar de se admitir cândida e honestamente que ela possui grande poder, outra coisa é dizer que isto prova que o papado tem verdadeiramente capacidade para mudar a lei divina. O facto de milhões guardarem a lei instituída pelo papado em vez dos mandamentos de Deus, não é prova que os mandamentos de Jeová tenham sido mudados. Não foram, nem serão, pois nenhum homem, seja pontífice, ditador, déspota, presidente tem qualquer poder para efectuar mesmo a mais pequena mudança nas leis divinas.

Apesar disto, o blasfemo rei papal reivindica que de facto tem feito isto, Ele diz:

"Pergunta: Tendes alguma outra maneira de provar que a Igreja tem poder para instituir festas ou preceitos?

"Resposta: Se não tivesse tal poder, não teria feito aquilo com que todas as religiões modernas concordam - não poderia ter substituído a observância do domingo o primeiro dia da semana, pela observância do sábado o sétimo dia, uma mudança para a qual não há autoridade escriturístico." Reenan, *A Doctrinal Catechism*, 174. Terceira edição americana. Nova Iorque: Kenedy and Sons.

Esta evidência e muito que mais poderia ser dado, a fim de provar para além de dúvida que o papado proferiu grandes palavras contra o Altíssimo dando à sua cabeça humana títulos e posições que pertencem apenas ao Altíssimo. *

Em adição, as forcas papais fizeram tudo ao seu alcance para pisar os santos. Século após século, erigiram o cadafalso, acenderam as suas fogueiras, exilaram os cristãos, e pisaram-nos de todo o modo possível. Se não fosse a intervenção divina e a reacção que Roma pôs em movimento contra si mesma, o verdadeiro povo de Deus teria sido exterminado e o mundo destruído.

A esta abominação da desolação, seria dado o poder durante um período designado como "Tempo, tempos e metade de um tempo. “ Daniel 7:25. Então o julgamento assentar-se-ia para lhe tirar o seu poder e o destruir até ao fim.

É claro então, que o julgamento não se efectuaria até que o tempo, tempos e metade de um tempo terminasse. Portanto, para saber quando esperar a abertura deste acontecimento vitalmente importante, é necessário compreender quanto tempo é este período, quando começou, e quando finda. Uma vez que o ponto final tenha sido encontrado, a abertura do julgamento é conhecida como iminente.

Determinar a duração de tempo, tempos e metade de um tempo, é uma excelente oportunidade para deixar a bíblia ser o seu próprio intérprete. Isto realiza-se comparando as Escrituras onde a expressão é usada. Para além do versículo que usámos, há apenas mais alguns, encontrando-se o próximo em Daniel 12:6,7, onde é feita uma pergunta e a resposta dada. WE ele disse ao homem vestido de linho, que estava sobre as águas do rio: Que tempo haverá até ao fim das maravilhas?

“E ouvi o homem vestido de linho, que estava sobre as águas do rio, quando levantou a sua mão direita, e a sua mão esquerda ao céu, e jurou por Aquele que vive eternamente que depois de um tempo, de tempos e parte de um tempo, e quando tiverem acabado de destruir o poder do povo santo, todas estas coisas serão cumpridas.” Margem.

Desta referência um pouco mais se aprende. Onde o versículo no capítulo anterior usava a expressão, "metade de um tempo", este versículo chama-lhe aparte" de um tempo. Isto ainda não é suficiente para determinar a extensão total do período especificado, mas este problema resolve-se completamente em Apocalipse 12:6,14, onde a expressão é usada duas vezes com a suficiente adição de informação para esclarecer a questão. Aqui estão os dois versículos.

"E a mulher fugiu para o deserto, onde já tinha lugar preparado por Deus, para que ali fosse alimentada durante mil duzentos dias."

"E foram dadas à mulher duas asas de grande águia, para que voasse para o deserto, ao seu lugar, onde é sustentada por um tempo, e tempos, e metade de um tempo, fora da vista da serpente."

O segundo versículo é uma completa reafirmação do primeiro. E a mesma mulher, efectuando o mesmo voo para o mesmo deserto, onde é alimentada ou sustentada pelo mesmo período. O segundo versículo descreve a permanência da mulher no deserto com a mesma linguagem usada em Daniel 7:25 e 12:7 — tempo, tempos, e metade de um tempo enquanto o primeiro versículo declara serem 1260 dias. Este testemunho do mesmo período de tempo sob duas expressões diferentes não deixam duvida para o facto que tempo, tempos, e metade de um tempo, são a extensão de 1260 dias.

Isto significa que um tempo profético são 360 dias, tempos ou dois tempos iguais a 720 dias, e metade de um tempo, 180 dias.

Alguns comentadores têm declarado que um tempo é um ano judeu, mas isto não é assim, pois o ano judeu não tem 360 dias. O comprimento de um ano é determinado pelo tempo que a terra leva a fazer uma volta à volta do sol, que é o período de 365* dias, quer seja em Israel ou qualquer outra parte do mundo.

"O comprimento de cada mês foi determinado a partir da observação de testemunhas que relataram ter observado a lua no quarto crescente e que foram cuidadosamente interrogadas pelas autoridades (primeiramente talvez os sacerdotes e eventualmente o sínédrio), quanto à duração do ano variar entre 352 e 356 dias ou (se ano bissexto) 382 e 386 dias." Enciclopédia Britânica, Volume 4:624. Edição de 1963.

Na profecia bíblica um dia é o símbolo de um ano, assim 1260 dias são iguais a 1260 anos. Foi em 538 que o papado ascendeu ao trono deixado vago em Roma pelo vitorioso Belisário. Desde essa altura, a profecia declarou que ele governaria durante 1260 anos:

1798. Isto provou ser o caso, porque nesse ano a chaga mortal foi administrada quando o general francês, Bertier, marchou sobre Roma, levou o papa prisioneiro, e enviou-o para o exílio onde morreu miseravelmente. Por todo o mundo, se sentiu que o poder papal tinha acabado para sempre, se bem que as Escrituras avisavam que a chaga mortal havia de ser curada numa final recuperação da supremacia de Babilónia antes de todo o sistema ser banido para o completo esquecimento.

O fim da autoridade papal na Europa veio sem surpresa para aqueles que eram estudantes da profecia bíblica. Eles sabiam o que a expressão, "Tempo, tempos e metade de um tempo"

significava. Eles compreendiam que 538 era o ponto de in\$cio e que, portanto, o papa seria deposto em 1798. Quando chegou este dia, esperavam com confiança que estes acontecimentos tivessem lugar, e de facto eles aconteceram.

O rei Eduardo era um desses estudantes bíblicos que escreveu acerca destes acontecimentos como segue: “Temos razão em perceber que os 1260 anos estão agora completos. — e que nos podemos aventurar a datar o inicio desse período, não, como muitos comentadores têm até agora feito, nem desde que Pepino deu Ravena ao papa; nem desde que Carlos Magno determinantemente declarou ser o papa o vigário de Deus na terra; mas desde o fim do poder gótico em Roma. Porque não só aquelas outras circunstancias eram apenas (como subsequentes dons ou aquisições de territórios e rendimentos) meros aumentos de esplendor, mas também confirmações desse estado de Supremacia Eclesiástica, em que o Poder Papal tinha sido deixado, em Roma por Belisário, ao afastar os Godos, e destruir o seu reino.

"E se estas coisas são assim; - então verdadeiramente que a Grande Cidade Babilónia caiu, - caiu; - está derribada; e não mais se achará. E nada ficou, se não esperarmos, com terrível apreensão pelo fim. Mesmo para a realização de mais acontecimentos finais, que são, na linguagem simbólica da Santa Profecia, descrita como estando perto." Rei Eduardo, F.R.S., F.S.A., Notas Sobre os Sinais dos Tempos, 20,21 (Edição de Filadélfia, 1800). Citado em Profética Fé dos Nossos Pais, Volume II, 767,769, por L.E. Froom.

O rei Eduardo era apenas um do número de escritores que reconhecia e declarava o mesmo marco miliário no cumprimento da profecia - o final dos 1260 anos da supremacia papal, e o início do tempo do fim. Tão certamente como este acontecimento importante tinha passado, chegou o tempo para o inicio do julgamento, antes do qual Deus suscitaria um povo para proclamar o aviso da sua eminência.

A profecia de Daniel 7 não revela o ano específico no qual o julgamento devia começar. Isto é deixado para a visão seguinte; relatada em Daniel 8, onde é mostrado que o julgamento começaria no final dos 2300 anos.

E altamente significativo que enquanto os séculos se passavam subsequentes à ressurreição e ascensão de Cristo, ninguém entre o povo de Deus, ou qualquer outro quanto a isso, esperava que o julgamento começasse antes de 1798. O interesse dos filhos de Deus avançou através dos testemunhos proféticos à medida que cada parte chegava devidamente ao cumprimento. Por exemplo, aqueles que viveram durante os dias do poder romano sabiam que esse era o quarto império mundial após Babilónia, Medo-Pérsia e Grécia. Compreendiam que dez reis se levantariam entre os quais se levantaria o terrível anticristo, mas não entenderam que o seu horrivelmente cruel reino anticristão se estenderia por mais de mil anos nem compreenderam a natureza exacta deste anticristo.

Durante a Idade das Trevas quando o papado estava no auge do seu domínio sobre as mentes humanas, os reformadores apareceram um após outro à medida que Deus os suscitava. Com a mais penetrante clareza, reconheceram ser o papa de Roma o homem do pecado, e a sua organização a abominação da desolação com a coragem inspirada pelas vivas verdades que liam na certa palavra de profecia, abertamente denunciaram o monstro papal e instavam com os homens em toda a parte para escaparem da sua impiedosa tirania, mas ainda não compreendiam o significado da expressão, "e serão entregues na sua mão por um tempo, e tempos e metade de um tempo. “

Não foi senão quando isto foi devidamente cumprido que os crentes souberam exactamente o que estas palavras significavam e correctamente previram a queda do papa em 1798, uma vez isto cumprido, uma imediata mudança de interesse e estudo tomou lugar entre os cristãos de ambos os lados do Atlântico. Voltaram as suas atenções independente de qualquer influência de um grupo sobre o outro, para a profecia de Daniel 8 a Apocalipse 14.

LeRoy Edwin Froom observou isto na sua compreensiva descrição do desenrolar de interpretação profética. Ele escreveu acerca disso como se segue:

"Na passagem do século, contudo, duas remarcáveis se bem que intimamente relacionadas mudanças no estudo e no ênfase ocorreram no campo da interpretação profética - a mudança de

interesse de Daniel 7, com os seus 1260 anos, para Daniel 8 e o grande período dos 2300 anos; e segundo, de Apocalipse 13 para Apocalipse 14. Observai estes em maior detalhe.

"Durante os primeiros quatro séculos, Roma como o quarto poder mundial - Babilónico, Medo-Persa, e Macedónico, tendo já passado do campo visual - era o ponto focal de interesse profético contemporâneo na exposição de Hippolytus e outros primitivos intérpretes cristãos. No século seguinte as atenções mudaram-se para as dez pontas com os dez reinos bárbaros no território da antiga Roma como salientado por Sulpicious Severus e Jerónimo. Então, no fim do período medieval e na grande era da reforma protestante, o penetrante raio do claro reconhecimento e declaração estava sobre as onze pontas, ou Ponta Pequena, como o Papado - um identificação que se estabeleceu desde Eberhard de Salzburg, por volta de 1240. Isto foi declarado por Wyclif, Lutero, Knox, e muitos outros, e era agora tomado como axiomático entre todos os protestantes.

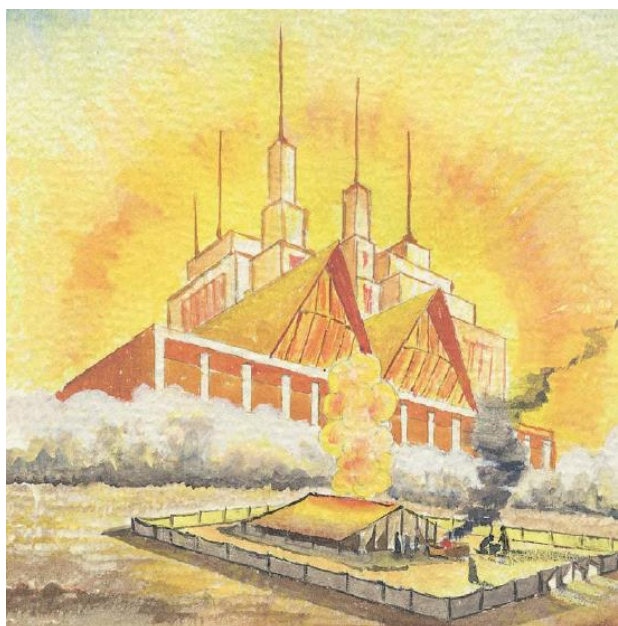
"O tempo determinado para o especial domínio espiritual do papado os 1260 anos-dias - tornou-se o ponto seguinte de prolongado interesse. Começando um século antes da revolução francesa, homens como Cressener, Fleming, Newton, e outros consideraram esse período como acabando por volta de 1800, ou pouco tempo antes.

"Então, seguindo o cativo do papa Pio VI, em 1798, houve amplo reconhecimento de ambos os lados do oceano Atlântico, a respeito do cumprimento do final dos fatídicos 1260 anos. (Ver Volume II). Assim ficavam apenas os acontecimentos finais de Daniel 7 para serem cumpridos ainda - com as solenes cenas do julgamento no fim do mundo.

"E agora veio a remarcável mudança do imediato interesse e estudo de Daniel 7 para Daniel 8 e a profecia dos 2300 dias. Entre várias interpretações que então surgiram - não apenas na Bretanha e Europa, mas estendiam-se até à África e mesmo até à Índia, e especialmente aqui na América - cerca de sessenta honestos estudantes da profecia, em várias denominações e áreas de linguagem, proclamaram este novo comentário, que os 2300 anos-dias deviam finalizar por volta de 1843.

1844, ou 1847, embora diferissem quanto aquilo que exactamente aconteceria. E só na Bretanha em mil púlpitos, é-nos dito, ecoavam esta discórdia, com grande número na América do Norte declarando a mesma coisa. Nunca houve coro semelhante desde que a interpretação profética começou." *A Profética Fé dos Nossos Pais*, Vol. IV, 207,208.

Esta maravilhosa mudança de interesse não foi accidental se bem que esses entusiásticos estudantes bíblicos não o compreendessem, o facto é que o espírito Santo estava a dirigir as suas mentes para este novo campo de interesse de modo a preparar as mentes para se juntarem num movimento divinamente preparado e guias se o povo através do qual anunciaria que a hora do julgamento tinha começado. Foi o estudo de Daniel 8 e Apocalipse 14, que produziu este movimento e assim executou a vontade de Deus. Estas Escrituras tornaram-se o fundamento e pilar central da fé do advento.



A Mensagem para o nosso Tempo
(Publicado na revista "The Messenger and News Review", Agosto 1983)

Capítulo 41

Os Tempos Proféticos – II

Tal como a atenção dos estudantes da Bíblia, em toda a parte foi desviada de Daniel 7 para Daniel 8, subsequentemente ao termo dos 1260 anos em 1798, assim a atenção será agora colocada no último destes dois capítulos.

A informação relatada pelo profeta no oitavo capítulo deste livro, foi dada na segunda visão que lhe foi concedida e foi a última a ser revelada durante a supremacia Babilónica. Foi

reinado de Belsazar que a mensagem veio a Daniel, e esta provou que eram os últimos meses de ofício do orgulhoso rei, apesar do facto de pensar que o trono lhe estava assegurado para o resto da sua vida. Mal imaginava, enquanto reunia os senhores e nobres para essa noite de orgia, que não veria desaparecer outro dia, nem compreendeu que tanto a súbita com a total destruição de Babilónia seria uma ilustração do modo como a manifestação final de Babilónia, num tempo ainda vindouro, tombaria para a eterna ruína.

Daniel 8 é um capítulo que deveria ser totalmente compreendido pelo povo de Deus no tempo presente. Portanto, um tratamento razoavelmente profundo será feito neste capítulo.

Em visão, Daniel encontrou-se "na cidadela de Susã, na província de Elão, e" ele "viu numa visão, e" ele "estava junto ao rio Ulai". Daniel 8:2.

Perante o seu surpreendido olhar apareceu um carneiro com duas pontas que, enquanto prosseguia o seu caminho de conquista, agindo à sua vontade, se engrandecia. Mas o seu domínio não seria um domínio eterno, pois veio por fim contra ele um bode muito agressivo com uma ponta muito poderosa entre os olhos. Daniel relatou que:

"... E dirigiu-se ao carneiro que tinha as duas pontas, ao qual eu tinha visto diante do rio, e correu contra ele com todo o ímpeto da sua força.

"E o vi chegar perto do carneiro, e irritar-se contra ele; e feriu o carneiro, e lhe quebrou as duas pontas, pois não havia força no carneiro para parar diante dele; e o lançou por terra, e o pisou a pés; não houve quem pudesse livrar o carneiro da sua mão.

"E o bode se engrandeceu em grande maneira; mas, estando na sua maior força, aquela grande ponta foi quebrada; e subiram no seu lugar quatro também notáveis, para os quatro ventos do céu." Versículos 6-8.

Não há dúvida acerca dos reinos representados por estes dois animais, o carneiro e o bode, pois o anjo disse a Daniel quais eram.

Eles eram os então futuros reinos Medo-Persa e Grécia, como está escrito:

"Aquele carneiro que viste com duas pontas são os reis da Média e da Pérsia;

"Mas o bode peludo é o rei da Grécia; e a ponta grande que tinha entre os olhos é o rei primeiro.

"O ter sido quebrada, levantando-se quatro em lugar dela, significa que quatro reinos se levantarão da mesma nação, mas não com a força dela." § versículos 20-22.

O primeiro grande rei da Grécia não era outro senão Alexandre o Grande, que morreu na primavera da sua vida devido a um ataque de febre surgido durante um grande banquete. Depois da sua morte, o reino não passou para os seus descendentes mas foi dividido entre os seus quatro generais. "Cassandro obteve a Macedónia e a Grécia no ocidente; Lisimaco ficou com a Trácia e as partes da Ásia no Helesponto e o Bósforo no norte; Ptolomeu recebeu o Egipto, Lídia, Arábia, Palestina, e Coele-Syria no sul; Selêuco ficou com a Síria e todo o resto dos domínios de Alexandre no oriente." "Daniel e o Apocalipse, 109, por Uriah Smith.

Tremendos como eram os acontecimentos que se deram no levantamento e queda dos impérios medo-persa e grego, não foram os mais momentosos e que mais despertaram a atenção na profecia. Outro poder devia surgir dentre as pontas depois delas se estabelecerem, e devia desempenhar uma parte na história da humanidade que teria o maior efeito sobre o verdadeiro povo de Deus.

"E de uma delas [das quatro pontas] saiu uma ponta mui pequena, a qual cresceu muito para o meio-dia, e para o oriente, e para a terra formosa.

"E se engrandeceu até ao exército do céu, e a alguns do exército, e das estrelas, deitou por terra, e as pisou.

"E se engrandeceu até ao príncipe do exército; e por ele foi tirado o contínuo, e o lugar do seu santuário foi lançado por terra.

"E o exército lhe foi entregue, com o contínuo, por causa das transgressões; e lançou a verdade por terra; fez isso, e prosperou." Versículos 9-12.

Daniel não desconhecia a situação profetizada nestes versículos, porque ela existia no seu próprio tempo. Babilónia, governada por Nabucodonosor e pelos reis que lhe sucederam, tinham feito todas estas coisas à igreja de Deus. O reino babilónico, que era o anticristo desse tempo, engrandeceu-se grandemente até ao exército do céu; tinha lançado por terra alguns do exército e das estrelas e tinha-os pisado; tinha-se enaltecido a si mesmo até ao Príncipe do exército e nunca de forma mais blasfema do que quando Belsazar bebeu vinho de Babilónia pelos vasos de ouro trazidos do santuário; tinha acabado com os sacrifícios diários; tinha derrubado o lugar do santuário de Deus; tinha deitado por terra a verdade; e fez isto e prosperou. Esta era uma perspectiva muito desencorajante para Daniel, para quem a causa de Deus era o dominante interesse da sua vida.

O profeta compreendeu que os impérios mundiais não se levantariam e cairiam em alguns meses. Portanto, ele sabia que séculos passariam antes que a Medo-Pérsia e a Grécia saíssem da cena de acção. Para além disso se levantaria o poder da ponta pequena durante o reinado da qual a igreja não seria o poder todo-conquistador no mundo, mas seria levada mesmo às piores dificuldades em vez de triunfante enquanto Daniel via este panorama das condições vindouras. A perspectiva era tão sombria que parecia não oferecer esperança para a igreja ser jamais um instrumento capaz de estabelecer a justiça eterna e dar um fim ao pecado. Pareceu ao profeta que as forças das trevas deviam para sempre triunfar enquanto a verdade e misericórdia seriam para sempre esmagadas no pó.

Para tornar as coisas ainda piores, o futuro parecia como se fosse uma desanimadora continuação do terrível passado. Deus havia chamado Abraão para ser o pai de uma poderosa nação através da qual Ele pudesse finalizar o grande conflito e restabelecer um pulsar de harmonia em todo o universo. Depois de muitos graves retrocessos, Jeová finalmente tinha a descendência de Abraão estabelecida na sua própria terra da qual Ele planeava que espalhassem a justiça a todas as nações da terra.

Para garantir o seu sucesso, Ele equipou-os com as vantagens necessárias para alcançarem a vitória desejada. Deu-lhes liberdade pessoal, o serviço diário, o santuário, e, mais importante de tudo, Cristo como seu Guia e Cabeça. O inimigo nada tinha para enfrentar o espantoso poder legado a Israel que tinha todas as promessas e projectos de serem os eficazes instrumentos de Deus para terminarem rapidamente a luta entre Cristo e ele mesmo.

Não importa quão desesperados os seus projectos pareçam, Satanás nunca desiste da batalha sem uma violenta luta, e ele sabia justamente para onde dirigir o seu ataque. Uma vez que Josué e os juizes que se seguiram foram para o seu repouso, Satanás induziu os israelitas a substituírem as específicas ordens de Deus para expulsarem os cananitas até estarem totalmente fora da terra, com o seu plano para construírem e consolidarem primeiro os seus proveitos. Tendo-se voltado para os seus próprios caminhos, os israelitas perderam muito do poder e protecção pessoal de Deus, e Satanás foi rápido em tirar partido da situação.

Ele dirigiu a invasão da terra ocupada pelo povo de Deus e, tendo-os vencido, prontamente lhes tirou as vantagens tão essenciais para o seu sucesso. Tirou-lhes a liberdade, tirou o continuo, derrubou o santuário, e exaltou-se a si mesmo em lugar de Cristo. Enquanto ele os pudesse manter nesta situação, sabia que não havia esperança de realizarem a missão a eles designada. Este ponto deve ser claramente visto, pois é essencial para a vitória. O povo através de quem o Senhor acabará a Sua obra será um povo livre; serão abençoados com o ministério diário do grande Sumo Sacerdote, cujo ministério no santuário celestial será claramente compreendido e aceite por eles; e nem Satanás nem os seus agentes na terra serão exaltados no lugar de Deus nas suas mentes e nos seus corações.

De todas as vezes que Deus levantou um campeão através de quem libertar o Seu povo do poder dos seus inimigos deu-lhes as mesmas coisas essenciais das quais Satanás os tinha privado. De todas as vezes que recuperaram estes poderes roubados, mostraram maravilhosa promessa de alcançarem o seu destino, mas isto não aconteceu muito antes da mesma história triste se repetir. O pior exemplo de todos foi quando a sua Apostasia os levou ao cativeiro em Babilónia. O povo foi privado da sua liberdade, o santuário foi feito num monte de ruínas, o continuo foi tirado e o homem do pecado foi exaltado acima do Príncipe do exército. Não havia possibilidade para os israelitas realizarem a sua missão enquanto estavam cativos nesta terra estrangeira.

Enquanto Daniel observava esta desanimadora história do passado, alongando-se naquilo que parecia um futuro sem fim, a pergunta que naturalmente veio à sua mente foi, até quando continuarão estas coisas? Se a obra tivesse que acabar alguma vez tinha que vir uma altura em que este modelo de sucesso e fracasso seria quebrado. Tinha que se levantar um povo que nunca mais seria privado das vantagens apenas pelas quais Deus pode completar a Sua obra através deles. Mas, quanto tempo passaria até que esse tempo chegasse? Foi nesta altura que Daniel ouviu a mesma pergunta ser feita. Ele disse:

"Depois ouvi um santo que falava; e disse outro santo àquele que falava: até quando durará a visão do continuo, e da transgressão assoladora, para que seja entregue o santuário, e o exército, a fim de serem pisados." Versículo 13.

A esta pergunta veio a imediata resposta, "E ele me disse: até duas tardes e manhãs e o santuário será purificado. "

· - - - -
Versículo 14.

Nunca deve ser esquecido que Daniel 8:14 é a resposta à pergunta feita no versículo anterior. Essa pergunta foi respondida no contexto global da história, não apenas dentro do tempo limitado espaço

de tempo do poder da ponta pequena, e foi respondida no mesmo contexto. Por outras palavras, a pergunta não foi, como muitos supõem: por quanto tempo o poder da ponta pequena continuar ia a fazer estas coisas?

Aqueles que interpretam o versículo deste modo, acrescentam as Escrituras, de modo que o versículo para eles se lê assim: "Quanto tempo durará a visão relacionada com o contínuo e a transgressão da desolação, para entregar o santuário e o exército a fim de serem pisados pelo poder da ponta pequena?" Se o versículo tivesse sido escrito assim, então os 2300 anos não podiam começar até que o poder da ponta pequena tirasse o contínuo e iniciasse a abominação da desolação em seu lugar. De acordo com Daniel 12:11, esse acontecimento teve lugar em 508 d.C. Se o poder da ponta pequena devia continuar por quase 2500 anos para além desse ponto, então a purificação do santuário não começaria antes do ano 2808 que está quase mil anos no futuro.

Mas estas palavras não estão escritas no versículo nem são sugeridas. A questão na verdade é: Por quanto tempo continuará o padrão das coisas que começaram quando Deus deu o santuário e o seu ministério ao Seu povo, com interminável regularidade através dos sucessivos séculos, e apesar disso serem mantidos pela vinda do poder da ponta pequena? E no contexto do padrão global da história que a pergunta é feita, não nos estreitos limites de um poder.

Assim o final da profecia dos 2300 anos marcam o ponto de tempo em que Babilónia não mais manterá o povo de Deus em escravidão, não mais lhes tirará o contínuo, nem derrubará o local do verdadeiro santuário do Senhor, ou se exaltará a si mesma acima do Príncipe do exército nas suas vidas. O padrão não pode continuar para sempre. Está quebrado e, tão certamente como está, a obra pode por fim ser finalizada. O povo de Deus necessita apreciar totalmente a maravilhosa certeza dada na resposta, "Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado."

Mais confirmação do fim do poder de Babilónia sobre os santos é dada em Daniel 12:6-12. De novo uma pergunta é feita, e uma resposta dada.

"E ele disse ao homem vestido de linho, que estava sobre as águas do rio: que tempo haverá até ao fim das maravilhas?"

Quais são as maravilhas a que se faz referência neste versículo?

A pergunta foi feita depois de terem sido mostradas a Daniel as sucessivas visões a ele concedidas, nas quais ele viu a quase contínua supremacia dos perversos poderes das trevas sobre a igreja. Isto é algo em que se deve meditar pois o reverso devia ter sido sempre o caso, como um momento de consideração confirmará.

Quando Deus deu a Israel a sua comissão, as ilimitadas fontes do céu estavam à Sua disposição e não havia possibilidade dos israelitas jamais conhecerem derrota se mantivessem uma viva ligação com o seu Senhor e permanecessem na Sua vontade. Colocados contra eles estavam poderes que eram insignificantes em comparação e não seria surpreendente se o exército de Jeová tivesse levado rapidamente o grande conflito a um termo satisfatório. O que é de surpreender em toda a história é que as forças mais fracas de Satanás estiveram quase continuamente no comando. Aquelas repetidas vitórias as quais o inimigo nunca devia ter ganho são as maravilhas acerca das quais a pergunta é feita: "Que tempo haverá até ao fim das maravilhas?"

"E ouvi o homem vestido de linho, que estava sobre as águas do rio, quando levantou a sua mão direita, e a sua mão esquerda ao céu, e jurou por Aquele que vive eternamente que depois de um tempo, de tempos e metade de um tempo, e quando tiverem acabado de destruir o poder do povo santo, todas estas coisas serão cumpridas. " Versículo 7.

O "Tempo, tempos, e metade de um tempo" acabaram em 1798, anos que marcou a queda de Babilónia quando a chaga mortal foi desferida. O santuário devia permanecer pisado a pés até 1844, mas com esta queda do papado, o fim destas maravilhas tinha sido alcançado. Um novo dia tinha começado, pois, se bem que Babilónia se levantasse da desolação do abismo profundo ela será totalmente incapaz de vencer e subjugar a última igreja de Cristo. Desta vez o exército do Senhor será vitorioso e fará o que Israel devia ter feito há milénios.

Contudo, Daniel não compreendeu a resposta, assim repetiu a pergunta. Disse:

"E eu, pois, ouvi, mas não entendi; por isso eu disse: Senhor meu, qual será o fim destas coisas?"
Versículo 8.

A resposta apontou a mesma data, mas de um ponto inicial diferente, o tempo em que o contínuo foi tirado e a abominação da desolação estabelecida.

"E ele disse: Vai, Daniel, porque estas palavras estão fechadas e seladas até ao tempo do fim.

"Muitos serão purificados, e embranquecidos, e provados; mas os Ímpios procederão impiamente, e nenhum dos ímpios entenderá, mas os sábios entenderão.

"E desde o tempo em que o contínuo for tirado, e posta a abominação desoladora, haverá mil duzentos e noventa dias.

"Bem-aventurado o que espera e chega até mil trezentos e trinta e cinco dias. “ Versículos 9-12.

O fim destas maravilhas, ou destas coisas, está fixado em 1798, uma data que vai além do tirar o contínuo e do estabelecimento da abominação desoladora 1290 anos. Foi portanto antes em 508 que estas coisas terríveis foram feitas, que, depois de 1798, nunca mais podiam voltar a acontecer. O que é que foi que essa resposta ao tirar o contínuo e pôr a abominação tornou desolado?

Com o declínio do império romano, os reis bárbaros, que eram defensores do arianismo e opostos à religião católica romana, estavam determinados a estabelecer a sua supremacia no mundo. Se o tivessem feito, o papado nunca se teria tornado a força dominante que na história, de facto se tornou. Mas houve outro acontecimento que mudou o resultado. Foi a conversão ao catolicismo de Clóvis, rei dos francos em 496. Ele que tinha sido a maior ameaça do papa tornou-se agora o seu mais forte aliado e, em 508, através da conquista dos Visigodos decidiu que poder governaria na Europa. A batalha decisiva teve lugar em 507, com todo o efeito sendo sentido no ano seguinte. O papado estava agora livre para erigir a abominação que faz a desolação e de privar o povo do ministério contínuo do seu amoroso Sumo Sacerdote no santuário celestial. 1290 anos mais tarde, o seu poder seria quebrado, como muito certamente o foi em 1798.

Deve ser salientado que, enquanto tempo, tempos, e metade de um tempo, põe um fim às maravilhas a bênção total não é realizada até que a verdade da completa purificação e restauração do santuário venha ao povo de Deus. Portanto, a bênção está naqueles que esperam e chegam a 1843, o fim dos 1335 quando esta maravilhosa luz sobre estas coisas foi revelada à igreja. Aqueles que esperaram e receberam este conhecimento estavam a preparar-se para a porta aberta que foi posta perante eles no final dos 2300 anos.

A resposta dada em Daniel 8:14 não apenas confirma que a última igreja seria permanentemente emancipada no fim deste período, mas também apontava para a abertura do juízo investigativo no céu e explica porque o Senhor escolheu não começar esta importante obra antes deste tempo.

Na realidade não foi possível a Deus abrir a porta do julgamento antes das maravilhas terem acabado e o santuário celestial restaurado ao seu lugar verdadeiro, porque a obra no lugar santíssimo requer que os súbditos do julgamento sigam o seu Sumo Sacerdote pela fé enquanto ele vai perante Deus em seu favor. Tão completamente foi a obra de Cristo no santuário celestial envolta em trevas do povo eleito durante a Idade das Trevas, que teria sido impossível então para eles cooperar com o seu Mediador numa obra de julgamento. Ensinando que toda a igreja católica romana era o antítipo do santuário do Velho Testamento, os padres derrubaram o lugar do Seu santuário do Céu para esta Terra. Isto permitiu-lhes que substituíssem o ministério de Cristo pelo de meros mortais - a exaltação da humanidade acima do Príncipe dos príncipes - e assim atrasar a abertura do julgamento.

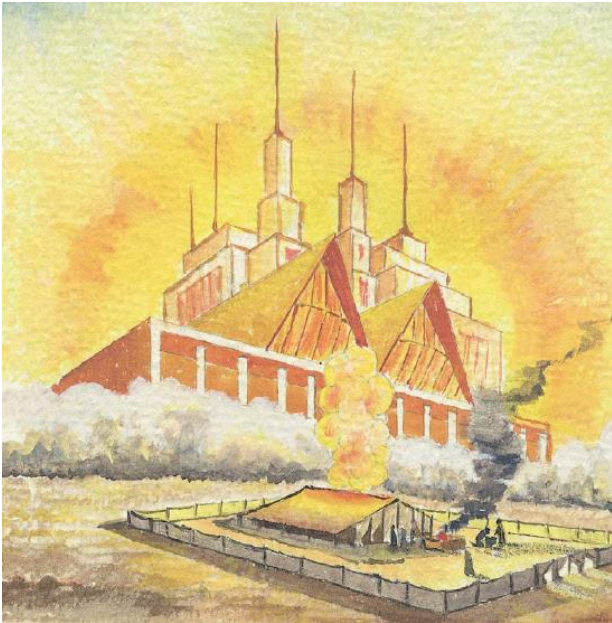
Podemos descansar no facto que a verdade do santuário nunca outra vez será tirada aos filhos da luz. Mesmo apesar de muitos que começaram a caminhar nos caminhos de Deus caírem antes do fim, haverá sempre um remanescente que se apegarão às mensagens que Deus enviou para finalizar a obra, e isto é a garantia que estamos vivendo no tempo do fim. Esta é uma mudança recebida com agrado do padrão do passado em que cada Apostasia resultou na perda do santuário e seus serviços. Por exemplo, quando a igreja apostólica caiu, a verdade do santuário estava tão completamente perdida que era como se nunca tivesse sido conhecida. O livro do Hebreus permaneceu através da Idade das Trevas um livro fechado.

Outra vez, quando Cristo estava sobre a terra, os judeus estavam muito afastados de Deus, os romanos estavam no poder, e, enquanto os hebreus continuavam a realizar os serviços sacrificais, não tinham concepção do significado daquilo que estavam fazendo. O santuário tinha sido completamente lançado por terra nas suas mentes e o diário tinha sido tirado.

Não foi muito depois do povo adventista ter tomado o facho da verdade e visto o santuário e o seu Sumo Sacerdote restaurados aos seus verdadeiros lugares, que eles começaram a decair na obscura Apostasia. A história do passado indicaria que neste ponto, uma vez mais, o santuário seria derrubado do seu verdadeiro lugar, o diário tirado, e o povo de Deus colocado sob a escravidão de Babilônia.

Mas não tem sido assim.

Pelo contrário, um piedoso remanescente têm-se apegado à salvadora verdade do santuário, está experimentando o diário como um poder vivo para os salvar dos seus pecados, e não estão permitindo que ninguém senão Cristo ocupe as posições que Lhe pertencem. Isto prova que a Palavra de Deus é verdadeira e de confiança. As maravilhas estão acabadas. O santuário restaurado ao seu verdadeiro lugar. O poder do homem do pecado quebrado. Nunca outra vez levará ele o povo de Deus à servidão.



A Mensagem para o nosso Tempo
(Publicado na revista “The Messenger and News Review”, Outubro 1983)

Capítulo 42

Os Tempos Proféticos – III

É agora necessário identificar mais positivamente o poder da ponta pequena que faz coisas terríveis contra a causa e o povo de Deus. Enquanto a interpretação da profecia refere especificamente os poderes simbolizados pelo carneiro e pelo bode, não o faz em relação à ponta pequena. Contudo, a evidência dada é mais do que suficiente para identificar quem é este rei ímpio.

A identificação de poderes simbolizados na profecia bíblica é uma ciência perfeita. Métodos negligentes não obterão respostas correctas. O estudante da Bíblia pode ficar satisfeito por encontrar a mensagem que Deus planeou para ele apenas quando encontra os poderes que estão de acordo com toda a especificação ali estabelecida. Se isto é feito cuidadosa e honestamente, pode estar certo que tem as respostas certas.

O poder da ponta pequena de *Daniel* 8:9-12, levantou-se depois do império grego se ter dividido em quatro reinos — um desenvolvimento que se completou em 311 A.C., pouco depois da morte de Alexandre em 323 A.C.

Ao fazê-lo cresceu de grande maneira, em comparação com a Medo-Pérsia que se tornou grande e o bode que se tornou muito grande. Estas expressões são obviamente relativas, como são todas as comparações. Por exemplo, o escaravelho gigante medindo dez centímetros de comprimento, é um insecto muito grande quando comparado com uma pequena formiga, mas é uma pequena criatura quando colocado ao lado de um elefante. O nosso Sol é um grande corpo celeste quando comparado com a Terra, mas é extremamente pequeno quando comparado com algumas das estrelas gigantes do espaço.

Em *Daniel* 8, o padrão de comparação é estabelecido quando Medo-Pérsia é descrita como sendo grande. A Grécia devia ser ainda maior, pois está descrita como sendo muito grande, ao passo que o

poder da ponta pequena devia ser o maior dos três poderes, porque, em comparação com os outros, era muitíssimo grande.

Visto que a Medo-Pérsia era um império grande e a Grécia um império ainda maior, o poder da ponta pequena não podia ser nada menos do que outro império mundial. Apenas um reino vindo depois da Grécia se qualifica para esta posição e esse era Roma tanto na sua forma pagã como na forma papal.

Na sua ambiciosa e arrogante pretensão do domínio mundial, devia mover-se primeiro para o sul, depois para o oriente e por fim em direcção à terra formosa que é Israel. Ver o versículo 9. Esta não é a sequência mais natural. Esperar-se-ia que, depois de estabelecer o seu poder no Egipto, se movesse naturalmente para a Palestina e depois para o oriente, mas isto não foi o que aconteceu. Em primeiro lugar dirigiu-se para o Egipto, depois para o oriente e finalmente para a Palestina.

Seguidamente "... se engrandeceu até ao exército do céu; e a alguns do exército, e das estrelas, deitou por terra, e as pisou." Versículo 10 .

Mais comentário é feito acerca disto quando o anjo explicou ao profeta o que estas palavras significavam. Ele disse: "Mas, no fim do seu reinado, quando os prevaricadores acabarem, se levantará um rei, feroz de cara, e será entendido em adivinhações.

"E se fortalecerá a sua força, mas não pelo seu próprio poder; e destruirá maravilhosamente, e prosperará, e fará o que lhe aprouver e destruirá os fortes e o povo santo." Versículos 23, 24.

O exército é constituído pelo povo do Senhor e as estrelas são os ministros que Cristo apontou para instruir o Seu rebanho. O mesmo simbolismo é usado e explicado em *Apocalipse* 1:16, 20.

"E Ele tinha na Sua dextra sete estrelas.... As sete estrelas são os anjos das sete igrejas."

"'Isto diz Aquele que tem na Sua destra as sete estrelas.' Apoc. 2:1. Estas palavras são ditas aos que ensinam na igreja—aqueles a quem Deus confiou pesadas responsabilidades. As suaves influências que devem abundar na igreja têm muito que ver com os ministros de Deus, os quais devem revelar o amor de Cristo. As estrelas do céu estão sob Seu controle. Ele as ilumina com Sua luz¹. Guia-as e dirige-lhes os movimentos. Se Ele não fizesse isto tornar-se-iam estrelas caídas. Assim é com Seus ministros. Eles são apenas instrumentos em Suas mãos, e todo o bem que realizam é feito por meio de Seu poder. Através deles deve a Sua luz brilhar. O Salvador deve ser a sua eficiência. Se olharem para Ele como Ele olhava para o Pai, serão habilitados a fazer a Sua obra. Ao fazer de Deus o Seu arrimo, Ele lhes dará Seu resplendor para o refletirem sobre o mundo." *Actos dos Apóstolos*, 586, 587.

Alguns destes ministros e alguns do exército que deviam ensinar os princípios divinos seriam deitados por terra, ou, por outras palavras, voltarem para o pó de onde vieram.

Não há necessidade de contar de novo aqui factos e ilustrações que relatam a desenfreada perseguição que os poderes pagão e papal dirigiram contra os cristãos. Milhões dos verdadeiros filhos de Deus pereceram. Ministros e povo foram lançados aos leões, queimados vivos, decapitados, exilados, escravizados, torturados, sepultados com vida, ou mortos nas florestas e nos campos para onde se tinham retirado a fim de adorar o Deus a quem amavam e serviam. O mais impressionante é que, em vez de enfraquecerem ou destruírem a igreja, esta carnificina apenas serviu para a fortalecer. O sangue da matança foi semente que brotou em abundância. No fim provou que foi o perseguidor e não o perseguido, que ficou privado de poder. Nunca ninguém foi ainda bem sucedido em se exaltar a si mesmo derrubando os outros, apesar de inicialmente parecer ser bem sucedido.

Nenhum poder na terra igualou Roma pagã e Roma papal na sua determinação para exterminar toda a oposição ao seu regime. O resultado foi que literalmente milhões de cristãos foram forçados a darem as suas vidas em vez de abandonarem a sua fidelidade à causa de Deus. Pode argumentar-se que grandes ditadores como Hitler foram do mesmo modo impiedosos e isto é verdade, mas o seu regime durou apenas alguns anos, enquanto a destruidora, fúria ardente de Roma devastou a igreja por quase dois milénios.

¹ Estudar as estrelas do céu de *Ezequiel* 14 porque aí também se deve referir aos ministros (anjos)

Aqueles que impõem sofrimento e destruição contra o povo de Deus são olhados por Deus como se o estivessem a fazê-lo a Si mesmo, se bem que isto não queira dizer que Ele adopte uma disposição rancorosa ou vingativa. Os homens estão totalmente enganados quando pensam que, ao destruírem os cristãos, estão fazendo um serviço a Deus. O sangue dos mortos fica pesadamente sobre o perseguidor e ele será obrigado a pagar com acréscimo quando o dia do ajuste chegar. Verá então que a sua exaltação própria sobre o Príncipe dos exércitos foi imaginária e não real.

“E se engrandeceu até ao príncipe do exército; e por ele foi tirado o contínuo, e o lugar do seu santuário foi lançado por terra.

“E o exército lhe foi entregue, com o contínuo, por causa das transgressões, e lançou a verdade por terra; fez isso, e prosperou.

“E pelo seu entendimento também fará prosperar o engano na sua mão, e no seu coração se engrandecerá, e por causa da tranquilidade destruirá muitos, e se levantará contra o príncipe dos príncipes; mas sem mão será quebrado.” *Daniel* 8:11, 12, 25.

A palavra “sacrifício” foi omitida destes versículos porque não se encontra no texto original. Isto é indicado em muitas Bíblias impresso em itálico. Os tradutores juntaram a palavra porque pensaram que o sentido assim o requeria, mas estavam enganados.

O Espírito de Profecia confirma do seguinte modo que é uma palavra acrescentada: “Vi então em relação ao ‘contínuo’ [Daniel 8:12], que a palavra ‘sacrifício’ foi suprida pela sabedoria humana, e não pertence ao texto, e que o Senhor deu a visão correcta àqueles a quem deu o clamor da hora do juízo. Quando houve união, antes de 1844, quase todos eram unânimes quanto à maneira correcta de se entender, o ‘contínuo;’ mas na confusão desde 1844, outras opiniões têm sido abrigadas, seguindo-se trevas e confusão.” *Primeiros Escritos*, 74, 75.

O ponto de vista mantido durante a reforma era que “o contínuo” se referia ao ministério contínuo de Jesus Cristo no santuário celestial. Este ponto de vista era mantido por O. R. L. Crosier, que é descrito como tendo “a verdadeira luz, acerca da purificação do santuário”. *A Word to the Little Flock*, 12. James White mantinha o mesmo ponto de vista que Crosier, mas diferente de William Miller e Uriah Smith que acreditavam que “o contínuo” se referia ao paganismo.

Não é surpreendente que William Miller não compreendendo claramente o que era a purificação do santuário adoptasse esta ilustração errada. Uriah Smith mais técnica que espiritualmente aproximou-se de *Daniel* e *Apocalipse* e isso levou-o à conclusão errada neste ponto, como o fez em outras áreas vitais tal como a identificação do rei do norte e o verdadeiro conceito de Armagedão.

As profecias de *Daniel*, como as de *Apocalipse*, estão relacionadas com a luta entre Cristo e Satanás. Portanto, aquilo que se descreve como feito pelo homem do pecado, são os seus ataques contra a obra e ministério de Cristo no Céu e na Terra. É o lugar do santuário de Cristo que é lançado por terra e é o Seu ministério diário ou contínuo que foi tirado ao povo. A profecia não admite qualquer outra interpretação que não esta.

O papado tem tirado o contínuo e derrubado o lugar do santuário de Cristo ensinando que cada igreja Católica Romana é o antítipo do santuário do Antigo Testamento, substituindo o ministério de Cristo em cima pelo ministério de sacerdotes terrestres. Assim a atenção do povo foi desviada do poder salvador celestial para os efeitos destruidores do terrestre.

Testemunhos de autores da igreja Católica Romana já foram citados num capítulo anterior para provar o facto que o papado se exaltou a si mesmo acima do Deus do Céu. A sua determinação para governar sobre o homem no lugar de Deus é o que faz Babilónia ser o que é. Esta é uma violação muito séria dos princípios básicos da ordem e organização divina e a fonte de toda a crueldade, corrupção, dano e morte. É a abominação que faz a desolação e nada há que o Senhor deteste mais ardentemente do que este sistema.

Muito tempo podia ser devotado a examinar estes vários testemunhos identificando a obra e carácter do poder da ponta pequena, mas já foi dito o suficiente para confirmar que há apenas um poder que preenche a descrição e que é Babilónia na sua forma pagã e papal.

Resta agora determinar o ponto inicial e final dos dois mil e trezentos anos, no fim dos quais o poder de Babilónia para tirar o contínuo e deitar por terra o santuário estaria para sempre quebrado e viria o tempo em que o julgamento começaria.

Nenhuma explicação do ponto inicial e final deste importante período de tempo é dada em *Daniel* 8, apesar do facto que o anjo Gabriel recebeu ordem para explicar toda a visão ao profeta, como está escrito: “E ouvi uma voz de homem nas margens do Ulai, a qual gritou, e disse: Gabriel, dá a entender a este a visão.” Versículo 16.

O carneiro, o bode, o primeiro rei, os quatro reis, e o poder da ponta pequena estão todos explicados, mas quando o anjo começa a falar para demonstrar o significado do elemento tempo na profecia, Daniel estava fisicamente incapaz de suportar mais e o anjo teve que deixar para mais tarde a explicação desta parte da visão.

Não é de surpreender que Daniel desfalecesse quando viu a terrível revelação da história do futuro na qual a igreja seria oprimida por tanto tempo e a obra de Deus atrasada para além do tempo em que devia ser finalizada. Era uma prova física muito difícil para o profeta.

Uma vez tive pena que a explicação do elemento tempo tivesse que ser deixada para o capítulo seguinte. Lamentei que o Senhor não tivesse abençoado Daniel com força para suportar aquilo que lhe estava a ser mostrado, mas, agora estou muito grato pelo adiamento da resposta, pois, por esse meio foi dada uma maior revelação que de outro modo não teria sido possível. A experiência ensinou-me de novo que não há aperfeiçoamento nos caminhos de Deus. Eles são perfeitos em todos os pormenores.

Pouco depois de Daniel se ter provado emocionalmente incapaz de suportar as terríveis revelações descritas em *Daniel* 8, chegou o fim do reino babilónico. Numa noite foi reduzida à maior desolação e ruína da qual nunca devia recuperar. Para o profeta, este foi um momento de nova esperança e melhores expectativas. Ele compreendeu a profecia, transmitida através de Jeremias, que setenta anos finalizariam a supremacia babilónica e ele esperava que fosse permitido aos israelitas que regressassem, reconstruíssem o templo e re-instituísssem os seus serviços.

Mas os meses passaram e esses acontecimentos não tiveram lugar. Compreendendo a natureza condicional de algumas profecias, Daniel receou que de novo o seu povo tivesse frustrado os propósitos de Deus como tinham feito muitas vezes em tantas ocasiões. Houve o tempo em que, por exemplo, o Senhor tencionava guiá-los directamente para a terra prometida, mas, quando chegaram a Cades-Barneia, mostraram uma incredulidade e espírito de rebelião que tornou isto impossível.

Reconhecendo a possibilidade que isto acontecesse de novo, Daniel fez uma das mais notáveis orações de confissão de que há registo. Em favor do seu povo, confessou os pecados que os levaram ao cativo e que ele receava os impedisse de serem libertados da escravidão. Teria sido bom se todos os judeus se tivessem unido a ele na sua oração.

Essa poderosa petição, proferida pela inspiração do Espírito Santo e misturada com o incenso da imaculada justiça de Cristo, ascendeu ao Pai, que prontamente ordenou que Gabriel comunicasse a informação que não apenas respondia à questão acerca do futuro dos judeus, mas também explicava a profecia dos dois mil e trezentos dias. Uma resposta serviu para ambas as perguntas — um facto que torna a luz dada em *Daniel* 9 muito mais valiosa. A Daniel foi dado o conselho “...toma sentido na palavra, e entende a visão”. *Daniel* 9:23.

O “sentido” e a “visão” são duas coisas diferentes e não devem ser confundidas entre si.

O sentido na mente de Daniel era o futuro do seu povo e isto estava intimamente ligado com a profecia dada por Jeremias e relatada em *Jeremias* 25:12. Deviam eles ser libertados agora que os setenta anos do domínio de Babilónia estavam finalizados, ou, por causa de falharem em arrepende-se verdadeiramente dos pecados que os colocaram ali, deviam permanecer sob o governo da Medo-Pérsia por mais um período de tempo?

A visão referida não era a mesma revelação da verdade, pois a mensagem dada por Jeremias não veio em forma de visão. A palavra do Senhor foi anunciada pelo profeta sem ter visto bestas, águas,

pontas, etc. Portanto, a única visão à qual se podia fazer referência neste caso era a parte não explicada de *Daniel* 8.

Há outra evidência para confirmar isto. Tinha sido ordenado a Gabriel “... dá a entender a este a visão”. *Daniel* 8:16. Assim era sua responsabilidade explicar toda a visão. Quando se lhe tornou impossível fazer isto tudo de uma vez, teve que completar a tarefa mais tarde quando a oportunidade de novo lhe foi proporcionada. Isto aconteceu quando Daniel estava absorvido com o problema da profecia de Jeremias.

O facto é que se, em *Daniel* 9, Gabriel não completou a sua missão de explicar tudo sobre a visão, não conseguindo assim cumprir totalmente a ordem do Senhor, pois não há outro lugar na Escritura onde ele transmitiu a interpretação necessária. Era aqui ou em nenhum outro lado. Isto quer dizer que se uma pessoa não pode aceitar *Daniel* 9 como a explicação de *Daniel* 8:14, então deve tomar a posição que *Daniel* 8:14, nunca foi explicado e deixar assim o assunto. Aqueles que rejeitam a relação entre os dois capítulos e ainda assim tentam explicar *Daniel* 8:14, podem oferecer apenas uma interpretação humana na falta de revelação divina do que aquilo significa. Não é apenas uma interpretação em que não se pode confiar, mas é também perigosamente enganadora. Nenhum verdadeiro filho de Deus pode dar-lhe o menor crédito.

O poderoso anjo do céu informou o profeta que “Setenta semanas estavam determinadas sobre o seu povo, e sobre a sua santa cidade, para extinguir a transgressão, e dar fim aos pecados, e para expiar a iniquidade, e trazer a justiça eterna, e selar a visão e a profecia, e para unguir o Santo dos santos”. *Daniel* 9:24.

Por quase 2.000 anos antes dos dias de Daniel, os israelitas guardaram o santo concerto e era deles a responsabilidade de transmitir a luz a todas as nações da Terra. Repetidamente trocaram os interesses de Deus pelos seus próprios interesses e consecutivamente caíram em apostasia, mas o Senhor perdoou-lhes e restaurou-os. Isto ocorreu tão repetidamente que parecia que o processo continuaria para sempre. De facto, os guias começaram activamente a promover a ideia que a missão dos judeus nunca poderia ser-lhes retirada, independentemente de quão indignos se pudessem tornar.

Mas, Deus declarou-lhes claramente que havia um limite, um tempo de prova para além do qual não podiam ir. Se não pusessem um fim aos pecados e alcançassem justiça eterna nessa altura, então o lugar especial que ocupavam seria dado a outro povo. Isto não seria por causa de Deus se tornar impaciente com eles, mas porque se tinham mostrado incapazes de jamais fazerem a vontade de Jeová. O Senhor não teria outra opção senão reconhecer a irreversível separação que os próprios judeus tinham estabelecido e então procurar outro povo através do qual faria o que poderia ter feito através deles.

O ponto de início deste período de provação era “... a saída da ordem para restaurar e edificar Jerusalém”. Versículo 25. Foram necessários três decretos para que esta especificação fosse realizada. O primeiro foi feito pelo rei Ciro para a reconstrução da casa de Deus, em 536 A.C. *Esdras* 1:1-4. O segundo, feito por Dario em 519 A.C., removeu obstáculos colocados aos trabalhos e assim confirmou o primeiro decreto. *Esdras* 6:1-12. O terceiro foi feito por Artaxerxes em 457 A.C. e deu aos judeus total restituição dos seus direitos como nação. *Esdras* 7. Por estes três éditos, a ordem para reconstruir e restaurar a cidade foi completada e o tempo chegou para o começo dos 490 anos.

Esta é a mais comprovada de todas as profecias, pois tem um específico ponto de partida e igualmente pontos de verificação definidos no seu trajecto. Como nenhuma outra profecia, esta confirma o princípio dos dias-anos de interpretação profética.

Sessenta e nove semanas ou 483 anos depois de 457 A.C., o Messias devia aparecer e confirmar o concerto por uma semana, assegurando assim aos judeus que, apesar da profundidade da apostasia em que tinham caído, se somente mostrassem arrependimento e colocassem a sua vida em harmonia com Deus, podiam ainda ser o Seu povo escolhido.

No meio da semana, Ele devia ser tirado, ou crucificado, pelo Seu povo.

Os acontecimentos tomaram lugar precisamente no tempo especificado.

Jesus começou o Seu ministério em 27 D.C.; Foi morto três anos e meio depois, em 31 D.C.; e o tempo de provação para o povo judeu como nação acabou em 34 D.C. Nunca mais a partir daí voltaria a obter o seu estado de povo escolhido. Isto é assegurado pelo último versículo do capítulo.

“E Ele confirmará um concerto com muitos por uma semana; e na metade da semana fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares; e sobre a asa das abominações virá o assolador, e isso até à consumação; e o que está determinado será derramado sobre o assolador.” *Daniel 9:27*

A pergunta é: O que é que Ele torna desolado?

O assunto desta profecia é a “santa cidade” e o “povo judeu”, a quem o tempo de provação fora oferecido. O Senhor, contudo, sabia de antemão que eles iriam falhar, e, nesse seguro conhecimento, relata o que iria acontecer no final a essa “santa” cidade. Pelo desenvolvimento das abominações ficaria desolada até à consumação quando aquilo que está determinado será derramado sobre o assolador.

A consumação de todas as coisas não vem senão no fim do milénio, contudo, mesmo até essa altura, Jerusalém devia permanecer um local desolado coberto pela abominação que faz a desolação. Nunca de novo podia ela ser a habitação do Espírito Santo de Deus, nem podiam os judeus jamais ser o canal de luz para o mundo.

“A cidade de Jerusalém não mais é um lugar sagrado. A maldição de Deus está sobre ela por causa da rejeição e crucificação de Cristo. Uma negra mácula de culpa repousa sobre ela, e nunca mais será um lugar sagrado até que tenha sido limpa pelos fogos purificadores do céu. Na altura em que esta terra amaldiçoada pelo pecado é purificada de todo o traço de pecado, Cristo de novo estará de pé sobre o monte das Oliveiras. Quando os Seus pés pousarem sobre ele, fender-se-á pelo meio, e tornar-se-á uma grande planície, preparada para a cidade de Deus.” *The Review and Herald*, 30 de Julho de 1901.

Ao contrário da luz dada a Daniel, aqueles ministros e povo que estão nas igrejas de Babilónia onde há uma grave falta de conhecimento a respeito das profecias contidas em *Daniel* e *Apocalipse*, acreditam que haverá uma restauração dos judeus à sua posição de mensageiros de Deus há tanto tempo perdida e na realidade eles dão ênfase a este ponto de vista à medida que entramos no conflito final. Contudo, o verdadeiro crente compreenderá que o dia de prova para Jerusalém passou e nem a cidade nem a terra serão outra vez o centro da obra de Deus.

A instrução dada por Deus através de Gabriel em *Daniel 9* não pode ser vista excepto no contexto do período dos dois mil e trezentos anos. Esta é a razão pela qual o anjo dirigiu a atenção do profeta para esta porção não explicada da visão anterior antes de dar os pormenores do período de 490 anos. Portanto, nós também devemos estudar *Daniel 9* como sendo a explicação de *Daniel 8:14*. Qualquer que o estude de outro modo fracassará em compreender a mensagem tão essencial para o nosso presente e eterno bem-estar.

Conclui-se então que os 490 anos eram uma porção dos dois mil e trezentos anos e não pode ser outra senão a primeira parte do período mais longo. Por conseguinte, o ponto de início dos 490 e dos 2.300 anos deve ser o mesmo — 457 A.C., e o período mais longo terminou em Outubro de 1844.

Há uma poderosa evidência para confirmar que este é o verdadeiro final do período profético mais longo das Escrituras. Em todo o Espírito de Profecia, nenhuma outra data é mesmo considerada. Além disso, a profetiza podia declarar que o Senhor lhe mostrou especificamente que 22 de Outubro de 1844 era a data correcta.

“O Senhor me mostrou em visão, que Jesus Se levantou, e fechou a porta, e entrou no Santo dos Santos, no sétimo mês de 1844”. *A Word to the Little Flock*, 12.

A entrada de Cristo no lugar Santíssimo no Céu coincide com um acontecimento muito importante nesta Terra. A profecia tinha declarado que no final dos 2300 anos, o santuário não mais seria pisado a pés, mas seria restaurado ao seu verdadeiro lugar na fé dos verdadeiros filhos de Deus. Quebrar o poder papal em 1798, não realizou isto, embora preparasse o caminho. Nos anos que se seguiram, firme progresso foi feito a fim de alcançar este objectivo.

Quando William Miller relutantemente respondeu ao chamamento de Deus para a advertência do segundo advento, estava ainda sob a má interpretação que o santuário era esta Terra e nem os seus amigos, nem os seus inimigos descobriram esta falha na sua mensagem. O santuário ainda não tinha sido restaurado ao seu verdadeiro lugar, nem o seria até que o tempo estipulado na profecia tivesse chegado completamente.

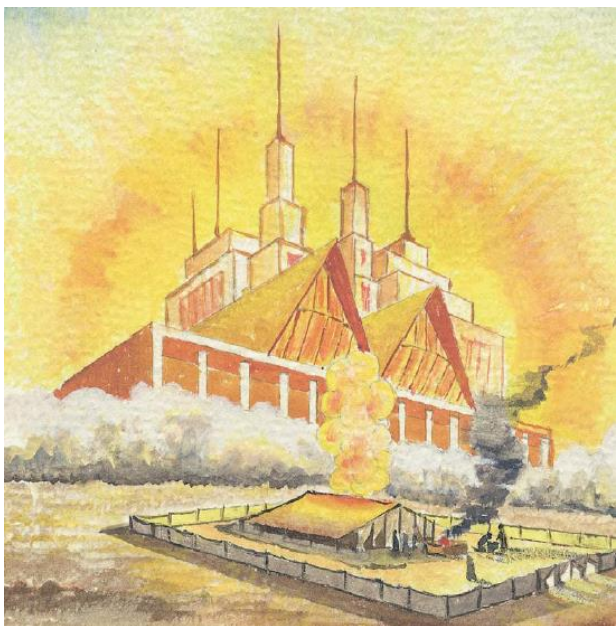
Os 2.300 anos terminaram na tarde de 22 de Outubro de 1844 e a crença, tão profundamente inculcada durante tanto tempo pela igreja católica que o lugar do Seu santuário é aqui na Terra, continuou nas mentes dos crentes e foi a causa do seu terrível desapontamento. Mas, com o final da profecia dos 2.300 dias, o tempo havia chegado para a mudança e chegou exactamente quando especificado. Esta predição foi tão exactamente cumprida como quaisquer outras que a precederam; tão exactamente como a morte de Cristo coincidiu com a hora do sacrifício da tarde.

Assim se provou ser. Logo que o período terminou, dois homens O.R.L. Crosier e Hiram Edson, na madrugada de 23 de Outubro, depois de uma noite de oração por luz divina para explicar porque é que Cristo não tinha aparecido como se esperava, passeavam através de um campo de milho quando, com notável clareza, viram a verdadeira localização do santuário a ser purificado no final dos 2.300 anos. A revelação veio como o Espírito no Pentecostes, quando a plenitude do tempo chegou nem um dia mais tarde nem um dia mais cedo. Um cumprimento da profecia tão exacto devia confirmar a todo o crente a veracidade da profecia feita em *Daniel* 8:14.

Aqueles que não abandonaram a sua fé na mensagem do advento, rapidamente viram e aceitaram totalmente a luz que revelava a obra do seu Sumo Sacerdote no lugar Santíssimo no Céu. Eles eram agora capazes de se reunirem no verdadeiro santuário que o Senhor fundou no Céu dos céus e isto permitiu que Cristo começasse a obra do juízo investigativo e expiação final; uma obra que não pode ser feita a menos que o verdadeiro Israel compreenda e colabore com Cristo reunindo-se no santuário com aflição de alma, genuíno arrependimento e confissão aceitável.

Estamos agora a viver no tempo da purificação do santuário celestial. “O juízo ora se realiza no santuário celestial. Há muitos anos esta obra está em andamento. Breve, ninguém sabe quão breve, passará ela aos casos dos vivos. Na augusta presença de Deus nossa vida deve passar por exame. Actualmente, mais do que em qualquer outro tempo, importa a toda a alma atender à admoestação do Salvador: ‘Vigiai e orai; porque não sabeis quando chegará o tempo.’ ‘Se não vigiares, virei a ti como um ladrão, e não saberás a que hora sobre ti virei.’” *O Grande Conflito*, 490.

Sábua na verdade é a pessoa que hoje reconhece a verdadeira natureza do tempo no qual vive, e utiliza toda a provisão feita em seu favor para salvação eterna.



A Mensagem para o nosso Tempo
(Publicado na revista "The Messenger and News Review", Novembro 1983)

Capítulo 43

A Contrafacção

O Senhor nunca faz uma obra pelo Seu povo ou lhes deu uma verdade salvadora sem que Satanás adiante uma contrafacção destruidora calculada para desviar almas de Deus para si mesmo. Quanto mais importante é a mensagem, mais diligentemente o inimigo é em perpetrar este engano.

Nenhuma mensagem podia ser mais importante do que a advertência do julgamento, nem qualquer movimento mais significativo do que aquele através do qual a mensagem foi dada. Portanto, a Escritura que formou a base deste movimento seria sujeita a uma satânica contra-interpretação destinada a desviar e destruir os filhos de Deus. Essa Palavra é *Daniel* 8:14.

"A passagem que, mais que todas as outras, havia sido tanto a base como a coluna central da fé do advento, foi: 'Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado.' Estas palavras haviam sido familiares a todos os crentes na próxima vinda do Senhor. Era esta profecia repetida pelos lábios de milhares, como a senha de sua fé. Todos sentiam que dos acontecimentos nela preditos dependiam suas mais brilhantes expectativas e mais acariciadas esperanças. Ficara demonstrado que esses dias proféticos terminariam no Outono de 1844." *O Conflito dos Séculos*, 408.

Aqueles de nós que cresceram na fé do advento ouviram normalmente só uma interpretação desta profecia. Isto levou à conclusão que, fora do adventismo, a profecia era totalmente desconhecida e que nenhum outro povo tinha interpretação para ela. Um conhecimento da política de Satanás para imitar toda a mensagem importante que Deus tem enviado ao Seu povo assegurar-nos-á que, entre as igrejas caídas, tem que haver uma interpretação desta profecia vital que é uma contrafacção da verdadeira. Além disso, enquanto nos aproximamos do conflito final em que a mensagem do santuário e a sua purificação se torna um elemento poderoso no avanço da causa de Deus, os seus inimigos ensinarão a falsa explicação destes símbolos com todo o poder e eficiência ao seu dispor.

Quando esse tempo chegar, o verdadeiro povo de Deus precisará de se estabelecer na verdade por um lado e por outro ser capaz de enfrentar e expor a contrafacção. Que ninguém suponha que esta será uma tarefa fácil, pois é com a maior astúcia que Satanás tem formulado os seus ensinamentos.

Nunca esquecerei a primeira ocasião em que me confrontei com a alternativa da explicação de *Daniel* 8 e 9. Foi aproximadamente em 1955 quando fui designado dirigente missionário da igreja no Colégio Missionário de Longburn, na Nova Zelândia. Enquanto andávamos de porta em porta, cheguei a uma casa em que duas senhoras ficaram muito contentes em estudar comigo e propuseram que fosse acerca de *Daniel* 8 e 9. Aceitei esta proposta com satisfação supondo que não teria dificuldade em as convencer das verdades contidas nestas referências.

Com a maior confiança apresentaram-me uma interpretação que nunca tinha ouvido antes e que achei tão convincente que em breve estava em total confusão. Fui totalmente incapaz de lhes responder e fui para casa nessa tarde duvidando seriamente da mensagem do advento e do movimento. Nunca tinha pensado ser possível desafiar a posição adventista em *Daniel* 8:14 e quando me confrontei com tal desafio, fui totalmente incapaz de lhe responder.

Durante a semana seguinte, estudei esta mensagem vital como nunca antes. O Senhor na Sua maravilhosa providência dirigiu a minha atenção para um pequeno livro escrito por um homem que tinha detectado erros nesta contra-interpretação e o resultado final foi que saí da experiência mais fortemente estabelecido no adventismo do que nunca antes. Desde então não mais os poderes das trevas foram capazes de me impressionar com este falso ensinamento.

A teoria apresentada por aqueles que rejeitam a verdade é que o poder da ponta pequena não é Roma papal nem pagã mas um rei Selêucida cujo nome é Antíoco Epifânio IV. Este homem nasceu por volta de 215 A.C. e morreu em 163 A.C. e tinha planos ambiciosos para construir um império poderoso, mas viu-se a si próprio frustrado por todos os lados, primeiro pelos romanos, depois pelos macabeus, e a seguir pelas forças da Pérsia e por fim pela tuberculose pulmonar que lhe tirou a vida antes de alcançar os sessenta anos.

A sua pretensão do nome "Epifânio", que significa Deus manifestado, indica o elevado nível a que ele procurou exaltar-se a si mesmo. Ele pode justificadamente ser chamado um anticristo, pois de facto o foi. Este papel não lhe foi singular, pois têm existido milhões que caem nesta categoria, alguns, evidentemente, tal como o grande César e os reis de Babilónia, têm ocupado esta posição com maior poder do que outros.

Em 170 A.C. fez guerra contra o Egipto que estava a tentar conquistar a Palestina. Foi bem sucedido na sua campanha, mas o sistema de governo que estabeleceu no Egipto não sobreviveu à sua partida, por isso voltou para cercar Alexandria. Então os egípcios apelaram para Roma, que, em resposta, mandou um embaixador, Gaius Popillius Laenas, para lhe ordenar que saísse do país. O romano veio desarmado e escoltado apenas por um criado e a princípio Antíoco recusou obedecer. Então, o representante de Roma desenhou um círculo na areia à volta do rei selêucida e exigiu que desse uma resposta positiva antes de sair do círculo. O rei humilhado, compreendendo a futilidade de entrar em conflito com o terrível poder de Roma, obedeceu à ordem e deixou o país. Marchou sobre Jerusalém onde ocupou a cidade e profanou o santuário oferecendo carne de porco nos altares sagrados por um período de três anos e dez dias. Isto para os judeus era na verdade uma abominação da desolação.

Então os macabeus levantaram-se contra ele e forçaram-no a retirar-se para a Pérsia, onde depois de algumas campanhas sem êxito, sucumbiu à tuberculose.

Certos aspectos das actividades deste homem parecem cumprir a profecia, e estes serão examinados um a um.

O poder da ponta pequena devia levantar-se de uma das quatro pontas na qual o império grego se dividiu "e de uma delas saiu uma ponta mui pequena,..." *Daniel* 8:9.

Afirma-se que Antíoco, sendo um rei selêucida, se levantou dessa divisão do império. Mais correctamente, ele não se levantou de, mas era uma das quatro porções do império. Devemos lembrar-nos que a ponta não representa um único rei, mas o reino sobre o qual o primeiro rei e

aqueles que lhe sucedem governam. Por exemplo, quando Daniel disse a Nabucodonosor que ele era o rei simbolizado pela cabeça de ouro, queria dizer o rei que então vivia e os que lhe sucedessem até que os medo-persas representados pela prata, tomassem o seu lugar. Se Nabucodonosor fosse o rei específico representado pelo ouro, então o rei que lhe seguiu pertenceria a outra babilónia. Mas este não foi o pensamento apresentado na profecia e o rei sabia isto. Ele compreendeu que outra nação devia suplantar o império que tinha construído. Foi por esta razão que ele rejeitou a profecia e construiu uma imagem totalmente feita de ouro.

A expressão: "e de uma delas saiu uma ponta mui pequena,..." aplica-se ao poder romano muito mais apta e correctamente. Não há relatos fidedignos do estabelecimento original e primeiros desenvolvimentos de Roma, mas há muito a indicar o que foi estabelecido pelos gregos. À medida que os séculos passavam, Roma, que assim saiu de uma das pontas, tornou-se por sua vez um poderoso reino governando sobre todo o mundo. Assim, enquanto que Roma veio de uma das pontas e se desenvolveu noutra ponta com poder próprio, Antíoco era um dos poderes das pontas.

O poder da ponta pequena devia "crescer muito,..." em nenhum sentido da palavra pode Antíoco cumprir esta especificação. Ele não construiu sequer a maior dinastia selêucida e foi certamente um poder inferior comparado com a Medo-Pérsia, Grécia ou Roma. Como notificado previamente nestes capítulos, o carneiro, Medo-Pérsia, o bode, Grécia, era muito grande, mas o poder da ponta devia ser extremamente grande.

Portanto enquanto os dois poderes anteriores tinham sido respectivamente grande e muito grande em poder mundial, o mínimo que a ponta pequena podia ser era um poder mundial, deixando assim Roma como a única candidata à posição. Nenhum outro império do mundo universal sucedeu à Grécia.

Quando isto é indicado aqueles que defendem que Antíoco Epifânio é o poder da ponta pequena, respondem dizendo que a importância deste governador foi seriamente passado por alto; que ele teve mais poder do que aquele que geralmente lhe é reconhecido e que é altura dele receber crédito total. A verdade é que ele foi um falhado sem significado e sem importância que nunca realizou qualquer das suas ambições. Resta ainda o facto que ele não preencheu a especificação de um poder extremamente grande em comparação com os domínios mundiais que precederam o seu reino.

Basta apenas lembrar a dramática cena no deserto de Alexandria quando o embaixador romano desenhou o círculo na areia e lhe ordenou que antes de deixar o círculo, o rei selêucida lhe assegurasse que deixaria o Egipto — uma ordem que o rei relutante mas rapidamente obedeceu.

Nesta situação, Roma era obviamente o poder extremamente grande! O respeito pelo seu terrível poder tinha-se tornado tão completo que podia exercer a sua vontade simplesmente enviando um representante desarmado para obedecerem às suas instruções. Antíoco sabia que se não obedecesse o exército romano chegaria para o obrigar a cumprir a ordem. Sendo o seu poder insignificante em comparação com o extremamente grande poder Roma, não teve outra escolha senão abandonar os seus sonhos de conquista no Egipto e partiu para outros lugares.

Assim chegou a Jerusalém onde temporariamente obteve controlo sobre a cidade, a terra e o santuário. Contudo, não demorou muito até que o povo se levantasse contra ele e fosse afastado. Enquanto o seu domínio sobre uma pequena nação durou apenas pouco mais de três anos, Roma dominou todo o mundo durante quase meio milénio. A diferença entre estes dois poderes é tão grande que não pode haver dúvida acerca de qual era extremamente grande. É como decidir o vencedor de uma corrida de 400 metros onde um adversário chega à meta trazendo 395 metros de avanço sobre o outro.

Apesar de Antíoco estar envolvido com as mesmas áreas de Roma, não se moveu contra elas na ordem especificada. A profecia apontava para o poder em particular que avançasse para "...sul e para o oriente e para a terra formosa". Versículo 9. Esta não é a ordem natural pois esperar-se-ia que um poder que conquistasse o Egipto marchasse em seguida para a terra formosa, a Palestina, antes de se dirigir para o oriente e este é de facto o caminho seguido por Antíoco, mas não é a ordem especificada na profecia.

Por outro lado, esta é a sequência inconscientemente seguida pelos romanos que primeiramente conquistaram o Egipto, depois avançaram para o oriente e por fim ocuparam a Terra Prometida.

É verdade que Antíoco era um anticristo e estabeleceu o que os judeus reconheceram como uma abominação da desolação, quando ofereceu porcos nos altares sagrados tal como se relata em *I Macabeus* 1:54. "No dia quinze do mês de Casleu, do ano cento e quarenta e cinco, edificaram a abominação da desolação por sobre o altar, e construíram altares em todas as cidades circunvizinhas de Judá."

Se, Antíoco era o anticristo referido em Daniel 8, então teria que continuar esta obra durante 2300 dias exactamente antes da iniquidade chegar ao fim. O facto é que ele não esteve em Jerusalém nem mesmo metade deste período antes de ser expulso da cidade e da terra para sempre. De modo nenhum preencheu ele a especificação da profecia.

Foi precisamente três anos e dez dias depois de Antíoco ter estabelecido abominação no templo em Jerusalém que os sacrifícios correctos foram restabelecidos ao passo que o altar profanado foi derrubado e substituído como está escrito em *I Macabeus* 4:52, 53.

"No dia vinte e cinco do nono mês, que é o mês de Casleu, do ano 148 levantaram-se muito cedo, "E ofereceram um sacrifício, segundo a lei, sobre o novo altar dos holocaustos que tinham construído."

Não fui capaz de determinar qual o calendário usado neste relato e assim é impossível dizer exactamente quantos dias passaram entre as duas datas mencionadas nos versículos acima relatados. Contudo, devia estar muito perto de 1.105 dias. [$365 \times 3 + 10 = 1.105$.] Se fossem anos irregulares na sequência tal como ano bissexto, iria acrescentar ou diminuir o número de dias.

Em qualquer caso, o número fica muito aquém dos 2.300 dias estipulados na profecia, especialmente quando se considera que cada dia é igual a um ano literal. Assim, embora Antíoco estivesse aproximadamente 1.105 em Jerusalém, a profecia referir-se-lhe-ia se ele e a Jerusalém terrestre fossem o seu assunto, para permanecer ali durante os 2.300 anos.

Os que defendem Antíoco proclamam que a verdadeira tradução é 2.300 tardes e manhãs, ou 1.150 dias. É claro que, 2.300 tardes e manhãs são de facto 2.300 dias, mas mesmo que fossem 1.150 dias literais, Antíoco continuava a falhar em satisfazer exactamente a especificação. Faltavam-lhe aproximadamente 50 dias.

Alguém poderia imaginar porque motivo esta interpretação pode ter qualquer significado hoje. Este homem viveu e morreu muito antes de Cristo e é um desconhecido para muitas pessoas. Contudo, há duas razões para esta explicação da profecia ser uma coisa perigosa. A primeira é que apresenta um ensinamento alternativo sobre os 2.300 dias que leva o povo para longe do verdadeiro ensinamento. Em segundo lugar, forma a base de uma teoria que defende o aparecimento nos últimos dias de um anticristo final que tem pouca semelhança com o divinamente predito. Deste modo as pessoas são ensinadas a esperar algo que nunca acontecerá enquanto permanecem na ignorância da verdade do que realmente acontecerá.

Afirma-se que Antíoco é importante como tipo pelo que aqueles que ouvem serão informados do terrível antítipo que nos últimos dias se dedicará à destruição de todas as coisas que pertencem a Deus e ao Seu reino glorioso. Muitos acreditam e ensinam que tal como Antíoco fez, assim este futuro perpetrador de todo o mal reinará na literal Jerusalém durante três anos e meio, no início dos quais o secreto arrebatamento terá lugar. É então esperado que no fim deste curto período de tempo literal, Cristo voltará para expulsar este monstro de Jerusalém e restabelecer os judeus na Palestina e Jerusalém.

Argumenta-se que sairão então como embaixadores de Cristo para conquistar o mundo para Cristo, isto resultará no milénio de pacífica prosperidade para toda a raça humana.

Embora, onde quer que isto é defendido, a teoria seja basicamente a mesma, igrejas individualmente têm acrescentado as suas próprias variações especiais e ênfases à doutrina. É importante compreender como e quando ela começou a existir. Apesar de não reconhecerem, a doutrina é católica romana — o vinho de Babilónia — e foi originalmente formulada para desviar a

acusação de anticristo sobre papado e tornar de nenhum efeito a poderosa obra da reforma protestante.

Depois do glorioso despertar que teve lugar na Idade Média, as autoridades da igreja foram cuidadosas em manter a Bíblia escondida do povo mantendo-a sem ser traduzida do hebreu, grego e latim. Os sacerdotes liam somente as porções que consideravam que o povo podia ouvir com segurança, com a adicional salvaguarda de acrescentarem a sua própria interpretação. Uma pessoa pode ficar muito certa que nenhuma porção profética foi alguma vez apresentada às congregações. Estas foram deixadas na ignorância das Escrituras que identificavam e expunham o anticristo.

Uma das primeiras coisas levadas a cabo pelos grandes reformadores foi remediar esta falta colocando uma tradução que se pudesse ler nas mãos do povo. Foi Wycliffe que produziu a primeira versão da tradução inglesa das Escrituras, enquanto a famosa tradução de Lutero ainda hoje é usada. Para juntar a isto, eles dirigiram os seus ouvintes às grandes passagens proféticas e plenamente identificaram a igreja Católica Romana como o anticristo da profecia.

Tão penetrantes e claros eram estes ensinamentos que centenas de milhar foram convencidos à sua verdade e deixaram a igreja romana. Como o papado viu as suas defesas quebradas, sabia que precisava de recorrer a outras medidas a fim de restaurar o prestígio perdido. De algum modo tinha que anular o poderoso efeito das Escrituras nas mentes do povo. Havia apenas uma única forma! Devia ser produzida uma contra-interpretação.

Em auxílio vieram três notáveis sacerdotes jesuítas — Ribera de Salamanca, Espanha, Bellarmine de Roma, e Alcazar de Sevilha, Espanha. Estes homens simultaneamente avançaram com o que devia ser conhecido como as passadas e futuristas interpretações de *Daniel* 8 e 9. Alcazar de Sevilha concentrou-se na passada, enquanto os outros dois trabalharam na futurista.

"Estes eram destinados a enfrentar e esmagar a histórica interpretação dos protestantes. Se bem que reciprocamente exclusiva, qualquer uma das alternativas jesuítas também servia igualmente bem o grande objectivo, pois ambas repeliam a aplicação das profecias da existente Igreja de Roma. Uma realizava-o fazendo com que a profecia acabasse antes da carreira papal. A outra alcançava isto fazendo com que ela passasse por cima da imensa era do domínio papal, reduzindo o anticristo a um pequeno fragmento de tempo no futuro ainda distante, exactamente antes da grande consumação. É consequentemente muitas vezes chamado o vazio teórico." *The Prophetic Faith of our Fathers*, por LeRoy Edwin Froom, vol. 2:486, 487.

Na teoria futurista é ensinado que as sessenta e nove semanas de *Daniel* 9 foram até ao Calvário, ao mesmo tempo a dispensação da lei chegou ao seu fim e foi substituída. Então começou a era dos gentios que se estenderá até uma data futura em que a septagésima semana será cumprida.

Para encontrar inspiração e material sobre o qual construir estas teorias, os papistas voltaram-se para escritos de homens do passado. Foi assim que eles pegaram nos argumentos de um sofista sírio, chamado Porfírio, que viveu cerca de 233-304 DC. Este homem tornou-se um dos mais determinados opositores pagãos do cristianismo e assumiu uma missão especial para desacreditar Daniel. Ele afirmou que o profeta não viveu seis séculos antes de Cristo, mas foi Seu contemporâneo. Argumentou que o profeta afinal não predisse os acontecimentos futuros mas enganadoramente apresentou os acontecimentos passados como se fossem profecia.

No seu próprio tempo, este falso ensinador não chamou muito a atenção e deve ter ficado desanimado com os resultados dos seus esforços. O material permaneceu no esquecimento durante muitos séculos até que no século dezasseis, os sacerdotes jesuítas encontraram os seus escritos os quais podiam ser usados por eles nas suas tentativas para aniquilar a Reforma.

Foram muito mais bem sucedidos do que Porfírio. Dezenas de milhar que estavam mais preocupados com a filiação na igreja do que com a verdade, ficaram contentes por haver uma interpretação alternativa e voltaram a juntar-se à igreja. Edificada e alargada pelos que seguiram os seus originadores, a doutrina do futurismo tornou-se a posição estabelecida dos papistas a respeito de *Daniel* 8 e 9. Ela foi assim instituída como uma parte do "vinho da ira da sua fornicção". *Apocalipse* 14:8.

O sucesso desta contra-reforma foi mais além da reconfirmação dos membros na igreja Católica. Chegou também o tempo em que se tornou o ensinamento estabelecido nas igrejas contra quem originalmente se dirigia, como Froom observa:

"Assim no comentário de Ribera foi lançado o fundamento para aquela grande estrutura do futurismo, edificado e alargado por aqueles que se seguiram, até se tornar a católica posição comum. E então, espantosamente, no século dezanove este esquema jesuíta de interpretação passou a ser adoptado por um crescente número de protestantes, até que hoje o futurismo, amplificado e adornado com a teoria do arrebatamento, tem-se tornado a crença geralmente aceite pela ala fundamentalista do popular protestantismo." *The Prophetic Faith of our Fathers*, vol. 2:493.

E se isto é bastante extraordinário, os mais iluminados de todos os protestantes, os adventistas do sétimo-dia, têm um crescente número de ministros e povo que estão rejeitando a posição histórica protestante em favor da jesuíta. Maravilhai-vos ó céus! e admirai-vos ó terra por estas coisas poderem alguma vez acontecer.

Igualmente surpreendente é o facto que, quando é apontado a um moderno protestante que a doutrina foi especificamente desenvolvida pelo papado para anular as grandes mensagens que Deus estava a enviar através dos reformadores, não produz qualquer impressão nas suas mentes.

Contudo, isto devia ter uma profunda influência. Como pode alguém aceitar como verdade uma interpretação da Escritura que foi formada sob circunstâncias e propósito de contrariar a explicação da profecia dos 2.300 anos apresentada? Não há possibilidade para um tal ensinamento vir de Deus. Ele vem apenas do enganador e nunca tem qualquer lugar entre os verdadeiros filhos de Deus.

Por outro lado, encontrará vasta aceitação entre aqueles que não andam nos caminhos do Senhor, porque a profecia bíblica adverte que todas as nações participarão das falsas doutrinas do papado no final. Chegou a altura em que estas palavras estão a ser cumpridas; tanto assim, que as igrejas protestantes fundamentalistas são mais activas na promoção destes erros do que a própria igreja mãe. Deve dar grande satisfação à igreja papal ver que as suas teologias estão sendo proclamadas por aqueles que afirmam protestar contra ela.

A mensagem que os 2.300 anos terminaram em 1844 é uma verdade que tem crescido sob orientação de Deus através dos séculos. É uma mensagem de esperança, guia e coragem para o povo de Deus e é verdade que nunca deve ser abandonada até ao fim do tempo. É certo agora, que haverá sempre um piedoso remanescente que se apegará a estes princípios salvadores. É através deles que o fim do pecado será executado e a justiça eterna introduzida.
